UNIVERSIDADE DO MINHO
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2 – APÊNDICES E ANEXO

Setembro 2011

UNIVERSIDADE DO MINHO
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
APÊNDICE 1 – INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO

Setembro 2011

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
APÊNDICE 1 – INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO

Tese de Doutoramento em Arqueologia
Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

Trabalho efectuado sob orientação de:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Setembro 2011

DECLARAÇÃO

Nome: LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

Endereço electrónico: lfontes@uaum.uminho.pt

Telefone: +351 963273392

N.º Cartão de Cidadão: 5355818

Título da dissertação:
ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Orientadores:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Ano de conclusão: 2011

Ramo de conhecimento do Doutoramento:
Arqueologia, Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO.

Universidade do Minho, …… / ..... / 2011.

Assinatura: ……

INDICE do VOLUME

Indice iii

APÊNDICE 1 – INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO 5

1. NOTAS PRÉVIAS 7

2. LISTA DE ARQUEOSSÍTIOS E SÍTIOS 8

3. CATÁLOGO ILUSTRADO 10

APÊNDICE 2 – CARTOGRAFIA 491

Lista de Cartas cdixiii

1. CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA 495

2. CARTOGRAFIA HISTÓRICA 505

APÊNDICE 3 – BASE DE DADOS 513

1. ESTRUTURA 517

2. PROTOCOLOS DESCRITIVOS 517

3. LISTAGEM DE DADOS 531

ANEXO 1 – DOCUMENTOS ESCRITOS 577

Lista de Documentos dlxxix

DOCUMENTOS 581

APÊNDICE 1 - INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO

1. NOTAS PRÉVIAS

O inventário dos arqueossítios segue um ordenamento numérico sequencial correspondente à ordem de tomada dos registos. Os dados apresentam-se aqui não “em bruto”, que é como se encontram na base de dados (que pode ser consultada no Apêndice 3 – Base de Dados), mas já “tratados”, neste caso de forma sintética e em linguagem comum, de acordo com o seguinte esquema, para cada sítio arqueológico:

A – Indicação do nome atribuído ao arqueossítio, número de inventário geral (NIG) e outros topónimos porque o local é conhecido.
B – Tipo de arqueossítio.
C – Indicação do n.º de folha das cartas 1:25000, dos Serviços Cartográficos do Exército e 1:10000, da Direcção Geral do Ordenamento e Gestão Florestal; coordenadas rectangulares métricas do sítio (sistema de projecção Hayford-Gauss/Datum Lisboa) e altitude (‘Z’), obtida a partir da carta 1:10000; topónimo de lugar habitado mais próximo.
D – Descrição do contexto fisiográfico do sítio.
E – Descrição dos vestígios arqueológicos.
F – Interpretação e cronologia dos vestígios arqueológicos.
G – Considerações sobre a importância e valor do arqueossítio.
H – Referências bibliográficas e documentais e indicação do n.º das estampas das ilustrações correspondentes (para todos, localização em extracto da carta 1:25000, em corte topográfico 1:25000, em ortofotomapa cor 1:10000, em modelo 3D, fotografias e desenhos).

2. LISTA DE ARQUEOSSÍTIOS E SÍTIOS

NIG = Número de Inventário Geral
NOME = Topónimo que identifica o arqueossítio e/ou sítio
PPH = Pré e Proto-História
RSV = Romano e/ou Suevo-Visigótico
MED = Idade Média
MOD = Época Moderna e Contemporânea

NIG	NOME	PPH	RSV	MED	MOD
1	Porto Chao.1	Sim	Não	Não	Não
2	Porto Chao.2	Sim	Não	Não	Não
3	Porto Chao.3	Sim	Não	Não	Não
4	Porto Chao.4	Sim	Não	Não	Não
5	Porto Chao.5	Sim	Não	Não	Não
6	Chão da Pesquita	Sim	Não	Não	Não
7	Traz de Colado	Sim	Não	Não	Não
8	Serenada.1	Sim	Não	Não	Não
9	Chã de Torrões	Sim	Não	Não	Não
10	A Cidade	Sim	Sim	Não	Não
11	Chã do Fojo	Sim	Não	Não	Não
12	Torre Grande	Não	Sim	Não	Não
13	Vilarinho.1	Não	Sim	Não	Não
14	Torrão de Galegos	Não	Sim	Não	Não
15	Casa Paroquial	Não	Sim	Não	Não
16	Cabeço de Leijó	Não	Sim	Não	Não
17	Porto Chao.6	Não	Sim	Não	Não
18	Porto Chao.7	Não	Sim	Não	Não
19	Chã da Torre.1	Não	Não	Sim	Não
20	Porto Chao.8	Não	Não	Sim	Não
21	Porto Chao.9	Não	Não	Sim	Não
22	Ludentos	Não	Não	Sim	Não
23	Madalena.1	Não	Não	Sim	Não
24	Lugar de Lindoso	Não	Não	Sim	Sim
25	Lugar do Castelo	Não	Não	Sim	Sim
26	Lugar de Real	Não	Não	Sim	Sim
27	Lugar de Parada	Não	Não	Sim	Sim
28	Lugar de Cidadelhe	Não	Não	Sim	Sim
29	Castelo de Lindoso	Não	Não	Sim	Sim
30	Igreja de Lindoso	Não	Não	Sim	Sim
31	Ponte Velha de Parada	Não	Não	Sim	Sim
32	Insua.1	Não	Não	Sim	Sim
33	Insua.2	Não	Não	Sim	Sim
34	Vilarinho.2	Não	Não	Sim	Não
35	Serenada.2	Não	Não	Sim	Não
36	Bem Espero	Não	Não	Sim	Sim
37	Lomba do Braçal da Ribeira	Não	Não	Sim	Sim
38	Fojo Velho	Não	Não	Sim	Sim
39	Capela de Santo Andre	Não	Não	Não	Sim

40	Madalena.2	Não	Não	Sim	Sim
41	Chão do Clérigo	Não	Não	Não	Sim
42	Fundal	Não	Não	Não	Sim
43	Eido Velho	Não	Não	Não	Sim
44	Ponte do Cabril	Não	Não	Não	Sim
45	Vilarinho.3	Não	Não	Não	Sim
46	Ponte Mona	Não	Não	Não	Sim
47	Pontão de Serenada	Não	Não	Não	Sim
48	Pontão de Porto Novo do Ribeiral	Não	Não	Não	Sim
49	Pontão de Segundo Porto	Não	Não	Não	Sim
50	Pontão de Ramira	Não	Não	Não	Sim
51	Cabana do Gavião	Não	Não	Não	Sim
52	Chã da Torre.2	Não	Não	Não	Sim
53	Cabana da Várzea	Não	Não	Não	Sim
54	Cabana do Janeiro	Não	Não	Não	Sim
55	Cabana do Louro	Não	Não	Não	Sim
56	Cabana da Messe do Testo	Não	Não	Não	Sim
57	Cabana da Travanquinha	Não	Não	Não	Sim
58	Cabanas de Rebordo no Feio	Não	Não	Não	Sim
59	Cabana do Braçal	Não	Não	Não	Sim
60	Abrigo de Colado da Porta	Não	Não	Não	Sim
61	Cabana de Sone	Não	Não	Não	Sim
62	Cabana de Ti João Hilheno	Não	Não	Não	Sim
63	Abrigo de Aradoiro	Não	Não	Não	Sim
64	Cabana de Bogalhedo	Não	Não	Não	Sim
65	Cabana de Frieira	Não	Não	Não	Sim
66	Cabana de Sobreiro Quente	Não	Não	Não	Sim
67	Outeiro dos Fornos	Não	Não	Não	Sim
68	Cabana da Gordemela	Não	Não	Não	Sim
69	Cabanas do Couto	Não	Não	Não	Sim
70	Cabana da Escaravilheira	Não	Não	Não	Sim
71	Cabana da Mata da Lomba	Não	Não	Não	Sim
72	Cabana do Vidoeiro	Não	Não	Não	Sim
73	Cabanas do Braçal da Ribeira	Não	Não	Não	Sim
74	Moinhos do Cabril	Não	Não	Não	Sim
75	Moinhos da Veiga	Não	Não	Sim	Sim
76	Moinhos de Altipaço	Não	Não	Não	Sim
77	Moinhos de Parada	Não	Não	Não	Sim
78	Moinhos de Cidadelhe	Não	Não	Não	Sim
79	Cabana do Lousinho	Não	Não	Não	Sim
80	Caminho Lindoso-Porto Maceira	Não	Não	Sim	Sim
81	Caminho Lindoso-Vilarinho	Não	Não	Sim	Sim
82	Caminho Lindoso-Messe do Testo-Travanquinha	Não	Não	Não	Sim
83	Caminho Parada-Porto Chao-Aradoiro	Não	Não	Não	Sim
84	Caminho Parada-Sobreiro Quente-Bem Espero	Não	Não	Não	Sim
85	Caminho Parada-Curral Novo	Não	Não	Não	Sim
86	Caminho Parada-Lameiro do Charco	Não	Não	Não	Sim
87	Caminho Cidadelhe-Cabanas do Couto	Não	Não	Não	Sim
88	Via medieval Ponte da Barca-Lindoso	Não	Não	Sim	Sim
89	Caminho Lindoso-Parada	Não	Não	Sim	Sim
90	Caminho Parada-Cidadelhe	Não	Não	Sim	Sim

3. CATÁLOGO ILUSTRADO

A - **Porto Chão.1** (**NIG.001**) - Lomba; Bebedouro

B - Tumulação

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193627,45 / Y=542712,26 / Z=655; Parada

D - Este arqueossítio situa-se no colo central da cumeada da colina alongada que fecha, a Norte, o anfiteatro de Porto Chão.
O substrato geológico local é granítico, aflorando a rocha em massas salientes e em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno. A pedregosidade é elevada, não há sedimentação e verificam-se condições de erosão acentuada.
Monte inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por tojo e urze.
Com pendor suave, o sítio está globalmente exposto a Sul, proporcionando uma ampla visibilidade em redor, nomeadamente sobre o anfiteatro de Porto Chão para Sudeste e plataforma de Lindoso para Nordeste. Está ainda em posição dominante relativamente ao regato que, a cerca de 100 m para Este, corre pelo lameiro do Bebedouro no sentido Norte/Sul, em direcção à portela de Leijó e sempre ao lado do velho caminho lajeado que liga à povoação de Parada.
O acesso pode fazer-se ainda por este caminho, já em desuso, ou pela estrada florestal Lindoso - Louriça. Não está sinalizado.

E - Neste local são visíveis restos de uma elevação de forma sub-elíptica formada por terra e calhaus, medindo cerca de 7,5 m no eixo maior (orientação N-S), cerca de 5 m no eixo menor (limitada a Oeste por afloramento granítico) e altura variável em relação à superfície do solo sem ultrapassar os 0,70 m. Apresenta depressão sub-circular descentrada para nascente, lado em que se observam algumas lajes de maiores dimensões. Estas lajes e todas as restantes de menores dimensões apresentam-se fincadas na terra e bem imbricadas, formando uma massa pétrea razoavelmente consolidada.

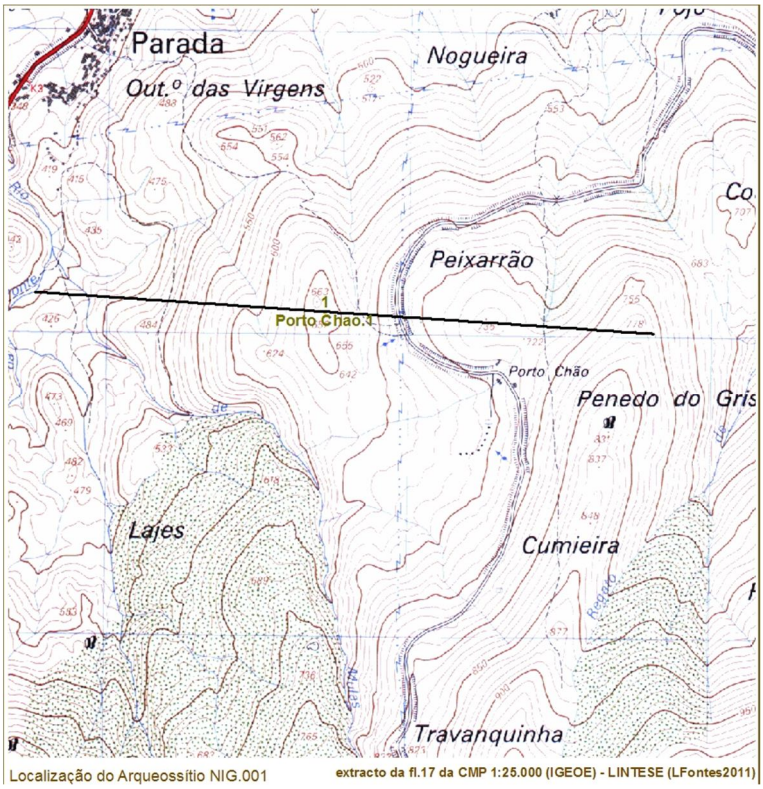
Para além de 3 covas juntas desenhando um triângulo, com cerca de 0,06 m de profundidade escavadas num afloramento granítico nas proximidades, não identificamos quaisquer outros elementos arqueológicos.

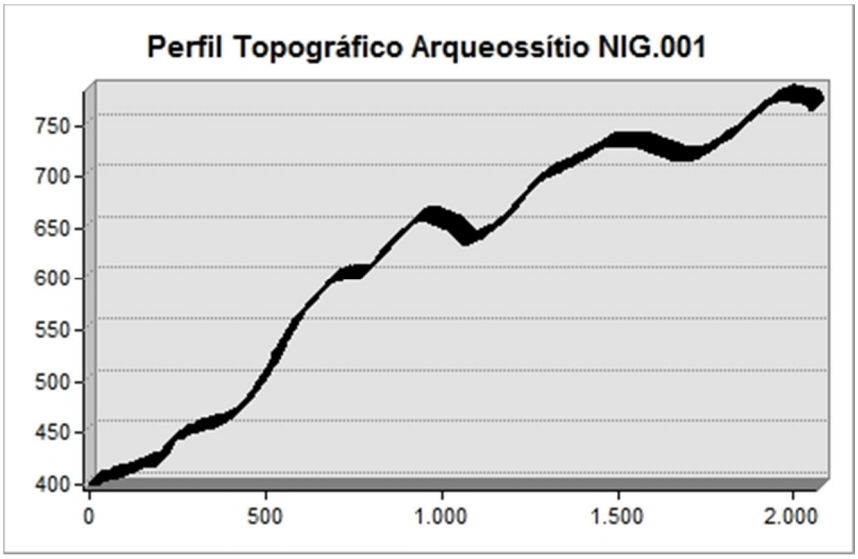
F - Considerando a dimensão, forma e características construtivas, interpretamos estes vestígios como restos de um enterramento do tipo mamoa e câmara. Neste caso, o *tumulus* quase raso e a depressão alongada sugerem uma estrutura do tipo cista, em caixa baixa.
Será semelhante à tumulação com cista que A.M. Baptista (InvArqPNPG-ficha n.º 070), situa em Serenada (NIG.008), a cerca de 500 m para Sudoeste na margem esquerda do rio da Feicha. Considerando, por outro lado, o contexto arqueológico próximo, nomeadamente os sítios arqueológicos com arte rupestre (NIG.003, 004 e 005) e uma outra estrutura com hipotético esteio-menir (NIG.002), propomos como horizonte cronológico o IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final).

G - Este monumento está praticamente destruído, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo local. Embora com uma reduzida expressão material, adquire bastante significado para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação e linhas de trânsito antigas na zona de Porto Chão. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado na área de protecção do complexo arqueológico de Porto Chão, tal como prevê o Plano de Ordenamento do PNPG.

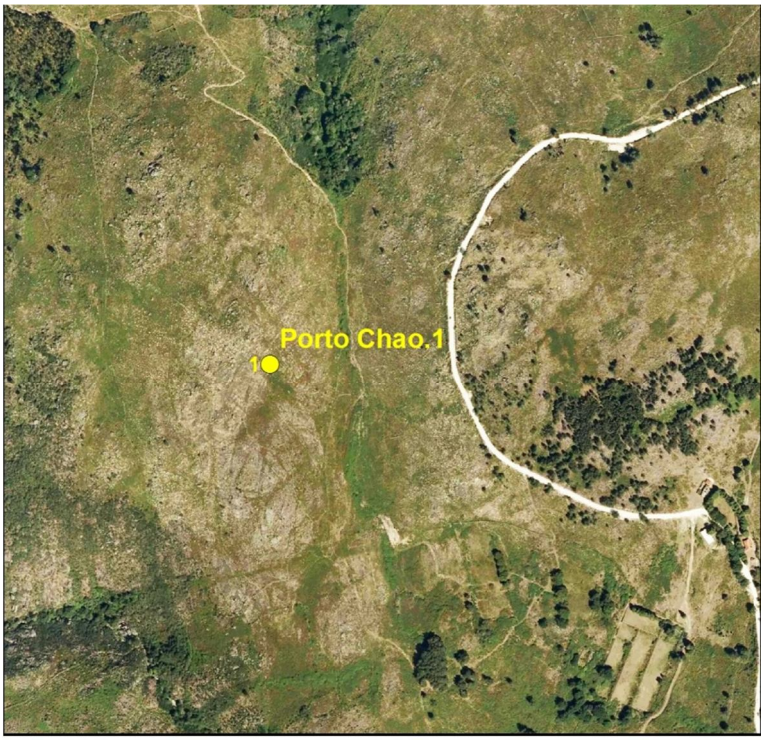
H - Moreira e Simões, 1988:39; PO-PNPG, 2011:ID121. Estampas Ia, Ib e Ic.

Estampa Ia

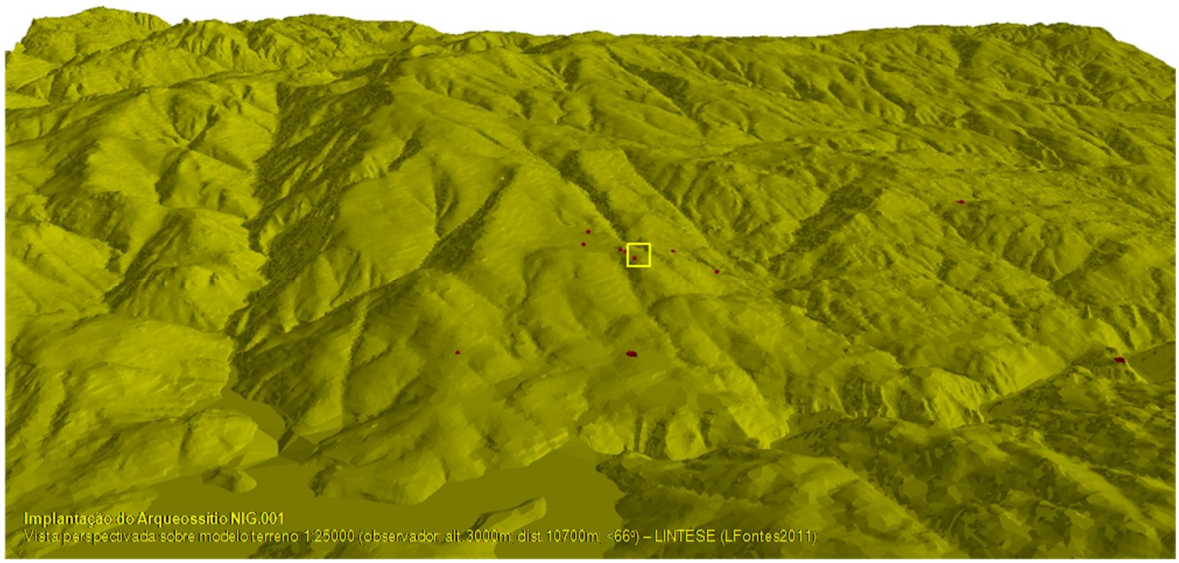

Parada
Out.º das Virgens
Nogueira
Peixarrão
1
Porto Chao.1
Porto Chão
Penedo do Gris
Lajes
Cumieira
Travanquinha
Localização do Arqueossítio NIG.001
extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 (IGEOE) - LINTESE (LFontes2011)


Perfil Topográfico Arqueossítio NIG.001
750
700
650
600
550
500
450
400
0
500
1.000
1.500
2.000

Estampa Ib



Localização de Arqueossítio NIG.001 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa Ic



fotoNIG001a – Panorâmica sobre a Lomba do Bebedouro

A - **Porto Chão.2** (**NIG.002**) - Lomba

B - Estruturas indeterminadas

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193658,44 / Y=542538,16 / Z=645; Parada

D – Este arqueossítio situa-se na metade inferior da vertente Sudeste do cabeço meridional da colina alongada que fecha, a Norte, o anfiteatro de Porto Chão.
O substrato geológico local é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é razoável, destacando-se alguns blocos mais ou menos boleados dispersos por todo o terreno. Não há sedimentação e verificam-se condições de erosão não muito acentuada.
Monte inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por tojo e urze.
Abrigado na zona inferior da pendente, o sítio está globalmente exposto a Sul, daí se abrangendo a totalidade do anfiteatro natural de Porto Chão, que se torna por isso no espaço visual dominante, só rompido a poente pela visualização das chãs das Barranheiras e de Cabanas Velhas, na confluência dos rios do Couto, Azebrinheiro e da Feicha. A menos de 30 m, para Este, corre pelo lameiro do Bebedouro um regato em direcção à portela de Leijó, sempre ao lado do velho caminho lajeado que liga à povoação de Parada.
O acesso pode fazer-se ainda por este caminho, já em desuso, ou pela estrada florestal Lindoso - Louriça. Não está sinalizado.

E - Neste local identifica-se um alinhamento de 16 lajes de médias dimensões (0,30-0,80 m), solidamente fincadas no solo, desenhando uma forma em “L” invertido. O troço maior mede cerca de 8 m e está orientado Norte-Sul, o lado menor apresenta-se perpendicularmente ao anterior no topo norte e mede cerca de 2,5 m. O espaço interior delimitado por este alinhamento, que se eleva em relação à superfície do solo cerca de 0,30 m, está preenchido com terra e cascalho, sendo que o volume se esbate no sentido da pendente. Este facto sugere que os alinhamentos identificados poderão corresponder apenas ao lado poente de uma estrutura de forma rectangular ou quadrada de maiores dimensões, na sua maior parte já desaparecida.

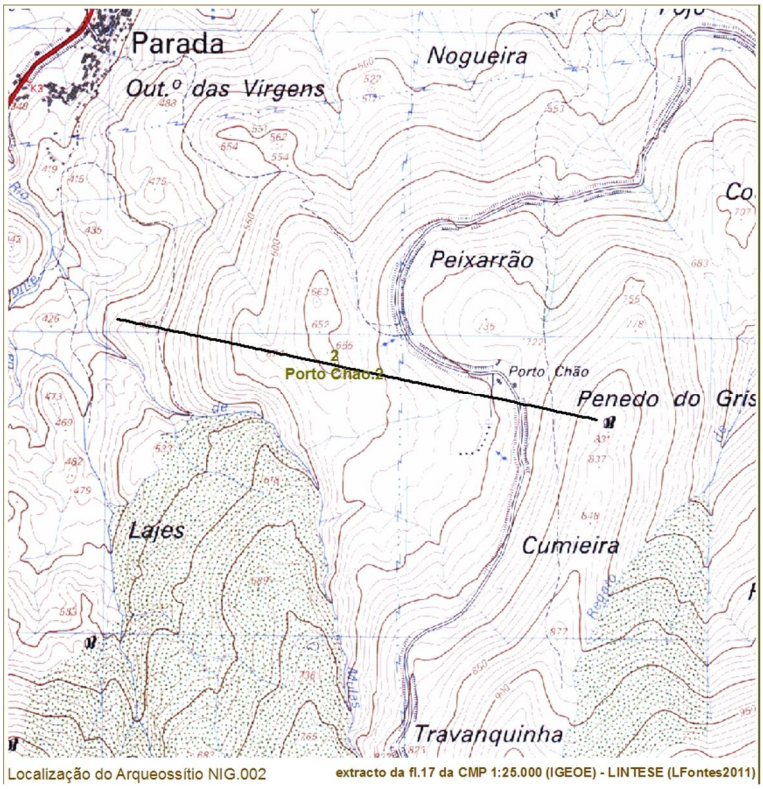
A 6 m para Sul, exactamente no enfiamento do troço maior conservado, existe um esteio granítico de secção quadrangular (0,45 m de lado) e 3 m de comprimento na parte visível, pois está parcialmente enterrado. Apresenta-se em posição sub-horizontal, levantando ligeiramente o topo Norte, que remata em ponta. Não identificamos quaisquer ornatos decorativos nas pedras ou outros elementos arqueológicos neste local.

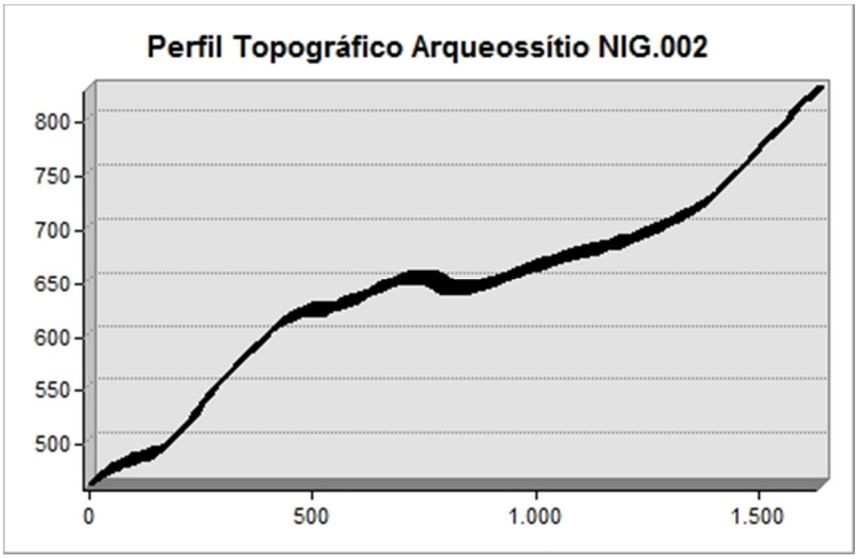
F - Os testemunhos são escassos e de difícil interpretação. Entendemos que não se tratará de uma estrutura tumular, pela forma geral e tamanho do conjunto, relevando apenas a existência associada do esteio que, conforme concordância expressa por A.M. Baptista na visita que fizemos ao local, poderá corresponder a um *menir*. Tendo por base a interpretação do esteio como *menir* e considerando o contexto arqueológico próximo, nomeadamente os arqueossítios contíguos com tumulação tipo cista (NIG.001) e outros com arte rupestre (NIG.003, 004 e 005), propomos como horizonte cronológico o IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final).

G - Este monumento tem algumas estruturas que aparentam estar intactas ou pouco destruídas, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo local. Com bastante significado para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação e linhas de trânsito antigas na zona de Porto Chão, estes vestígios constituirão um recurso de grande valor, a confirmar-se que se trata de um *menir*. Deverá por isso ser objecto de trabalhos de limpeza, desenho e mesmo de escavação, tendo em vista confirmar a sua importância. Em caso afirmativo justificar-se-ia a classificação específica do monumento, para além da integração do sítio na área de protecção do complexo arqueológico de Porto Chão, tal como prevê o Plano de Ordenamento do PNPG.

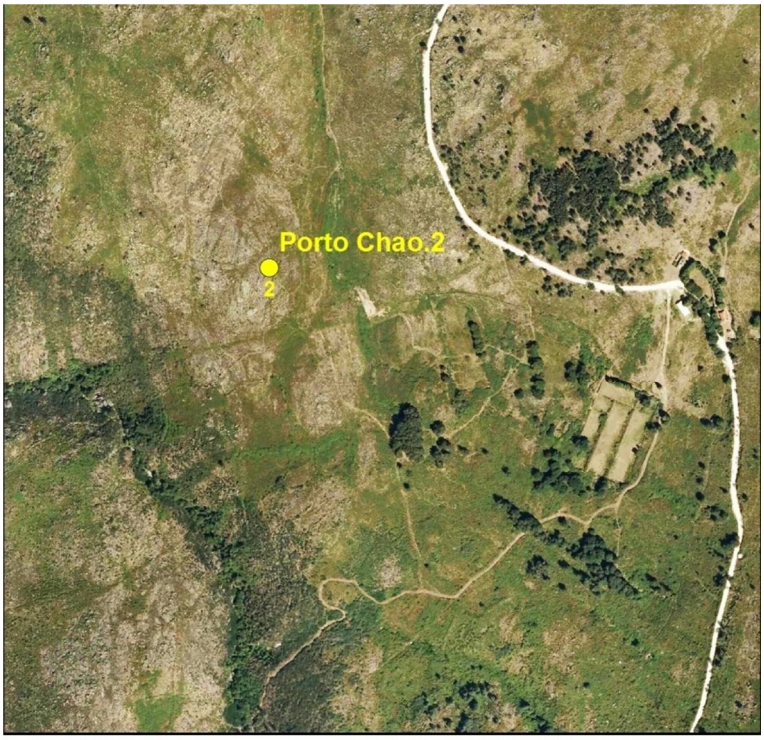
H - Inédito. Estampas IIa, IIb e IIc.

Estampa IIa

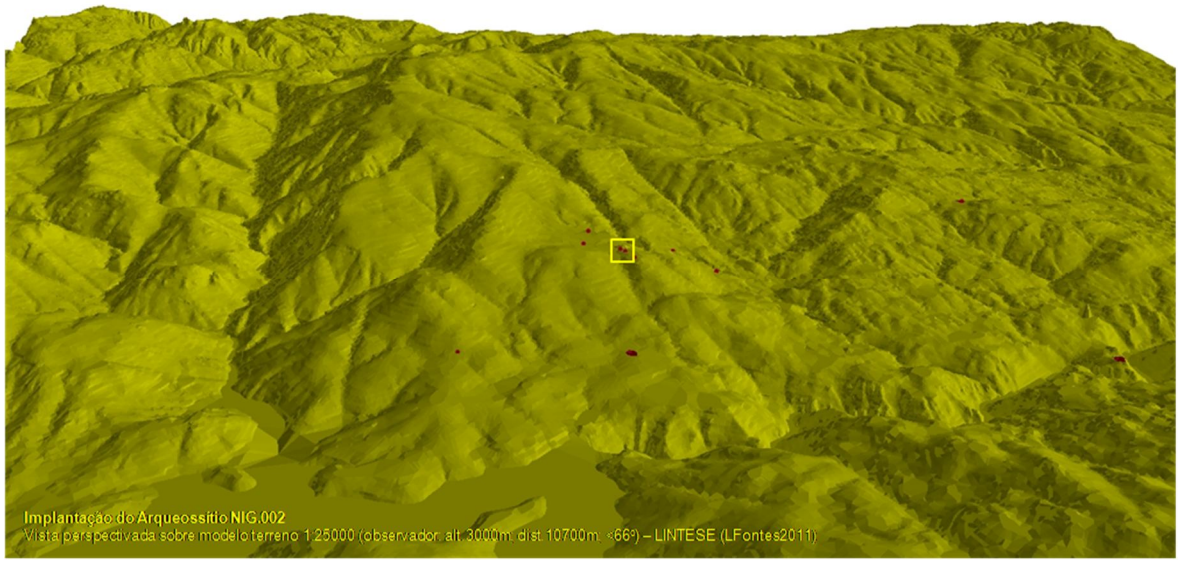

Parada
Out.º das Virgens
Nogueira
Peixarrão
Porto Chão.2
Porto Chão
Penedo do Gris
Lajes
Cumieira
Travanquinha
Localização do Arqueossítio NIG.002
extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 (IGEOE) - LINTESE (LFontes2011)


Perfil Topográfico Arqueossítio NIG.002
800
750
700
650
600
550
500
0
500
1.000
1.500

Estampa IIb



Localização de Arqueossítio NIG.002 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa IIc



fotoNIG002a – Perspectiva do conjunto de vestígios



fotoNIG002b – Pormenor do esteio/menir

A - **Porto Chão.3** (**NIG.003**) - Lomba

B- Arte rupestre

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193678,50 / Y=542466,15 / Z=640; Parada

D - Este arqueossítio situa-se na base da vertente no extremo Sul da colina alongada que fecha, a Norte, o anfiteatro de Porto Chão.
O substrato geológico local é granítico, aflorando a rocha em extensões mais ou menos amplas. A pedregosidade é elevada, destacando-se alguns blocos dispersos por todo o terreno. Não há sedimentação, verificando-se condições de erosão acentuada.
Monte inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por tojo e urze.
Na base da pendente, o sítio está globalmente exposto a Sul, a cerca de 100 m do regato que corre a Este no sentido Norte-Sul, pelo lameiro do Bebedouro em direcção à portela de Leijó. O velho caminho lajeado que liga à povoação de Parada aproxima-se deste local afastando-se do regato, cruzando aqui com um carreiro de pé posto que circunda a colina por poente.
O acesso pode fazer-se ainda por estes caminhos, já em desuso, ou pela estrada florestal Lindoso - Louriça. No que respeita às condições de visibilidade ver o sítio anterior (NIG.002). Não existe sinalização.

E - Nas proximidades deste local A.M. Baptista (InvArqPNPG-ficha n.º 073) registou 3 rochas com gravuras que lhe pareceram obtidas por picotagem. Na descrição refere que apesar de se apresentarem muito erosionadas, cobertas por líquenes e distinguindo-se apenas com luz muito rasante, era possível identificar motivos circulares com covinhas no interior, simples covinhas dispersas pela superfície das rochas ou figuras quadrangulares.
Nas várias visitas que fizemos ao local não conseguimos observar estes vestígios.

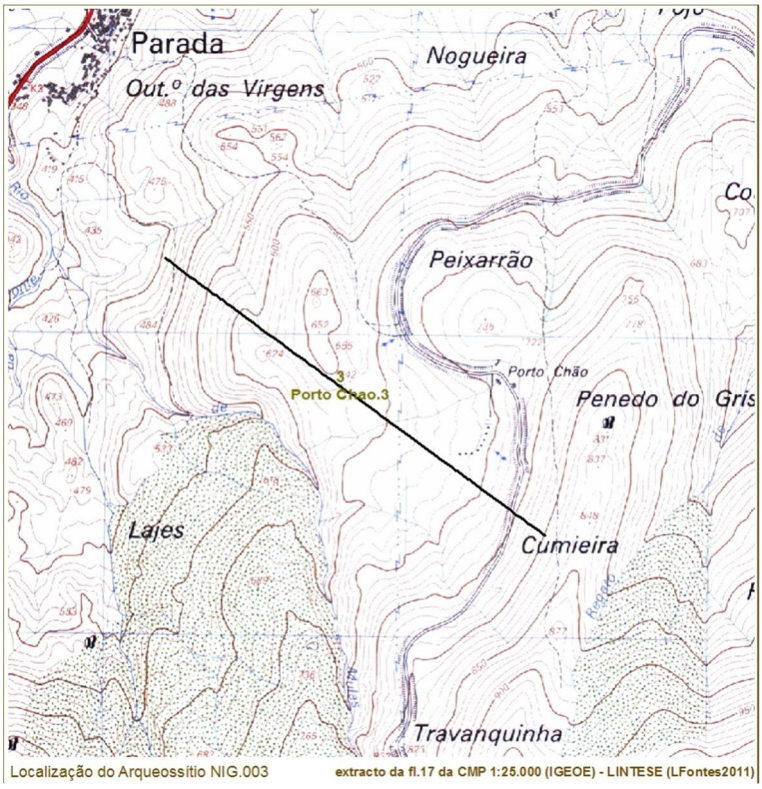
F - Trata-se de manifestações artísticas de significado incompreensível. Pelas características formais integram-se em tipologias atribuíveis de um modo genérico

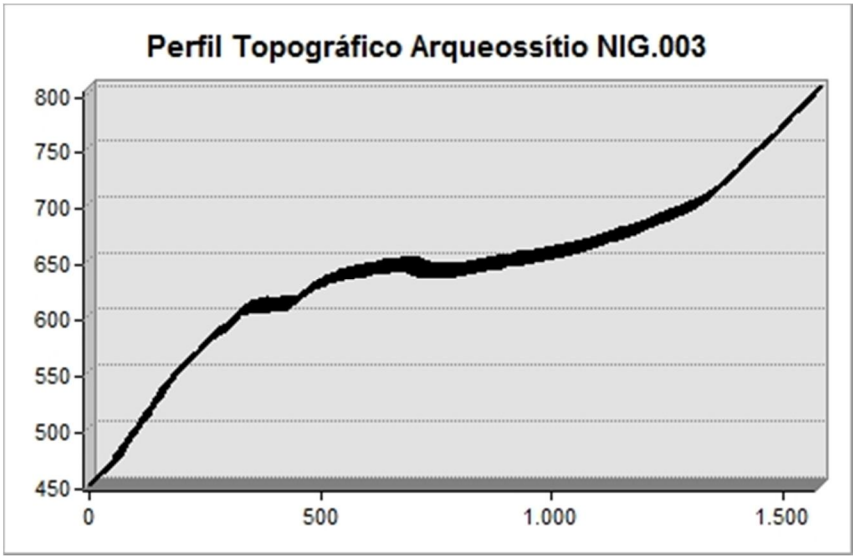
à Idade do Bronze (Baptista 1981 e 1984), o que concorda com o contexto arqueológico próximo, nomeadamente os arqueossítios contíguos com arte rupestre (NIG.004 e 005), com tumulação tipo cista (NIG.001) e uma outra estrutura com esteio/menir (NIG.002), para o qual propusemos como horizonte cronológico o IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final).

G - Este monumento tenderá a desaparecer devido à forte erosão das superfícies dos afloramentos graníticos causada pela fraca resistência às condições ambientais (chuva, frio, musgos e líquenes). A sua conservação é muito difícil.
A partir do momento em que se faça o levantamento dos motivos o arqueossítio valerá apenas pela referência locativa, com significado para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne às ocupação antiga na zona de Porto Chão e difusão regional da arte rupestre. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado na área de protecção do complexo arqueológico de Porto Chão, tal como prevê o Plano de Ordenamento do PNPG.

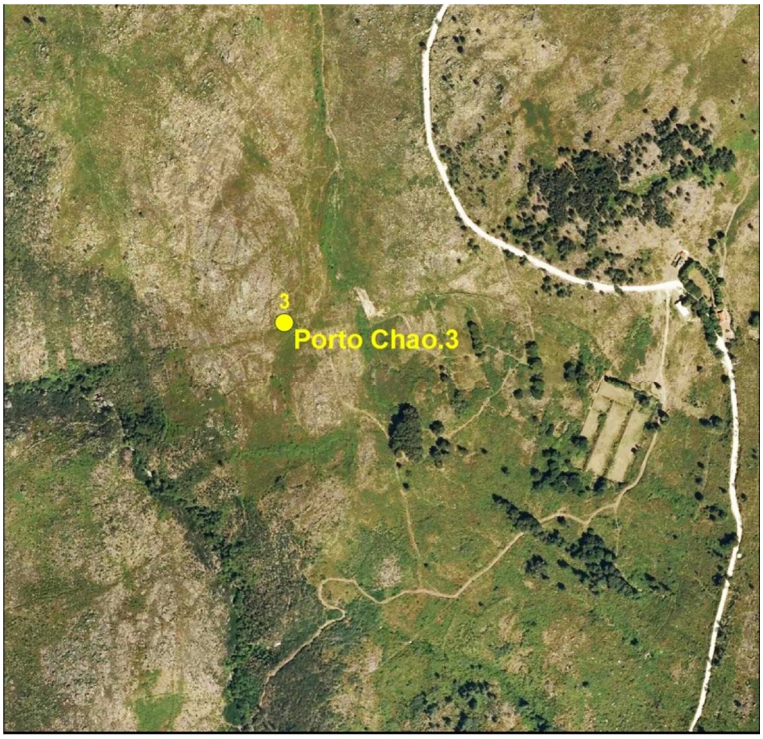
H - InvArqPNPG (ficha nº 073). Estampas IIIa e IIIb.

Estampa IIIa

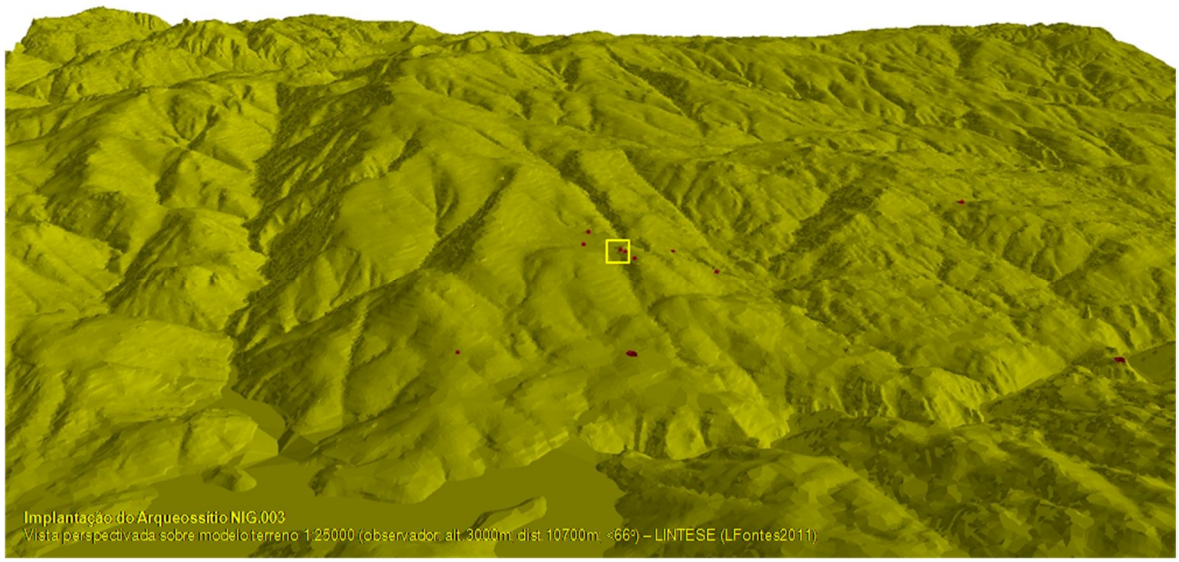




Estampa IIIb



Localização de Arqueossítio NIG.003 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Porto Chão.4** (**NIG.004**) - Fundo dos Viveiros

B - Arte rupestre e estruturas indeterminadas (tumulações?)

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193915,50 / Y=542345,82 / Z=655; Parada

D - Este sítio arqueológico situa-se praticamente ao centro do anfiteatro de Porto Chão, uma ampla chã formada pela suave ruptura côncava da pendente correspondente à vertente Oeste do esporão do Chamadouro.
A visibilidade limita-se praticamente à "concha" do anfiteatro de Porto Chão, com uma abertura ténue a Noroeste, acompanhando a inflexão do curso do rio da Feicha nessa direcção.
O substrato geológico local é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se grande densidade de calhaus dispersos e/ou acumulados em montículos de dimensões variáveis. Não se evidenciam condições erosivas, podendo até considerar-se a existência de sedimentação.
A área apresenta uma cobertura vegetal rasteira, dominada por tojo e fetos. Os terrenos contíguos têm usos diversos: a Norte existe um grande prado artificial, com raros carvalhos dispersos pelo perímetro murado, com solo espesso e limpo de pedras; a Oeste conserva-se uma pequena mancha de vidoeiros, resultado de florestação dos anos 50; a Sul corre o regato de Porto Chão que mais à frente vai atravessar o Vidoal rasgando o espesso solo coluvial; 150 m para Este ficam os viveiros florestais de Porto Chão. O sítio está globalmente exposto a poente, sendo praticamente atravessado pela linha de água.
O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa do guarda (junto ao caminho Lindoso - Louriça), ou ainda pelo caminho lajeado que vem da aldeia de Parada, hoje pouco usado. Não existe qualquer sinalização.

E - Os vestígios arqueológicos mais evidentes correspondem a gravuras rupestres formadas por grupos de covinhas ou covinhas isoladas, com diâmetros que não ultrapassam os 0,07 m e a profundidade de 0,05 m. Estão escavadas em

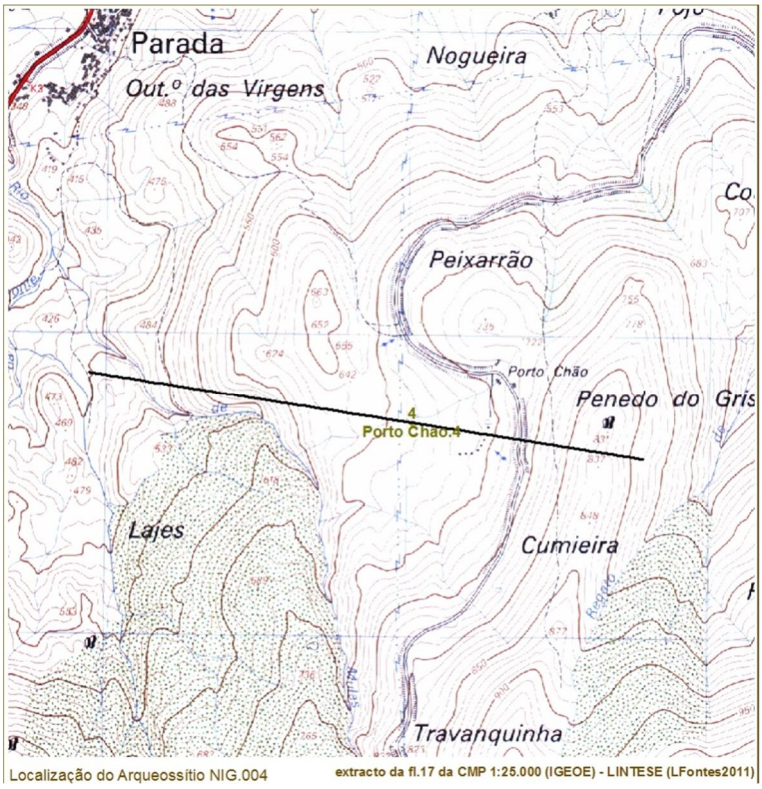
pelo menos 5 afloramentos graníticos, que se apresentam cobertos de líquenes e muito erodidos, sendo provável que existam outros motivos gravados.
Para além destes vestígios registamos apenas a existência de alguns rasgos talhados em afloramentos rentes ao chão, definindo planos rebaixados de encaixe, e inúmeras elevações tipo mamoa correspondentes a amontoados de calhaus e blocos de granito, com pouca terra misturada.

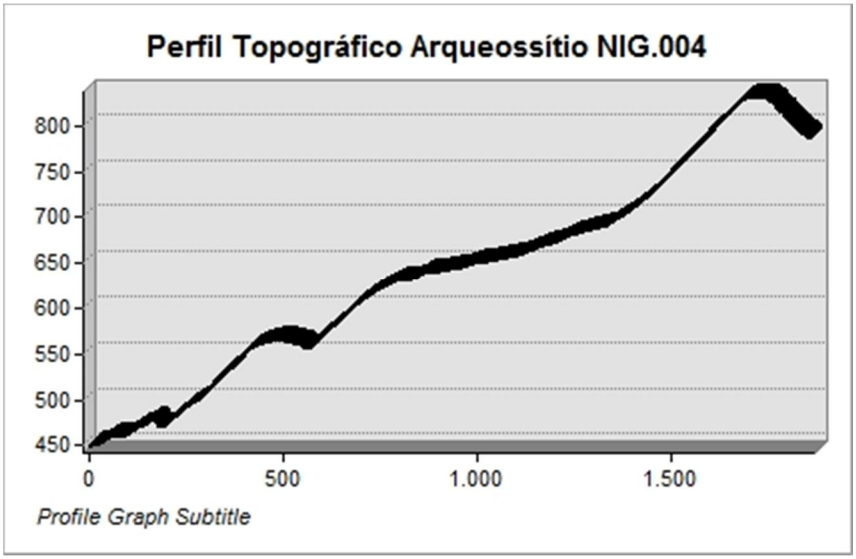
F - No que respeita às gravuras rupestres, repetem-se as considerações feitas na descrição do sítio anterior (Porto Chão.3 - NIG.003). Relativamente aos rasgos maiores talhados nas rochas e aos “montes” de pedras consideramos que se trata de vestígios associáveis a ocupações posteriores, pelo que remetemos para os capítulos em que se tratam o período romano e medieval.
Importa assinalar que, ao contrário do que chegou a pensar-se, os aglomerados de pedras não deverão ser tumulações de tipo megalítico, como vieram a comprovar as escavações aí efectuadas em 1986 (informação oral amavelmente fornecida por Eduardo Jorge, que referiu o caracter inconclusivo dos trabalhos, pois não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos nem se identificou estratigrafia antrópica). Admitimos mesmo que possam corresponder a amontoados de pedras resultantes da limpeza dos campos e lameiros dos viveiros.

G - Este sítio apresenta-se muito revolvido, podendo considerar-se que está bastante destruído, dependendo a conservação dos restos subsistentes da maior ou menor erosão do solo local. Reveste algum interesse para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação antiga na zona de Porto Chão. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado na área de protecção do complexo arqueológico de Porto Chão, tal como prevê o Plano de Ordenamento do PNPG.

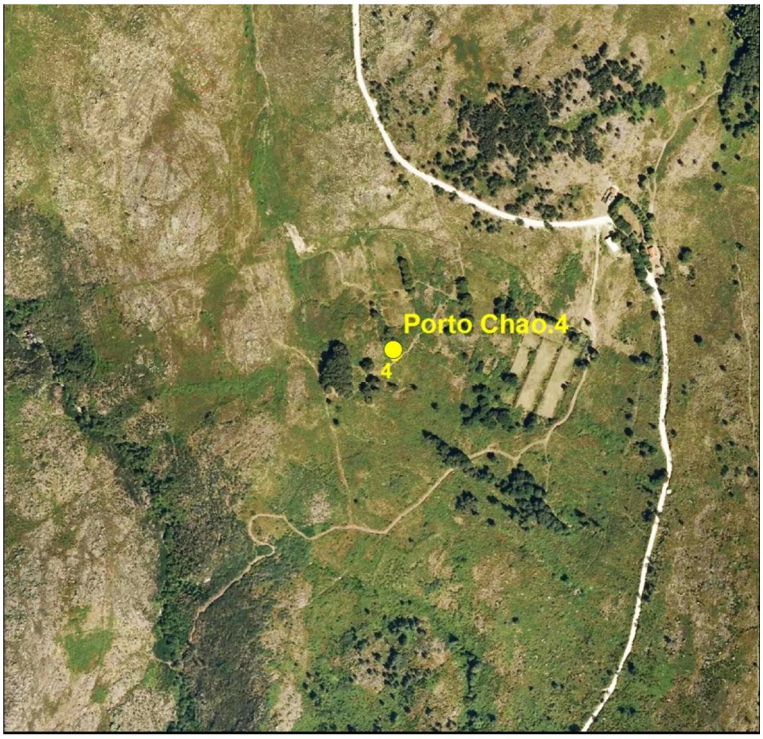
H - InvArqPNPG (ficha nº 081). Estampas IVa e IVb.

Estampa IVa

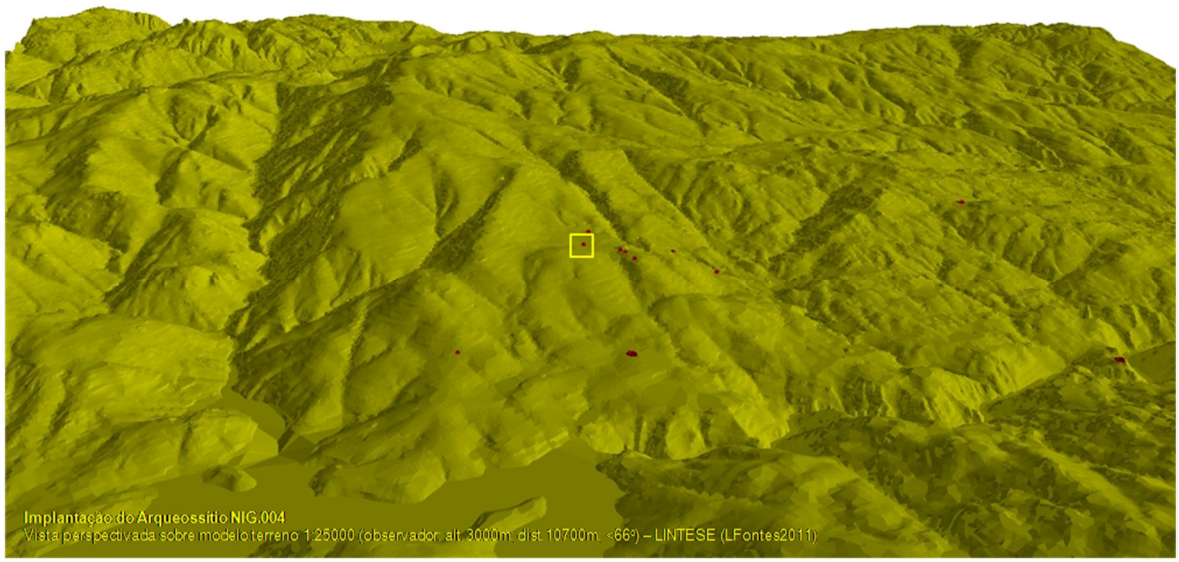

Parada
Out.º das Virgens
Nogueira
Peixarrão
Porto Chão
Penedo do Gris
4
Porto Chão.4
Lajes
Cumieira
Travanquinha
Localização do Arqueossítio NIG.004
extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 (IGEOE) - LINTESE (LFontes2011)


Perfil Topográfico Arqueossítio NIG.004
800
750
700
650
600
550
500
450
0
500
1.000
1.500
Profile Graph Subtitle

Estampa IVb



Localização de Arqueossítio NIG.004 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Porto Chão.5** (**NIG.005**) - Pardieiros; Casas dos Mouros

B - Arte rupestre

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193845,31 / Y=542117,94 / Z=675; Parada

D - Este sítio arqueológico situa-se numa plataforma ligeiramente elevada que prolonga a ruptura final côncava da pendente da encosta do Aradoiro, no bordo Sudoeste do anfiteatro de Porto Chão. A visibilidade estende-se à totalidade da "concha" do anfiteatro de Porto Chão, abrindo para Noroeste sobre a inflexão do curso do rio da Feicha na mesma direcção.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se grande densidade de calhaus dispersos e/ou acumulados em sulcos e/ou alinhamentos. Não se evidenciam condições erosivas, podendo até considerar-se a existência de sedimentação potenciada pela armação do terreno em terraços que acompanhando as curvas de nível.
A área apresenta uma cobertura vegetal arbustiva dominada por tojo.
O sítio está globalmente exposto a poente, sendo por esse lado sobranceiro ao rio da Feicha, que corre aqui de Sul para Norte, em funda ravina limitando abruptamente a plataforma. Um regato mais pequeno mas com leito igualmente escavado, aflui de Sudeste, determinando uma configuração de esporão.
O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa do guarda (junto ao caminho Lindoso/Louriça), ou ainda pelo caminho lajeado que vem da aldeia de Parada, hoje pouco usado. Não está sinalizado.

E - Trata-se de uma laje granítica não afeiçoada, com as seguintes dimensões aproximadas: 3 m de comprimento; 1,40 m de largura; 0,35 m de espessura. Está partida em duas - a parte maior conserva-se levantada e parcialmente encostada a outra grande pedra que integra a parede de uma edificação; a parte mais pequena está separada e tombada horizontalmente ao lado.
A gravura rupestre encontra-se na parte maior da laje, identificando-se bem uma composição formada por sulcos largos (0,025 m) mas pouco profundos (menos de 1 cm) que desenham um círculo grande parcialmente preenchido com covinhas,

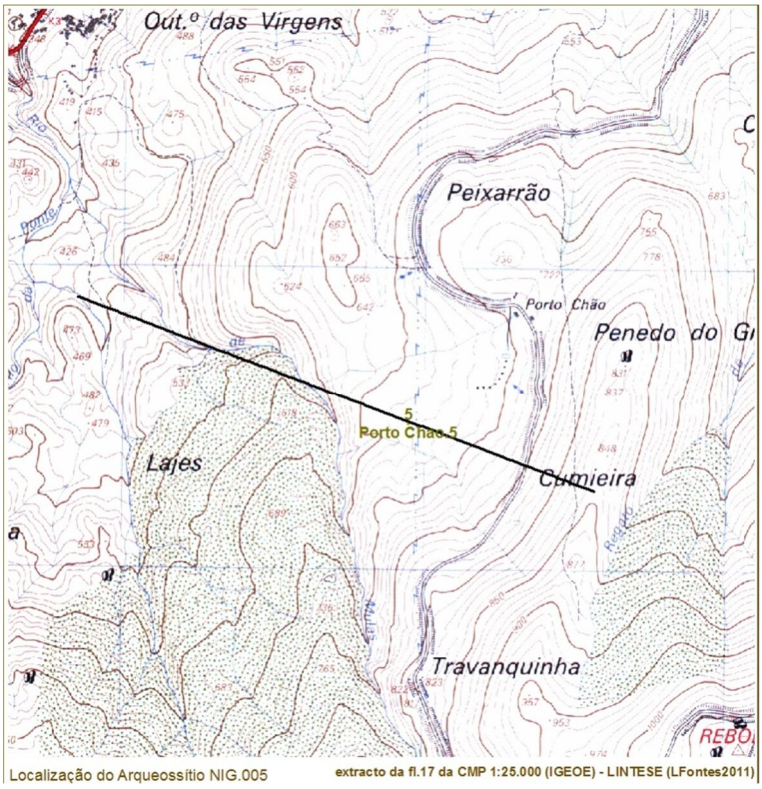
um círculo mais pequeno com covinha central acoplado na parte mais apertada do círculo maior e duas linhas radiantes que arrancam do círculo maior.

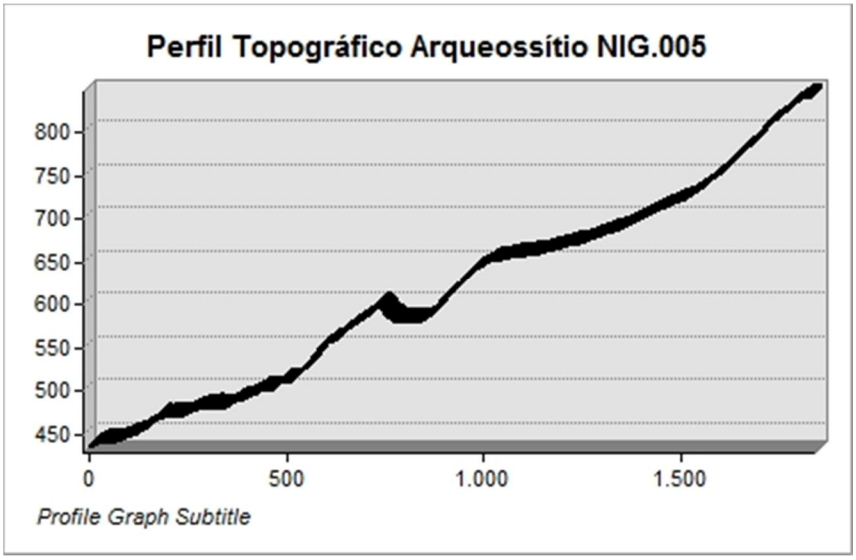
F - O vestígio que nesta descrição nos interessa aparenta ter sido removido das proximidades do local onde se encontra e reutilizado numa parede de uma habitação antiga. É uma laje granítica de grandes dimensões com arte rupestre, cujo significado desconhecemos.
O motivo identificado assemelha-se bastante aos motivos gravados na rocha central da Bouça do Colado (NIG.007), integrando-se assim numa tipologia atribuível genericamente à Idade do Bronze (Baptista 1981 e 1984), o que concorda com o contexto arqueológico próximo, nomeadamente os arqueossítios contíguos com arte rupestre (NIG.003 e 004), com tumulação tipo cista (NIG.001) e uma outra estrutura com esteio/*menir* (NIG.002), para o qual propomos um horizonte cronológico em torno do IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final). Importa notar que a este sítio corresponde uma estação arqueológica de grande importância, mas atribuível a um período cronológico distinto, pelo que a sua descrição e interpretação se fazem no respectivo capítulo (período medieval: Porto Chão.8 - NIG.020).

G - Este monumento tenderá a desaparecer devido à forte erosão das superfícies dos afloramentos graníticos causada pela fraca resistência às condições ambientais (chuva, frio, musgos e líquenes). A sua conservação no local é muito difícil. Apesar de já se ter feito o levantamento dos motivos gravados, consideramos que a forma de laje exenta, tamanho e peso aceitáveis permitem a sua remoção para local abrigado onde a sua conservação poderá ser garantida – esse local deverá ser o castelo de Lindoso, onde integrará o espólio do núcleo museológico, enriquecendo-o e conservando assim o seu valor enquanto recurso arqueológico.
Tal como os restantes vestígios de arte rupestre do território de Lindoso, este é mais um importante contributo para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação antiga na zona de Porto Chão e difusão regional da arte rupestre.

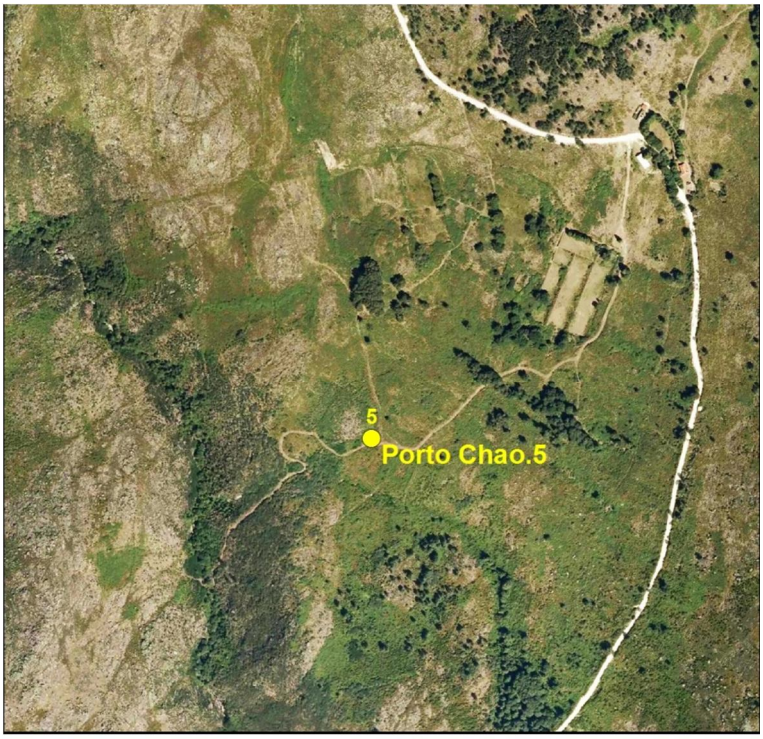
H - InvArqPNPG (ficha nº 072). Estampas Va, Vb e Vc.

Estampa Va

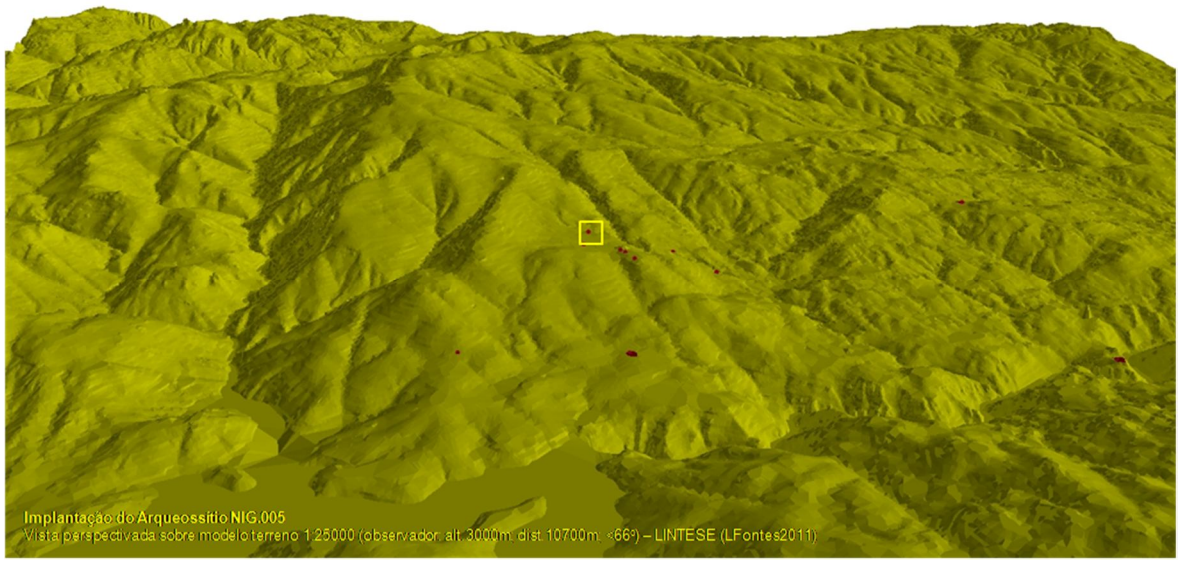

Out.º das Virgens
Peixarrão
Porto Chão
Penedo do G
5
Porto Chão 5
Lajes
Cimeira
Travanquinha
Localização do Arqueossítio NIG.005
extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 (IGEOE) - LINTESE (LFontes2011)


Perfil Topográfico Arqueossítio NIG.005
800
750
700
650
600
550
500
450
0
500
1.000
1.500
Profile Graph Subtitle

Estampa Vb



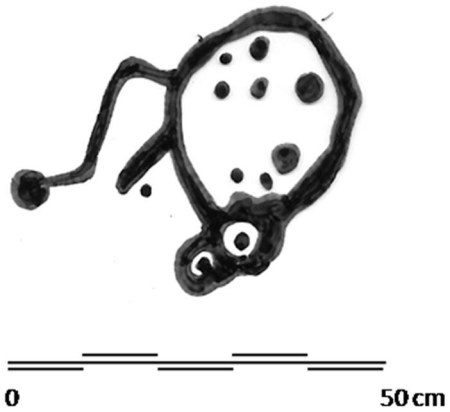
Localização de Arqueossítio NIG.005 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa Vc



fotoNIG005a – Pormenor de rocha gravada



desenho0006 – Decalque planificado do motivo gravado

A - **Chão da Pesquita** (**NIG.006**) - Chão da Pesquita

B - Povoado

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193879,04 / Y=543836,18 / Z=455; Lindoso

D – O arqueossítio ocupa uma lomba ou pequeno “plateau” que limita a Oeste a ampla plataforma de erosão onde se implantou a povoação de Lindoso. Duas pequenas linhas de água limitam o “plateau” a SO e SE, acentuando a separação da lomba em relação à vertente, que inicia aqui a sua elevação em direcção ao Cabeço de Peixarrão e Alto de Grisando.
A visibilidade próxima estende-se a toda a ampla rechã do Lindoso e encostas das elevações que a abrigam a Sul, sobressaindo o pico do Alto do Forcão a SE. Para N e NE abarca-se a confluência dos rios Lima e Laboreiro, sobressaindo em plano mais recuado e progressivamente mais difuso as massas montanhosas da serra da Peneda e do planalto de Castro Laboreiro. O terreno apresenta uma configuração geral sub-circular, armada em dois andares de socalcos perimetrais.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade não é muito acentuada, registando-se algumas concentrações pontuais de calhaus em alinhamentos irregulares. Não se evidenciam condições de sedimentação, observando-se até alguma perda de solo.
O local é inculto, apresentando uma cobertura vegetal rasteira, dominada por tojo, urze e herbáceas. Os terrenos contíguos têm usos diversos: a NE, E e SE campos agrícolas (leiras em socalcos), que se estendem até aos lugares de Real e Lindoso; a NO, O e SO terrenos incultos com tojo e pequenas manchas de carvalhos, castanheiros e eucaliptos.
O acesso pode fazer-se pelos vários caminhos carreteiros, quase todos lajeados, que servem os campos agrícolas, tanto a partir do lugar de Lindoso (cerca de 500 m a E), como do lugar de Real (250 m a NE), sendo o sítio cruzado no sentido N-S exactamente por um desses caminhos. Não existe sinalização.

E - Abrangendo uma área com cerca de 3000 m^2, a configuração topográfica do sítio é determinada por um valado perimetral, correspondente a uma espécie de muro de suporte de socalco, mas feito com pedra miúda e abundância de terra.

Na plataforma superior, de forma geral circular, também definida por um valado de pedra e terra, identificam-se alguns alinhamentos artificiais de calhaus. Na plataforma inferior, mais vasta e de forma sub-circular, existe um grande aglomerado de cascalho e calhaus no extremo SE, de forma circular e acoplado ao valado perimetral. À superfície recolhem-se raros fragmentos de cerâmica de construção (*tegula*) e doméstica.

Em 1992, no âmbito do projecto de "Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso", realizámos aqui trabalhos arqueológicos de sondagem, com limpeza de vegetação e escavação de 3 pequenos cortes no lado nascente do sítio e cujos principais resultados se podem resumir no seguinte:

- Confirmação do valado perimetral como estrutura do tipo muralha de terra e pedras;
- Confirmação da acumulação de pedras a SE como sendo restos (camada de derrube) de uma construção pétrea (elementos não afeiçoados) de grande envergadura, aparentemente articulada com a muralha perimetral mas de planta indefinida;
- Recolha de espólio lítico e cerâmico nas camadas subjacentes às estruturas percebidas superficialmente. Destaque para um fragmento correspondente à extremidade proximal de uma faca em sílex e um fragmento de pequeno vaso de cerâmica de fabrico manual, de pasta grosseira e cor castanha, com superfície exterior alisada e a interior rugosa. O fragmento abrange a parte do bordo e deixa perceber uma forma de perfil em "S" pouco curvo, com pequena asa em fita sobre o colo.

F – Considerando a organização do sítio em duas plataformas sub-circulares, perimetralmente delimitadas por uma estrutura do tipo muralha/valado constituída por terra e elementos pétreos, ao qual se associa a grande estrutura de calhaus no bordo sudeste, bem como a existência de restos prováveis de estruturas (indiciada por alinhamentos de pedras e fragmentos de cerâmica à superfície das plataformas), poderá interpretar-se como correspondente a um sítio fortificado, basicamente definido por uma muralha circundante com um torreão circular no lado sudeste.

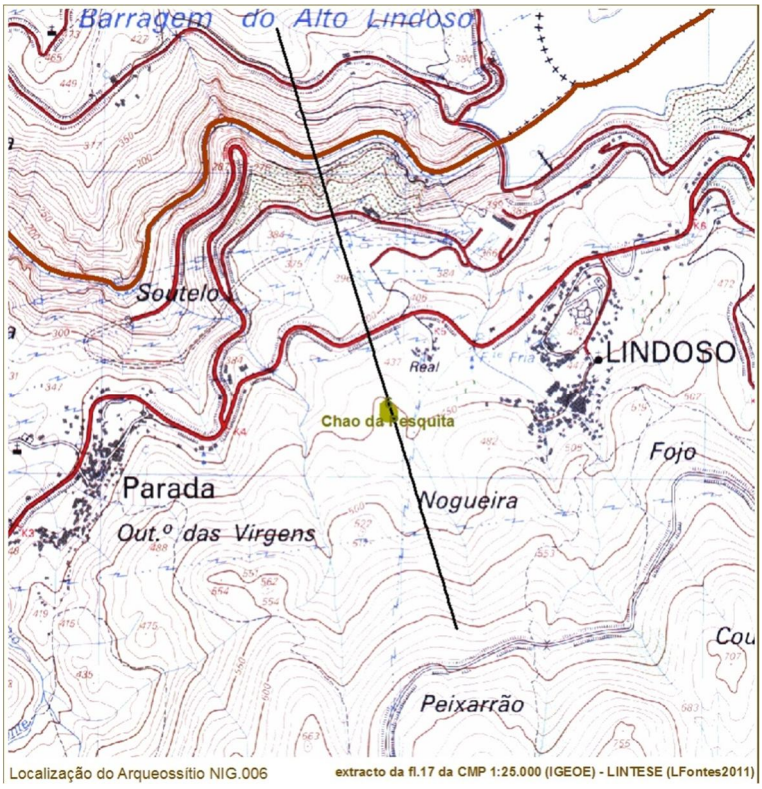
As sondagens arqueológicas não proporcionaram quaisquer dados que contrariem esta leitura. Com base no espólio recolhido propomos uma cronologia

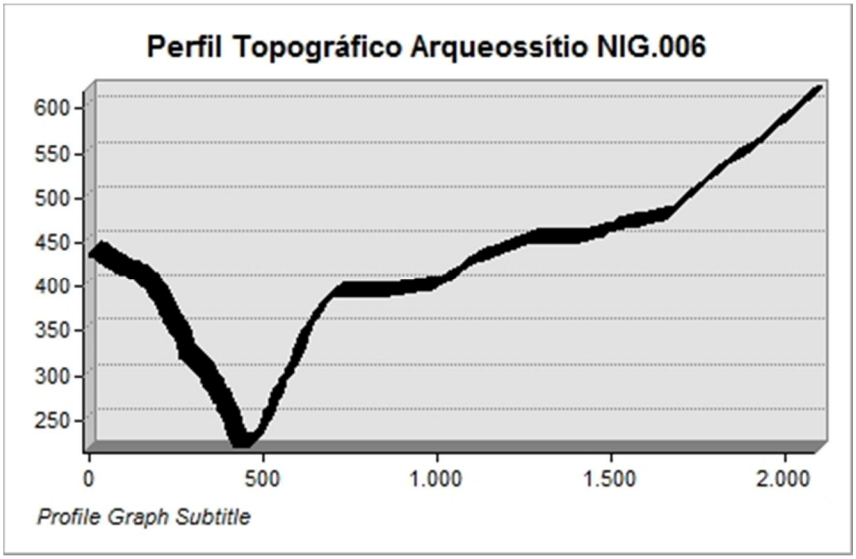
em torno do IIº milénio a.C., período em que se admite a existência deste tipo de povoados (Bettencourt, 1995:4).

G - Este local conserva importantes vestígios de estruturas e de estratigrafias antrópica e paleoambiental, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo local, que deve manter-se sem agricultura. De grande importância para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente (eventual articulação com Porto Chão), particularmente no que concerne à ocupação e linhas de trânsito no território durante a Idade do Bronze, estes vestígios constituem um recurso de grande valor, sendo o seu estudo imprescindível para a compreensão das modalidades de povoamento e estratégias de exploração do território na Pré-História recente. Deverá por isso ser objecto de trabalhos de limpeza, levantamento topográfico e mesmo de escavação, tendo em vista confirmar a sua importância. Justifica-se a sua classificação específica, para além da integração do sítio na área de protecção do complexo histórico-arqueológico de Lindoso.

H - Fontes e Regalo, 1994:34; InvArqPNPG (ficha nº 082). Estampas VIa, VIb, VIc, VId, VIe e VIf.

Estampa VIa

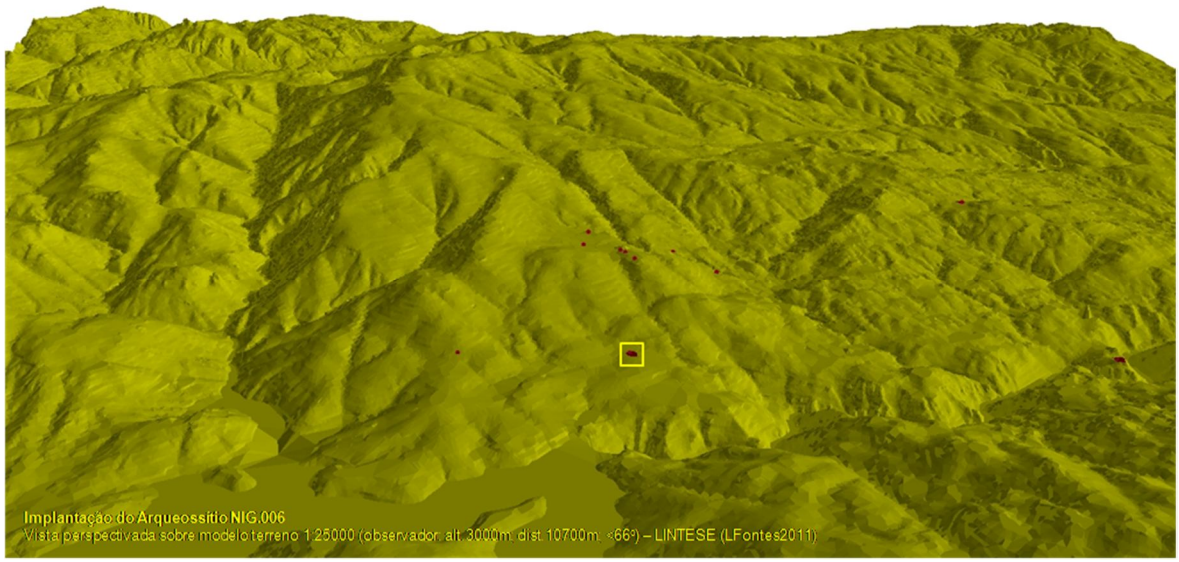

Barragem do Alto Lindoso
Soutelo
LINDOSO
Real
Chao da Pesquita
Fojo
Parada
Nogueira
Out.º das Virgens
Peixarrão
Localização do Arqueossítio NIG.006
extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 (IGEOE) - LINTESE (LFontes2011)


Perfil Topográfico Arqueossítio NIG.006
600
550
500
450
400
350
300
250
0
500
1.000
1.500
2.000
Profile Graph Subtitle

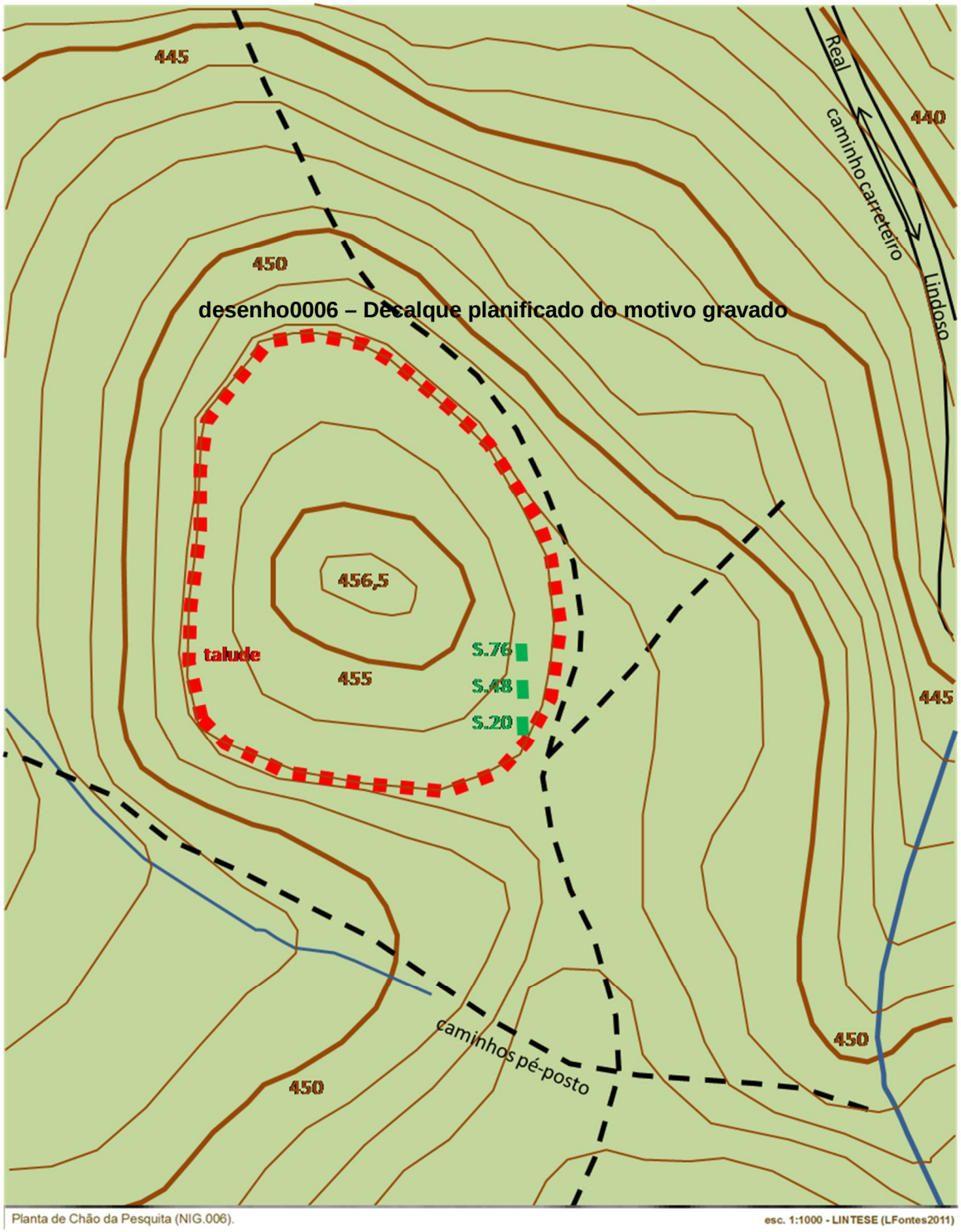
Estampa VIb



Localização de Arqueossítio NIG.006 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa VIc



desenho0006 – Decalque planificado do motivo gravado

desenho0001 – Planta do povoado de Chão da Pesquita

Estampa VId



fotoNIG006a – Panorâmica de Chão da Pesquita, vista de Sul

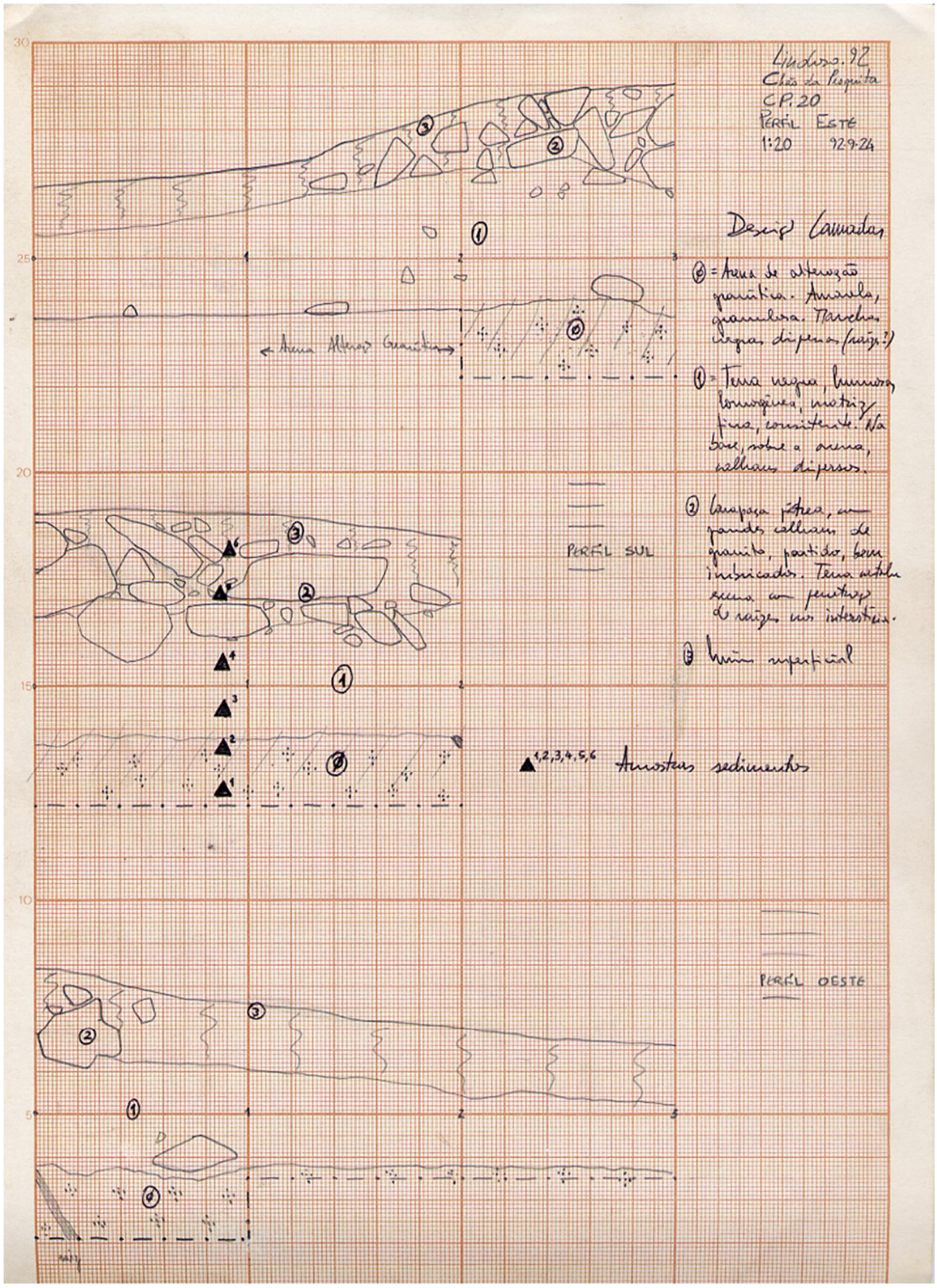


fotoNIG006b – Perspectiva dos trabalhos arqueológicos sobre talude



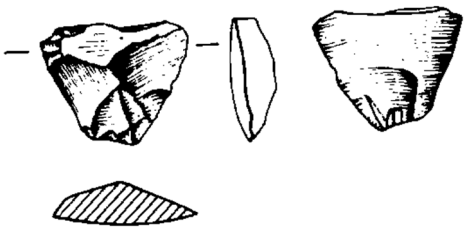
fotoNIG006c – Perfil Sul da Sondagem 1

Estampa VIe

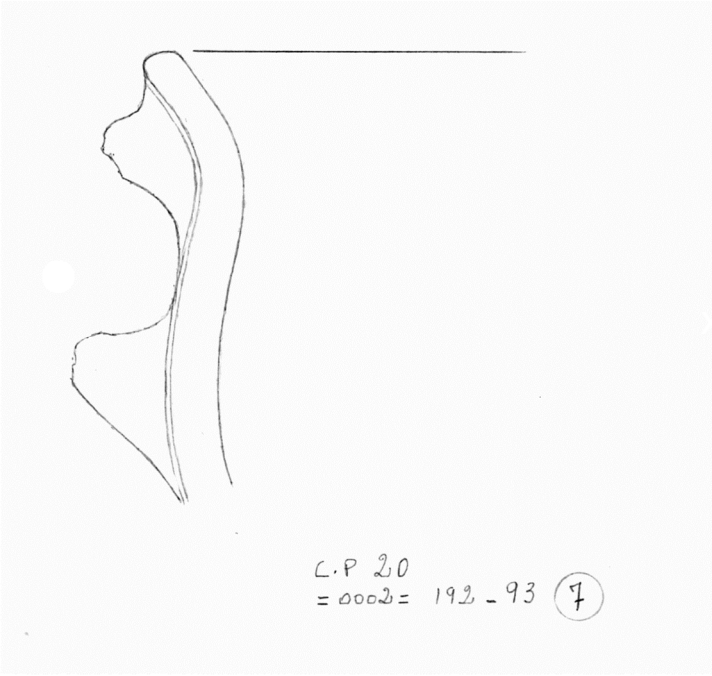


desenho0002 – Leitura estratigráfica dos perfis da Sondagem 1

Estampa VIf



desenho0003 (MDDS-362/93) **– Extremidade distal de faca de sílex (esc. 1:1)**



desenho0004 (MDDS-192/93) **– Fragmento de pote de fabrico manual (esc. 1:1)**

A - **Traz de Colado** (**NIG.007**) - Penedo do Encanto; Penedo das Sete Cabeças

B - Arte rupestre

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193027,66 / Y=542593,76 / Z=480; Parada

D - Este arqueossítio situa-se numa pequena ruptura côncava de vertente, na base da encosta poente da elevação da Lomba, designada por encosta da Perdiz. É um sítio de fundo de vale, com visibilidade limitada ao troço do rio compreendido entre o rebordo Oeste do anfiteatro de Porto Chão, a montante, e a confluência dos rios do Couto, Azebrinheiro e da Feicha, dominada pelos outeiros de Cabanas Velhas, da Fonte Formosa e do Cortelho, a juzante. A Sudoeste, um pouco mais longe mas a uma altitude maior, a visibilidade é limitada pelo alinhamento dos picos do Couto (539 m), Corvos (704 m) e Torrões (643 m).
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões rasas e/ou caos de blocos mais ou menos boleados. A pedregosidade é mediana, não se evidenciando condições erosivas significativas.
O sítio é parte de uma bouça particular, apresentando-se ocupada por mata (parcialmente ardida aquando do registo) de pinheiros, eucaliptos e raros carvalhos e espesso coberto arbustivo de tojos. Está claramente exposto a poente, sendo por esse lado sobranceiro ao rio da Feicha, que corre em leito fundo marcando o fim da vertente. Logo do outro lado do rio localiza-se uma pequena rechã abrigada.
O acesso pode fazer-se pelo caminho lajeado que liga a aldeia de Parada à cabana de Sobreiro Quente, ainda hoje usado e que passa do lado este do monumento, a escassos 50 m. Está sinalizado.

E - Aqui se localiza um conjunto aparentemente organizado de oito rochas (um grande bloco central e sete lajes menores dispostas na banda sudoeste), todas elas com gravuras obtidas por picotagem e abrasão. As superfícies expostas dos blocos graníticos, sobretudo as horizontais, embora evidenciem alguma erosão, deixam ver com facilidade grande quantidade de motivos gravados, designadamente, círculos concêntricos, covinhas, reticulados e cruzes. No conjunto destaca-se a rocha de maiores dimensões, observando-se na sua face

superior uma composição monumental em que se associam motivos circulares, meandros, covinhas e reticulados em torno de uma figura compósita central. Os motivos cruciformes distribuem-se sobretudo pelas faces verticais do grande bloco granítico. Uma cova escavada na sua base, no lado nordeste, testemunha acções de escavação clandestina.

F - Este monumento foi já objecto de estudo por parte de A.M. Baptista, então arqueólogo do PNPG, que classificou o sítio como santuário, valorizando particularmente a rocha central, que considera “a chave para a compreensão deste pequeno complexo rupestre” (Baptista, 1990a:6). Trata-se de manifestações artísticas cujo significado é hoje inapreensível, embora a generalidade dos autores aceite tratar-se de expressões simbólico/abstractas de carácter religioso/votivo. A gramática decorativa, assente em círculos concêntricos, covinhas, meandros e reticulados integra-se, ainda segundo A.M. Baptista, nas tipologias formais atribuíveis de um modo genérico à Idade do Bronze (Baptista, 1981;1984;1990a), o que concorda com o contexto arqueológico imediato (Serenada - NIG.008) e próximo (complexo de Porto Chão - NIG.001, 002, 003, 004 e 005), para os quais se propõe um horizonte cronológico em torno do IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final).
Os motivos cruciformes deverão ser de época bem mais recente, correspondendo provavelmente a fenómenos de cristianização do lugar. A este propósito importa referir que o monumento é bem conhecido da população local, que lhe atribui um significado misterioso indefinido, entre o sagrado e o profano, como demonstra a atribuição dos epítetos do Encanto ou das Sete Caras, ou ainda a crença de que no seu interior se guardam fabulosos tesouros escondidos pelos "mouros" em tempos remotos, sendo a “correcta” leitura das gravuras a chave para lhes aceder.

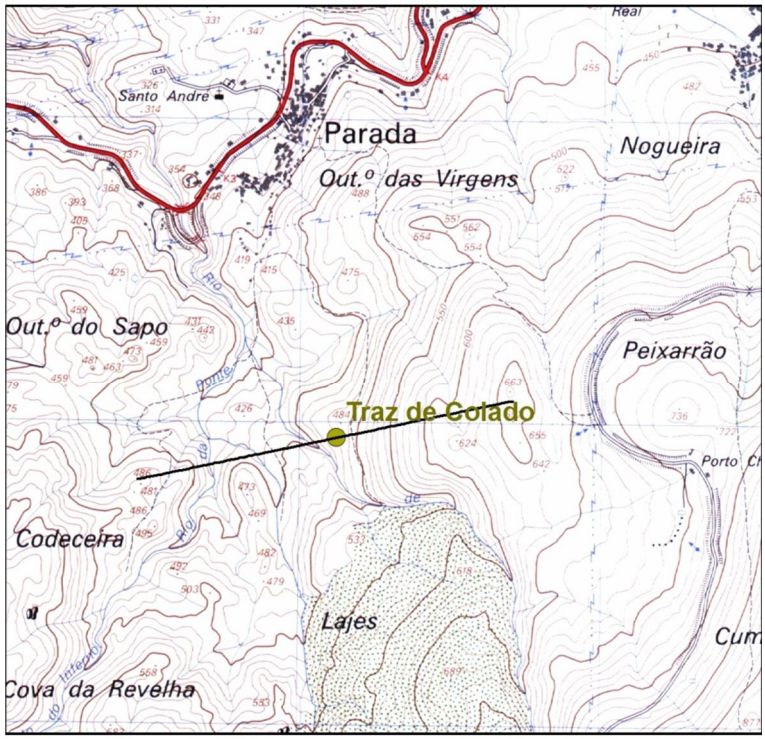
G – Estamos perante um monumento de valor excepcional, com grande importância para a compreensão da paisagem arqueológica local e regional, particularmente no que concerne à ocupação desta área da serra durante a Pré-História recente. É, sobretudo, um extraordinário testemunho da prática artística de uma comunidade/cultura, prática sobre a qual provavelmente nada mais se conhecerá.

Tal como outros monumentos com arte rupestre, estas rochas estão sujeitas à forte erosão das superfícies devido à sua fraca resistência às condições ambientais (chuva, frio, musgos e líquenes). A sua preservação está por isso ”naturalmente” ameaçada, acrescendo ainda a circunstância de estar sujeita a fogos e a vandalismos.

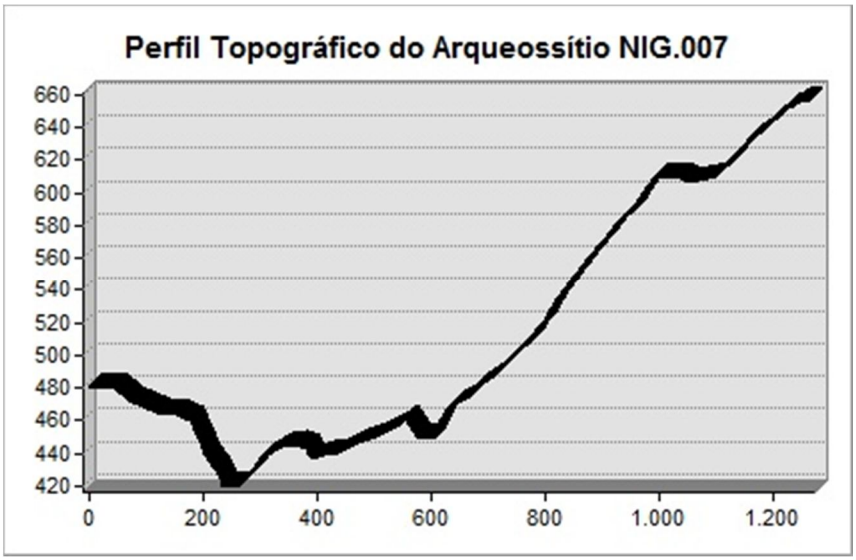
Para além de justificar uma classificação como Imóvel de Interesse Público e a compra do terreno por parte do Estado, bem como a definição de uma área especial de protecção, este monumento deveria ser objecto de um projecto específico de protecção, estudo, conservação e aproveitamento, tanto mais quanto a sua existência está amplamente divulgada, constando praticamente de quase todos os roteiros editados sobre o PNPG. O Plano de Ordenamento do Parque já aponta neste sentido (PO-PNPG, 1995:74).

H – Baptista, 1981, 1984 e1990a; InvArqPNPG (ficha nº 066). Estampas VIIa, VIIb e VIIc.

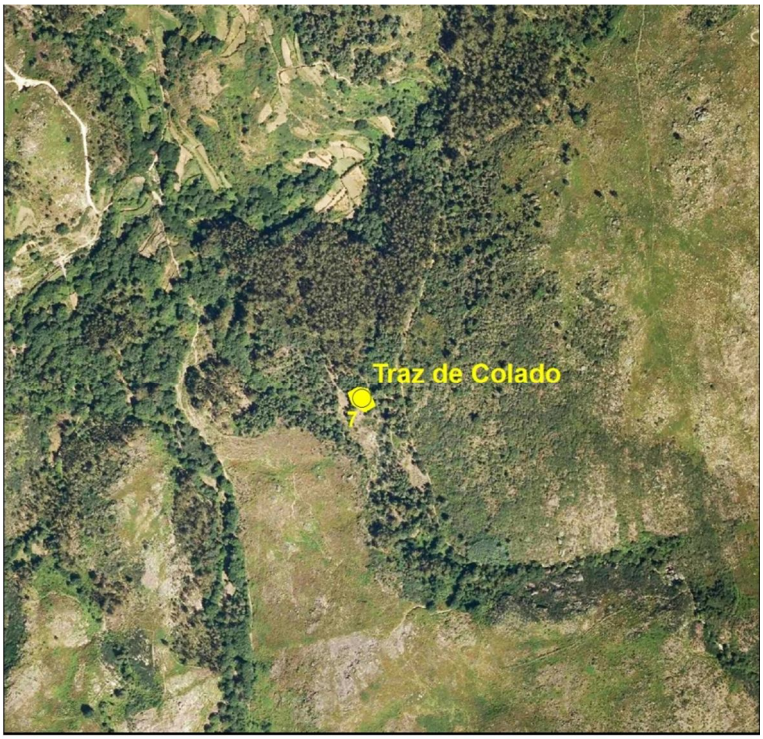
Estampa VIIa



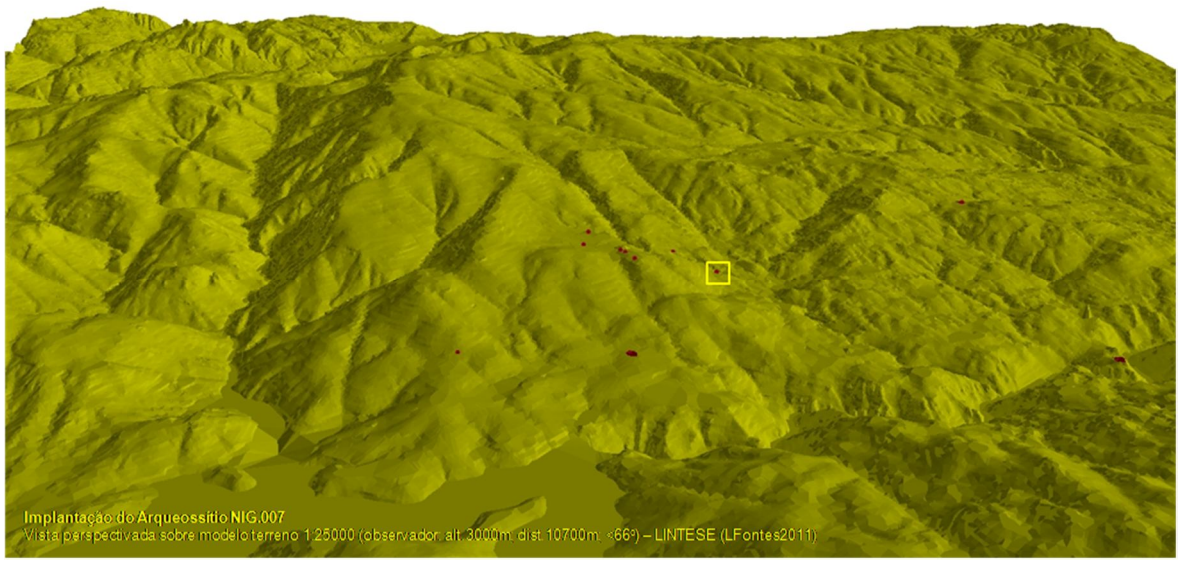
Localização de Arqueossítio NIG.007 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa VIIb



Localização de Arqueossítio NIG.007 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.007
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador: alt. 3000m, dist. 10700m, ↖66º) – LINTESE (LFontes2011)

Estampa VIIc



fotoNIG007a – Perspectiva da rocha central do *santuário* de Traz do Colado



fotoNIG007b – Pormenor das gravuras da rocha central (in Baptista, 1983-84)



desenho0005 – Decalque planificado das gravuras da rocha central (in Baptista, 1983-84)

A – **Serenada.1** (**NIG.008**) - Serenada

B - Tumulação

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193271,95 / Y=542305,72 / Z=550; Parada

D – Este sítio arqueológico situa-se na margem esquerda do rio da Feicha, num pequeno morro que estabelece a ruptura convexa da vertente pela implantação do leito do rio.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, destacando-se alguns blocos maiores dispersos por todo o terreno. Não há sedimentação, verificando-se condições de erosão acentuada.
Monte inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por urze e fetos. É um sítio de fundo de vale, verificando-se para este sítio as mesmas condições de visibilidade que as descritas para o sítio de Traz do Colado (NIG.007), do qual dista cerca de 400 m. Difere apenas pela sua maior exposição a Noroeste.
O acesso pode fazer-se pelo caminho lajeado que liga a aldeia de Parada à cabana de Sobreiro Quente, ainda hoje usado. O sítio não está sinalizado.

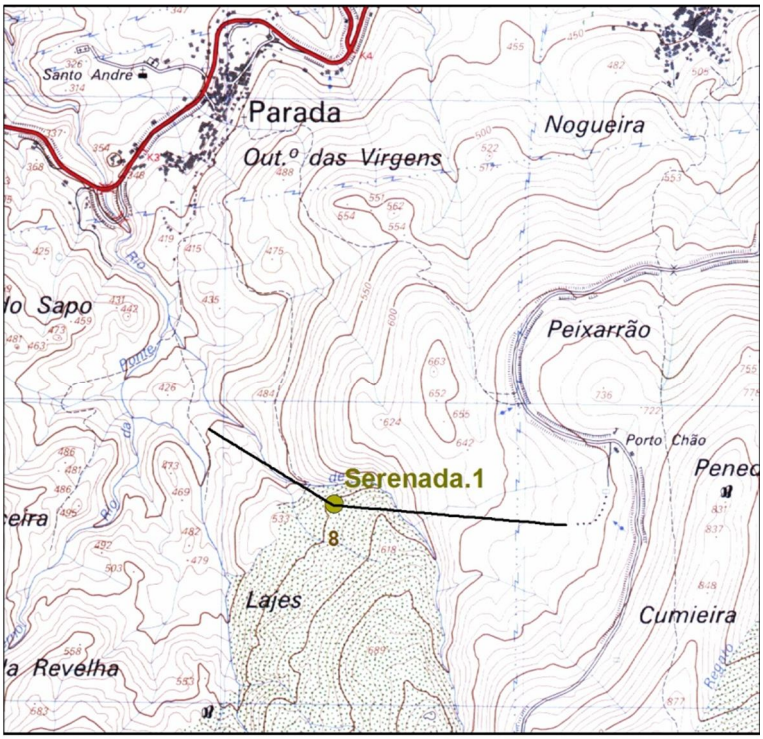
E - Nas proximidades deste local, A.M. Baptista identificou restos de uma estrutura que descreve como “Cista megalítica formada por uma caixa rectangular com esteios graníticos. A tampa, deslocada, está virada a Sul. Violada. (...) A cista e as pedras em volta para a contenção dos esteios parece terem sido rodeados por um círculo lítico com pedras (graníticas) também cravadas em cunha. (...) A cista está assim no interior de uma pequena mamoa de terra e pedras, parcialmente rodeada ainda por um círculo exterior lítico de pequenos “esteios” cravados em cunha. (...)” (InvArqPNPG - ficha nº 070). A.M. Baptista nota ainda a ausência de quaisquer outros vestígios de cultura material.
Nas várias visitas que fizemos ao local não conseguimos observar as estruturas descritas.

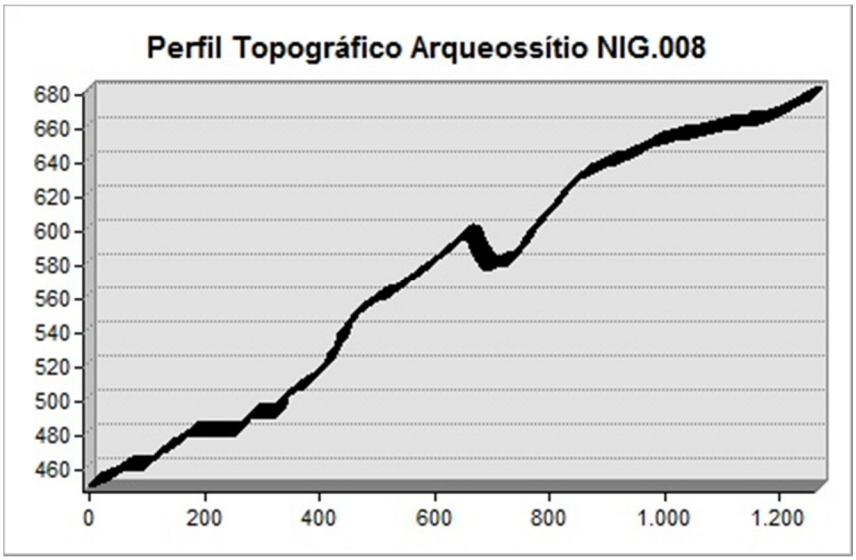
F – De acordo com a descrição acima transcrita, esta estrutura do tipo cista megalítica será semelhante à tumulação com cista de Porto Chão.1 (NIG.001), situada a cerca de 500 m para Nordeste, no colo da lomba que fecha, a Norte, o anfiteatro de Porto Chão.
Considerando o contexto arqueológico imediato (Traz de Colado - NIG.007) e próximo (complexo de Porto Chão - NIG.001, 002, 003, 004 e 005) poderá propor-se como cronologia o IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final).

G - Este monumento estará parcialmente destruído. É importante para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação e linhas de trânsito antigas na zona de Porto Chão. Deveria por isso ser estudado mais pormenorizadamente, o que implicaria a sua relocalização e escavação. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado na área de protecção do complexo arqueológico de Traz de Colado - Porto Chão.

H - Moreira e Simões, 1988:39; InvArqPNPG (ficha nº 070). Estampas VIIIa e VIIIb.

Estampa VIIIa

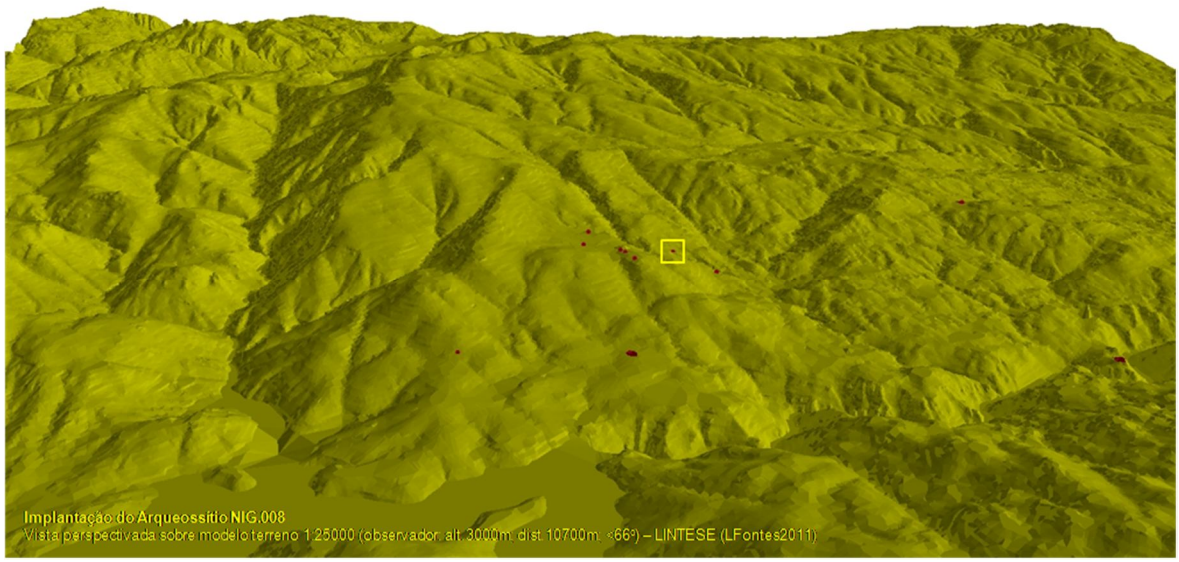




Estampa VIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.008 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.008
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador: alt. 3000m, dist. 10700m, ↖66º) – LINTESE (LFontes2011)

A - **Chã de Torrões** (**NIG.009**) - Chã de Torrões

B - Necrópole; Habitat (?)

C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=190722,91 / Y=541596,19 / Z=586; Cidadelhe / Mosteirô (Britelo)

D - Este arqueossítio situa-se na crista montanhosa formada pelos picos de Penha, Torrões e Corvos, numa zona plana (a "chã" dos Torrões) correspondente a uma portela ou colado, que separa o ribeiro dos Torrões ou do Tombaril (que corre para Cidadelhe, no sentido S-N) da ribeira da Avilheira (que corre para Mosteirô-Britêlo, no sentido E-O).
Deste ponto a visibilidade é ampla, abrangendo todo o curso alto do Lima português, de Ponte da Barca até à confluência com o rio Laboreiro. A visibilidade mais próxima estende-se a toda a vertente noroeste da serra Amarela, desde o alto da Louriça até S. Miguel de Entre-Ambos-os-Rios. A chã, dominada a Noroeste pelo cume dos Torrões (643 m), corresponde à cabeceira da ribeira da Avilheira, linha de água que se inicia aqui drenando um amplo anfiteatro natural exposto a poente.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas rasas pouco extensas e/ou em imponentes caos de blocos, pouco boleados. A este local correspondem boas condições de sedimentação, apresentando um solo espesso, rico em matéria orgânica, que suporta uma cobertura vegetal rasteira, com domínio de fetos e herbáceas. Com uma pedregosidade mínima, ou quase inexistente, o terreno é usado como prado natural.
O acesso pode fazer-se por caminhos de pé posto, com troços lajeados, que servem o local vindo das aldeias de Mosteirô e de Cidadelhe. Não está sinalizado.

E - Trata-se dos restos de várias tumulações megalíticas e outras estruturas, que individualizamos para efeitos de descrição mas que correspondem a um único sítio arqueológico. Assim:

- **Estrutura 1** (a mais meridional do conjunto) - mamoa de calhaus, cascalho e terra com cerca de 10 m de diâmetro e 1,20 m de altura. Apresenta uma depressão central circular, onde se conservam 4 esteios da

câmara poligonal (3 *in situ* e 1 deslocado, semi-tombado). Fora do perímetro da depressão central, deslocada sobre a vertente sul da mamoa, observa-se uma grande laje que poderia ter correspondido à cobertura ("chapéu") da câmara megalítica. Deslocado na base da mesma vertente encontra-se um outro esteio;

- **Estrutura 2** (a cerca de 18 m para Noroeste da Estrutura 1, distinguindo-se bem do plano da chã) - grande mamoa de calhaus, cascalho e terra com cerca de 2 m de altura e 15 m de diâmetro. Na depressão central, aberta para Sudeste, conserva-se parte da câmara poligonal, com 4 esteios contíguos *in situ*, visíveis numa altura de 0,70 m. Sobre estes esteios, que se encostam sem se travarem, os pastores elevaram uma parede de mamposteria com calhaus, desenhando uma espécie de "iglo", actualmente sem cobertura. Outro esteio, ou parte da laje de cobertura, está caído e parcialmente enterrado, cerca de 1 m para Sudoeste;

- **Estrutura 3** (a cerca de 2 m para SO da Estrutura 2) - pequenos aglomerados de calhaus, cascalho e terra, com formas sub-circulares e alinhamentos incipientes, eventualmente articuláveis com a Estrutura 2;

- **Estrutura 4** (a cerca de 6 m para Nordeste da Estrutura 2) - espécie de câmara megalítica de forma sub-circular, com 6 esteios (3 *in situ* elevando-se cerca de 1 m acima da superfície e 3 tombados, medindo o do lado oeste cerca de 1,5 m). Embora não se evidencie qualquer mamoa envolvente, observa-se uma ligeira acumulação de terra e cascalho junto aos esteios, desenhando uma incipiente forma em ferradura, aberta para Oeste;

- **Estrutura 5** (a cerca de 40 m para Nordeste da Estrutura 2, individualizando-se bem na paisagem pela imponência do seu volume) - grande mamoa de calhaus, cascalho e terra com cerca de 2,5 m de altura e 18 m de diâmetro, de forma sub-circular com eixo maior orientado SE-NO. Apresenta uma depressão central de forma circular, descentrada para Sudeste em relação ao centro da mamoa. Aí se conserva parte de uma câmara megalítica, observando-se 3 esteios (2 *in situ* e um tombado). Na vertente sudeste encontram-se mais dois esteios e uma grande laje que deverá corresponder à cobertura ("chapéu"). Envolvendo a mamoa, a cerca

de 3 m do seu perímetro exterior e a espaços irregulares, existem algumas lajes fincadas no solo desenhando uma espécie de anel circundante.

F - As estruturas que acima descrevemos correspondem a tumulações megalíticas do tipo *tumulus* com câmara (estruturas 1, 2 e 5) e outras de funcionalidade indeterminada (estruturas 3 e 4). No conjunto trata-se de uma necrópole composta por 3 túmulos, articulados espacialmente com outras estruturas periféricas. O contexto arqueológico próximo é proporcionado pela vasta necrópole megalítica dos vales da Avilheira e da Coelheira (Mosteirô e Britelo), com mais de meia centena de tumulações, muitas delas ainda com dolmen, no meio de inúmeras rochas com gravuras rupestres. Com base na tipologia dos monumentos e no contexto arqueológico, propomos uma cronologia entre os IV-IIIº milénio a.C. (Neolítico/Calcolítico).

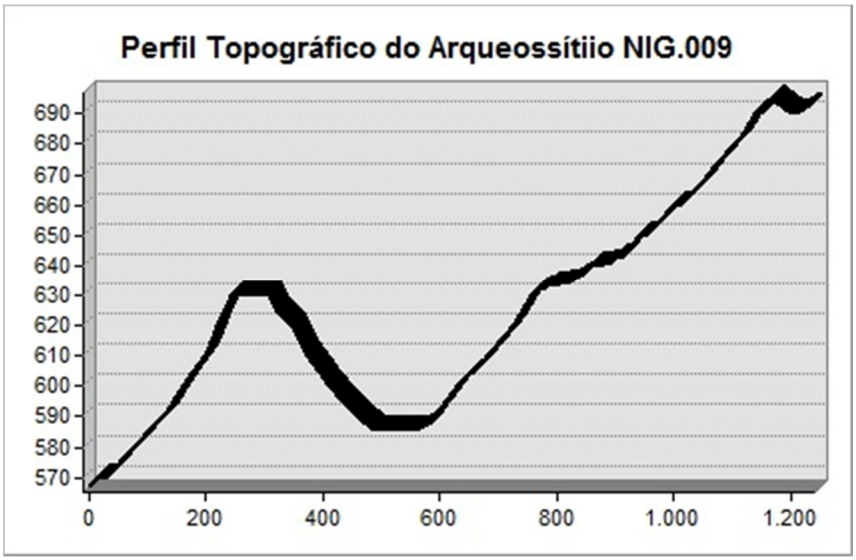
G – Estamos perante um monumento de valor excepcional, com grande importância para a compreensão da paisagem arqueológica local e regional no que concerne à ocupação desta área da serra durante a Pré-História Recente, em particular sobre a expressão do fenómeno megalítico. Embora todas as câmaras tenham sido parcialmente violadas, apresentam-se ainda em bom estado, conservando-se a quase totalidade dos *tumuli*. Como termo de comparação, refira-se que são os maiores de todos os monumentos deste tipo que se conhecem na serra Amarela. A existência de estruturas periféricas associadas reforça o valor do monumento e acresce ainda mais a importância do sítio, que não está sujeito a qualquer ameaça eminente, para além dos riscos de vandalismo ou de eventual florestação. Para além de justificar uma classificação individualizada como Imóvel de Interesse Público, bem como a definição de uma área especial de protecção, este monumento deve ser objecto de um projecto específico de estudo, conservação e aproveitamento. O Plano de Ordenamento do Parque aponta neste sentido, com algumas variações (PO-PNPG 1995:74 e 78-79)).

H - InvArqPNPG (fichas nº 071, 072, 073, 074 e 075). Estampas IXa, IXb, IXc e IXd.

Estampa IXa



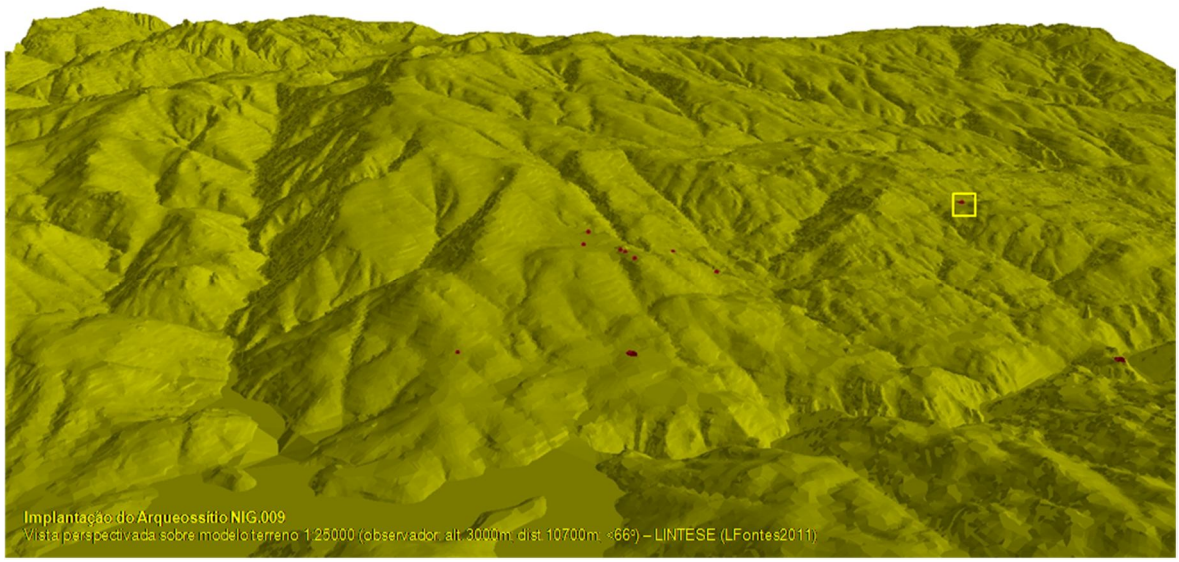
Localização de Arqueossítio NIG.009 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa IXb



Localização de Arqueossítio NIG.009 extracto da Orto_17_3_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa IXc



fotoNIG009a – Panorâmica da Chã de Torrões, vista de Sul



fotoNIG009b – Panorâmica da Chã de Torrões, vista de Oeste

Estampa IXd



fotoNIG009c – estrutura 1



fotoNIG009d - estrutura 2



fotoNIG009e – estrutura 2



fotoNIG009f - estrutura 3



fotoNIG009g - estrutura 4



fotoNIG009h – estruturas 4 e 5 (ao fundo)

A - **A Cidade** (**NIG.010**) - Leira do Santo

B – Povoado fortificado

C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=190803,38 / Y=543965,14 / Z=210; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se num cabeço alcandorado sobre a margem esquerda do rio Lima. Destaca-se do "plateau" que a Sudoeste se estende até à aldeia de Cidadelhe, sendo pelos outros lados contornado pelo rio que corre quase 100 m mais abaixo em leito profundamente escavado, com margens rochosas e escarpadas praticamente inacessíveis. Duas pequenas linhas de água, a SO e SE, acentuam a configuração de cabeço-esporão.
Exposto a poente e em posição dominante relativamente à área envolvente, a visibilidade para o lado do rio é limitada pela sinuosidade do seu curso e pelo escarpado das margens (Cabeço do Bufo, Cunhas e Encosta da Cerdeira), enquanto para Sul se estende a toda a vertente da serra Amarela até à Louriça. Não se evidenciam condições erosivas, podendo até considerar-se a existência de alguma sedimentação potenciada pela configuração geral sub-circular do terreno, armado naturalmente em dois andares superiores concêntricos e vários pequenos socalcos artificiais na vertente este, lado abrigado onde se verificam condições micro-climáticas de excepção.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em caos de blocos. A pedregosidade é mediana, destacando-se alguns blocos maiores dispersos por todo o terreno e algumas concentrações localizadas de calhaus com alinhamentos irregulares.
Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal dominada por arbustivas bastante desenvolvidas (giestas e tojos) e árvores dispersas ou em pequenas manchas (carvalhos e sobreiros). Mais para Sul ficam barracos pétreos para guarda de alfaias e de feno, antecedendo os socalcos agricultados que se estendem até à aldeia de Cidadelhe.
Da povoação parte o caminho (lajeado e/ou de pé posto) que dá acesso a este sítio arqueológico, que não está sinalizado.

E - A configuração topográfica natural do sítio é acentuada artificialmente no lado sul através de um talude feito com cascalho, calhaus e terra, separando bem o morro do "plateau", exactamente pelo lado de mais fácil acesso. Ocupa uma área aproximada de 4000 m^2. Na plataforma superior, de forma geral circular, também parcialmente definida por um valado de pedra e terra, identificam-se alguns alinhamentos artificiais de calhaus. Na plataforma baixa, que se estende à vertente nascente, existem socalcos artificiais com aglomerados irregulares de calhaus. Por toda a área, à superfície, recolhem-se raros fragmentos de cerâmica de construção (*tegula*) e doméstica (fabricos 'indígenas').

O sítio mereceu já a curiosidade do antigo pároco de Lindoso, Manuel Magalhães dos Santos e de alguns moradores de Cidadelhe, que aí recolheram alguns fragmentos de cerâmica na escavação de pequenos covachos (Santos, 2001:25). Referem-se ainda umas escadinhas abertas na rocha na ravina para o rio, que não conseguimos localizar. Significativo é também o topónimo principal através do qual a população designa o sítio, que é "A Cidade", denunciador do reconhecimento de uma antiga e importante povoação.

Relacionamos ainda com este arqueossítio a "figura de pedra sem cabeça, nem mãos, nem pés, que passárão para junto da capella do Rosario, e tinha um escudo no peito", conforme descreve J. A. Almeida, citado por Leite de Vasconcelos (1989: 57), a qual fizemos corresponder à estela com togado que oportunamente estudámos (Fontes, 2003) – ver NIG.015.

A peça foi encontrada em 1992, nos anexos abandonados da residência paroquial e terá sido aí recolhida por influência do abade António Toscano de Lima, com o intuito de acabar com uma prática cultual pouco ortodoxa, como relata José Avelino de Almeida em 1866, citado por Leite de Vasconcelos, como se transcreve mais abaixo. Terá sido esta peça que, posteriormente, Leite de Vasconcelos noticiou identificando-a com uma estátua de guerreiro, que deu como proveniente de Britelo, Ponte da Barca.

Efectivamente, todos os trabalhos arqueológicos que assinalam a existência de uma estátua de guerreiro em Britelo têm por referência o inventário publicado por J. Leite de Vasconcelos em 1913, no volume III, p.57, da sua obra *Religiões da Lusitânia*. Aí se escreve "(...) 8. Estatua achada em S. Martinho de Britello. Fallando de Britello, freguesia em que há um sitio chamado *Cidadelha*, junto a Lindoso, concelho da Ponte da Barca, diz J.A. Almeida: << Na Veiga do Vão da

Lage estava uma figura de pedra >> sem cabeça, nem mãos, nem pés, que passárão para junto >> da capella do Rosario, e tinha um escudo no peito. >> Quando querião chuva, ião os moradores, cantando a la->> dainha, e a punhão de bruços; no prestito devião ir tres>> Marias virgens. Querendo sol, a punhão de costas. Tirou>> este abuso o abbade Antonio Toscano de Lima>> (...)"[1].

Como indica em nota de rodapé, Leite de Vasconcelos cita o *Diccionário abreviado de corographia, topographia e archeologia das cidades, villas e aldeias de Portugal*, de 1866, de J. A. de Almeida. Ora, aí confundem-se alguns topónimos e localizações – Cidadelhe é uma aldeia da freguesia de Lindoso, localizando-se entre esta e Britelo; em Cidadelhe existe um topónimo de Chão da Lage, e não Vão da Lage, que é um terreno situado entre a aldeia e o sítio arqueológico romano chamado A Cidade. Portanto, a peça referenciada deve dar-se como proveniente do sítio de Chão da Lage, lugar de Cidadelhe, freguesia de Lindoso, concelho de Ponte da Barca.

Um segundo aspecto respeita à classificação da peça: Leite de Vasconcelos interpreta a descrição de J.A. de Almeida como reportando-se a uma estátua de guerreiro galaico-romano. Note-se, contudo, que nunca a viu, aceitando até a suposição de que tenha sido destruída pelo abade. Significa isto que, face à descrição elementar de J.A. de Almeida, poderia tratar-se de um outro tipo de escultura, até porque o contexto arqueológico é de 'romanização' e não "castrejo", o que Leite de Vasconcelos parece ignorar.

Reafirmamos a nossa opinião que a referida peça corresponde à "estátua" referenciada por J. A. de Almeida: porque possui atributos que aceitam a descrição feita em 1866; e por se encontrar arrecadada nos anexos da residência paroquial de Lindoso, o que concorda com a retirada da dita "estátua" do altar colateral da igreja de Lindoso, precisamente dedicado a Nossa Senhora do Rosário e onde a população a terá recolhido (a referência à Senhora do Rosário é explícita, não admitindo qualquer confusão com a capela de Cidadelhe, dedicada a São Sebastião).

[1] Nos registos paroquiais do século XIX relativos a Lindoso e a Britelo, conservados no Arquivo Distrital de Viana do Castelo, não se regista qualquer abade António Toscano de Lima. Admitimos que possa tratar-se de um visitador escrupuloso, a quem a prática de "rezar à pedra" se terá afigurado próxima de hábitos pagãos, determinando por isso a sua interdição. A permanência destas práticas religiosas não pode deixar de nos trazer à memória as recomendações de São Martinho, bispo de Braga e Dume, que já no século VI se insurgia contra a permanência de práticas cultuais que considerava não corresponderem aos preceitos cristãos.

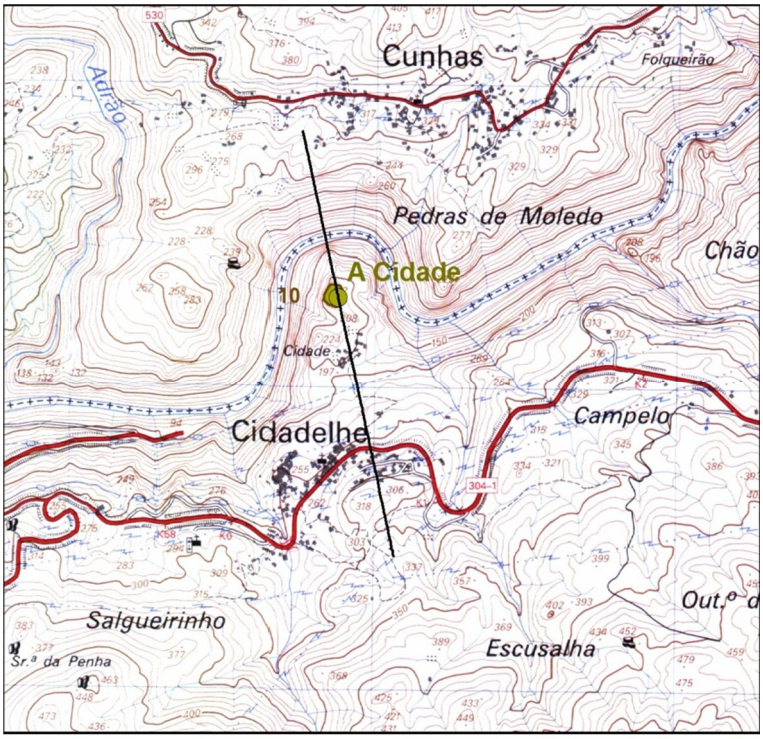
F – Pela sua implantação paisagística, pelas características topográficas e pelos poucos fragmentos de cerâmica que observamos, nomeadamente produções micáceas "indígenas" e *tegula*, interpretamos este sítio, embora com reservas, como um povoado fortificado da Idade do Ferro, romanizado, à semelhança de muitos outros pequenos "castros" minhotos, situando-o cronologicamente e de um modo genérico na transição e primeiros séculos da nossa era.

G - Este arqueossítio contém potenciais vestígios de estruturas e de estratigrafias antrópica e paleoambiental, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo, que deve manter-se sem agricultura, embora fosse conveniente controlar o crescimento arbustivo. Com bastante interesse para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação e linhas de trânsito no território durante a época de domínio romano, estes vestígios constituem um recurso de grande valor, sendo o seu estudo imprescindível para a compreensão das modalidades de povoamento e estratégias de exploração do território. Deverá por isso ser objecto de trabalhos de limpeza, levantamento topográfico e mesmo de escavação, tendo em vista confirmar a sua importância. Em caso afirmativo justificar-se-ia a classificação específica do sítio como Imóvel de Interesse Público.

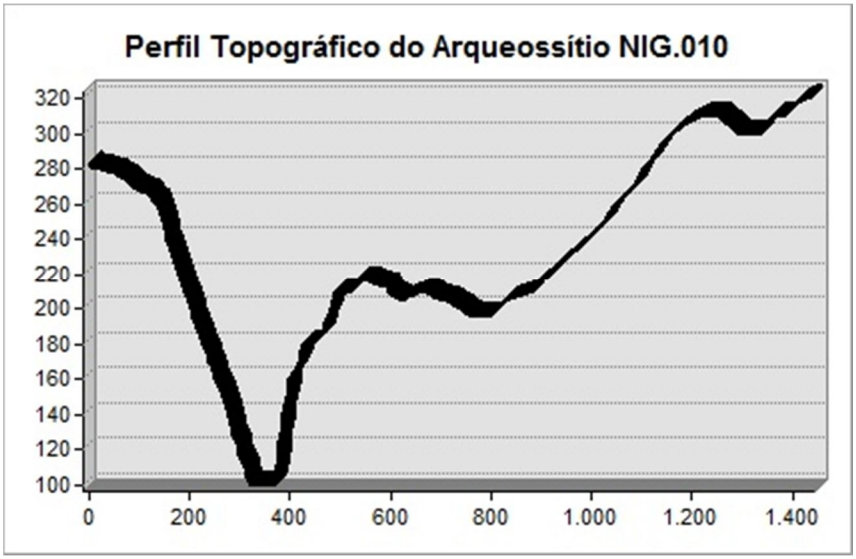
H – Costa, 1706:213; Dionísio, 1965:919; Silva, 1986:76[2]; Santos, 2001:25; Fontes, 2003. Estampas Xa, Xb e Xc.

[2] Armando Coelho Ferreira da Silva associa os topónimos Cidadelhe e Castro, que faz corresponder a um povoado fortificado o qual, erradamente, por seguir VASCONCELOS 1989: 57, situa na freguesia de Britelo.

Estampa Xa



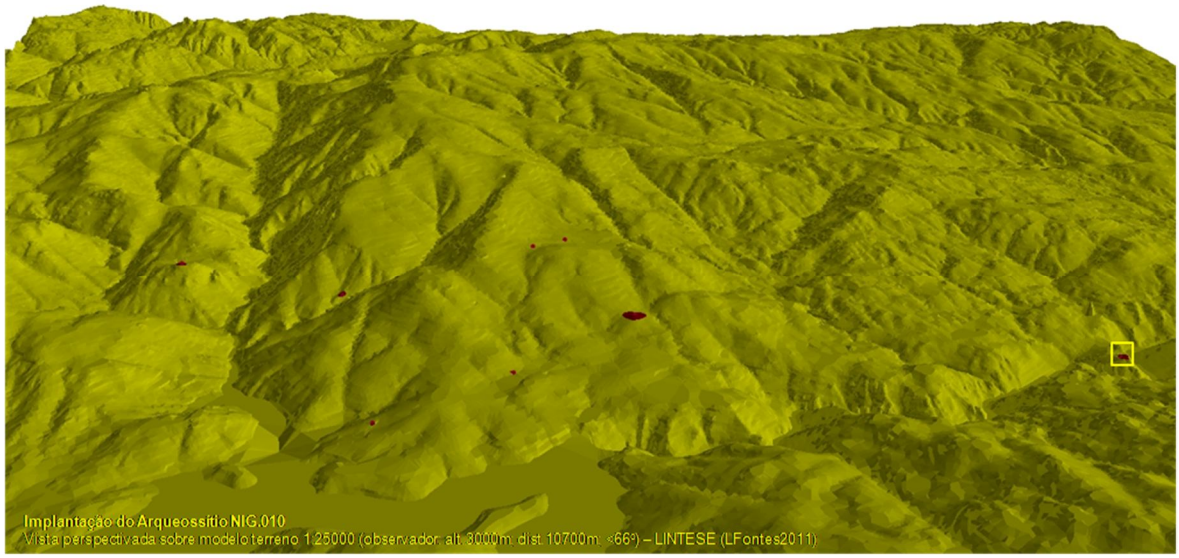
Localização de Arqueossítio NIG.010 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa Xb



Localização de Arqueossítio NIG.010 extracto da Orto_17_3_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa Xc



fotoNIG010a – Panorâmica de A Cidade, vista de Sul



fotoNIG010b – Panorâmica de A Cidade, vista de Oeste



fotoNIG010c – Perspectiva da muralha de A Cidade

A - **Chã do Fojo** (**NIG.011**) - Candorcas

B - Arte rupestre

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194858,29 / Y=543810,09 / X=525; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se a meia vertente no início de uma pequena plataforma sobranceira pelo lado nascente à povoação de Lindoso. É já na encosta norte do monte Forcão, de onde se domina visualmente toda a ampla rechã do Lindoso e encostas das elevações que a abrigam a Sudoeste, sobressaindo os outeiros de Cheira e Peixerrão. Para NO, N e NE abarca-se a confluência dos rios Laboreiro e Cabril no Lima, sobressaindo em plano mais recuado e progressivamente mais difuso as massas montanhosas da serra da Peneda e do planalto de Castro Laboreiro.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, destacando-se alguns blocos dispersos por todo o terreno, que se apresenta o terreno muito revolvido. Não se evidenciam condições de sedimentação, observando-se até alguma perda de solo.
O local é inculto onde o gado pasta livremente, apresentando uma cobertura vegetal rasteira, dominada por tojo, urze e herbáceas. A meio da pendente, o sítio está globalmente exposto a Norte, sendo cruzado por inúmeros caminhos parcialmente lajeados e carreiros de pé posto.
O acesso ao sítio pode fazer-se por estes caminhos e carreiros, ainda em uso, ou pela estrada florestal Lindoso/Louriça. Não existe sinalização.

E - Trata-se de um afloramento granítico, com as seguintes dimensões aproximadas na parte a descoberto: 2 m de comprimento e 1,70 m de largura. Tem uma forma geral triangular, com o eixo maior orientado N-S. Na banda sudoeste o limite corresponde a uma linha de fractura.
Mais ou menos centrada na laje encontra-se uma gravura rupestre muito erodida, obtida por picotagem. Identifica-se bem uma composição formada por sulcos largos (0,025 m) mas pouco profundos (menos de 1 centímetro), que aparentam desenhar quatro círculos, apresentando-se dois deles preenchidos com covinhas e os outros dois vazios. Três dos círculos estão alinhados N-S, acoplando-se o

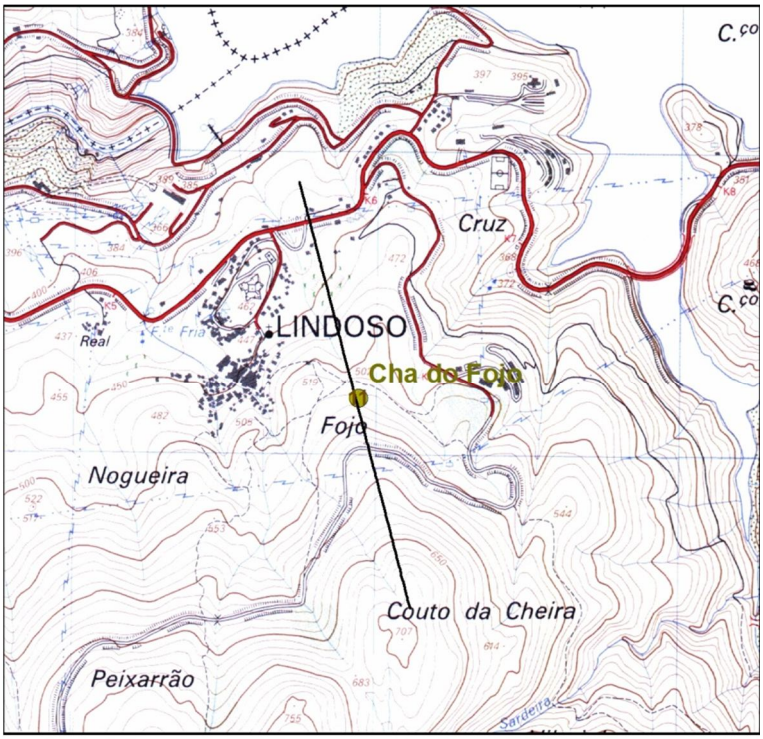
quarto no lado Este, ao centro. Uma linha une o topo da composição à sua base, pelo lado poente, abrangendo mais algumas covinhas gravadas fora dos círculos. Exteriores à composição, exactamente nos extremos Norte e Sul, duas covinhas parecem definir um eixo para o desenho.
Cerca de seis metros para Sudeste localiza-se outro afloramento granítico, no topo do qual foi gravada, por abrasão, uma pequena cruz (braços com cerca de 10 cm).

F – Trata-se de manifestações artísticas de significado inapreensível. O motivo identificado no primeiro afloramento assemelha-se bastante, pelas características formais, aos motivos gravados na rocha central de Traz do Colado (NIG.007), integrando-se assim numa tipologia atribuível genericamente à Idade do Bronze (Baptista, 1981 e 1984), o que concorda com o contexto arqueológico próximo, nomeadamente o habitat de Chão da Pesquita e os arqueossítios com arte rupestre de Porto Chão, para os quais propusemos um horizonte cronológico em torno do IIº milénio a.C. (Bronze Médio/Final). Quanto à cruz gravada no segundo afloramento, talvez se trate da marca da sacralização do lugar, feita já em tempos cristãos.

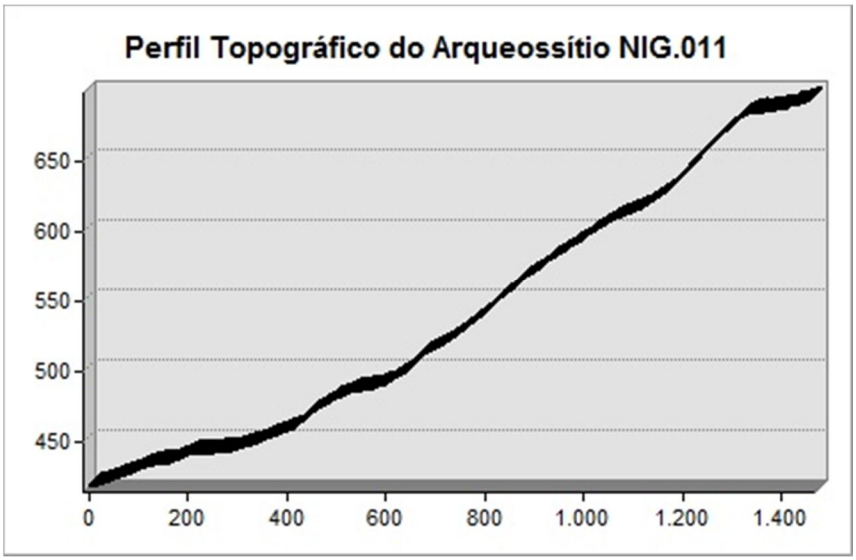
G - Este monumento tenderá a desaparecer devido à forte erosão das superfícies dos afloramentos graníticos causada pela fraca resistência às condições ambientais (chuva, frio, musgos e líquenes). A sua conservação é difícil. Vestígio modesto, interessa à compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à organização local do povoamento e difusão regional da arte rupestre. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado na área de protecção do complexo arqueológico de Lindoso.

H - Inédito. Estampas XIa, XIb e XIc.

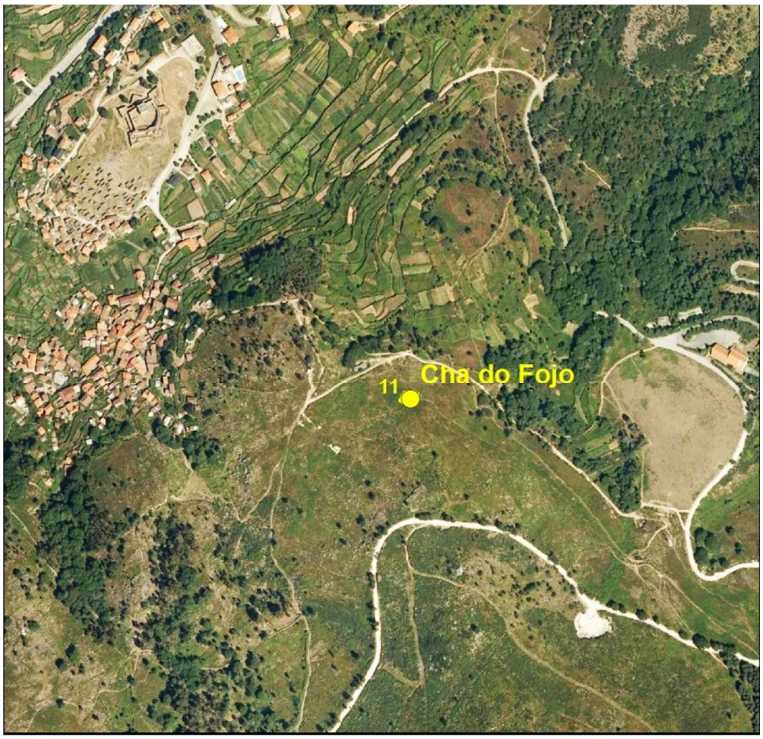
Estampa XIa



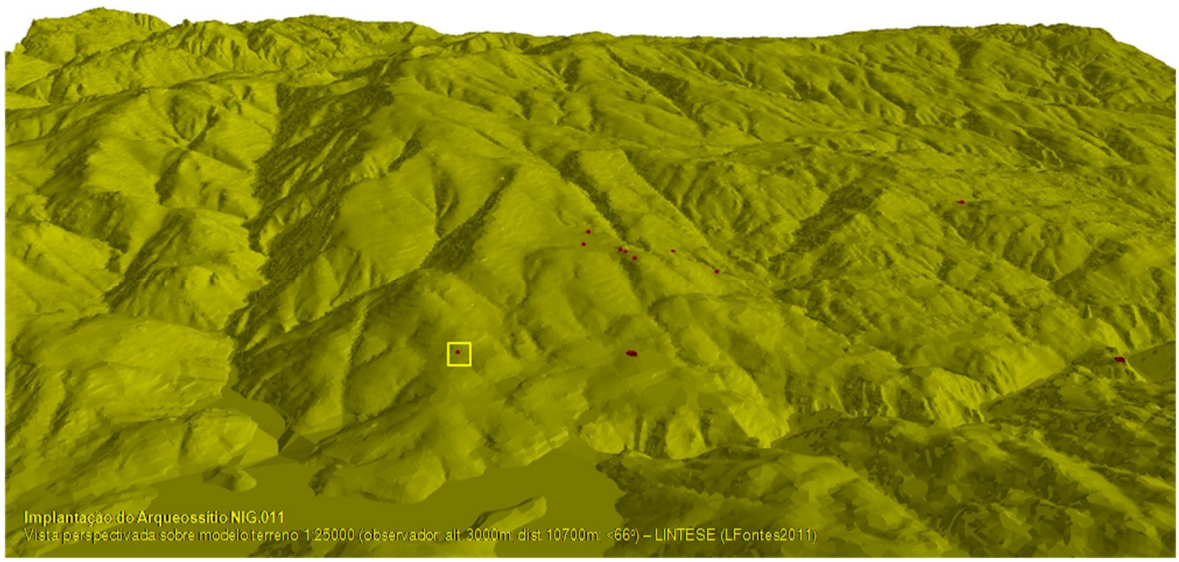
Localização de Arqueossítio NIG.011 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIb



Localização de Arqueossítio NIG.011 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIc



fotoNIG011a – Perspectiva da laje gravada, vista de Sul



fotoNIG011b – Pormenor da gravura

A - **Torre Grande** (**NIG.012**) - Torre

B - Povoado

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196554,05 / Y=542351,82 / Z=670; Lindoso

D - Este arqueossítio fica no topo de um maciço granítico que sobressai na margem direita do rio Cabril, dominando a confluência do seu tributário ribeiro do Gavião. Isolado da vertente da serra pela corga das Pereiras no lado nascente e por uma chã com pequena linha de água a Sul, o maciço é coroado por um extenso afloramento granítico, que cai em escarpa para poente sobre o rio Cabril, destacando-se desse lado o inacessível pico da Torre Pequena.
Exposto a todos os quadrantes, apresenta-se em posição dominante relativamente à área envolvente, com ampla visibilidade sobre o trecho final do vale do rio Cabril. Para montante a visibilidade é cortada pela sinuosidade das margens escarpadas, destacando-se na margem esquerda as fragas da ribeira da Escada. A Sul domina o cabeço da Colá da Bruta.
As condições de erosão acentuada são evidentes, tanto no cume que se apresenta descarnado como nas vertentes onde se identificam fenómenos de solifluxão (as “quebradas”). As condições favoráveis à sedimentação limitam-se aos pequenos espaços entre fragas. O substrato geológico granítico (mancha do Gerês) aflora em extensas manchas e em caos de blocos. A pedregosidade é elevada.
Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivos pouco desenvolvidos (urzes e carqueja). Entre as fragas e a meia encosta subsistem alguns carvalhos de pequeno porte e pequenas manchas de medronheiros.
O acesso ao local faz-se por caminho carreteiro da povoação de Lindoso até à passagem do rio Cabril em Porto Maceira (ver NIG.080), e daí até à cabana de Gavião e cume da Torre, com maior dificuldade, por caminho de pé posto. O sítio não está sinalizado.

E - Nas pequenas “conchas” abrigadas entre fragas, ou junto de blocos de maiores dimensões, distribuindo-se por uma área com cerca de 3000 m^2,

encontram-se restos de construções de planta rectangular, formadas por paredes de blocos e lajes graníticas simplesmente alinhados, definindo uma ou duas divisões. Em vários afloramentos conservam-se rasgos para encaixe de madeiramentos. Nos lados sul e este, alguns muretes fecham aberturas entre rochas ou reforçam a elevação de fragas, delimitando perifericamente a plataforma superior do sítio.

Nas zonas com vestígios de estruturas regista-se alguma sedimentação antrópica, encontrando-se com facilidade fragmentos de cerâmica doméstica comum e de construção (*tegulae*). Relevante é também o topónimo "Torre", através do qual a população designa o sítio, sugerindo um significado militar de vigilância e controle.

F - Este monumento foi já objecto de apreciação por parte de A.M. Baptista (1990:12), arqueólogo do PNPG, que o classificou como povoado não fortificado, de época romana ou altomedieval.

Com base nos vestígios que se podem observar e reavaliando as características de implantação topográfico-paisagística, entendemos que se trata de um povoado com fortificação incipiente, cuja função inicial seria assegurar o controle da passagem do rio Cabril, tanto em direcção ao baixo vale do Lima (via natural de comunicação), como em direcção à portela do Ramisquedo, por onde se acede ao vale do rio Homem, vale pelo qual passava a *Via Nova* ou "Jeira", importante eixo viário romano que ligava *Bracara* a *Asturica*.

Contudo, o quadro regional de pacificação e desenvolvimento que se reconhece para o primeiro século da nossa era, permite-nos propor uma mudança da função inicial de vigilância e controle militar para uma possível actividade cada vez mais orientada para a exploração dos recursos da serra (pastos e madeiras). Nesta perspectiva teria paralelo no povoado a Sudeste do castelo de Castro Laboreiro, tal como A.M. Baptista já havia sugerido e posteriormente Alexandra Lima sublinhou (1996: 84-88).

Com base na contextualização arqueológica (tipo de estruturas e de espólio cerâmico) propomos para este povoado uma ocupação compreendida entre os

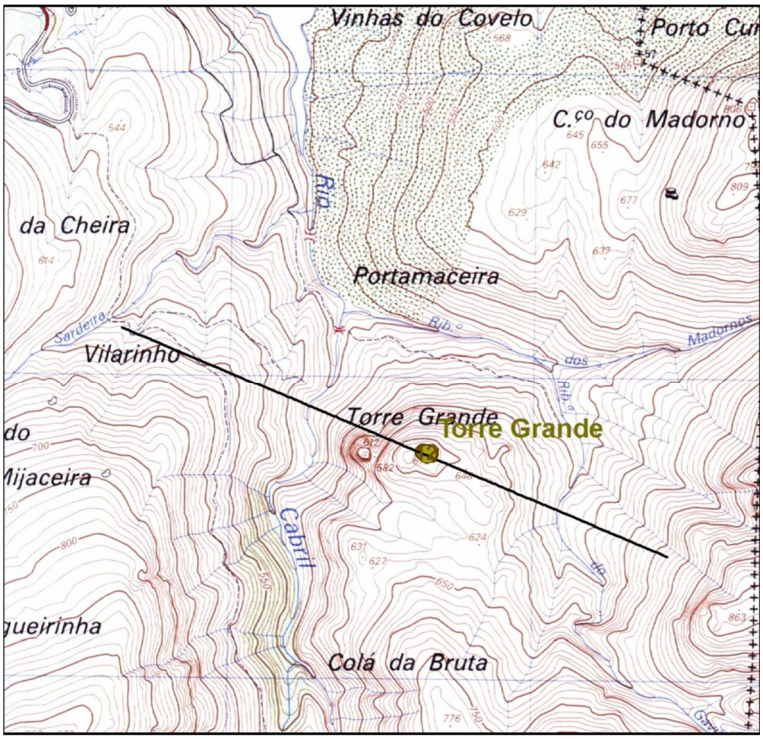
séculos I-II e V-VI[3], aceitando-se que posteriormente tenha conhecido uma ocupação episódica (ver Chã da Torre.1 - NIG.019).
A importância desta zona como local de passagem manteve-se ao longo da Idade Média e chegou aos tempos modernos, como transparece das Inquirições de 1258, onde se determina a guarda do porto de Cabril (PMH.Inq.,1258: 414), e dos trabalhos de reforço defensivo da fronteira nos inícios do século XIX, para prevenir as ameaças das invasões francesas.

G - Apesar de se encontrar muito destruído, este monumento contém alguns vestígios de estruturas e de estratigrafias antrópica e paleoambiental importantes, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo local, que é intensa. Com bastante interesse para a compreensão da paisagem arqueológica regional, particularmente no que concerne às linhas de trânsito e exploração dos espaços serranos durante a romanização, estes vestígios constituem um recurso de grande valor, devendo por isso ser objecto de estudo (trabalhos de limpeza, levantamento topográfico e escavação). O Plano de Ordenamento do PNPG prevê a sua classificação como Imóvel de Interesse Público (PO-PNPG 1995:76).

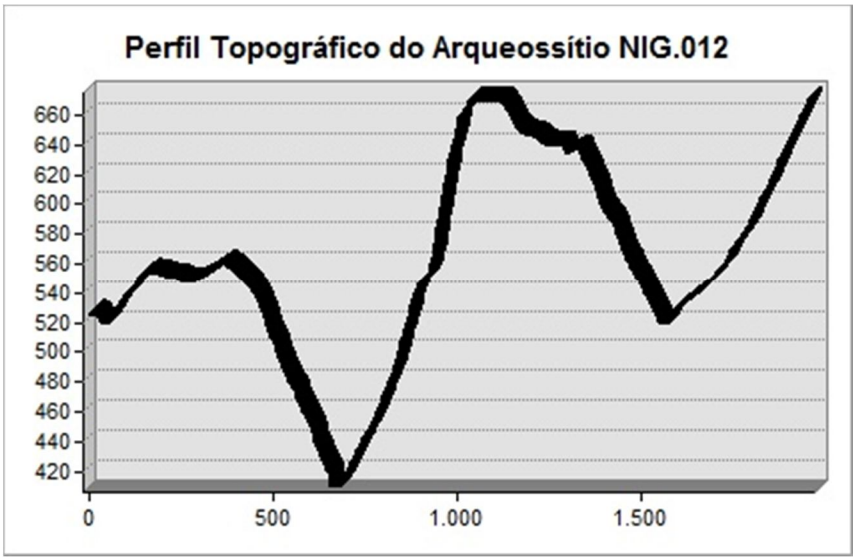
H – Baptista, 1990:12; Barreiros, 1961:figuras; Lima, 1996. Estampas XIIa, XIIb e XIIc.

[3] Esta proposta é extensível ao povoado a Sudeste do castelo de Castro Laboreiro, em cujas cerâmicas julgamos identificar paralelos com as recolhidas no povoado de Cabeço de Leijó, Lindoso (ao nível dos tipos de pastas, grosseiras, e tratamento das superfícies, tipo "penteadas"). Alertamos, porém, para a debilidade das analogias ao nível das cerâmicas, pois do povoado de Castro Laboreiro conhecem-se muito poucos fragmentos, de dimensões diminutas e sem qualquer forma completa - esta circunstância terá levado Alexandra Lima a não reconhecer qualquer semelhança entre as cerâmicas das duas estações arqueológicas (1996: 89 – nota 14).

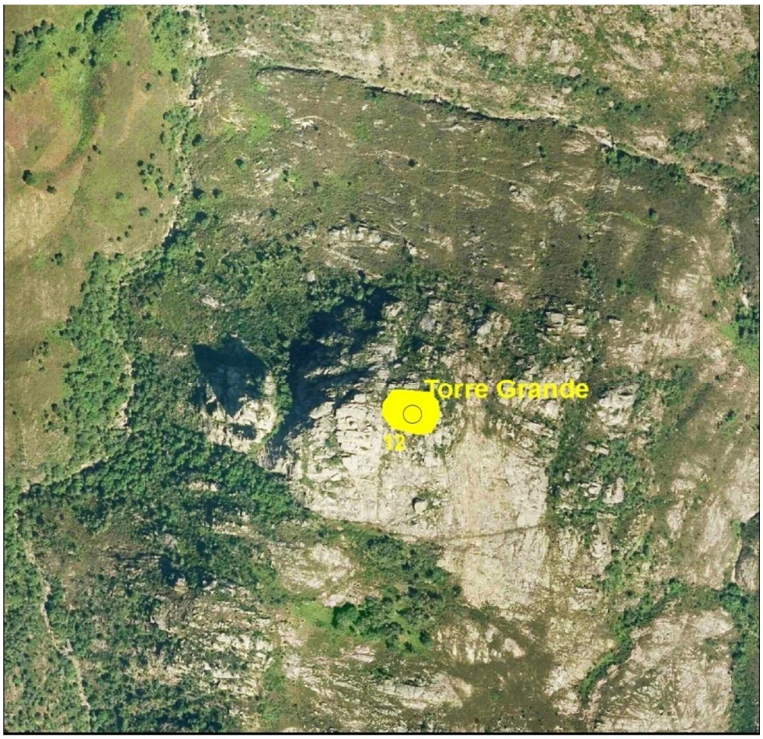
Estampa XIIa



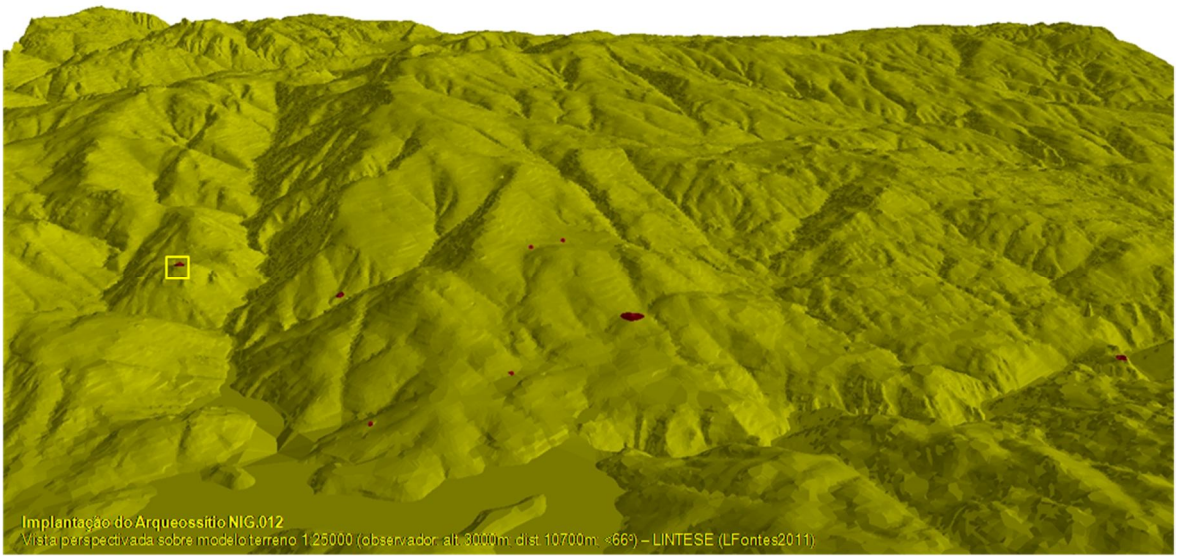
Localização de Arqueossítio NIG.012 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIIb



Localização de Arqueossítio NIG.012 extracto da Orto_17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIIc



fotoNIG012a – Panorâmica da Torre Grande, vista de Noroeste



fotoNIG012b – Pormenor de estruturas visíveis



fotoNIG012c – Pormenor de estruturas visíveis

A - **Vilarinho.1** (**NIG.013**) - Vilarinho

B - Habitat

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195539,34 / Y=542767,91 / Z=525; Lindoso

D - Este arqueossítio localiza-se no ressalto convexo de uma vertente de forte pendor. Sensivelmente a meio da encosta das Gralheiras, na margem direita da Corga da Cerdeira, o local é limitado a nascente pela Corga de Vilarinho, ficando sobranceiro à confluência destas duas linhas de água, que se juntam cerca de 120 m mais abaixo.
Exposto a Nordeste, oferece boa visibilidade sobre o terço final do vale do rio Cabril e sua zona de confluência com o rio Lima. Para os outros quadrantes a visibilidade é limitada às encostas do Forcão e Gralheiras, que abrigam o sítio de Noroeste e de Sul.
O substrato geológico é xistento, apresentando-se os terrenos contíguos armados em socalcos, o que confere boas condições de sedimentação, conforme ilustra o solo espesso, rico em matéria orgânica, que suporta uma cobertura vegetal rasteira, com domínio de fetos e herbáceas. Na zona de confluência das linhas de água subsiste uma boa mancha de sobreiros, parcialmente destruída há poucos anos por um incêndio. Com uma pedregosidade baixa, o terreno é usado como prado natural.
O acesso pode fazer-se por um bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra (ver NIG.045 e NIG.081), ligando a povoação de Lindoso à Ínsua (no vale do rio Cabril). Não existe sinalização.

E - Os terraços são artificiais, suportados por muretes de mamposteria visíveis em alguns troços. Um desses terraços prolonga-se mais que os outros, salientando-se da encosta em forma de esporão. Aí observa-se um grande aglomerado de blocos graníticos com uma face toscamente afeiçoada, com alguns alinhamentos incipientes reveladores da existência de estruturas soterradas. O arqueossítio abrange uma área com cerca de 1000 m^2.
Neste local recolheram-se, para além de fragmentos de cerâmica doméstica comum, um grande fragmento de púcaro de pasta de textura fina e carga de

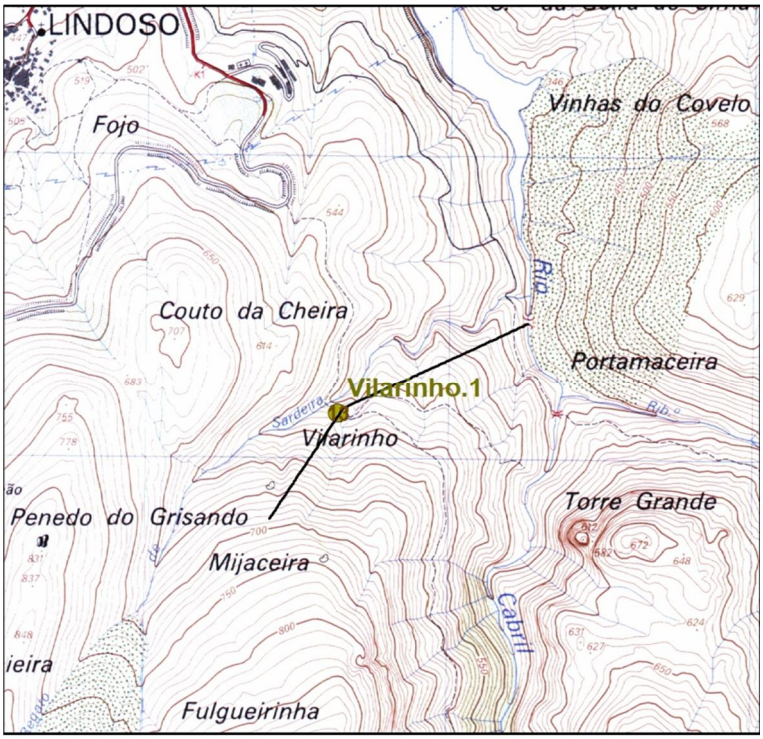
grãos muito finos de quartzo, de cor beije alaranjada com cerne por vezes avermelhado, apresentando marcas incipientes de torno na superfície interior e de engobe vermelho na exterior, com sinais de brunimento. Para além destes vestígios materiais, releva o topónimo Vilarinho, termo de origem latina que serviu para designar uma pequena herdade ou casal rural (Viterbo, 1984:632-633).

F - Interpretamos os vestígios observados como restos de um estabelecimento agro-pastoril romano, tipo casal ou pequena quinta, distinguindo-se uma parte correspondente à zona dos edifícios e outra correspondente às leiras agricultadas (os socalcos contíguos). Com base nas cerâmicas aí recolhidas, em que se destaca o fabrico romano típico do púcaro (Nolen, 1985), propomos para este local uma ocupação entre os séculos I e III.

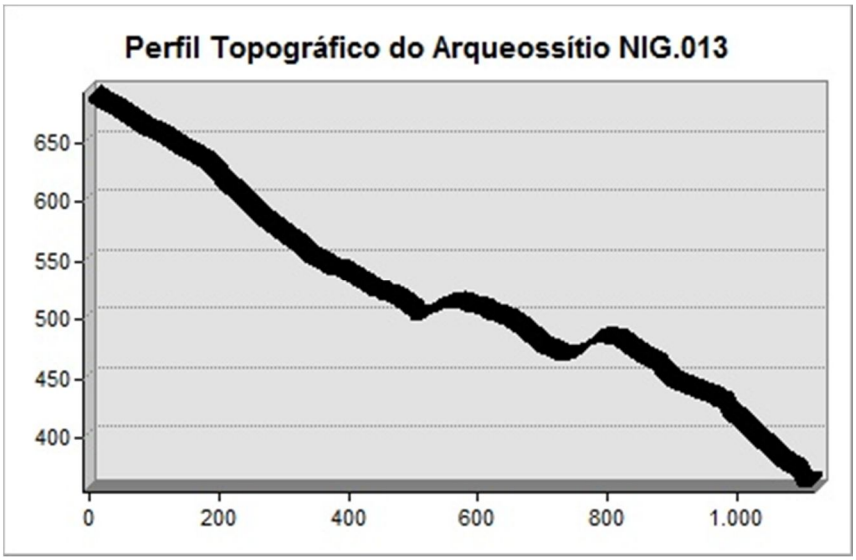
G - Estamos perante um monumento de muito valor, com grande importância para a leitura da paisagem arqueológica local e regional no que concerne à ocupação da serra durante a época de domínio romano. Embora o local registe alguma erosão, o seu estado parece ser bom, conservando-se soterrados, aparentemente, boa parte dos alicerces das edificações.
A existência de estruturas periféricas associadas à agricultura, a confirmar-se essa interpretação, acresce ainda mais a importância do monumento, pois constituirão o primeiro sítio do género que se referencia no Norte de Portugal.
Os processos erosivos constituem uma forte ameaça à preservação dos vestígios, devendo igualmente estar-se atento a eventuais riscos de florestação ou vandalismo. Para além da sua classificação individualizada e definição de uma área especial de protecção, em sede do Plano de Ordenamento do PNPG, este monumento deveria ser objecto de um projecto específico de estudo, conservação e aproveitamento.

H - Inédito. Estampas XIIIa, XIIIb e XIIIc.

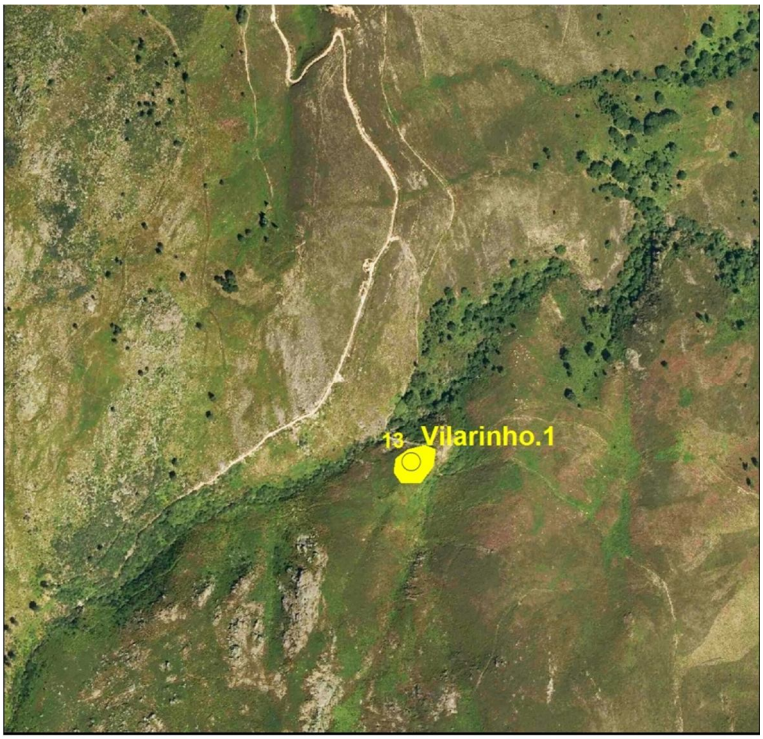
Estampa XIIIa



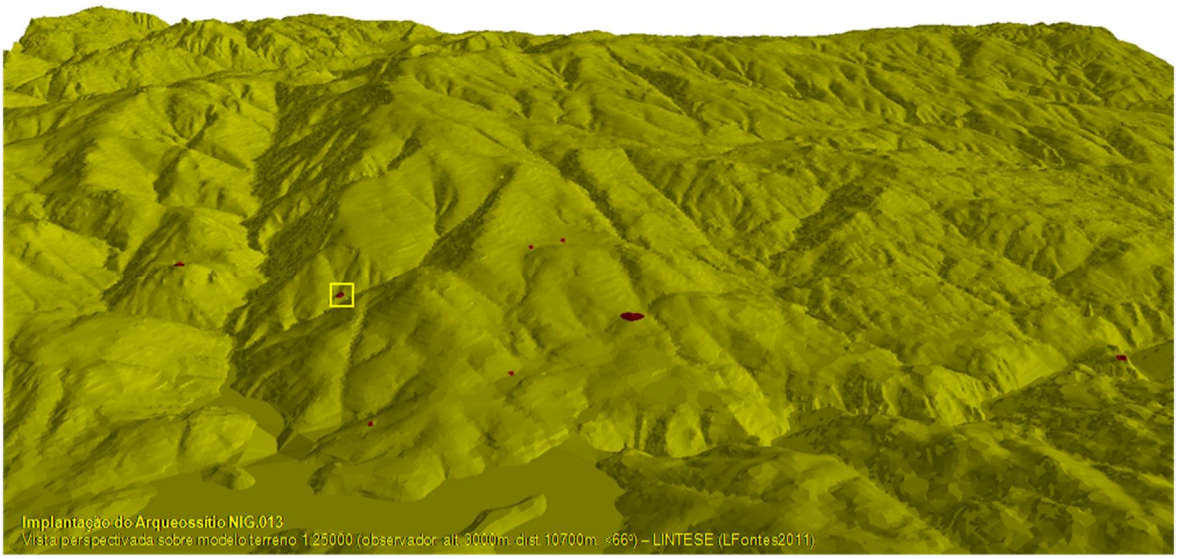
Localização de Arqueossítio NIG.013 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIIIb



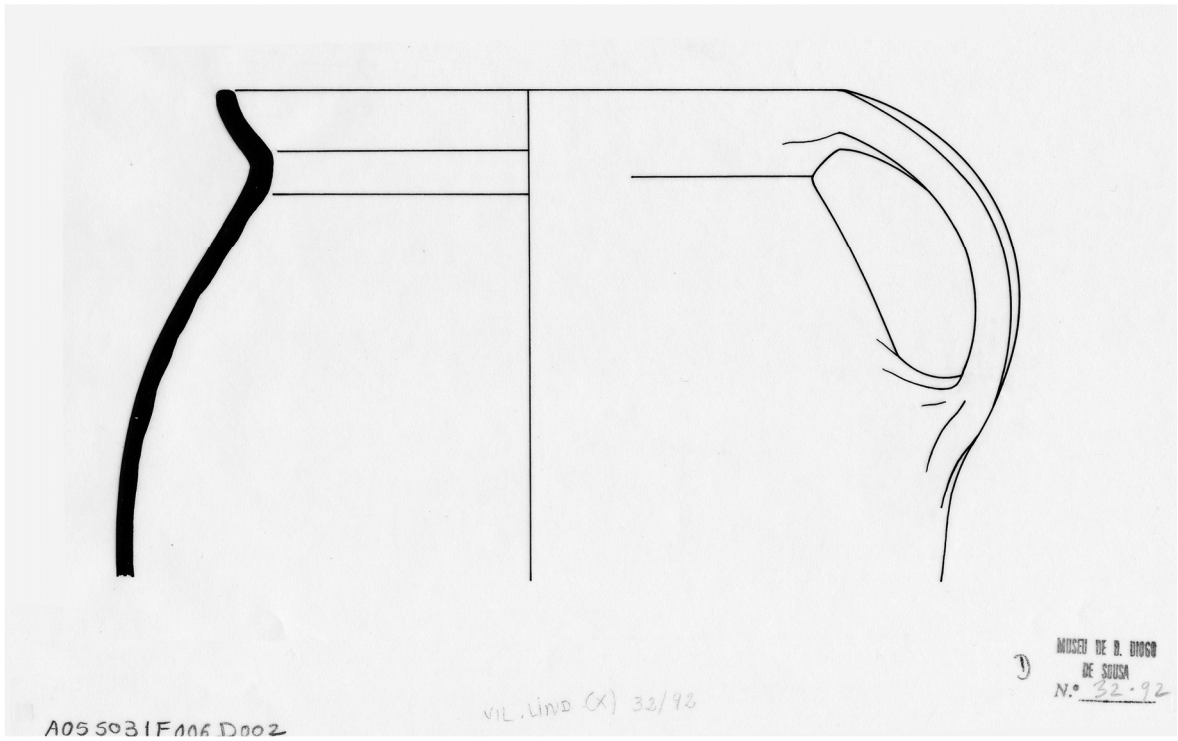
Localização de Arqueossítio NIG.013 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIIIc



fotoNIG013a – Panorâmica de Vilarinho, vista de Nordeste



desenho0010 (MDDS: 32/92) **– Púcaro de engobe alaranjado, de fabrico romano (esc. 1:1)**

A - **Torrão de Galegos** (**NIG.014**) - Torrão de Galegos

B - Enterramento (mausoléu ?)

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195331,29 / Y=544408,71 / Z=408; Lindoso

D - Este arqueossítio fica numa vertente, na parte superior da encosta que enforma o troço final da margem esquerda do rio Cabril, entre o talvegue do Fundal e o cabeço da Chã do Clérigo. Duas pequenas linhas de águas limitam o sítio a Norte e a Sul. Com uma exposição geral a nascente, daí se disfruta uma ampla vista panorâmica sobre o vale do rio Lima, desde a foz do rio Cabril até à região de Bande.
O substrato geológico é xistento, suportando um solo esquelético com uma cobertura dominada por espécies arbustivas (tojo, carqueja e urze), pequenas manchas dispersas de herbáceas e alguns carvalhos e sobreiros isolados. Com uma pedregosidade quase nula, o terreno é usado como monte (produz mato para as camas do gado).
O acesso pode fazer-se por um caminho de terra batida logo a seguir aos socalcos agrícolas da antiga Casa Florestal de Lindoso, ou pela estrada nacional junto ao topo sudeste do campo de futebol. O terreno é propriedade privada, encontrando-se vedado com esteios e fio de arame. Não está sinalizado.

E - Na sequência de informações recolhidas entre a população da aldeia de Lindoso, segundo a qual o sítio tinha já sido prospectado pelo P.e José Magalhães dos Santos, antigo pároco da freguesia, que aí tinha procedido a escavações encontrando “tijolos, uma pedra com desenhos e outra em forma de pirâmide”, seleccionamos este local para realização de sondagens arqueológicas no âmbito do projecto de “Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso” iniciado em 1991.
Na escolha deste local pesou a circunstância de termos identificado a “pirâmide de pedra” como sendo uma base de colunelo de tipologia romana, guardada na casa de um familiar do proprietário do terreno e o facto de, numa primeira visita ao local, se observarem fragmentos de *tegulae* numa área muito limitada.

Os trabalhos arqueológicos realizaram-se em 1992, abrindo-se 5 cortes de 3x3 m (45 m^2), que forneceram os seguintes resultados:

- Identificação e escavação integral dos vestígios de uma edificação de planta rectangular, com 4 m por 2,6 m (medidas calculadas com base nos recortes no xisto). Com o lado maior orientado NO / SE, apresenta uma grande cova escavada no seu interior, de planta sub-rectangular orientada longitudinalmente e cerca de 0,8 m de profundidade. A entrada seria na parede sudeste, lado para onde se prolongam as paredes laterais, com alargamento da fundação em "sapata". As paredes da edificação, em alvenaria de blocos graníticos afeiçoados e de fragmentos de tijolo e telha, alicerçavam-se directamente na rocha de xisto, através de uma vala de fundação pouco profunda.
- Recolha de abundantes fragmentos de *tegulae e imbrices*, bem como fragmentos de uma copa de vidro[4] e de uma tigela em cerâmica[5], espólio que integra actualmente a colecção do núcleo museológico do castelo de Lindoso. Não se detectaram vestígios de outras estruturas, podendo por isso dizer-se que a construção não se integrava em qualquer conjunto.

F - Trata-se dos vestígios de uma pequena edificação com paredes de alvenaria, cobertura de telhas e entrada porticada (como sugere o alargamento "em sapata" da vala de fundação e a base de colunelo aqui recolhida). Pelas características planimétricas e organizacionais que a edificação revela, interpretamos estes vestígios como restos de um mausoléu funerário romano. Com base nas características de fabrico e formais do espólio aqui recolhido propomos para este monumento uma cronologia em torno dos séculos IV-V.

---

[4] Copa com 193 mm de diâmetro na boca e parede com 1 mm de espessura, em vidro incolor com cerne verde gelo, com algumas bolhas de ar. Da forma percebe-se a pança esvazada, com duas ranhuras abaixo do bordo, sendo este polido ao torno e sublinhado exteriormente por uma ranhura. Paralelo em Alarcão et Etienne, 1976: 175-182 e 224; Pl. XXXIX, 127, onde se propõe uma cronologia tardo-romana (séculos IV-V).

[5] Tigela feita a torno, com cozedura redutora de razoável qualidade. Apresenta uma pasta de cor cinzenta a negra, com carga fina de quartzo e micas. As paredes estão bem alisadas com concentração de palhetas de moscovite à superfície. Quanto à forma apresenta pança encurvada sobre pé anular. O bordo é superiormente marcado por uma ranhura exterior. Duas outras ranhuras marcam a base do bordo, formando uma espécie de carena. A forma parece imitar formas das cinzentas paleocristãs – pelo fabrico comum poderá corresponder a uma imitação regional das produções tipo Late Romam C, o que implica uma cronologia tardo-romana compreendida entre os séculos IV e V. Paralelo em Hayes, 1972: 325.

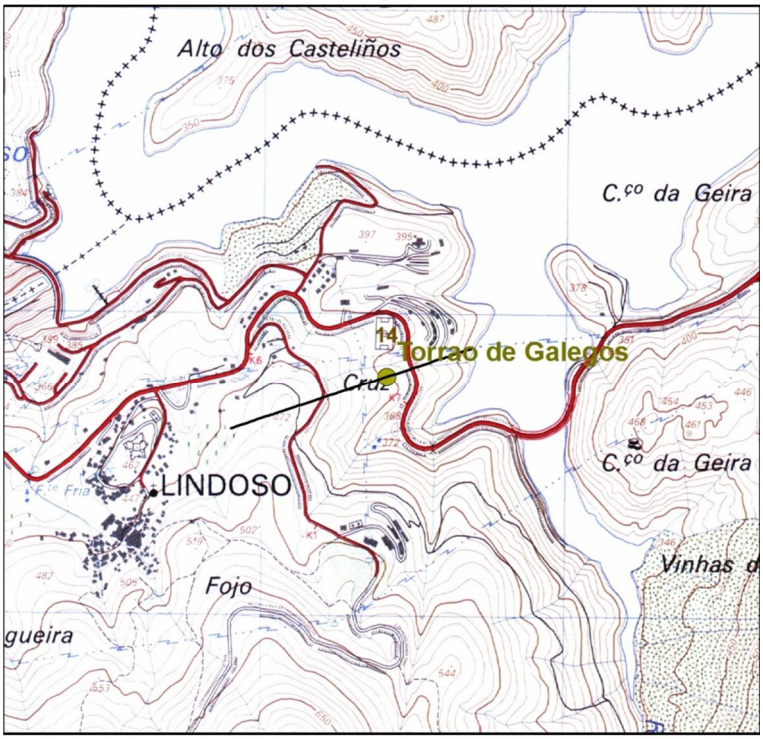
Um aspecto final que importa referir relaciona-se com o facto de o monumento marginar o caminho que actualmente serve a encosta, e que antes da albufeira levava até um grupo de moinhos junto ao rio, nas proximidades da ponte antiga sobre o Cabril. Aceitando que quando foi construído o edifício marginaria também um caminho romano, o caminho que hoje se conserva poderá corresponder ao traçado de uma antiga via romana.

G - Do monumento apenas se conservaram os alicerces e a fossa interior, vestígios que foram novamente cobertos com terra, repondo-se a topografia inicial do terreno. Actualmente nada deixa perceber a existência de ruínas arqueológicas no subsolo. A conservação do sítio não parece estar sujeita a qualquer ameaça, recomendando-se apenas que a zona próxima não seja sujeita a florestação. O monumento foi estudado, fez-se um registo minucioso de todos os vestígios e recolheu-se todo o espólio no castelo de Lindoso.
O sítio já não tem qualquer valor enquanto recurso arqueológico, pois não é susceptível de fornecer mais informação nem possui vestígios com potencial de aproveitamento *in loco*. Não se justifica a sua classificação especial, embora também não se deva aceitar a sua destruição gratuita, pois aí existiu um monumento com grande interesse para a compreensão da paisagem arqueológica na época romana, particularmente no que concerne à organização social do espaço e às linhas de trânsito no território.

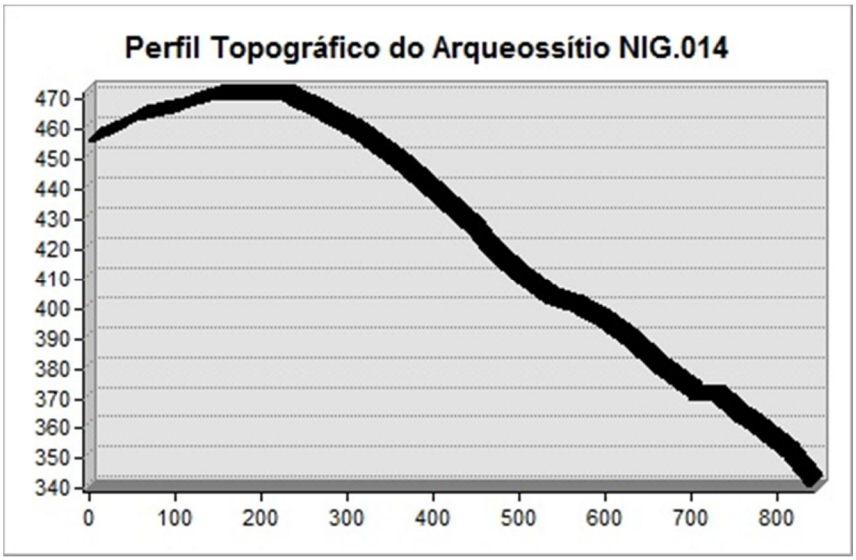
H - Fontes e Regalo, 1994:35[6]; 1997: 16-17. Estampas XIVa, XIVb, XIVc, XIVd, XIVe e XIVf.

6 Onde se propôs, erradamente, uma cronologia em torno dos sécs. I-II.

Estampa XIVa



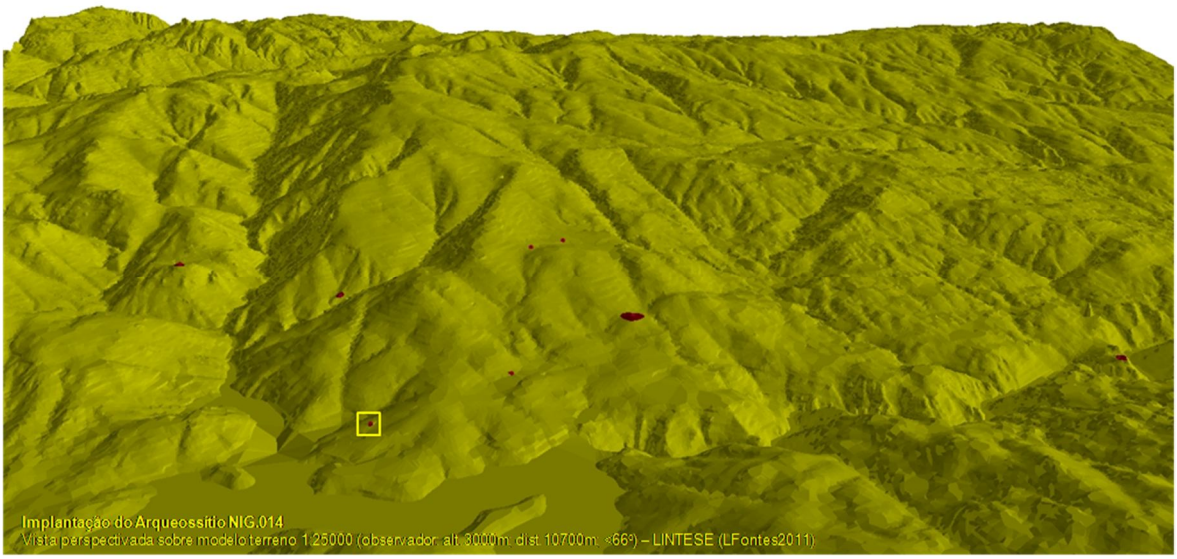
Localização de Arqueossítio NIG.014 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIVb



Localização de Arqueossítio NIG.014 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XIVc



fotoNIG014a – Panorâmica de Torrão de Galegos, vista de Nordeste



fotoNIG014b – Perspectiva do mausoléu, na fase inicial de escavação

Estampa XIVd

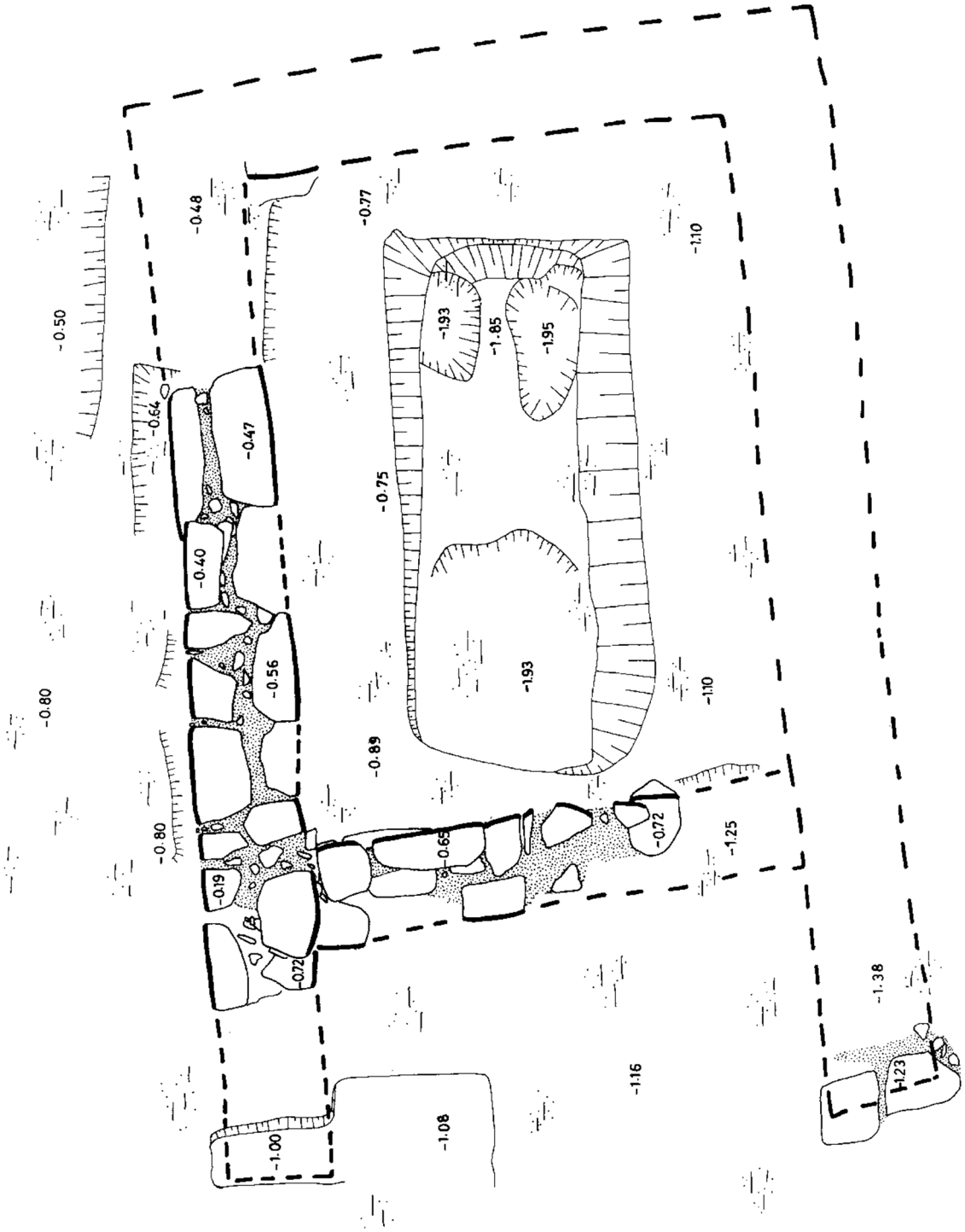


fotoNIG014c – Fase intermédia de escavação do mausoléu



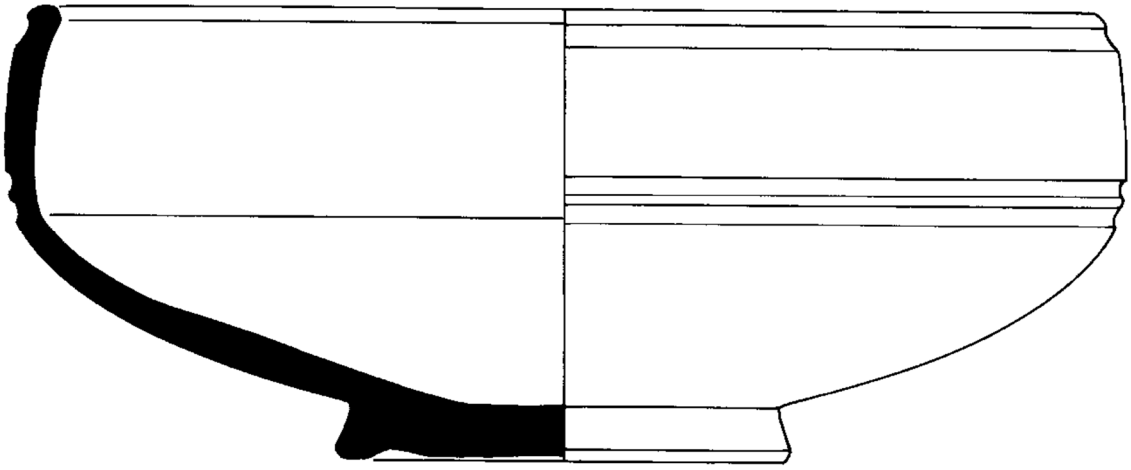
fotoNIG014d – Perspectiva final do mausoléu, após escavação

Estampa XIVe

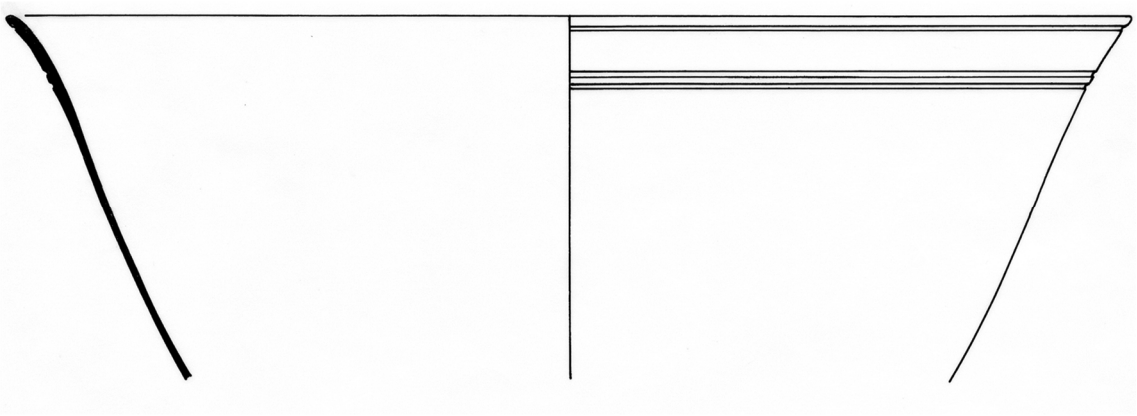


desenho0019 – Planta do mausoléu romano de Torrão de Galegos (esc. 1:20)

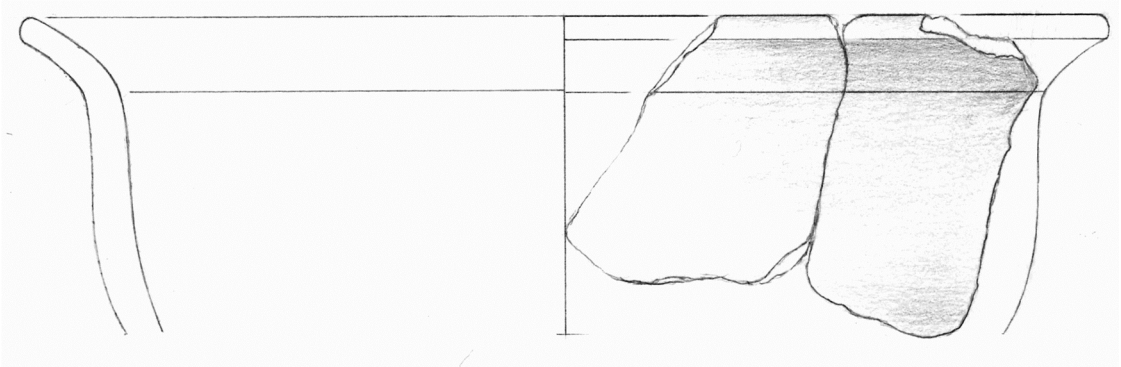
Estampa XIVf



desenho0020 (MDDS: 391/92) **– Taça de cerâmica cinzenta, de fabrico romano tardio (esc. 1:1)**



desenho0021 (MDDS: 194/93) **– Taça de vidro com fio relevado, de fabrico romano tardio (esc. 1:1)**



desenho0022 (MDDS: 194/93) **– Taça de cerâmica comum, de fabrico romano (esc. 1:1)**

A - **Igreja / Casa Paroquial** (**NIG.015**) - Igreja; Casa Paroquial (antiga)

B – Achado descontextualizado

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194575,66 / Y=544025,99 / Z=455; Lindoso

D – Por não ser um arqueossítio, não se justifica a descrição do contexto fisiográfico.

E - Na década de 50 o P.e José Magalhães dos Santos, então pároco em Lindoso, fez recolher no pátio térreo interior da casa paroquial, uma peça que, pela sua feição escultórica, lhe mereceu especial atenção. Foi "achada por detrás do altar-mor" durante as obras de reconstrução da igreja paroquial realizadas em meados deste século (Santos, 2001:25), como bem recordou o falecido presidente da Junta de Freguesia, Francisco Silva, que trabalhou nas referidas obras e que amavelmente nos deu a informação

A segunda peça foi identificada em 1992 por Henrique Regalo, arqueólogo do PNPG, no decurso de prospecções decorrentes do projecto de "Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso". Admitimos que o local de proveniência originário seja o Chão da Lage, nas proximidades do povoado A Cidade (ver NIG.010).

Reforçando a ideia de que este local não corresponderá a um sítio arqueológico, releva ainda o facto de não se identificarem quaisquer outros vestígios nos terrenos contíguos e próximos. As peças encontram-se actualmente depositadas no castelo de Lindoso, onde integram a colecção do núcleo museológico.

F -Trata-se de uma ara/pedestal[7] epigrafada e de uma estela funerária romanas.

[7] Armando Redentor também prefere interpretar a peça como ara. Transcrevemos aqui, com a sua autorização, o comentário que, amavelmente, nos comunicou: "A questão da tipologia é neste caso dificultada pelo estado de conservação da peça. O topo da peça está bastante alterado e as molduras muito corroídas, mas concordo que a cavidade circular superior não realiza a forma habitual do *foculus*; inclino-me para que resulte do reaproveitamento da peça como base ou apoio, possivelmente na igreja (de pia, altar, cruz...) daí que o topo esteja "regularizado". Se imaginarmos a reconstituição das molduras completas talvez não seja difícil descortinar enquadramento para os toros (não necessariamente avultados) ou simplesmente para um rebordo ao modo de frontão (estou a lembrar-me, p. e., de uma ara com quatro frontões, e sem toros). As dimensões também a aproximam das mais comuns em altares. Do ponto de vista do texto, se o tomarmos como

A primeira foi estudada e publicada por C. A. Brochado de Almeida (1982), que interpretou a peça como ara. Transcrevemos aqui a ficha que elaboramos do monumento:

Leitura: HERCULE. Interpretação: [Ao deus] Hércules.
Morfologia: Ara/pedestal de secção quadrangular, talhada em bloco de granito da região, mal conservado. Apresenta faces erodidas (granulosas) e bordos muito fracturados, faltando-lhe grande parte do fundo da base e quase todos os bordos das molduras. Conserva um orifício de encaixe, de forma quadrangular e ligeiramente descentrado, bem como parte das molduras toreadas que delimitam o fuste. Numa das faces do fuste, bem afeiçoado, estão gravadas uma epígrafe (bem legível), um sinal cruciforme e uma "covinha".
Dimensões do monumento (em centímetros). Total: altura = 60 ; largura = 30; espessura = 30. Base: altura = 9 ; largura = 30; espessura = 30. Fuste: altura = 32 ; largura = 25; espessura = 25. Cornija: altura = 19 ; largura = 30; espessura = 30. Cavidade: largura = 11; profundidade = 5. Campo epigráfico: 32 x 25.
Dimensões das letras (altura, em centímetros): linha única: 5 - 4,5 - 4 - 4 - 6.
Comentário paleográfico: conservou-se o texto integral. Por ter uma só linha, não se pode falar propriamente em paginação, devendo apenas notar-se que houve uma clara preocupação de centrar o texto. As letras, de desenho razoavelmente cuidado, são do tipo "capital actuária", mais altas que largas, formando um conjunto equilibrado. A sua gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e com acabamento incipiente dos vértices, mais perceptível no vértice superior da primeira haste do "H". Os "EE" apresentam-se abertos. Apresenta dois nexos, um no início e outro no fim, formados respectivamente por HE (os braços do "E" arrancam da segunda haste do "H") e LE (patenteia intenção de distinguir as letras, através da elevação da haste vertical do "L" acima do braço superior do "E"). Não identificamos qualquer pontuação ou motivo decorativo. O cruciforme ao centro do fuste e a "covinha" por baixo do "LE" são gravações posteriores.

consagração, sem dedicante, penso que fará mais sentido que seja um altar: entrega-se a Hércules um ex-voto que é o altar. Sendo um pedestal, com escultura, não faria tanto sentido, à partida, reforçar por texto a mensagem imagética sem que mais nada se acrescentasse. Quanto à cronologia desta peça, não temos muitos pontos de apoio e a paleografia é falível: ainda assim inclino-me para o século II."

Comentário histórico-arqueológico: trata-se de uma ara ou de um pedestal de estátua romana, recolhido no Lindoso mas em local desconhecido. O teónimo HERCULE revela que se trata de uma inscrição votiva ao deus Hércules, deus guerreiro e protector cujo culto se difundiu pelas províncias ocidentais do Império Romano a partir do século I, aparecendo normalmente associado à presença ou trânsito de corpos militares. Pelas características paleográficas datará do século II. O contexto arqueológico local admite a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios próximos (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas). Relativamente à relação da difusão deste culto com a presença de corpos militares, não podemos deixar de considerar que em *Aquis Quarquernis* (Baños de Bande), cerca de 30 quilómetros para Este de Lindoso, terá estado estacionada, a partir de finais do século I, a unidade auxiliar de infantaria romana que se identifica como *Cohors I Gallica* (Caamaño Gesto, 1994).

A segunda peça foi estudada por nós (Fontes 2003) e é parte de uma estela em granito da região, com superfícies e bordos muito maltratadas. A parte conservada, correspondente a pouco menos da metade esquerda da peça, mede 143 x 38 x 24 cm, tem uma forma geral rectangular, percebendo-se um início de curvatura no bordo superior. A face correspondente ao anverso apresenta um plano interior rebaixado, definido por um rebordo ou moldura perimetral saliente, com cerca de 5 cm, recto, que na parte superior inicia um arco de círculo. Na base, este rebordo alarga-se, definindo uma espécie de soco ou rodapé, com 20 cm de altura. No plano interior assim definido pela moldura, foi esculpida uma figura humana em baixo-relevo. O reverso apresenta uma superfície aplanada por desbaste grosseiro.

Com base na altura da figuração e projectando a curvatura da moldura, calculamos que a peça original completa, com a forma de edícula em arco semicircular peraltado, tipo nicho, mediria aproximadamente 150 cm de comprimento e 90 cm de largura. Admitimos que fosse colocada deitada, na horizontal e não na vertical.

O baixo-relevo representa um personagem em pé, visto de frente, vestido com túnica comprida, que em baixo deixa ver os pés. Sobre a túnica, um manto

pregueado cruza da esquerda para a direita, de cima para baixo, na cintura e sobre o ombro esquerdo, descaindo deste um panejamento na vertical, sobre o flanco. O braço esquerdo, desproporcionadamente pequeno, surge sob a dobra do ombro, desenhando-se o antebraço bem acima do cotovelo; está dobrado em ângulo recto sobre o peito, percebendo-se bem a mão, na qual segura o que nos parece ser uma pomba.

O pescoço está bem delineado, mas as feições do rosto, de forma arredondada, não se percebem, por erosão e fractura da superfície. Os pés, toscos mas bem marcados, destacam-se do plano, percebendo-se um ligeiro corte na ponta do pé esquerdo. Este corte do pé coincide com a repicagem da superfície do soco, o que poderá corresponder à eliminação de uma eventual epígrafe ou de outra figuração.

Ainda no soco, foi escavada uma pequena cavidade circular, com cerca de 4 cm de diâmetro e 3 cm de profundidade. O flanco direito da figura foi eliminado pela fractura vertical da peça. Deveria haver outro personagem no lado direito da peça.

Do ponto de vista técnico/estilístico, deve sublinhar-se o relevo plano, manifesto nas ondulações muito aplanadas das pregas do manto e as incisões paralelas, características que remetem para a técnica de talhe em madeira. Por sua vez, as formas são pouco elaboradas, denotando alguma rigidez geométrica.

Com base nos paralelos conhecidos, referenciados tanto na região de Braga (que inclui dois exemplares próximos de Lindoso - um que se conserva em Vade S. Tomé (Alarcão, 1988: 5)[8] e outro já conhecido na Ermida, a célebre "Pedra dos Namorados" (Peixoto, 1903), como na região de Lugo, interpretamos este monumento como parte de uma estela funerária romana, que se integra na temática dos monumentos funerários com "togados", caracterizada pela representação de personagens com atributos cultos (como será o manto ou toga), através de um estilo que incorpora tradições indígenas, expressão do que alguns colegas galegos designam como arte romana provincial de feição culta, desenvolvida na *Callaecia* entre os séculos III e V d.C. (Arias Vilas, 1991, 124-

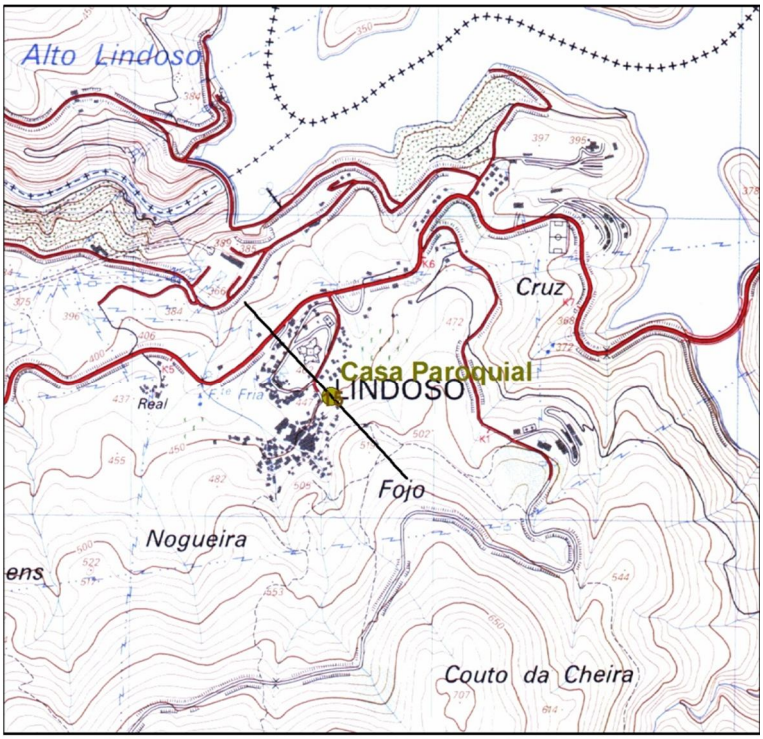
8 De acordo com informação recolhida por Avelino Jesus da Costa, em aditamento à reedição da sua obra *O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga* (2000: 543-544), a estela romana recolhida na Casa da Torre de Pousada foi adquirida numa freguesia não identificada do vizinho concelho de Arcos de Valdevez. Este facto não altera as conclusões que tiramos relativamente à distribuição deste tipo de monumentos.

128; 1992, 123-126; Bendala Galán, 1995, 287-288). Outros autores galegos e portugueses propõe cronologias mais recuadas, mas sempre num contexto de plena romanização (Carvalho, 1993-94).
Estes testemunhos revestem particular importância porque testemunham a penetração efectiva de padrões comportamentais romanos em zonas de povoamento serrano, reforçando a ideia de uma paisagem fortemente humanizada nos primeiros séculos da nossa era.

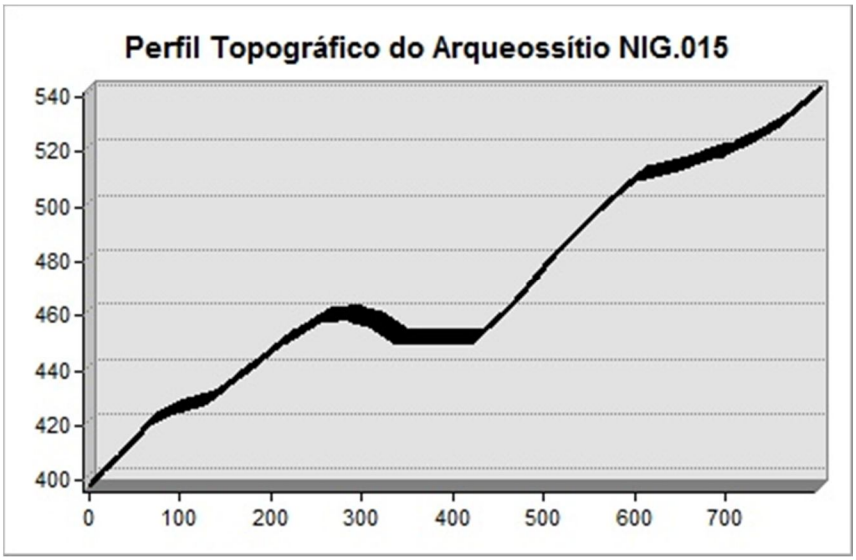
G - Como bens móveis que integram a colecção museológica do castelo de Lindoso, estas peças estão protegidas e não correm quaisquer riscos de degradação, devendo ser limpas periodicamente para evitar a acumulação de poeiras e/ou a fixação de fungos.

H – Almeida, 1982; Santos, 2001; Fontes, 2003. Estampas XVa, XVb, XVc e XVd.

Estampa XVa



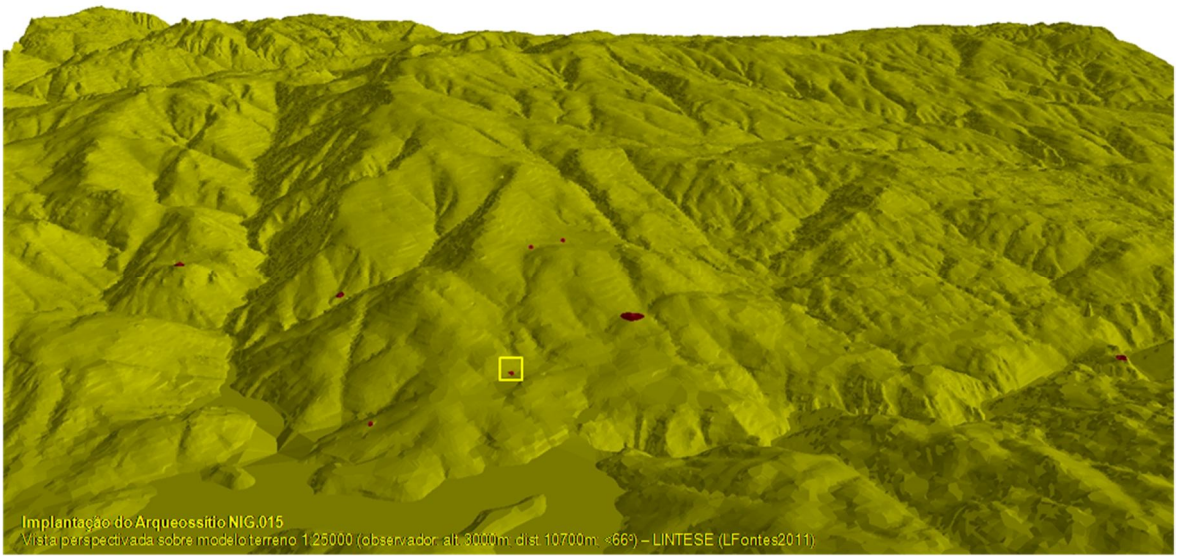
Localização de Arqueossítio NIG.015 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



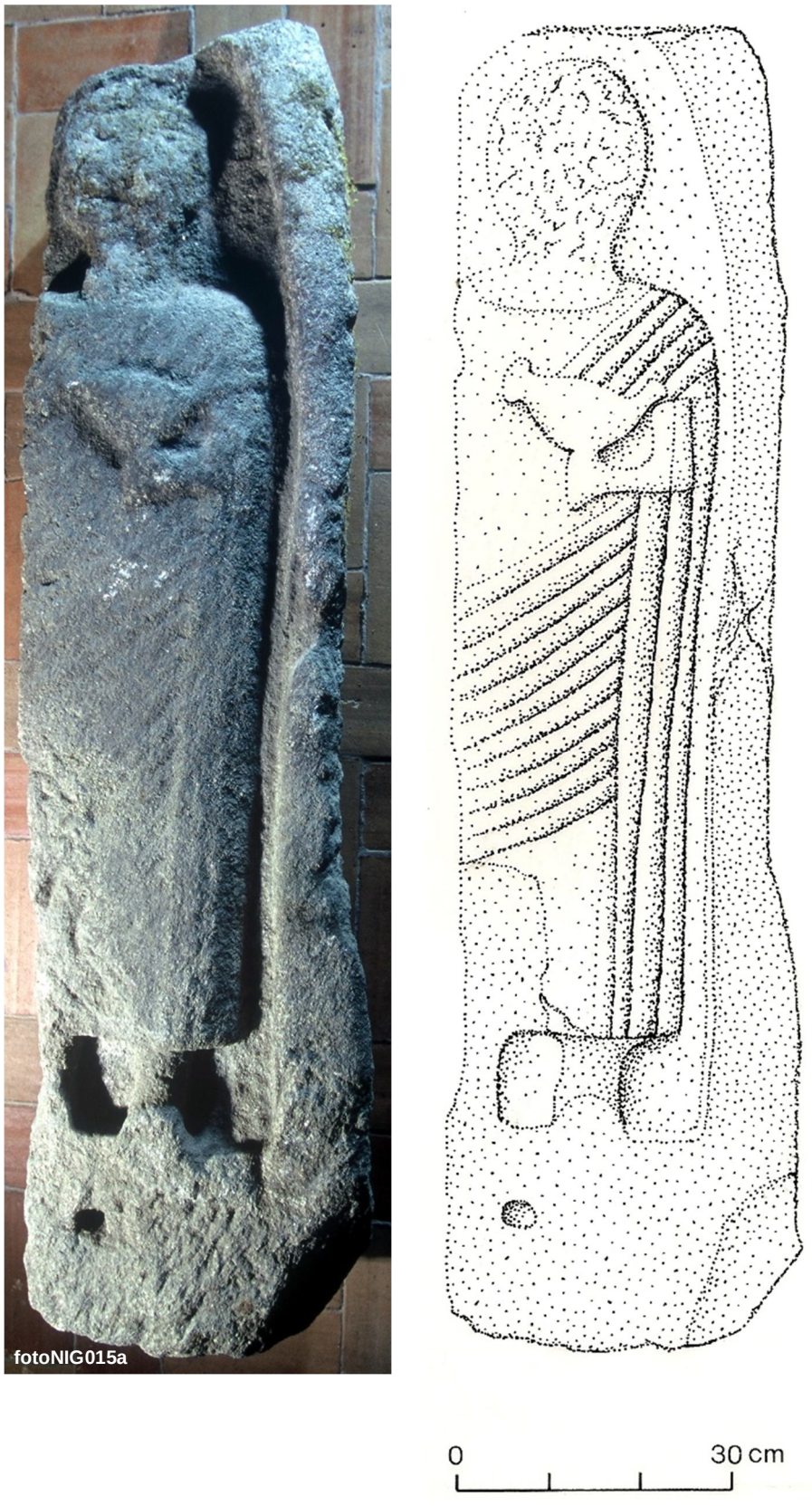
Estampa XVb



Localização de Arqueossítio NIG.015 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)

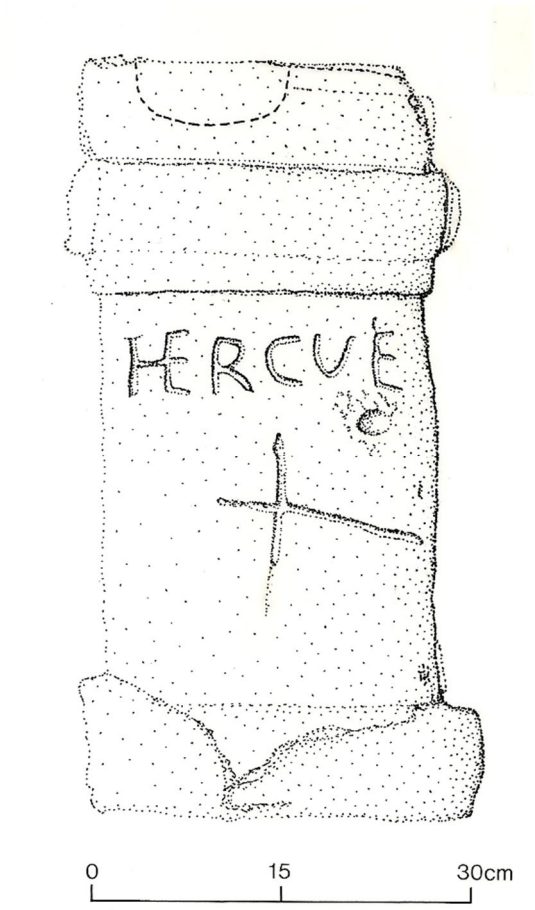


Estampa XVc



desenho0009 - Estela romana, com togado, de Lindoso (A. Fontes)

Estampa XVd



desenho0008 – Ara/pedestal romana, de Lindoso (A. Fontes)

A - **Cabeço de Leijó** (**NIG.016**) - Cabeço de Leijó

B - Habitat

C – SCE.17 / DGOGF.17D; X=193782,74 / Y=543450,92 / Z=518; Lindoso

D – Este arqueossítio situa-se num outeiro correspondente a uma ruptura convexa de vertente, no terço inferior da encosta noroeste do Cabeço de Peixerrão, junto à bordadura sudoeste da ampla plataforma erosiva do Lindoso. Duas pequenas linhas de água delimitam o outeiro a SO e a NE, acentuando a saliência do morro em relação à vertente. O terreno apresenta uma configuração geral cónica, armada em vários andares de socalcos concêntricos.
A visibilidade próxima estende-se a toda a ampla rechã do Lindoso e às encostas das elevações que a envolvem a S e SO, destacando-se o pico do Alto do Forcão a SE e o Cabeço das Virgens a SO. Para Norte e Nordeste abarca-se a confluência dos rios Lima e Laboreiro, sobressaindo em plano mais recuado e progressivamente mais difuso as massas montanhosas das serras do Soajo e da Peneda.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se bastantes concentrações de calhaus em alinhamentos irregulares. Não se evidenciam condições de sedimentação, observando-se até alguma perda de solo. Pertencendo a vários proprietários (com muros divisórios de propriedade em mamposteria), o local é inculto, apresentando uma cobertura vegetal secundária, dominada por tojo, urze e herbáceas. Os terrenos contíguos têm usos diversos: a NE campos agrícolas (leiras em socalcos), que se estendem até aos lugares de Real e Lindoso; a N, O, S e SO terrenos incultos com tojo e pequenas manchas de carvalhos, sobreiros e alguns eucaliptos.
O acesso pode fazer-se pelo caminho carreteiro, com troços lajeados, que liga a povoação de Lindoso à de Parada (antigo caminho pelo lado da encosta, alternativo ao caminho do lado do rio) . O sítio não está sinalizado.

E - A configuração topográfica do Cabeço de Leijó é acentuada por taludes concêntricos, correspondentes a muros de suporte de terra feitos com blocos

graníticos rudemente afeiçoados e montados em aparelho poligonal. Definem-se assim uma série de plataformas concêntricas, abrangendo uma área aproximada de 1,5 ha, no interior das quais se identificam alinhamentos regulares de blocos graníticos afeiçoados, desenhando traçados ortogonais correspondentes a paredes de edificações demolidas. No topo do outeiro afloram massas graníticas onde se observam rasgos largos para alicerçamento de paredes, desenhando traçados igualmente ortogonais que, no lado nascente, configuram uma entrada. Aí próximo, num muro divisório de propriedade, A.M. Baptista recolheu, em 1986, um fragmento de bloco granítico com epígrafe, com as seguintes características:

Leitura: [...] I V / [...] A?ONI / [...] I AL?IE / [...] SEITV? . Não é possível uma leitura porque o texto está incompleto e truncado.

Morfologia: Fragmento correspondente à parte inferior de uma peça tipo ara (?)[9], de secção quadrangular, talhado em granito grosseiro da região, em razoável estado de conservação, mas com faces erodidas (granulosas) e bordos fracturados, faltando-lhe todo o lado direito. Numa das faces, com superfície afeiçoada e regular, apresenta vestígios de uma moldura quadrangular relevada, com 5 cm de largura. Cerca de 13 cm abaixo da moldura a superfície faz um pequeno ressalto, apresentando-se daí para baixo sem qualquer afeiçoamento, o que pode significar que essa parte deveria permanecer enterrada. Uma epígrafe, pouco legível, foi gravada na parte afeiçoada da face.

Dimensões do fragmento (em centímetros), desconhece-se o tamanho da peça completa e consequentemente o tamanho do campo epigráfico: altura = 79 ; largura = 35; espessura = 31. Altura da parte não afeiçoada (parte que corresponderia ao pé, enterrado) : 41.

Dimensões das letras (altura, em centímetros): l.1: 5,2 - 3,5 (duas últimas letras da linha, truncadas na parte superior, por onde foi quebrada a peça); l.2: 4,5 - 5,5 - 5,2 - 5 (quatro últimas letras da linha); l.3: 5,5 - 5,4 - 4,9 - 5,9 - 6,7 (cinco últimas letras da linha, que parece ser a última do texto). Espaços interlineares (em centímetros): 1:1; 2:1; 3:7 (inclui a moldura relevada com 5 cm).

9 Armando Redentor classifica esta inscrição como funerária. Transcrevemos aqui, com a sua autorização, o seu comentário: "Relativamente à peça associada ao Cabeço do Leijó, não tenho dúvida em classificá-la como funerária. A tipologia é estranha e parece estar entre a estela e a ara. Não tenho ainda proposta acabada de restituição do texto, mas a fórmula final não deixa dúvida; a transcrição que faço é a seguinte: [---]IV[---] / [---ACINI/---] SILI F / [HI]C.SEITUS".

Comentário paleográfico: conservou-se a parte final das linhas inferiores do texto, sendo a última gravada por baixo do lado inferior da moldura, que parece limitar um campo epigráfico. É perceptível uma paginação incipiente, revelada pela regularidade dos espaçamentos interlineares e pelo alinhamento das letras à direita. Parece ter havido ordenamento do texto. As letras são do tipo "capital actuária", mais altas que largas, com inclinação geral à direita. O "A" e o "V" apresentam-se arredondados e o "E" aberto. A sua gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e sem acabamento dos vértices. Não identificamos qualquer pontuação, nexo ou motivo decorativo. Semelhanças paleográficas com inscrição de Porto Chão.6 (NIG.017).

Comentário histórico-arqueológico: não conseguimos fazer uma leitura interpretada da epígrafe. Pelas características paleográficas trata-se de uma inscrição romana tardia (séculos III-IV). Alain Tranoy e Rodríguez Colmenero, que tiveram a oportunidade de ver uma fotografia, partilham esta proposta cronológica. Para além de ter sido recolhida num habitat de fundação romana, o contexto arqueológico local é igualmente concordante com a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas).

Noutros muros observam-se silhares “almofadados” e lajes com sulcos bastante polidos. À superfície recolhem-se fragmentos de cerâmica comum doméstica e de construção (*tegulae*).

Em 1992, no âmbito do projecto de “Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso”, realizámos trabalhos arqueológicos de sondagem, com limpeza de vegetação e escavação de 3 cortes (dois de 4x6 m e um de 4x4 m) na plataforma superior do sítio, que forneceram como principais resultados:

a) A identificação de duas edificações de traçado ortogonal, com paredes de face dupla com 0,60 m. de espessura média, em alvenaria de blocos de granito afeiçoados, cascalho e fragmentos de *tegulae*, ligados por argamassa de saibro e terra.

De uma das edificações identificou-se a totalidade da planta, de forma rectangular, com cerca de 12 x 6 m., estando o eixo maior orientado NO /

SE. Organiza-se em três compartimentos, dos quais se escavaram o central e o setentrional, que apresentaram pavimento térreo argamassado, composto por arena de alteração granítica. No compartimento central conservava-se ainda, no topo oeste, em frente à entrada, uma lareira lajeada, junto à qual se recolheram, em camada de terra com abundância de cinzas, inúmeros fragmentos de várias peças cerâmicas. Em todos os compartimentos é evidente a entrada pelo lado nascente;

De outra edificação identificou-se apenas uma parte da planta mas, pelos alinhamentos e derrubes perceptíveis à superfície, deverá ser igual à descrita acima, com a diferença de ter o eixo maior orientado O / E. Escavou-se parte do compartimento do topo O, identificando-se uma área de trabalho associada a moagem, com elementos de mós e um almofariz.

b) A datação por medição da radioactividade do Carbono-14[10] de amostras de madeira carbonizada recolhidas no nível de abandono da segunda edificação. Os resultados constantes do certificado de datação da nossa Amostra # 2, aquela que forneceu a data mais concordante com o contexto arqueológico, são os seguintes: ICEN – 1273 // Idade (anos BP) = 1580 ± 50 // Data calibrada = 423-548 cal AD (para 1 sigma); 395-607 cal AD (para dois sigma)[11].

O nosso comentário às datações proporcionadas pelas medições radiométricas vai no sentido da concordância geral, afigurando-se-nos que as datas mais tardias, em torno da primeira metade do século VI AD, adquirem maior coerência no conjunto dos dados proporcionados pelo arqueossítio.

c) A identificação de um conjunto homogéneo de cerâmicas, caracterizado por fabricos comuns de pastas grosseiras, porosas, de coloração geral acastanhada, com variações desde a cinzenta à alaranjada. Dominam as formas tipo “ola” ou panela, de tamanho médio, de perfil em “S” com colo baixo e pança bojuda. As superfícies exteriores apresentam-se toscamente alisadas e as interiores sem qualquer

10 As medições da radioactividade do Carbono-14 foram feitas no Laboratório de Isótopos Ambientais do Instituto Tecnológico e Nuclear, Sacavém (Portugal).

11 Para calibrar a data usou-se a curva de STUIVER e PEARSON, obtendo-se intersecções em 459, 478, 510 e 531 cal AD.

tratamento, observando-se frequentemente as marcas da pressão dos dedos do oleiro. Nas decorações, não muito frequentes, dominam as molduras e as incisões, destacando-se uma peça decorada com um sulco inciso meandriforme no alto da pança e outra com incisões cobrindo toda a peça, numa espécie de decoração "penteada".

Ao nível do espólio lítico importa destacar dois amoladores, um triturador e parte de uma laje granítica afeiçoada, decorada numa das faces com três sulcos paralelos desenhando um meandro, que poderá corresponder à guarnição de um vão.

F – Interpretamos este sítio como um habitat aberto, assente em várias plataformas concêntricas, onde se conservam abundantes restos soterrados de edificações, indiciadas pelos alinhamentos de pedras e fragmentos de cerâmica de construção à superfície. O aglomerado parece ter sido coroado por uma construção mais elaborada, pelo menos ao nível do embasamento dos alicerces (um templo?). Os dados proporcionados pelas sondagens e prospecções arqueológicas confirmam esta leitura, salientando-se a grande dimensão do povoado.

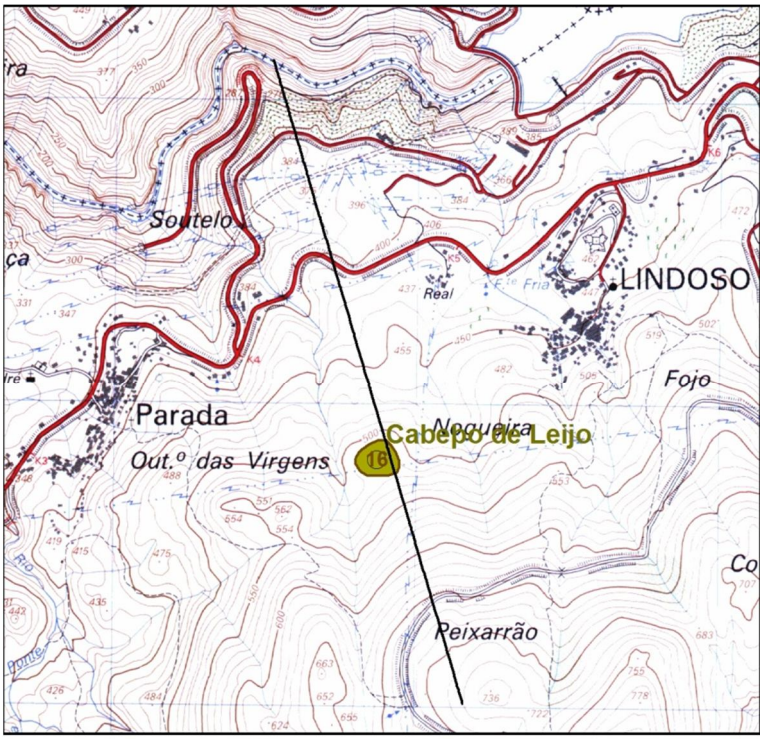
Tratar-se-ia de um *vicus*, devendo ter sido o mais importante núcleo de povoamento romano, em relação com o qual se articulariam todos os outros habitats da zona do Lindoso. Com base nos elementos disponíveis, em que relevam os elementos construtivos de tipologia romana (paredes de face dupla, *tegulae* e silhares "almofadados"), a inscrição votiva (?) romana tardia, as produções cerâmicas tardo-romanas ou da antiguidade tardia (Bohigas Roldán e Ruiz Gutiérrez, 1989; Caballero Zoreda, 1989; Cabellero, Mateos y Retuerce, 2003), e as datações pelo radiocarbono, propomos para este habitat uma continuidade de ocupação que se estenderá dos séculos II-III a meados do século VI.

G - Este sítio conserva soterrados importantes vestígios de estruturas e de estratigrafias antrópicas e paleoambientais, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo local, que deve manter-se a "monte", sendo de evitar a sua florestação. Com significado para a compreensão da paisagem arqueológica envolvente, particularmente no que concerne à ocupação e linhas de

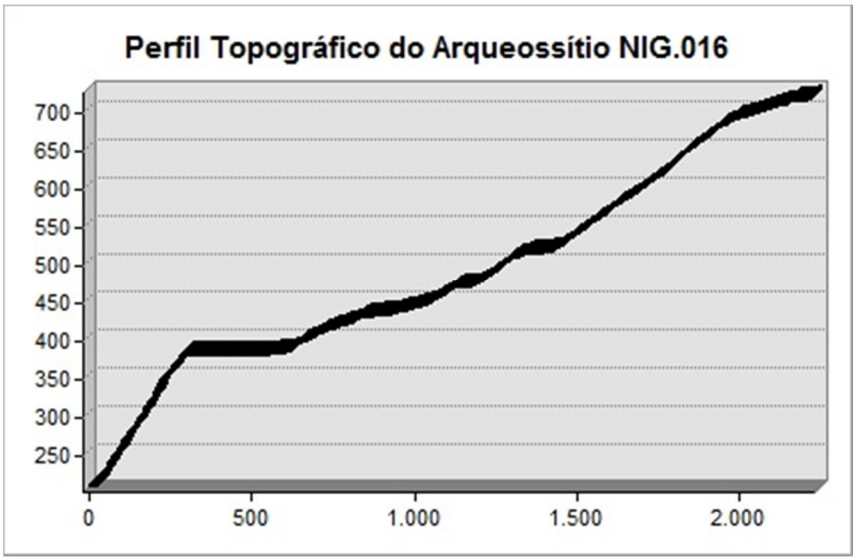
trânsito no território durante a época de domínio romano e suevo-visigótico, estes vestígios constituem um recurso de grande valor, sendo o seu estudo imprescindível para a compreensão das modalidades de povoamento e estratégias de exploração do território.
Para além de justificar uma classificação como Imóvel de Interesse Público e a compra do terreno por parte do Estado, bem como a definição de uma área especial de protecção, este sítio deve ser objecto de um projecto específico de protecção, estudo, conservação e aproveitamento. O Plano de Ordenamento do Parque já aponta neste sentido (PO-PNPG, 1995:76).

H – Fontes e Regalo, 1994:35; 1997:14-17; InvArqPNPG (ficha nº 083). Estampas XVIa, XVIb, XVIc, XVId, XVIe, XVIf e XVIg.

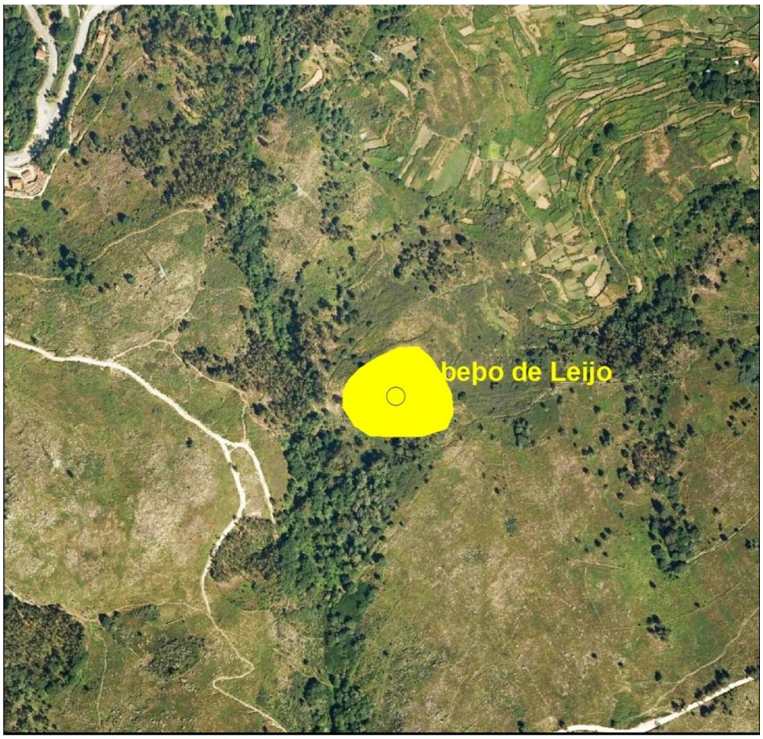
Estampa XVIa



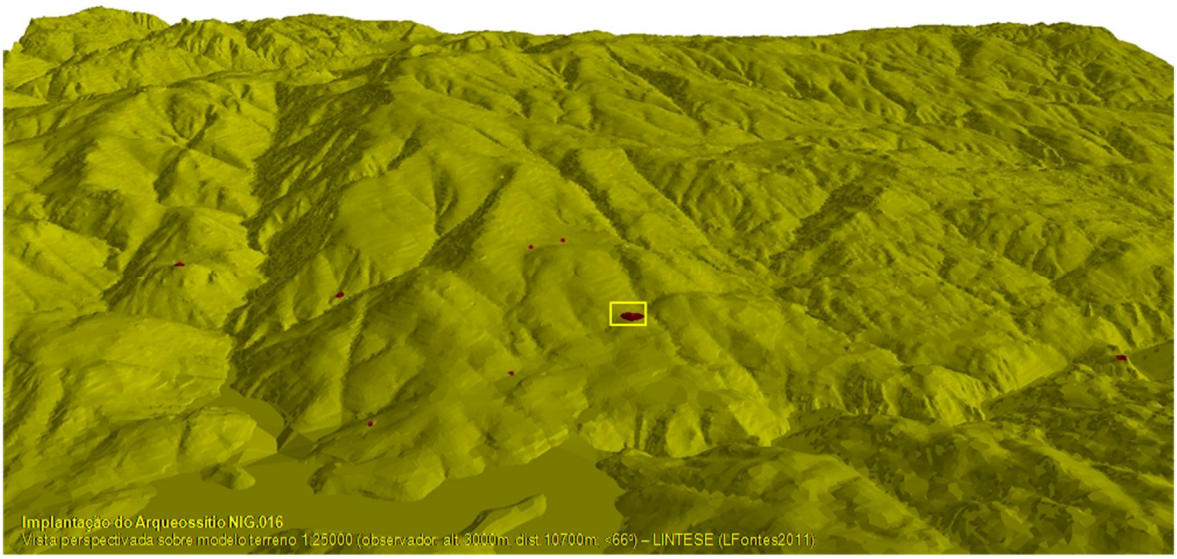
Localização de Arqueossítio NIG.016 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



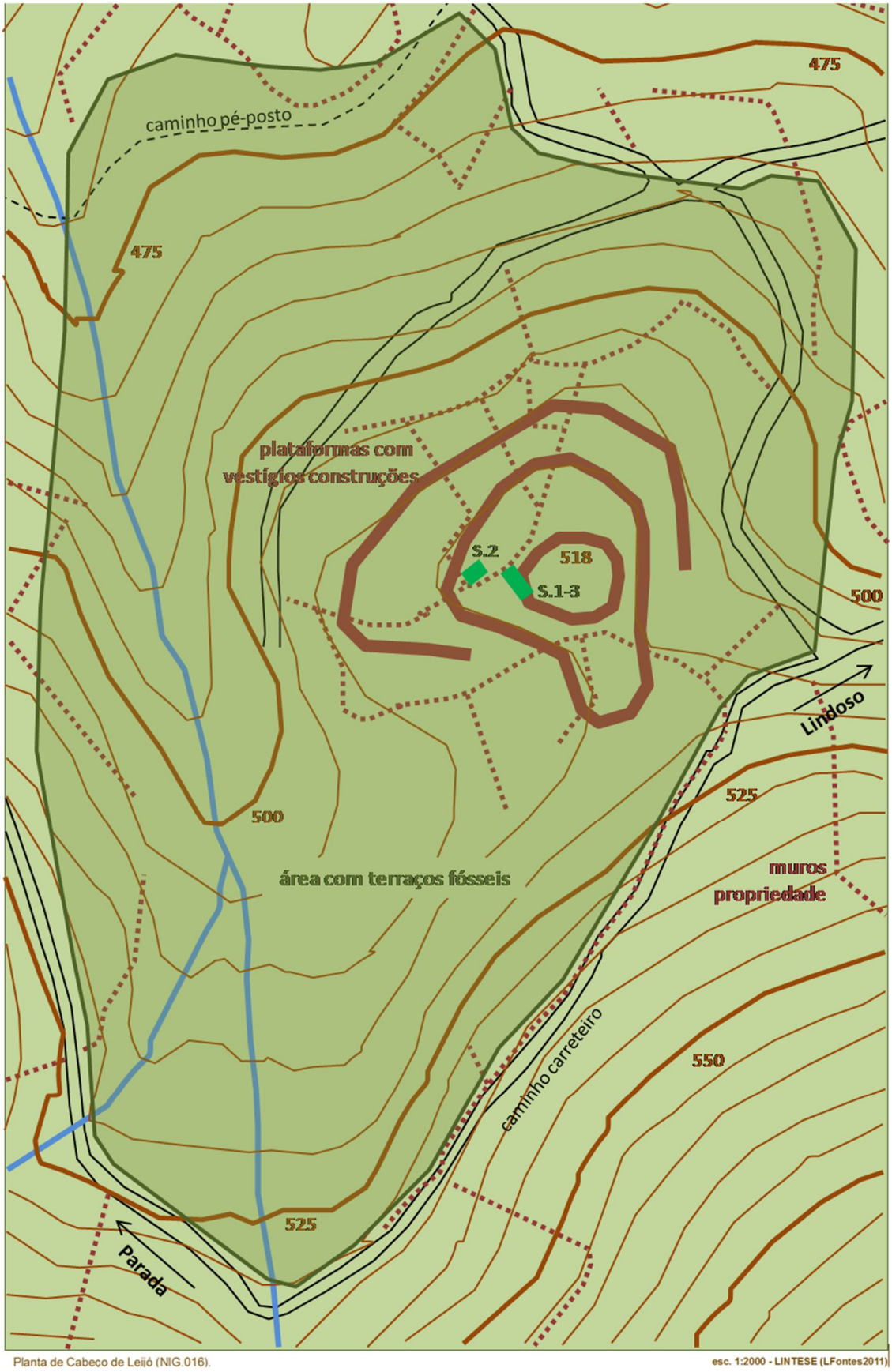
Estampa XVIb



Localização de Arqueossítio NIG.016 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XVIc



desenho0011 – Planta do povoado de Cabeço de Leijó

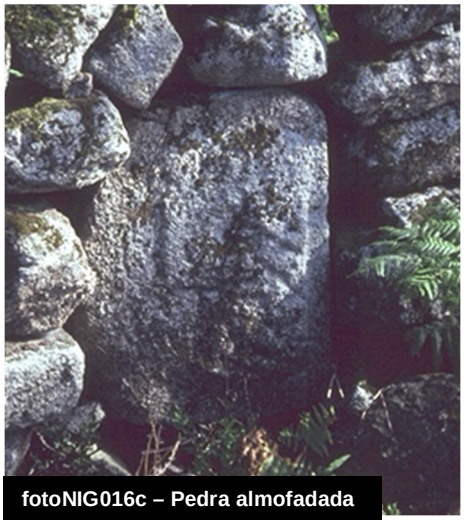
Estampa XVId



fotoNIG016a – Panorâmica do Cabeço de Leijó, vista de Este



fotoNIG016b – Perspectiva do Cabeço de Leijó, vista de Este, evidenciando terraços



fotoNIG016c – Pedra almofadada



fotoNIG016d – Lintel decorado



fotoNIG016e – Ara

Estampa XVIe



fotoNIG016f – Fase de escavação de habitação da Sondagem 2

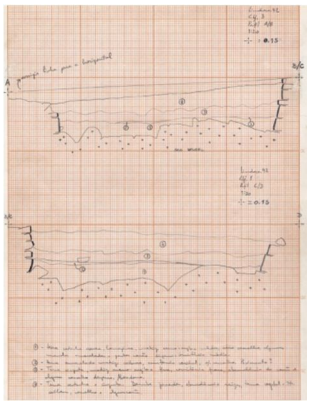


fotoNIG016g – Fase de escavação do compartimento da lareira, na habitação da Sondagem 1

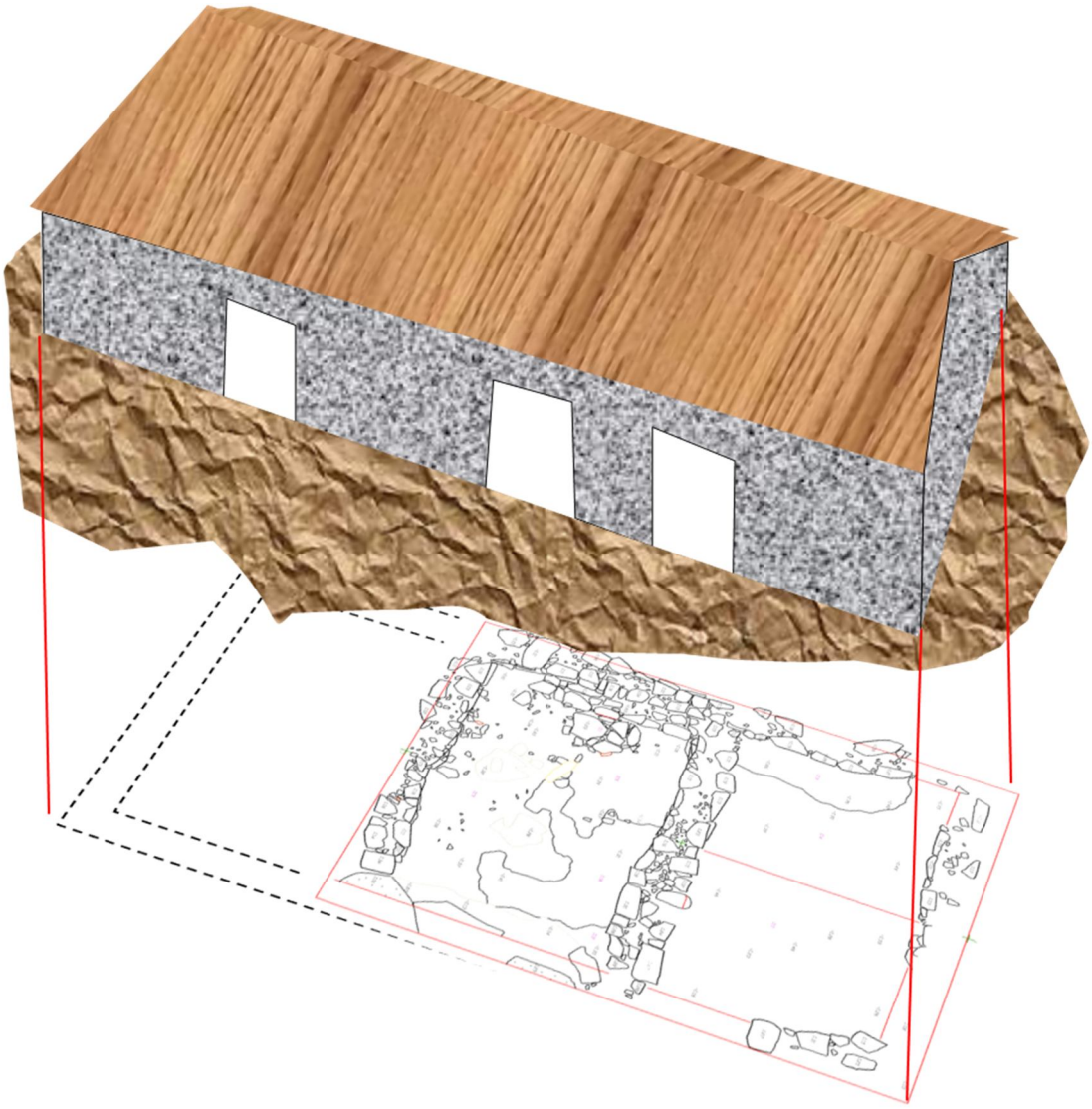
Estampa XVIf



desenho0012 – Planta de habitação do Cabeço de Leijó (Sondagens 1 e 3)

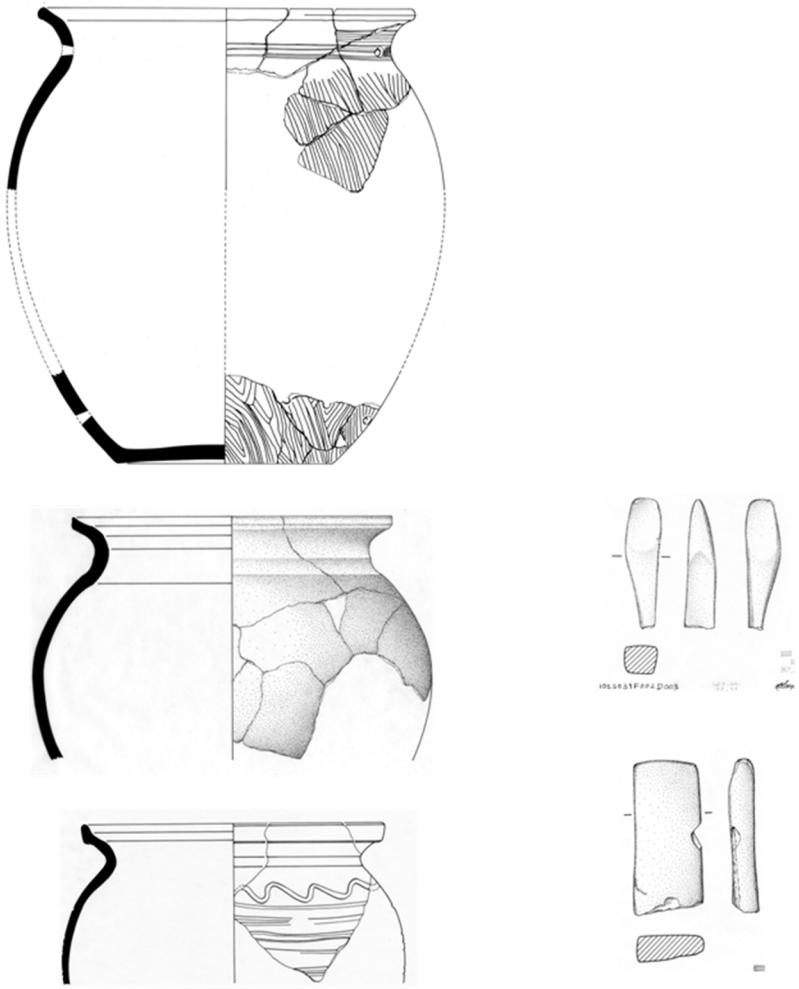


desenho0013 – Leitura estratigráfica pelo corte A/D



desenho0014 – Proposta de restituição de volumetria de habitação do Cabeço de Leijó

Estampa XVIg



desenho0016 – Espólio cerâmico (MDDS – 295/93; 198/93; 400/93) **e lítico** (MDDS – 195/93; 196/93) **de Cabeço de Leijó, dos séculos VI-VII (esc. 1:3)**

A - **Porto Chão.6** (**NIG.017**) - Viveiros

B - Necrópole ?

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194057,51 / Y=542343,97 / Z=680; Parada

D – Este arqueossítio fica praticamente no centro do anfiteatro de Porto Chão, uma ampla chã formada pela suave ruptura côncava da vertente oeste do esporão do Chamadouro. A visibilidade limita-se praticamente à "concha" do anfiteatro de Porto Chão, com uma abertura ténue a NO acompanhando a inflexão do curso do rio da Feicha nessa direcção.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se grande densidade de calhaus dispersos e/ou acumulados em montículos de dimensões variáveis. Não se evidenciam condições erosivas, podendo até considerar-se a existência de sedimentação.
A área apresenta uma cobertura vegetal secundária, dominada por tojos e fetos. Os terrenos contíguos têm usos diversos: a Norte e Oeste existem dois prados artificiais, com raros carvalhos dispersos pelo perímetro murado, com solo espesso e limpo de pedras; a Sudoeste conserva-se uma pequena mancha de vidoeiros, resultado de florestação dos anos 50 do século XX; a Sul corre o regato de Porto Chão que mais à frente vai atravessar o vidoal rasgando o espesso solo coluvial; a Este, ficam os viveiros florestais de Porto Chão. O sítio está globalmente exposto a poente, sendo praticamente atravessado pela linha de água.
O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa do guarda (junto ao caminho Lindoso - Louriça), ou ainda pelo caminho lajeado que vem da aldeia de Parada, hoje pouco usado. Não está sinalizado.

E - Os vestígios arqueológicos correspondem a inúmeros aglomerados de calhaus ou alinhamentos lineares irregulares, dispersos entre o fundo dos viveiros e a mancha de vidoeiros, amontoando-se aqui numa espécie de "mamoas" (ver NIG.004), e rasgos talhados nos afloramentos rochosos, eventualmente para alicerçamento de estruturas. Num dos aglomerados junto aos viveiros foi

encontrada por Allan J. Davies, responsável pelos viveiros florestais em 1992, uma laje granítica epigrafada, de que se transcreve a respectiva ficha descritiva:

Leitura: PATERNUS. Tradução: [Aqui jaz] Paterno (aceitando que se trata de uma inscrição funerária)[12].

Morfologia: Placa rectangular, tipo laje monolítica, talhada em granito grosseiro da região, em razoável estado de conservação mas com faces erodidas (granulosas) e bordos ligeiramente fracturados. Na face anterior, de superfície afeiçoada e regular, apresenta 3 círculos com 10 cm de diâmetro, rebaixados cerca de 1,2 cm em relação à superfície e alinhados ao centro da laje no sentido do eixo maior. Entre os círculos e o bordo inferior da laje foi gravada uma epígrafe, que se apresenta legível.

Dimensões do monumento (em centímetros): comprimento = 86 ; largura = 60 ; espessura = 10. Do campo epigráfico: 86 x 60.

Dimensões das letras (altura, em centímetros): linha única: 7 (truncada inferiormente por fractura da peça) - 8,8 - 10,2 - 9,6 - 10,5 - 9,9 - 7,7 - 9,2.

Comentário paleográfico: aparentemente conservou-se o texto integral. Por ter uma só linha, não se pode falar propriamente em paginação, devendo apenas notar-se que revela uma certa preocupação de arranjo pelo seu alinhamento em "caixa". As letras, de desenho pouco cuidado como evidenciam as diferentes dimensões, são do tipo "capital actuária", mais altas que largas, com inclinação geral à direita. O "A" e o "U" apresentam-se arredondados e o "E" aberto. A sua

12 Segundo Armando Redentor, poderá tratar-se de uma inscrição votiva, conforme comentário que nos transmitiu: “A lastra granítica com o nome Paternus deixa-me intrigado quanto à sua função: tenho alguma dúvida quanto ao seu carácter funerário. Neste caso seria um tampa? uma estela? Pergunto-me se não faria parte de uma inscrição rupestre, tendo-se desprendido do afloramento. As depressões circulares são suspeitosas…; não ponho de parte uma função sacral. A proximidade (relativa) ao local de achado da peça da Portela do Peixerrão pode ser outra achega neste sentido. (…) o que me chamou a atenção foi a sua forma quadrilateral, em que todos os lados apresentam extrema irregularidade, e as diferenças consideráveis de espessura que indiciam pouco, ou nenhum, trabalho de acabamento, embora a face posterior se apresente bastante plana. Para ser estela deveria ser mais alta e, neste caso, destinando-se a ser colocada ao alto, não faria sentido pensar nas cavidades como destinadas a libações. Esta ideia vê-la-ia mais atractiva se a peça se destinasse a estar na horizontal: por isso interrogava se não poderia ser parte de uma tampa ou laje de cobertura. Mesmo assim, desconheço casos em que esta situação aconteça, embora talvez se possa admitir a possibilidade. Quando aventei a ideia da função sacral foi pensando na possibilidade de a peça corresponder a uma lastra que por diáclase se tivesse despendido da superfície horizontal e aplanada de um batólito granítico, pensando na função ritual das cavidades e representando o nome o de um ofertante, de alguém que nesse local tenha cumprido algum ritual. Manifestamente a pedra não ajuda a interpretação e um simples antropónimo (em nominativo) acaba por ser escasso para auxiliar”.

gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e sem acabamento dos vértices. Não identificamos qualquer pontuação, nexo ou motivo decorativo. Os círculos escavados não parecem ser elementos decorativos mas talvez pequenos receptáculos para libações ou, eventualmente, marcas suplementares de identificação. Semelhanças paleográficas com inscrição de Cabeço de Leijó (NIG.016).

Comentário histórico-arqueológico: Trata-se de uma estela romana, eventualmente relacionável com o habitat de fundação romana do Cabeço de Leijó. PATERNUS é um cognome latino que foi frequentemente usado como gentílico por população indígena do NO peninsular, atribuindo-se-lhe geralmente uma origem flaviana (Tranoy 1981: 364). Pelas características paleográficas trata-se de uma inscrição romana tardia (séculos III-IV). Alain Tranoy e Rodríguez Colmenero, que tiveram a oportunidade de ver um decalque, partilham esta proposta cronológica. O contexto arqueológico local é igualmente concordante com a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas).

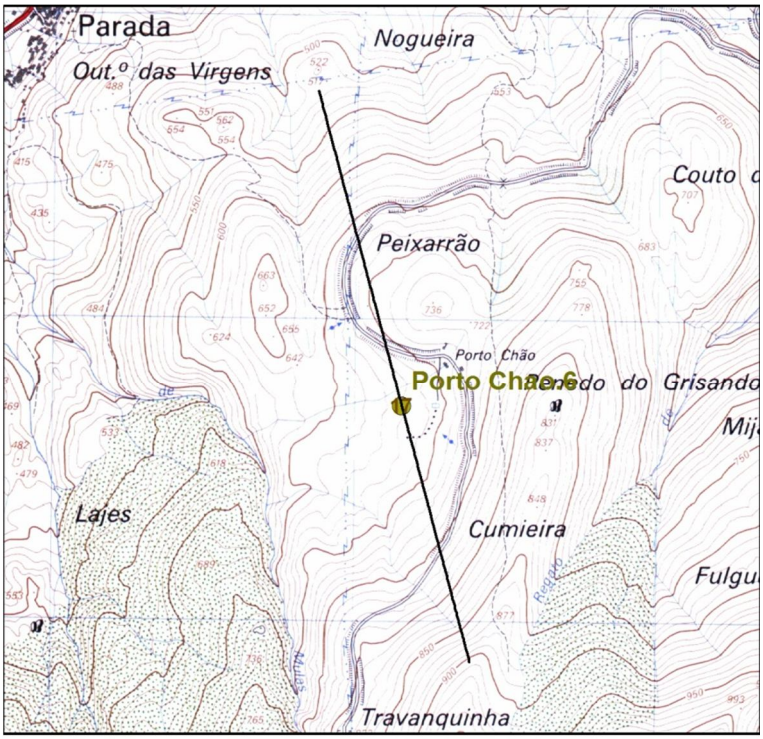
F - A laje epigrafada é uma estela funerária (?) com inscrição romana, cuja leitura é PATERNUS e que se traduz como |Aqui jaz| Paterno. Pelas características paleográficas e onomásticas propomos uma cronologia em torno dos séculos III-IV. Pensamos que este achado corresponde à existência de um enterramento no local, eventualmente relacionável com o habitat de Cabeço de Leijó (NIG.016) e com a provável tumulação da portela de Peixerrão (NIG.018).

G - O sítio apresenta-se muito revolvido, podendo considerar-se que está bastante destruído, dependendo a conservação dos restos subsistentes da maior ou menor erosão do solo local ou da alteração do uso do terreno, que de modo algum deve ser florestado. De valor difícil de estabelecer enquanto recurso arqueológico, adquire bastante significado para a compreensão da ocupação antiga da zona de Porto Chão/Cabeço de Leijó/Lindoso, particularmente no que concerne à delimitação dos espaços funerários, de trânsito e de habitat. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado

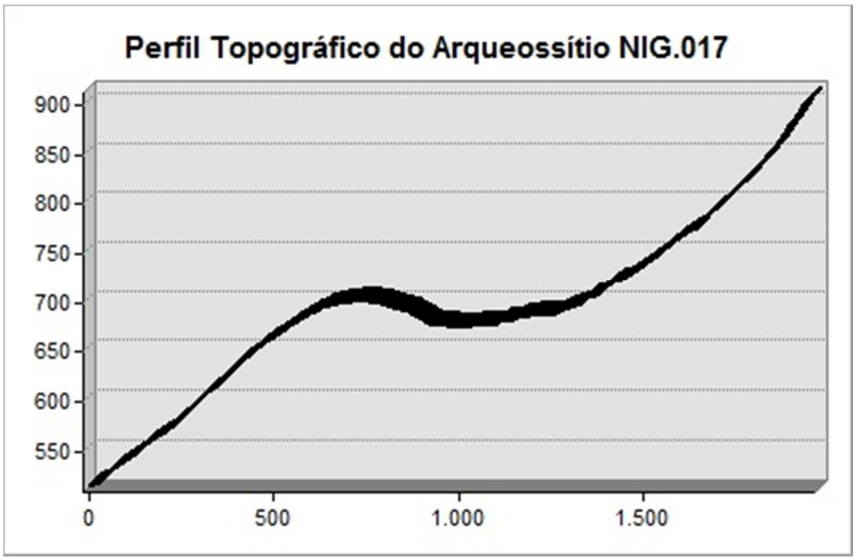
na área de protecção do complexo arqueológico de Porto Chão, de acordo com a recomendação do Plano de Ordenamento do Parque (PO-PNPG, 1995:74). A inscrição foi depositada no castelo de Lindoso, integrando actualmente a colecção do núcleo museológico.

H - Inédito. Estampas XVIIa, XVIIb e XVIIc.

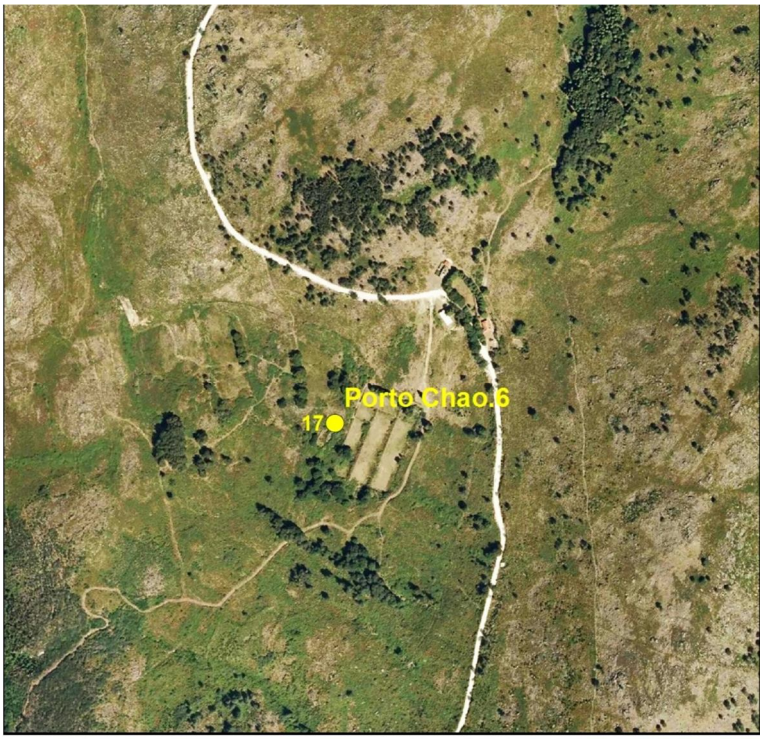
Estampa XVIIa



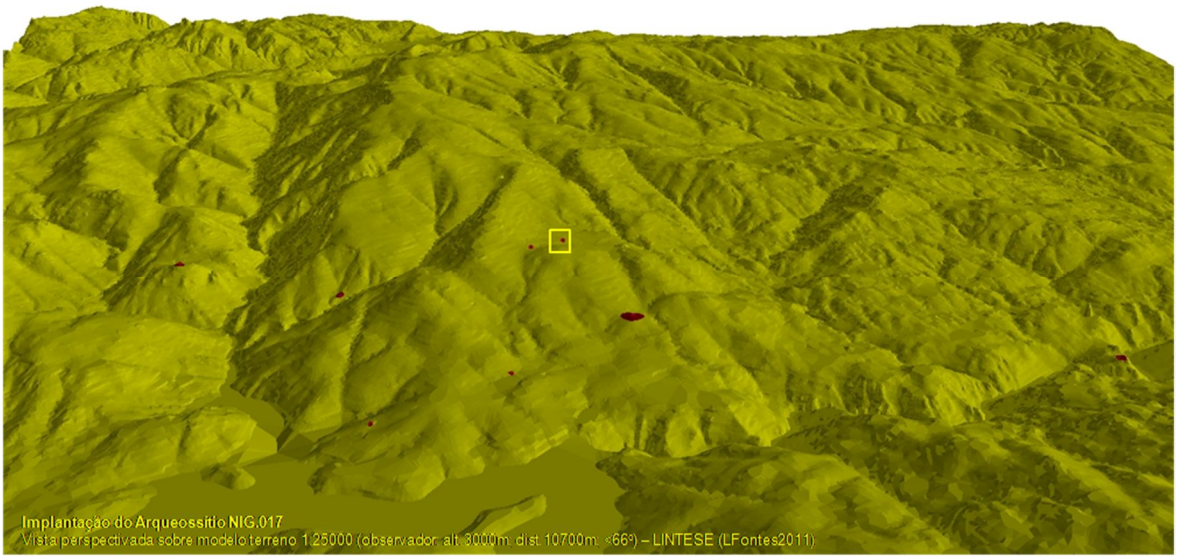
Localização de Arqueossítio NIG.017 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XVIIb



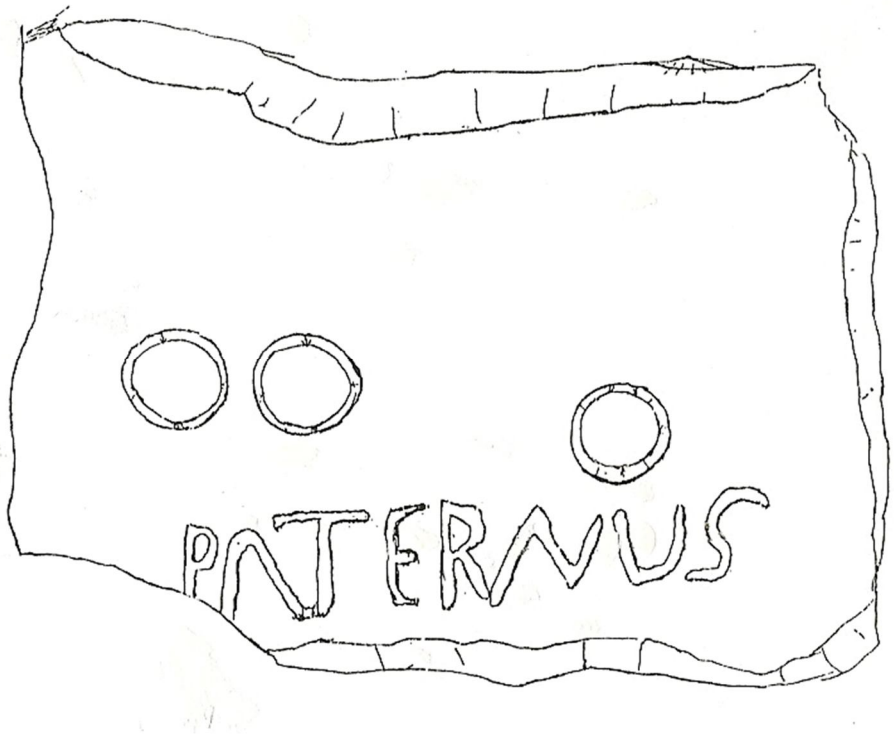
Localização de Arqueossítio NIG.017 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XVIIc



fotoNIG017a - Laje com inscrição romana de Porto Chão/Viveiros



desenho0017 – Laje com inscrição PATERNUS, de Porto Chão/Viveiros

A - **Porto Chão.7** (**NIG.018**) - Portela de Peixerrão

B - Tumulação ?

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194302,85 / Y=542593,23 / Z=724; Lindoso

D - Este arqueossítio localiza-se no colo entre o Cabeço de Peixerrão e o esporão do Chamadouro, relevos que bordejam o anfiteatro de Porto Chão pelo lado nascente. Com pendor suave, o sítio está sobretudo exposto a NE, quadrante sobre o qual proporciona uma ampla visibilidade, que abrange toda a plataforma de Lindoso até à confluência do vale do Laboreiro com o Lima.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas salientes e em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno. A pedregosidade é elevada, não há sedimentação e verificam-se condições de erosão acentuada.
Inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por tojo e urze. Nas proximidades nasce uma linha de água que corre para Norte em direcção ao Lima, passando pela povoação de Lindoso.
O acesso pode fazer-se pelo caminho lajeado que liga a aldeia de Lindoso à cabana de Travanquinha (ver NIG.082), ainda em uso, ou pela estrada florestal Lindoso - Louriça (até à casa do guarda e daí pelas traseiras). O sítio não está sinalizado.

E - Neste local são visíveis aglomerados informes de calhaus e cascalho, entre os quais foi encontrada, por Allan J. Davies, uma laje granítica epigrafada, com as seguintes características:

Leitura: apenas conseguimos ler CAPITO no final da linha 7 e OBIT na linha 9. Por dificuldades de interpretação não apresentamos leitura completa. Consequentemente não se apresenta tradução.
Morfologia: peça tipo bloco monolítico, em forma aproximada de estela (os dois terços superiores esboçam uma espécie de arco peraltado; o terço inferior aguça formando uma espécie de espigão, destinando-se provavelmente a fixar a peça no solo). Toscamente talhado em granito grosseiro da região, em razoável estado

de conservação mas com faces erodidas (granulosas) e pequenas fracturas, apresenta uma fractura maior que fez desaparecer quase todo o bordo lateral direito. A face anterior apresenta uma superfície mais regularmente desbastada (mas não afeiçoada), um sulco perimetral irregular que parece marcar uma espécie de moldura e uma epígrafe gravada, pouco legível.

Dimensões gerais (em centímetros): altura = 143; largura = 58; espessura = 28. Do campo epigráfico: 90 x 58.

Dimensões das letras (altura média por linha, em centímetros): l.1: 3,6 - l.2: 4,5 - l.3: 3,8 - l.4: 5 - l.5: 6 - l.6: 6 - l.7: 6 - l.8: 4,5 - l.9: 6,5 - l.10: 4 - l.11: 7. No conjunto, a letra mais alta mede 8 e a mais baixa 3 centímetros.

Comentário paleográfico: conservou-se a quase totalidade do texto, com 11 linhas que não revelam qualquer cuidado de alinhamento em relação aos limites do campo epigráfico ou entre si, com grande variação no espaçamento interlinear e na própria altura das letras. As letras são do tipo "capital cursiva", com ligeira inclinação à direita. Não se identificam "AA" com travessão central, os "UU" são arredondados e abertos e os "SS" apresentam-se angulosos. A gravação é pouco cuidada, de secção em "U" e sem acabamento dos vértices. No que respeita a nexos, pontuação e decorações, registamos a identificação apenas de um ponto.

Comentário histórico-arqueológico: aceitando-se a formulação OBIT da linha 9, tratatar-se-á de uma estela funerária de tipo romano, eventualmente relacionável com o habitat de fundação romana do Cabeço de Leijó. Pelas características paleográficas, em que sobressai a já referida formulação OBIT, será uma inscrição tardia, já do período suevo-visigótico (séculos V-VI). Alain Tranoy e Rodríguez Colmenero, que tiveram a oportunidade de ver um decalque, partilham esta proposta cronológica. O contexto arqueológico local é igualmente concordante com a cronologia que se propõe, com vestígios que se distribuem dos séculos I-II até aos séculos V-VI, como sejam cerâmicas, vidros, outras inscrições e peças esculturadas provenientes de vários sítios (dados proporcionados pelas escavações e prospecções arqueológicas).

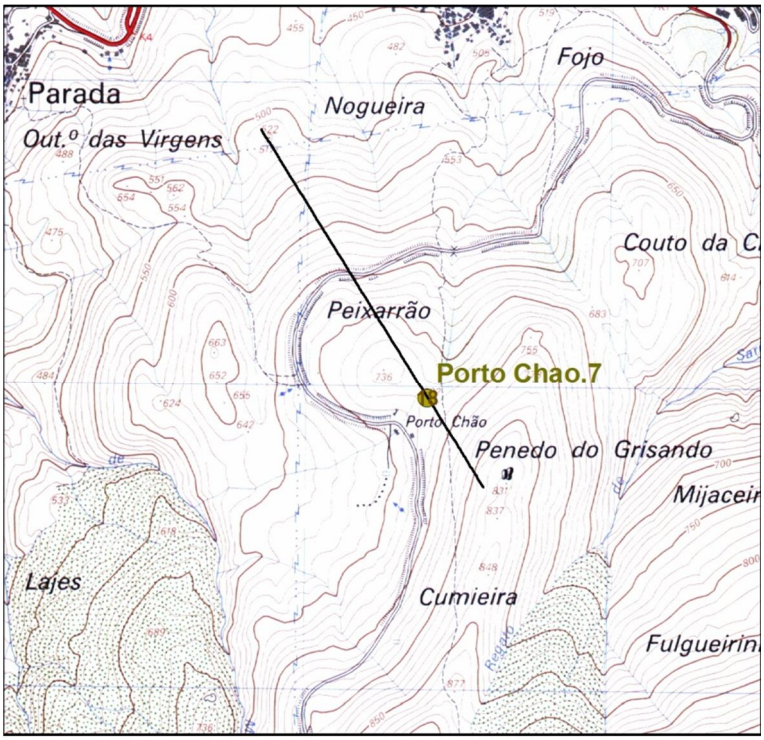
F - A laje epigrafada é uma estela funerária (?) com inscrição atípica[13]. O texto, pouco legível, tem 11 linhas, conseguindo ler-se CAPITO no final da linha 7 e OBIT na linha 9. Aceitando-se a formulação OBIT da linha 9, trata-se claramente de um epitáfio, cujas características paleográficas, em que sobressai a formulação OBIT, apontam para uma cronologia tardia, já do período de domínio suevo-visigótico (séculos V-VI).
O achado deverá corresponder à existência de um enterramento nas proximidades, eventualmente relacionável com o habitat de Cabeço de Leijó (NIG.016) e com o provável enterramento de Porto Chão.6 (NIG.017).

G - O sítio apresenta-se revolvido, dependendo a conservação dos restos subsistentes da maior ou menor erosão do solo local ou da alteração do uso do terreno, que de modo algum deve ser florestado. De valor difícil de estabelecer enquanto recurso arqueológico, reveste grande interesse para a compreensão da ocupação antiga da zona de Porto Chão/Cabeço de Leijó/Lindoso, particularmente no que concerne à delimitação dos espaços funerários, de trânsito e de habitat. Não justifica uma classificação individualizada, devendo simplesmente ser integrado na área de protecção do complexo arqueológico de Porto Chão, de acordo com a recomendação do Plano de Ordenamento do Parque (PO-PNPG:74). A inscrição foi depositada no castelo de Lindoso, integrando actualmente a colecção do núcleo museológico.

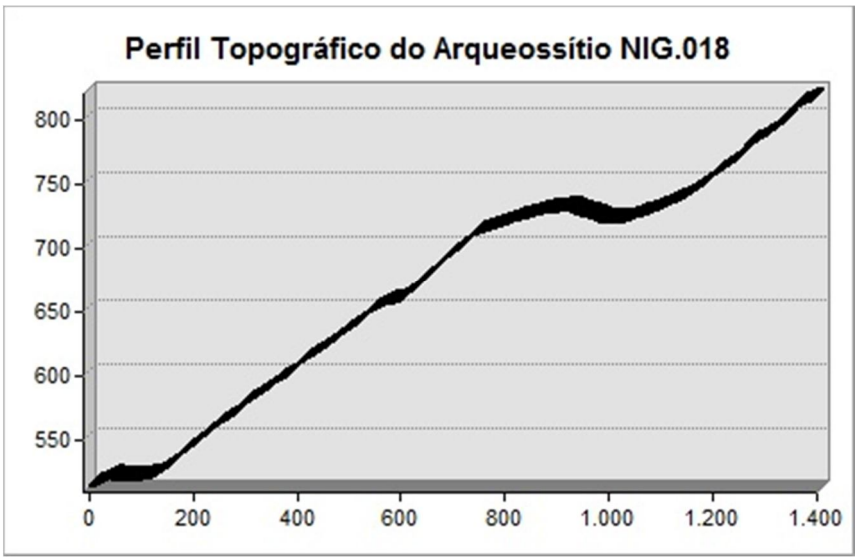
H - Inédito. Estampa XVIIIa, XVIIIb e XVIIIc.

13 Segundo Armando Redentor, poderá tratar-se de mais uma inscrição votiva, conforme comentário que nos transmitiu e que reproduzimos: “A peça do Peixerrão é um grande desafio. Creio que para além do nome Capito poderão existir outros antes e inclino-me, presentemente, mais para uma peça votiva do que para um epitáfio; a forma verbal obi(i)t não a vejo clara. Todavia, uma proposta mais ou menos coerente para interpretação da peça necessita de mais investimento em termos de análise, inclusive autóptica.”

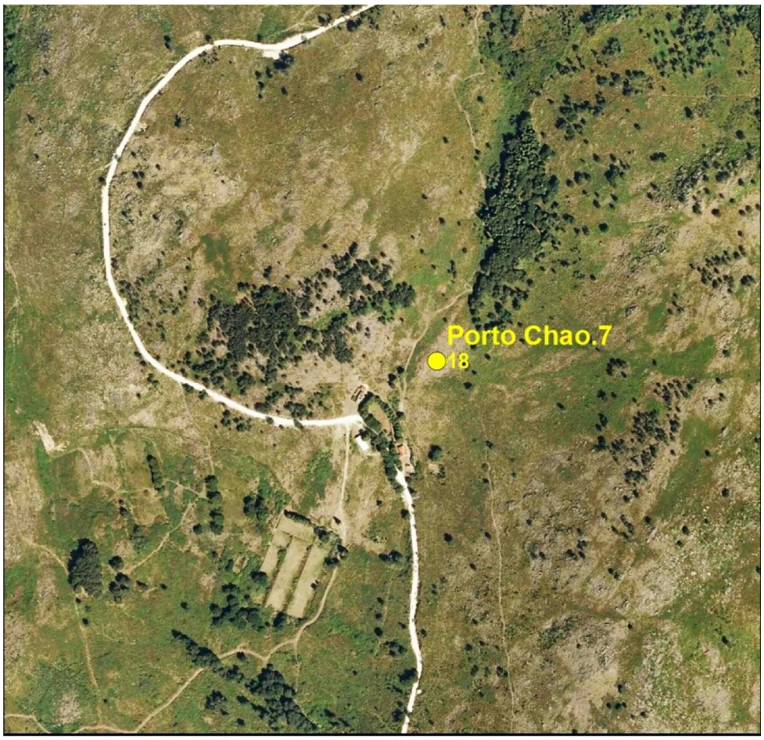
Estampa XVIIIa



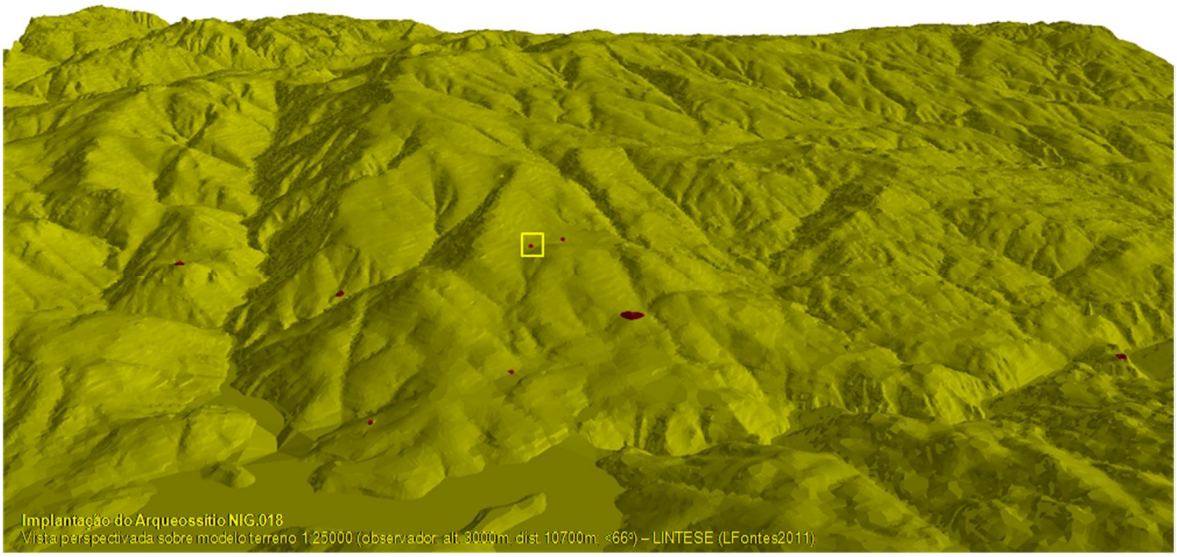
Localização de Arqueossítio NIG.018 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XVIIIb



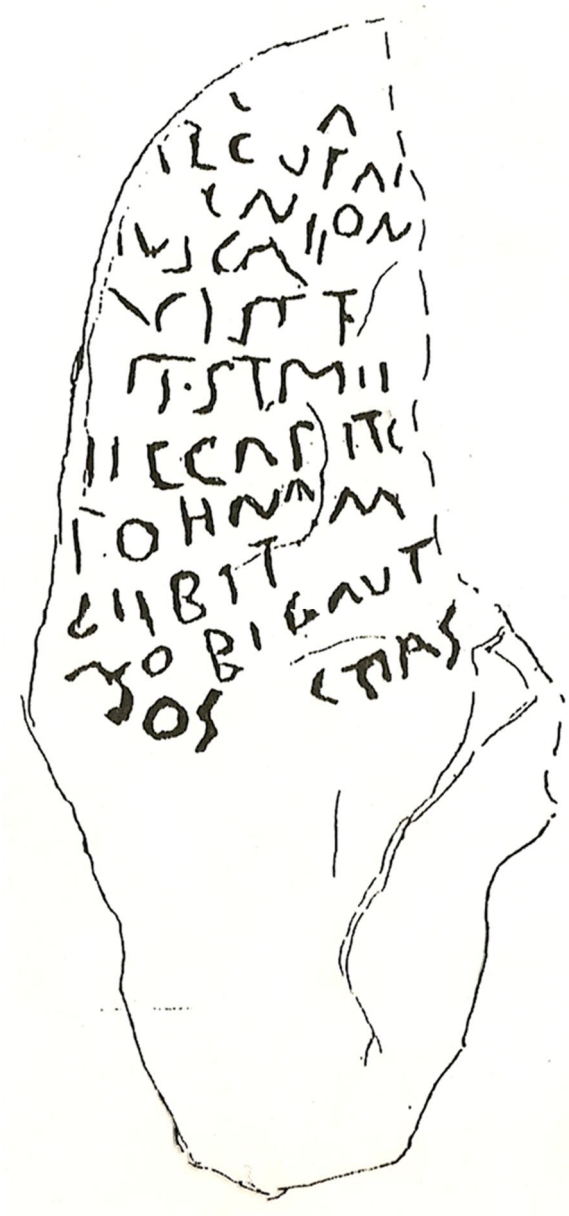
Localização de Arqueossítio NIG.018 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XVIIIc



fotoNIG018a - Laje com inscrição romana da Portela de Peixarrão



desenho0018 – Laje com inscrição romana da Portela de Peixarrão (esc. 1:10)

A - **Chã da Torre.1 (NIG.019)** - Chã da Torre

B - Branda agro-pastoril

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196630,59 / Y=542137,89 / Z=610; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se na chã que se desenvolve a Sul do cabeço da Torre Grande, um maciço granítico que sobressai na margem direita do rio Cabril, dominando a confluência do seu tributário ribeiro do Gavião. A chã ocupa a vertente suave que se estende até à vertente norte da Colá da Bruta, fechando em concha mais abrigada, côncava, em torno da linha de água que aqui se inicia mas que se vai perder nas escarpas do Cabril. A Norte, dominando a chã, o maciço é coroado por um extenso afloramento granítico que cai em escarpa para poente sobre o rio Cabril, sobressaindo desse lado o inacessível pico da Torre Pequena.

Exposta a nascente e a poente, apresenta uma visibilidade próxima limitada a esses quadrantes: um pequeno troço do vale do rio Cabril e o talvegue da Corga das Pereiras. Um pouco mais longe a visibilidade é cortada pelo cabeço da Colá da Bruta e pelas vertentes escarpadas da Aguieira e dos Medornos.

Ao contrário das encostas que descem da chã, onde se verificam frequentes desprendimentos de terras (fenómenos de solifluxão - as “quebradas”), existem aqui boas condições de sedimentação, proporcionadas pelas características fisiográficas, o que originou um solo espesso, rico em matéria orgânica, que suporta uma cobertura vegetal rasteira, com domínio de fetos e herbáceas. Na periferia e junto à linha de água conservam-se pequenas manchas de carvalhos e medronheiros. Com uma pedregosidade mínima, ou quase inexistente, o terreno é usado como prado natural.

O substrato geológico é granítico (mancha do Gerês), aflorando em pequenas manchas.

O acesso ao sítio faz-se por caminho carreteiro da povoação de Lindoso até à passagem do rio Cabril em Porto Maceira, e daí até à cabana de Gavião e cume da Torre por caminho de pé posto. Não está sinalizado.

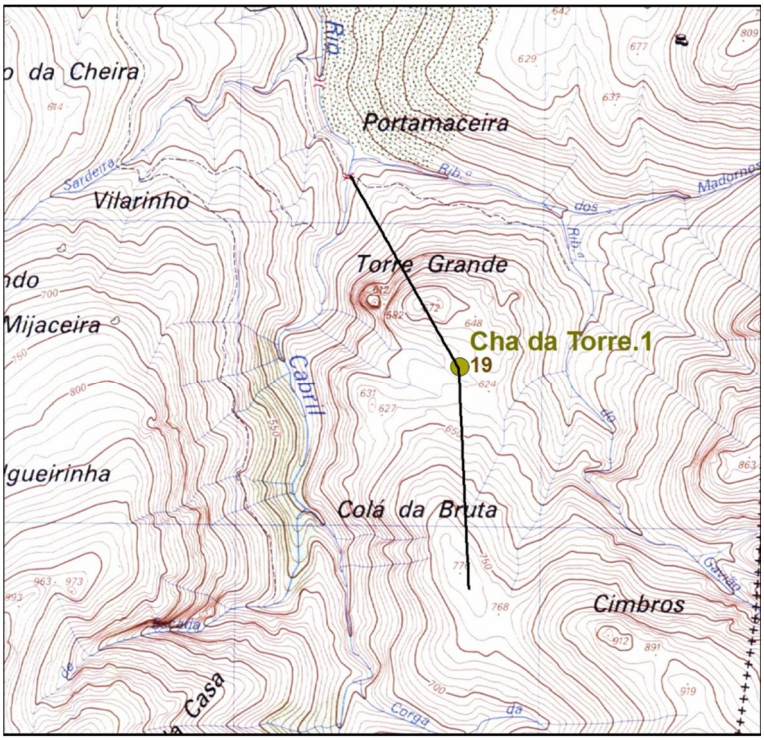
E - A meio da chã, numa área aproximada de 400 m^2, abrigados de Norte pela coroa da Torre Grande, ocultos por giestas e urzes, encontram-se restos de construções de planta rectangular, formadas por paredes de blocos e lajes graníticas simplesmente alinhados – "(...) não ultrapassam os 5 ou 6 metros de comprimento, algumas são mesmo mais pequenas, toscas e informes, provavelmente teriam remates em falsa cúpula empedrados e torroados ou com grandes lajes lisas como ainda hoje se podem ver na branda da Chã de Mosqueiros, na serra do Soajo.(...)" (Baptista, 1990: 9-10). Não parece conservar-se qualquer sedimentação antrópica nem se identificam quaisquer outros vestígios associáveis. Releva também a associação com o topónimo "Torre", através do qual a população designou o cabeço próximo fixando a memória de uma ocupação de significado militar de vigilância e controle (ver arqueossítio da Torre Grande - NIG.012).

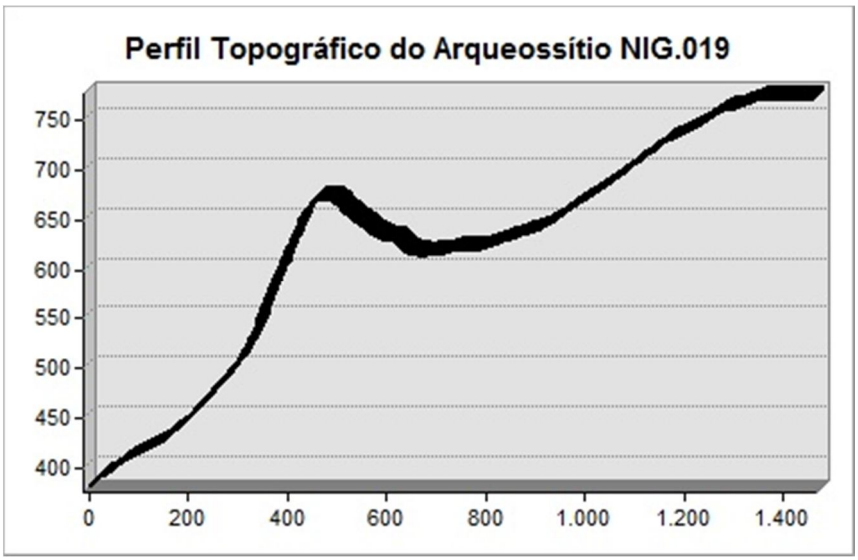
F - Este sítio foi já objecto de apreciação por parte de A.M. Baptista, que o considerou como "aldeamento que poderei classificar do tipo de branda pastoril" (Baptista, 1990:12). Do ponto de vista construtivo, encontramos paralelos para estes vestígios nos arqueossítios (brandas) de Porto Chão.8 (NIG.020), Porto Chão.9 (NIG.021) e Ludentos (NIG.022). Julgamos ainda encontrar paralelos etnográficos para este tipo de instalações, nas construções da branda de Bilhares, Ermida, ou nas brandas da Peneda e do Soajo, do outro lado do rio Lima, bem como nas do vale alto do rio Vez (Oliveira, Galhano e Pereira, 1994: 175 e segs.), Com base nestes paralelismos e valorizando a circunstância da implantação se fazer junto de bolsas de solos agricultáveis, entendemos que estes núcleos de construções (tipo "pardieiros" ou "colmaços") serviram uma exploração agrícola sazonal do sítio, funcionando como arrecadação e/ou abrigo episódico, bem como currais, aceitando-se portanto a sua ocupação temporária. Assim, a classificação como "branda agro-pastoril" será mais adequada.
A ocupação deste local ter-se-á desenvolvido durante a Idade Média, à sombra das ruínas do povoado do alto da Torre Grande. A sua ocupação continuou na Idade Moderna com a construção de uma cabana e um curro (Chã da Torre.2 - NIG.052), que prolongaram a utilização igualmente sazonal, mas exclusivamente pastoril, deste pedaço de serra.

G - Este conjunto contém bastantes vestígios de estruturas, dependendo a sua conservação da maior ou menor erosão do solo local, ameaça que actualmente não se verifica. Com bastante significado para a compreensão da paisagem arqueológica regional, particularmente no que respeita à difusão e modalidades do povoamento medieval, estes vestígios constituem um recurso de grande valor, devendo por isso ser objecto de estudo e protecção (levantamento topográfico e limpezas periódicas do excesso de vegetação arbustiva). O Plano de Ordenamento do PNPG prevê a sua inclusão na classificação de Imóvel de Interesse Público proposta para o “Povoado e complexo arqueológico da Torre Grande” (PO-PNPG, 1995:76).

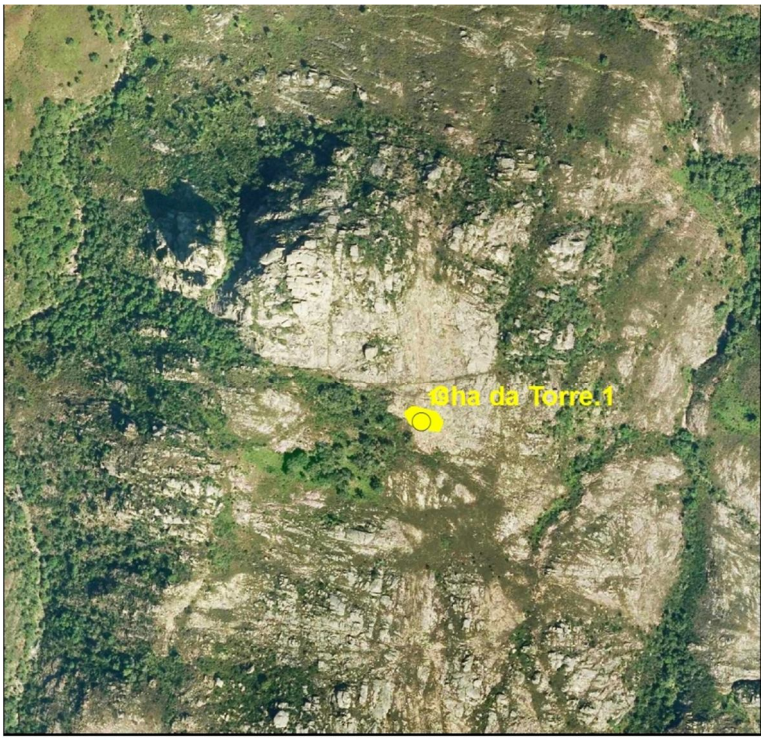
H – Baptista, 1990. Estampas XIXa e XIXb

Estampa XIXa

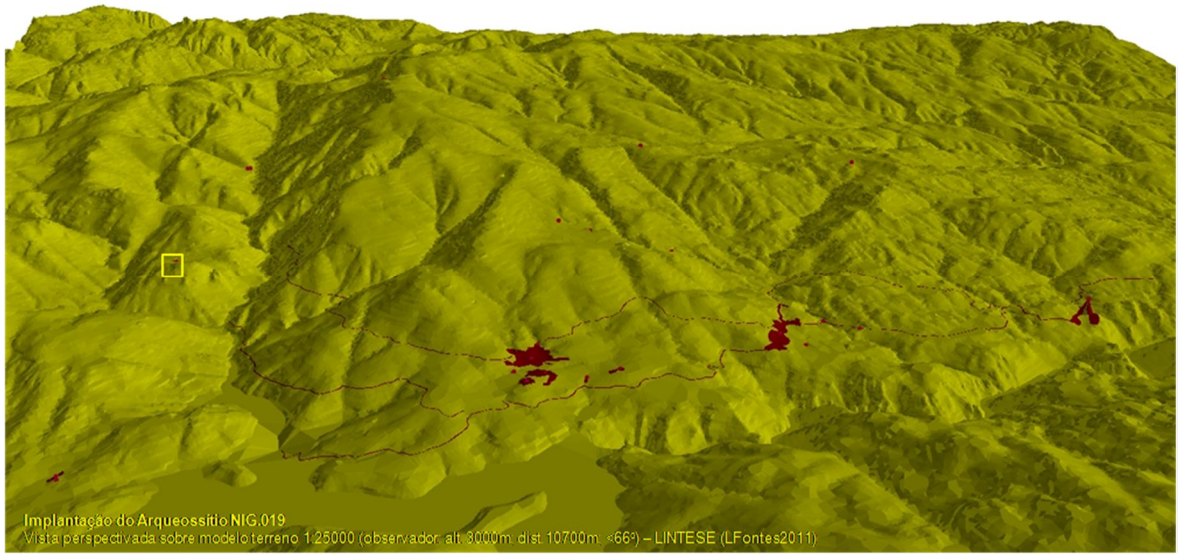




Estampa XIXb



Localização de Arqueossítio NIG.019 extracto da Orto_17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A – **Porto Chão.8 (NIG.020)** - Pardieiros de Porto Chão; Casas dos Mouros

B – Branda agro-pastoril

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193837,69 / Y=542118,26 / Z=660; Parada

D – Este arqueossítio situa-se numa plataforma ligeiramente elevada que prolonga a ruptura final côncava da pendente da encosta do Aradoiro, no bordo sudoeste do anfiteatro de Porto Chão. A visibilidade estende-se à totalidade da "concha" do anfiteatro de Porto Chão, abrindo para NO sobre a inflexão do curso do rio da Feicha na mesma direcção.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se grande densidade de calhaus dispersos e/ou acumulados em sulcos e/ou alinhamentos. Não se evidenciam condições erosivas, admitindo-se a existência de sedimentação potenciada pela armação do terreno em terraços que acompanham regularmente as curvas de nível.
A área apresenta uma cobertura vegetal arbustiva dominada por tojo. O sítio está globalmente exposto a poente, sendo por esse lado sobranceiro ao rio da Feicha que corre aqui de Sul para Norte, em funda ravina limitando abruptamente a plataforma. Um regato mais pequeno mas com leito igualmente escavado, aflui de SE, determinando para o sítio uma configuração de esporão.
O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa do guarda (junto ao caminho Lindoso/Louriça), ou ainda pelo caminho lajeado que vem da aldeia de Parada (ver NIG.083), hoje pouco usado. Não existe sinalização.

E – Neste local encontram-se restos de inúmeras edificações de planta quadrangular e rectangular com cerca de 4 m de lado, dispostas em bandas contínuas ao longo de dois eixos principais ortogonais, orientados NNE-SSO, que deverão corresponder a arruamentos. Cobrem uma área superior a 700 m^2. Conserva-se a parte inferior das paredes, formadas por grandes lajes graníticas simplesmente encostadas e fincadas no solo, aproveitando por vezes os próprios afloramentos naturais de rocha. Muitas outras lajes e blocos encontram-se tombados ao longo das paredes, onde se identificam ainda os vãos

correspondentes às entradas (algumas lajes das guarnições conservam orifícios para trancagem de portas). Uma das lajes graníticas ostenta gravuras rupestres, denunciando uma reutilização de materiais (ver Porto Chão.5 - NIG.005).
Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa. Os terraços que armam o terreno envolvente são sustentados por simples alinhamentos de blocos e lajes de granito ou raros e toscos muros de mamposteria. Não se recolhe qualquer tipo de espólio.

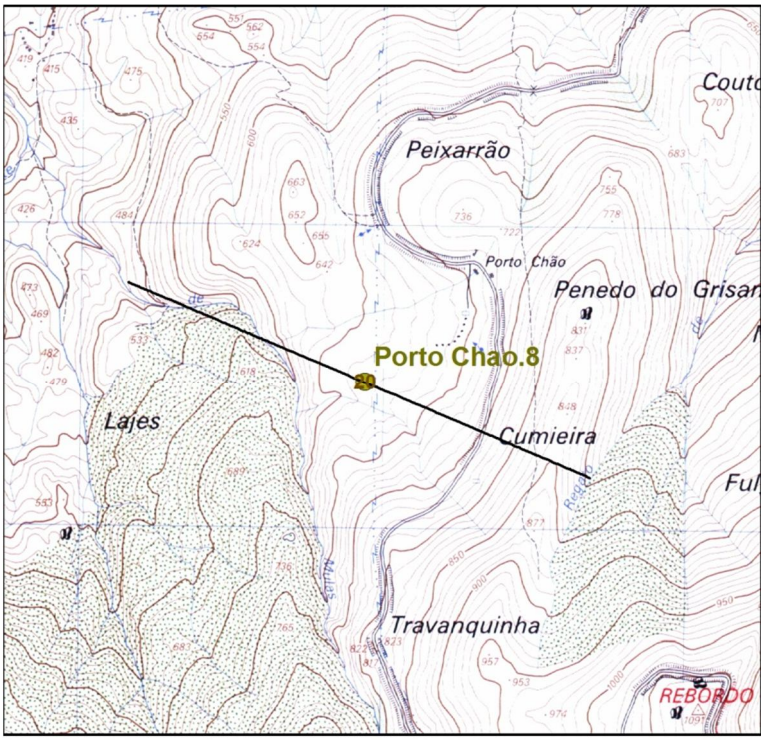
F – Do ponto de vista construtivo, encontram-se paralelos para estes vestígios nos arqueossítios (brandas) de Chã da Torre.1 (NIG.019), Porto Chão.9 (NIG.021) e Ludentos (NIG.022)[14]. Com base nos paralelismos estabelecidos e valorizando a circunstância da implantação se fazer junto de bolsas de solos agricultáveis, neste caso acompanhada de socalcos fósseis (embora se aceite que alguns sejam recentes, resultantes de tentativas de florestação), entendemos que estes núcleos de construções (tipo "pardieiros" ou "colmaços") serviram uma exploração agrícola sazonal do sítio, funcionando como arrecadação e/ou abrigo episódico, bem como currais, aceitando-se portanto uma ocupação temporária. Pode, assim, classificar-se o sítio como "branda agro-pastoril".
A ocupação deste arqueossítio ter-se-á desenvolvido durante a Idade Média, articulando-se eventualmente com o núcleo populacional de Parada e seguramente com o sítio de Porto Chão.9/Afonsinhos (NIG.021), do qual dista apenas 300 m.

G – Com bastante interesse para a compreensão da paisagem arqueológica e histórica regional, particularmente no que respeita ao povoamento medieval e modalidades de exploração da serra, estes vestígios constituem um recurso muito valioso, devendo ser objecto de estudo e protecção (levantamento topográfico e limpezas periódicas do excesso de vegetação arbustiva). O Plano de Ordenamento do PNPG prevê a sua classificação como Monumento Nacional, proposta para o “Complexo arqueológico de Porto Chão” (PO-PNPG, 1995:74).

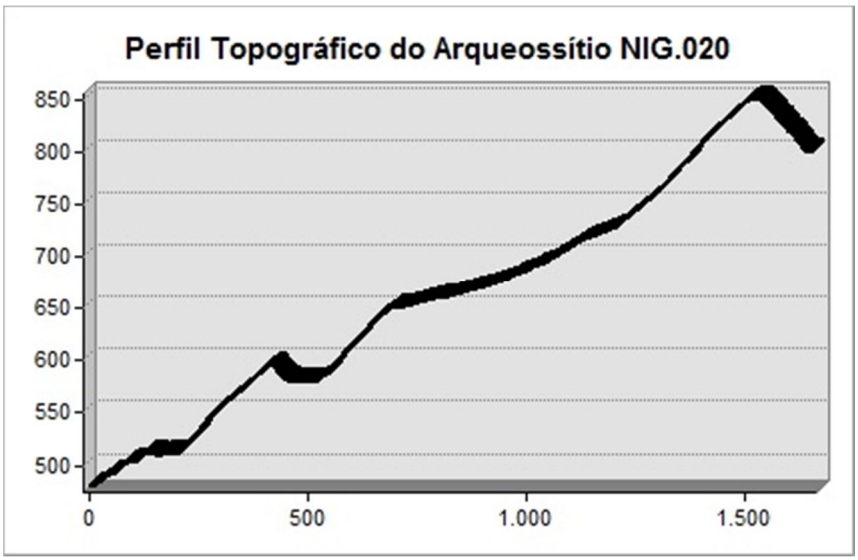
H – InvArqPNPG (ficha nº 071). Estampas XXa, XXb, XXc e XXd.

14 Para os paralelismos ver descrição e comentários em NIG.019.

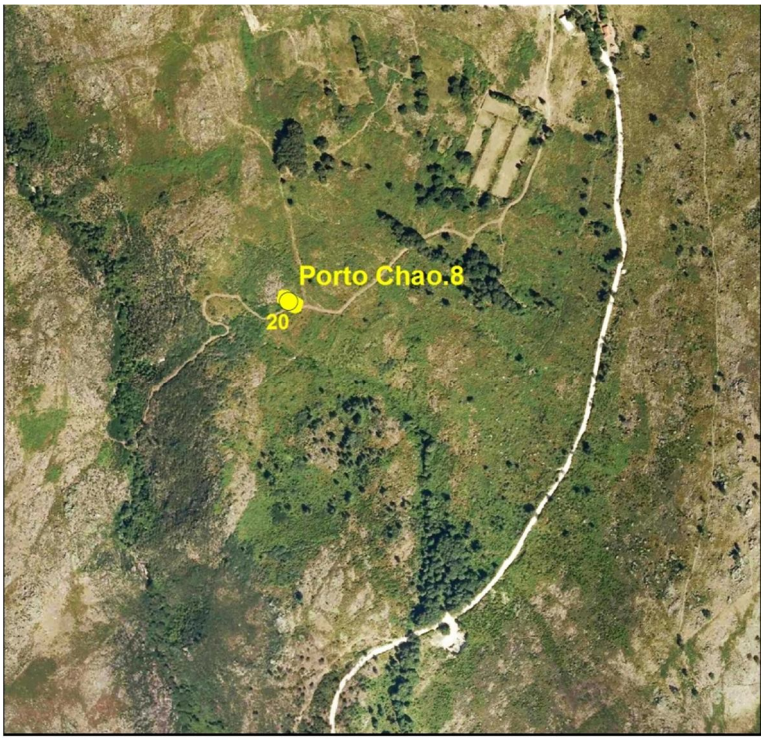
Estampa XXa



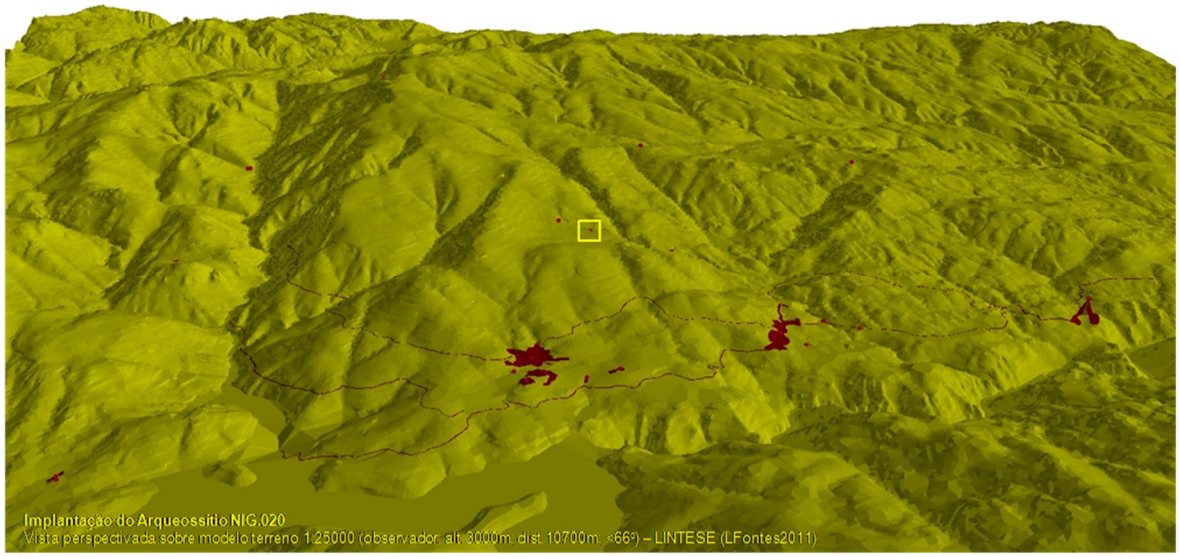
Localização de Arqueossítio NIG.020 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXb



Localização de Arqueossítio NIG.020 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXc



fotoNIG020a - Panorâmica de Porto Chão, vista de Sul

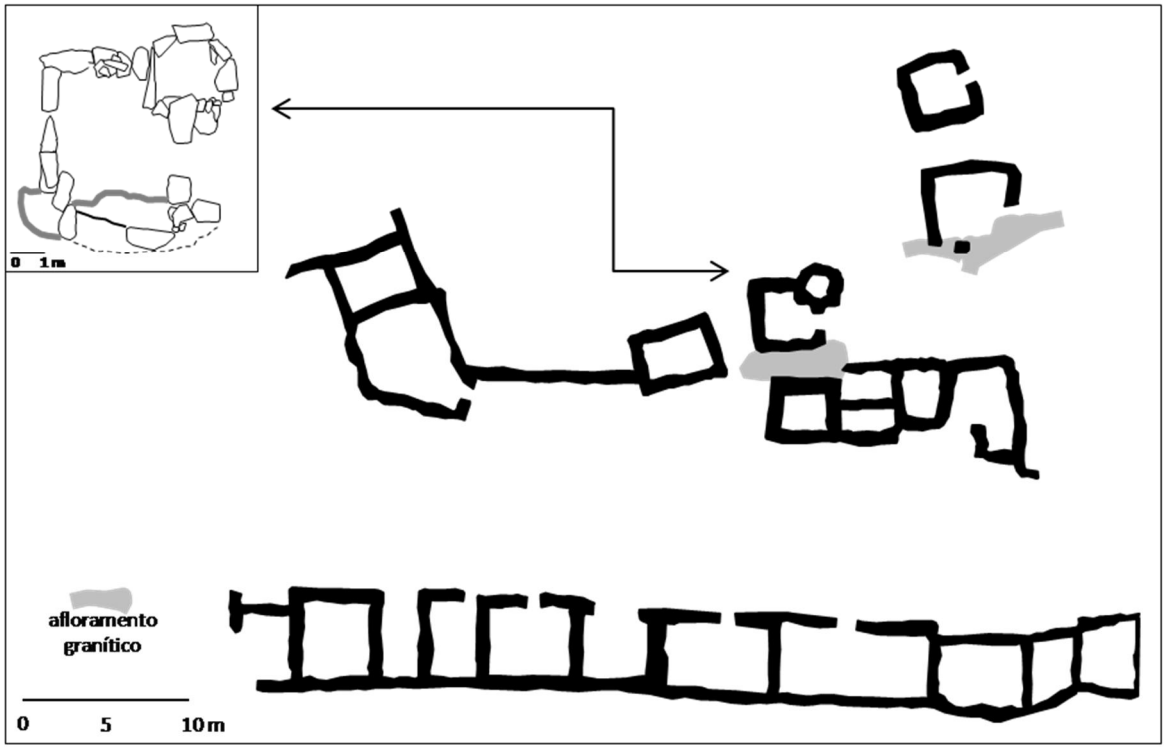


fotoNIG020b - Perspectiva parcial dos vestígios das 'Casa dos Mouros', em Porto Chão

Estampa XXd



fotoNIG020b - Perspectiva parcial dos vestígios das 'Casa dos Mouros', em Porto Chão



desenho0023 – Planta parcial das ruínas das 'Casas dos Mouros', em Porto Chão

A - **Porto Chão.9 (NIG.021)** - Afonsinhos

B - Branda agro-pastoril

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194043,77 / Y=541994,61 / Z=710; Parada

D - Este arqueossítio situa-se em zona de vertente, a meio da encosta do Aradoiro, na bordadura Sul do anfiteatro natural de Porto Chão, junto a uma linha de água que corre de SE para NO em direcção ao rio da Feicha. A visibilidade abrange a totalidade da "concha" do anfiteatro de Porto Chão, estendendo-se para o quadrante Norte até ao vale do rio Lima e contrafortes da serra da Peneda.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é elevada, registando-se grande densidade de calhaus dispersos e/ou acumulados em sulcos e/ou alinhamentos. O terreno envolvente apresenta-se armado em terraços que acompanham regularmente as curvas de nível. Ardida em 1990, a área apresenta uma cobertura vegetal arbustiva dominada por tojo e pequenas bolsas arbóreas junto à linha de água. Nas zonas arborizadas regista-se alguma sedimentação, ao contrário da restante área onde se verificam significativas perdas de solo.
O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa florestal de Porto Chão ou directamente a partir do estradão Lindoso - Louriça. Não está sinalizado.

E - Neste local encontram-se restos de inúmeras edificações de planta quadrangular e rectangular com cerca de 3-4 m de lado, dispostas em bandas contínuas ao longo de um eixo irregular com orientação geral N/S, que deverá corresponder a um arruamento. Cobrem uma área superior a 400 m^2. Conserva-se a parte inferior das paredes, formadas por grandes lajes graníticas simplesmente encostadas e fincadas no solo, aproveitando por vezes os próprios afloramentos naturais de rocha.
Muitas outras lajes e blocos encontram-se tombados ao longo das paredes, onde se identificam ainda os vãos correspondentes às entradas (algumas lajes das guarnições conservam orifícios para trancagem de portas). Na banda sul, semi-

enterrada no solo, uma das construções conserva ainda parte da cobertura de lajes graníticas, armada em falsa cúpula por enrocamento.
Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa. Os terraços que armam o terreno envolvente são sustentados por simples alinhamentos de blocos e lajes de granito. Não se recolhe qualquer tipo de espólio.

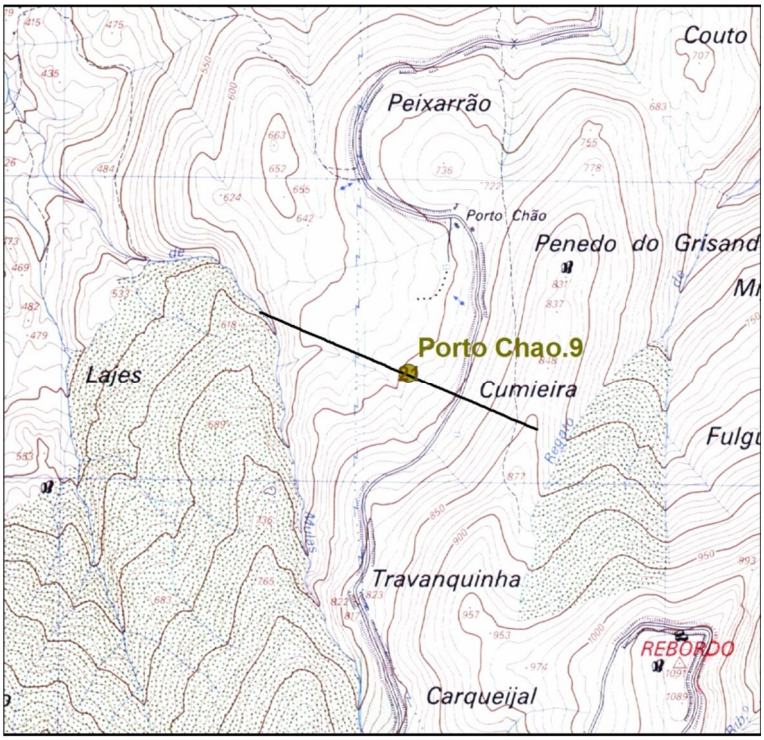
F - Do ponto de vista construtivo, estes vestígios são semelhantes aos dos arqueossítios (brandas) de Chã da Torre.1 (NIG.019), Porto Chão.8 (NIG.020) e Ludentos (NIG.022)[15]. Com base nos paralelismos estabelecidos e valorizando a circunstância da implantação se fazer junto de bolsas de solos agricultáveis, neste caso acompanhada de socalcos fósseis (aceitando-se que alguns sejam recentes, resultantes de tentativas de florestação), entendemos que estes núcleos de construções (tipo "pardieiros" ou "colmaços") serviram uma exploração agrícola sazonal do sítio, funcionando como arrecadação e/ou abrigo episódico, bem como currais, aceitando-se portanto uma ocupação temporária. Pode, assim, classificar-se o sítio como "branda agro-pastoril".
A ocupação ter-se-á desenvolvido durante a Idade Média, articulando-se eventualmente com o núcleo populacional de Parada e seguramente com o sítio de Porto Chão.8/Pardieiros (NIG.020), do qual dista apenas 300 m.

G - Este arqueossítio conserva um importante conjunto de construções arruinadas, de grande interesse para o estudo e compreensão da paisagem arqueológica regional, particularmente no que respeita à difusão e modalidades do povoamento medieval. Constituindo um recurso de grande valor, deveriam ser objecto de estudo e protecção (levantamento topográfico e limpezas periódicas dos excessos de vegetação arbustiva). Embora não seja aí mencionado, este sítio é abrangido pela classificação de Monumento Nacional proposta para o “Complexo arqueológico de Porto Chão” (PO-PNPG, 1995:74).

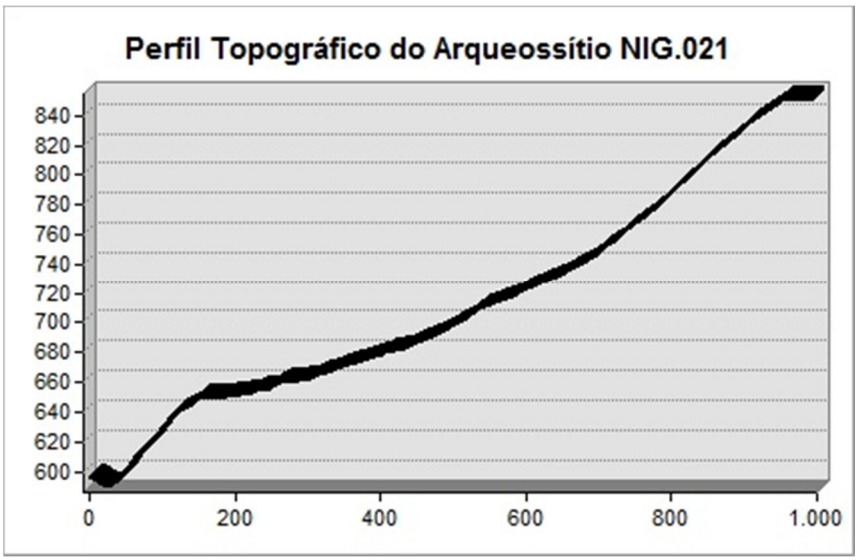
H - Inédito. Estampas XXIa, XXIb e XXIc.

15 Para os paralelismos com arqueossítios similares constantes deste inventário, ver NIG.019.

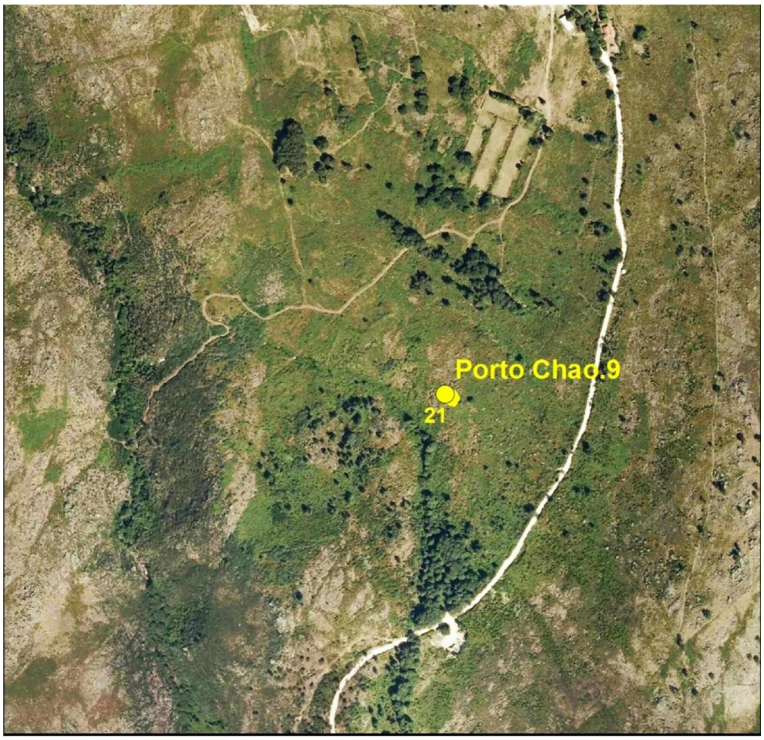
Estampa XXIa



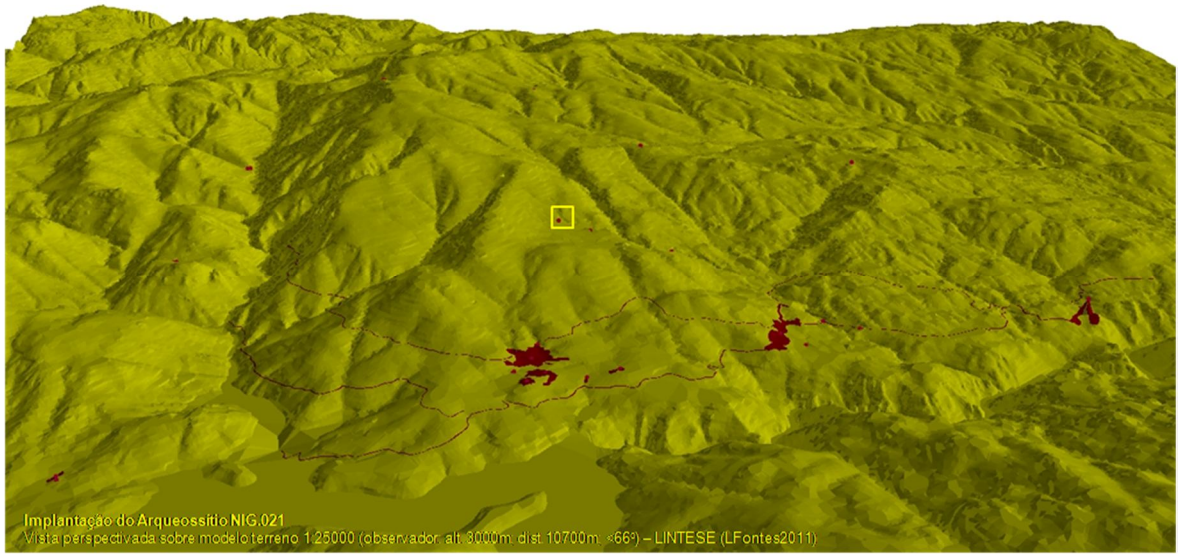
Localização de Arqueossítio NIG.021 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIb



Localização de Arqueossítio NIG.021 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIc



fotoNIG021a - Panorâmica de Porto Chão, vista de Norte



fotoNIG021b - Perspectiva parcial dos vestígios de Afonsinhos, em Porto Chão

A - **Ludentos (NIG.022)** - Ludendos

B - Branda agro-pastoril

C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=191354,90 / Y=540771,86 / Z=725; Cidadelhe / Mosteirô (Britelo)

D - Este arqueossítio situa-se num pequeno esporão, que se desenvolve para Norte ao centro da ampla chã planáltica das Cerqueiras. Enforma o bordo sul de um pequeno anfiteatro natural aberto para NE, onde nasce o ribeiro dos Cardos (ou corga de Ludentos). Abrigado de NO pelo pico das Cerqueiras, o local está globalmente exposto a NE, desfrutando de uma ampla visibilidade que se estende a toda a encosta da serra Amarela, do alto da Louriça até à aldeia de Parada. Ao longe, para lá da confluência do rio Laboreiro com o rio Lima, destacam-se as massas montanhosas da Peneda e de Laboreiro.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas rasas pouco extensas e/ou em imponentes caos de blocos, pouco boleados. O terreno apresenta-se armado em socalcos largos que acompanham as curvas de nível, verificando-se condições de sedimentação que proporcionam o desenvolvimento de solos mais ou menos espessos, ricos em matéria orgânica, que suporta uma cobertura vegetal rasteira, com domínio de fetos e herbáceas. Para além de uma mancha localizada em que se concentram alinhamentos de elementos pétreos, regista-se uma pedregosidade mínima, ou quase inexistente, sendo o terreno usado como prado natural.
O acesso pode fazer-se por caminhos de pé posto, com troços lajeados, que servem o local, vindos das aldeias de Mosteirô, de Cidadelhe ou das cabanas de Chã do Couto. Não está sinalizado.

E - Neste local encontram-se restos de inúmeras edificações de planta quadrangular e rectangular com cerca de 4 m de lado, dispostas em bandas contínuas ao longo de um eixo principal orientado NE-SO, que deverá corresponder a um arruamento. Cobrem uma área superior a 500 m^2.
Conserva-se a parte inferior das paredes, formadas por grandes lajes graníticas simplesmente encostadas e fincadas no solo, aproveitando por vezes os próprios

afloramentos naturais de rocha. Muitas outras lajes e blocos encontram-se tombados ao longo das paredes, onde se identificam ainda os vãos correspondentes às entradas (algumas lajes das guarnições conservam orifícios para trancagem de portas).
Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa. Os terraços que armam o terreno envolvente são sustentados por muros de mamposteria. Não se recolhe qualquer tipo de espólio.

F - Estes vestígios são semelhantes aos dos arqueossítios (brandas) de Chã da Torre.1 (NIG.019), Porto Chão.8 (NIG.020) e Porto Chão.9 (NIG.021). Nas construções da branda de Bilhares, Ermida, ainda em uso, encontra-se o paralelo mais próximo para este tipo de arqueossítios. Nas brandas da Peneda e do Soajo, do outro lado do rio Lima, bem como nas do vale alto do rio Vez, encontram-se outros bons paralelos etnográficos para este tipo de ocupação (Oliveira, Galhano e Pereira, 1994: 175 e segs.).
Tal como nos arqueossítios referidos acima, estamos perante uma "branda agro-pastoril", cuja ocupação, temporária e sazonal, se terá desenvolvido durante a Idade Média, articulando-se muito provavelmente com o núcleo populacional de Mosteirô.

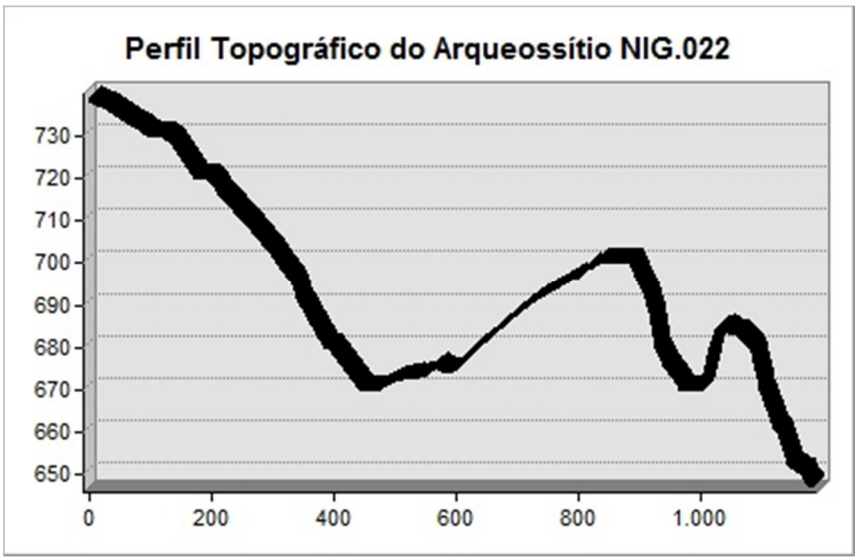
G - Este arqueossítio contém bastantes vestígios de construções, cuja conservação parece não estar ameaçada. Importa fazer o seu levantamento topográfico e sujeitar o sítio a limpezas periódicas do excesso de vegetação arbustiva.
Porque tem muito interesse para a compreensão das modalidades de apropriação dos espaços serranos em época medieval, a que acresce a qualidade paisagística da sua implantação fisiográfica, este arqueossítio constitui um recurso de grande valor. Deveria ser objecto de um projecto específico de protecção, estudo, conservação e aproveitamento, justificando-se a sua classificação individualizada como Imóvel de Interesse Público, a complementar com o estabelecimento de uma área especial de protecção.

H - InvArqPNPG (ficha nº 076). Estampas XXIIa, XXIIb e XXIIc.

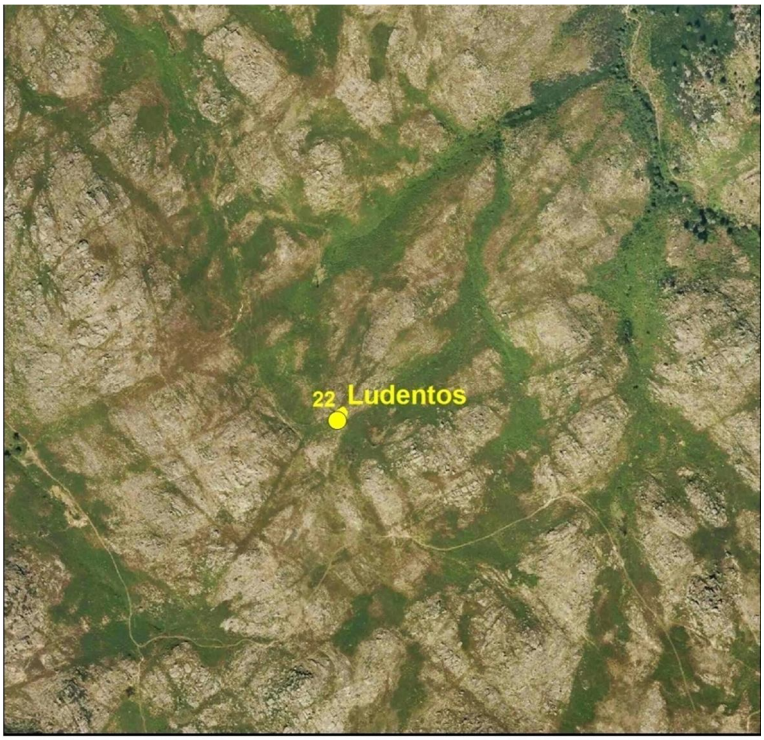
Estampa XXIIa



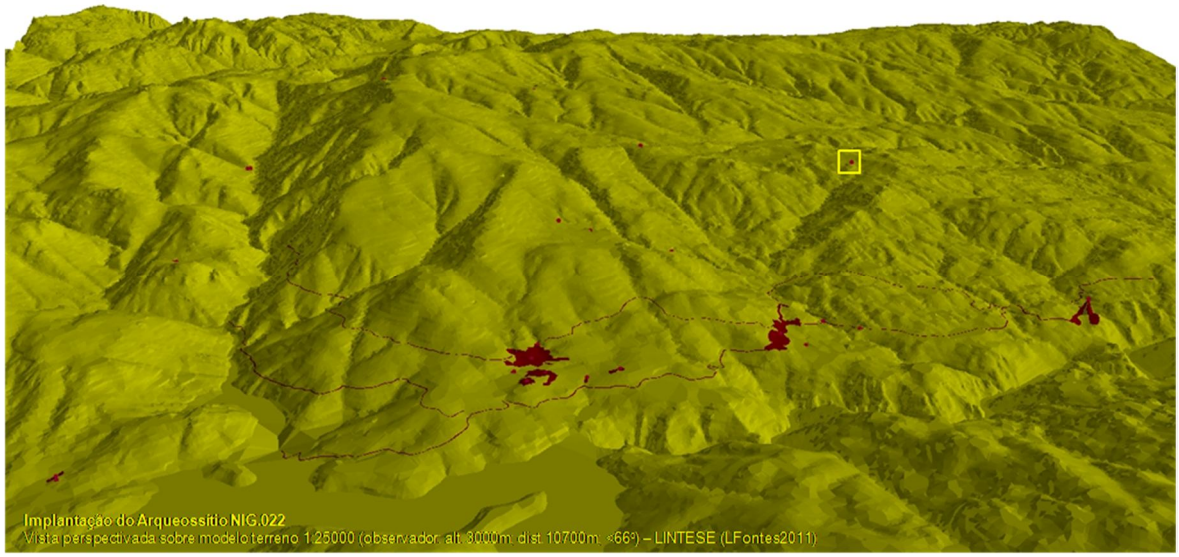
Localização de Arqueossítio NIG.022 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIIb



Localização de Arqueossítio NIG.022 extracto da Orto_17_3_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIIc



fotoNIG022a - Panorâmica de Ludentos, vista de Sul, com vestígios em primeiro plano

A - **Madalena.1 (NIG.023)** - Madalena (Santa Maria)

B – Inverneira ?

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196773,36 / Y=544655,04 / Z=379; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se numa pequena lomba coincidente com uma ruptura convexa de vertente, na base da encosta NNE dos Cabeços de Medornos, na margem direita do rio Cabril. A lomba margina uma pequena "concha" onde pequenas linhas de água convergem na Corga das Cavalinhas. Exposto a nascente, o sítio está "escondido" pelas colinas circundantes, nomeadamente o Cabeço da Geira a Norte e o Soalheiro a Sudoeste, alargando-se a visibilidade um pouco mais para S e E na direcção das altas encostas da serra de Santa Eufémia.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas pouco extensas e/ou em caos de blocos, pouco boleados. Observam-se alguns socalcos artificiais. A pedregosidade é escassa, registando-se algumas concentrações de calhaus em alinhamentos irregulares. Não se evidenciam condições de erosão, observando-se até alguma sedimentação nas zonas mais côncavas.
O local é parte logradouro público (área de descanso e recreio com parque de merendas), e parte propriedade privada (prados-lameiros), apresentando-se coberto por uma mancha arbórea bem desenvolvida com dominância de carvalhos. Ao nível do solo predominam herbáceas e tufos de tojo e urze.
O acesso faz-se por caminho asfaltado que faz a ligação da estrada nacional à capela de Santa Maria Madalena, que está sinalizada.

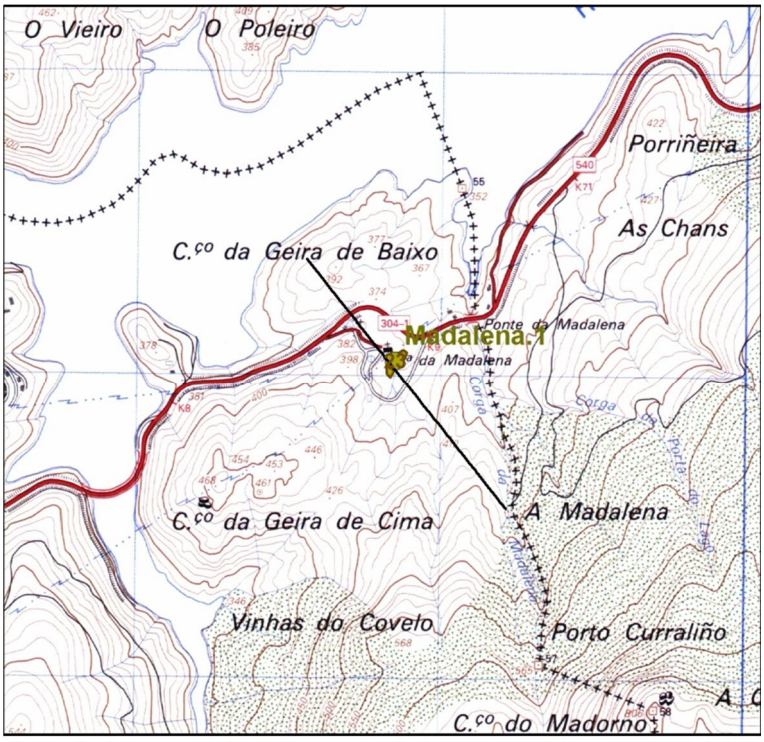
E - Neste local observam-se, em alinhamentos mais ou menos regulares, aglomerações de blocos graníticos toscamente afeiçoados. Nas proximidades recolheu-se o elemento movente de uma mó "manuária". Tombado junto a um troço de caminho abandonado conserva-se um grande monólito granítico, de forma paralelepipédica e secção quadrada, com três faces toscamente desbastadas e uma bem afeiçoada, apresentando num dos topos desta um campo quadrangular rebaixado, pouco profundo. Não se identificam quaisquer outros vestígios.

F – Interpretamos os vestígios descritos como restos de edificações e de utensilagem lítica associável. Desconhecemos a função do monólito com campo rebaixado, parecendo-nos, de qualquer modo, que a peça está apenas iniciada e não na sua forma final.
Estaremos perante as ruínas de um estabelecimento de pequenas dimensões (inverneira?), para cuja ocupação propomos, de um modo genérico, uma cronologia tardomedieval e moderna, com uma ocupação provavelmente sazonal, relacionada com o acolhimento de gados no Inverno, como se deduz das fontes documentais do século XIX (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documentos 11, 12 e 13).

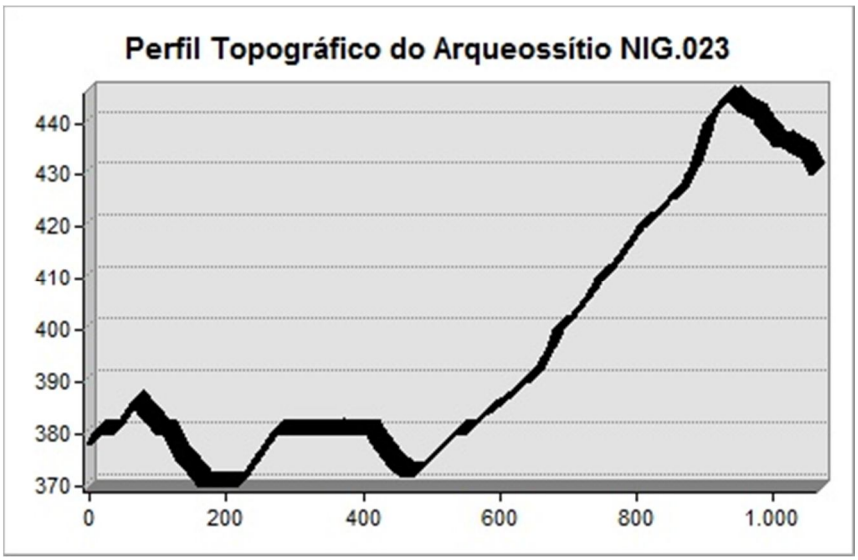
G - O sítio sofreu nas últimas décadas sucessivos arranjos para servir a romaria anual que aí se faz. Este facto, independentemente de o local se encontrar agora estabilizado com o parque de merendas instalado pelo PNPG, significa que houve revolvimentos intensos e explicará a escassez de vestígios que aí se observam. Por isso lhe atribuímos reduzido valor enquanto recurso arqueológico. Não se justifica a sua classificação especial, embora também não se deva aceitar qualquer alteração da topografia do sítio sem acompanhamento de técnicos de arqueologia.

H - Inédito. Estampas XXIIIa, XXIIIb e XXIIIc.

Estampa XXIIIa



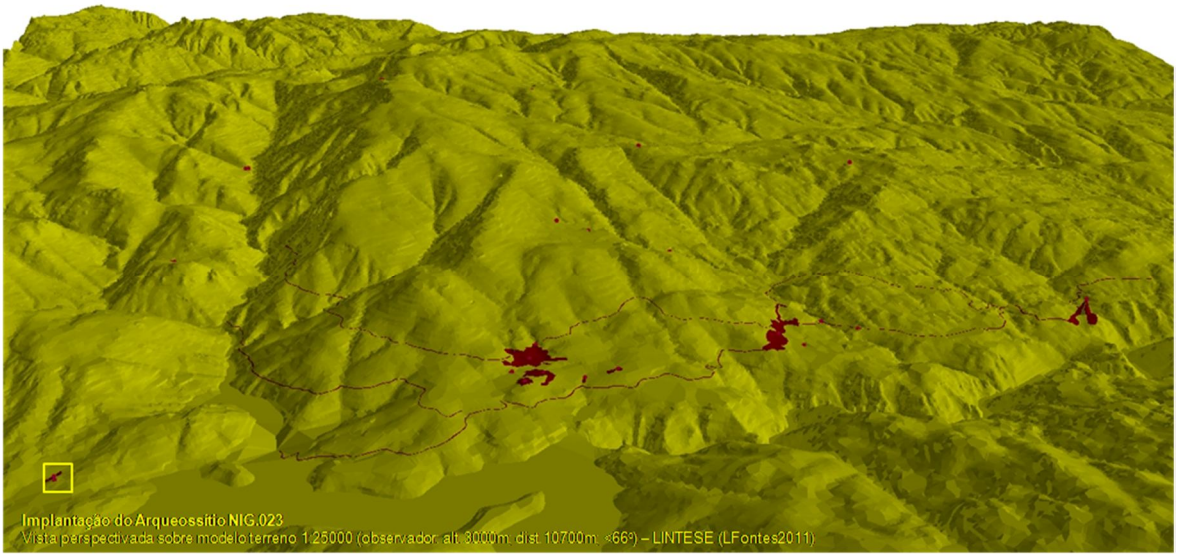
Localização de Arqueossítio NIG.023 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.023 extracto da Orto_17_2_B-17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIIIc



fotoNIG023a - Perspectiva parcial da Madalena, com vestígios em primeiro plano



fotoNIG023b - Pormenor de elemento de mó, na Madalena

A – **Lugar de Lindoso (NIG.024)** = Lugar de Lindoso

B - Povoado

C – SCE.17 / DGOGF.17D; X=194452,01 / Y=543861,12 / Z=450; Lindoso

D - Este sítio está implantado numa ruptura de vertente correspondente à base das encostas noroeste dos montes Forcão, Grisando e Peixerrão, desenhando uma "concha" abrigada na bordadura meridional da plataforma erosiva do Lindoso. O sítio é atravessado por pequenas linhas de água que drenam as encostas referidas. Com exposição a poente, a visibilidade estende-se à envolvente da aldeia e um pouco mais para NO em direcção ao vale do rio Lima, divisando-se no horizonte a massa montanhosa da serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, observando-se pequenos afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica. A ocupação do solo divide-se entre a social (casas, caminhos e equipamentos) e a agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho). Algumas árvores de fruto marginam os campos e os caminhos (oliveira, macieira, castanheiro).

E – O sítio corresponde ao local de implantação do principal núcleo da aldeia de Lindoso, fazendo-se o acesso pelo caminho municipal que liga a povoação à estrada nacional.
Estamos perante um tecido urbano consolidado, com arruamentos e pequenos logradouros marginados por habitações, estas com plantas que obedecem aos modelos-tipo da arquitectura vernácula do Noroeste serrano (AAP, 1988:72-78). Destacam-se pela qualidade arquitectónica as casas-sobradadas com varanda, todas de construção mais elaborada, com aparelho de alvenaria seca de silhares graníticos esquadrados e superfícies bem afeiçoadas, assentes com grande perfeição.
Em pátios ou eidos interiores foram erguidos alguns raros espigueiros em granito e no meio do núcleo habitacional localizam-se quatro moinhos de caleira e rodízio horizontal, hoje desactivados.

Embora grande parte dos socalcos agricultados que armam o terreno, bem como os sistemas de regadio (rêgos e poças) em uso, datem de época medieval, com a introdução do milho maíz (ou milho grosso) ampliou-se a mancha agrícola, construindo-se mais socalcos pelas encostas e aduzindo-se água de maiores distâncias.
Consideramos como vestígios arqueológicos deste arqueossítio os traçados de alguns arruamentos, pavimentados com lajes graníticas; os embasamentos toscos, em aparelho ciclópico, de algumas habitações de arquitectura tradicional, de planta quadrangular; a armação de grande parte dos socalcos agrícolas, sustentados por muros de mamposteria e parte significativa do sistema de regadio, com rêgos, levadas e poças, estas delimitadas por um muro de mamposteria e terra, que contêm a água proveniente de minas abertas num dos lados.

F – Para além dos arruamentos e das partes inferiores de algumas habitações, grande parte dos socalcos agricultados que armam o terreno bem como os sistemas de regadio (rêgos e poças) datam de época medieval, pois aparecem descritos no Tombo de 1574 como sendo "de antigamente" (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 6). Associadas a este núcleo do Lugar de Lindoso conseguem identificar-se a *poça dos fryos* (actual poça dos Fios), o *vall das qualles* (hoje Vale das Canlas - caleiras ou levadas estruturadas), a *poça da gamdaras* (actual poça das Gândaras) e a *fomte do pedrall* (hoje fonte do Pedral).
O povoamento medieval documenta-se no Lindoso desde o século XI (Censual de Entre Lima e Ave – Costa, 2000:214). Porém, a crer nas fontes documentais, nomeadamente nas Inquirições Afonsinas, onde se refere como existindo no Lindoso apenas 10 casais (PMH.Inq., 1258: 413. Ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 2), e no Numeramento de 1527, que regista a existência de 41 moradores[16] e se sublinha que o castelo está ermo (Freire, 1905: 245. Ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 4), a densidade populacional não

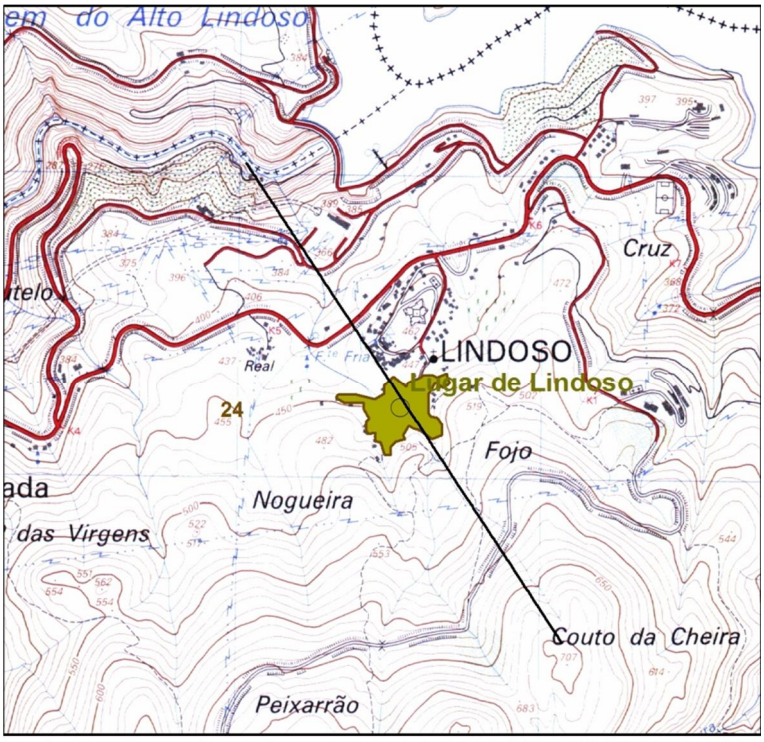
16 Apesar de o "Numeramento" sublinhar que *nom a povoaçam jumta soomente per casaes*, julgamos que o povoamento apontaria já para uma concentração em torno dos principais núcleos de habitat correspondentes a Lindoso, Parada e Cidadelhe, porque estas duas últimas localidades já aparecem referidas como *alldeas* no tombo de 1574. O lugar de Real também conheceria alguma individualidade nos tempos medievais pois no mesmo documento identificam-se algumas testemunhas como sendo do *ryall o velho*.

parece ter sido elevada. O núcleo do Lugar de Lindoso estaria articulado com os dos Lugares do Castelo e de Real (NIG.025 e NIG.026), todos à sombra tutelar e protectora do castelo e da igreja.
Tendo presente o aumento populacional que a freguesia/concelho de Lindoso regista nos séculos XVIII e XIX, bem como algumas datas do mesmo período inscritas em algumas padieiras de casas e de espigueiros, o parque edificado deverá ter sido profundamente remodelado nessa época. O núcleo do lugar de Lindoso terá então reforçado a sua articulação com o Lugar do Castelo (NIG.025), formando uma mancha edificada quase contínua.

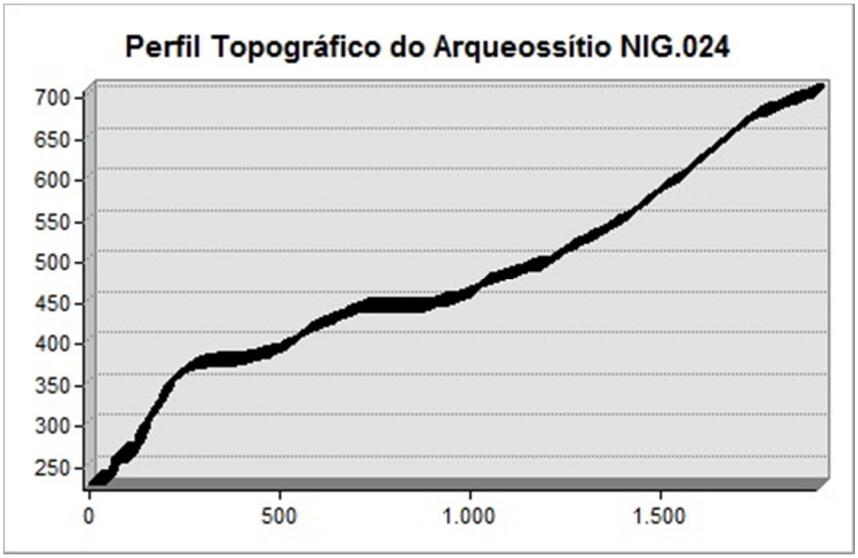
G - Os vestígios descritos integram o actual núcleo habitacional do lugar de Lindoso, que conserva ainda boa parte do seu carácter original, de grande riqueza arquitectónica. Por isso foi classificado no âmbito do Plano de Ordenamento do Parque Nacional como “aglomerado qualificado” (RCM, 1995:6901), o que assegura a sua preservação. O Plano de Ordenamento do Parque considera os lugares de Lindoso e do Castelo um só núcleo, identificando-os como aglomerado urbano de Lindoso.
Uma nota final para registar que a população do Lindoso considera que a aldeia terá começado na parte alta, na zona conhecida por Vale das Canlas, onde se localizam exactamente as casas mais toscas da povoação (paredes de mamposteria e com compartimento de habitação/cozinha sobre corte).

H – AAP, 1988:72-78. Estampas XXIVa, XXVIb, XXVIc, XXVId, XXIVe, XXIVf, XXIVg, XXIVh e XXIVi.

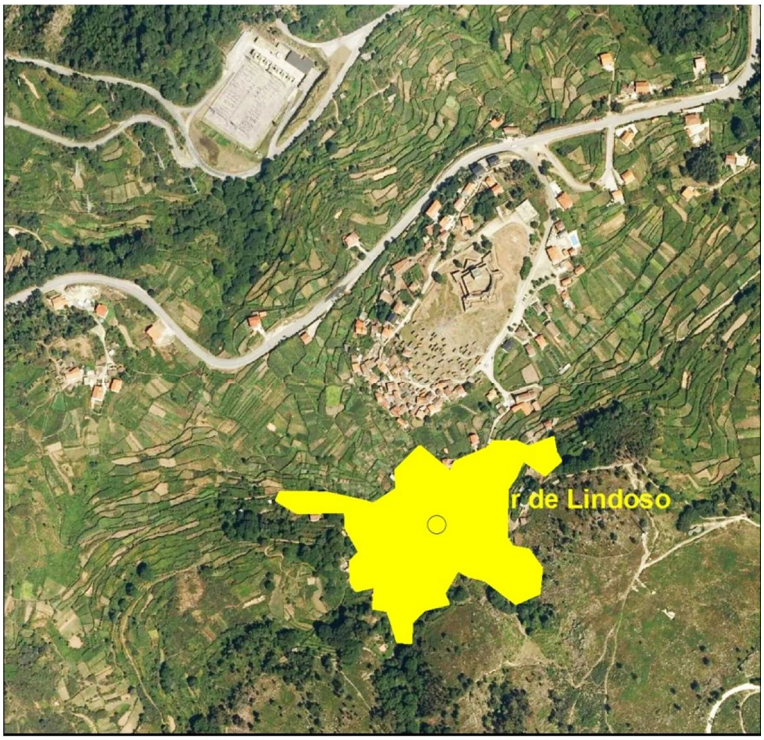
Estampa XXIVa



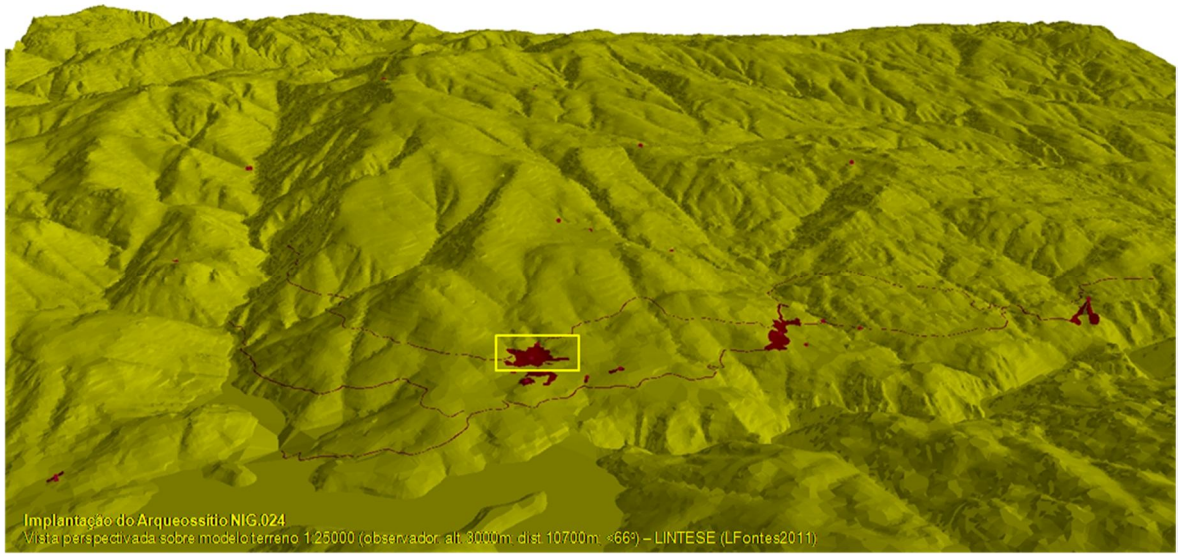
Localização de Arqueossítio NIG.024 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIVb



Localização de Arqueossítio NIG.024 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIVc



fotoNIG024a - Perspectiva aérea do lugar de Lindoso, vista de Nordeste



fotoNIG024b - Panorâmica do lugar de Lindoso, vista de Noroeste

Estampa XXIVd



fotoNIG024c - Casa antiga de Lindoso



fotoNIG024d - Casa antiga de Lindoso

Estampa XXIVe



fotoNIG024e - Casa antiga de Lindoso



fotoNIG024f - Casa antiga de Lindoso

Estampa XXIVf



fotoNIG024g - Casa antiga de Lindoso



fotoNIG024h - Casa oitocentista de Lindoso

Estampa XXIVg



fotoNIG024i - Pormenor de lintel com data de 1832



fotoNIG024j - Casa setecentista de Lindoso

Estampa XXIVh



fotoNIG024k - Perspectiva sobre a eira dos espigueiros de Lindoso



fotoNIG024l - Pormenor de espigueiros do Lindoso

Estampa XXIVi



fotoNIG024m - Perspectiva da Poça da Cerdeira, Lindoso



fotoNIG024n - Perspectiva da Poça dos Fios, Lindoso

A – **Lugar do Castelo (NIG.025)** - Lugar do Castelo

B – Povoado

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194399,02 / Y=544061,32 / Z=440; Lindoso

D - Este sítio situa-se na encosta sudoeste de uma lomba/colina pouco elevada, na zona central-nascente da plataforma de erosão do Lindoso. Dominado a NO pela coroa da colina (onde se implanta a fortificação), o sítio está exposto a poente, quadrante para onde desfruta de ampla visibilidade em direcção ao vale do rio Lima, divisando-se no horizonte a massa montanhosa da serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, observando-se pequenos afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica. A ocupação do solo divide-se entre o social (casas, caminhos e equipamentos) e a agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho). Algumas árvores de fruto marginam os campos e os caminhos (oliveira, macieira, castanheiro).

E – O sítio corresponde ao local de implantação do segundo mais importante núcleo da aldeia de Lindoso, fazendo-se o acesso pelo caminho municipal que liga a povoação à estrada nacional.
Tal como para o sítio do Lugar de Lindoso, consideramos como vestígios arqueológicos os traçados de alguns arruamentos, pavimentados com lajes graníticas, os embasamentos toscos, em aparelho ciclópico, de algumas habitações de arquitectura tradicional, de planta quadrangular, a armação de grande parte dos socalcos agrícolas, sustentados por muros de mamposteria e parte significativa do sistema de regadio, com rêgos, levadas e poças, estas de forma circular, delimitadas por um muro de mamposteria e terra, que contêm a água proveniente de minas abertas num dos lados.
Associamos ainda a este lugar o conjunto de espigueiros, cerca de meia centena, muitos dos quais datados da segunda metade do século XIX, implantados no espaço inculto que vai do lugar até ao castelo, concentrando-se em torno de pequenas eiras lajeadas – são quase todos do tipo Lindoso/Soajo, isto é, inteiramente pétreos, com fendas de arejamento verticais. Alguns são de ripados

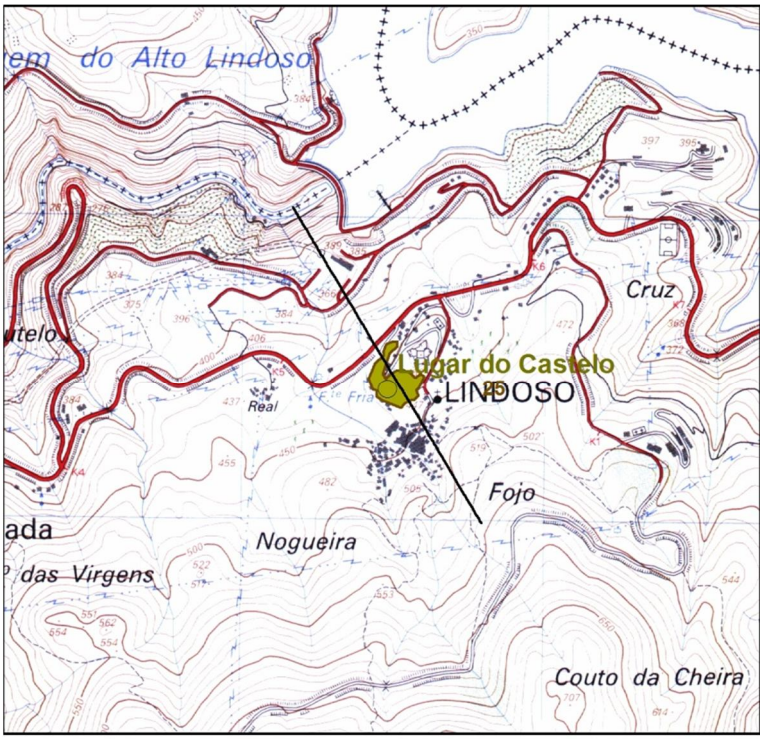
verticais de madeira, também do tipo Lindoso (Dias, Oliveira e Galhano, 1994: 56 e segs.).

F – Interpretamos os vestígios mais antigos como elementos do núcleo original a partir do qual se desenvolveu o actual núcleo de povoamento do lugar do Castelo. Tal como se refere no Lugar de Lindoso (NIG. 024), grande parte dos socalcos agricultados que armam o terreno bem como os sistemas de regadio (rêgos e poças) associáveis a este núcleo habitacional do Castelo datarão de época medieval, pois também aparecem descritos no Tombo de 1574 (ver Anexo 2 – Documentos Escritos: Documento 6), onde se identificam a *poça da fomte das ribeiras* (conserva o mesmo nome) e a *poça do sermyllo* (hoje poça de Sermil).
O núcleo do lugar do Castelo estaria articulado com os dos lugares do Lindoso e de Real (NIG.024 e NIG.026).

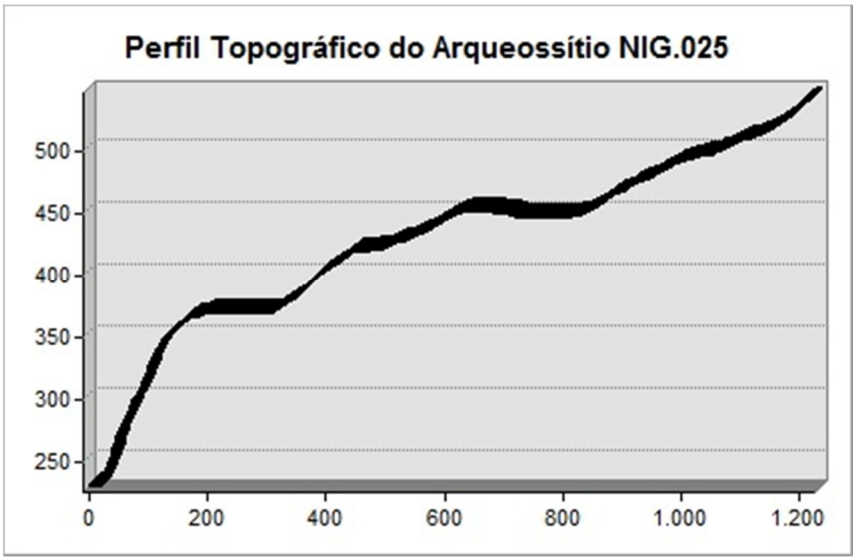
G – Os vestígios descritos constituem o actual Lugar do Castelo, que conserva ainda boa parte do seu carácter original, de grande riqueza arquitectónica. Por isso foi classificado no âmbito do Plano de Ordenamento do Parque Nacional como "aglomerado qualificado" (RCM, 1995:6901), o que assegura a sua preservação. O Plano de Ordenamento do Parque considera os lugares do Castelo e de Lindoso um só núcleo, identificando-os como aglomerado urbano de Lindoso.
Os espigueiros foram restaurados no âmbito do projecto de "Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso", estando em vias de classificação como Imóvel de Interesse Público.

H – AAP, 1988:72-78. Estampas XXVa, XXVb e XXVc.

Estampa XXVa



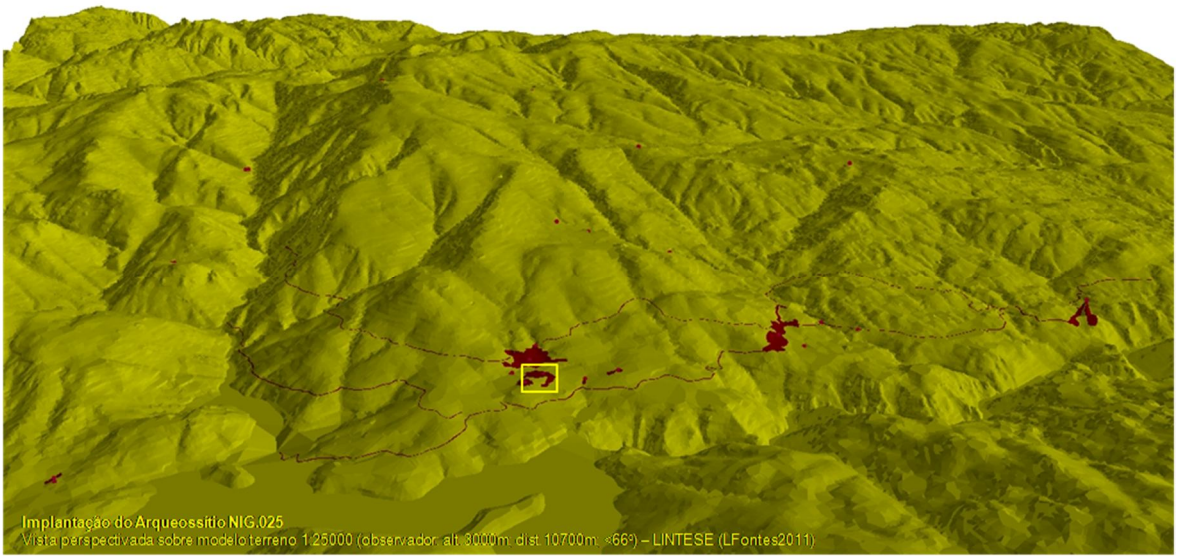
Localização de Arqueossítio NIG.025 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXVb



Localização de Arqueossítio NIG.025 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXVc



fotoNIG024a - Perspectiva aérea do lugar do Castelo, vista de Oeste

A – **Lugar de Real (NIG.026)** - Lugar de Real

B - Povoado

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193977,04 / Y=544051,50 / Z=430; Lindoso

D - Este sítio situa-se na banda nordeste de uma lomba pouco elevada, na zona central-norte da plataforma de erosão do Lindoso. Sobranceiro a uma pequena linha de água que corre do lado nascente no sentido SO-N, em direcção ao rio Lima, o sítio está globalmente exposto a Este. A visibilidade próxima estende-se a toda a ampla rechã do Lindoso e encostas das elevações que a abrigam a Sul, sobressaindo o pico do Alto do Forcão a SE. Para N e NE abarca-se a confluência dos rios Lima e Laboreiro, sobressaindo em plano mais recuado e progressivamente mais difuso as massas montanhosas da serra da Peneda e do planalto de Castro Laboreiro. Para NO a visibilidade estende-se ao vale do Lima, divisando-se ao longe a serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, observando-se pequenos afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se parte armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica e parte incultos, com maior pedregosidade e solos esqueléticos.
A ocupação do solo é variada, repartindo-se entre o social (casas e caminhos), a agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho) e o monte inculto (tojo, urze e pequenas bolsas de floresta - carvalhos, pinheiros e eucaliptos). Algumas árvores de fruto marginam os campos e os caminhos (oliveira, macieira, castanheiro).

E – O sítio corresponde ao local de implantação do mais pequeno núcleo habitacional da aldeia de Lindoso, fazendo-se o acesso por um caminho vicinal calcetado que liga directamente à estrada nacional ou por caminhos carreteiros parcialmente lajeados a partir dos núcleos de Lindoso e do Castelo.
Trata-se de um pequeno tecido urbano consolidado, com arruamentos e pequenos logradouros marginados por habitações. Destaca-se pela qualidade arquitectónica e pela tradição de aí terem funcionado antigamente os "paços do concelho", uma casa-pátio com entrada porticada e que inclui uma casa-sobradada com varanda, de construção mais elaborada – aparelho de alvenaria seca de silhares graníticos esquadrados e superfícies bem afeiçoadas, assentes

com grande perfeição. Em pátios ou eidos interiores erigiram-se alguns espigueiros em granito.

Boa parte dos socalcos agricultados que armam o terreno bem como os sistemas de regadio (rêgos e poças) datam de época medieval, muito embora a introdução do milho maíz (ou grosso), tenha ampliado a mancha agrícola, com a construção de mais socalcos e adução de água recolhida a maiores distâncias.

Tal como para o Lugar de Lindoso e Lugar do Castelo, consideramos vestígios arqueológicos: os traçados de alguns arruamentos, pavimentados com lajes graníticas; os embasamentos toscos, em aparelho ciclópico, de algumas habitações de arquitectura tradicional, de planta quadrangular; a armação de grande parte dos socalcos agrícolas, sustentados por muros de mamposteria e parte significativa do sistema de regadio, com rêgos, levadas e poças, estas de forma circular, delimitadas por um muro de mamposteria e terra, que contêm a água proveniente de minas abertas num dos lados.

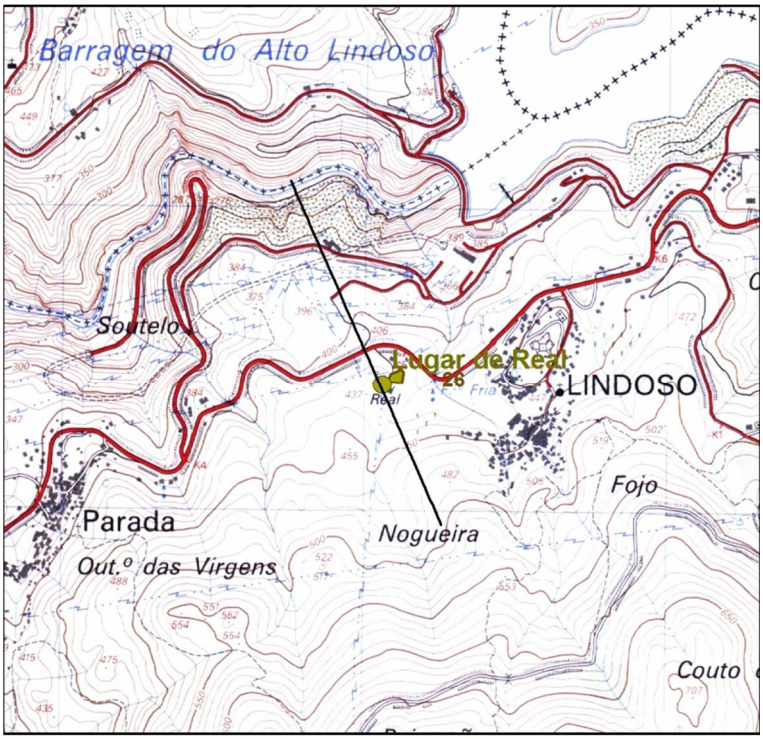
F - Também aqui o parque edificado foi amplamente remodelado no decurso de Setecentos. Ao contrário dos núcleos de Lindoso e do Castelo, o núcleo de Real não parece ter-se alargado, acabando por se manter isolado entre a aldeia de Parada e os dois principais aglomerados de Lindoso, com os quais partilha a mancha agrícola, todos à sombra tutelar e protectora do castelo e da igreja.

Associáveis ao núcleo de Real também se identificam no Tombo de 1574 (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 6) a *poça da fomte frya* (conserva o mesmo nome) e a *veyga dos moynhos* (também com o mesmo nome). Descritos como sendo “de antigamente”, estes elementos da paisagem em torno do lugar de Real, tal como os restantes vestígios, datam de época medieval. O núcleo de Real articular-se-ia com os do Lindoso e do Castelo (NIG.025 e NIG.026).

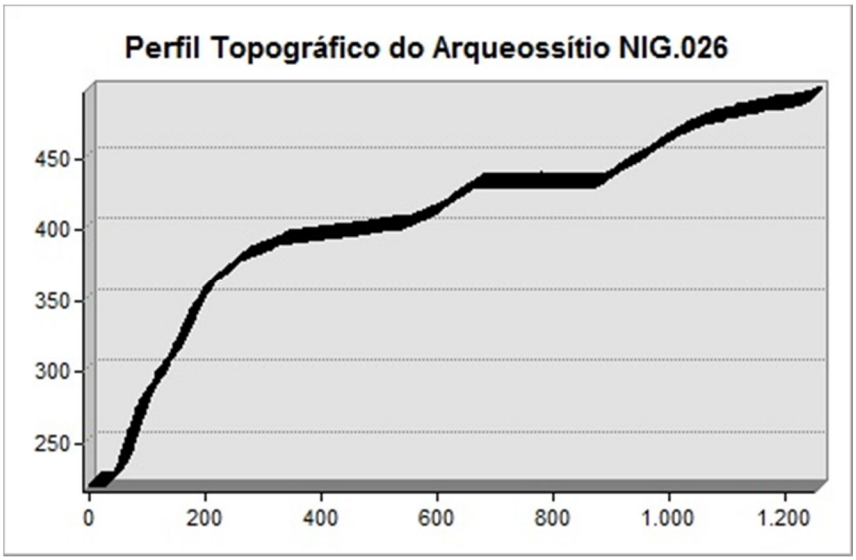
G - O aglomerado habitacional do lugar de Real, ao contrário dos outros dois núcleos de Lindoso e Castelo, pouco conserva do seu carácter original, proliferando novas construções incaracterísticas. Por isso foi classificado no âmbito do Plano de Ordenamento do Parque Nacional como “aglomerado indiferenciado” (PO-PNPG, 1995: planta de síntese), não justificando qualquer estudo e programa de reabilitação.

H - Inédito. Estampas XXVIa e XXVIb.

Estampa XXVIa



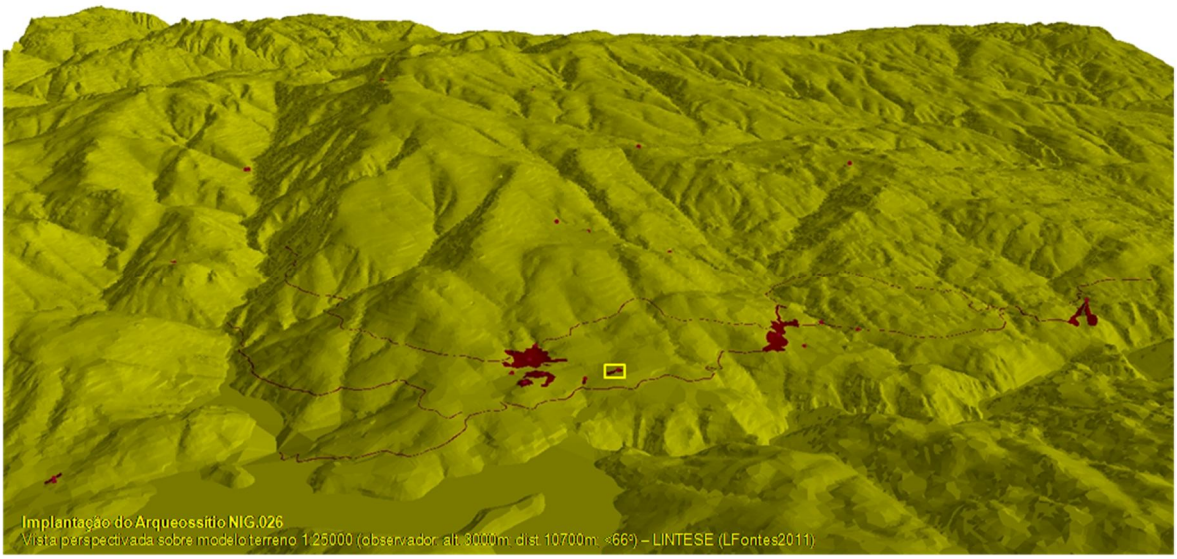
Localização de Arqueossítio NIG.026 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXVIb



Localização de Arqueossítio NIG.026 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A – **Lugar de Parada (NIG.027)** - Lugar de Parada

B - Povoado

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192889,72 / Y=543594,20 / Z=375; Parada

D - Este sítio situa-se em zona de vertente, no terço inferior da encosta noroeste do monte da Cheira. O sítio é atravessado por pequenas linhas de água que drenam a encosta e vão irrigar a veiga de Santo André. Com ampla exposição a poente, a visibilidade alarga-se a todo o quadrante noroeste, abarcando toda a envolvente da aldeia e um bom troço do vale do rio Lima, divisando-se no horizonte a massa montanhosa da serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, observando-se inúmeros afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se em parte armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica e parte incultos, com maior pedregosidade e solos esqueléticos.
A ocupação do solo é variada, repartindo-se entre o social (casas, caminhos e equipamentos), a agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho) e o monte inculto (tojo, urze e pequenas bolsas de floresta - carvalhos, pinheiros e eucaliptos). Algumas árvores de fruto marginam os campos e os caminhos (oliveira, macieira, castanheiro).

E – O sítio corresponde ao local de implantação do núcleo da aldeia de Parada, fazendo-se o acesso pela estrada nacional que serve directamente a povoação.
Relativamente aos vestígios arqueológicos ver descritores dos sítios de Lindoso, Castelo e Real (respectivamente NIG.024, 025 e 026).

F – Tecido urbano consolidado, com arruamentos e pequenos logradouros estruturados pela estrada velha que corta longitudinalmente a povoação ao meio. As habitações, com plantas que obedecem aos modelos-tipo medievais e modernos, marginam a via principal, os arruamentos e os logradouros. Destacam-se pela qualidade arquitectónica algumas casas sobradadas com varanda, todas de construção mais elaborada. O aparelho é de alvenaria seca de silhares graníticos esquadrados e superfícies bem afeiçoadas, com perfeito assentamento.

Pelos pátios ou eidos interiores distribuem-se espigueiros em granito, individualmente possuídos pelos lavradores da aldeia, tendo-se construído a maior parte deles em torno de duas eiras comuns, uma em cada extremo da aldeia: Eira da Portela da Leija, a NE e Eira do Tapado, a SO. Na primeira identificam-se 8 espigueiros, sendo um deles o que ostenta a mais antiga data gravada na padieira, 1776. Na segunda conservam-se 21 espigueiros. São todos verdadeiras obras de arte de cantaria, a maioria delas construídas no século XIX. São quase todos do tipo Lindoso/Soajo, isto é, inteiramente pétreos, com fendas de arejamento verticais. Alguns são de ripados verticais de madeira, também do tipo Lindoso. Em Parada encontram-se alguns dos raros exemplares portugueses de espigueiros pétreos com fendas de arejamento horizontais, considerados de tradição galega (Dias, Oliveira e Galhano, 1994: 56 e segs.).

Existem também dois moinhos, actualmente desactivados, próximos de cada uma das eiras. O moinho da Portela da Leija, com vestíbulo e "poisadouro" (para a saca do grão), conserva um notável cubo composto por manilhas circulares abertas em granito.

Com a introdução do milho maíz e consequente aumento da mancha agrícola, construíram-se mais socalcos pelas encostas e buscou-se água a maiores distâncias. No entanto, a maioria da área agrícola foi estruturada em época medieval.

De época moderna é o reforço da articulação com a via, como indica a localização, no interior da aldeia, mas marginando a estrada, da modestíssima capela de Nossa Senhora do Amparo, já referida nas "Memórias" de 1758 e das "alminhas" de Novale e da Portela da Leija, esta datada de 1866.

Igual reforço do papel da via como eixo estruturante se depreende da implantação de um cruzeiro no extremo NE da aldeia, do qual se conserva apenas o fuste e a base com letreiro gravado onde se lê a data de 1691, e do restauro da ponte no lado oposto da povoação (ver Ponte Velha de Parada -NIG.031).

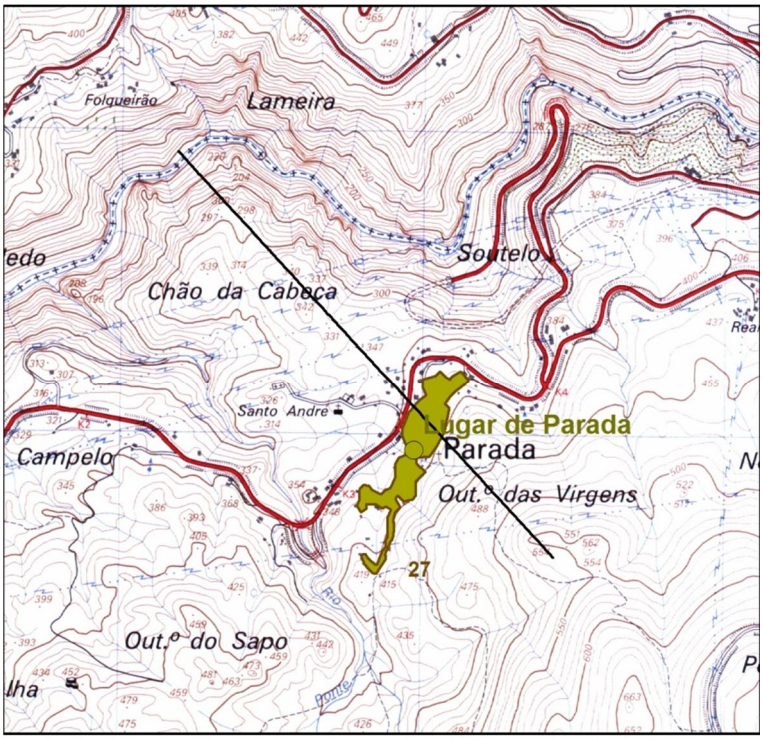
Os vestígios mais antigos corresponderão ao núcleo original de Parada, já estreitamente articulado com a passagem da estrada principal, como determinou a localização da ponte nas proximidades. Releva ainda o topónimo “Parada”, cuja origem tanto poderá radicar na eventual existência de uma estalagem junto à via, lugar de paragem para abrigo e repouso dos viandantes que atravessavam a fronteira da Madalena, como no antigo “foro de parada” que, como ensina Viterbo

(1984: 464), significaria que caberia aos moradores desta aldeia o acolhimento e sustentação dos senhores e respectivas comitivas.

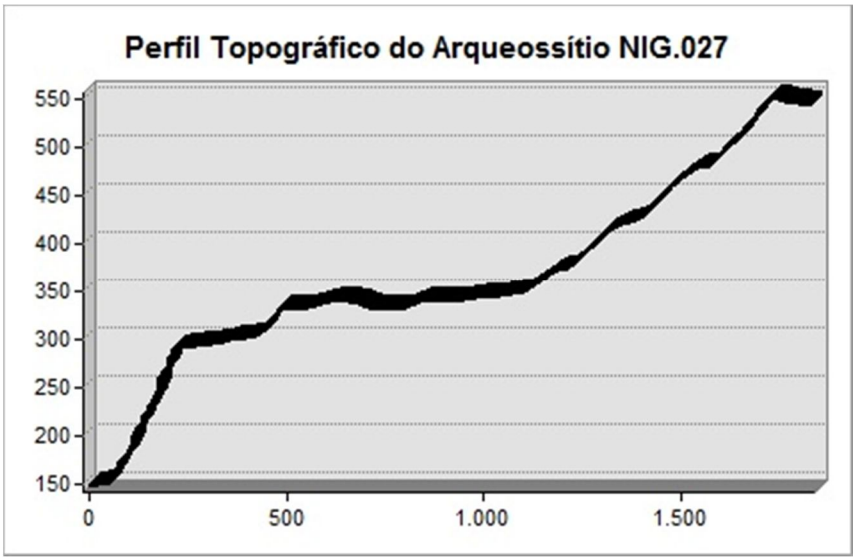
G - Os vestígios que acima se descreveram integram o actual núcleo habitacional do lugar de Parada, que conserva ainda grande parte do seu carácter original, de grande riqueza arquitectónica. Por isso foi classificado no âmbito do Plano de Ordenamento do Parque Nacional como “aglomerado qualificado” (RCM 1995:6901), o que assegura a sua preservação.
O conjunto da Portela da Leija, formado pela eira com os 8 espigueiros, mais o moinho, justifica uma classificação específica e deve ser objecto de um projecto de conservação, restauro e aproveitamento.

H – AAP, 1988:72-73; InvArqPNP-G (fichas nº 076 a 080). Estampas XXVIIa, XXVIIb, XXVIIc, XXVIId, XXVIIe, XXVIIf, XXVIIg, XXVIIh, XXVIIi, XXVIIj e XXVIIk.

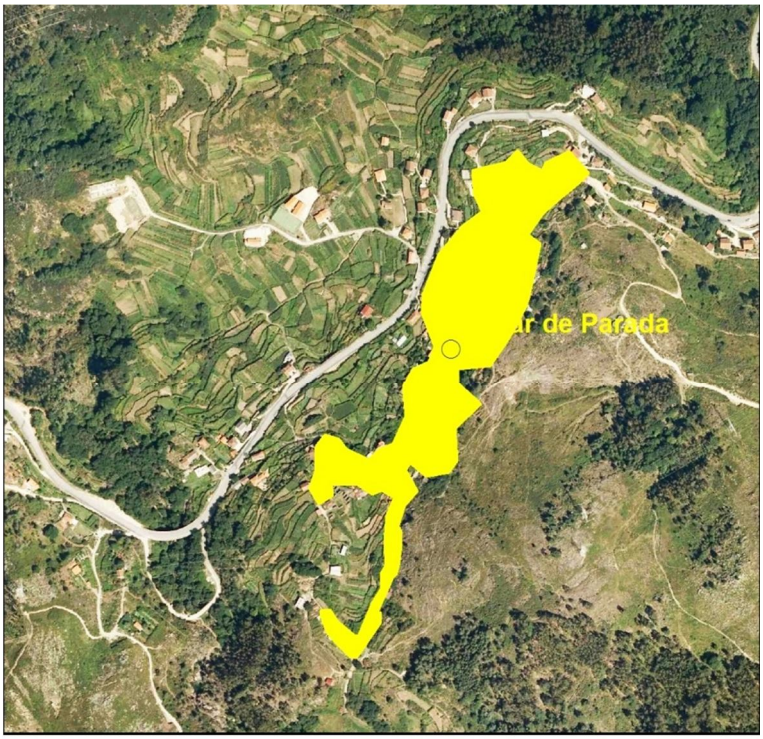
Estampa XXVIIa



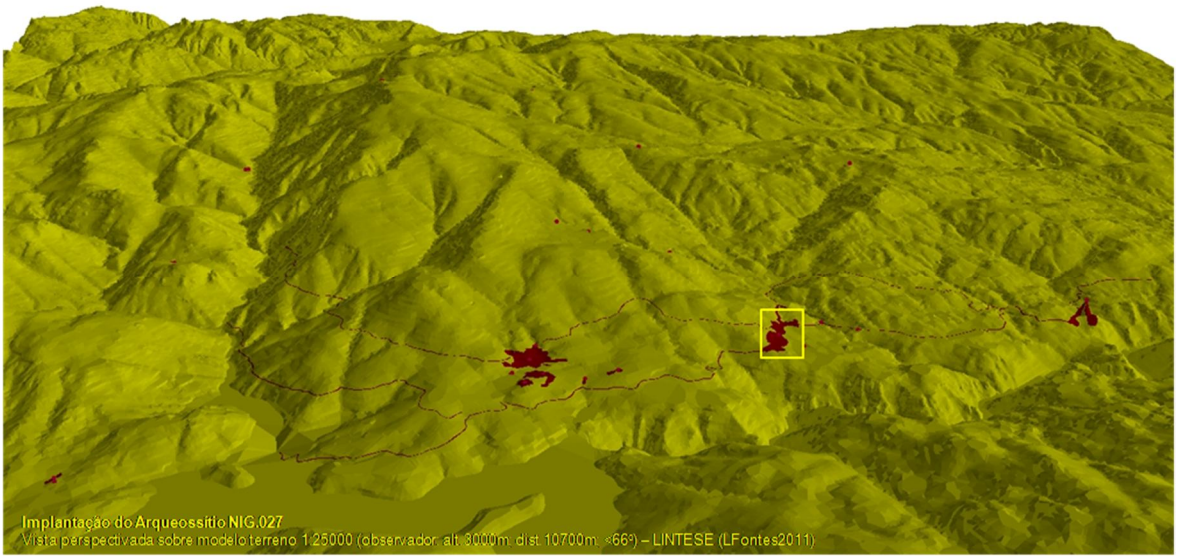
Localização de Arqueossítio NIG.027 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.027 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.027
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador alt. 3000m dist 10700m ×66º) – LINTESE (LFontes2011)

Estampa XXVIIc



fotoNIG027a - Perspectiva aérea do lugar de Parada, vista de Sul



fotoNIG027b - Panorâmica do lugar de Parada, vista de Norte

Estampa XXVIId



fotoNIG027c - Casa antiga, de Parada



fotoNIG027d - 'Pelourinho' de Parada

Estampa XXVIIe



fotoNIG027e - Capela de N.S. do Amparo, Parada



fotoNIG027f - Casas setecentistas do 'Largo da Câmara', Parada

Estampa XXVIIf



fotoNIG027g - Casa setecentista de Parada



fotoNIG027h - Pormenor de decoração arquitectónica da casa anterior (após restauro)

Estampa XXVIIg



fotoNIG027i - Casa oitocentista de Parada



fotoNIG027j - Pormenor de vãos de casa datada de 1892, Parada

Estampa XXVIIh



fotoNIG027k - Alminhas de Novale, Parada



fotoNIG027l - Alminhas da Leija, Parada



fotoNIG027m - Perspectiva geral da eira da Portela da Leija, Parada

Estampa XXVIIi



fotoNIG027n - Espigueiro da eira da Portela da Leija, Parada, datado de 1720



fotoNIG027o - Espigueiro da eira da Portela da Leija, Parada, datado de 1776

Estampa XXVIIj



fotoNIG027p - Espigueiro da eira da Portela da Leija, Parada, do tipo 'galego'



fotoNIG027q - Caleira do moinho da Portela da Leija, Parada

Estampa XXVIIk



fotoNIG027r - Cubo cilíndrico do moinho da Portela da Leija, Parada



fotoNIG027s - Moinho da Portela da Leija, Parada (após restauro)

A – **Lugar de Cidadelhe (NIG.028)** - Lugar de Cidadelhe

B - Povoado

C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=190644,33 / Y=543339,57 / Z=350; Cidadelhe

D - Este sítio situa-se em zona de vertente, no terço inferior da encosta noroeste do monte da Coroa, uma das várias colinas que pontuam a base da vertente noroeste da serra Amarela. O sítio é atravessado por pequenas linhas de água que drenam os relevos circundantes. Com ampla exposição a poente, a visibilidade alarga-se a todo o quadrante noroeste, abarcando a envolvente da aldeia e um bom troço do vale do rio Lima, divisando-se no horizonte a massa montanhosa da serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, observando-se inúmeros afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica. A ocupação do solo divide-se entre a social (casas, caminhos e equipamentos) e a agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho). Algumas árvores de fruto marginam os campos e os caminhos (oliveira, macieira, castanheiro).

E – O sítio corresponde ao local de implantação do núcleo da aldeia de Cidadelhe, fazendo-se o acesso pela estrada nacional que serve directamente a povoação.
Entre as casas sobradadas com varanda destaca-se, apesar de muito alterada, a casa-pátio actualmente propriedade do Sr. Esteves, com um pórtico monumental, cuja padieira ostenta uma inscrição alusiva ao proprietário original, datada de 1743.
Aqui em Cidadelhe, os espigueiros também são propriedade individual dos lavradores, distribuindo-se pelos pátios ou eidos interiores, sendo raras as aglomerações em torno de eiras comuns. Existe contudo um interessante conjunto de 9 espigueiros com eiras servindo os campos de Chão da Lage, já um pouco afastado do núcleo habitacional. Verdadeiras obras de arte de cantaria, estes espigueiros foram construídos, na sua maioria, nos séculos XVIII-XIX (num deles foi gravada, na padieira, a data 1776). Entre todos, destaca-se o espigueiro

com 3 andares datado de 1804. São do tipo Lindoso/Soajo, apresentando alguns ripados verticais de madeira. Também aqui em Cidadelhe se encontram mais alguns dos raros exemplares portugueses de espigueiros pétreos com fendas de arejamento horizontais, considerados de tradição galega (Dias, Oliveira e Galhano, 1994: 56 e segs.).

No interior da aldeia identificam-se elementos mais antigos, como alguns traçados de arruamentos e embasamentos de casas de construção mais rudimentar, que corresponderão ao núcleo original do aglomerado.

A mancha agrícola, organizada nos tempos medievais, expandiu-se com a cultura do milho maíz ou grosso e a construção de maior número de socalcos pelas encostas. Os pardieiros de A Cidade relacionam-se exactamente com o alargamento da área agrícola medieva para Norte, até às escarpas sobranceiras ao rio Lima.

Nos séculos XVII e XVIII, acompanhando a remodelação construtiva das habitações, ter-se-á reforçado a articulação com a via, como indica a localização, no interior da aldeia mas marginando a estrada, da grande capela de Nossa Senhora da Conceição, referida nas "Memórias" de 1758 como capela de S. Sebastião, mandada construir pelo devoto Pascoal em 1745, conforme reza a inscrição da padieira da porta principal[17]. Com nave, capela-mor e sacristia anexa, é de facto uma pequena igreja. Também as casas mais importantes estão viradas para a estrada, reforçando o papel da via como eixo estruturante de organização do povoado, tal como as "alminhas" do Largo do Ajunto.

F – Como nos lugares de Lindoso e de Parada, além dos arruamentos e das partes inferiores de algumas habitações, grande parte dos socalcos agricultados que armam o terreno bem como os sistemas de regadio (rêgos e poças) datarão de época medieval. Correspondem a elementos do núcleo original de Cidadelhe, que estaria estreitamente articulado com a passagem da via principal. Releva ainda o topónimo “Cidadelhe”, cuja origem remontará ao antigo povoado

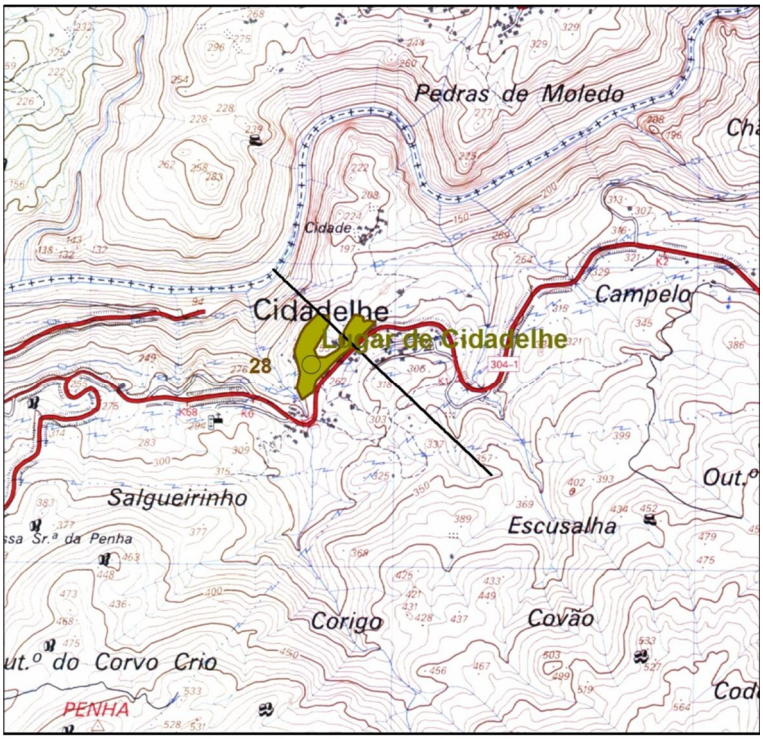
17 Neste mesmo ano de 1745, o pároco de Lindoso recebeu provisão “(…) para os moradores da dita freguesia erigirem de novo a capela velha sita no lugar de Cidadelhe (…)” (ADB, Registo Geral, 168, fls.123v-125). E em 1748 regista-se uma provisão a favor do Padre Pascoal Gonçalves, para ser sepultado na capela de São Sebastião, reedificada quase toda à sua custa (ADB, Registo Geral, 168, fls.123v-125).

romanizado de “A Cidade” (NIG.010), localizado a poucas centenas de metros, conservando assim a memória de uma antiga ocupação do local.

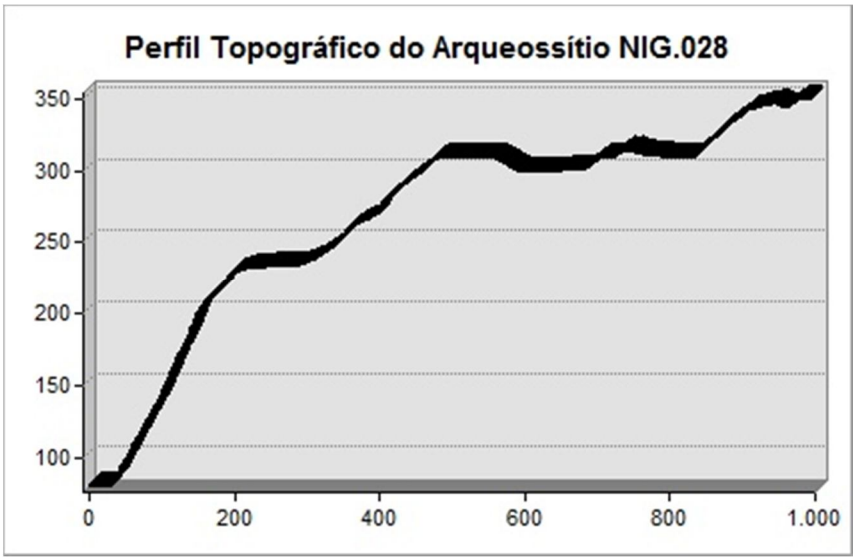
G - Os vestígios que acima se descreveram integram a aldeia de Cidadelhe, que conserva ainda grande parte da traça de Setecentos, de grande riqueza arquitectónica. Tal como os núcleos urbanos de Lindoso e de Parada, foi classificado como “aglomerado qualificado” no âmbito do Plano de Ordenamento do Parque Nacional (RCM, 1995:6901), o que assegura a sua preservação.
O núcleo de eiras e espigueiros do Chão da Lage justifica uma atenção especial, devendo ser objecto de conservação, restauro e aproveitamento.

H – AAP, 1988:72 e 79. Estampas XXVIIIa, XXVIIIb, XXVIIIc, XXVIIId, XXVIIIe e XXVIIIf.

Estampa XXVIIIa



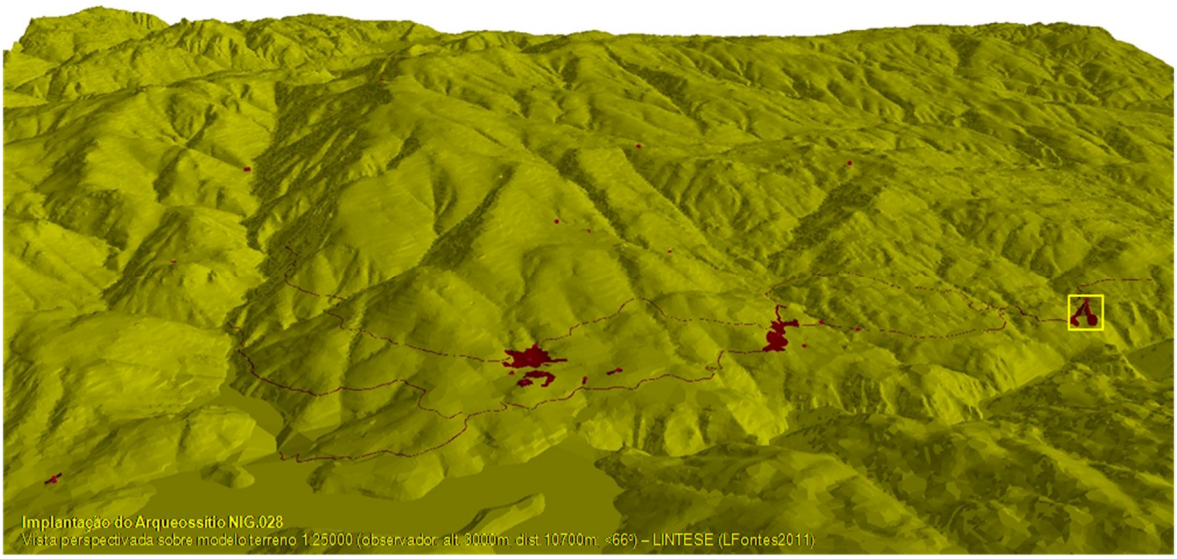
Localização de Arqueossítio NIG.028 — extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.028 extracto da Orto_17_3_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.028
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador alt 3000m dist 10700m ×66º) – LINTESE (LFontes2011)

Estampa XXVIIIc



fotoNIG028a - Panorâmica do lugar de Cidadelhe, vista de Norte



fotoNIG028b - Casa setecentista de Cidadelhe

Estampa XXVIIId



fotoNIG028c - Pormenor do portal da casa anterior, com data de 1743



fotoNIG028d - Casa setecentista no lugar de Chão da Lage, Cidadelhe

Estampa XXVIIIe



fotoNIG028e - Capela de N. S. da Conceição, Cidadelhe



fotoNIG028f - Alminhas do Largo do Ajunto, Cidadelhe

A - **Castelo de Lindoso (NIG.029)** – Castelo de Lindoso

B - Fortificação

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194512,86 / Y=544183,00 / Z=460; Lindoso

D - Este castelo fica no topo de uma lomba/colina pouco elevada, de forma geral elíptica com o eixo maior orientado NE-SO, na zona central-nascente da plataforma de erosão do Lindoso. O sítio está exposto a todos os quadrantes.
A visibilidade próxima estende-se a toda a ampla rechã do Lindoso e encostas das elevações que a abrigam a Sul (Cheira, Peixerrão e Forcão). Para NO, N e NE, abarca-se um amplo troço do vale do rio Lima, desde Cidadelhe até à confluência com o rio Laboreiro. Em plano mais recuado e progressivamente mais difusas no horizonte destacam-se as massas montanhosas das serras do Soajo, da Peneda e do planalto de Castro Laboreiro.
O substrato geológico é granítico, observando-se pequenos afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se parcialmente armados em socalcos, com pedregosidade elevada. A ocupação do solo divide-se entre o social (casas, caminhos, cemitério e espigueiros) e o inculto (tojo, urze e herbáceas). Algumas leiras agrícolas estão abandonadas.
O acesso ao local faz-se pelo caminho municipal que liga a povoação à estrada nacional. O monumento está assinalado (tabuleta com designação “Castelo”).

E - Conserva-se neste local a quase totalidade de uma fortificação construída em silharia de granito. É composta por uma torre, várias casernas, duas linhas de muralhas e estacada, correspondentes a vários períodos de construção/ocupação.

F - Em 1991, no âmbito do projecto de “Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso”, procedeu-se ao estudo histórico-arqueológico da fortificação. Apresenta-se em seguida uma síntese dos resultados obtidos das escavações arqueológicas e da documentação.
Em 1991 fez-se aí a primeira campanha de escavações arqueológicas. A área escavada atingiu cerca de 300 m^2, abrindo-se um total de 36 cortes, abarcando

praticamente toda a metade nascente do pátio interior do castelo e parte do espaço entre muralhas.

Os vestígios mais significativos detectaram-se junto ao pano E da muralha, entre a cisterna e a porta ogival sul. Aí se identificou uma importante sequência estratigráfica, ilustrativa da ocupação do sítio desde o seu início até à actualidade. Sob os sedimentos e estruturas associáveis ao período compreendido entre os séculos XVII-XX identificaram-se vestígios correspondentes à construção do castelo medieval, sua ocupação e abandono subsequentes.

A fortificação foi construída com pedra extraída no próprio local, como evidenciam os rasgos para colocação de cunhas que se observam, quer nos silhares das muralhas, quer nos afloramentos graníticos colocados a descoberto. Alicerçadas na rocha de base, que por vezes foi ligeiramente afeiçoada para receber os silhares, as muralhas são formadas por parede de face dupla construída com blocos graníticos de grandes dimensões, desenhando um aparelho regular pseudo-isódomo. As superfícies de encosto foram afeiçoadas, determinando juntas muito estreitas, sem argamassa.

As superfícies das faces apresentam-se lisas, com um acabamento mais refinado nas fiadas acima do nível de circulação e sem qualquer acabamento nas fiadas inferiores, que estariam soterradas. O miolo da parede é de cascalho, calhaus e terra saibrosa.

No canto nordeste localiza-se a cisterna, de planta de forma quadrangular, adossada à muralha este. Apresenta cobertura abobadada de arco ligeiramente apontado, bem aparelhado e com aduelas sigladas, rematada superiormente por um enchimento irregular de calhaus e cascalho que aflora ligeiramente acima da superfície. Não ultrapassa os 3 m de profundidade.

Desenhando uma planta simples de forma sub-quadrangular, torre de menagem do lado norte integrando a muralha e porta no lado oposto, flanqueada por dois cubelos, com muralhas espessas incorporando cinco balcões tipo “hourd”, de que apenas se conservam alguns mata-cães, a edificação revela características técnico-construtivas aparentemente homogéneas, obedecendo já a um modelo arquitectónico gótico.

Contudo, uma análise atenta dos paramentos das muralhas permitiu identificar duas fases distintas:

- Uma primeira de maior qualidade, com silhares de maiores dimensões e faces com melhor acabamento, de superfície lisa, ostentando sigla de canteiro, correspondente à metade inferior da torre de menagem, cisterna, cubelos, porta e troço nordeste da muralha, datará de meados do século XIII;
- Uma segunda, qualitativamente mais fraca, com aparelho de menores dimensões, superfícies das faces com inferior acabamento e ausência absoluta de siglas, correspondente à finalização das partes anteriormente iniciadas e construção dos restantes panos de muralha, terá sido realizada na segunda metade do século XIII.

A fase inicial relativa à construção do castelo aparece estratigraficamente representada por camadas detríticas de extracção de pedra e de enchimento da vala de fundação da muralha.

A fase de ocupação aparece ilustrada por camadas de demolição/derrube de estruturas de pedra (restos de habitações?), intercaladas entre camadas de abandono e reocupação (provável pavimento de terra batida e lentículas de carvões). As características da deposição denunciam uma ocupação descontínua. Não se identificaram vestígios nem se recolheram dados reveladores de alterações construtivas baixo-medievais.

O conjunto do espólio recolhido nestes estratos, menos abundante e mais fragmentado nos que se relacionam com a fase de construção, é exclusivamente cerâmico. Globalmente, as suas características enquadram-se no universo das produções cerâmicas dos séculos XIII-XV que se referenciam para o Norte de Portugal[18], dominando aqui os fabricos em pastas cinzentas e castanhas, porosas, feitos ao torno. Ao nível das formas predominam as panelas ou “olas”, sendo mais raros os potes, púcaros, tigelas e pratos. Identificam-se decorações plásticas e incisas.

As fontes documentais são praticamente omissas em relação aos tempos medievos do castelo de Lindoso, não se conhecendo nenhum documento que refira a sua fundação. Para a cronologia proposta para a edificação do castelo, que genericamente situamos entre os meados e o terceiro quartel do século XIII,

18 Referem-se produções cerâmicas semelhantes em Almeida *et al,* 1981, Barroca e Morais, 1985-86 e Rodrigues, 1994. Encontramos o mesmo tipo de cerâmicas nos mosteiros de Santa Maria de Bouro, Amares e de S. Martinho de Tibães, Braga (Fontes, 2002 e 2005).

concorrem não só a tipologia das siglas, as produções cerâmicas e as “armas” afonsinas gravadas no topo do arco exterior da porta sul, mas também a referência a um alcaide do castelo nas "Inquirições" de 1258. A hipótese de que os meados e 2.ª metade do século XIII tenham sido, no Lindoso, um período favorável à construção, parece portanto bastante sustentável e enquadra-se no plano de fortificação da fronteira empreendido pelos reis portugueses na centúria de Duzentos, designadamente por Afonso III.

Com uma função estritamente militar, de defesa da fronteira, o castelo de Lindoso terá conhecido uma ocupação descontínua, revelando a sua máxima utilidade apenas nos períodos de conflitos regionais e/ou nacionais. Esta descontinuidade, perceptível na precariedade da sua tenência e evidenciada pelos dados das escavações arqueológicas, está bem manifesta na doação régia da alcaidaria-mor de Lindoso a Lopo Rodrigues de Araújo, em 1464, onde se refere que o castelo estava “derribado” (Bezerra, 1992, II, 293) ou nos registos do *Numeramento* ordenado por D. João III em 17 de Julho de 1527, segundo o qual, a essa data, o castelo estava ermo, tendo então a povoação de Lindoso apenas 41 moradores (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 3).

Na sequência das guerras da Restauração e pela sua posição geoestratégica, o castelo de Lindoso transformou-se numa praça-forte de grande importância, sendo então palco de inúmeros combates entre Portugal e Espanha, ora ocupado por uns ora por outros. Foi nessa época, entre meados e o terceiro quartel do século XVII, que o sistema defensivo sofreu uma completa reestruturação, adaptando-se às novas exigências determinadas pela introdução da artilharia nas tácticas militares.

Se entre 1641 e 1643 o alcaide de Lindoso, Baltasar de Sousa Menezes, reparou e fortificou melhor o castelo a expensas suas, a mais significativa intervenção foi, sem dúvida, a executada pelos espanhóis anos depois, entre 1656 e 1662, ao construírem uma nova muralha em torno da cerca medieval. De facto, a nova cerca de traçado poligonal tipo *Vauban*, de baixos muros abaluartados, com os característicos ângulos avançados, protegidos por canhoneiras e guaritas, que ainda hoje subsistem, é uma obra de grande solidez e monumentalidade, da traça

e engenho do italiano D. Gasparo Squarciáfico, Marquês de Buscayolo, ao serviço da Coroa Espanhola desde 1656[19].

Em 1663-64, os portugueses reconquistaram o castelo. Por esta época, ou um pouco mais tarde, as muralhas medievais foram alteadas, criando-se um novo sistema de entradas, estacadas e fossos, reforçando-se também as barbacãs[20]. Instalou-se uma guarnição permanente no pátio interior, onde se construíram vários edifícios para casernas, forno de pão, armazéns, moinho e um oratório[21], servindo um corpo militar composto por cerca de 100 efectivos, chegando a albergar 300 homens em tempo de guerra.

Nas bandas sul e oeste do terreiro, contra a muralha medieval, conservam-se as edificações desenhadas nas plantas do século XVIII. De acordo com uma data inscrita no embasamento de uma dessas edificações, a sua construção data de 1665. De 1666 data a abertura da janela sul da torre de menagem, como confirma a data gravada na verga da janela. Em 1720 parece ter-se concluído o revelim que defende a porta norte.

Na banda nascente do terreiro interior a escavação arqueológica permitiu colocar a descoberto restos de pavimentos e de paredes correspondentes às edificações que, nos inícios do século XVIII, aparecem referenciadas como aquartelamento de soldados e capela do castelo. Estas edificações, com paredes de aparelho irregular formado por calhaus sem afeiçoamento, à mistura com alguns silhares reaproveitados da construção medieval, alicerçadas sobre os enchimentos subjacentes, desenvolvem-se em banda ao longo da muralha este, que serviu de parede traseira.

De planta rectangular, a caserna abria para o pátio interior do castelo através de 3 entradas, de que se identificaram as soleiras com rasgos para encaixe dos eixos das portas. O oratório (capela) construiu-se contra o lado sul da caserna,

19 Em 1662, então já Mestre de Campo e Superintendente das fortificações da Galiza, ao serviço do Marquês de Viana (arcebispo de Santiago), notifica-se o soberano espanhol das acções meritórias prestadas pelo engenheiro militar na conquista da praça de Lindoso, encomendando-se-lhe de seguida a sua reconstrução: "(...) dejando V. S. dispuesto en Lindoso el que con toda brevedad se levanten aquellas ruinas y ponga en defensa.(...)" (Soraluce Blond, 1986).

20 A fortificação moderna de Lindoso foi concluída já por portugueses, considerando Ayres de Carvalho que a traça final se deverá ao engenheiro francês Miguel de Lescol, ao serviço do conde de Prado (Carvalho, 1977:123).

21 Segundo plantas existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, cotas D.241V. e D.230P, atribuídas ao engenheiro militar Manuel Pinto Villa Lobos (Carvalho, 1977).

erguendo-se apenas mais duas paredes: uma prolongando a fachada da caserna e outra, a Sul, fechando contra a muralha. A entrada fazia-se por este lado, conservando-se também a soleira com rasgos para a porta. A distinção funcional destas duas áreas não é perceptível ao nível dos alicerces, que mais parecem corresponder a um só edifício, mas sim ao nível dos pavimentos, pela utilização de diferentes tipos de revestimento: em cascalho miúdo batido sobre argamassa de saibro, no oratório, e em lajes graníticas de formas irregulares, na caserna.

Envolvendo exteriormente estas construções e prolongando-se até à porta medieval e casernas encostadas às muralhas sul e oeste, colocou-se a descoberto um pavimento de lajes de granito que, incorporando alguns afloramentos naturais de rocha, forma o pátio interior do castelo. O pendor deste pavimento é de N para S, fazendo-se o escoamento das águas pluviais através de uma caleira que, recolhendo a água no pátio fronteiro à caserna este, a canaliza para fora do castelo através da porta ogival.

No interior da caserna identificaram-se 3 níveis de pavimentação, sendo o mais antigo de saibro batido e os dois seguintes em lajes de granito, testemunhando uma utilização recorrente. Nas camadas associadas recolheu-se espólio cerâmico relativamente abundante, cujas características, nomeadamente a existência de vidrados "melados", cerâmicas pretas decoradas com moscovites, cerâmicas vermelhas comuns e faianças, apontam para produções que se podem situar entre meados do século XVII e princípios do século XX, cronologia que concorda com a data de edificação das casernas e sua utilização posterior. Quanto ao espólio não cerâmico, merece ser referido o achado de um Real e meio de D. João IV (1640-1656)[22] e de algumas pequenas bolas de chumbo correspondentes a balas de mosquetes.

No corredor entre muralhas, tanto no lado O como no lado E, a escavação revelou uma sucessão estratigráfica elementar, confirmando o que a simples observação exterior indicava:

a) - Alicerçamento da muralha moderna directamente sobre a rocha de base, não se detectando quaisquer indícios da existência anterior de barbacã medieval circundando a muralha;

[22] Referência F.VAZ - J4.63 (Vaz e Salgado, 1987:292).

b) - Aterro do espaço entre muralhas com terras, cascalho e calhaus e regularização da superfície com uma camada de saibro, cascalho abundante e calhaus. Sobre este nível de circulação veio a depositar-se uma camada detrítica, correspondente à ocupação do sítio desde o último quartel do século XVII até ao início deste século.

A técnica construtiva da muralha abaluartada é completamente distinta da medieval. O aparelho é irregular, formado por calhaus sem afeiçoamento, de dimensões muito variáveis, dispondo-se em mamposteria com juntas muito largas, à excepção dos cunhais dos baluartes, que apresentam blocos de maiores dimensões, afeiçoados no encosto das esquinas. O miolo da parede é preenchido por terra, saibro, cascalho e calhaus. A sua espessura não é uniforme ao longo do perímetro, embora seja sempre mais larga na base e mais estreita no topo, com a parede interna vertical e a externa em rampa ou alambor, característica comum às fortificações deste tipo.

Importa referir, contudo, que o castelo se articulava com um sistema defensivo mais complexo: 3 amplas trincheiras e 3 baterias, situadas entre 1 e 2 quilómetros para nascente, passaram, desde 1801 (Barreiros, 1964b: 47), a fazer a defesa avançada do castelo, controlando a passagem do rio Cabril e portanto o acesso ao vale do rio Lima. Ver arqueossítios Chão do Clérigo (NIG.041), Fundal (NIG.042) e Eido Velho (NIG.043).

Com uma função estritamente militar, a defesa da fronteira, o castelo de Lindoso terá conhecido na época moderna, tal como nos tempos medievais, uma ocupação igualmente descontínua, revelando a sua máxima utilidade apenas nos períodos de conflitos regionais e/ou nacionais. Esta descontinuidade, evidenciada pelos dados das escavações arqueológicas, é particularmente manifesta no século XIX: se em 1815 tinha uma guarnição de 2 companhias com 302 praças, em meados do século albergava um modesto destacamento composto por 1 cabo e 6 soldados, apresentando-se então desprovida de materiais de guerra e muito arruinada. Inácio Lopes Barreto foi o último governador militar de Lindoso (1841-62) (Costa, 1940; Monteiro, 1980:83).

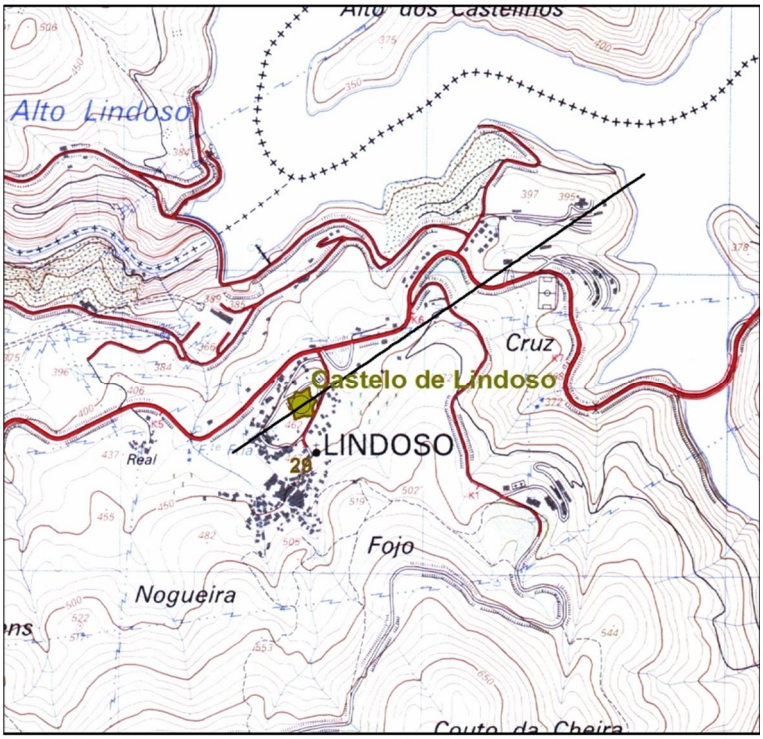
Em 4 de Junho de 1862 passou para a tutela da Alfândega de Valença, instalando-se nele os serviços alfandegários de Ponte da Barca (Costa, 1985). Em 1885 foi definitivamente desactivada como instalação militar, ficando à responsabilidade da então Guarda Fiscal. O seu abandono conduziu à ruína

progressiva das construções, apesar de ter sido classificado como Monumento Nacional em 1932. Na década de 40 foi objecto de obras de restauro e conservação por parte da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

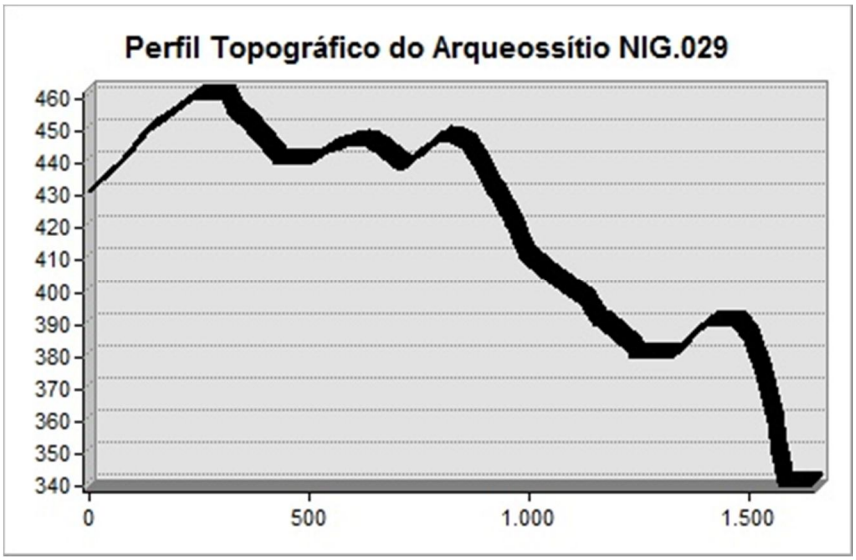
G - O castelo de Lindoso está classificado como Monumento Nacional (Decreto 20985, de 7-3-1932), encontrando-se sob administração do Parque Nacional da Peneda-Gerês (Despacho de 18-2-76, nos termos do Dec. Lei 48059, de 23-11-67). Nos finais do século XX e primeira década do XXI, no âmbito de um projecto inicial de "Tratamento museológico e rentabilização cultural", foi objecto de várias intervenções de conservação, restauro e reabilitação, abrigando actualmente um núcleo museológico e estruturas de apoio da Porta de Lindoso, do PNPG.

H - Fontes e Regalo, 1992:18-23; 1994:36-37; 1997:21-27. Estampas XXIXa, XXIXb, XXIXc, XXIXd, XXIXe, XXIXf, XXIXg, XXIXh, XXIXi, XXIXj, XXIXk, XXIXl, XXIXm, XXIXn e XXIXo.

Estampa XXIXa



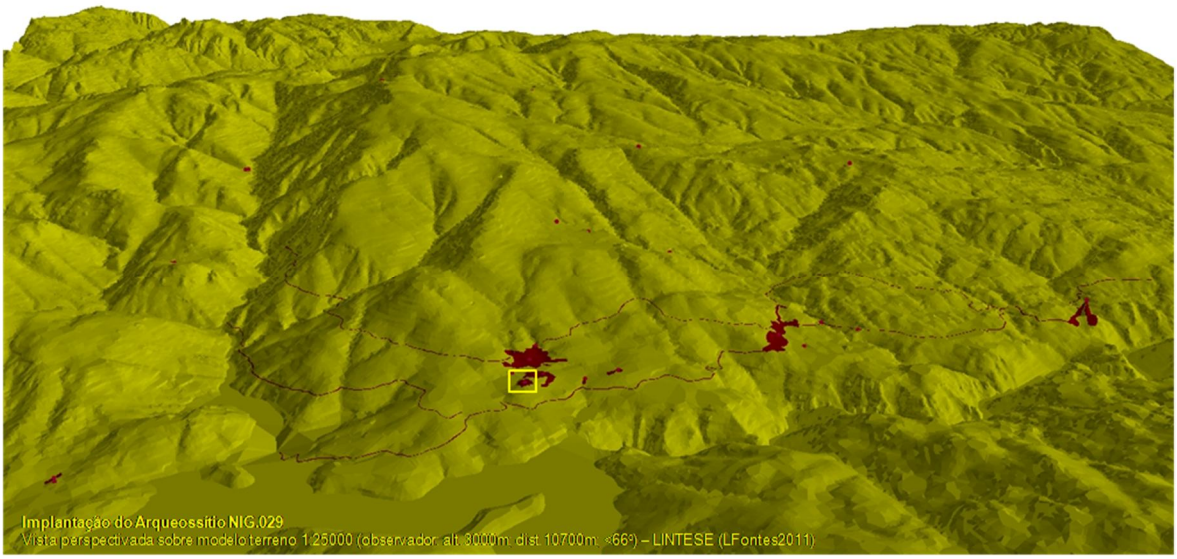
Localização de Arqueossítio NIG.029 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIXb



Localização de Arqueossítio NIG.029 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXIXc



fotoNIG029a - Perspectiva aérea do Castelo de Lindoso, vista de Sul



fotoNIG029b - Panorâmica do Castelo de Lindoso, vista de Sul

Estampa XXIXd



fotoNIG029c - Panorâmica do Castelo de Lindoso, vista de Este



fotoNIG029d - Perspectiva dos trabalhos arqueológicos no interior do Castelo de Lindoso

Estampa XXIXe



fotoNIG029e - Perspectiva final da banda nascente do pátio, após escavações



fotoNIG029f - Pormenor de rasgos de cunhas para extracção de pedra no local

Estampa XXIXf

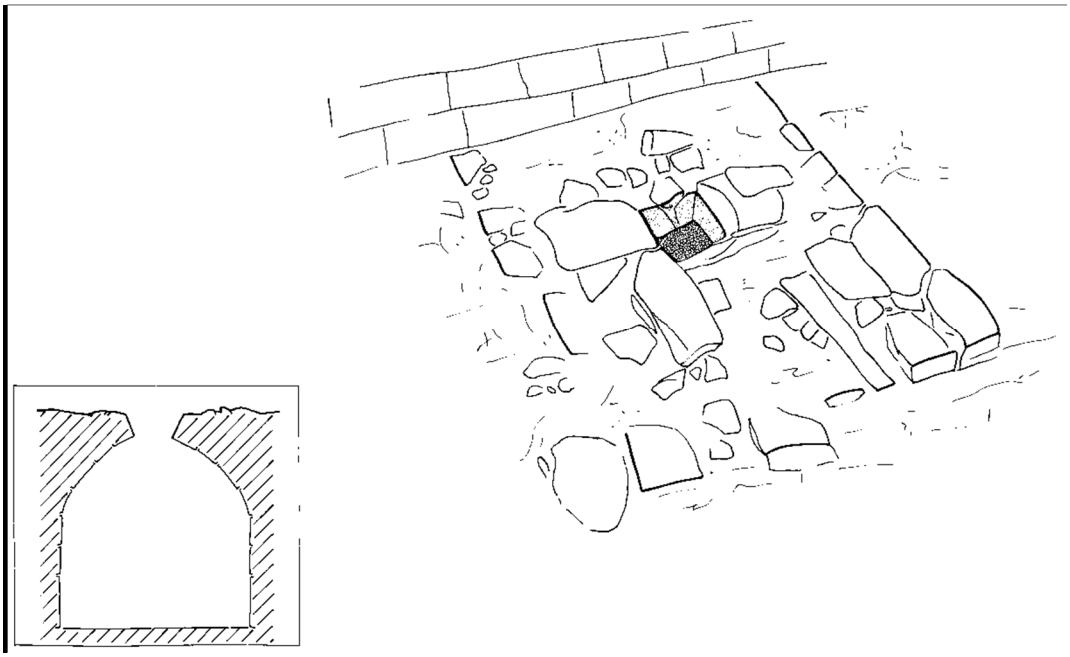


fotoNIG029g - Pormenor da escavação da zona do oratório seiscentista

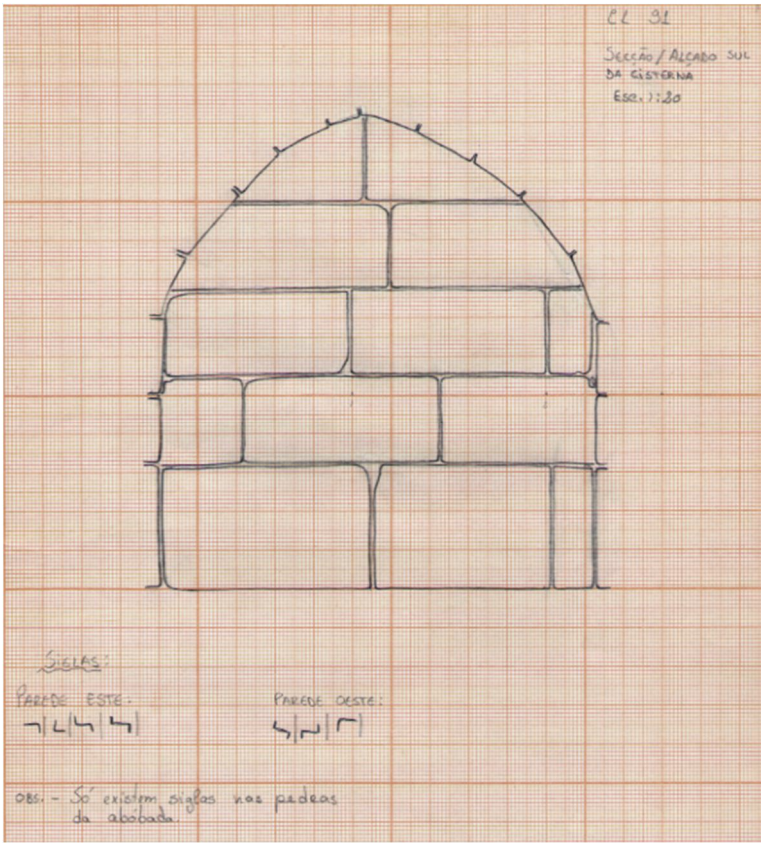


fotoNIG029h - Pormenor da escavação na zona da cisterna medieval

Estampa XXIXg



desenho0026 – Secção e perspectiva cavaleira da cisterna medieval



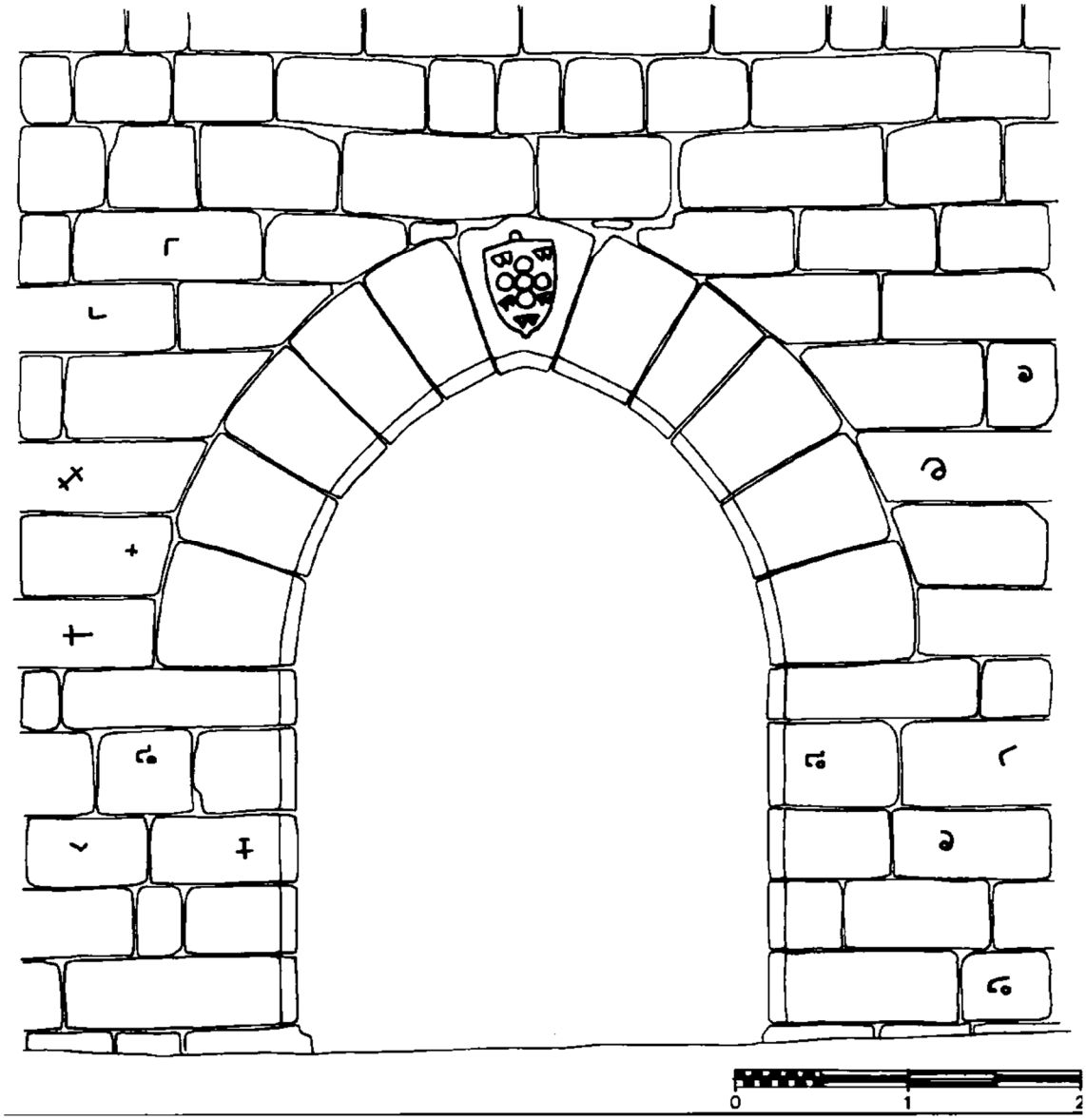
desenho0027 – Secção, alçado sul interior e siglas da cisterna medieval

Estampa XXIXh



fotoNIG029i - Porta sul do castelo medieval

Estampa XXIXi

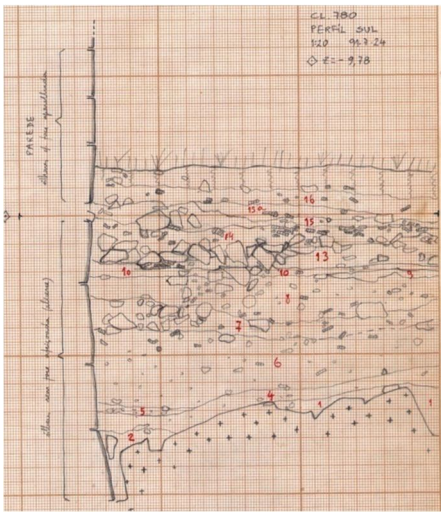


desenho0025 – Levantamento da porta sul medieval

Estampa XXIXj



fotoNIG029j - Tramo poente exterior da muralha medieval

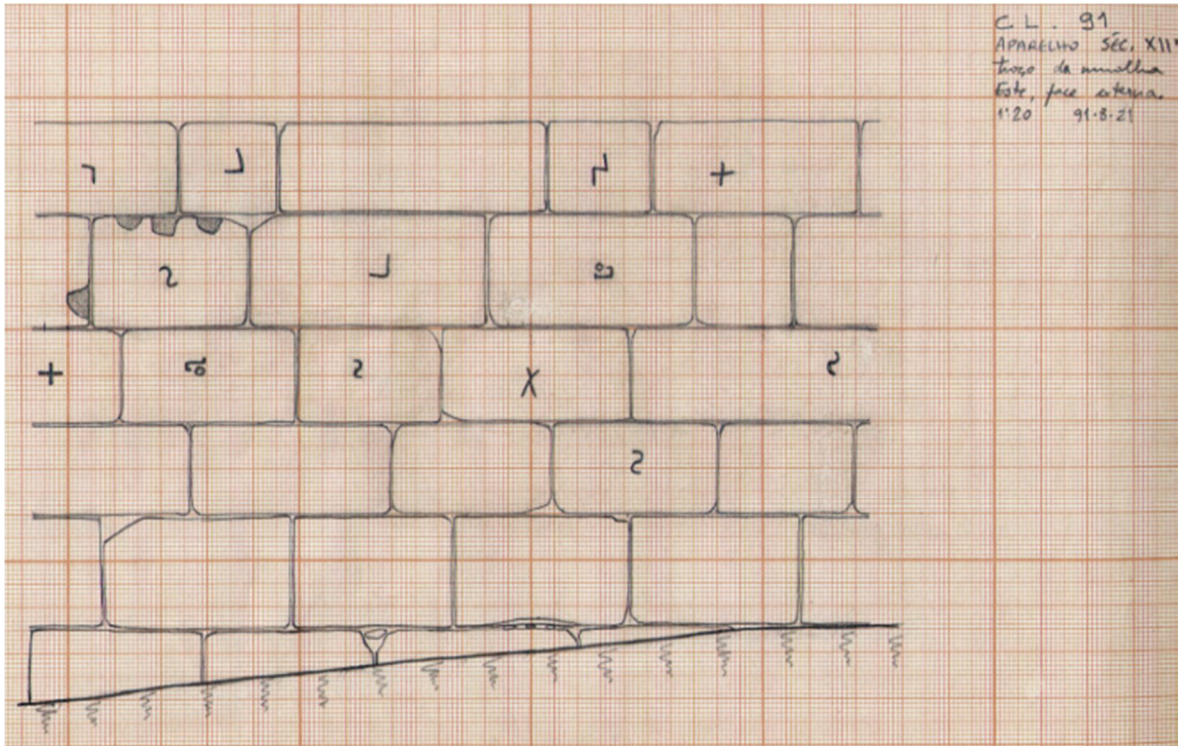


desenho0031 – Leitura estratigráfica no interior do castelo medieval (Corte CL.780)

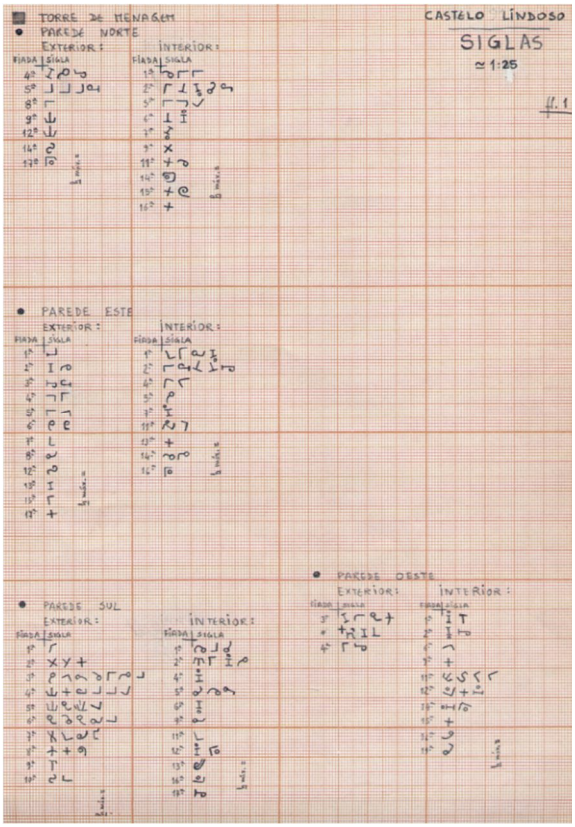


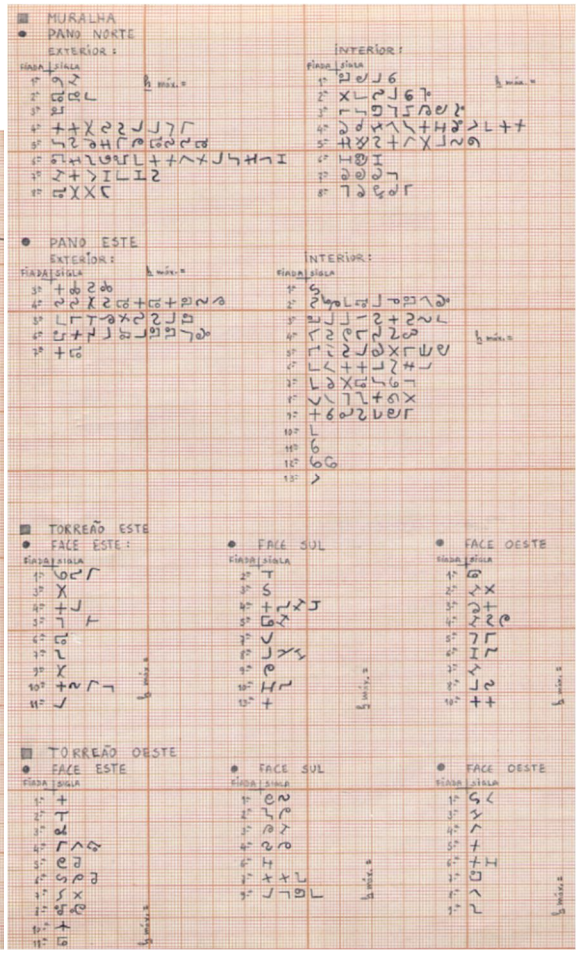
fotoNIG029k - Pormenor do aparelho construtivo medieval no lado nascente do cubelo Este

Estampa XXIXk



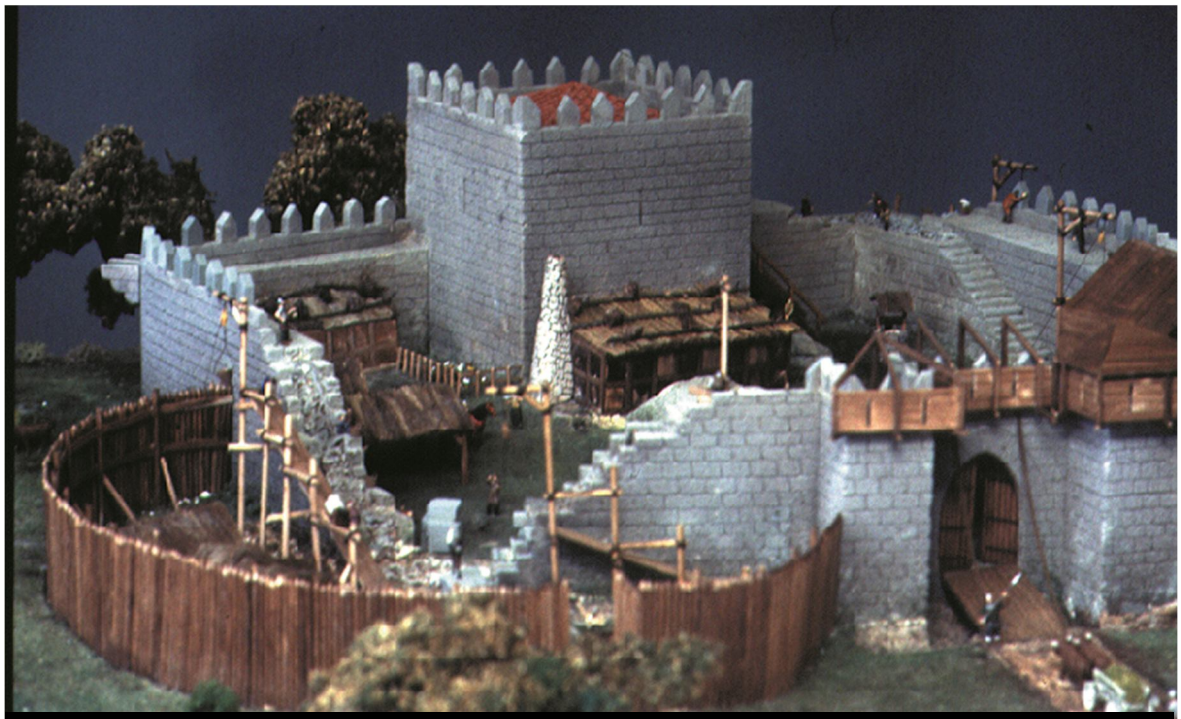
desenho0028 – Levantamento de troço de alçado da muralha medieval





desenho0029/0030 – Levantamento das siglas medievais do Castelo de Lindoso

Estampa XXIXl



fotoNIG029l - Maqueta do castelo medieval de Lindoso, com proposta de restituição do processo construtivo



fotoNIG029m - Perspectiva da fortificação moderna de Lindoso, vista de poente

Estampa XXIXm



desenho0032 - Planta do Castelo de Lindoso, de 1758 (BPMP 1909-16 – Meireles, 1994/foto H. Regalo)



fotoNIG029n - Pormenor da sobreposição da fortificação moderna sobre a medieval

Estampa XXIXn



fotoNIG029o - Perspectiva da sobreposição da fortificação moderna sobre a medieval, lado sul

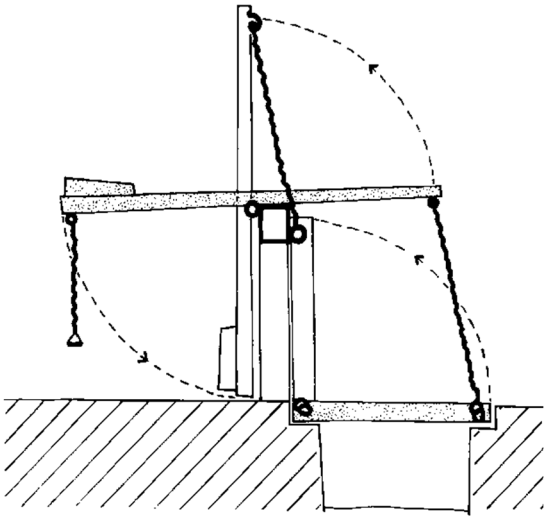


fotoNIG029p - Perspectiva da sobreposição da fortificação moderna sobre a medieval, lado norte

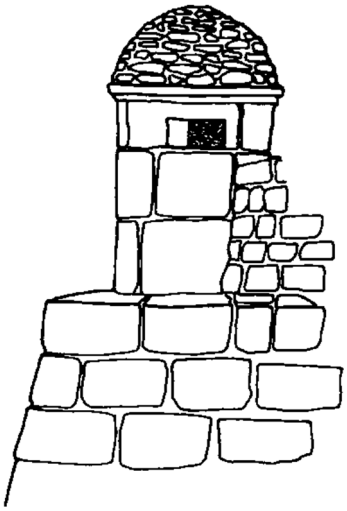
Estampa XXIXo



fotoNIG029q - Porta norte da fortificação moderna, com ponte levadiça



desenho0034 - Esquema de funcionamento da ponte levadiça



desenho0033 - Levantamento de guarita moderna



fotoNIG029r - Pormenor de baluarte moderno

A - **Igreja de Lindoso (NIG.030)** – Igreja de Lindoso

B - Templo; Necrópole

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194567,81 / Y=544031,88 / Z=455; Lindoso

D - Este local situa-se na base da encosta noroeste do monte Forcão, na zona correspondente à bordadura da plataforma de erosão onde se implanta a aldeia de Lindoso. A Norte inicia-se uma pequena linha de água que corre para NE em direcção ao Lima. Com exposição a poente, a visibilidade estende-se à envolvente da aldeia e um pouco mais para NO em direcção ao vale do rio Lima. O substrato geológico é granítico, observando-se pequenos afloramentos de rocha. Os terrenos envolventes apresentam-se armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica.
A ocupação do solo divide-se entre a social (casas, caminhos e equipamentos) e a agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho). Algumas árvores de fruto marginam os campos e os caminhos (oliveira, macieira, castanheiro).
O sítio corresponde ao local de implantação da igreja paroquial, equidistante do castelo e do núcleo habitacional, fazendo-se o acesso pelo caminho municipal que liga a povoação à estrada nacional. Não existe qualquer sinalização.

E - Edifício religioso de dimensões modestas, com nave e capela-mor rectangulares e um pequeno anexo correspondente à sacristia adossado ao lado exterior norte da capela-mor. Para além da porta principal na fachada oeste, tem duas pequenas portas nos lados da nave, uma que comunica interiormente com a sacristia e duas que abrem desta divisão para o exterior. Só o poderoso maciço central que enforma o portal na fachada principal da igreja, encimado pelo arco sineiro, lembra os padrões arquitectónicos medievais. Tudo o resto da actual traça da igreja de Lindoso revela os elementos essenciais da austera reconstrução setecentista[23], particularmente manifesta no arranjo interior - coro alto, elevação do arco triunfal e retábulos dos altares em modesta talha dourada.

[23] Em 1775 documenta-se a construção da capela-mor e sacristia e ainda da nova residência paroquial (ADB, Nota Geral, 1.ª série, n.º 810, fls.37v-38v; Rocha, 1994:39).

No espólio da igreja merece referência, tanto pelo valor intrínseco como pela singularidade da sua presença em Lindoso, um belo prato de cobre de Nuremberga, datável do século XVI, representando "Adão e Eva no Paraíso" - é uma figuração frequente na iconografia tradicional da pintura e iluminura flamengas dos meados do século XV (Dias, 1992: 207). Este prato deve ter integrado o património da igreja de Lindoso nos finais do século XVI, pois não consta da lista dos bens móveis inventariados em 1574 (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 10).

Durante as obras de restauro da igreja paroquial realizadas na década de 50 foram encontradas, no subsolo da zona do adro contígua à parede setentrional da nave, várias peças líticas que integravam tumulações. Pela sua feição arcaica, mereceram a atenção do P.^{e} José Magalhães dos Santos (2001:25-26), então pároco em Lindoso, que as fez recolher no pátio interior da casa paroquial.

Trata-se de 6 peças em granito, correspondentes a duas caixas e quatro tampas de sarcófagos, que descrevemos a seguir individualmente:

Peça.1 - caixa de sarcófago completa, escavado em bloco monolítico de granito local, toscamente talhado, com cantos arredondados. A cavidade, de superfícies grosseiramente afeiçoadas, desenha uma forma antropomórfica, com cantos arredondados a definirem um traçado oval alongado (vai alargando dos pés para os ombros, abrindo-se no topo, com traçado um pouco mais rectilíneo, a cavidade correspondente à cabeça). Interiormente mede 1,75 m de comprimento, 0,45 m de largura e 0,24 m de profundidade. Não é perceptível qualquer decoração. Sobre o eixo longitudinal, no terço do lado da cabeceira, apresenta um orifício que vai alargando até perfurar o fundo da caixa. Apresenta superfícies cobertas por musgos e líquenes, observando-se diversas fracturas nos bordos;

Peça.2 - caixa de sarcófago completa, escavado em bloco monolítico de granito local, toscamente talhado, com cantos arredondados. A cavidade, de superfícies grosseiramente afeiçoadas, desenha uma forma em "banheira", com cantos também arredondados, não se definindo lado da cabeceira ou lado dos pés. Interiormente mede 1,70 m de comprimento, 0,44 m de largura e 0,21 m de profundidade. Não é perceptível qualquer decoração. Junto a um dos topos, na base da parede lateral, foi aberto um

orifício para verter os líquidos da decomposição do corpo. Apresenta superfícies cobertas por musgos e líquenes, observando-se diversas fracturas nos bordos;

Peça.3 - tampa de sarcófago quase completa (fractura ao centro e sem extremos da cabeceira e dos pés), talhada em laje monolítica de granito fino (não local), bem afeiçoada. A parte que se conserva mede 1,50 m de comprimento, 0,49 m de largura e 0,20 m de espessura. Na face exposta apresenta decoração “em estola” desenhada por uma linha dupla central relevada, com bifurcação curvilínea na cabeceira. Não é perceptível outra decoração. A secção da tampa é sub-triangular (ou tronco-cónica) com face interna côncava e bordos em aba. Observam-se algumas fracturas nos bordos, apresentando superfícies cobertas por musgos e líquenes;

Peça.4 - fragmento de tampa de sarcófago talhada em laje monolítica de granito local, razoavelmente afeiçoada. A parte que se conserva mede 0,63 m de comprimento, 0,44 m de largura e 0,22 m de espessura. Corresponde a parte da zona da cabeceira e centro da tampa. A face exposta apresenta, no sentido do comprimento, uma dupla nervura em relevo, que define a linha de junção dos dois planos em que a face se organiza (volume em "duas águas"). Nessas duas bandas observa-se uma decoração gravada, composta por alguns sulcos pouco profundos, obtidos por picotagem, desenhando pequenas formas geométricas do tipo "siglas". Não é perceptível outra decoração. A secção da tampa é pentagonal, com face interna horizontal, lisa e bem afeiçoada, sem rebordos. A face exposta está muito erodida, apresentando-se coberta por musgos e líquenes. Observam-se múltiplas fracturas nos bordos;

Peça.5 - fragmento de tampa de sarcófago talhada em laje monolítica de granito local, razoavelmente afeiçoada. A parte que se conserva mede 0,83 m de comprimento, 0,64 m de largura e 0,24 m de espessura. Corresponde ao terço do lado da cabeceira, apresentando um volume em "duas águas" com os dois planos a juntar-se ao centro numa linha relevada. No extremo da cabeceira apresenta uma decoração em baixo-relevo formada por duas volutas cujos ramos principais divergem da linha central relevada. Do enrolamento da voluta maior saem outras pequenas volutas menos enroladas (tipo gavinhas). No plano lateral esquerdo da face exposta

conserva-se o que aparenta ser parte de uma epígrafe, muito erodida e por isso de difícil interpretação, onde parece ler-se PET · T […]. Não se percebe outra decoração. A secção da tampa é pentagonal, apresentando a face interna um plano rebaixado ligeiramente côncavo, toscamente escavado, que cria um rebordo perimetral. Apresenta superfícies cobertas por musgos e líquenes, observando-se algumas fracturas nos bordos;

Peça.6 - fragmento de tampa de sarcófago talhada em laje monolítica de granito local, bem afeiçoada. A parte que se conserva mede 1,05 m de comprimento, 0,49 m de largura e 0,20 m de espessura. Corresponde a mais de metade do lado direito da tampa, abarcando parte da cabeceira. Foi cortada pelo eixo longitudinal da peça e reutilizada como guarnição de porta, como evidenciam o rasgo e cova de apoio do eixo (com polimento de uso). Apresenta um volume em "duas águas", observando-se no plano lateral direito uma decoração mista, gravada e em baixo-relevo, respectivamente uma suástica curvilínea inscrita num círculo e um friso lateral de pequenas volutas limitadas por um rebordo perimetral que parece marcar a cabeceira. Não é perceptível outra decoração. A secção da tampa é pentagonal, apresentando a face interna um plano rebaixado regularmente horizontal, toscamente escavado mas bem delineado, que cria um rebordo perimetral. Apresenta superfícies cobertas por musgos e líquenes, observando-se algumas fracturas nos bordos.

No seu trabalho *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro-e-Minho*, Mário Barroca incluiu as peças n.º 3 e 5 no inventário, interpretando-as e fazendo a leitura da epígrafe a partir de fotografias (Barroca, 1987:236 e 242). Posteriormente, na *Epigrafia Medieval Portuguesa*, corrigiu a leitura da inscrição, para a qual propõe uma datação avançada adentro do século XI e referiu, sem detalhes, a existência das outras peças (Barroca, 2000:133-134).

F - Os testemunhos materiais descritos reportam-se a uma modalidade específica de tumulação, o enterramento em sarcófago, modalidade bem documentada no noroeste peninsular durante os séculos centrais da Idade Média.

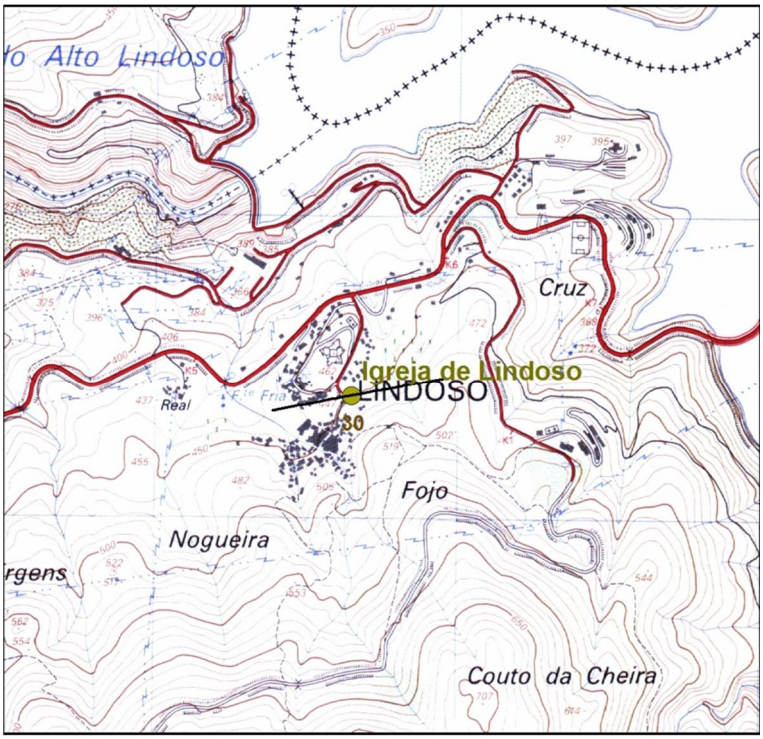
Considerando o contexto arqueológico e documental local, propomos para o conjunto destas peças uma cronologia compreendida entre os finais do século XI e o século XV. Embora se possa perceber uma certa influência galega, patente

sobretudo na tampa "em estola" (a única peça que parece de "importação"), as características técnico-estilísticas das restantes peças, em que sobressai a simplicidade decorativa e a insipiência dos desenhos, sugerem uma produção local. Do templo medieval não se conhecem vestígios.

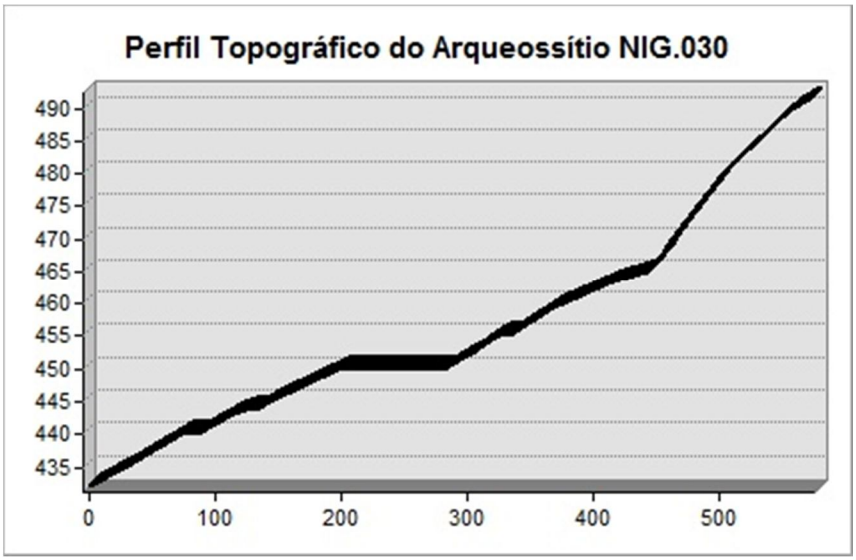
G - Restaurada na década de 50 deste século, a igreja de Lindoso é um pequeno e modesto edifício sem qualquer valor arquitectónico aparente.
Mas o conjunto escultórico tumular medieval tem grande valor e interesse arqueológicos, constituindo um importante contributo para a compreensão das modalidades de enterramento na região durante a Idade Média. Deve por isso ser objecto de protecção. Contudo, tal como outros elementos escultóricos em granito expostos ao ar livre (actualmente encontram-se expostas no adro, alinhadas junto à parede setentrional da nave), estas peças estão sujeitas a acentuada erosão das superfícies devido à sua fraca resistência às condições ambientais (chuva, frio, musgos e líquenes). A sua preservação está por isso ”naturalmente” ameaçada, acrescendo ainda a circunstância de estar sujeita a vandalismos. A sua conservação no local é difícil, pela dificuldade de integrar arquitectonicamente uma eventual cobertura que proteja as peças. Parece-nos que o mais aconselhável seria proceder ao seu depósito no núcleo museológico do castelo de Lindoso.

H - Inédito; Barroca, 1987:236 e 242; 2000:133-134; Santos, 2001:25-26. Estampas XXXa, XXXb, XXXc, XXXd, XXXe e XXXf.

Estampa XXXa



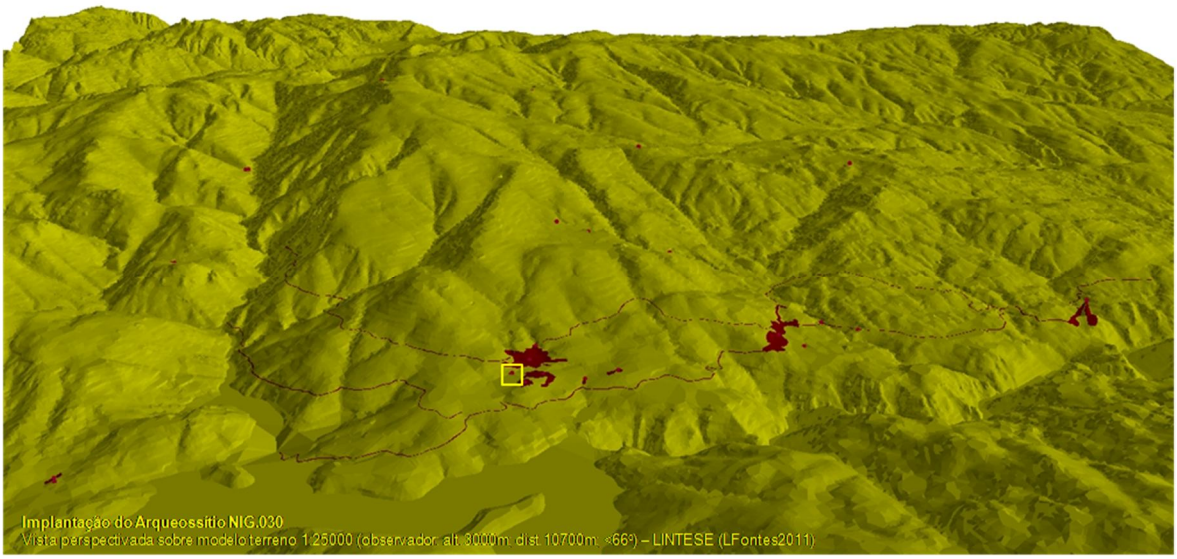
Localização de Arqueossítio NIG.030 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXb



Localização de Arqueossítio NIG.030 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



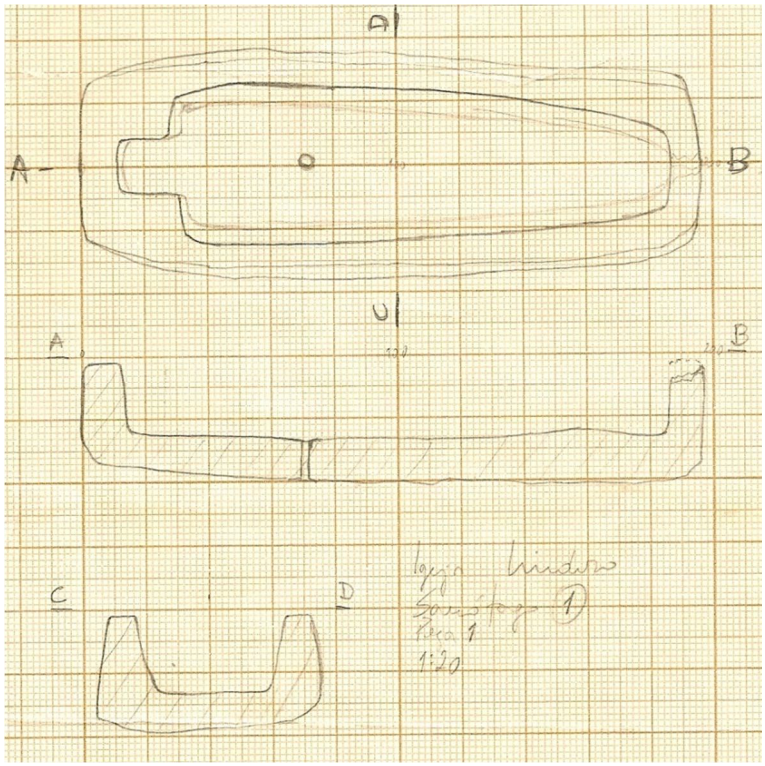
Estampa XXXc



fotoNIG030a - Perspectiva da igreja de Lindoso, vista de Noroeste



fotoNIG030b
Sarcófago medieval (Peça 1)

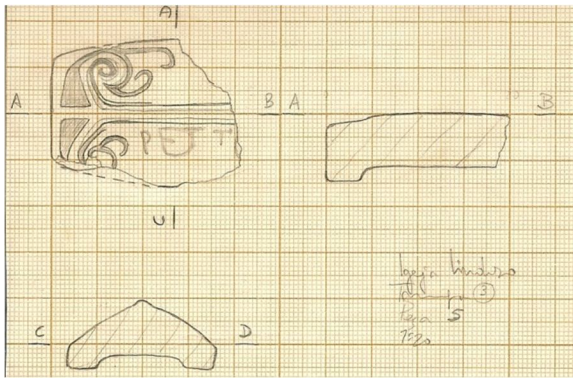


Desenho0035 - Sarcófago medieval (Peça 1)

Estampa XXXd



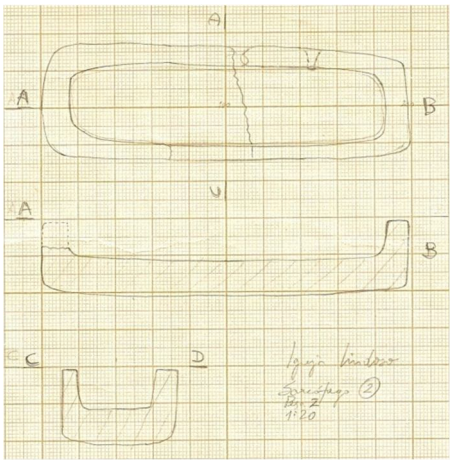
fotoNIG030c - Sarcófago medieval (Peça 1)



Desenho0039 – Tampa de sarcófago medieval (Peça 5)



fotoNIG030d - Sarcófago medieval (Peça 2)

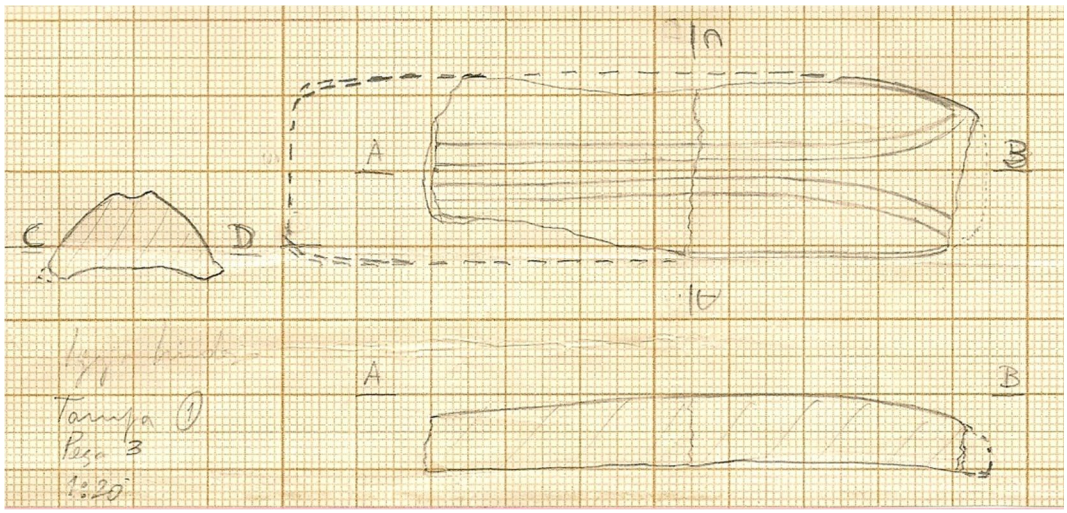


Desenho0036 – Sarcófago medieval (Peça 2)



fotoNIG030e – Tampa de sarcófago medieval (Peça 3)

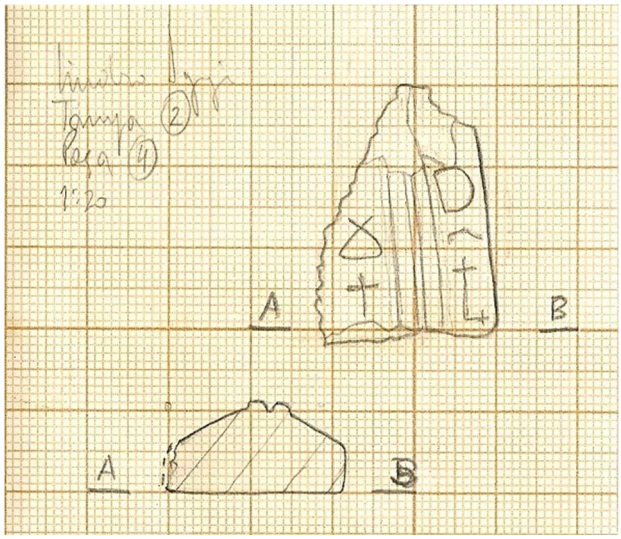
Estampa XXXe



Desenho0037 – Tampa de sarcófago medieval (Peça 3)



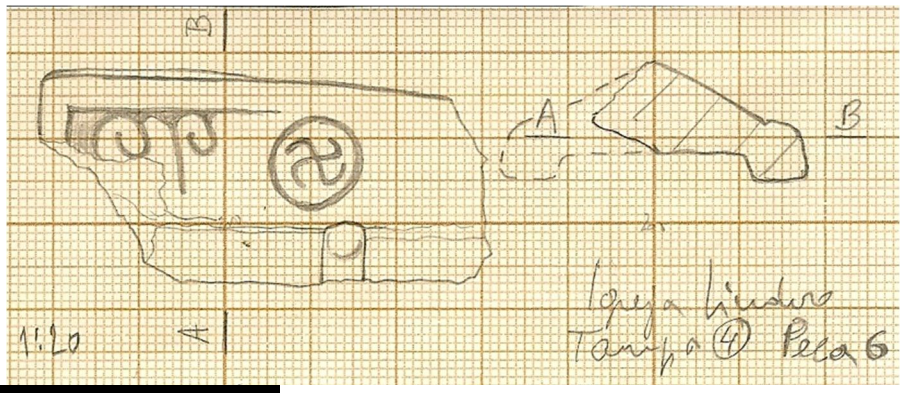
fotoNIG030f – Tampa de sarcófago medieval (Peça 4)



Desenho0038 – Tampa de sarcófago medieval (Peça 4)



fotoNIG030g– Tampa de sarcófago medieval (Peça 6)



Desenho0040 – Tampa de sarcófago medieval (Peça 6)

Estampa XXXf



fotoNIG030h– Prato de cobre da igreja de Lindoso, 'tipo Nuremberga', datável do séc. XVI

A - **Ponte Velha de Parada (NIG.031)** - Ponte Velha; Ponte de Parada

B – Ponte

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192522,70 / Y=543348,86 / Z=335; Parada

D - Este sítio corresponde à passagem sobre o rio da Ponte Velha (rio da Feicha ou de Mulas, mais a montante), numa zona de vale fechado, em garganta, com margens escarpadas. Com uma visibilidade limitada ao troço imediato do rio (menos de 50 m em redor), o local é sombrio e muito húmido.
Escavado na rocha granítica, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados, correspondentes a depósitos de torrente. Nas margens abruptas, parcialmente armadas em socalcos, cresce uma densa mata, predominando carvalhos, castanheiros, fetos e silvas.
O acesso faz-se pelo antigo caminho que servia a ponte, que ainda conserva um troço interessante na margem nascente, lado por onde liga à estrada nacional.

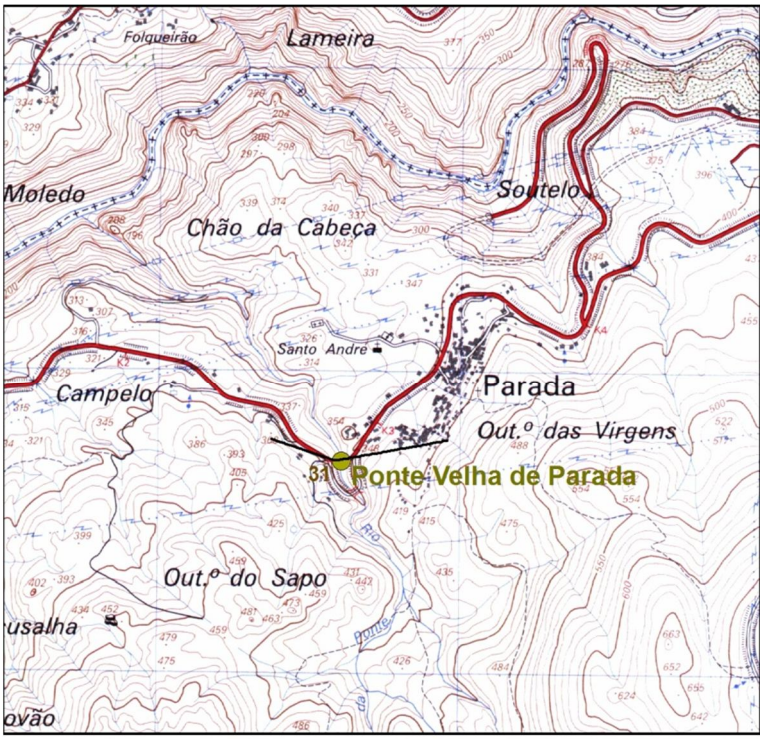
E - Neste local conserva-se uma ponte em cantaria de silhares graníticos, com um troço de via lajeada (ver NIG.088), ambas com remodelações. A ponte é uma construção de fábrica razoável. Tem um só arco, peraltado, que vence um vão de 4,80 m de altura e 6 m de largura. As suas bases alicerçam-se solidamente nas paredes graníticas das margens.
O aro do arco é formado por aduelas bem afeiçoadas, estreitas e compridas, compondo um intradorso de grande perfeição, em aparelho isódomo, onde se identificam 14 siglas de canteiro. A linha do extradorso do aro é irregular, mas não “cose” com o aparelho poligonal dos paramentos laterais em mamposteria, que, apesar da sua aparência menos cuidada, se ligam bem com as margens.
O tabuleiro, em cavalete devido à elevação do arco, é estreito - 2,40 m (1,63 m entre guardas, ao centro, onde é mais estreito) - apresentando-se pavimentado com lajes graníticas que, ao centro da ponte, assentam directamente no extradorso do arco e em platibanda nos arranques das margens. As guardas correspondem a uma intervenção posterior. Este pavimento lajeado prolonga-se pela via antiga que servia a ponte, cujo traçado ainda se conserva visível nas margens esquerda (cerca de 400 m) e direita (cerca de 30 m) (ver NIG.088).

F - Pelas características técnico-construtivas trata-se de uma ponte claramente medieval. Para esse período remetem igualmente os topónimos de “Ponte Velha” e sobretudo o de “Ponte de Santiago”, aludindo este último às peregrinações a Santiago de Compostela, frequentes nos séculos medievais. As siglas de canteiro reforçam a cronologia medieval, podendo até propor-se, pela similitude com as siglas do castelo de Lindoso, que a sua construção tenha sido realizada na segunda metade do século XIII pela mesma oficina de cantaria.
Importa apenas referir que este monumento conheceu uma remodelação em 1866, conforme atesta a data gravada na face superior de uma das guardas do lado montante. Ter-se-ão então colocado as novas guardas e restaurado a pavimentação lajeada do tabuleiro.

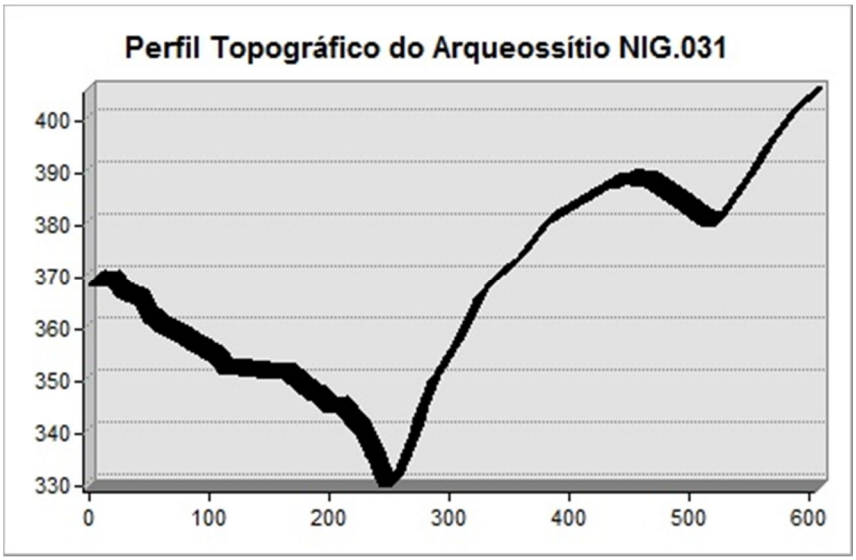
G - Afecta até há poucos anos ao uso vicinal dos moradores de Parada, esta ponte, bem como o troço de via, foram desactivadas da rede viária principal na década de 30 deste século, altura em que se rasgou uma nova estrada, que foi passar o rio mais a montante, numa nova ponte de cantaria.
Trata-se de importantes testemunhos da velha estrada medieval que ligava Aboim da Nóbrega, antiga cabeça de Terra, e depois a vila da Barca, à Galiza. Continuou a ser utilizada no acesso aos moinhos que se localizam próximo, até que foi abandonada na sequência das obras da nova ponte de betão feita em 1987, cuja implantação provocou a destruição parcial do arranque do tabuleiro na margem direita.
O monumento conserva-se em razoável estado, mas muito afectado no seu envolvimento paisagístico em dois aspectos: está desenquadrada entre os pilares de betão da ponte construída em 1987, para servir o traçado rectificado da EN.304-1 e tem as suas margens transformadas em escombreiras de obras e vazadouro de lixos de toda a espécie.
Pela sua importância histórico-arqueológica deve ser classificada e pela ameaça a que está sujeita a envolvente deve com urgência ser objecto de um plano de recuperação e reenquadramento paisagístico, cujo objectivo último poderá ser a reposição da circulação pedonal, animando a criação de um trilho histórico.

H - InvArqPNP-G (ficha nº 044). Estampas XXXIa, XXXIb e XXXIc.

Estampa XXXIa



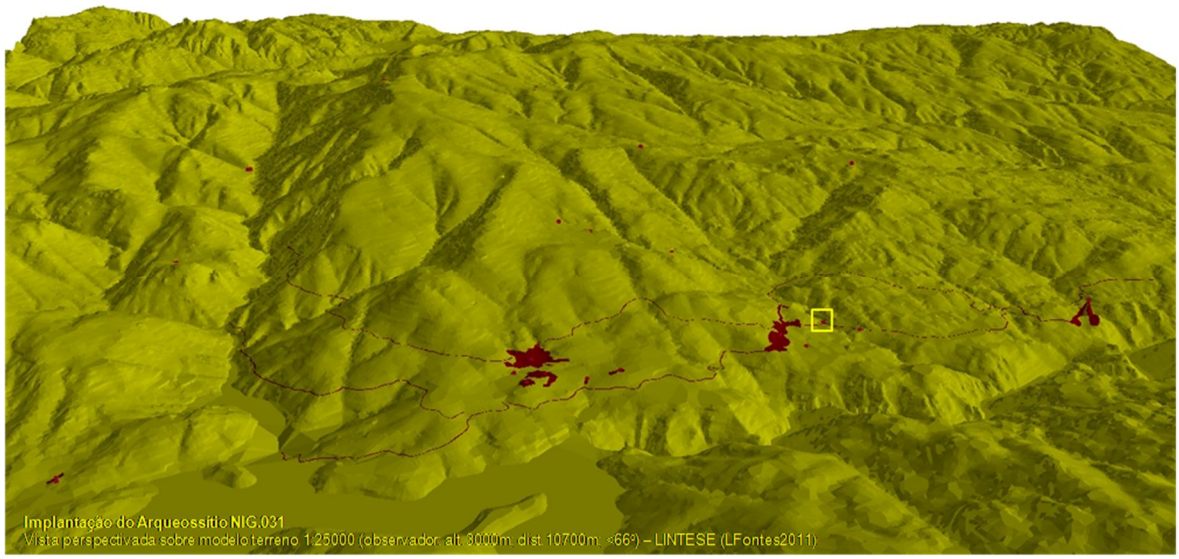
Localização de Arqueossítio NIG.031 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIb



Localização de Arqueossítio NIG.031 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIc



fotoNIG031a - Perspectiva sobre tabuleiro da Ponte de Parada



fotoNIG031b - Perspectiva do alçado de jusante da Ponte de Parada

A – **Ínsua.1 (NIG.032)** - Ínsua

B – Silha, Colmeal ou Apiário

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=196412,73 / Y=539959,31 / Z=710; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se em fim de vertente, no fundo do apertado vale da Corga da Ínsua, abrangendo a margem direita e esquerda junto ao leito, próximo da confluência com o rio Cabril. Com uma visibilidade próxima limitada ao troço imediato do rio (menos de 100 metros em redor), o sítio é abrigado e soalheiro, beneficiando da sua exposição a poente.
É uma zona de vale fechado, em garganta, com margens escarpadas. Escavado na rocha granítica, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados, correspondentes a depósitos de torrente.
Nas margens abruptas, onde aflora o substrato rochoso granítico e se conservam poucos solos esqueléticos, crescem pequenas manchas de vegetação climácica (características da Mata do Cabril), predominando sub-bosque de arbustivas. As espécies arbóreas são escassas, encontrando-se em fase de regeneração natural após violento incêndio ocorrido no princípio desta década. O acesso faz-se pelo único caminho de pé posto que serve o vale do rio Cabril, correspondente à continuação do caminho que liga Lindoso a Vilarinho (acesso condicionado, pois trata-se de Área de Ambiente Natural/Zona de Protecção Total).

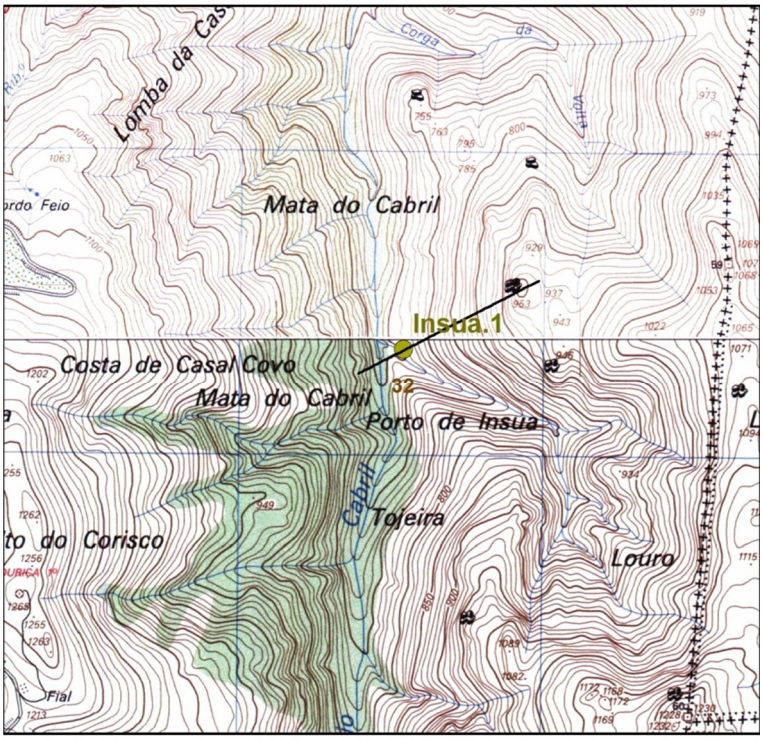
E - Neste local, na margem direita da ribeira, a cerca de 12 m da linha de água, conserva-se uma estrutura pétrea monumental, uma construção de planta circular parcialmente derrubada com cerca de 8 m de diâmetro, formada por uma parede aparelhada em silharia granítica toscamente afeiçoada, de juntas secas, com 0,80 m de espessura média, directamente assente no afloramento rochoso. A parte superior da parede é capeada por lajes graníticas que sobressaem para o exterior formando uma espécie de beiral. Nessas partes atinge cerca de 3 m de altura. A face externa não se eleva exactamente na vertical, apresentando-se ligeiramente bojuda. No lado noroeste, junto à base, conserva-se uma pequena abertura (parcialmente obstruída), por onde se acederia ao interior da construção, actualmente ocupada por um denso giestal.

F - Interpretamos a estrutura acima descrita como correspondente a uma silha, silhal, silhão ou apiário. Destinava-se a proteger do urso o colmeal que abrigava no interior.
Pelas características técnico-construtivas e pela documentação escrita, que testemunha a prática da apicultura e a existência de silhas (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 2), propomos para esta estrutura uma cronologia dentro do período medieval, aceitando-se a continuação da sua utilização nos primeiros séculos da Época Moderna.

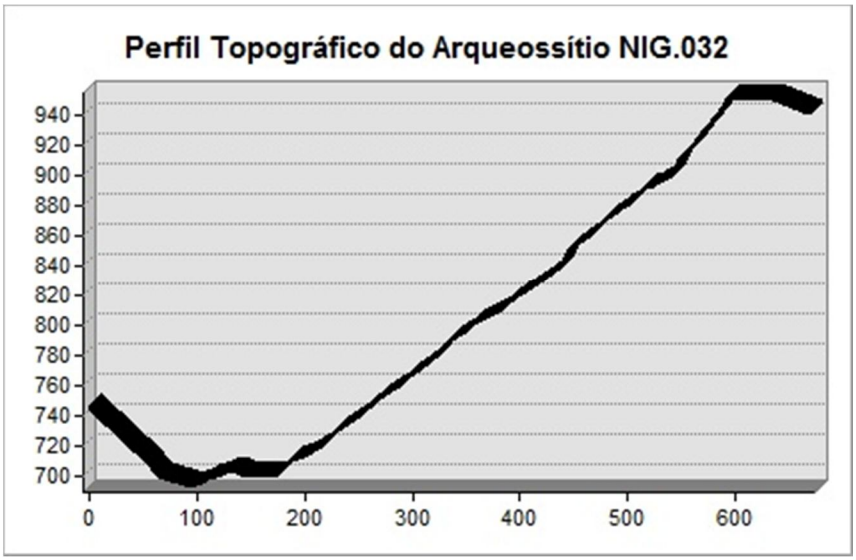
G - Trata-se de um importante testemunho da actividade apícola medieval, de que se conhecem abundantes referências nas "Inquirições Afonsinas" para a vertente meridional da Serra Amarela, designadamente, na área do vale alto do rio Homem (PMH.Inq,,1258: 415 e segs.) e que já mereceram atenção de especialistas do PNPG (Dias e Baptista, 1993:15-16). O monumento conserva-se em razoável estado, podendo vir a ser afectado pelo crescimento de arbustivas. Devia por isso ser objecto de limpezas periódicas controladas. Apesar de se encontrar no interior da "Área de Ambiente Natural", e portanto abrangido pelo regime de protecção total, este arqueossítio justificaria, pela sua singularidade e valor histórico-arqueológico, uma classificação específica.

H - Inédito. Estampas XXXIIa, XXXIIb e XXXIIc.

Estampa XXXIIa



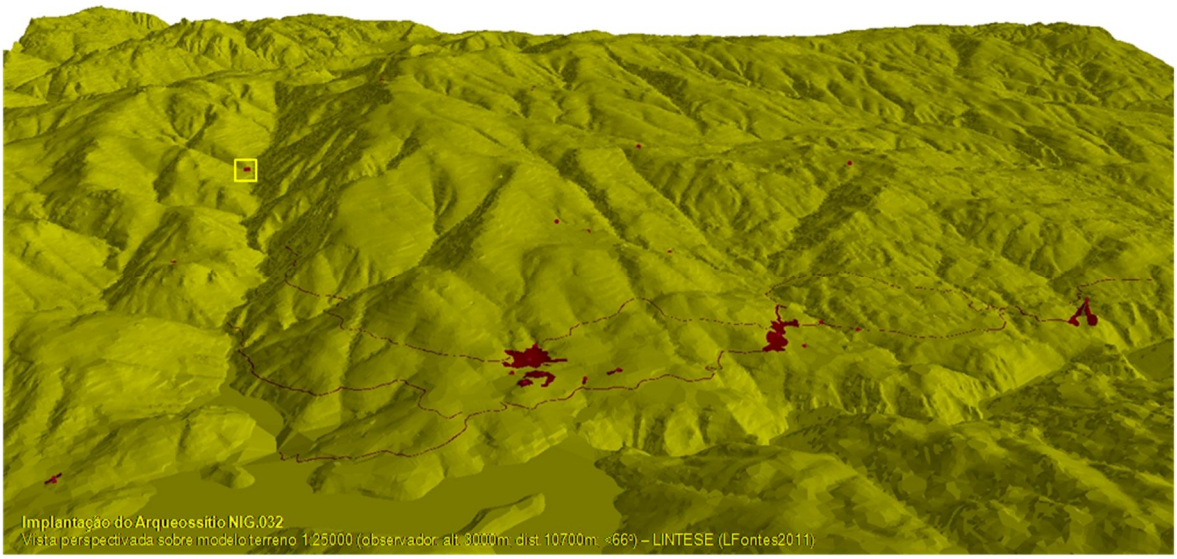
Localização de Arqueossítio NIG.032 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIIb



Localização de Arqueossítio NIG.032 extracto da Orto_17_4_B-30_2_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIIc



fotoNIG032a - Perspectiva geral da silha de Ínsua



fotoNIG032b - Pormenor do aparelho construtivo da silha de Ínsua

A – **Ínsua.2 (NIG.033)** - Ínsua

B - Fojo

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=196393,11 / Y=539949,49 / Z=710; Lindoso

D – Ver descrição acima (NIG.032).

E - Na margem esquerda da Corga da Ínsua, cerca de 30 m para Sudeste da silha acima descrita (NIG.032), encontra-se uma outra grande construção pétrea, parcialmente derrubada, formada por dois paredões que arrancam a meio da encosta e vão convergir junto à ribeira num poço circular, desenhando no conjunto uma forma tipo funil. O aparelho construtivo é homogéneo mas tosco, formado por mamposteria de blocos graníticos simplesmente partidos, de dimensões variáveis. Contudo, houve o cuidado de facetar as paredes. Nas partes melhor conservadas dos paredões laterais observa-se um remate superior capeado, formando uma espécie de beiral virado para o interior. O paredão do lado noroeste observa-se numa extensão de cerca de 15 m até um grande afloramento granítico, enquanto o do lado nordeste se estende por cerca de 10 m incorporando grandes blocos e afloramentos rochosos. Nas partes mais altas mediu-se 2,5 m de altura. O poço mede cerca de 3 m de diâmetro, não se sabendo a profundidade por estar parcialmente aterrado.

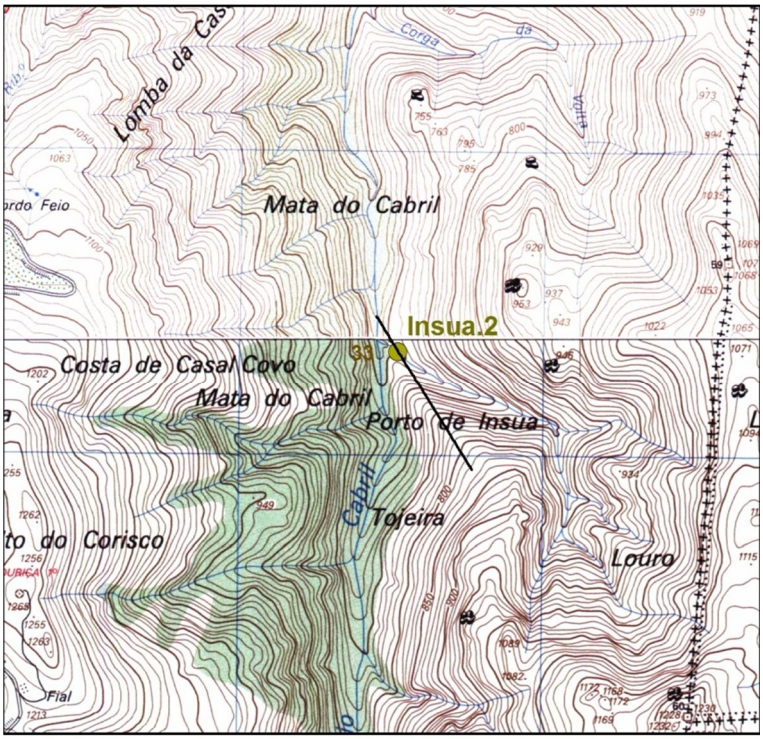
F - Interpretamos a estrutura acima descrita como correspondente a um fojo. Trata-se de uma armadilha de caça, destinando-se neste caso a apanhar o urso (obedece aos mesmos princípios do fojo do lobo, mas é muito mais pequeno).
Pelas características técnico-construtivas e pela documentação escrita, que testemunha a prática da caça ao urso nesta região na Idade Média e a extinção desta espécie animal, na zona, na primeira metade do século XVII (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 2; Argote, 1732; PMH.Inq.1258), propomos para esta estrutura uma cronologia dentro do período medieval, aceitando-se a continuação da sua utilização nos primeiro séculos da Época Moderna.
Admitimos mesmo que pudesse estar relacionado com a coutada real da Mata de Cabril, que terá sido desafectada do património régio com a atribuição do foral a

Lindoso em 1514. A este propósito interessa assinalar que os habitantes de Lindoso, de acordo com as Inquirições de 1258, eram todos monteiros do rei (PMH.Inq, 1258: 414).

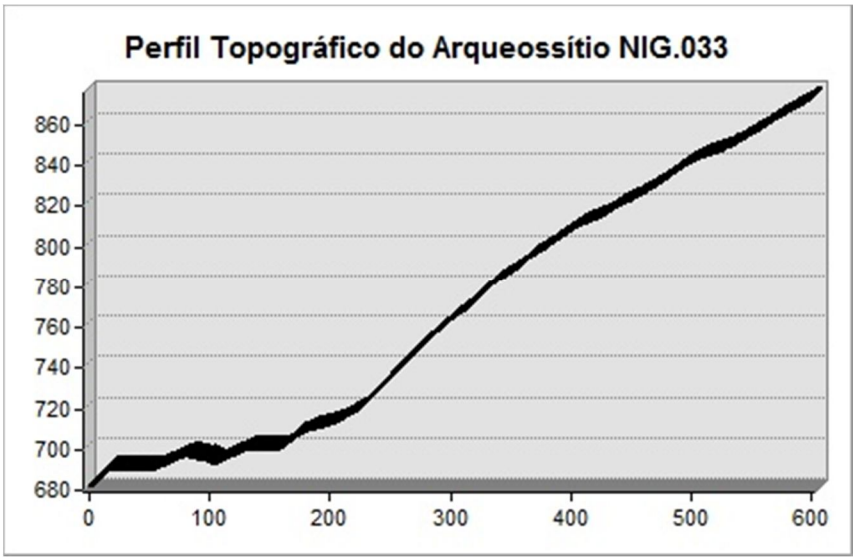
G - Trata-se de um importante testemunho de práticas cinegéticas medievais, de que se conhecem abundantes referências nas "Inquirições Afonsinas" para a vertente meridional da Serra Amarela, designadamente, na área do vale alto do rio Homem (PMH.Inq, 1258: 415 e segs.). O monumento conserva-se em razoável estado, podendo vir a ser afectado pelo crescimento de arbustivas. Devia por isso ser objecto de limpezas periódicas controladas. Apesar de se encontrar no interior da "Área de Ambiente Natural", e portanto abrangido pelo regime de protecção total, este arqueossítio justificaria, pela sua singularidade e valor histórico-arqueológico, uma classificação específica.

H - Inédito. Estampas XXXIIIa, XXXIIIb e XXXIIIc.

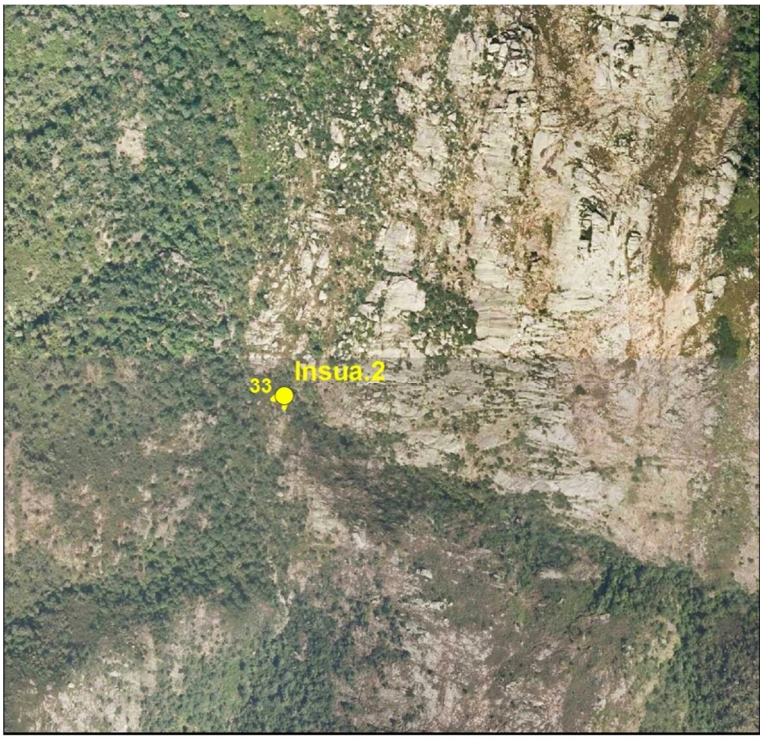
Estampa XXXIIIa



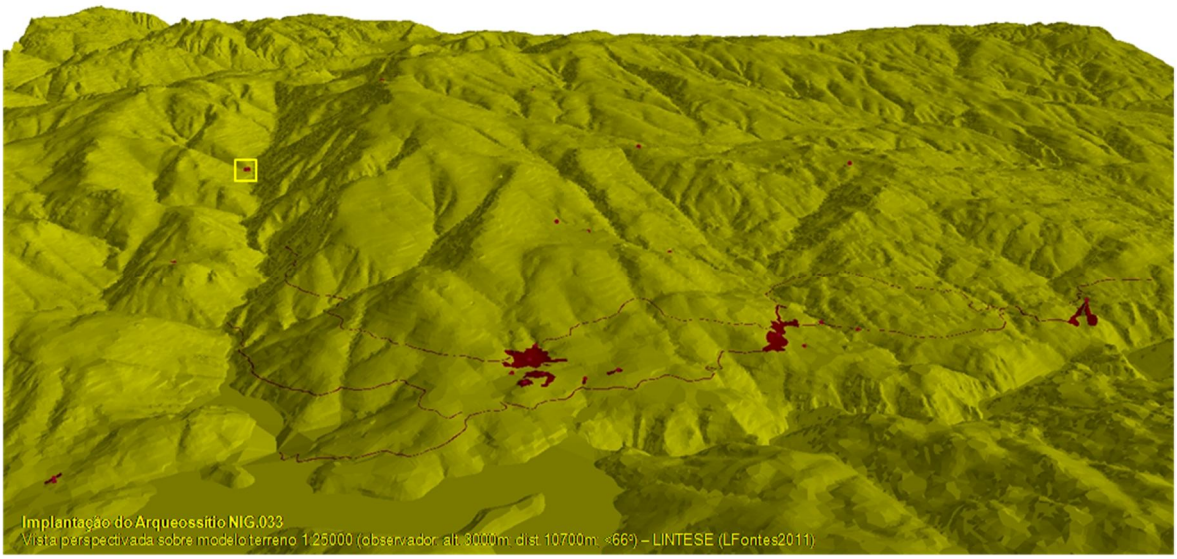
Localização de Arqueossítio NIG.033 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.033 extracto da Orto_17_4_B-30_2_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIIIc



fotoNIG033a - Perspectiva sobre fojo de Ínsua



fotoNIG033b - Vista aproximada da zona do poço do fojo de Ínsua

A - **Vilarinho.2 (NIG.034)** - Vilarinho

B – Silha, Colmeal ou Apiário

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195394,10 / Y=542793,42 / Z=550; Lindoso

D - Este arqueossítio implanta-se no fundo da vertente sudeste do monte Forcão, na margem esquerda do troço médio da Corga da Cerdeira, ficando sobranceiro ao local onde conflui a Corga de Vilarinho, que se junta cerca de 150 metros mais abaixo. Exposto a Sudeste, oferece boa visibilidade sobre o terço final do vale do rio Cabril e sua zona de confluência com o rio Lima. Para os outros quadrantes a visibilidade é limitada às encostas do Forcão e Gralheiras, que abrigam o sítio de Noroeste e Sul.
Com um substrato geológico xistoso e granítico (abrange a zona de contacto das duas manchas geológicas), os terrenos envolventes apresentam uma elevada pedregosidade, com solos esqueléticos mal sustentados por uma escassa cobertura vegetal de herbáceas e arbustivos baixos, verificando-se assim fortes níveis de erosão. A zona é sujeita, todos os anos, a queimadas para renovação da cobertura de herbáceas, aproveitada para pastoreio extensivo. Para juzante da zona de confluência das linhas de água subsiste uma boa mancha de sobreiros, parcialmente destruída há poucos anos por um incêndio.
O acesso pode fazer-se por um bonito, bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra (ver NIG.081), ligando a povoação de Lindoso à Ínsua (no vale do rio Cabril). Não existe sinalização.

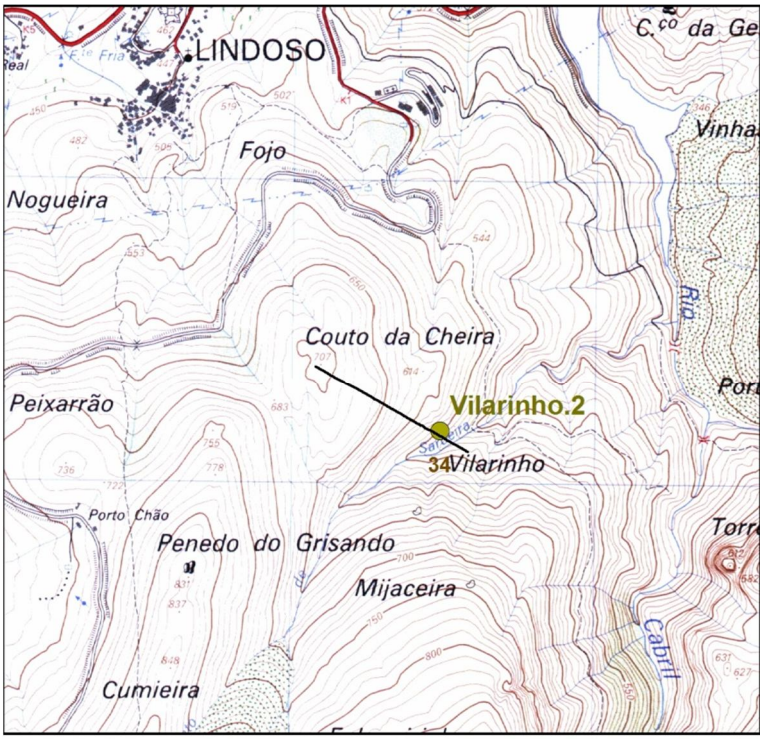
E - Neste local conserva-se a parte inferior de uma ampla estrutura pétrea, correspondente a uma construção de planta circular com cerca de 10 m de diâmetro, formada por uma espessa parede aparelhada em silharia granítica toscamente afeiçoada, de juntas secas, com 1 m de espessura média, directamente assente no afloramento rochoso. Pouco se conserva da elevação das paredes, atingindo as partes mais altas existentes pouco mais de 1 m. O espaço interior da construção apresenta uma incipiente armação em socalcos.

F - Interpretamos a estrutura acima descrita como correspondente a uma silha, silhal, silhão ou apiário. Ver comentários mais desenvolvidos e proposta cronológica no arqueossítio NIG.032.

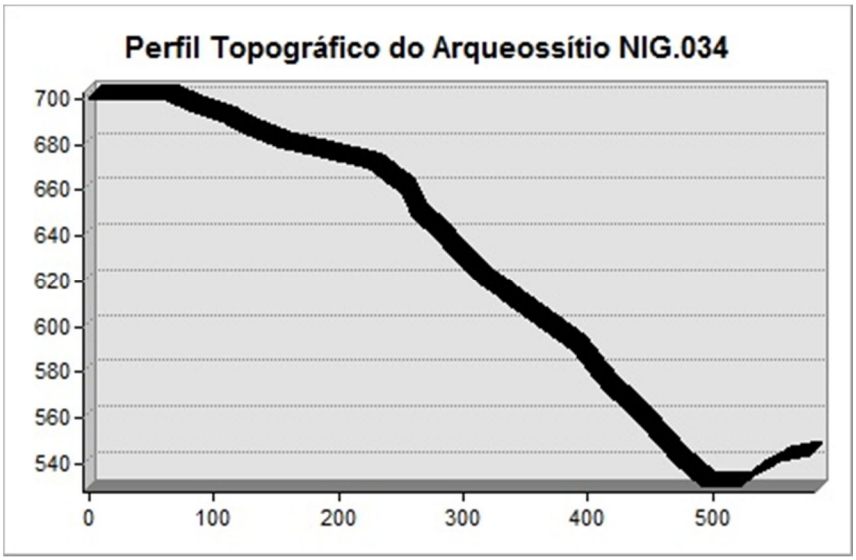
G - Este monumento apresenta-se em muito mau estado de conservação, já só restando praticamente o embasamento. Cremos que acabará por desaparecer, se não for consolidado e parcialmente reconstruído. Trata-se, porém, de mais um importante testemunho da actividade apícola medieval. Devia por isso ser objecto de levantamento topográfico pormenorizado.
Embora não justifique uma classificação específica, este arqueossítio deveria ser integrado, pela sua singularidade e significado histórico-arqueológico, num eventual projecto de revitalização da apicultura na região e, nesse caso, recomendar-se-ia a reconstrução da silha.

H - Inédito. Estampas XXXIVa, XXXIVb e XXXIVc.

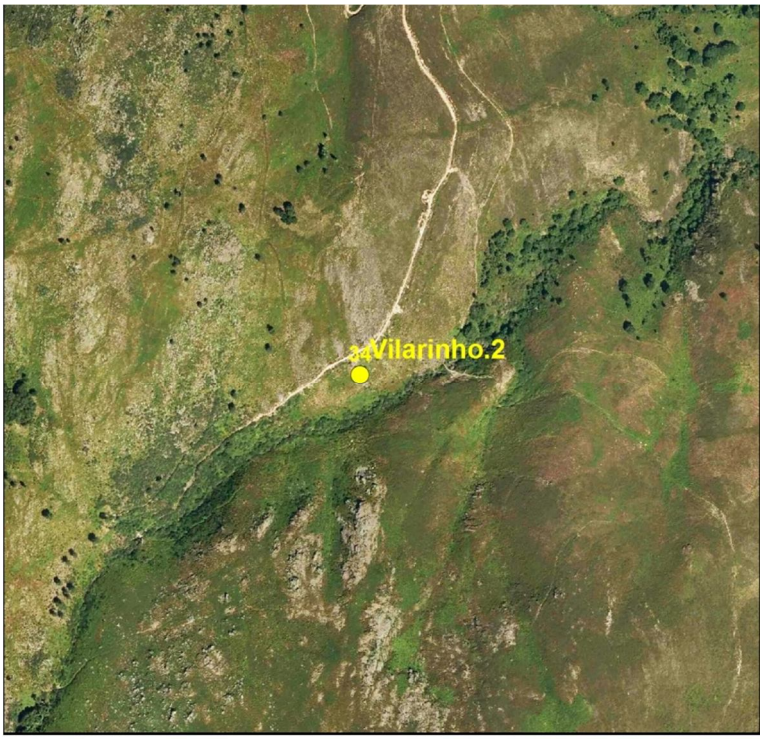
Estampa XXXIVa



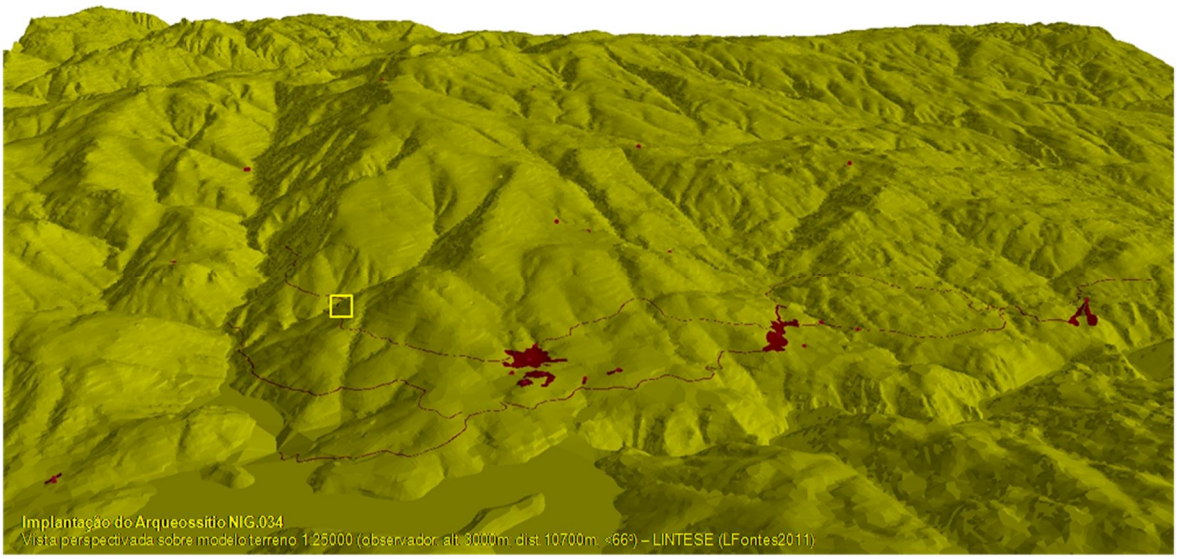
Localização de Arqueossítio NIG.034 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIVb



Localização de Arqueossítio NIG.034 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIVc



fotoNIG034a - Perspectiva parcial da silha de Vilarinho



fotoNIG034b - Pormenor do aparelho construtivo da silha de Vilarinho

A – **Serenada.2 (NIG.035)** - Serenada

B – Silha, Colmeal ou Apiário

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193309,73 / Y=542416,59 / Z=565; Parada

D - Este arqueossítio localiza-se num terço inferior de vertente, no fundo do apertado vale do rio da Feicha (ou de Mulas), na sua margem direita. Com uma visibilidade próxima limitada ao troço do rio até à confluência, a juzante, com as ribeiras da Pena e do Couto, o local é abrigado e soalheiro, beneficiando da sua exposição a Sul.
É uma zona de vale fechado, em garganta, com margens escarpadas e abruptas, onde aflora o substrato rochoso granítico e se conservam poucos solos esqueléticos. Na cobertura vegetal da encosta dominam densos giestais, tojais e tufos de herbáceas, crescendo pequenas manchas de mata climácica no fundo junto ao leito do rio, mas já perturbadas por infestações de "mimosas".
Não existe qualquer caminho, sendo a acessibilidade muito difícil. Pode lá chegar-se a "corta-mato", pela encosta da Perdiz, a partir do caminho que leva da aldeia de Parada a Porto Chão. Não está sinalizado.

E - Neste local conserva-se a quase totalidade de uma estrutura pétrea de grande dimensão, correspondente a uma construção de planta circular com cerca de 8 m de diâmetro, formada por uma espessa parede de aparelho irregular composto por grandes blocos graníticos toscamente afeiçoados, de juntas secas, com 1 m de espessura média, directamente assente no afloramento rochoso. A face externa não se eleva exactamente na vertical, apresentando-se ligeiramente abaulada. Do lado do rio a parede está mais derrubada, conservando-se praticamente intacta no lado norte, onde atinge mais de 2,5 m de altura. Nesse lado localiza-se a pequena entrada que dá acesso ao interior da estrutura. Aberta na base da parede, a passagem conserva um bloco da guarnição com entalhes para a porta. O espaço interior da construção, actualmente ocupado por um denso giestal, apresenta uma incipiente armação em socalcos.

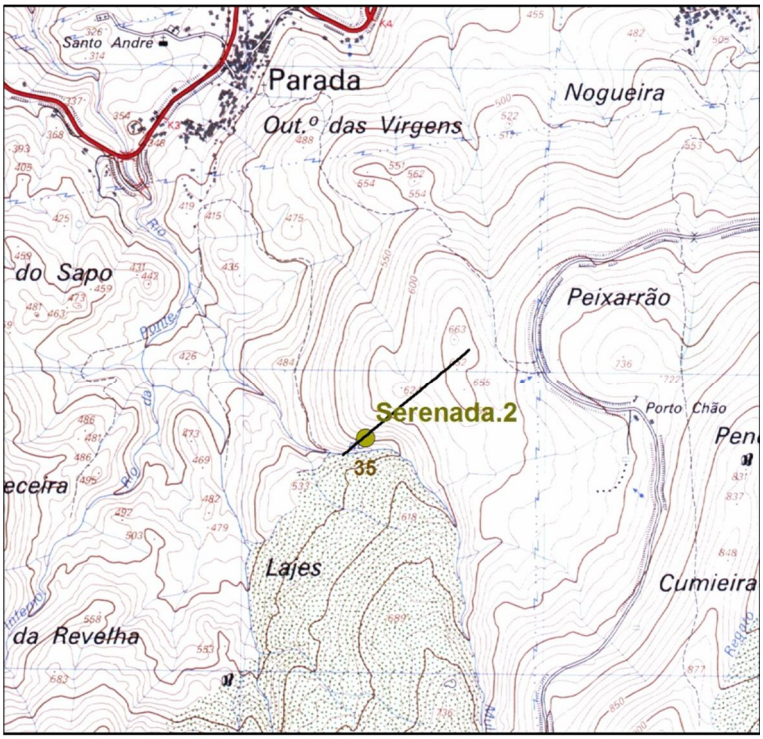
F – Trata-se de uma estrutura semelhante às referidas nos arqueossítios de Ínsua (NIG.032) e Vilarinho.2 (NIG.034), que interpretámos como correspondente a uma silha, silhal, silhão ou apiário. Ver contextualização e cronologia nos descritores dos referidos sítios. No caso desta silha de Serenada julgamos que se trata da *sylha de collmeas* que no Tombo de Lindoso de 1574 (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 6) aparece localizada *ha bareyra do rybeyro da emfesta*[24].

G – Tal como os anteriores, este monumento reveste grande interesse para o estudo da actividade apícola na região. Apresenta-se em razoável estado de conservação, mas pode vir a ser afectado pelo crescimento de arbustivas. Devia, por isso, ser objecto de limpezas periódicas controladas, e desde logo objecto de levantamento topográfico pormenorizado.
Este arqueossítio justificaria, pela sua singularidade e valor histórico-arqueológico, uma classificação específica, recomendando-se o restauro da silha se porventura se implementar qualquer projecto de revitalização da apicultura na região.

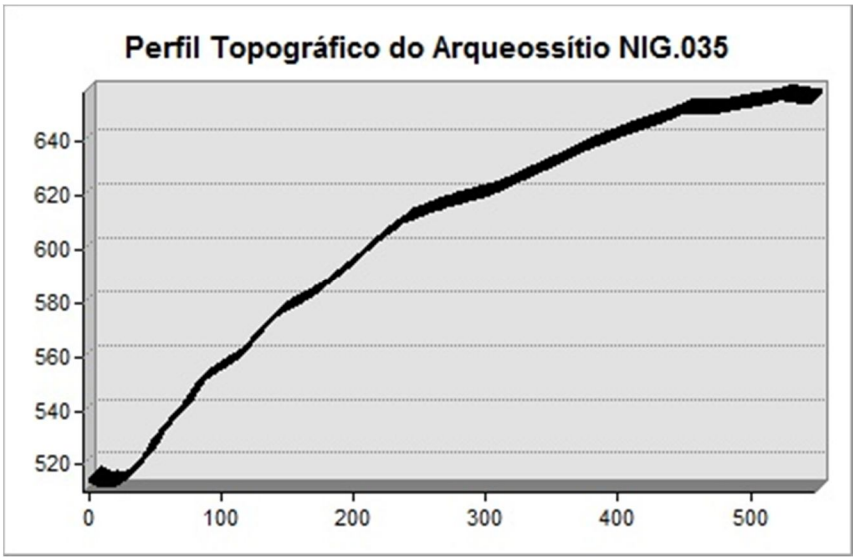
H - Inédito. Estampas XXXVa, XXXVb e XXXVc.

24 Julgamos poder identificar *emfesta* com Feicha, que é como actualmente se designa o curso de água que corre na base da encosta onde se localiza a silha.

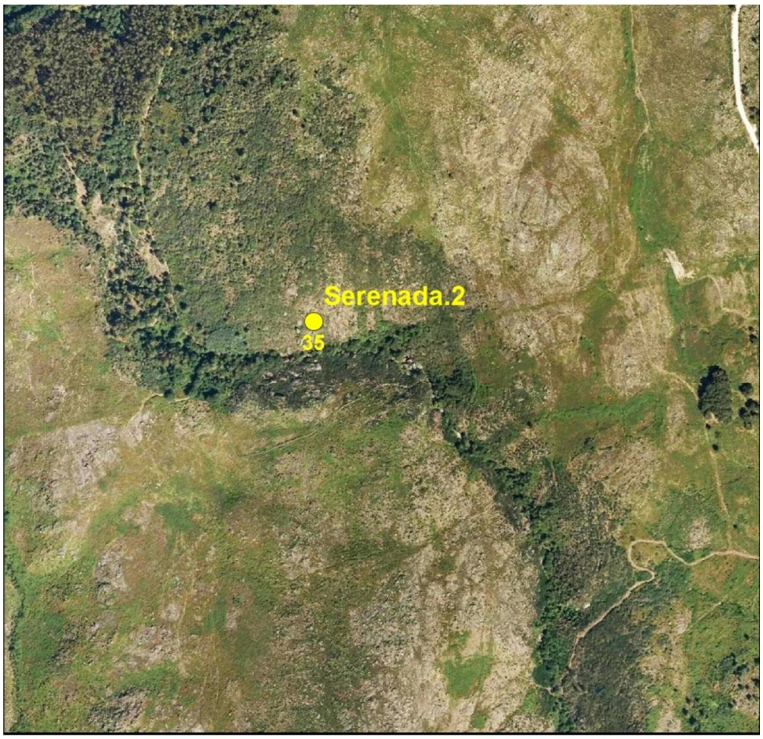
Estampa XXXVa



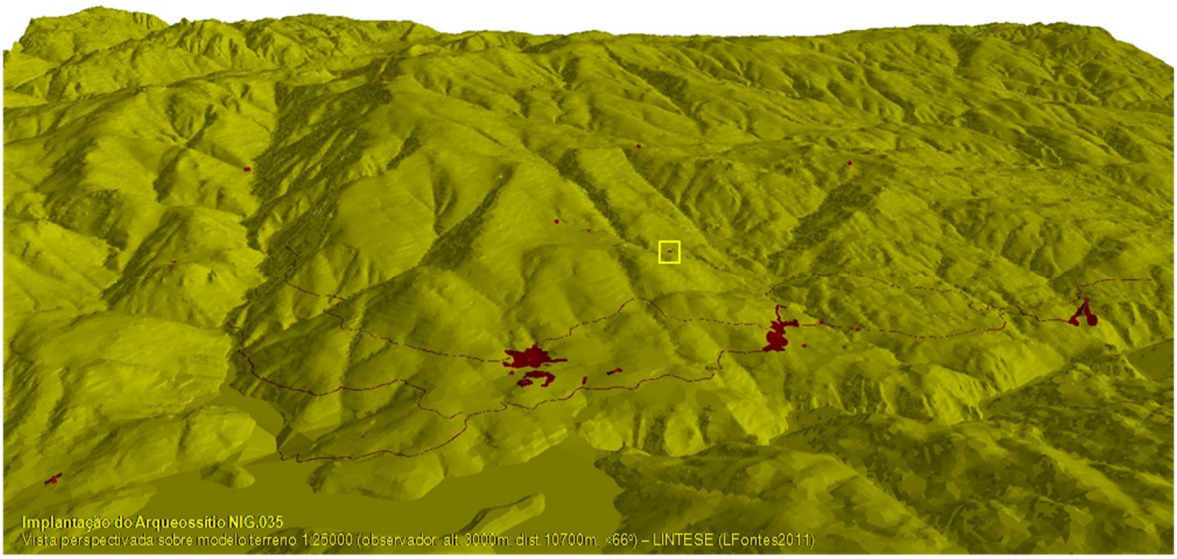
Localização de Arqueossítio NIG.035 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



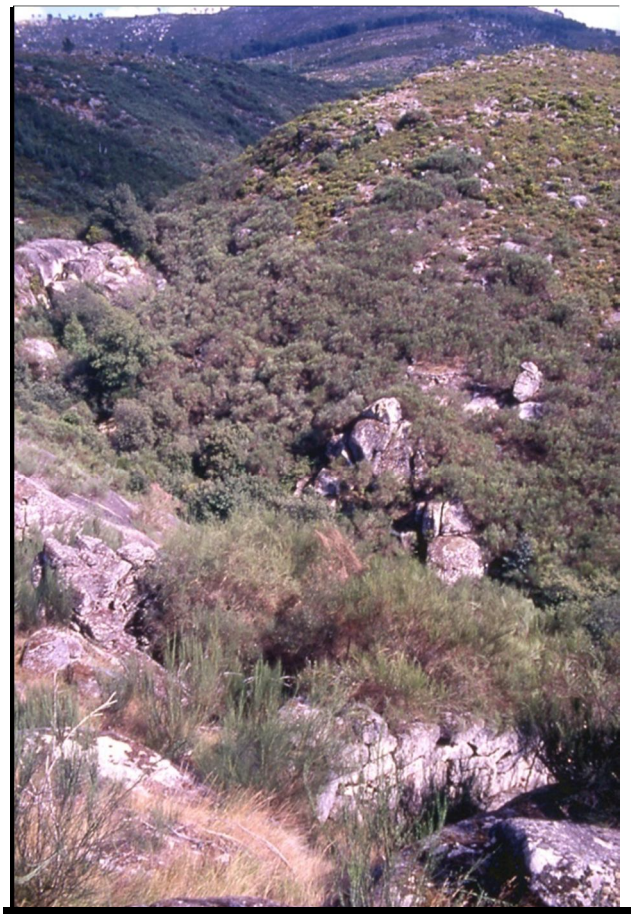
Estampa XXXVb



Localização de Arqueossítio NIG.035 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXVc



fotoNIG035a - Perspectiva sobre silha de Serenada



fotoNIG035b - Vista aproximada da silha de Serenada

A - **Bem Espero (NIG.036)** - Alto da Pena

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193113,46 / Y=540340,07 / Z=850; Parada

D - Este arqueossítio implanta-se no colo central do esporão alongado que fecha, a Sudoeste, a cabeceira em anfiteatro da nascente do rio da Pena. Com pendor suave, o sítio está globalmente exposto a Sul, proporcionando uma ampla visibilidade em redor, nomeadamente sobre a vertente setentrional da serra até Parada. Nas proximidades iniciam-se várias linhas de água, que para NE convergem no rio da Pena e para SO no rio da Porta.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas salientes e em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno. A pedregosidade é elevada, não há sedimentação e verificam-se condições de erosão acentuada. Inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal escassa e rasteira, dominada por tojo e urze.
O acesso pode fazer-se pela estrada florestal Lindoso - Louriça, virando acima da cabana de Bogalhedo pelo caminho florestal que liga às cabanas do Couto. Pode ainda fazer-se pelo caminho de pastoreio que liga a aldeia de Parada à cabana de Sobreiro Quente, ainda em uso (ver NIG.084). Não está sinalizado.

E - Neste local observam-se dois núcleos de vestígios. Na banda sudoeste, um aglomerado de terra, calhaus e blocos graníticos, de forma sub-circular, medindo cerca de 10 m de diâmetro e pouco elevado (quase raso). Apresenta depressão sub-circular descentrada para NE. Na banda nordeste do esporão, abrigadas entre as massas graníticas que aí afloram, identificam-se algumas estruturas de planta ortogonal que parecem desenhar dois compartimentos, formados por alinhamentos de lajes e blocos graníticos simplesmente encostados. Não identificamos quaisquer outros elementos arqueológicos.

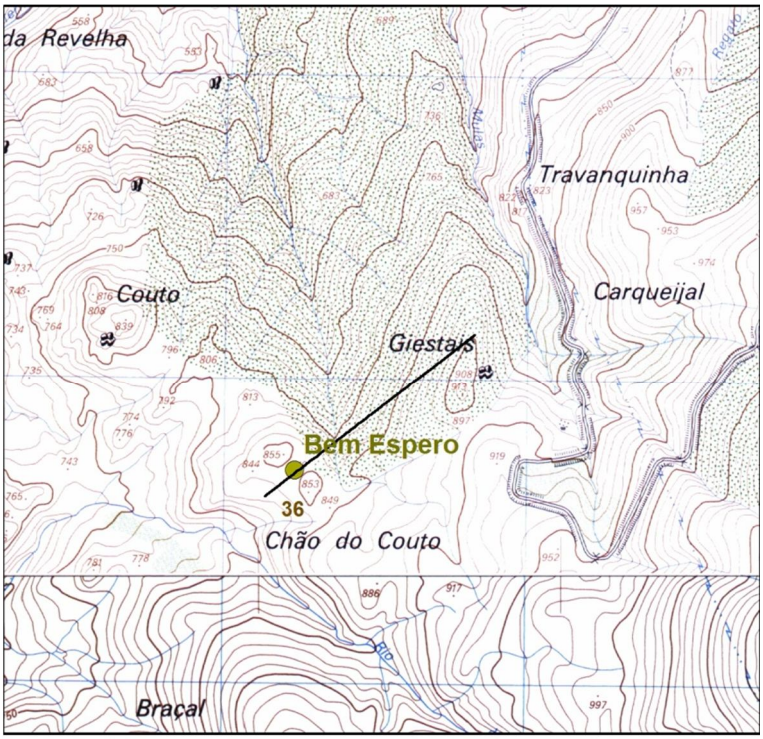
F - Considerando a dimensão, forma e características construtivas dos restos subsistentes, bem como o facto de se localizarem no fim de um caminho antigo de serventia da exploração pastoril da serra, interpretamos estes vestígios como

restos de abrigos de pastores, que a população costuma designar por cabanas ou "fornos".
Relativamente à antiguidade dos vestígios, releva a circunstância de a população de Parada associar a existência das ruínas a uma antiga tradição, do tempo dos "mouros", de contornos lendários (aí se levariam os idosos para morrer).
A proposta de uma cronologia medieval deve ser entendida numa perspectiva de cronologia relativa, isto é, são vestígios que não se contextualizam com a ocupação moderna da serra nem com a ocupação de época romana ou anterior.

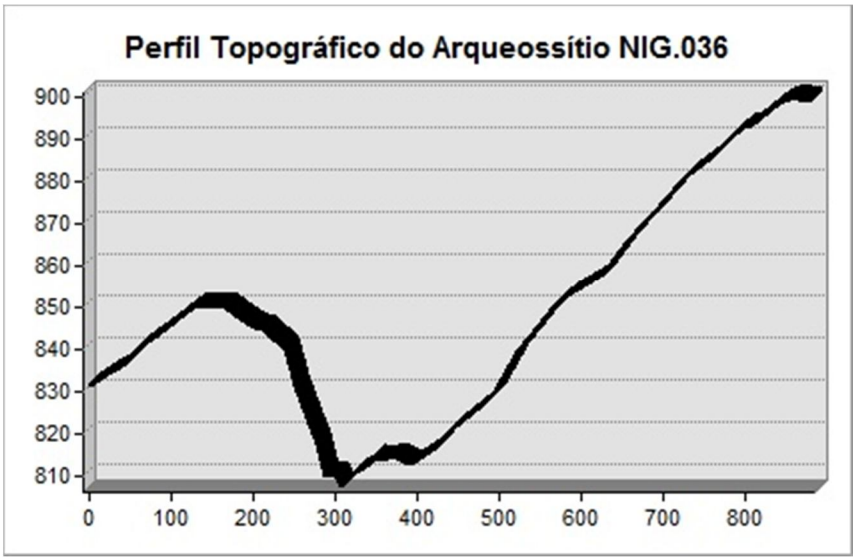
G - Estas construções estão praticamente destruídas, dependendo a conservação dos restos subsistentes da maior ou menor erosão do solo local. Devem por isso ser objecto de um levantamento topográfico pormenorizado.
Embora de escasso valor intrínseco, possuem interesse para a compreensão da paisagem arqueológica medieval, particularmente no que concerne às modalidades de pastoreio e exploração da serra.
Não justificando uma classificação individualizada, importa impedir a sua destruição "antecipada" evitando, por exemplo, a florestação do local.

H – Inédito. Estampas XXXVIa e XXXVIb.

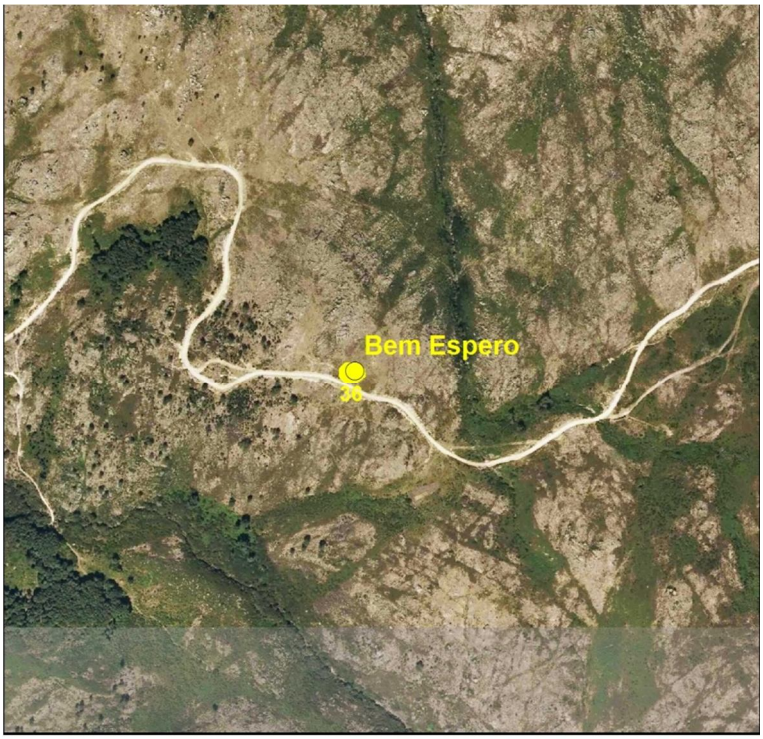
Estampa XXXVIa



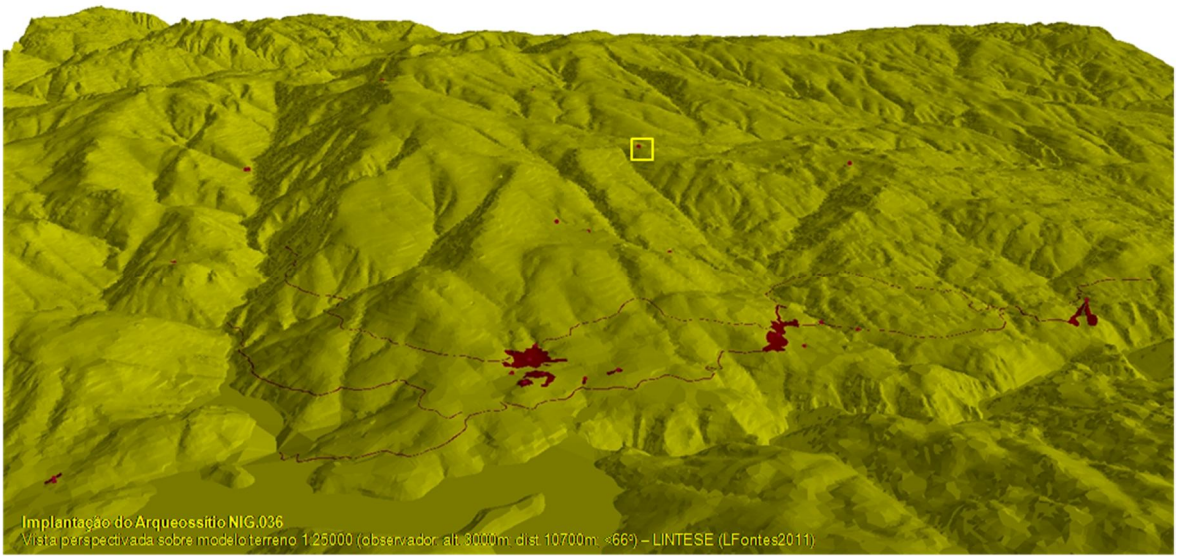
Localização de Arqueossítio NIG.036 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXVIb



Localização de Arqueossítio NIG.036 extracto da Orto_17_4_A-30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Lomba do Braçal da Ribeira (NIG.037)** - Lomba do Braçal da Ribeira

B – Abrigo de pastor

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=193820,03 / Y=538493,18 / Z=1050; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se numa pequena chã correspondente a uma das várias rupturas convexas de vertente da encosta oeste da elevação da Louriça. Com pendor suave, o sítio está globalmente exposto a poente, proporcionando uma ampla visibilidade sobre o vale do rio Lima. Nas proximidades iniciam-se várias linhas de água, que para Nordeste convergem no rio da Porta e para Sudoeste no rio do Coval do Veado.

O substrato geológico local é granítico, aflorando a rocha em massas pouco salientes e em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno mas não muito abundantes. A pedregosidade é baixa, registando-se alguma sedimentação.

Inculto onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal rasteira, dominada por herbáceas.

Não existe qualquer caminho que leve ao local, sendo a acessibilidade muito difícil. Pode lá chegar-se a "corta-mato" pela encosta da Lomba e linha de cumeada de Vidoeiro da Ínsua, a partir do caminho de pastoreio que leva da aldeia de Cidadelhe às cabanas do Couto (caminho ainda em uso) e daí por caminho de pé posto pelo Bessadoiro até à cabana da Mata da Lomba (caminho já abandonado). Não existe sinalização.

E - Neste local encontram-se restos de uma edificação de planta geral rectangular, com o eixo maior de orientação NO/SE e cerca de 18 m de comprimento por 3,5 m de largura média. É composta por três compartimentos, o mais setentrional de forma rectangular, com cerca de 8 m de comprimento, o do meio, também rectangular, medindo cerca de 6 m e o do topo meridional, de forma mais arredondada, com cerca de 4 m de diâmetro.

Conserva-se apenas o embasamento das paredes, formado por grandes lajes graníticas simplesmente encostadas e fincadas no solo, aproveitando por vezes os próprios afloramentos naturais de rocha. Algumas outras lajes encontram-se

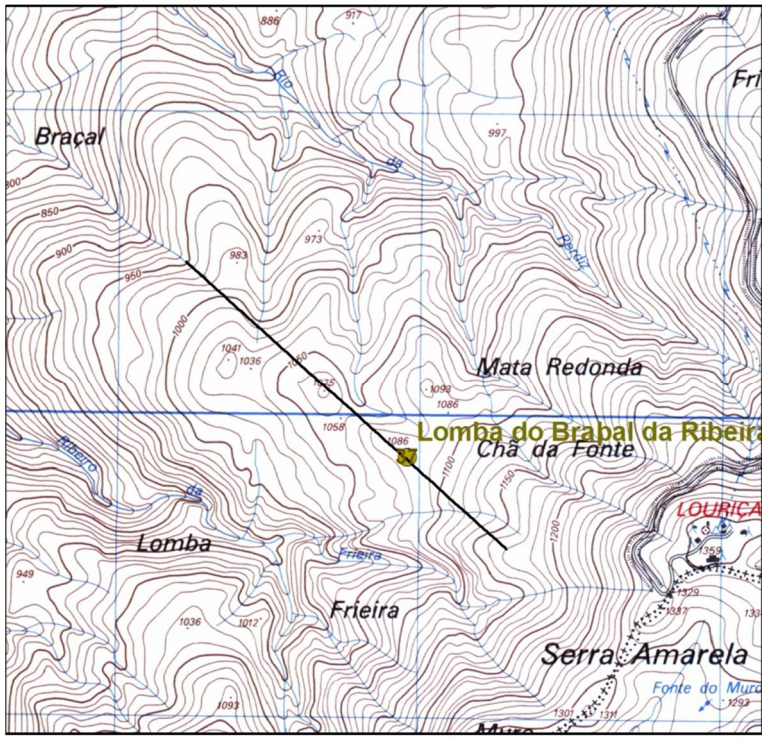
tombadas ao longo das paredes, onde se identificam ainda os vãos correspondentes às entradas. Não parece conservar-se sedimentação antrópica significativa. Não recolhemos qualquer tipo de espólio nem identificamos quaisquer outros vestígios.

F - Do ponto de vista construtivo, estas estruturas assemelham-se às dos arqueossítios de Chã da Torre (NIG.019), Porto Chão.8 (NIG.020), Porto Chão.9 (NIG.021) e Ludentos (NIG.022). Diferem, contudo, por corresponderem a uma edificação isolada e não a um conjunto de construções, não podendo por isso ser interpretado como branda. Do ponto de vista da solução planimétrica e atendendo ao carácter compósito da edificação, aproxima-se mais das plantas dos edifícios de Cabeço de Leijó e do povoado a SE do castelo de Castro Laboreiro. Para a cobertura podem propor-se paralelismos com as edificações da branda de Bilhares, Ermida ou com as das brandas da Peneda e do Soajo, do outro lado do rio Lima, bem como com as do vale alto do rio Vez, onde julgamos encontrar paralelos etnográficos para este tipo de construções (Oliveira, Galhano e Pereira, 1994: 175 e segs.).
Dada a ausência de bolsas de solos agricultáveis e o isolamento da implantação, interpretamos estes vestígios como correspondentes a uma cabana de apoio à actividade pastoril, susceptível de proporcionar uma ocupação mais prolongada.

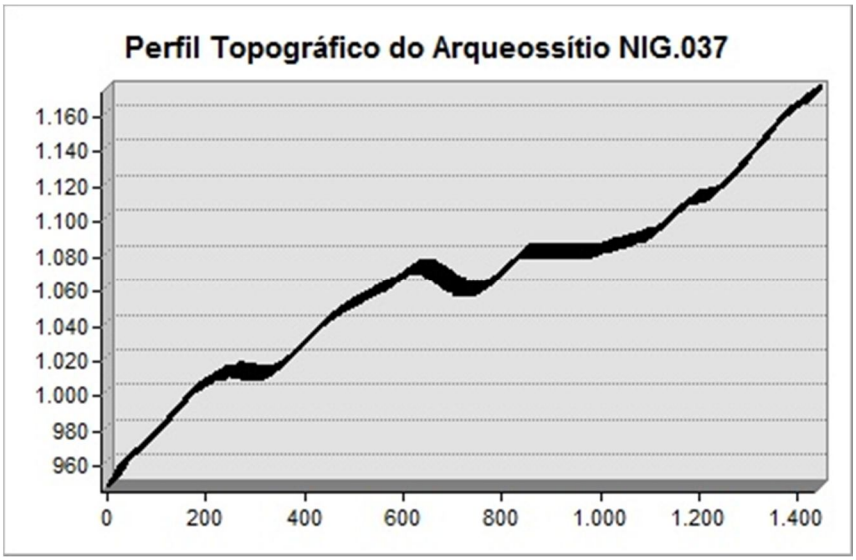
G - Este monumento está praticamente destruído, dependendo a conservação dos restos subsistentes da maior ou menor erosão do solo local. Embora com pouco valor intrínseco, tem muito interesse para a compreensão da paisagem arqueológica medieval, particularmente no que concerne às modalidades de pastoreio e exploração da serra. Deve por isso ser objecto de um levantamento topográfico pormenorizado. Não justifica uma classificação individualizada, importando impedir a sua destruição "antecipada" evitando, por exemplo, a florestação do local.

H - Inédito. Estampas XXXVIIa, XXXVIIb e XXXVIIc.

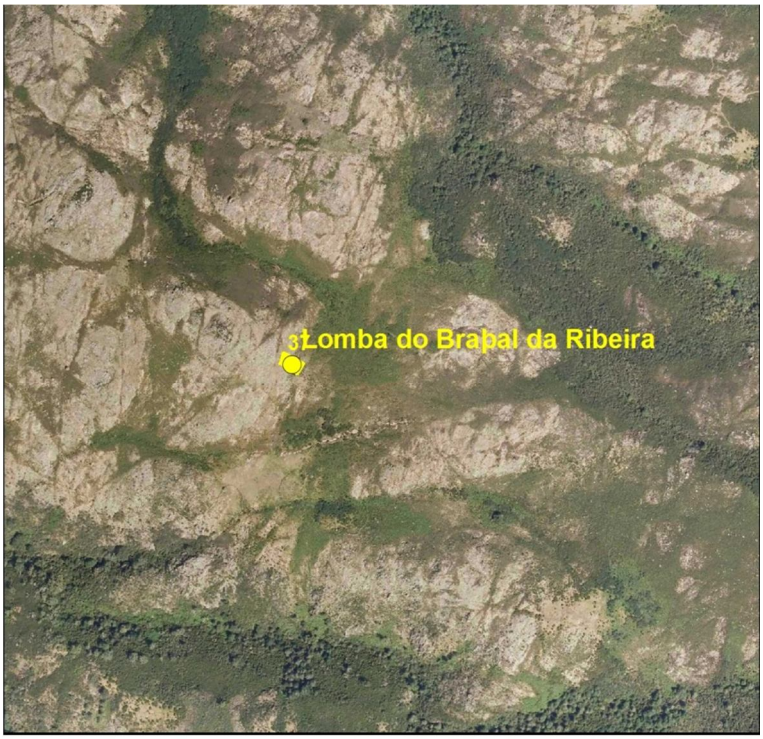
Estampa XXXVIIa



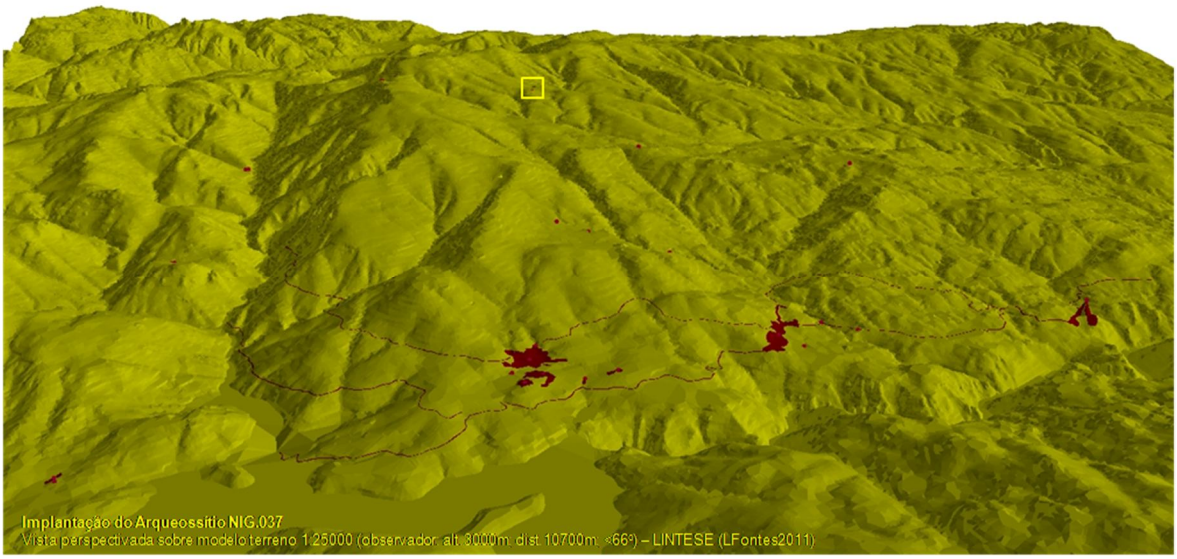
Localização de Arqueossítio NIG.037 extracto da fl.30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.037 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXVIIc



fotoNIG037a - Perspectiva dos alinhamentos lineares da Lomba do Braçal da Ribeira



fotoNIG037b - Perspectiva dos alinhamentos circulares da Lomba do Braçal da Ribeira

A - **Fojo Velho (NIG.038)** - Fojo do Colado da Porta; de Sone; do Fial

B - Fojo

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=195262,60 / Y=538618,80 / Z=1240-1150; Lindoso

D - Este arqueossítio implanta-se entre os cumes da Louriça e do Fial/Corisco, abrangendo toda a portela (ou colado), no início da vertente que desce abruptamente para nascente, a Buraca do Sone, enformando o lado poente da cabeceira do vale do rio Cabril.
Com pendor suave na plataforma superior e declive acentuado, quase ravinoso, na encosta, o sítio está globalmente exposto a nascente, proporcionando uma ampla visibilidade sobre todos os quadrantes, podendo em dias de maior limpidez observar-se o litoral. Aqui se iniciam várias linhas de água, que para Este convergem no rio Cabril e para Oeste no rio da Porta.
O substrato geológico, granítico, aflora em massas salientes ou manifesta-se em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno, registando-se ainda a presença de arena de alteração granítica (saibro). A pedregosidade é normal.
Terreno inculto onde o gado pasta livremente, apresenta no topo uma cobertura vegetal rasteira, dominada por herbáceas e arbustivas e na encosta uma densa mata climácica.
O acesso, sinalizado, pode fazer-se directamente a partir da estrada florestal Lindoso/Louriça, que serve o posto de vigia florestal e as antenas aqui instaladas.

E - Neste local conserva-se uma construção pétrea de grande envergadura, formada por dois paredões que convergem num poço circular, desenhando no conjunto uma forma tipo funil ou "V", de ângulo bastante aberto, que abrange quase todo o colo chamado Colado da Porta.
O paredão sul arranca próximo dos 1240 m de altitude, de um afloramento granítico na base nordeste da pirâmide da Louriça, e desce até cerca dos 1150 m de altitude, numa extensão aproximada de 220 m, em direcção à Buraca de Sone, onde remata num poço circular com cerca de 2,5 m de diâmetro e 4 m de profundidade. Como se encontra parcialmente aterrado pelos sedimentos

arrastados pelas linhas de água que aqui convergem, poderá ser mais profundo. Deste poço, para Norte, segue um segundo paredão, com cerca de 200 m de comprimento, que sobe até aos 1220 m de altitude, na banda sul do cume do Fial, rematando num pequeno abrigo pétreo de planta circular e cobertura de falsa cúpula.

Os paredões, que nas partes melhor conservadas medem mais de 2,5 m de altura, apresentam alguns derrubes parciais, designadamente no terço inicial do paredão setentrional, que foi roto pelo rasgo do caminho florestal com o qual se pretendia estabelecer ligação à Portela do Homem, mas que nunca chegou a concluir-se.

O aparelho construtivo é homogéneo mas tosco, formado por mamposteria de blocos graníticos simplesmente partidos, de dimensões variáveis, aproveitando por vezes os afloramentos naturais de granito. Contudo, houve o cuidado de facetar as paredes. Nas partes melhor conservadas ostenta um remate superior capeado, formando uma espécie de beiral virado para o interior.

F - A estrutura acima descrita é um fojo para captura de lobos, semelhante a muitos outros conhecidos nos montes do interior minhoto (Fontes, 2000). Trata-se portanto de uma armadilha de caça, onde culminavam as batidas iniciadas nos vales junto às aldeias, através das quais se empurravam os animais para o alto, acabando estes por entrar no fojo e cair no poço, se antes não fossem abatidos pelos caçadores colocados em pontos estratégicos na serra[25].

Para a cronologia medieval que propomos concorre sobretudo o facto de este fojo ser designado por "velho", em contraponto ao "fojo novo", de muito maiores dimensões, que se construiu em época moderna mais para SO, fechando a Chã do Muro, já no termo da freguesia da Ermida[26].

Estaria relacionado com a coutada real da Mata de Cabril, que terá sido desafectada do património régio com a atribuição do foral a Lindoso em 1514. A

[25] No artigo "Uma aldeia da montanha do Minho: o Soajo. Estudo de Geografia Humana", Raquel Soeiro de Brito (1953), proporciona-nos uma excelente descrição de uma caçada ao lobo, que chegava a revestir contornos de verdadeiro ritual colectivo.

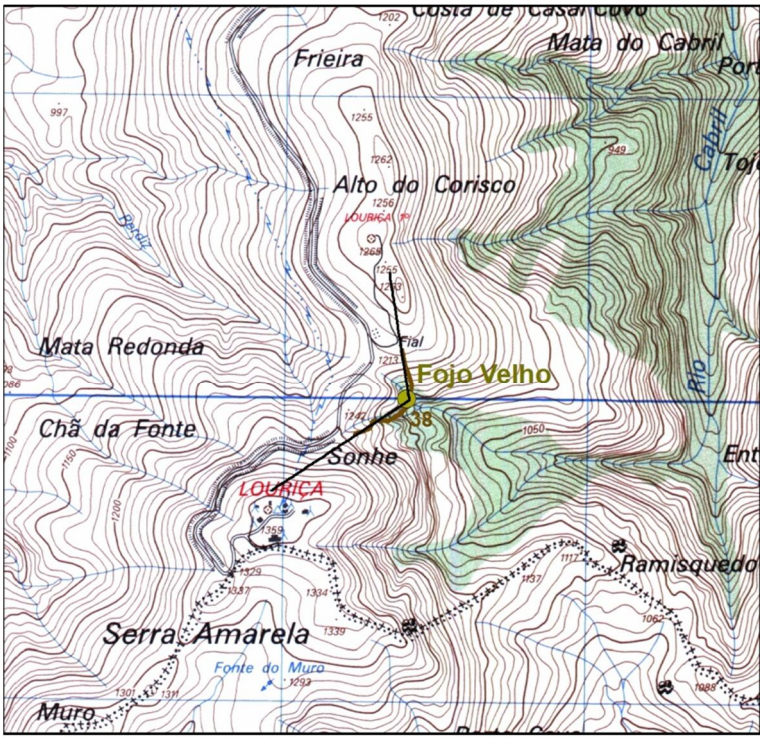
[26] Seria neste grande Fojo Novo que se concretizariam as caçadas de lobos referidas nas "Memórias Paroquiais" de 1758 e nas quais participavam caçadores das freguesias de Brufe, Cibões, Campo, Germil, Ermida e Lindoso (Silva, 1985: 124,161,180). Como não aparece referido nas delimitações do século XVI, a sua construção deverá ser posterior.

este propósito interessa assinalar que os habitantes de Lindoso, de acordo com as Inquirições de 1258, eram todos monteiros do rei (PMH.Inq, 1258: 414).
Importa ainda acrescentar que este monumento esteve em uso até meados deste século, altura em que foi desactivado na sequência do rompimento de parte do paredão setentrional, pela abertura de um estradão florestal que se pretendia fizesse a ligação à Portela do Homem. Até essa altura terá conhecido, portanto, pequenas obras de conservação e restauro, que em nada alteraram a construção original. Em época moderna ter-lhe-ão acrescentado um abrigo de pastor no topo do paredão Norte (ver arqueossítio NIG.060).

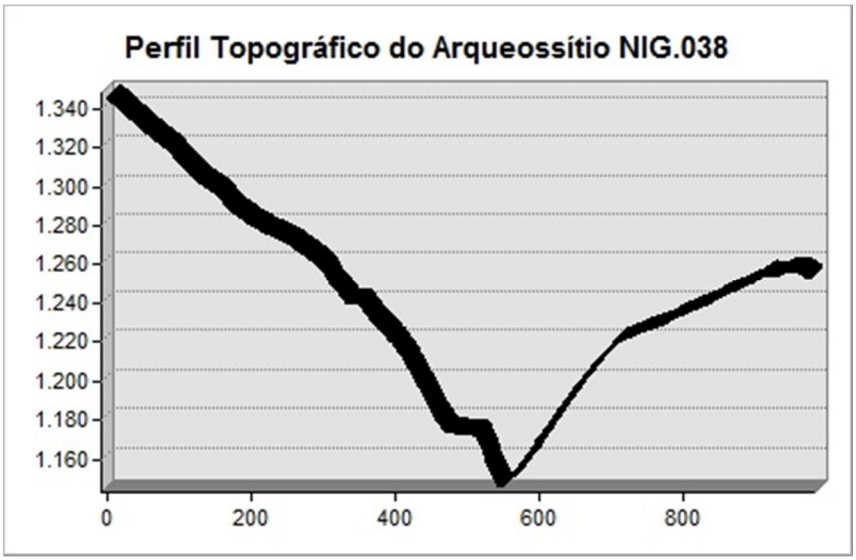
G - Trata-se de um significativo testemunho da actividade cinegética medieval, também relacionável com a protecção do gado e portanto com o fomento do pastoreio, revestindo grande importância para o conhecimento das modalidades de exploração dos espaços serranos.
O monumento conserva-se em razoável estado, mas pode vir a ser afectado pelo crescimento de arbustivas. Devia por isso ser objecto de limpezas periódicas controladas, pormenorizadamente desenhado e restaurado.
Apesar de se encontrar abrangido pela "Área de Ambiente Natural" correspondente à mancha florestal da Mata de Cabril, e portanto sujeito ao regime de protecção total, este arqueossítio justifica, pela sua singularidade e valor histórico-arqueológico, uma classificação específica.

H – Inédito. Estampas XXXVIIIa, XXXVIIIb, XXXVIIIc, XXXVIIId e XXXVIIIe.

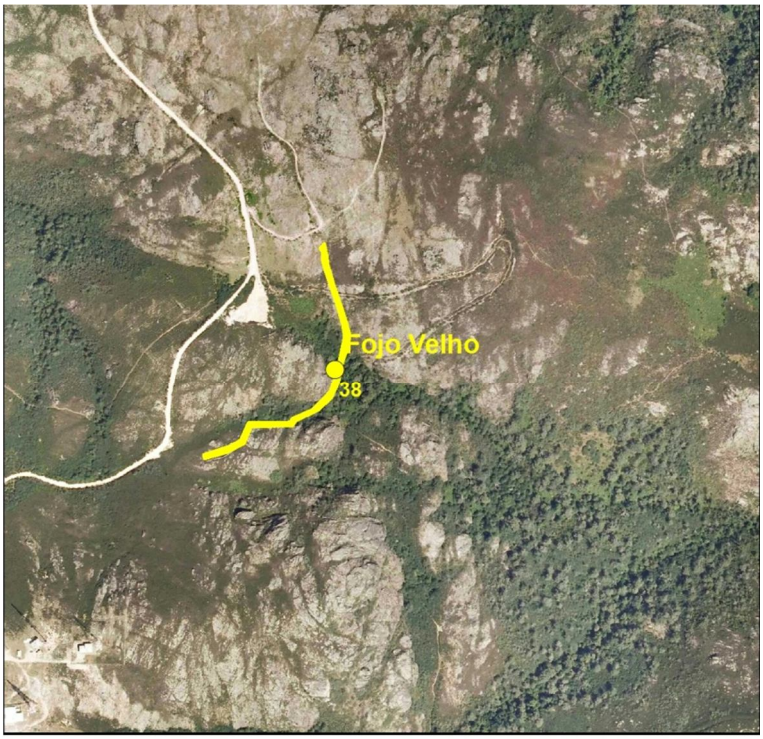
Estampa XXXVIIIa



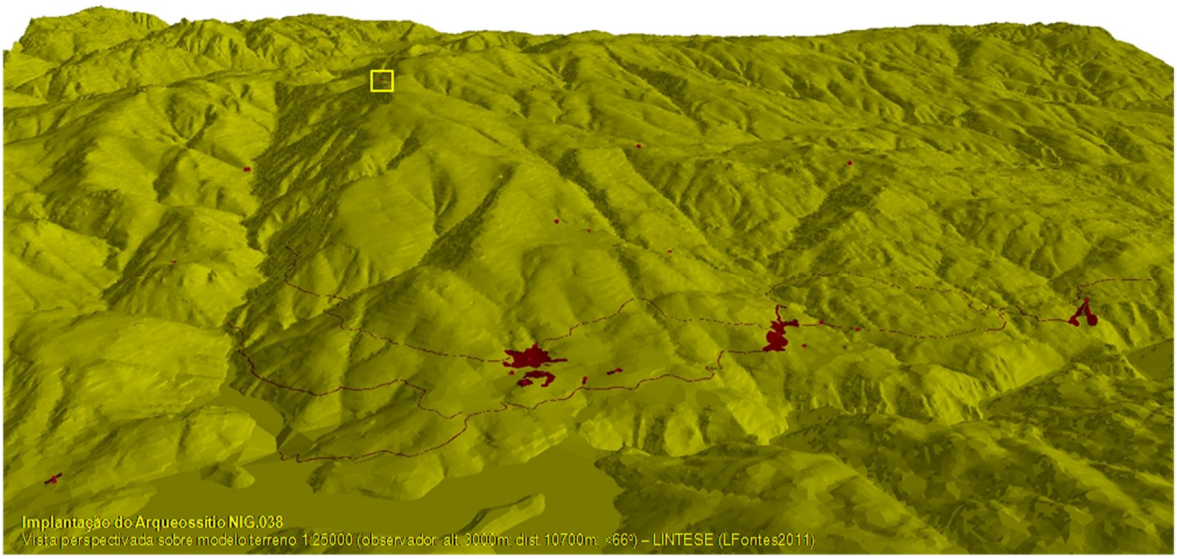
Localização de Arqueossítio NIG.038 extracto da fl.30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



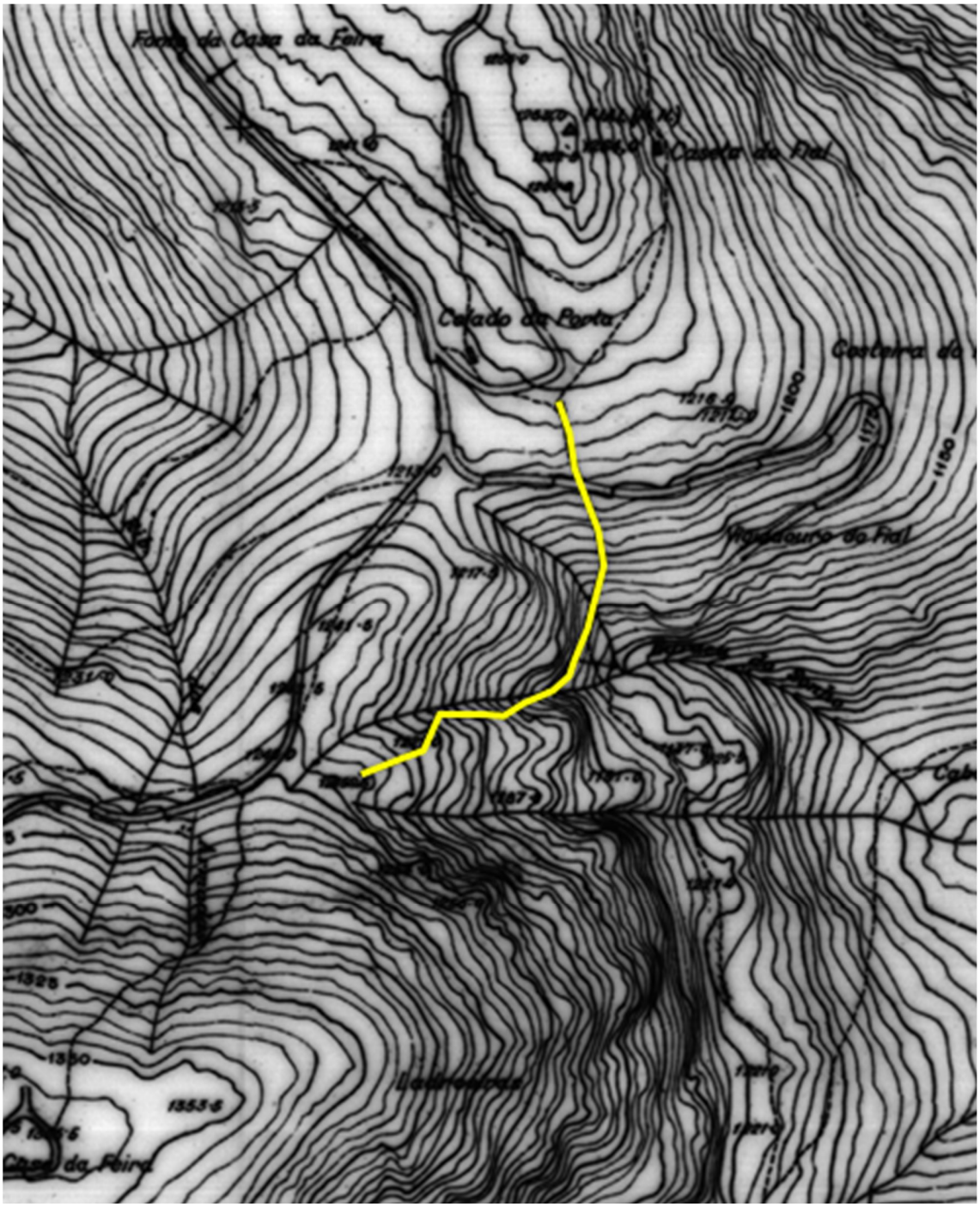
Estampa XXXVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.038 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXVIIIc



desenho0041 - Planta do Fojo Velho de Lindoso. Esc. 1:5000

Estampa XXXVIIId



fotoNIG038a - Panorâmica do Fojo Velho de Lindoso, vista de Este

Estampa XXXVIIIe



fotoNIG038b - Perspectiva sobre Fojo Velho de Lindoso, desde o cume da Louriça



fotoNIG037b - Vista aproximada do Fojo Velho de Lindoso, desde Ruivas

A - **Capela de Santo André (NIG.039)** - Santo André (Veiga de)

B - Templo

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192501,11 / Y=543745,32 / Z=330; Parada

D - Este sítio implanta-se na plataforma que se estende do fim da vertente correspondente à encosta noroeste do monte da Cheira até às margens escarpadas do rio Lima. O sítio é atravessado por pequenas linhas de água que drenam a encosta e irrigam a veiga. Com ampla exposição a poente, a visibilidade alarga-se a todo o quadrante noroeste, abarcando toda a envolvente da aldeia e um bom troço do vale do rio Lima, divisando-se no horizonte a massa montanhosa da serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, apresentando-se a maior parte dos terrenos envolventes armados em socalcos, com pedregosidade quase nula e solos espessos de origem antrópica. Algumas zonas apresentam-se incultas, com afloramentos de rocha, maior pedregosidade e solos esqueléticos. A ocupação do solo é predominantemente agrícola (forragens, hortícolas, milho e vinho, apresentando-se as manchas incultas com revestimento arbustivo de pequeno porte (tojo, urze e fetos).
O sítio corresponde à mais extensa mancha agrícola da aldeia de Parada, designada localmente por "veiga" de Santo André. O acesso faz-se por caminho alcatroado que liga a estrada nacional ao cemitério da localidade. Não existe qualquer sinalização.

E e F - No centro da veiga, implantado em pequeno socalco bem estruturado, encontra-se um edifício religioso de pequenas dimensões, já em 1758 nomeado por capela de Santo André[27], com nave e capela-mor rectangulares, orientado E-O e pequena sacristia anexa no lado setentrional da capela-mor. Na fachada ocidental abre-se a porta principal, existindo outra mais pequena no lado norte da nave. Nas suas padieiras gravaram-se as datas 1828, fixando provavelmente o

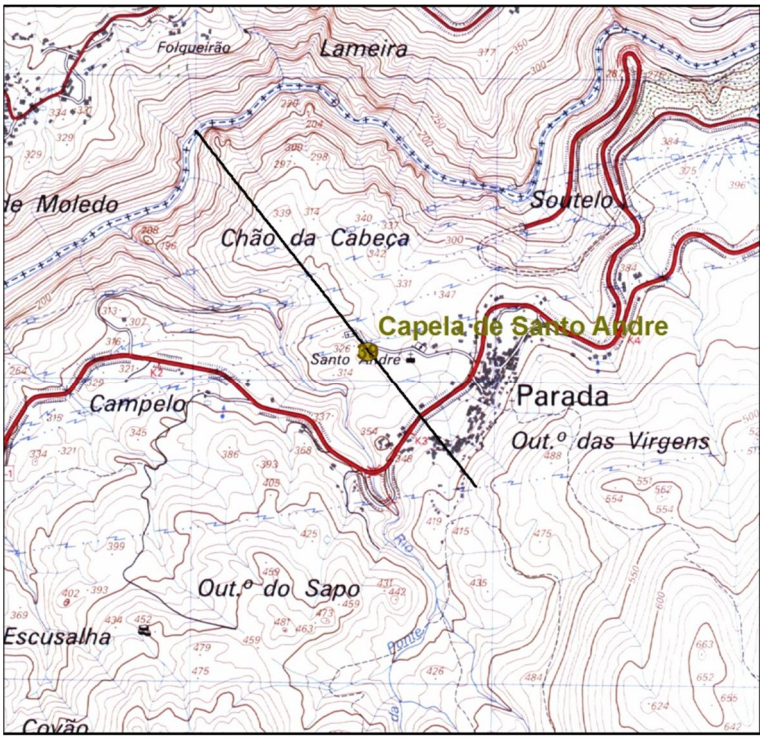
[27] A sua edificação datará de inícios do século XVIII, pois em 1719 foi dada provisão aos fregueses de Lindoso para se benzer o altar da capela de Santo André (ADB, Registo Geral, 153, fls.327v-328).

momento de uma reforma profunda do edifício. É uma construção modesta, em alvenaria de blocos graníticos de aparelho pouco apurado. Recentemente foi-lhe acrescentado um alpendre na fachada principal.

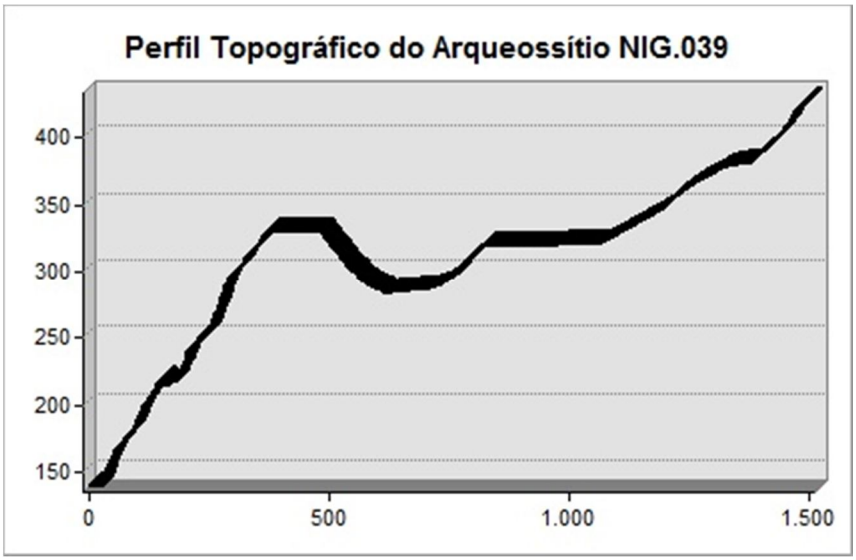
G - Várias vezes restaurada, a capela de Santo André de Parada é um pequeno e modesto edifício sem qualquer valor arquitectónico aparente.

H – Capela, 2005. Estampas XXXIXa, XXXIXb e XXXIXc.

Estampa XXXIXa



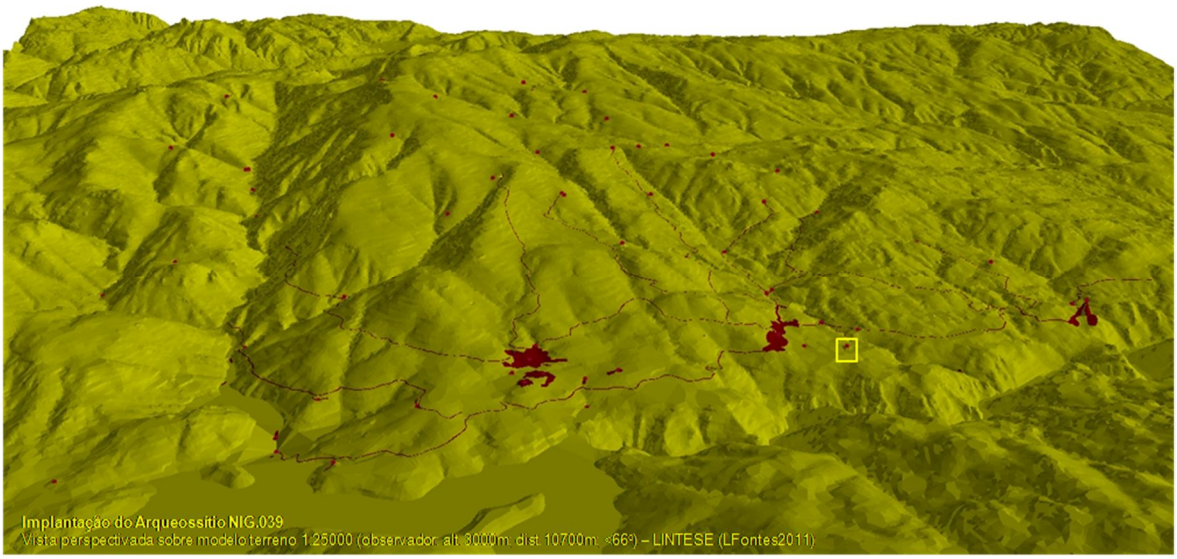
Localização de Arqueossítio NIG.039 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIXb



Localização de Arqueossítio NIG.039 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XXXIXc



fotoNIG039a - Capela de Santo André, Parada

A - **Madalena.2 (NIG.040)** - Madalena (Santa Maria)

B - Templo

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196758,16 / Y=544699,19 / Z=382; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se numa pequena lomba coincidente com uma ruptura convexa de vertente, na base da encosta nor-nordeste dos Cabeços de Medornos, na margem direita do rio Cabril. A lomba margina uma pequena "concha" onde pequenas linhas de água convergem na Corga das Cavalinhas. Exposto a nascente, o sítio está "escondido" pelas colinas circundantes, nomeadamente, o Cabeço da Geira a Norte e o Soalheiro a SO, alargando-se a visibilidade um pouco mais para S e E na direcção das altas encostas da serra de Santa Eufémia.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas pouco extensas e/ou em caos de blocos, pouco boleados. Observam-se alguns socalcos artificiais. A pedregosidade é escassa, registando-se algumas concentrações de calhaus em alinhamentos irregulares. Não se evidenciam condições de erosão, observando-se até alguma sedimentação nas zonas mais côncavas.
O local é parte logradouro público (área de descanso e recreio com parque de merendas), e parte propriedade privada (prados-lameiros), apresentando-se coberto por uma mancha arbórea bem desenvolvida com dominância de carvalhos. Ao nível do solo predominam herbáceas e tufos de tojo e urze.
O acesso faz-se por caminho asfaltado que faz a ligação da estrada nacional à capela de Santa Maria Madalena, que está sinalizada.

E - Junto ao embasamento da parede Norte da actual capela observam-se vestígios de alicerces. Nas imediações observam-se alguns aglomerados informes de blocos graníticos toscamente afeiçoados.

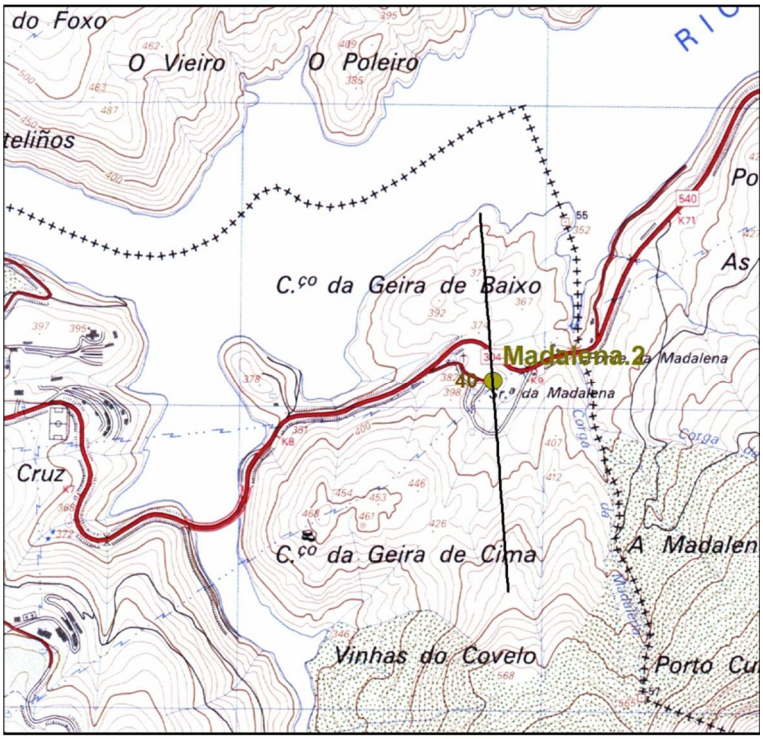
F - Interpretamos os vestígios referidos como restos dos alicerces da primitiva capela de Santa Maria Madalena, demolida na década de 80 para dar lugar à actual capela que aí se encontra. É um pequeno e modesto edifício sem qualquer valor arquitectónico aparente.

De acordo com documentação da primeira metade do século XIX (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 11), a área envolvente da capela da Madalena funcionou durante toda a época moderna como "inverneira", aí se recolhendo os gados nos meses mais frios. Havia uma cabana de pastor e, na vertente para o rio Cabril, cortes e adegas. Da primeira já não existia qualquer indício à data do nosso trabalho de campo, enquanto das segundas restavam apenas algumas paredes arruinadas, hoje submersas pelas águas da albufeira de Lindoso.
A ermida da Madalena não é referenciada na demarcação de 1538 nem no tombo da igreja de 1574. A sua edificação deverá ter acontecido depois dos episódios da "Restauração", talvez em finais do século XVII, sendo já referida nas "Memórias Paroquiais" de 1758.

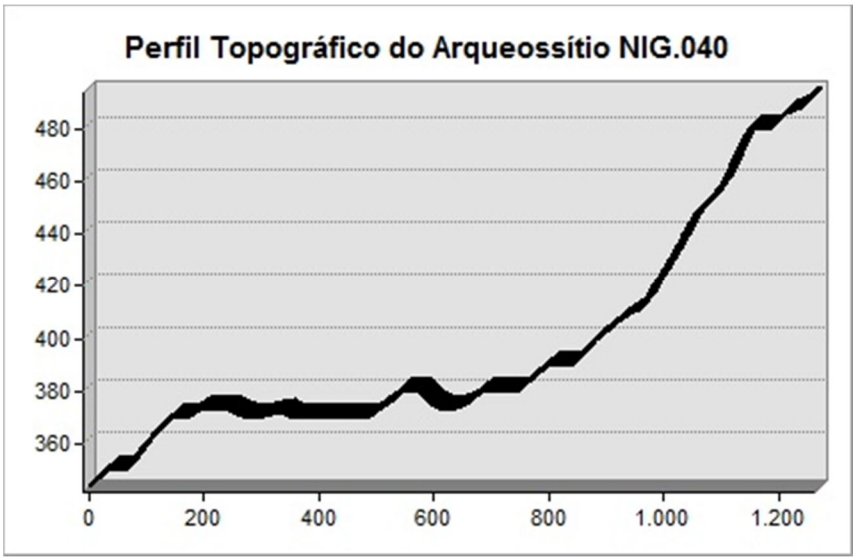
G - O sítio envolvente sofreu nas últimas décadas sucessivos arranjos para servir a romaria anual que aí se faz, estando agora ocupado por um aprazível parque de merendas montado pelo PNPG.

H – AAP, 1988:100-101; Estampas XLa, XLb e XLc

Estampa XLa



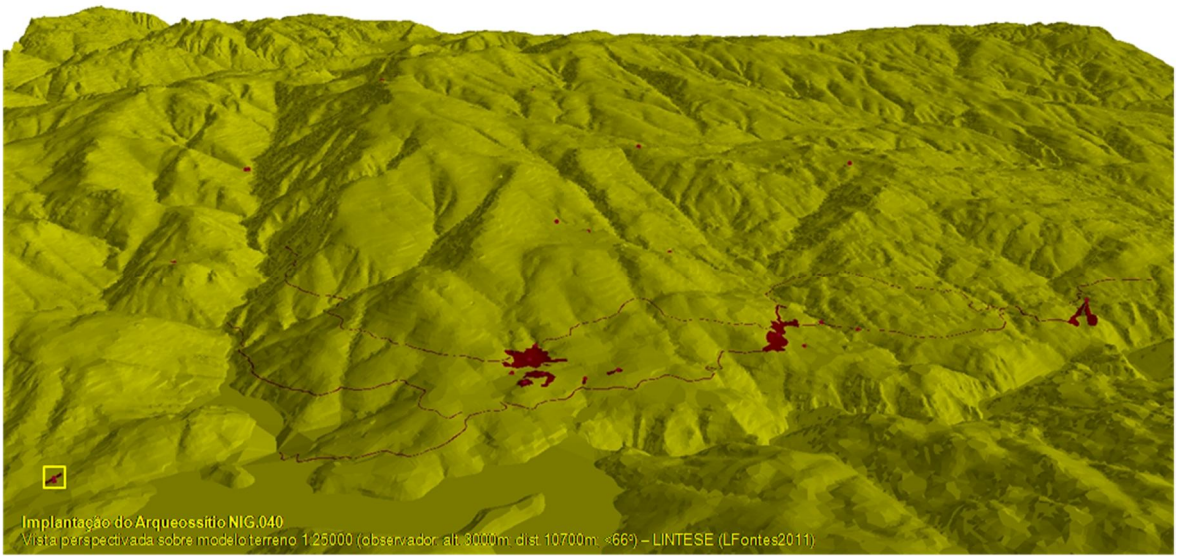
Localização de Arqueossítio NIG.040 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLb



Localização de Arqueossítio NIG.040 extracto da Orto_17_2_B-17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLc



fotoNIG040a - Capela de N. S. da Madalena, Lindoso

A - **Chão do Clérigo (NIG.041)** - Chão do Clérigo

B - Fortificação (trincheira)

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195494,20 / Y=544783,58 / Z=397; Lindoso

D - Este arqueossítio fica na ruptura convexa que inicia a vertente que desce abrupta do topo aplanado correspondente à Chã do Clérigo até ao rio Cabril, na margem esquerda deste. O sítio está sobranceiro à antiga via e ponte (NIG.044 e 088) que aí atravessavam o rio para a Galiza, hoje submerso pelas águas da albufeira. Com exposição a nascente, a visibilidade estende-se a toda a confluência do rio Cabril com o rio Lima, alargando-se para Este até às terras galegas de Entrimo e Manin. A Norte dominam o vale do rio Laboreiro e a massa montanhosa da Peneda.
O substrato geológico é xistento, apresentando-se os terrenos envolventes com pouca pedregosidade, com raros afloramentos de rocha e solos esqueléticos. A ocupação do solo é predominantemente de incultos, com revestimento arbustivo de pequeno porte (tojo, urze e fetos).
O acesso faz-se por caminho alcatroado que ligava a estrada nacional aos socalcos e plataformas existentes a Oeste e onde estiveram instalados estaleiros e dormitórios de empresas que construíram a barragem de Lindoso, já removidos. Não existe qualquer sinalização.

E - Os trabalhos de limpeza e sondagem realizados em 1992, no âmbito do projecto de “Tratamento museológico e rentabilização cultural do castelo de Lindoso”, possibilitaram identificar com rigor uma grande trincheira, formada por uma vala rasgada no topo da encosta, com 3 m de largura média, com parapeito exterior de terra reforçado por muretes, estendendo-se por mais de 100 m em arco de círculo, acompanhando sem rigor a curva de nível. Integra dois compartimentos tipo casamatas, situando-se a mais ampla e melhor estruturada no topo Norte da trincheira. Encontra-se parcialmente aterrada.

F - A sua construção data de 1801 (Barreiros, 1964b: 47), correspondendo ao reforço defensivo das fronteiras portuguesas, prevenindo o envolvimento do país

nos conflitos internacionais da época, como as invasões francesas vieram a confirmar.

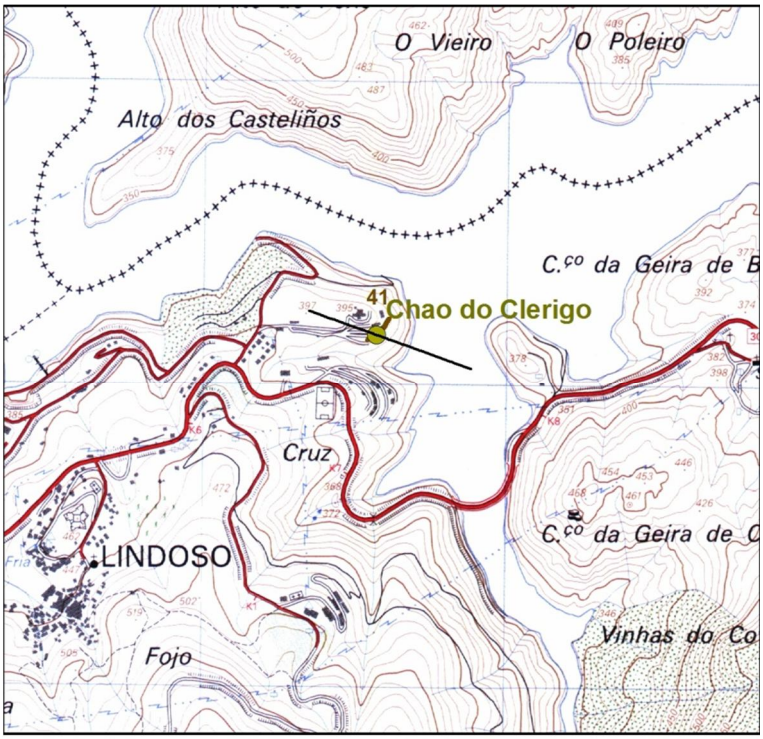
Este sistema defensivo aparece bem descrito nos diversos documentos produzidos a propósito do conflito de limites da fronteira de Lindoso ao longo de todo o século XIX, aparecendo inclusivamente representado no mapa da fronteira desenhado em 1803 pelo capitão-engenheiro Custódio Gomes de Villasboas (Barreiros, 1961: ils.) - este arqueossítio é aí designado por "bateria". Segundo diversos relatórios, o sistema já estaria desactivado em meados do século XIX (Barreiros, 1964a: 151).

G - O monumento conserva-se em razoável estado, mas muito afectado no seu enquadramento paisagístico pelos socalcos rasgados para as instalações de apoio às obras da barragem, que agora se encontram abandonados sem que se tenha feito qualquer recuperação paisagística, situação agravada por se ter transformado a zona em escombreiras de obras e vazadouro de lixos de toda a espécie.

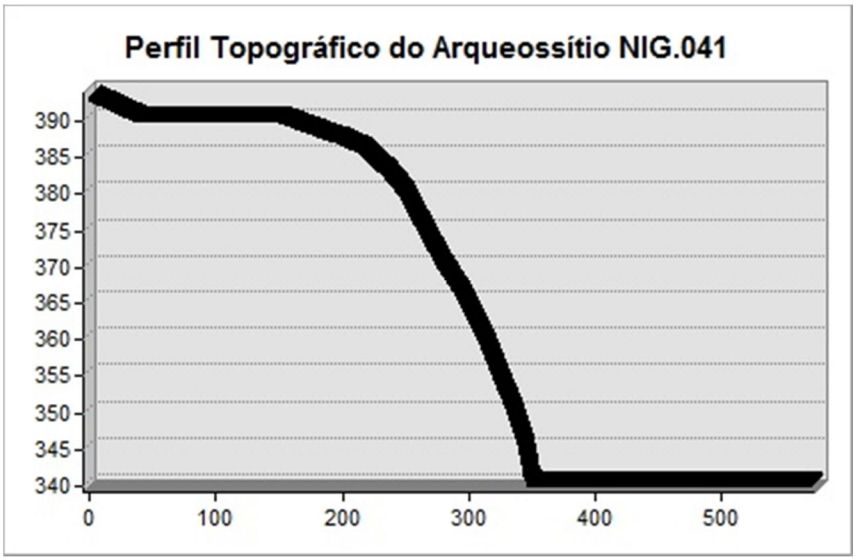
Por integrar um amplo sistema defensivo da passagem fronteiriça, articulando-se com o castelo como sua defesa avançada, e por beneficiar de uma excelente vista panorâmica sobre a albufeira de Lindoso, este arqueossítio reveste grande interesse e deve ser objecto de classificação específica. Pela ameaça a que está sujeita a envolvente deve com urgência ser objecto de um plano de recuperação e reenquadramento paisagístico, a custear pela EDP, cujo objectivo último poderá ser a reposição da circulação pedonal, animando a criação de um trilho histórico.

H - Fontes e Regalo, 1994:38-39; 1997:37. Estampas XLIa, XLIb, XLIc, XLId e XLIe.

Estampa XLIa



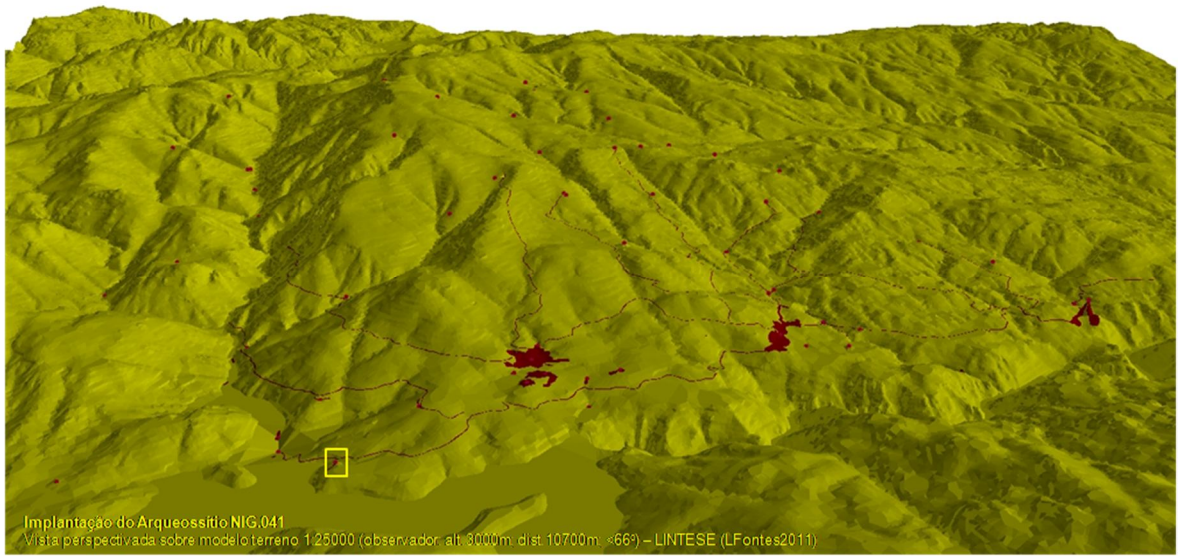
Localização de Arqueossítio NIG.041 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIb



Localização de Arqueossítio NIG.041 extracto da Orto_17_2_A-17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIc



fotoNIG041a - Panorâmica sobre Chão do Clérigo, vista de Sudeste



fotoNIG041b - Perspectiva do troço Norte da trincheira de Chão do Clérigo

Estampa XLId



fotoNIG041c - Perspectiva do troço Sul da trincheira de Chão do Clérigo



fotoNIG041d - Escavação na casamata da trincheira de Chão do Clérigo

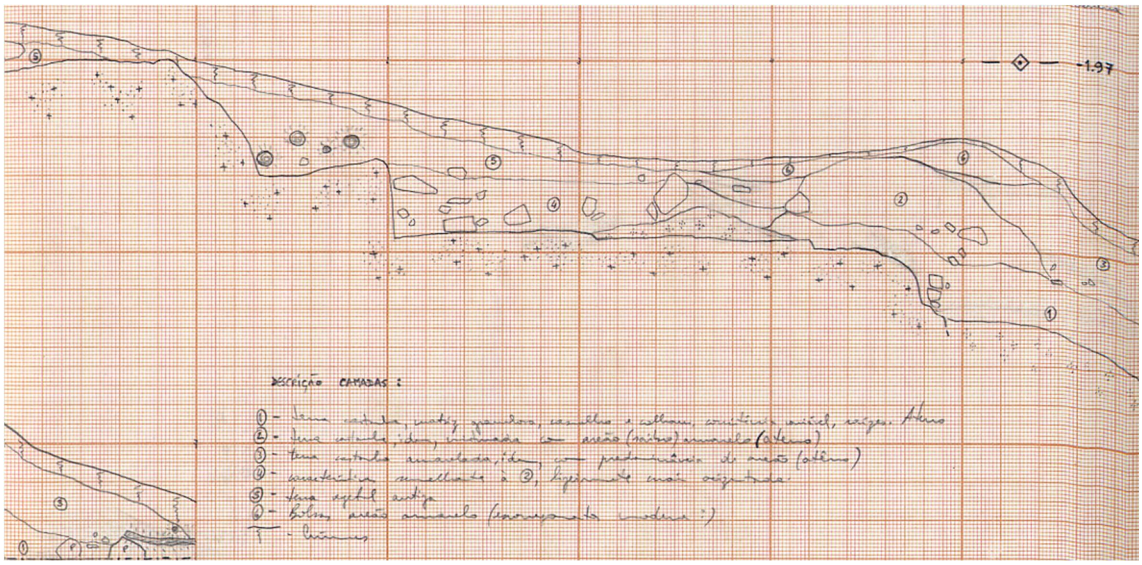


desenho0042 - Corte transversal da casamata da trincheira de Chão do Clérigo

Estampa XLIe



fotoNIG041c - Trincheira de Chão do Clérigo: escavação da Sondagem C.CL.2



desenho0043 - Trincheira de Chão do Clérigo: perfil Norte da Sondagem C.CL.2

A - **Fundal (NIG.042)** - Casa Florestal de Lindoso

B - Fortificação (trincheira)

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195089,88 / Y=544361,61 / Z=455; Lindoso

D - Este sítio arqueológico situa-se na ruptura convexa que inicia uma vertente que desce até ao rio Cabril, no topo da encosta este do esporão aplanado que separa a plataforma do Lindoso do vale do rio Cabril, na margem esquerda deste. Com exposição a nascente, a visibilidade em relação à envolvente é praticamente nula, por existir uma densa cobertura florestal. Se simularmos uma cobertura vegetal rasteira, certamente a que existiria ao tempo da construção e uso da trincheira, a visibilidade estende-se a toda a confluência do rio Cabril com o rio Lima, alargando-se para Este até às terras galegas de Entrimo e Manin. A Norte domina o vale do rio Laboreiro e a massa montanhosa da Peneda.
O substrato geológico é xistento, apresentando-se os terrenos envolventes com pouca pedregosidade, escassos afloramentos de rocha e solos esqueléticos. A ocupação do solo é exclusivamente florestal, com domínio de pinheiros de médio e grande porte. Encontram-se também pequenos grupos de carvalhos e de sobreiros.
O acesso faz-se facilmente pela estrada florestal que liga o Lindoso às antenas da Louriça, com troço alcatroado até à estalagem da EDP, ou por caminhos carreteiros e/ou de pé-posto que servem a exploração das bouças pela população da aldeia de Lindoso (ver NIG.080). Não existe qualquer sinalização.

E - Neste local conserva-se uma extensa vala rasgada no topo da encosta, com 3,5 m de largura média, com parapeito exterior de terra reforçado por murete e cerca de 120 m de comprimento, desenvolvendo-se em arco de círculo bastante aberto e acompanhando o desnível do terreno. Encontra-se parcialmente aterrada, tendo sido rasgada no topo sul por um dos vários caminhos carreteiros que conduzem à aldeia de Lindoso.

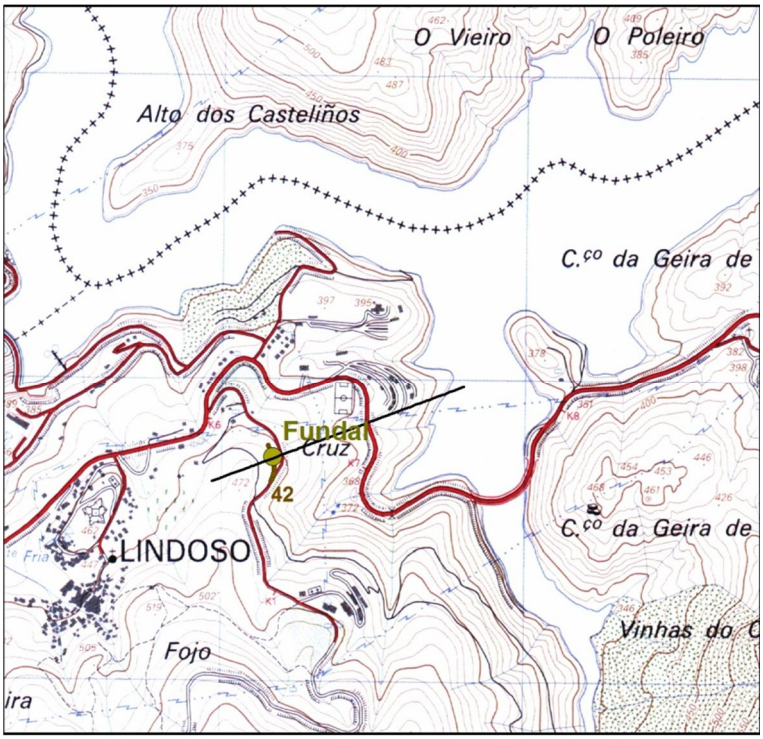
F - Trata-se da mais importante trincheira do sistema que fazia a defesa avançada da passagem do rio Cabril, correspondendo à de maior envergadura, desenhada

e expressamente identificada como "trincheira" no mapa fronteiriço, elaborado em 1803 pelo capitão-engenheiro Custódio Gomes de Villasboas (Barreiros, 1961: ils.).
Tal como a anterior, esta trincheira datará de 1801 (Barreiros, 1964b: 47). O sistema defensivo aparece bem descrito nos diversos documentos produzidos a propósito do conflito de limites da fronteira de Lindoso. Conforme relatórios posteirores, o sistema já estaria desactivado em meados do século XIX (Barreiros, 1964a: 151).

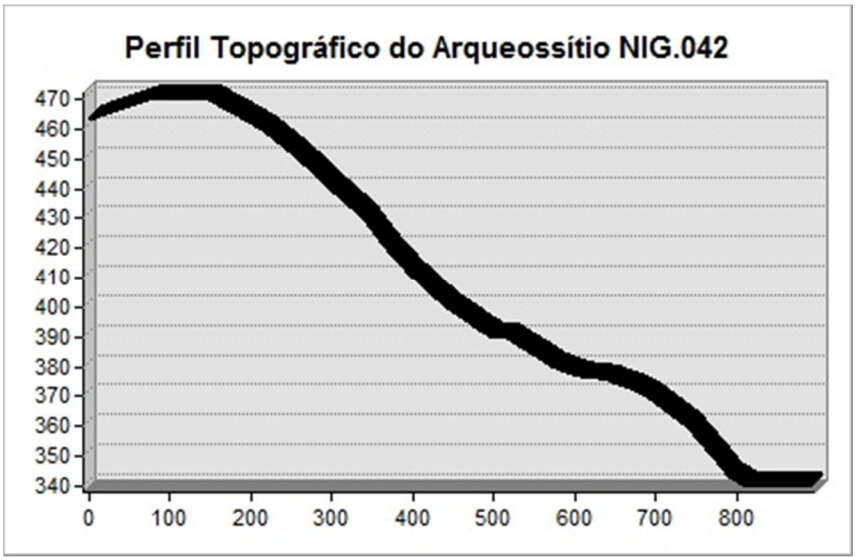
G - O monumento conserva-se em bom estado, mas afectado na sua visibilidade pelo bosque. Tal como o anterior, este arqueossítio, por integrar um amplo sistema defensivo da passagem fronteiriça, articulando-se com o castelo como sua defesa avançada, reveste grande interesse e deve ser objecto de classificação específica, bem como de um plano de conservação e recuperação, recomendando-se a não florestação mecanizada e o abate progressivo das árvores que ocupam a vala e o talude. Poderia assim integrar-se num circuito pedonal animando a criação de um trilho histórico.

H – Fontes e Regalo, 1994:38-39; 1997:37. Estampas XLIIa e XLIIb.

Estampa XLIIa



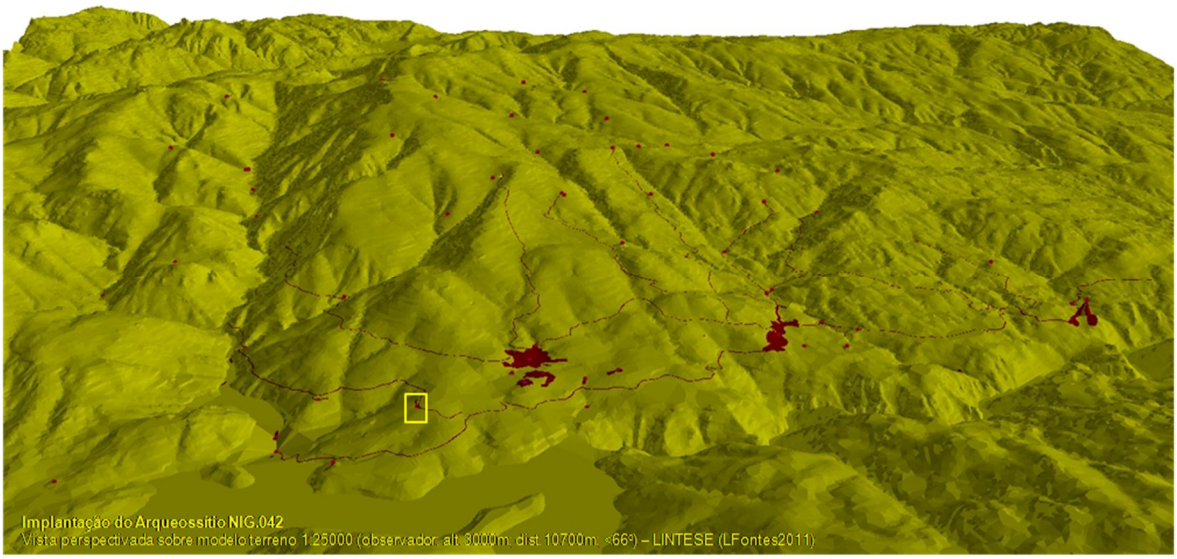
Localização de Arqueossítio NIG.042 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIIb



Localização de Arqueossítio NIG.042 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Eido Velho (NIG.043)** - Estalagem EDP

B - Fortificação (trincheira)

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195604,11 / Y=544100,57 / Z=415; Lindoso

D - Este arqueossítio localiza-se a meia vertente na encosta nordeste do relevo do Forcão, que desce em declive acentuado até ao rio Cabril, enformando a vertente poente do vale. Na margem direita da Corga da Vanjanea, o sítio fica sobranceiro à via e ponte antiga (NIG.088), que aí atravessavam o rio para a Galiza, hoje submerso pelas águas da albufeira. Com exposição dominante a Norte, a visibilidade estende-se a toda a confluência do rio Cabril com o rio Lima, alargando-se para Este até às terras galegas de Entrimo e Manin.
O substrato geológico é xistento, apresentando-se os terrenos envolventes com mediana pedregosidade, alguns afloramentos de rocha e solos esqueléticos. Os terrenos são explorados como monte e para pastoreio extensivo, apresentando um revestimento arbustivo de pequeno porte (giestas, urzes e fetos). As queimadas sucessivas para rejuvenescimento dos pastos aceleram os processos erosivos, aqui muito acentuados.
O acesso faz-se pelo caminho carreteiro que liga a povoação de Lindoso a Porto Maceira (ver NIG.080), no vale do rio Cabril, ou por caminho de pé-posto a partir da Estalagem da EDP. Não existe qualquer sinalização.

E - Neste local conserva-se uma extensa vala rasgada no topo da encosta, com 3 m de largura média, com parapeito exterior de terra reforçado por murete e cerca de 100 m de comprimento, desenvolvendo-se em arco de círculo ao longo da curva de nível. Embora parcialmente aterrada, apresenta o parapeito bastante destruído. Um pouco mais abaixo conservam-se ruínas de uma edificação de planta quadrangular, com características construtivas tipo "pardieiro", com paredes de aparelho ciclópico e juntas largas, já sem cobertura.

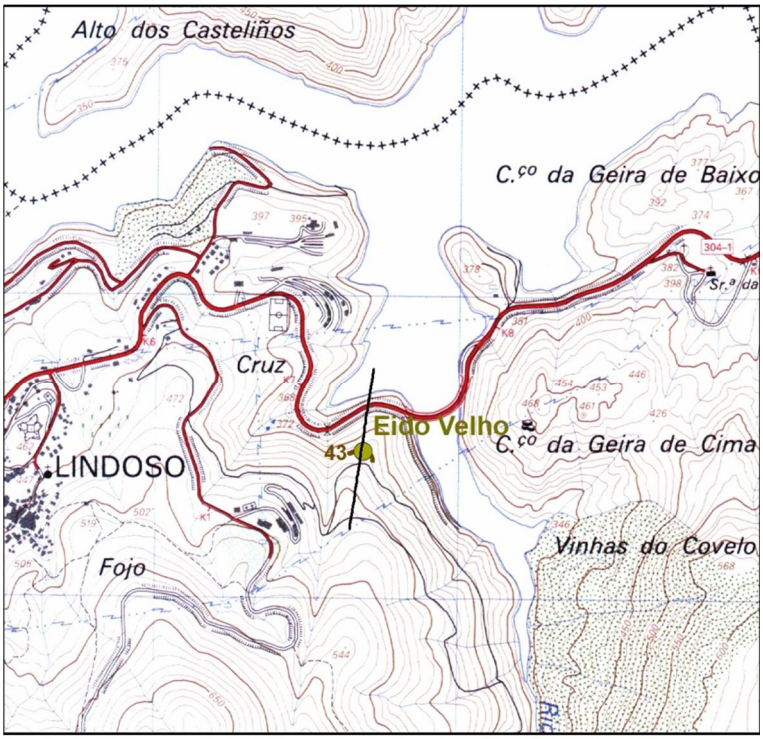
F - Trata-se da trincheira meridional do sistema que fazia a defesa avançada da passagem do rio Cabril, correspondendo a uma das "baterias" desenhadas e identificadas como tal, no mapa fronteiriço elaborado em 1803 pelo capitão-

engenheiro Custódio Gomes de Villasboas (Barreiros, 1961: ils.). A pequena edificação próxima é estruturalmente semelhante à "casamata" que fecha o topo N da trincheira de Chão de Clérigo, aceitando-se que possa corresponder aqui à mesma função.
Tal como as anteriores, esta trincheira datará de 1801 (Barreiros, 1964b: 47), estando já desactivada em meados do século XIX (Barreiros, 1964a: 151).

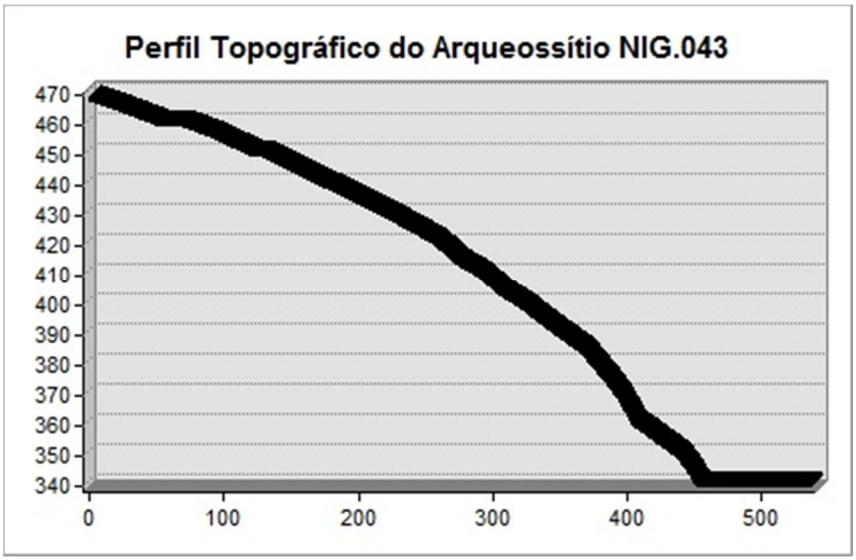
G - Embora se apresente em mau estado de conservação, este monumento tem interesse porque integrava um amplo sistema defensivo da passagem fronteiriça, articulando-se com o castelo como sua defesa avançada. Justifica por isso uma classificação específica e deve ser incluído no plano de recuperação e aproveitamento das restantes trincheiras. Deve evitar-se a sua destruição, fomentando designadamente o crescimento da cobertura arbustiva para fixar o solo e evitar assim a erosão da vertente e o consequente desmantelamento do talude.

H - Fontes e Regalo, 1994:38-39; 1997:37. Estampas XLIIIa, XLIIIb e XLIIIc.

Estampa XLIIIa



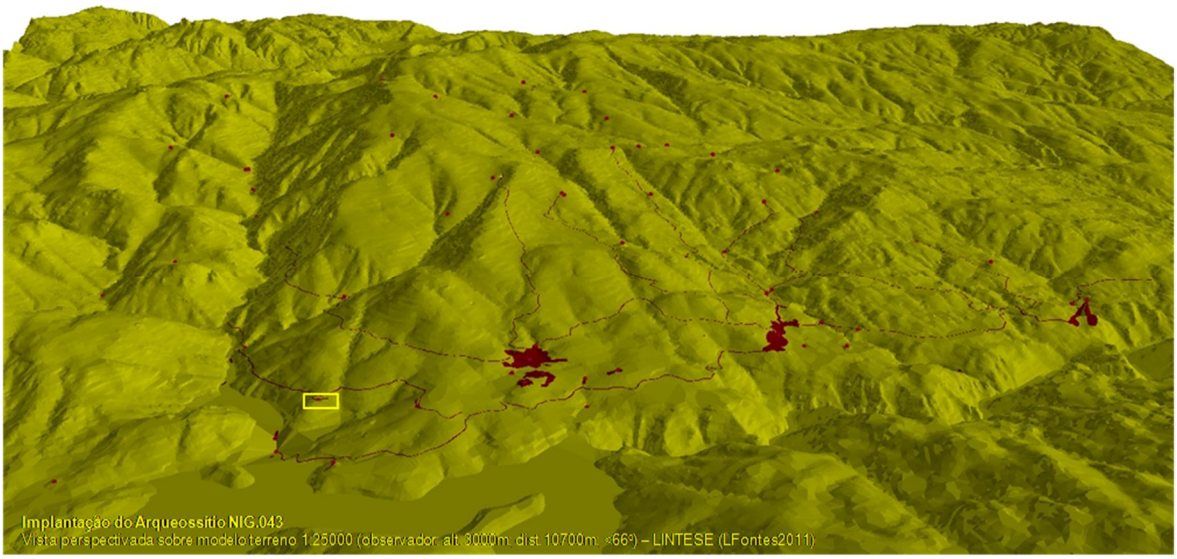
Localização de Arqueossítio NIG.043 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.043 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIIIc



fotoNIG043a - Panorâmica sobre Eido Velho, vista de Este



fotoNIG043b - Pormenor de casamata arruinada da trincheira de Eido Velho

A - **Ponte do Cabril (NIG.044)** - Ponte do Cabril

B - Ponte

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195802,34 / Y=544412,64 / Z=290; Lindoso

D - Este arqueossítio corresponde à passagem sobre o rio Cabril, numa zona de vale fechado, de vertentes escarpadas, mas onde as margens mais se aproximam. Escavado no xisto, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados graníticos, correspondentes a depósitos de torrente.
Nas margens, parcialmente armadas em socalcos, dominam densas manchas de arbustivas (giestas e urzes) e, junto às linhas de água, pequenos bosquetes de carvalhos e castanheiros. A visibilidade próxima é limitada ao troço imediato do rio (menos de 100 m em redor), alargando-se um pouco para Sul em direcção ao vale alto do rio. O acesso faz-se pelo antigo caminho que servia a ponte, a partir da estrada nacional.

E - Neste local conservam-se vestígios de uma ponte e da via lajeada que a servia (ver NIG.088), ambas com remodelações. A ponte é uma construção de fábrica rudimentar, formada por dois arranques mal alicerçados nas margens, de construção elementar, com aparelho ciclópico de mamposteria, toscamente afeiçoada, sobre os quais se apoiava um tabuleiro de madeira, amovível, que vencia um vão com cerca de 2,5 m de altura e 8 m de comprimento. O tabuleiro, com cerca de 2 m de largura, unia com alguma precariedade a via antiga que servia a ponte, cujo traçado, entre Lindoso e Buscalque, se conserva parcialmente visível, apesar de pouco usado.

F - Podendo tratar-se de uma construção originariamente medieval, esta ponte apresenta características construtivas mais frequentes em época moderna. São deste período as primeiras referências documentais, aparecendo pela primeira vez referida nas "Memórias Paroquiais" de 1758: "(...).*o rio Cabril tem igualmente outra ponte, mas esta é de páo, e fica na estrada real que vai d'este concelho*

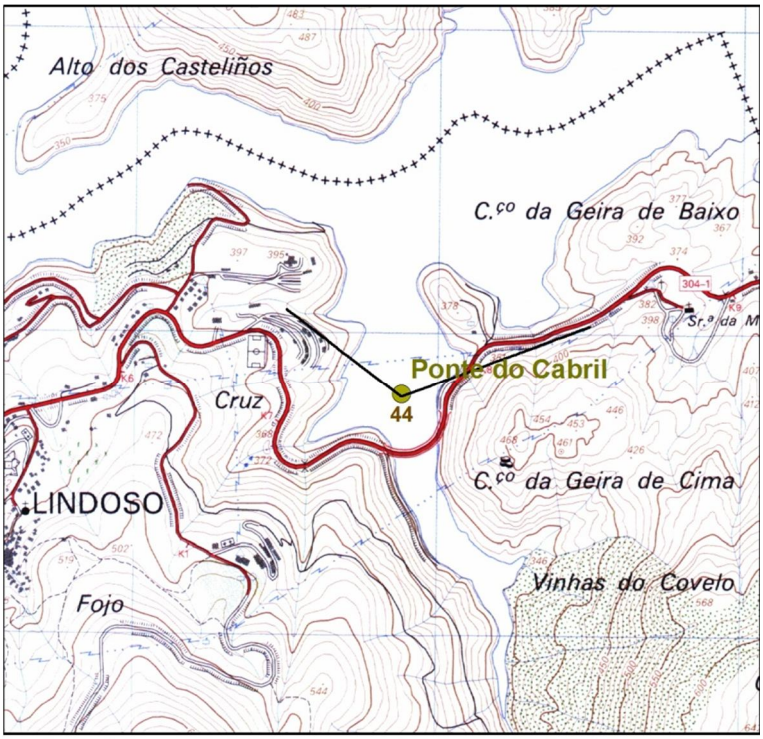
para Galliza, a qual tambem foi feita á custa dos habitantes deste concelho (...)" (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 10)[28].

G - Afecta até há poucos anos ao uso vicinal dos moradores de Lindoso, que por aí acediam aos moinhos do Cabril, esta ponte foi desactivada da rede viária principal na década de 30 deste século, altura em que se rasgou uma nova estrada, que foi passar o rio mais a montante, numa nova ponte de cantaria. Na sequência da construção da barragem de Lindoso, construiu-se uma nova passagem do vale do rio Cabril acima dos 340 metros de altitude, cota abaixo da qual ficou tudo submerso pelas águas da albufeira.

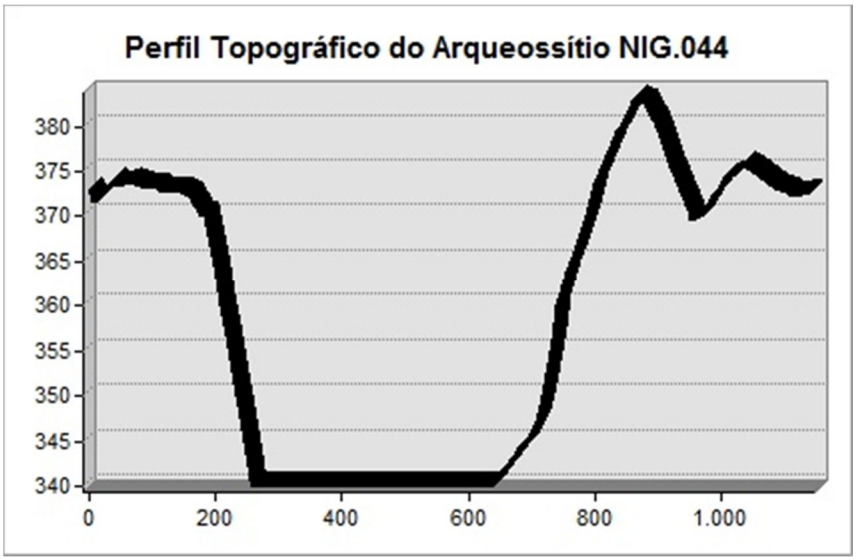
H - Inédito. Estampas XLIVa, XLIVb e XLIVc.

[28] Em 1821 asseverava-se que a ponte de Cabril "(...) nunca foi feita nem concertada por elles [moradores da freguesia galega de Manin], mas sim pelos moradores deste Con.º que por isso mesmo estão por Provisão Regia desonerados de pagar para as mais pontes do Reino, (...)"(ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 11).

Estampa XLIVa



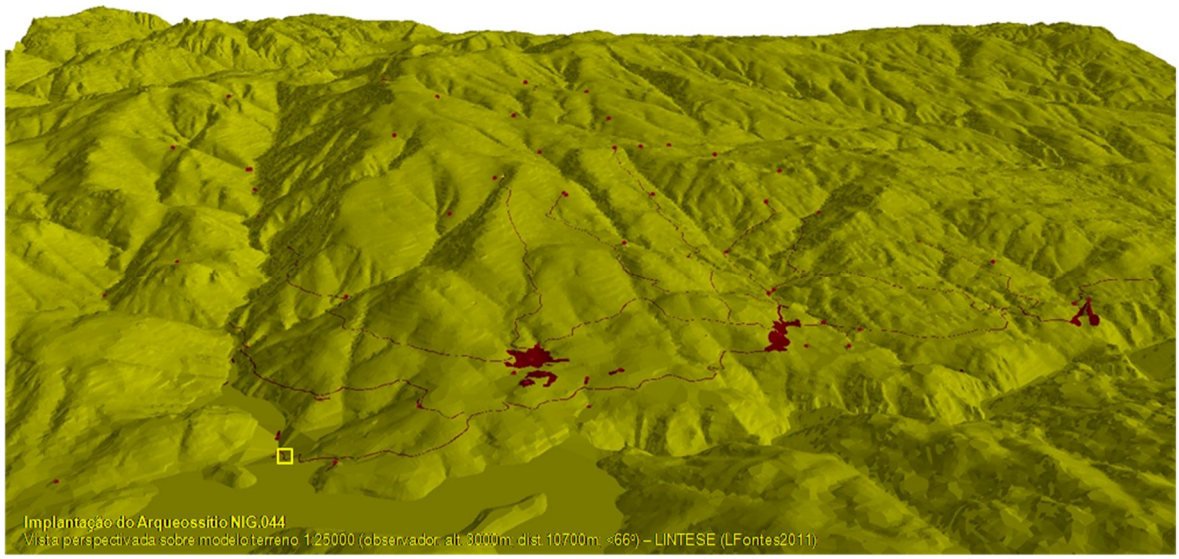
Localização de Arqueossítio NIG.044 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIVb



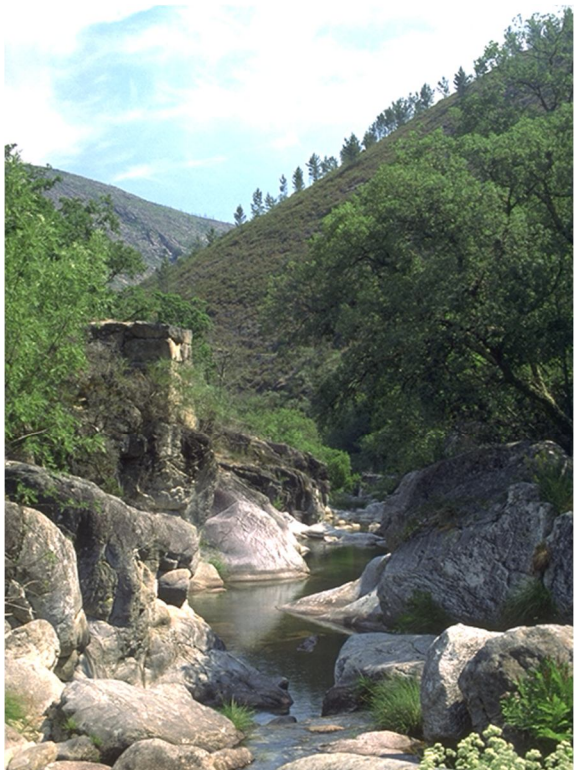
Localização de Arqueossítio NIG.044 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIVc



fotoNIG044a - Panorâmica sobre troço final do vale do Cabril, na zona da ponte velha, vista de Norte



fotoNIG044b - Perspectiva do arranque Este da ponte velha, vista de jusante



fotoNIG044c - Perspectiva sobre arranques da Ponte Velha de Cabril, vista de Este

A - **Vilarinho.3 (NIG.045)** - Pontão de Vilarinho

B - Pontão

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195509,90 / Y=542807,16 / Z=525; Lindoso

D - Este sítio corresponde à passagem sobre a Corga da Cerdeira, no fundo da vertente sudeste do monte Forcão, no troço médio da linha de água e a cerca de 150 m para montante do local onde conflui a Corga de Vilarinho. Escavado no xisto, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados graníticos, correspondentes a depósitos de torrente. Exposição geral a NE, oferecendo boa visibilidade sobre o terço final do vale do rio Cabril e sua zona de confluência com o rio Lima. Para os outros quadrantes a visibilidade é limitada às encostas do Forcão e Gralheiras, que abrigam o sítio de NO e S.
Com um substrato geológico xistento e granítico (abrange a zona de contacto das duas manchas geológicas), os terrenos envolventes apresentam uma elevada pedregosidade, com solos esqueléticos mal sustentados por uma escassa cobertura vegetal de herbáceas e arbustivos baixos, verificando-se assim fortes níveis de erosão. A zona é sujeita, todos os anos, a queimadas para renovação da cobertura de herbáceas, aproveitada para pastoreio extensivo. Para juzante da zona de confluência das linhas de água subsiste uma boa mancha de sobreiros, parcialmente destruída por um incêndio em 1989.
O acesso, não sinalizado, pode fazer-se pelo bonito, bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra ligando a povoação de Lindoso à Ínsua, no vale do rio Cabril (ver NIG.081)

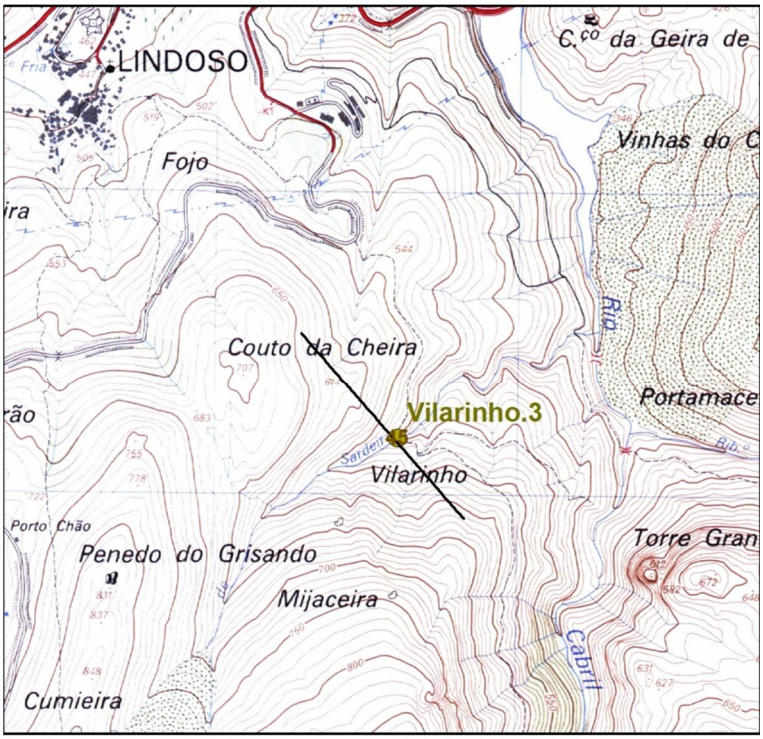
E e F - Neste local conserva-se uma ponte de padieira, que serve o caminho carreteiro que faz o acesso da aldeia de Lindoso ao vale do rio Cabril (ver NIG.081). É uma construção de boa fábrica, em padieira de dois tramos com duas grandes lajes graníticas cada, formando um tabuleiro horizontal com cerca de 1,5 m de largura. Apoiando-se nas margens e num tosco pilar central, formado por simples blocos sobrepostos, cobre dois olhais vencendo um vão de cerca de 3,80 m de comprimento e pouco mais de 1 m de altura. Nos bordos laterais das lajes do tabuleiro observam-se rasgos largos para cunhas de madeira usadas no corte

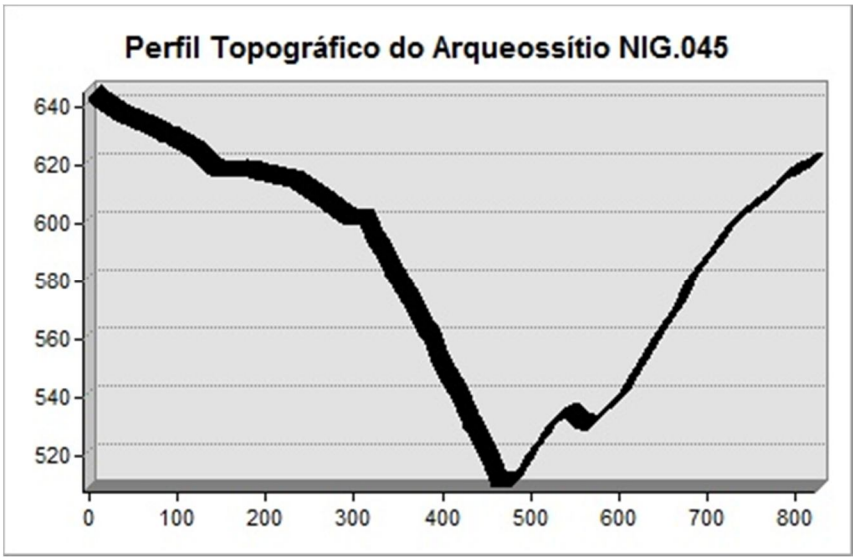
da rocha. Nas faces superiores abrem-se fundos sulcos provocados pela passagem de rodados de carros de bois. Regista-se algum assoreamento dos olhais.
Não possuímos quaisquer dados que nos permitam determinar a cronologia desta construção. As suas características construtivas são comuns no período medieval, moderno e contemporâneo. Considerando o incremento da exploração da serra a partir do século XVI, poderá apontar-se o início da Época Moderna como período favorável à sua construção.

G - Trata-se de um bem conservado e significativo testemunho da rede de acessibilidades locais, relacionada com a exploração dos recursos silvo-pastoris do espaço de monte envolvente da aldeia de Lindoso. Deve ser objecto de levantamento topográfico pormenorizado e assegurada a sua conservação, promovendo designadamente a limpeza periódica do caminho e o desassoreamento do leito do rio junto ao pontão, para evitar o seu derrube por caudais mais violentos.

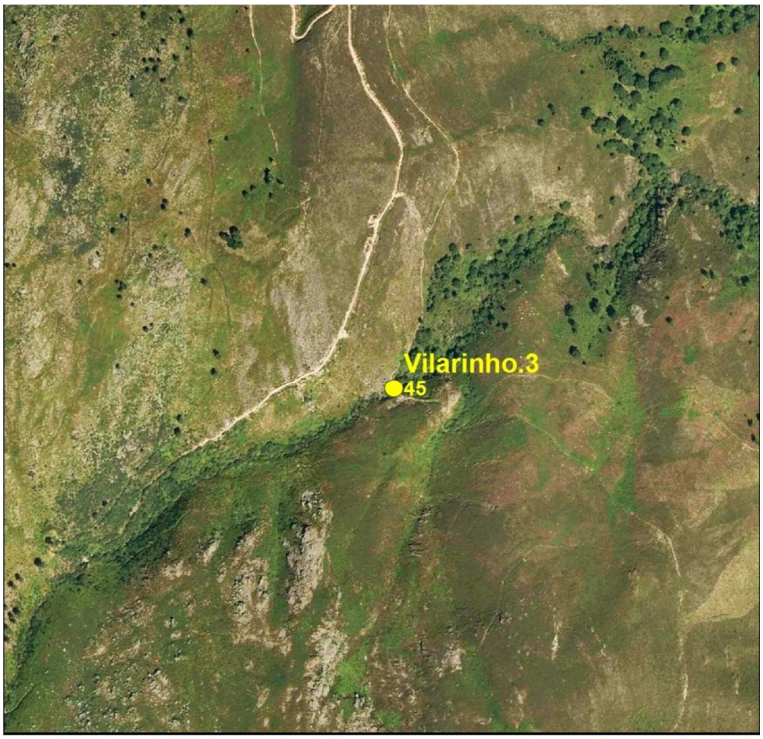
H - Inédito. Estampas XLVa, XLVb e XLVc.

Estampa XLVa

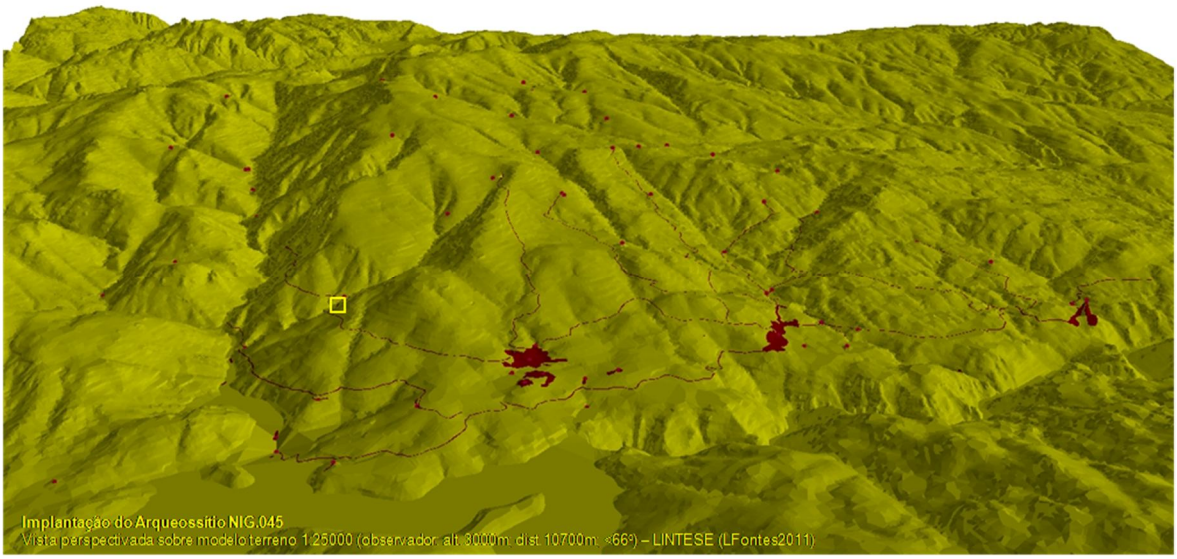




Estampa XLVb



Localização de Arqueossítio NIG.045 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLVc



fotoNIG045a - Perspectiva sobre pontão de Vilarinho, vista de Noroeste

A - **Ponte Mona (NIG.046**) - Ponte Mona

B - Pontão

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196088,89 / Y=543160,44 / Z=365; Lindoso

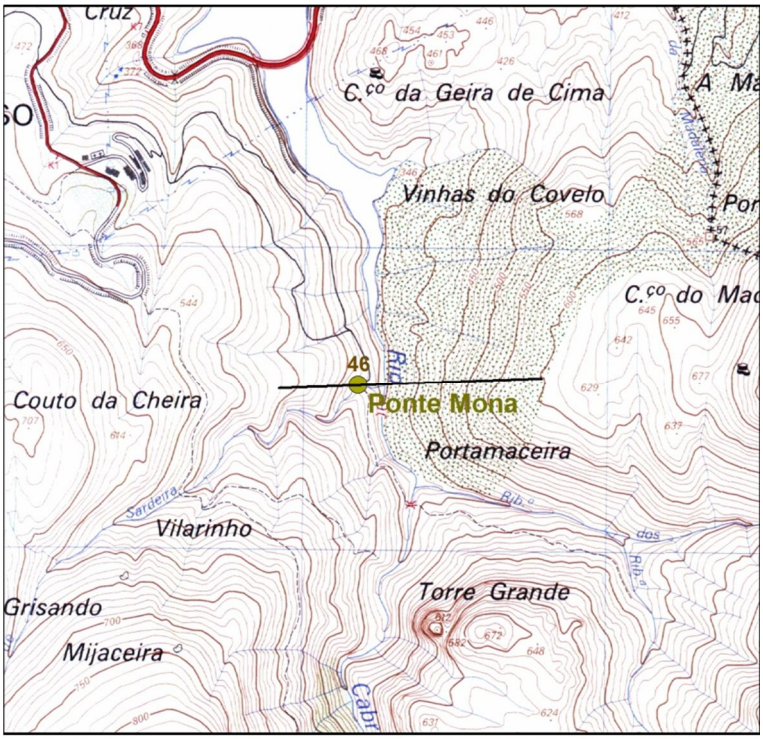
D - Este sítio corresponde à passagem sobre a Corga de Vilarinho, no fundo da vertente já próximo do rio Cabril, no terço final do vale. Escavado no xisto, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados graníticos, correspondentes a depósitos de torrente. Com exposição geral a Nordeste, a visibilidade próxima é limitada ao troço imediato do rio (menos de 100 m em redor), alargando-se um pouco para Sul em direcção ao vale alto do Cabril. Nas margens dominam densas manchas de arbustivas (giestas e urzes) e, junto às linhas de água, pequenos bosquetes de carvalhos e castanheiros. Para montante do arqueossítio subsiste uma boa mancha de sobreiros. O acesso pode fazer-se pelo mal conservado mas ainda transitável caminho com troços lajeados, que serve a serra ligando a povoação de Lindoso à Chã da Torre pelo Porto Maceira (ver NIG.080). O sítio arqueológico não está sinalizado.

E e F - Neste local conserva-se uma ponte de padieira, que serve o caminho carreteiro que faz o acesso da aldeia de Lindoso à Torre Grande, por Porta Maceira (ver NIG.080). É uma construção de fábrica razoável, em padieira de dois tramos com duas grandes lajes graníticas cada, formando um tabuleiro horizontal com cerca de 1,5 m de largura. Cobre dois olhais vencendo um vão de cerca de 3 m de comprimento e pouco menos de 1 m de altura, apoiando-se nas margens e num tosco pilar central, formado por simples blocos sobrepostos, Nos bordos laterais das lajes do tabuleiro observam-se alguns rasgos largos para cunhas de madeira usadas no corte da rocha. Nas faces superiores observam-se sulcos provocados pela passagem de rodados de carros de bois. Regista-se algum assoreamento dos olhais. Sobre a cronologia, ver parágrafo final do descritor E-F do Pontão de Vilarinho (NIG.045).

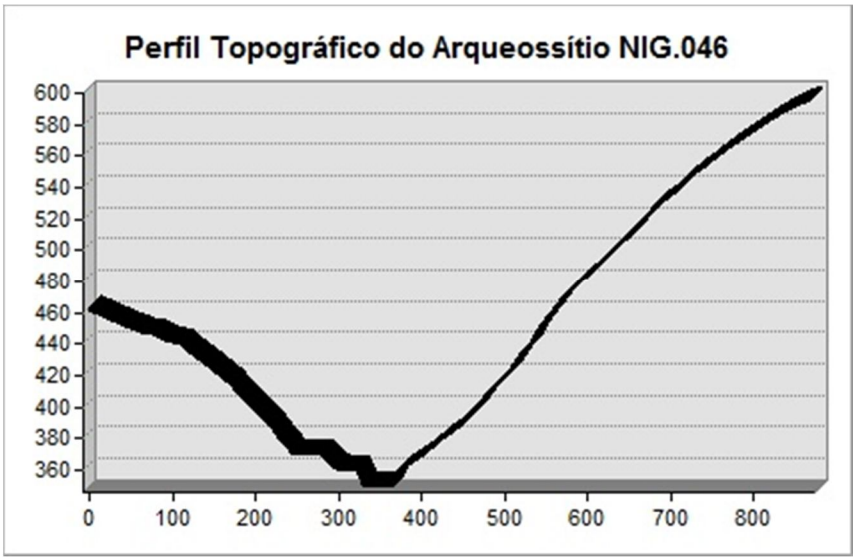
G - Ver descritor “G” do NIG.045.

H - Inédito. Estampas XLVIa e XLVIb.

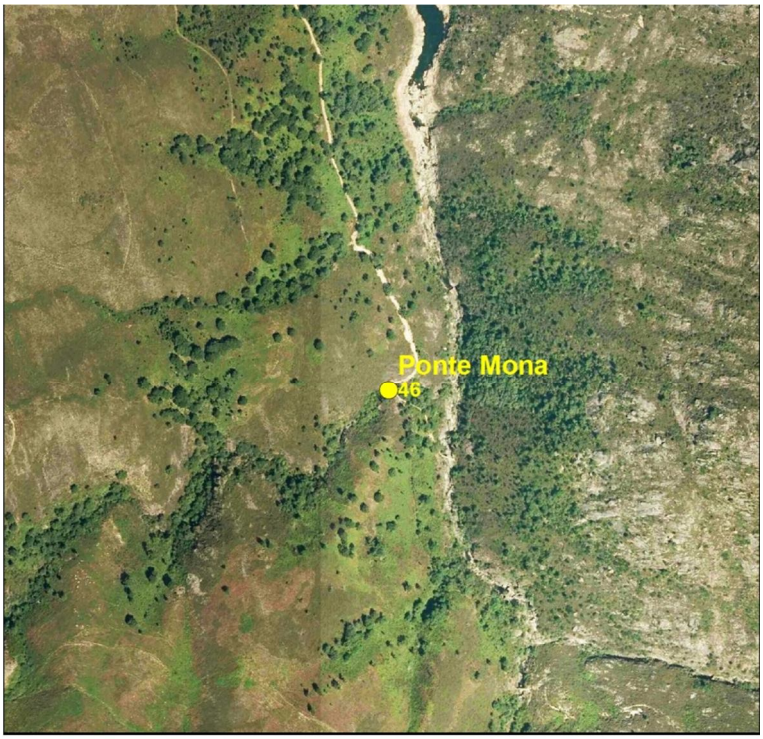
Estampa XLVa



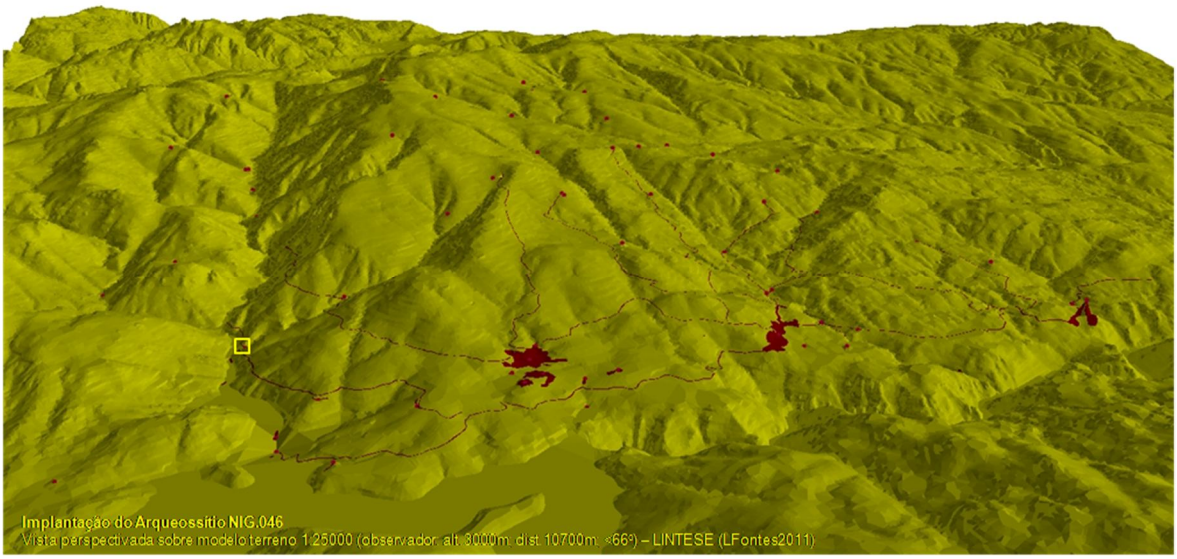
Localização de Arqueossítio NIG.046 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLVb



Localização de Arqueossítio NIG.046 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Pontão de Serenada (NIG.047)** - Pontilhão de Serenada

B - Pontão

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193184,12 / Y=542371,45 / Z=500; Parada

D - Este sítio corresponde à passagem sobre o rio da Feicha ou de Mulas, no fundo do vale aí "apertado" pelas vertentes da Perdiz e do Alto do Carqueijado. Escavado no granito, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados graníticos, correspondentes a depósitos de torrente. É uma zona de vale muito fechado, com margens escarpadas e abruptas, onde aflora o substrato rochoso granítico em caos de blocos e se conservam poucos solos esqueléticos.
Na cobertura vegetal das margens e encostas dominam densos giestais e tojais, crescendo pequenas manchas de mata climácica no fundo junto ao leito do rio, mas já perturbadas por infestações de "mimosas". Com exposição geral a poente, a visibilidade próxima é limitada ao troço imediato do rio (menos de 50 m em redor).
O acesso pode fazer-se pelo bonito, bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra ligando a povoação de Parada ao curral de Bem Espero (ver NIG.084). Não existe sinalização.

E e F - Neste local conserva-se uma ponte de padieira, que serve o caminho carreteiro que faz o acesso da aldeia de Parada ao curral de Bem Espero (ver NIG.084). É uma construção de boa fábrica, em padieira de três tramos, com três grandes lajes graníticas cada, formando um tabuleiro horizontal com cerca de 1,8 m de largura. Este apoia-se nas margens e em dois toscos pilares centrais de blocos simplesmente sobrepostos, que avançam para montante formando incipientes talha mares, cobrindo três olhais e vencendo um vão de cerca de 3,80 m de comprimento e pouco mais de 1 m de altura. Nos bordos laterais das lajes do tabuleiro observam-se rasgos largos para cunhas de madeira usadas no corte da rocha.
No topo nascente da ponte, na laje de jusante do tabuleiro, foi profundamente gravada uma cruz sobre peanha triangular ou cruz de calvário. Na face superior

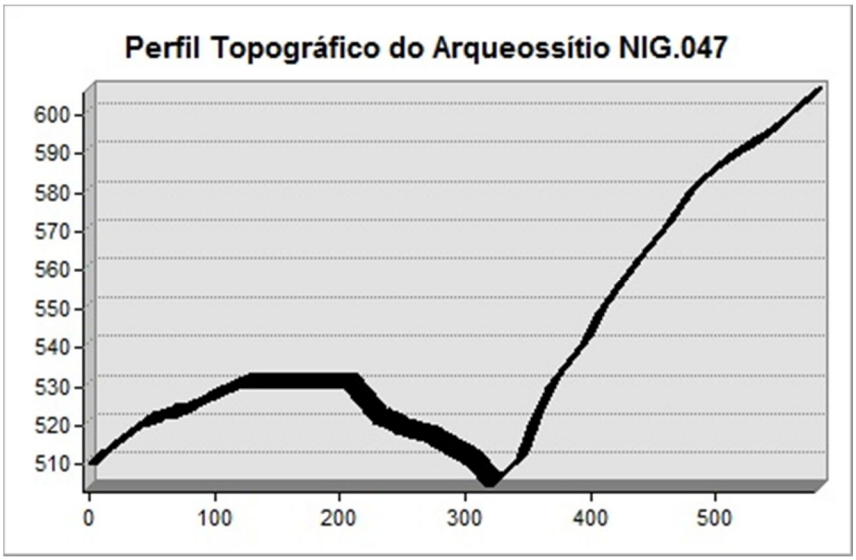
do tabuleiro abrem-se fundos sulcos provocados pela passagem de rodados de carros de bois. Regista-se algum assoreamento dos olhais.
Sobre a cronologia, ver parágrafo final do descritor E-F do Pontão de Vilarinho (NIG.045).

G - Ver descritor “G” do NIG.045.

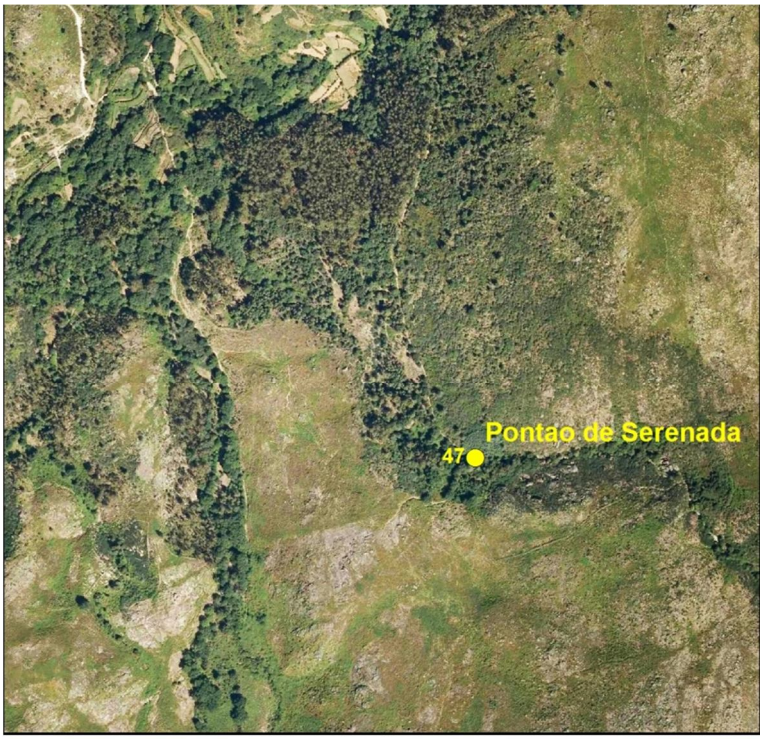
H - InvArqPNP-G (ficha nº 068). Estampas XLVIIa, XLVIIb e XLVIIc.

Estampa XLVIIa

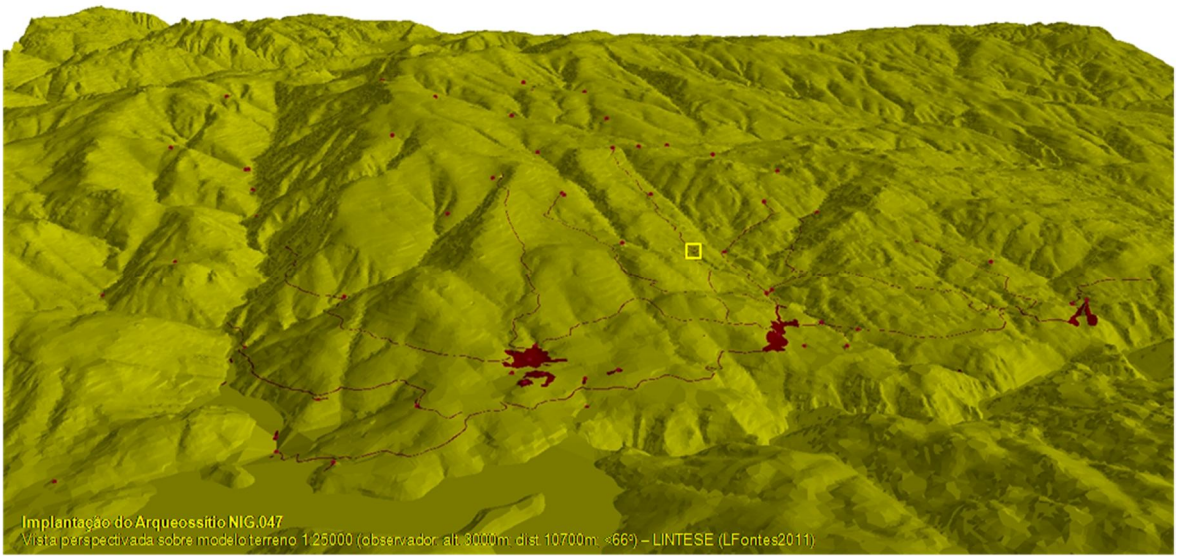




Estampa XLVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.047 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLVIIc



fotoNIG047a - Perspectiva do pontão de Serenada, vista de jusante



fotoNIG047b - Pontão de Serenada. Pormenor de símbolo apotropaico e rasgos de usura

A - **Pontão de Porto Novo do Ribeiral (NIG.048)** - Porto Novo do Ribeiral

B - Pontão

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192750,37 / Y=542903,33 / Z=390; Parada

D - Este sítio corresponde à passagem sobre o rio da Feicha, no local onde recebe a linha de água do Cabeço das Virgens, no fundo do vale que aí se abre num pequeno alvéolo, delimitado pelo outeiro do Cortelho a poente, encosta de Traz do Colado, a nascente e outeiro de Cabanas Velhas a Sul. Escavado no granito, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados graníticos, correspondentes a depósitos de torrente.
É uma zona de vale aberto por pequenos alvéolos, com margens menos declivosas, onde aflora o substrato rochoso granítico em caos de blocos e se armaram socalcos para agricultura. Na cobertura vegetal das margens e encostas dominam densos giestais e tojais, que se estendem já aos campos em socalcos, parcialmente abandonados. Grande parte destes campos ainda se cultiva, com milho e forragens, crescendo pequenas manchas de mata nas bordaduras da mancha agricultada e mais junto ao leito do rio, dominando carvalhos e castanheiros. Com exposição geral a poente, a visibilidade estende-se apenas ao troço próximo do rio e do vale.
O acesso pode fazer-se pelo caminho lajeado que serve a serra ligando a povoação de Parada ao Curro Novo (ver NIG.085). O sítio arqueológico não está sinalizado.

E e F - Neste local conserva-se uma ponte de padieira, que serve o caminho carreteiro que faz o acesso da aldeia de Parada ao Curral Novo (ver NIG.085). É uma construção de razoável fábrica, em padieira de quatro tramos com quatro grandes lajes graníticas cada, formando um tabuleiro horizontal com cerca de 2 m de largura. Apoia-se nas margens e em três toscos pilares centrais de blocos sobrepostos, que avançam para montante formando incipientes talha mares. O tabuleiro cobre quatro olhais, vencendo um vão de cerca de 4,5 m de comprimento e pouco menos de 1 m de altura. Também apresenta, nos bordos laterais das lajes do tabuleiro, rasgos para cunhas usadas no corte da rocha.

Do lado jusante apresenta uma guarda de arames esticados por ferros cravados no tabuleiro. Na face superior do tabuleiro abrem-se fundos sulcos provocados pela passagem de rodados de carros de bois. No traçado até à aldeia de Parada apresenta-se quase sempre coberto por latadas de vinha. O leito do rio apresenta-se muito assoreado a montante, apresentando-se os olhais quase obstruídos, facto que causou o desmoronamento de parte do primeiro tramo da ponte com as torrentes do inverno de 1996.
Sobre a cronologia, ver parágrafo final do descritor E-F do Pontão de Vilarinho (NIG.045).

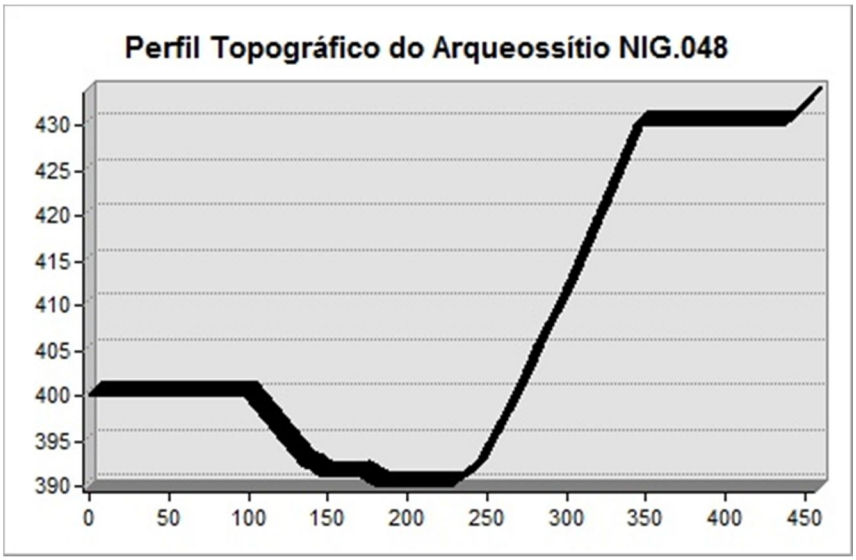
G - Ver descritor “G” do NIG.045.

H - Inédito. Estampas XLVIIIa, XLVIIIb e XLVIIIc.

Estampa XLVIIIa



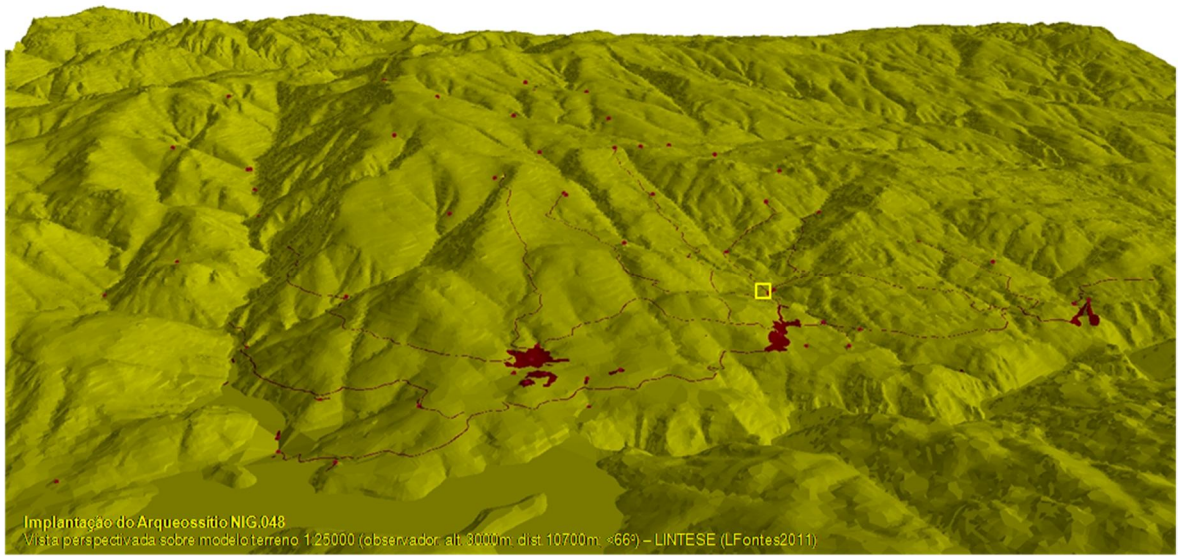
Localização de Arqueossítio NIG.048 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.048 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLVIIIc



fotoNIG048a - Perspectiva do pontão de Porto Novo do Ribeiral, vista de montante

A - **Pontão de Segundo Porto (NIG.049)** - Ribeiral

B - Pontão

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192696,05 / Y=542847,10; Z=390; Parada

D - Este sítio corresponde à passagem sobre o rio do Couto, cerca de 100 m a montante da sua confluência com o rio da Feicha, no fundo do vale que aí se abre num pequeno alvéolo delimitado pelo outeiro do Cortelho a Noroeste, encosta de Traz do Colado, a nascente e outeiro de Cabanas Velhas a Sul. Escavado no granito, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados graníticos, correspondentes a depósitos de torrente.
É uma zona de vale aberto por pequenos alvéolos, com margens menos declivosas, onde aflora o substrato rochoso granítico em caos de blocos e se armaram socalcos para agricultura. Na cobertura vegetal das margens e encostas dominam densos giestais e tojais, que se estendem já aos campos em socalcos, parcialmente abandonados. Grande parte destes campos ainda se cultiva, com milho e forragens, crescendo pequenas manchas de mata nas bordaduras da mancha agricultada e mais junto ao leito do rio, dominando carvalhos e castanheiros. Com exposição geral a poente, a visibilidade estende-se apenas ao troço próximo do rio e do vale.
O acesso pode fazer-se pelo bonito, bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra, ligando a povoação de Parada ao Lameiro do Charco ou a Cidadelhe, pela meia vertente da serra (ver NIG.086). Não existe qualquer sinalização.

E e F - Neste local conserva-se uma ponte de padieira, que serve o caminho carreteiro que faz o acesso da aldeia de Parada ao Lameiro do Charco (ver NIG.086). É uma construção de excelente fábrica, em padieira de cinco tramos com quatro grandes lajes graníticas cada, formando um tabuleiro horizontal com cerca de 2 m de largura. Apoia-se nas margens e em quatro pilares centrais formados por simples blocos sobrepostos, que pouco avançam para montante formando incipientes talha mares. O tabuleiro cobre cinco olhais, vencendo um vão de cerca de 6,5 m de comprimento e pouco mais de 2 m de altura. Nos

bordos laterais das lajes do tabuleiro observam-se também rasgos largos para cunhas de corte.
Na face superior do tabuleiro abrem-se fundos sulcos provocados pela passagem de rodados de carros de bois. Não se regista qualquer assoreamento do leito do rio junto ao pontão.
Sobre a cronologia, ver parágrafo final do descritor E-F do Pontão de Vilarinho (NIG.045).

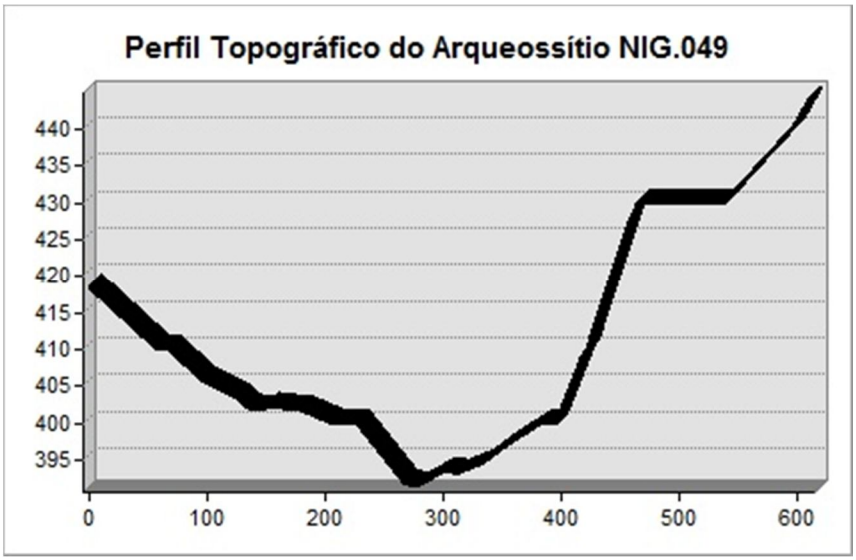
G - Ver descritor “G” do NIG.045.

H - Inédito. Estampas XLIXa e XLIXb.

Estampa XLIXa



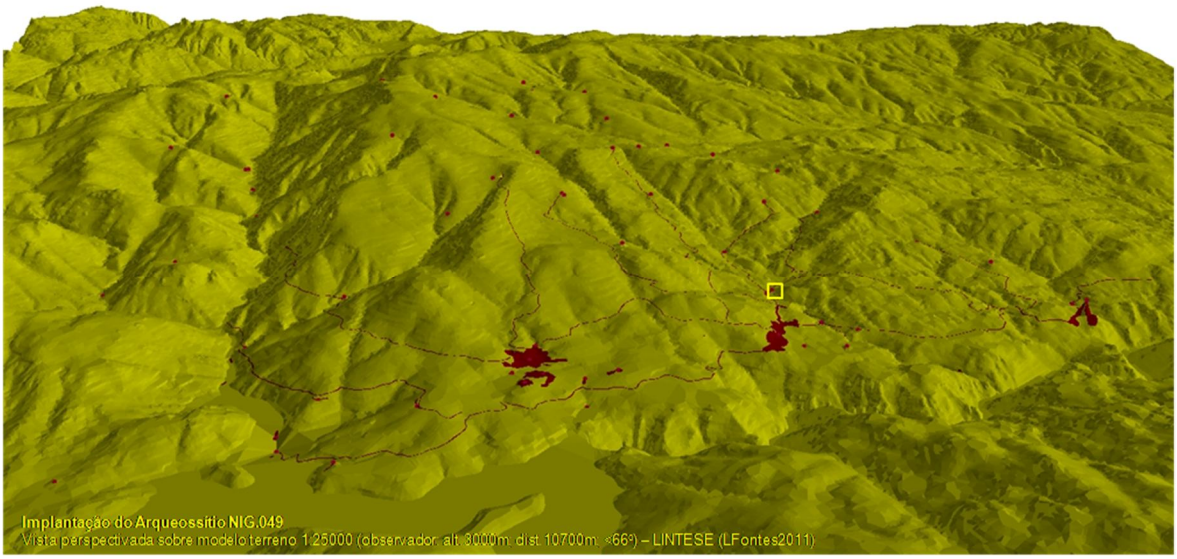
Localização de Arqueossítio NIG.049 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XLIXb



Localização de Arqueossítio NIG.049 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Pontão de Ramira (NIG.050)** - Ramira

B - Pontão

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192850,46 / Y=542192,84 / Z=465; Parada

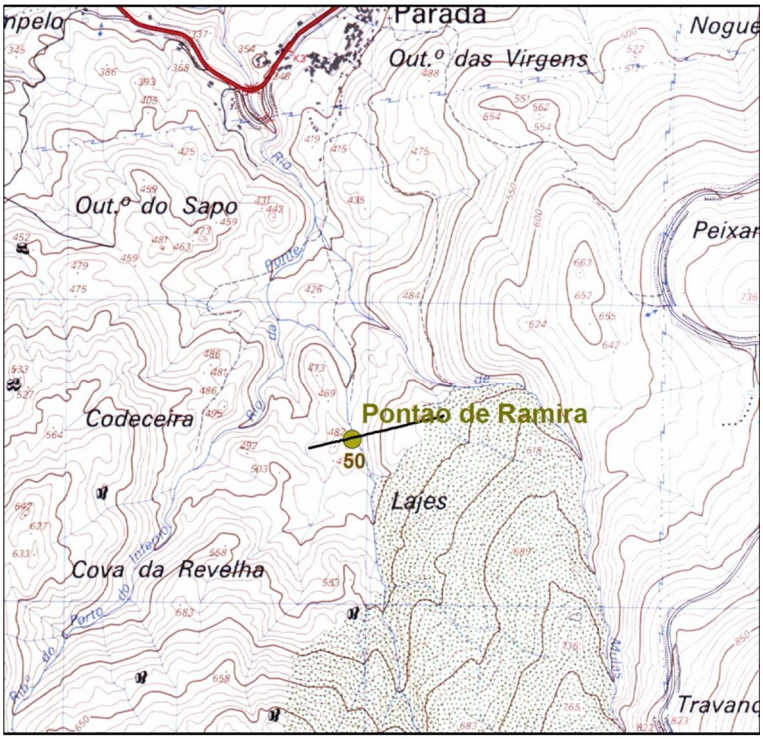
D - Este sítio arqueológico corresponde à passagem sobre o rio Azebrinheiro, linha de água tributária do rio do Couto, a meio do alvéolo que aí se abre até ao outeiro de Cabanas Velhas, a Norte. Escavado no granito, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e blocos graníticos boleados, correspondentes a depósitos de torrente. É uma zona de vale aberto por pequenos alvéolos, com margens menos declivosas, onde aflora o substrato rochoso granítico em caos de blocos.
Zona de incultos, na cobertura vegetal dominam herbáceas e manchas arbustivas pouco desenvolvidas (giestas e urzes), crescendo pequenas manchas de mata climácica mais junto ao leito do rio. Com exposição geral a poente, a visibilidade estende-se apenas ao troço próximo do rio e do vale.
O acesso pode fazer-se pelo bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra ligando a povoação de Parada ao Curro Novo (ver NIG.085). Não existe qualquer sinalização.

E e F - Neste local conserva-se uma ponte, de razoável fábrica, em padieira de dois tramos com três grandes lajes graníticas cada, formando um tabuleiro horizontal com cerca de 1,5 m de largura e que serve o caminho carreteiro que faz o acesso da aldeia de Parada ao Curral Novo (ver NIG.085). Apoiando-se nas margens e num tosco pilar central, formado por simples blocos sobrepostos, o tabuleiro cobre dois olhais vencendo um vão com cerca de 2,80 m de comprimento e pouco mais de 1 m de altura. Observam-se igualmente rasgos largos para cunhas de corte, nos bordos das lajes.
Nas faces superiores abrem-se sulcos provocados pelos rodados de carros de bois. Não se assinala qualquer assoreamento do leito do rio junto ao pontão.
Sobre a cronologia, ver parágrafo final do descritor E-F do Pontão de Vilarinho (NIG.045).

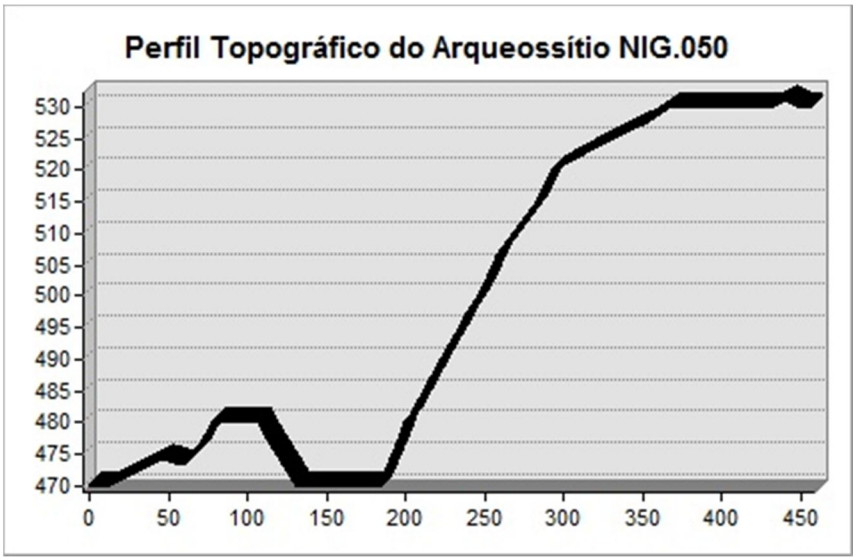
G - Ver descritor “G” do NIG.045.

H - Inédito. Estampas La e Lb.

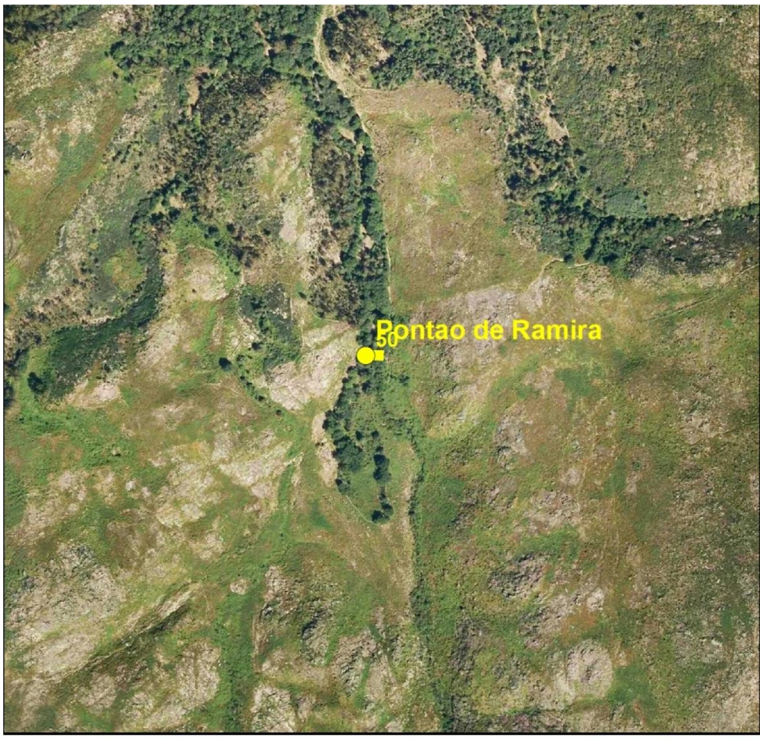
Estampa La



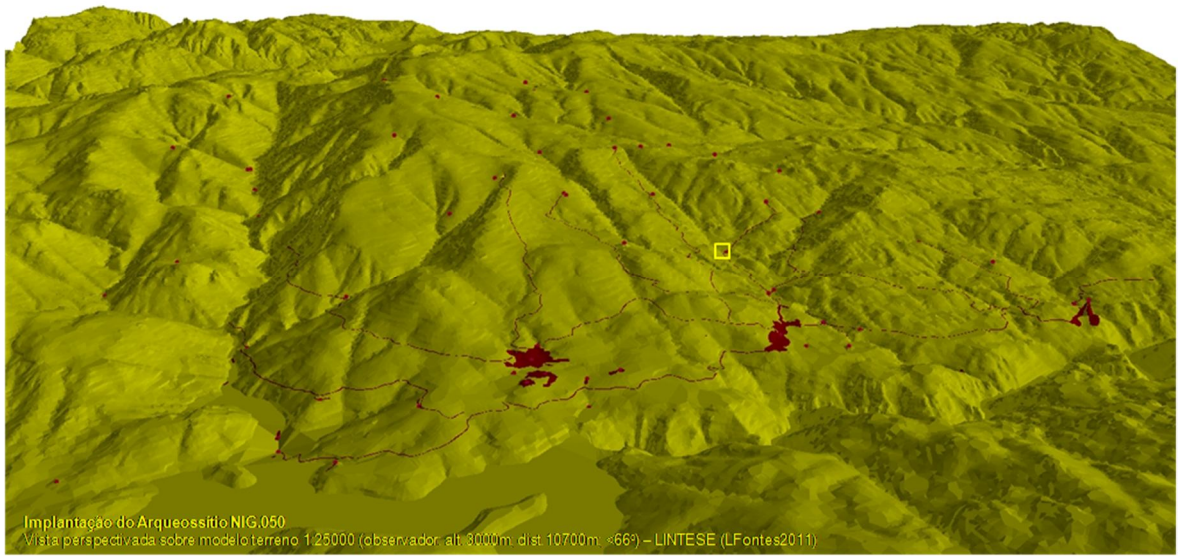
Localização de Arqueossítio NIG.050 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa Lb



Localização de Arqueossítio NIG.050 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Cabana do Gavião (NIG.051)** - Lomba do Gavião; Ponte do Gavião

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=197048,64 / Y=542369,48 / Z=480; Lindoso

D - Este sítio arqueológico situa-se em fim de vertente, encaixado no fundo da encosta este da Torre Grande, maciço granítico que sobressai na margem direita do rio Cabril. Fica sobranceiro à confluência das Corga da Agueira, Corga da Pedra da Sina e Corga das Pereiras, linhas de água tributárias do Ribeiro do Gavião, ao qual se juntam cerca de 300 m mais a Norte. Exposto a Nordeste, disfruta de uma visibilidade limitada à confluência das linhas de água referidas, dominando as amplas e declivosas vertentes dos Medornos e da Agueira. Para Sul, a visibilidade "esbarra" nas vertentes escarpadas das Eiras.
O substrato geológico é granítico (mancha do Gerês), que aflora em caos de blocos. A pedregosidade é elevada. Evidenciam-se condições de erosão acentuada nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão (as “quebradas”). As condições de sedimentação limitam-se aos pequenos espaços com ocupação arbórea entre fragas. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivas desenvolvidas (urze, giesta e tojo). Entre as fragas e a meia encosta subsistem núcleos de carvalhos de pequeno porte e pequenas manchas de medronheiros.
O acesso ao sítio, não sinalizado, faz-se por caminho carreteiro que liga a povoação de Lindoso à Chã da Torre - até à passagem do rio Cabril, em Porto Maceira, apresenta troços lajeados; daí até à cabana de Gavião é caminho de pé posto. O sítio arqueológico não está sinalizado.

E - Neste local encontra-se uma edificação de planta circular e cobertura cónica, com paredes irregularmente aparelhadas em mamposteria de blocos, calhaus e cascalho graníticos e tecto em falsa cúpula obtida por "enrocamento" de lajes graníticas, superiormente rematada por uma laje de maiores dimensões. Exteriormente, esta "abóbada" tem as juntas tapadas com terra, recobrindo-se

tudo com torrões[29]. A nascente, o lado mais abrigado dos ventos e das chuvas, abre-se uma entrada baixa e estreita (cerca de 1 m de altura e 0,60 m de largura). O seu vão é delimitado por grossas e fortes lajes, apresentando-se uma das guarnições laterais ligeiramente afeiçoada para receber uma porta. O espaço interior mede cerca de 2 m de diâmetro e aproximadamente 2,5 m de altura ao centro, apresentando as superfícies parcialmente enegrecidas por fuligem. Está abandonada. Não se recolheu qualquer tipo de espólio.

F - Trata-se de uma cabana-abrigo de pastor particularmente característica das serras do interior minhoto, sendo frequente, não apenas na Serra Amarela, mas também nas Serras do Gerês e da Peneda-Soajo (Oliveira, Galhano e Pereira, 1994:175-187 + ils.; Dias, 1948:37-38). Servia para acolher os pastores que acompanhavam o gado, que aí recolhiam ao entardecer e onde pernoitavam. Sendo uma instalação de apoio ao pastoreio de Verão, uma actividade sazonal, tinha uma ocupação temporária entre os meses de Maio e Setembro de cada ano. Ao contrário do que acontece aqui no Gavião, estas cabanas-abrigo aparecem geralmente associadas a um curral (ou redil) formado por uma cerca de planta sub-circular, construída também em mamposteria de calhaus e blocos (ver alguns dos arqueossítios seguintes relacionados com pastoreio).
Para a cronologia proposta, genericamente a Época Moderna, tivemos por base o contexto histórico e económico relativo ao incremento das actividades pastoris a partir dos séculos XVI-XVII, no Lindoso, associado à atribuição do foral em 1514, através do qual passaram a ser os moradores do concelho a gerir o monte. Para este arqueossítio do Gavião importa destacar que aparece referido num documento de 1821, no qual é invocado pela população de Lindoso como testemunho da ocupação do espaço serrano *desde tempo inmemorial* (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 11).

G - Embora desactivado, este monumento apresenta-se em razoável estado de conservação. É um importante testemunho da actividade pastoril sazonal e da arquitectura e técnica construtiva serranas tradicional, aspectos que conferem valor patrimonial e significado histórico ao arqueossítio, interessando por isso à

[29] Como nos ensinaram os pastores de Lindoso, quando o topo se apresenta coroado por um atado de giestas, é sinal que a cabana está "feita" e portanto em condições de abrigar o pastor.

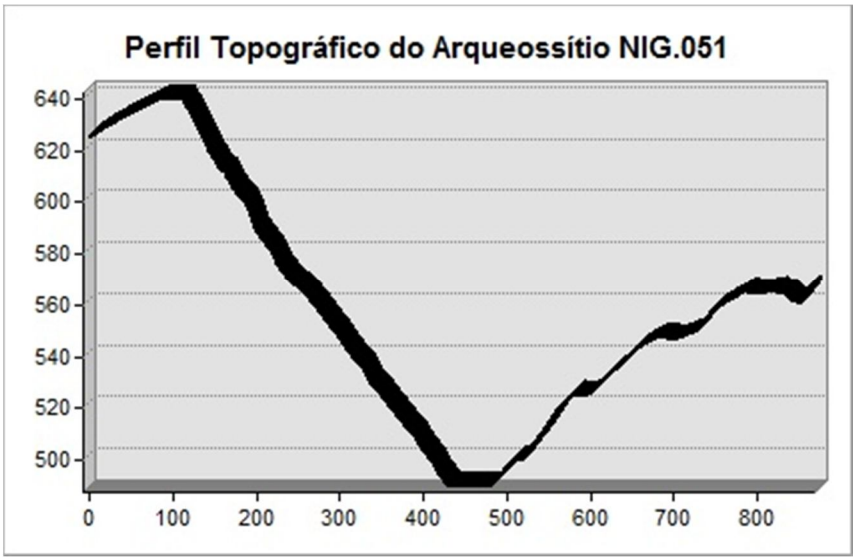
compreensão da moderna paisagem cultural regional, particularmente no que respeita à expansão e impacto do pastoreio. Estas evidências arqueológicas constituem um recurso de grande valor, devendo por isso ser objecto de estudo, conservação e protecção (levantamento de planta e cortes e limpezas periódicas). Este arqueossítio deve ser integrado na área de protecção (que deveria ser alargada), proposta para o "Povoado e complexo arqueológico da Torre Grande" (PO-PNPG, 1995:76).

H - Inédito. Estampas Lia, LIb e LIcb.

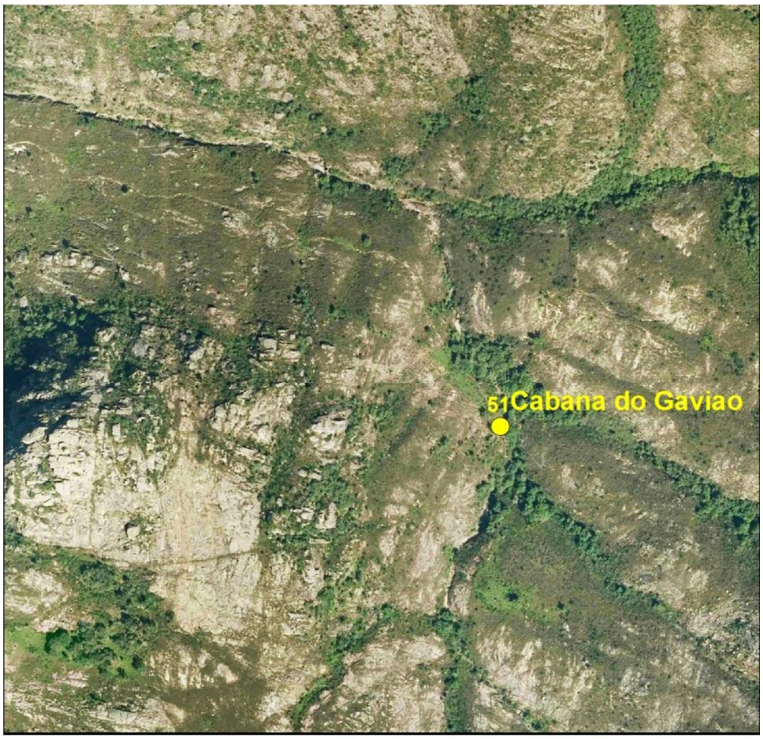
Estampa LIa



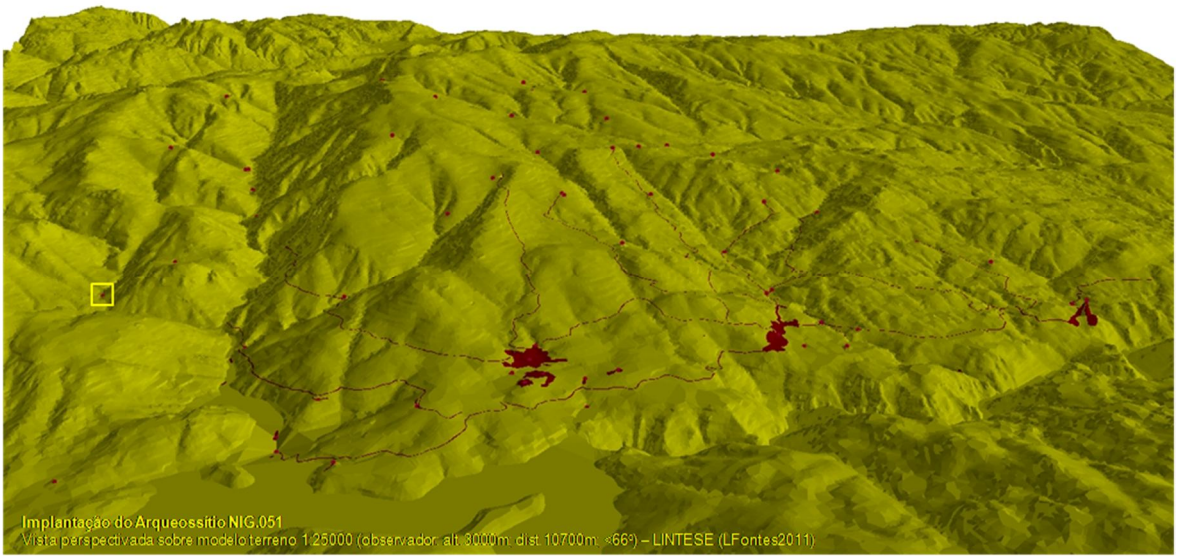
Localização de Arqueossítio NIG.051 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIb



Localização de Arqueossítio NIG.051 extracto da Orto_17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIc



fotoNIG051a - Perspectiva da Cabana do Gavião

A - **Chã da Torre.2 (NIG.052)** - Chã da Torre

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196627,53 / Y=542125,66 / Z=610; Lindoso

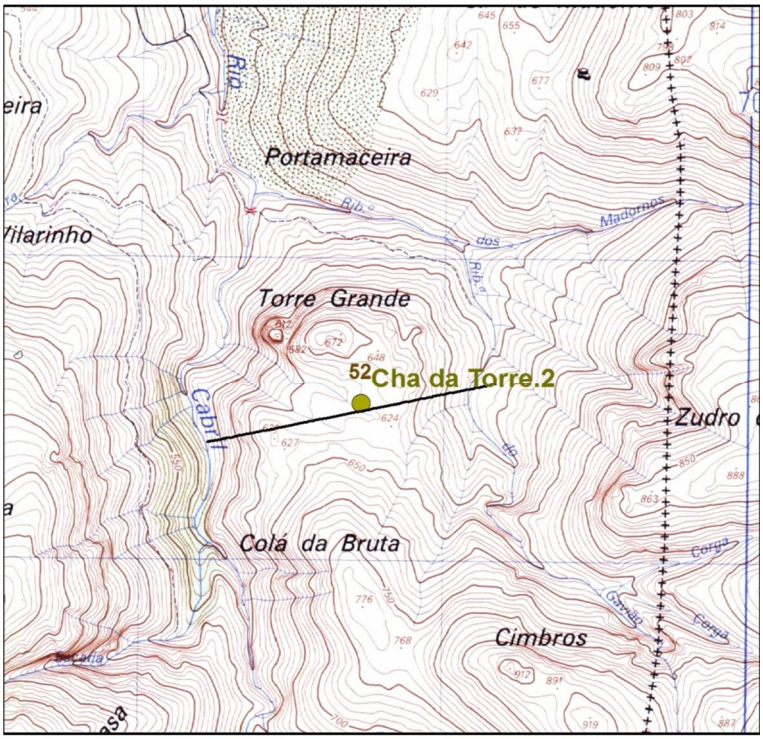
D - Ver descrição em NIG.019.

E e F - Na zona central/oeste da chã, sobrepondo-se aos restos de construções que integram o arqueossítio medieval NIG.019, existe uma cabana-abrigo de pastor semelhante à descrita no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051). Os restantes comentários que aí se fazem sobre função, cronologia, referências documentais e valor são igualmente extensíveis a este arqueossítio.

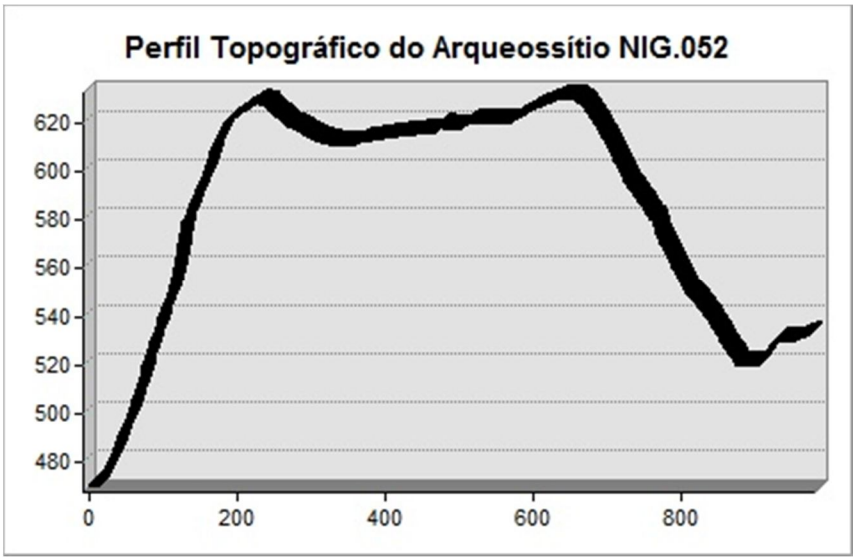
G - Ver descrição no arqueossítio anterior. Ao contrário da cabana-abrigo do Gavião, esta de Chã da Torre é abrangida pela área de protecção proposta para o "Povoado e complexo arqueológico da Torre Grande" (PO-PNPG 1995:76).

H – Baptista, 1990:12. Estampas LIIa e LXIIb.

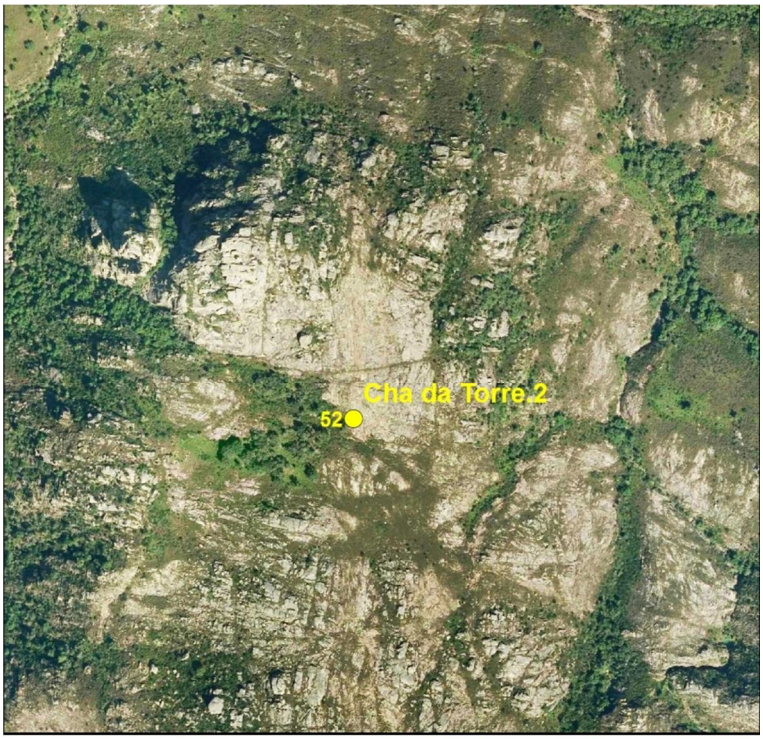
Estampa LIIa



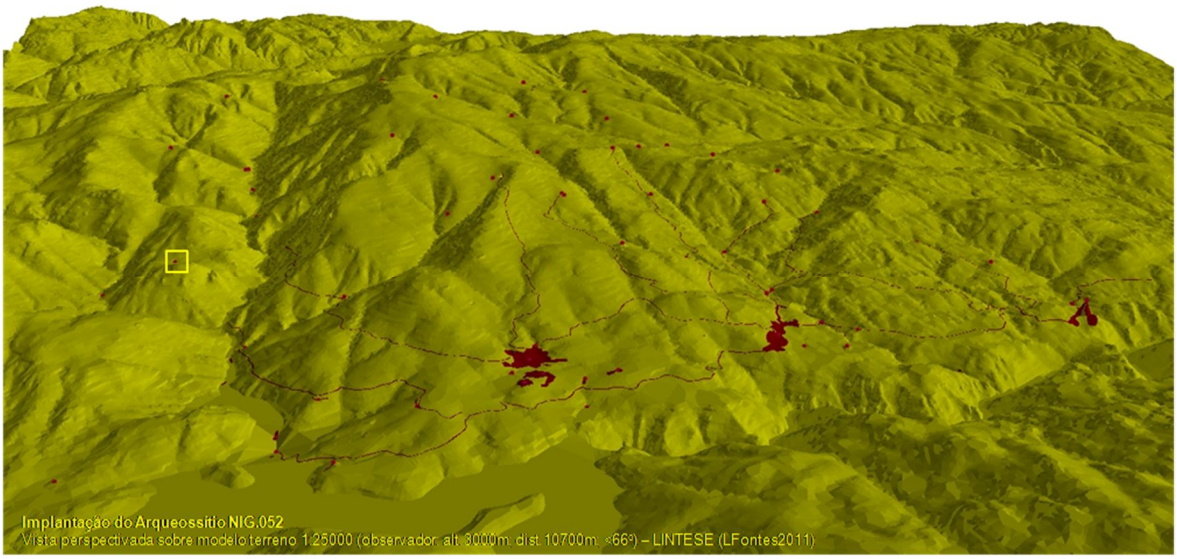
Localização de Arqueossítio NIG.052 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIIb



Localização de Arqueossítio NIG.052 extracto da Orto_17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Cabana da Várzea (NIG.053)** - Várzea

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196222,35 / Y=541040,75; Z=593; Lindoso

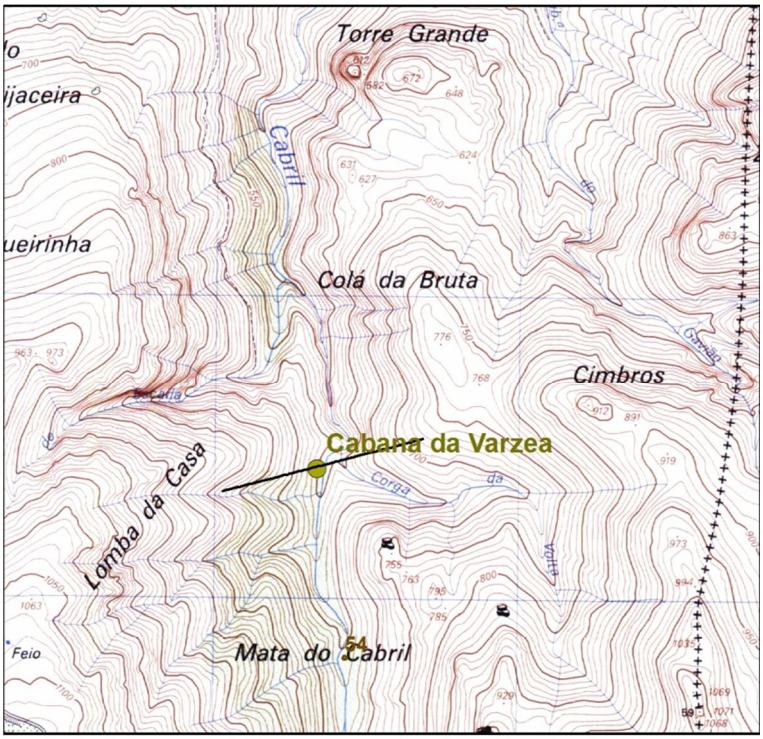
D - Este arqueossítio situa-se no fim da vertente oeste do fundo e escarpado vale do rio Cabril, próximo da confluência da Corga da Ramalheira, que desce pela vertente oposta. É uma zona onde o vale fechado, em garganta, com margens abruptas, se alarga um pouco, acompanhando uma curvatura maior do rio, proporcionando a acumulação de sedimentos na margem esquerda formando uma pequena chã aluvial. A pedregosidade é escassa, conservando-se espessos solos humosos sobre leitos de seixos. Na encosta aflora o substrato xistoso.
O local encontra-se no interior da "Mata de Cabril", apresentando-se coberto pela densa mata climácica que justificou a classificação do vale do Cabril como "Área de Ambiente Natural / Zona de Protecção Total". Sítio abrigado mas sombrio, com fraca exposição a nascente, a visibilidade limita-se ao espaço imediato (menos de 100 m em redor).
O acesso faz-se pelo único caminho de pé posto que serve o vale do rio Cabril, correspondente à continuação do caminho que liga Lindoso a Vilarinho (ver NIG.081). Acesso condicionado, pois trata-se de Área de Ambiente Natural/Zona de Protecção Total.

E e F - Neste local encontra-se uma edificação semelhante à descrita no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051). Entre a cabana e o rio identificam-se dois pequenos recintos de planta sub-circular (área total cerca de 700 m^2), cercados por muro baixo de mamposteria, com grandes troços derrubados, que são currais anexos à cabana. Todas as construções estão abandonadas. Não se recolheu qualquer tipo de espólio. Ver comentários complementares em NIG.051. Não se verifica aqui os elementos relativos às referências documentais.

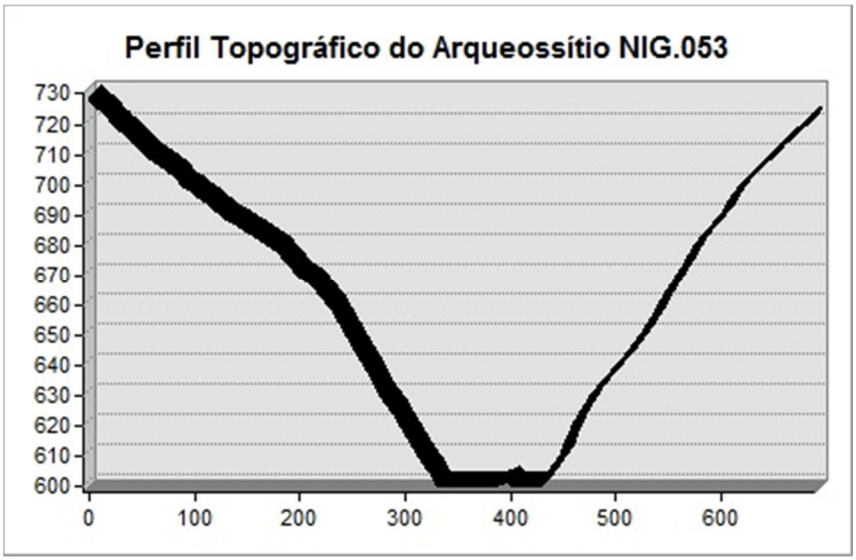
G - Ver descrição em NIG.051.

H - Inédito. Estampas LIIIa, LIIIb e LIIIc.

Estampa LIIIa



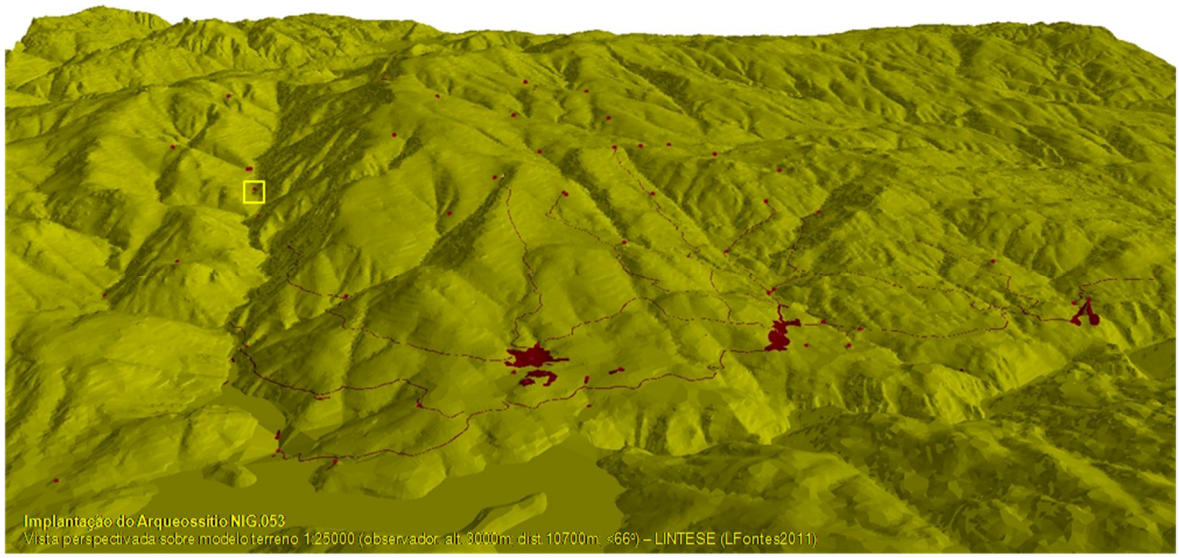
Localização de Arqueossítio NIG.053 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.053 extracto da Orto_17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIIIc



fotoNIG053a - Perspectiva da Cabana da Várzea

A - **Cabana do Janeiro (NIG.054)** - Cabana do Janeiro

B – Abrigo de pastor

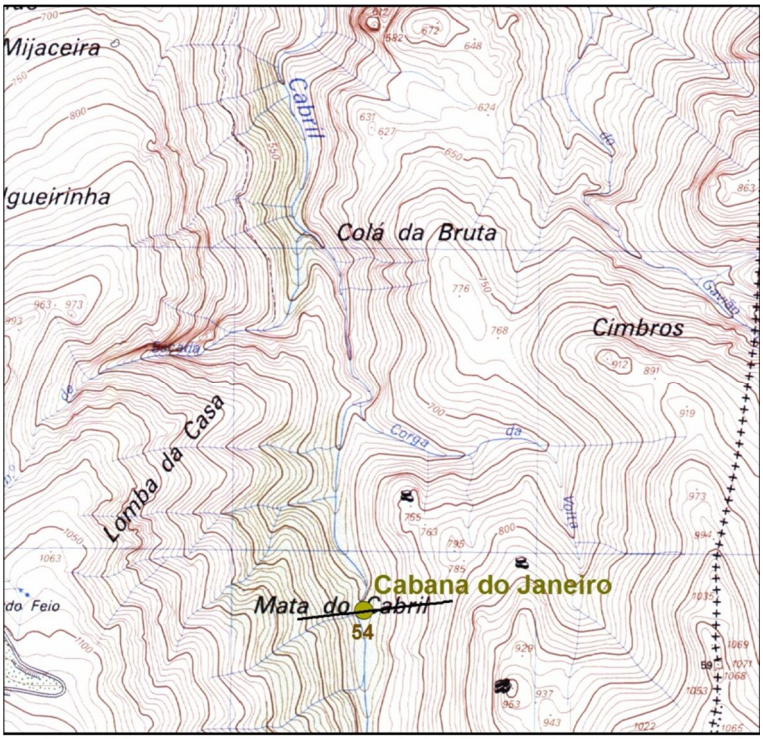
C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196314,60 / Y=540416,61 / Z=647; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se em fim de vertente, no fundo do apertado vale do rio Cabril, junto à sua margem direita, na base da encosta da Sanganheira. É uma zona de vale fechado, em garganta, com margens escarpadas. A pedregosidade é mediana, conservando-se manchas de solos humosos sobre leitos de seixos. O local é abrangido pela "Mata de Cabril", apresentando-se coberto pela densa mata climácica que justificou a classificação do vale do Cabril como "Área de Ambiente Natural/Zona de Protecção Total".
Nas encostas mais altas, muito declivosas, onde aflora o substrato rochoso granítico e se conservam poucos solos esqueléticos, crescem pequenas manchas de vegetação climácica, predominando sub-bosque de arbustivas. As espécies arbóreas não abundam, encontrando-se em fase de regeneração natural após violento incêndio ocorrido no princípio da década de 90 do século XX. Com uma visibilidade próxima limitada ao troço imediato do rio (menos de 100 m em redor), o sítio é abrigado mas pouco soalheiro, apesar da sua exposição a poente.
O acesso faz-se pelo único caminho de pé posto que serve o vale do rio Cabril, correspondente à continuação do caminho que liga Lindoso a Vilarinho (ver NIG.081). Acesso condicionado, pois trata-se de Área de Ambiente Natural/Zona de Protecção Total. Não existe sinalização.

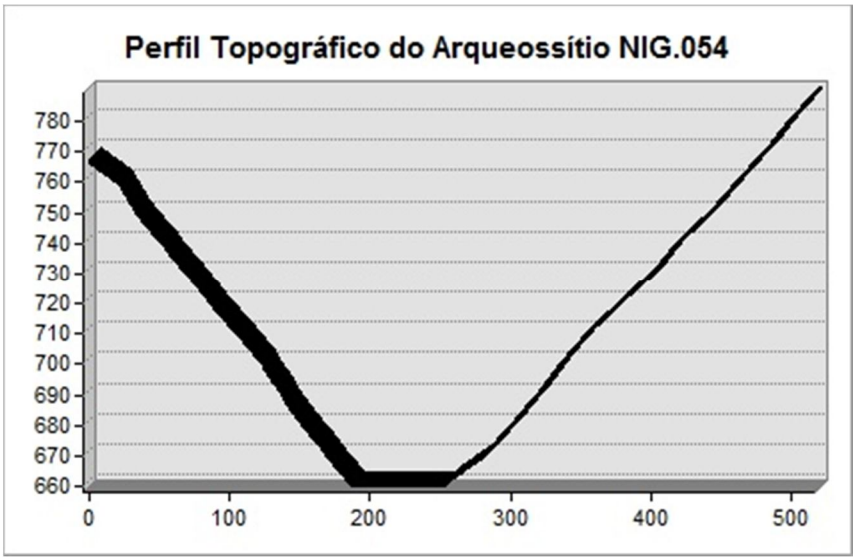
E, F e G - Ver descrições em NIG.051. Tem apenas um pequeno curral (menos de 300 m^2). Não se verifica aqui os elementos relativos às referências documentais.

H - Inédito. Estampas LIVa e LIVb.

Estampa LIVa



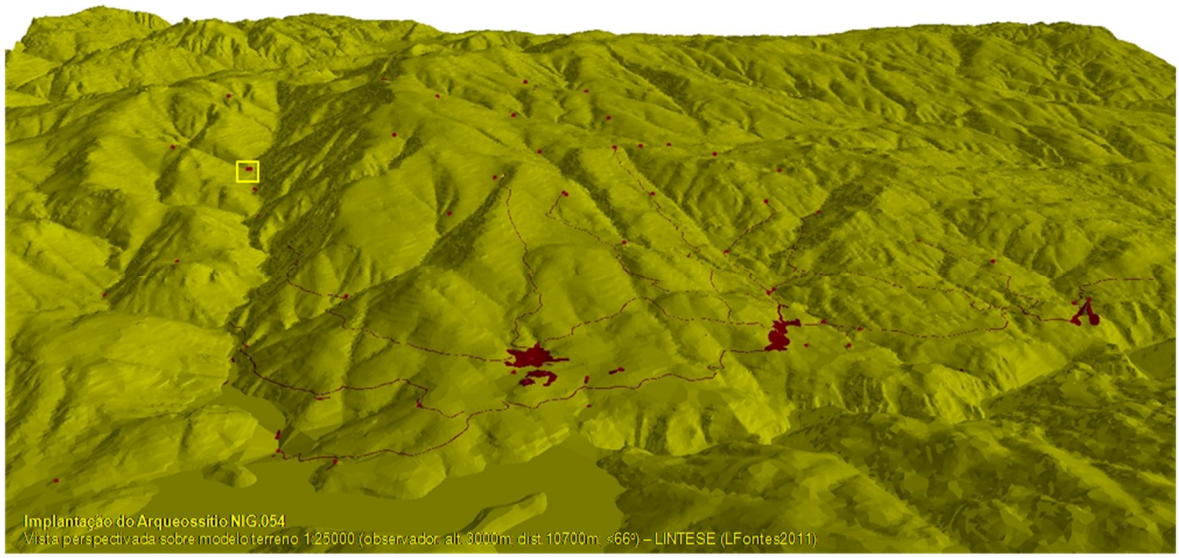
Localização de Arqueossítio NIG.054 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIVb



Localização de Arqueossítio NIG.054 extracto da Orto_17_4_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Cabana do Louro (NIG.055)** - Colado do Louro

B – Abrigo de pastor

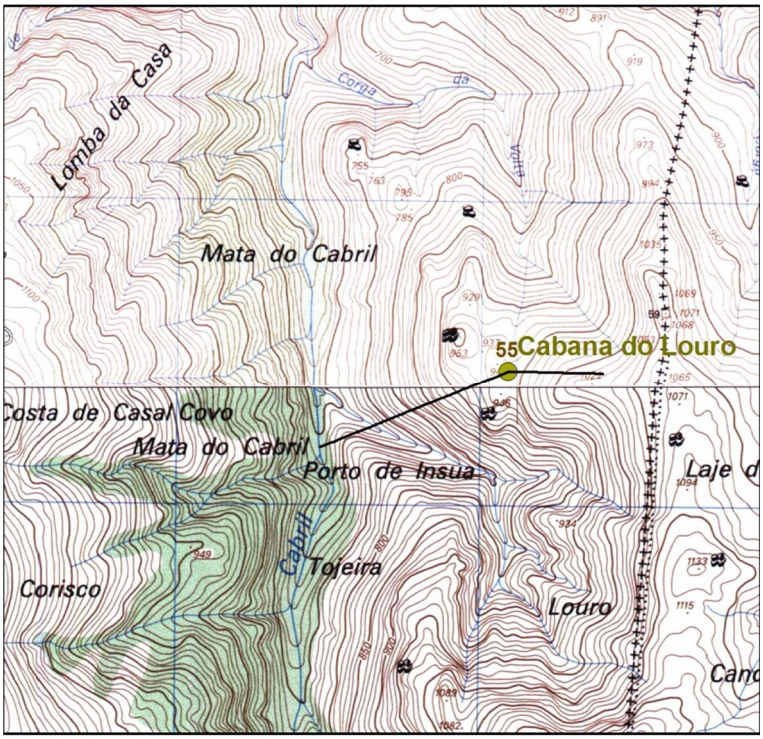
C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=196964,25 / Y=540047,63 / Z=941; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se no colado que liga o cume do Louro, um esporão alcantilado que pontua a margem direita do rio Cabril, à vertente mais alta da serra (cumes de Eiras e de Cruz dos Touros). É uma zona de meia vertente, sobranceira a um troço de vale fechado, em garganta, com margens escarpadas.
Na pequena chã a pedregosidade é mediana, conservando-se um solo não muito espesso que sustenta um prado natural. Nas encostas mais altas, muito declivosas, onde aflora o substrato rochoso granítico e se conservam poucos solos esqueléticos, crescem pequenas manchas de vegetação climácica, predominando sub-bosque de arbustivas (urze e carqueja). As espécies arbóreas não abundam, encontrando-se em fase de regeneração natural após violento incêndio ocorrido no Verão de 1988. Com exposição a nascente e S, do local disfruta-se uma ampla visibilidade de todo o vale do rio Cabril, do Ramisquedo até à confluência com o rio Lima.
O acesso, não sinalizado, é difícil, fazendo-se por caminho de pé posto a partir da cabana de Janeiro pela margem direita da Corga da Ínsua. Acesso condicionado, pois trata-se de Área de Ambiente Natural/Zona de Protecção Total da "Mata de Cabril".

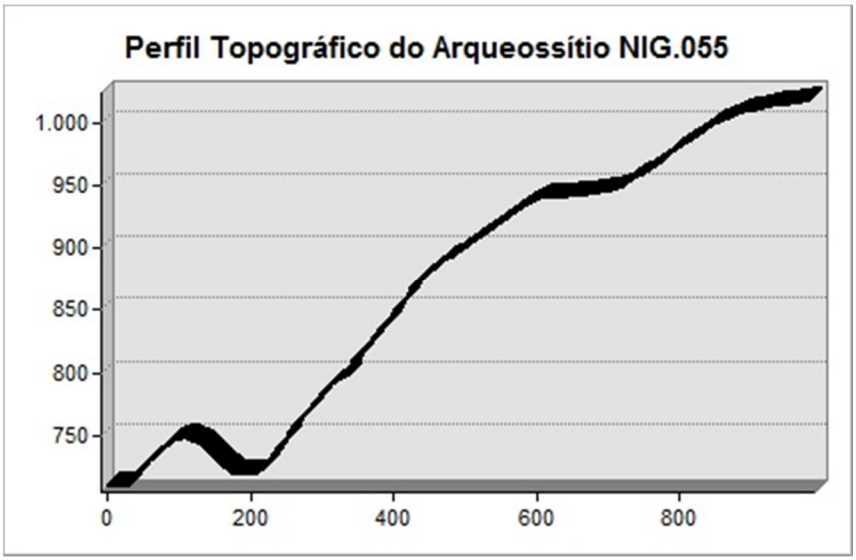
E, F e G - Ver descrições em NIG.051. Sem cobertura, a cabana está rodeada de giestas, que quase a ocultam. Acresce a existência de um curral anexo, com cerca de 800 m^2, delimitado por muro de mamposteria.

H - Inédito. Estampas LVa, LVb e LVc.

Estampa LVa



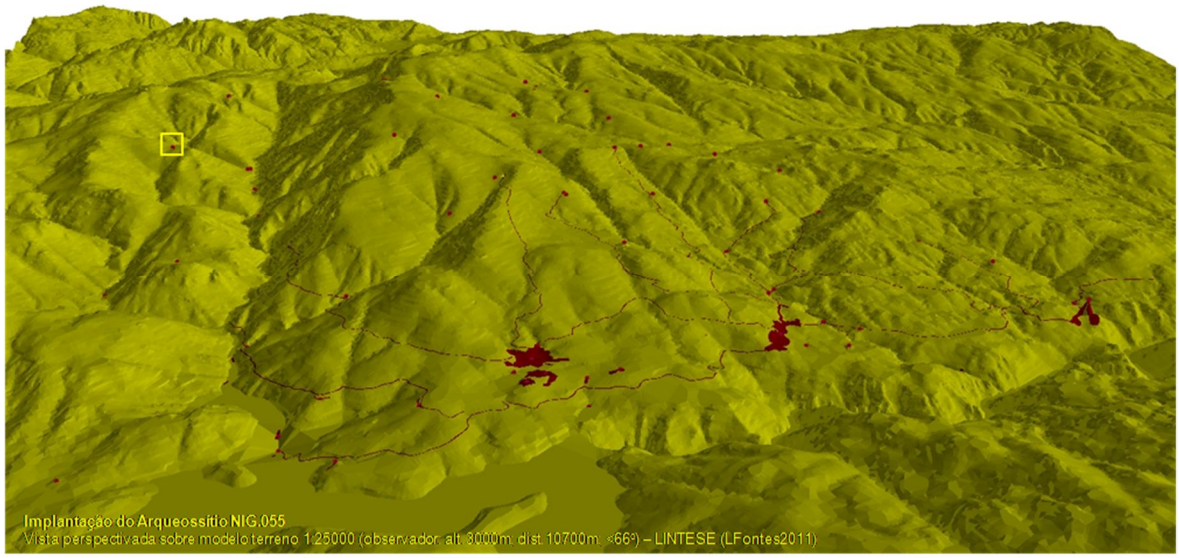
Localização de Arqueossítio NIG.055 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVb



Localização de Arqueossítio NIG.055 extracto da Orto_17_4_B-30_2_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVc



fotoNIG055a - Panorâmica sobre a Cabana do Louro

A - **Cabana da Messe do Testo (NIG.056)** - Curral Messe do Testo; Apertadinho

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194807,26 / Y=541876,85 / Z=775; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se numa ruptura côncava de meia vertente, na encosta norte da plataforma de erosão rematada pelo esporão de Lamelas, na separação dos vales do Cabril e Lima. Fica sobranceiro à pequena "concha" de Apertadinho, onde confluem as Corga da Bragada e Corga da Travanquinha, linhas de água que originam mais a juzante a Corga da Cerdeira. Exposto a Nordeste, disfruta de uma visibilidade limitada à confluência das linhas de água referidas, alargando-se pelas amplas e declivosas vertentes do Forcão e das Gralheiras até ao vale do Cabril. Para Oeste, Sul e Este a visibilidade "esbarra", respectivamente, nos cumes e encostas do Chamadouro, de Dexasco e Lamelas e na linha de festo da encosta da Forgueirinha.

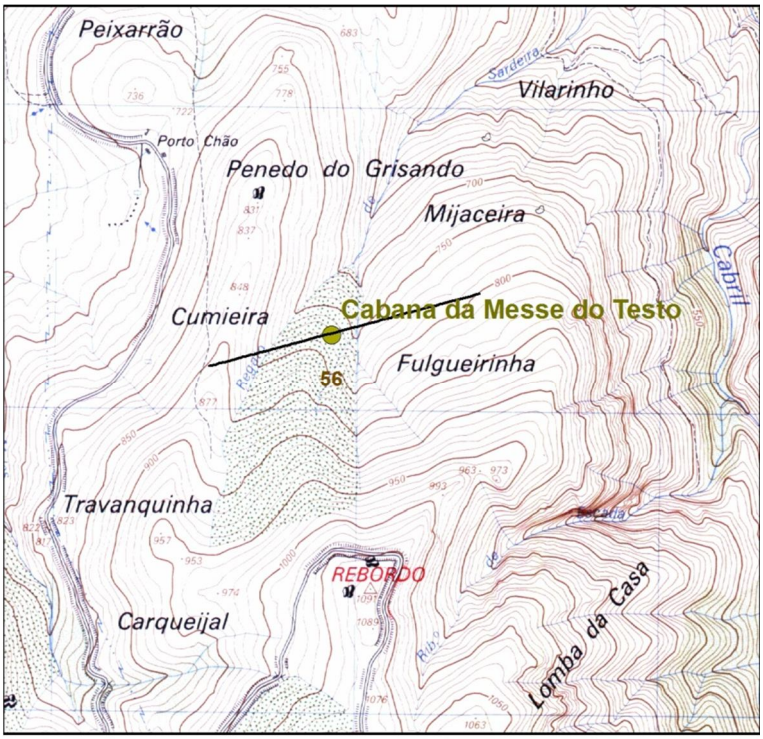
O substrato geológico é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade elevada. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Terreno inculto com uma cobertura vegetal escassa, dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueja). Subsistem raros pinheiros, lembrando planos de florestação antigos.

O acesso faz-se por caminho de pé posto, outrora carreteiro mas hoje mal conservado e pouco usado (ver NIG.082), que liga directamente à povoação de Lindoso pela portela da Saramagosa e Chã do Fojo. O sítio não está sinalizado.

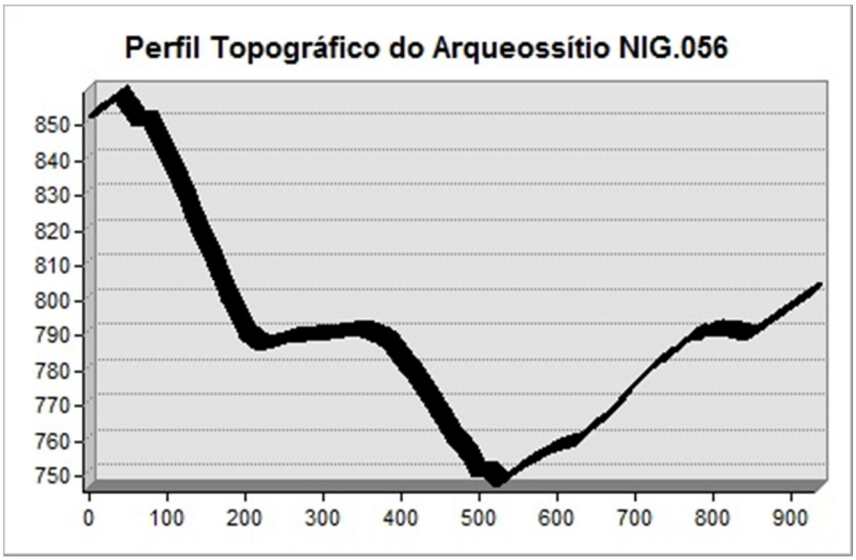
E, F e G - Ver descrições em NIG.051. Existe junto um curral de dimensões medianas, com cerca de 2100 m^2, de planta circular, delimitado por muro de mamposteria. Não se verifica aqui os elementos relativos às referências documentais.

H - Inédito. Estampas LXVIa e LXVIb.

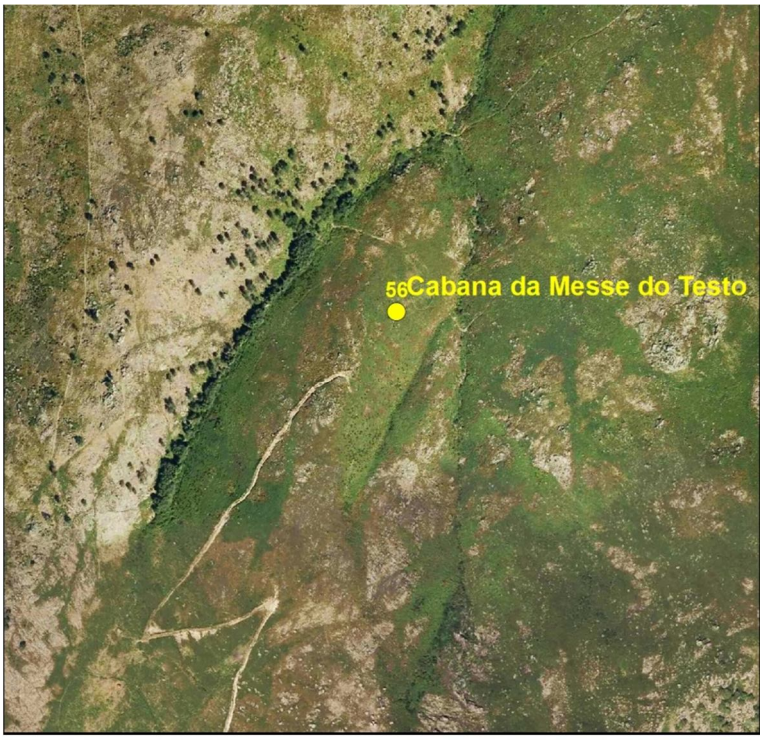
Estampa LVIa



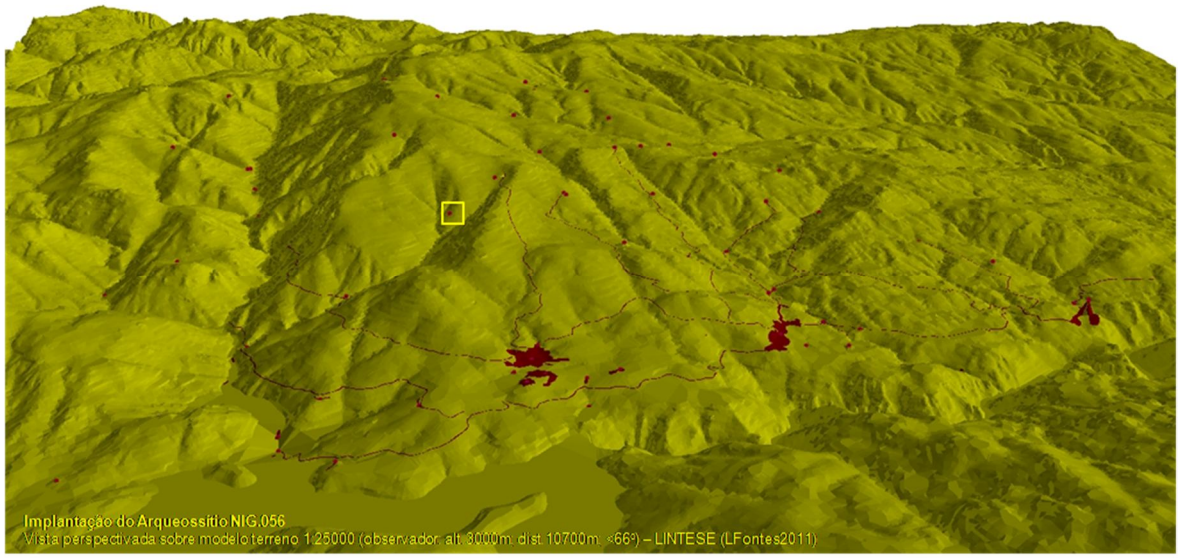
Localização de Arqueossítio NIG.056 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVIb



Localização de Arqueossítio NIG.056 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Cabana da Travanquinha (NIG.057)** - Cabana da Travanquinha

B – Abrigo de pastor

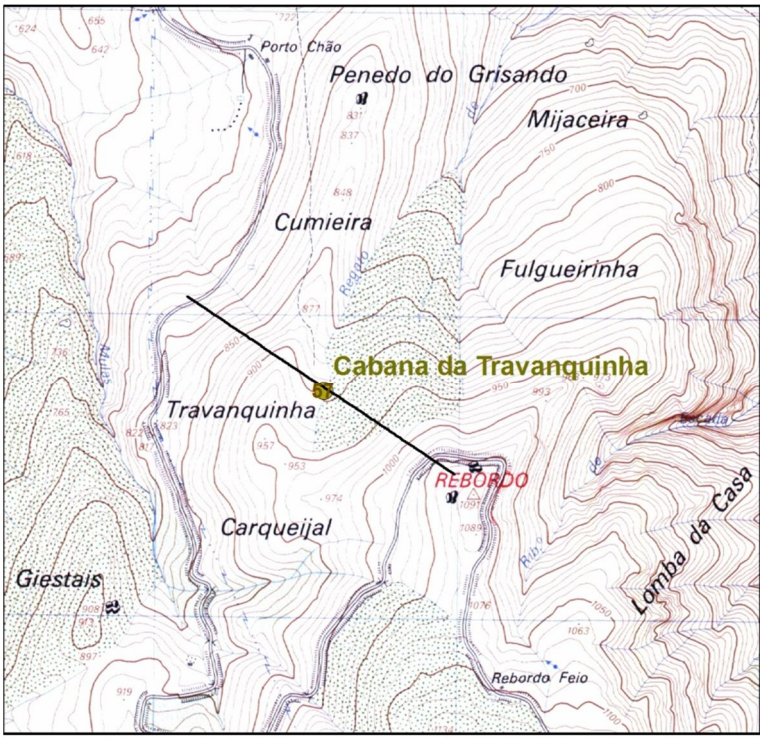
C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194442,20 / Y=541380,29 / Z=895; Lindoso

D - Este sítio localiza-se num topo de vertente correspondente à cabeceira de uma linha de água (Corga da Travanquinha), na encosta nordeste do cume de Dexasco. Abrigado a Sul pelo cume de Dexasco, o sítio expõe-se a Nordeste, disfrutando de uma visibilidade que se estende para Norte a todo o talvegue que acompanha a linha de água até à sua confluência final com o rio Cabril, abarcando as amplas e declivosas vertentes do Chamadouro, do Forcão, da Forgueirinha e das Gralheiras.
O substrato geológico é granítico, aflorando em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade elevada. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa, dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueija). Subsistem raros pinheiros, lembrando planos de florestação antigos.
O acesso faz-se por caminho carreteiro com amplos troços lajeados (ver NIG.082), que liga directamente à povoação de Lindoso pela portela de Peixerrão/Escuralha, mal conservado devido ao seu progressivo abandono por uso preferencial do estradão florestal Lindoso/Louriça. Não está sinalizado.

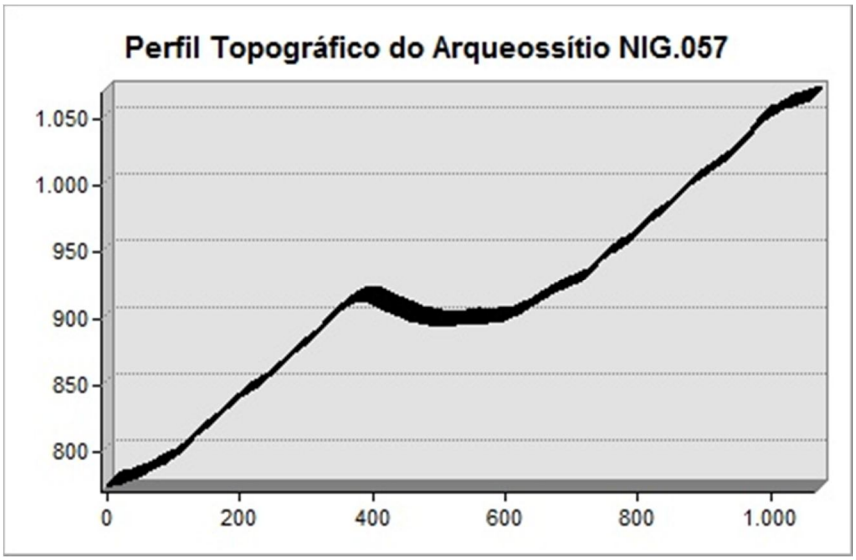
E, F e G - Ver descrições em NIG.051, embora não se verifiquem aqui os elementos relativos às referências documentais. Distingue-se por possuir um curral de grandes dimensões, com cerca de 10000 m^2. Está "feita", continuando a ser usada pelos pastores.

H - Inédito. Estampas LXVIIa, LVIIb e LXVIIc.

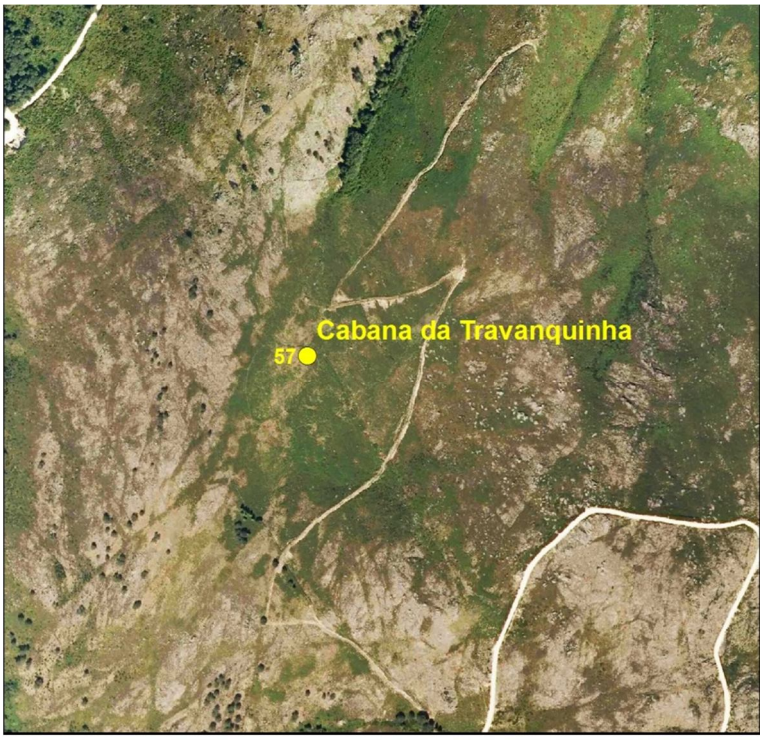
Estampa LVIIa



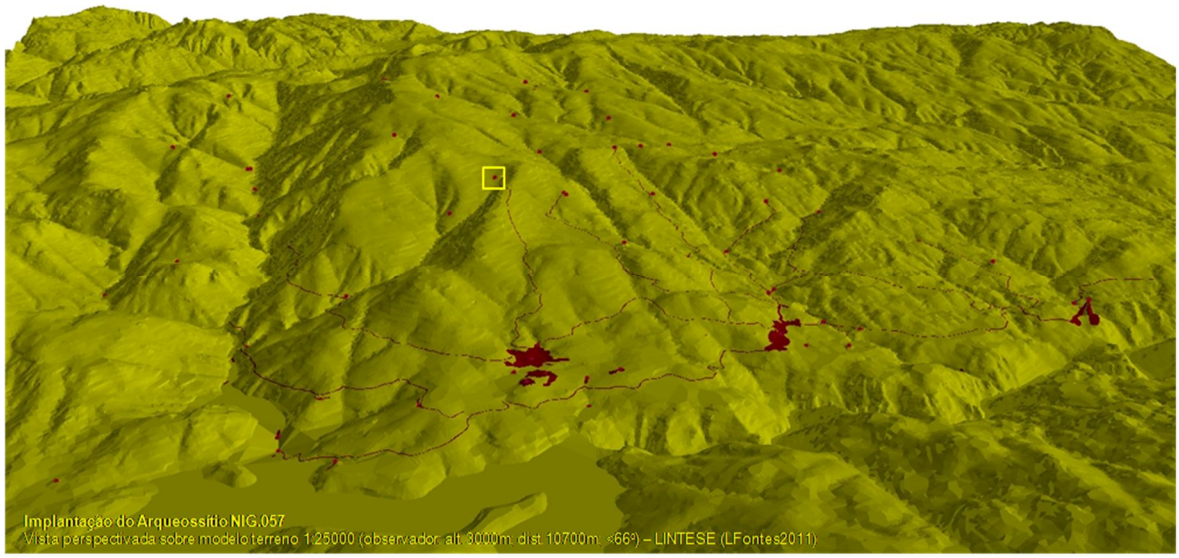
Localização de Arqueossítio NIG.057 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.057 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVIIc



fotoNIG057a - Panorâmica sobre a Cabana e Curral da Travanquinha, no fim do Verão



fotoNIG057b - Panorâmica sobre a Cabana e Curral da Travanquinha, no Inverno

A - **Cabanas de Rebordo no Feio (NIG.058)** - Rebordo no Feio

B – Abrigos de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195172,32 / Y=540524,56 / Z=1072; Lindoso (as coordenadas têm por referência a cabana central)

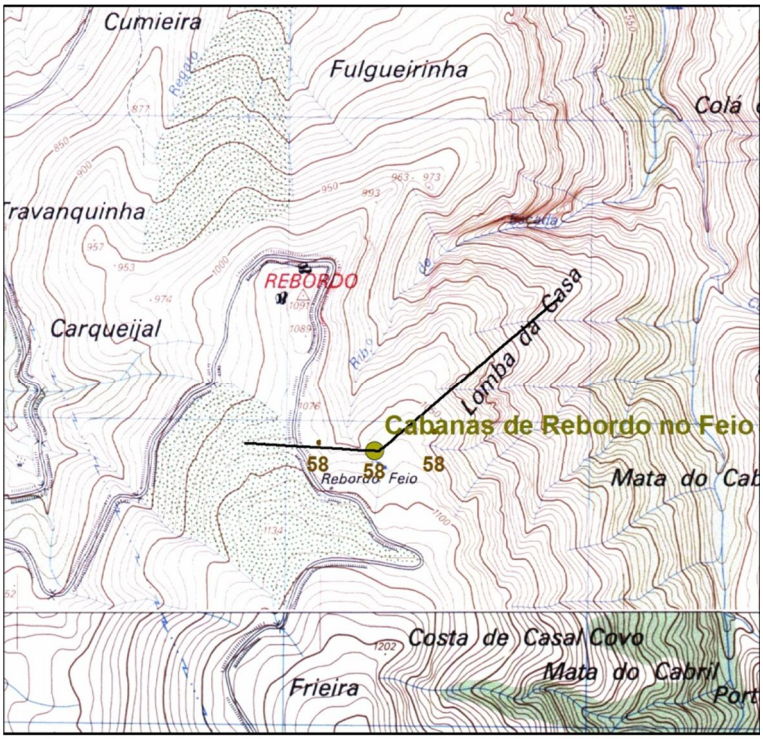
D - Este sítio fica num topo de vertente correspondente à cabeceira de uma linha de água (Ribeiro da Escada), na encosta norte do Alto do Corisco, na bordadura oeste do vale do rio Cabril. Abrigado no anfiteatro natural delimitado pelo cume de Lamelas, a Norte, pelo colado de Portela a Noroeste e lombas aplanadas de Rebordo no Feio a Sul e nascente, o sítio expõe-se a Nordeste, desfrutando de uma ampla visibilidade que se estende para N a todo o talvegue que acompanha a linha de água até à sua confluência com o rio Cabril, abarcando todo o terço final do vale deste rio e parte da confluência com o vale do rio Lima.
O substrato geológico é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade mediana. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa, dominada por herbáceas e arbustivas (urze e carqueja). Ao longo da linha de água desenvolve-se uma mancha arbórea climácica, que se adensa no escarpadíssimo troço final do ribeiro, integrando aí já a "Mata de Cabril".
O acesso, não sinalizado, faz-se pelo estradão florestal que liga a povoação de Lindoso às antenas da Louriça, ou pelo antigo caminho de pé posto que liga a cabana de Travanquinha ao Colado da Porta.

E, F e G - Neste local encontram-se três edificações semelhantes às descritas no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051), cada uma associada a um curral também semelhante aos já descritos em arqueossítios anteriores. As construções do extremo nascente, na margem esquerda da linha de água, estão derrubadas, conservando-se a base da cabana sem a parte superior torroada e o recinto murado do curral com cerca de 5300 m^2 de área. As construções ao centro do conjunto e as do extremo oeste, na margem direita da linha de água, conservam-se na totalidade, abarcando o curral central uma área próxima dos 4000 m^2 e o

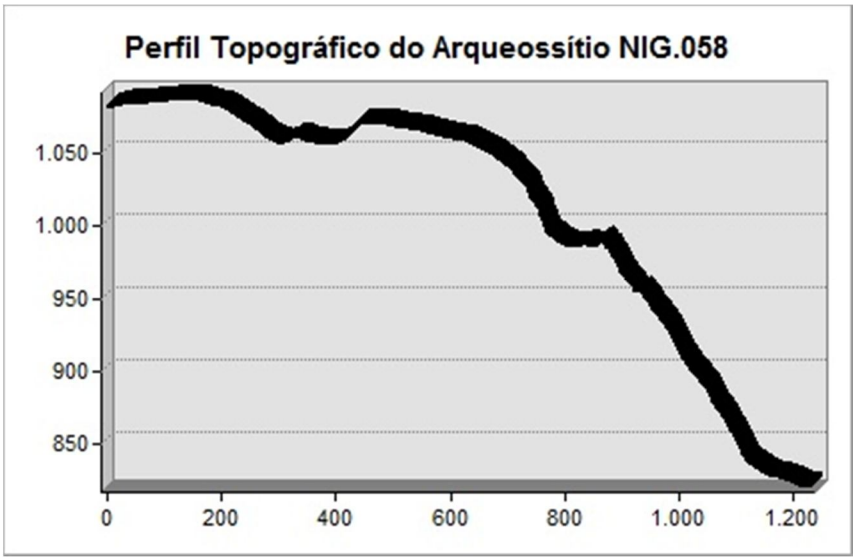
nascente cerca de 5600 m^2. Não se recolheu qualquer tipo de espólio. As cabanas e currais central e poente estão abandonados. A cabana e curral do topo nascente estão "feitos" e muito bem conservados, continuando a ser usados pelos pastores de Lindoso. Não se verifica aqui os elementos relativos às referências documentais.

H - Oliveira, Galhano e Pereira, 1994:179 + Figs.191-192. Estampas LXVIIIa, LXVIIIb e LXVIIIc.

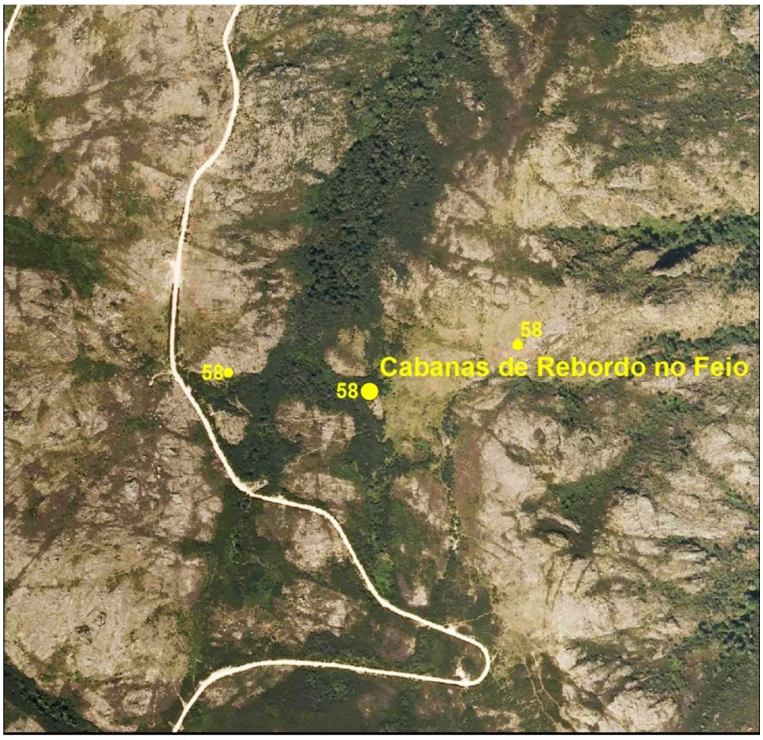
Estampa LVIIIa



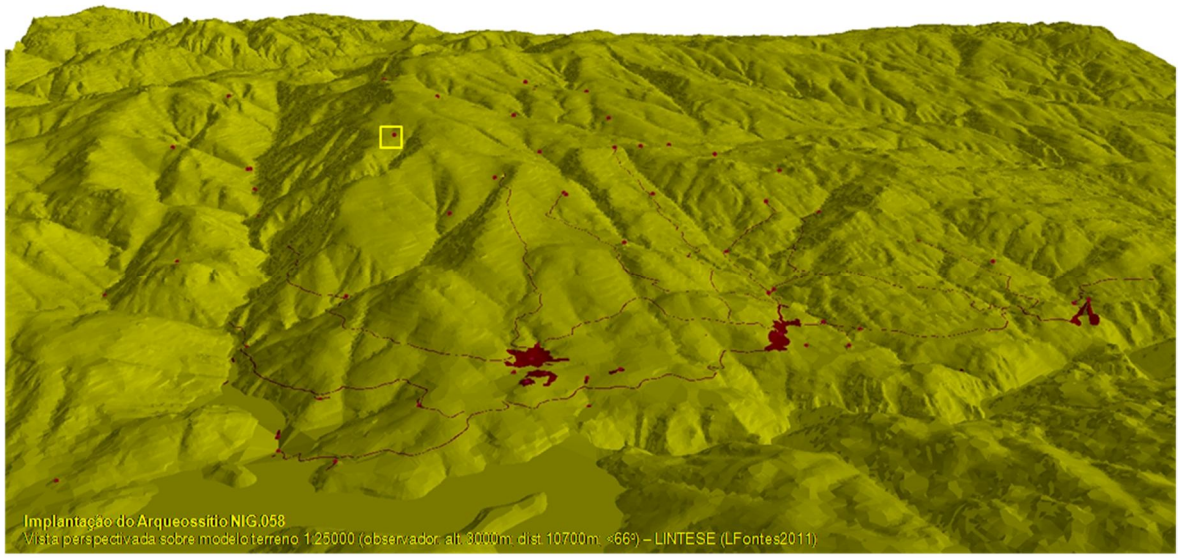
Localização de Arqueossítio NIG.058 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.058 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LVIIIc



fotoNIG058a - Panorâmica de Cabana e Curral de Rebordo no Feio

A - **Cabana do Braçal (NIG.059)** - Cabana do Braçal

B – Abrigo de pastor

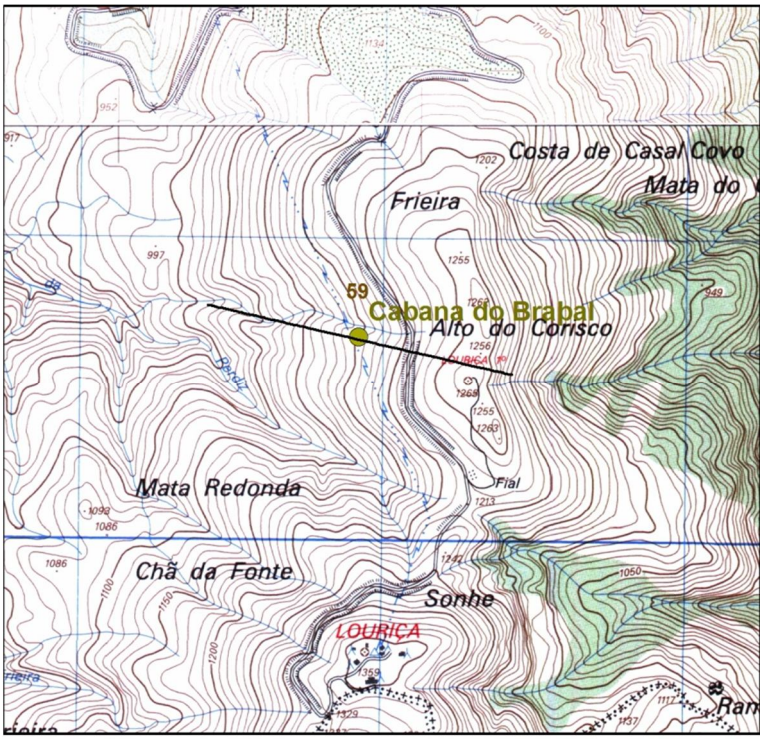
C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=194785,67 / Y=539295,92 / Z=1150; Lindoso

D - Este sítio fica a meia vertente, na encosta oeste da plataforma de erosão coroada pelo Alto do Corisco, cume que separa os vales dos rios Cabril e Lima. Fica encaixado junto a uma das linhas de água que vai juntar-se a jusante com o rio da Porta, designação do troço inicial do rio Froufe. Exposto a poente, desfruta de uma ampla visibilidade sobre toda a vertente noroeste da serra Amarela e vale do rio Lima, a Este limitada pelo Alto do Corisco.
O substrato geológico é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos, determinando uma pedregosidade elevada. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa, dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueja).
O acesso, não sinalizado, faz-se pelo estradão florestal que liga a povoação de Lindoso às antenas da Louriça, ou pelo antigo caminho de pé posto que liga a cabana de Travanquinha ao Colado da Porta.

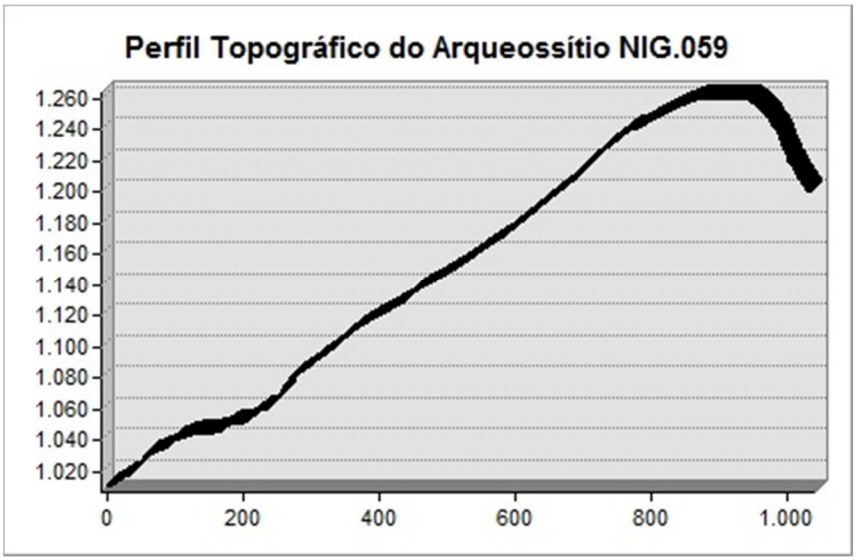
E, F e G - Ver descrições em NIG.051, embora não se verifiquem aqui os elementos relativos às referências documentais. Junto fica um curral de pequenas dimensões, com cerca de 1500 m^2, de planta circular delimitada por muro de mamposteria.

H - Inédito. Estampas LIXa e LIXb.

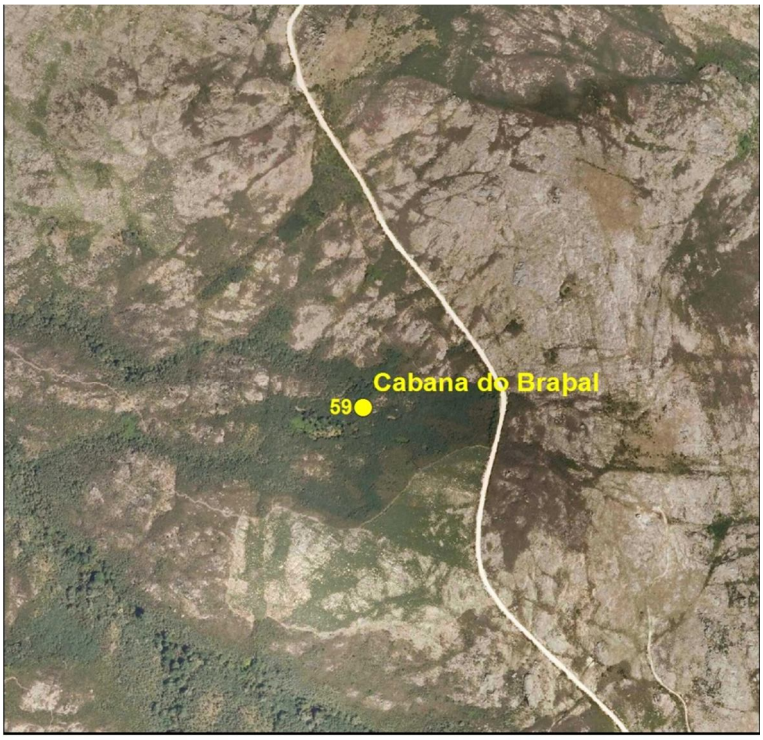
Estampa LIXa



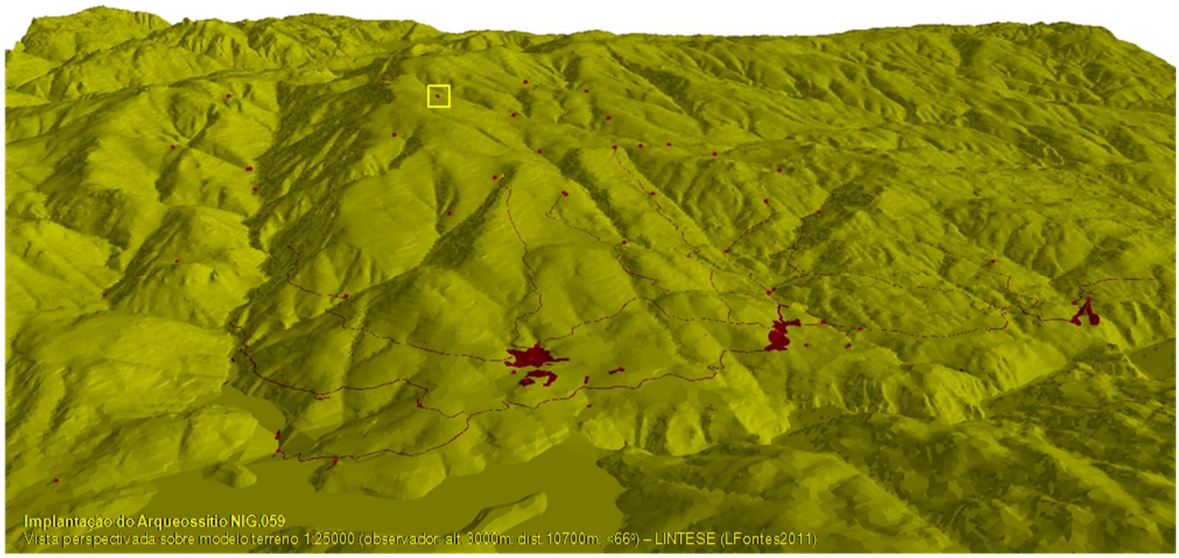
Localização de Arqueossítio NIG.059 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LIXb



Localização de Arqueossítio NIG.059 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Abrigo de Colado da Porta (NIG.060)** = Colado da Porta

B – Abrigo

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=195242,97 / Y=538781,70 / Z=1220; Lindoso

D - Ver descrição em NIG.038.

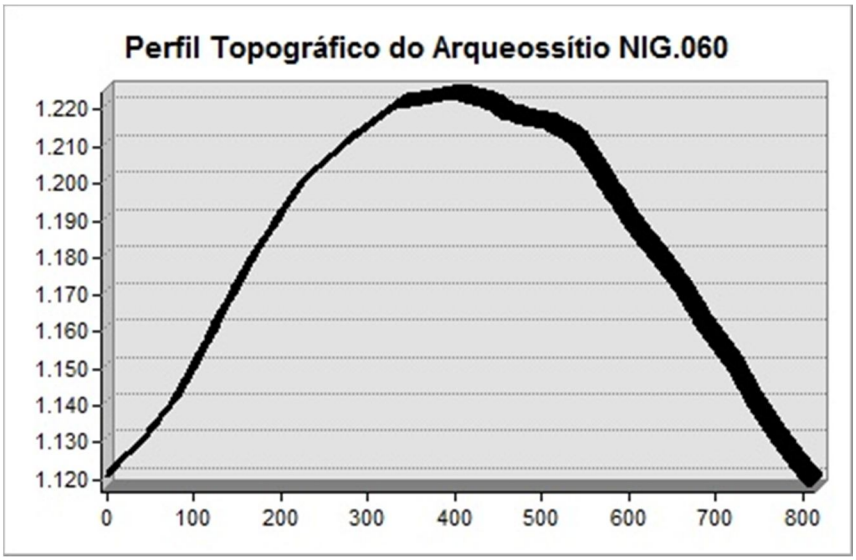
E, F e G - Neste local conserva-se, rematando o paredão setentrional do fojo de lobo (Fojo Velho - NIG.038), uma construção correspondente à parte inferior da descrita no arqueossítio NIG.051, mas de dimensões ligeiramente inferiores (diâmetro e altura interiores com cerca de 1,6 e 1,4 m, respectivamente). Não se recolheu qualquer tipo de espólio.
Trata-se de um simples abrigo, característico das serras do interior minhoto, destinado a proteger de tempestades e não para pernoitar, servindo uma ocupação episódica, como ainda hoje acontece.

H - Inédito. Estampas LXa, LXb e LXc.

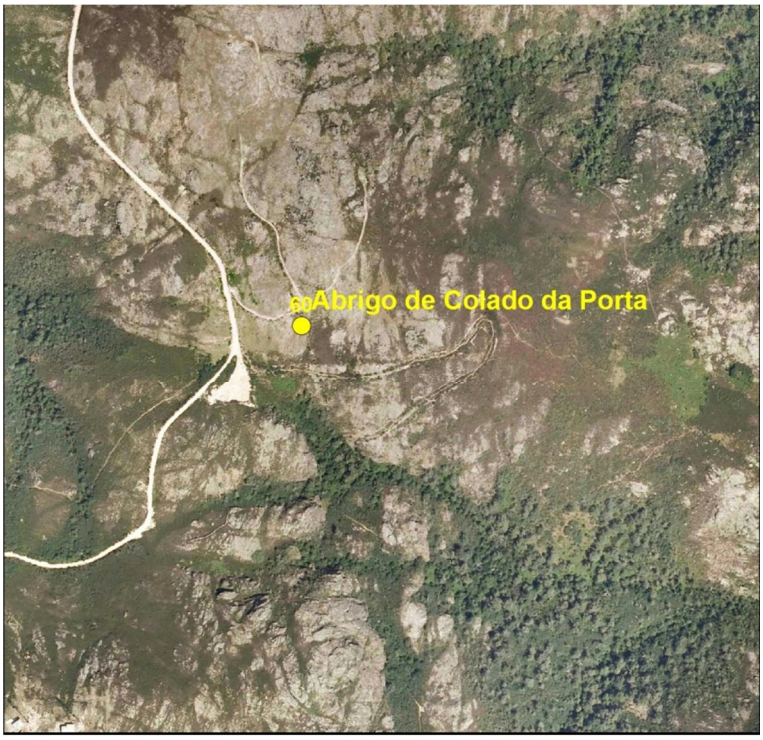
Estampa LXa



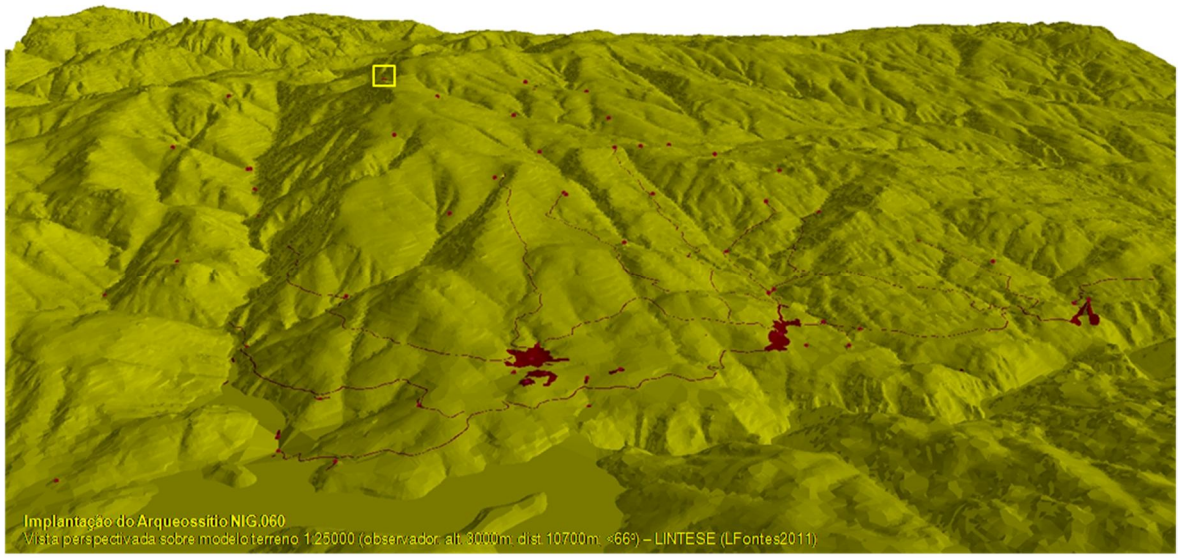
Localização de Arqueossítio NIG.060 extracto da fl.30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXb



Localização de Arqueossítio NIG.060 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXc



fotoNIG060a - Perspectiva do abrigo do Colado da Porta

A - **Cabana de Sone (NIG.061)** - Cabana de Sone

B – Abrigo de pastor

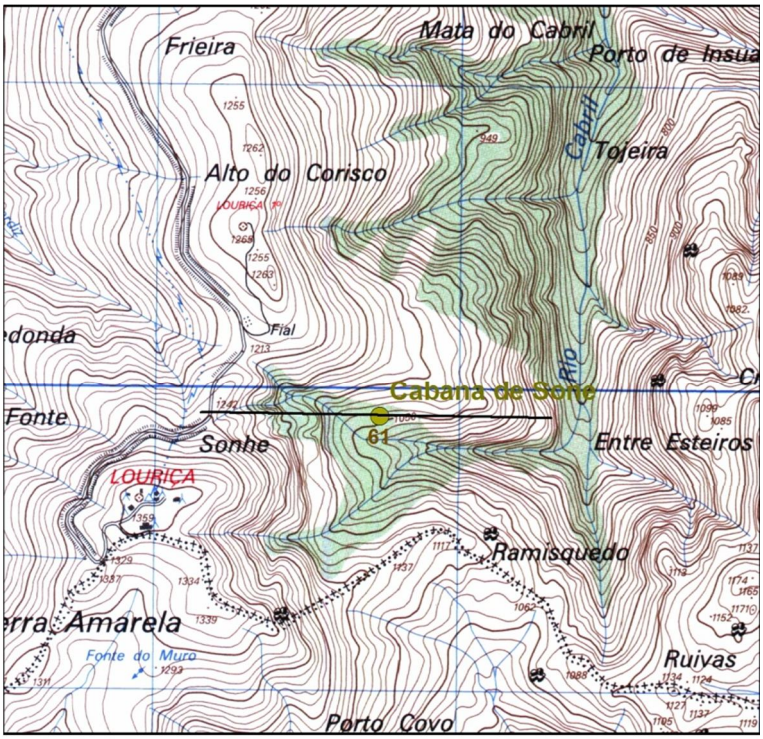
C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=195598,22 / Y=538522,62 / Z=1050; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se a meia encosta mas quase em fim de vertente, ao fundo da encosta sudeste do Fial, cume que prolonga para Norte a "pirâmide" granítica da Louriça, o ponto mais alto da serra Amarela. No bordo oeste da cabeceira do rio Cabril, fica sobranceiro à Buraca de Sone, funda ravina que drena as declivosas encostas dos cumes, dando curso a linhas de água que confluem para nascente, dando início ao curso do rio Cabril. Exposto a Sul, desfruta de uma ampla visibilidade, que se estende para nascente ao talvegue que acompanha a linha de água até à sua confluência com o rio Cabril, abarcando toda a cabeceira do vale deste rio e mais longe os cumes escarpados da serra do Gerês.
O substrato geológico é granítico, aflorando em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade mediana. Nas vertentes ravinosas evidenciam-se condições de erosão, identificando-se fenómenos localizados de solifluxão de pequena escala. Monte inculto, apresenta acima dos 1000 m uma cobertura vegetal escassa, dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueja). Abaixo dos 1000 m, particularmente ao longo das linhas de água, desenvolve-se uma mancha arbórea climácica, que se adensa no escarpadíssimo terço final da vertente, integrando aí já a "Mata de Cabril".
O acesso pode fazer-se a partir do estradão florestal que liga a povoação de Lindoso às antenas da Louriça, ou pelo antigo caminho de pé posto que liga as cabanas de Rebordo no Feio a Sone por Curral Couvo. Não existe sinalização.

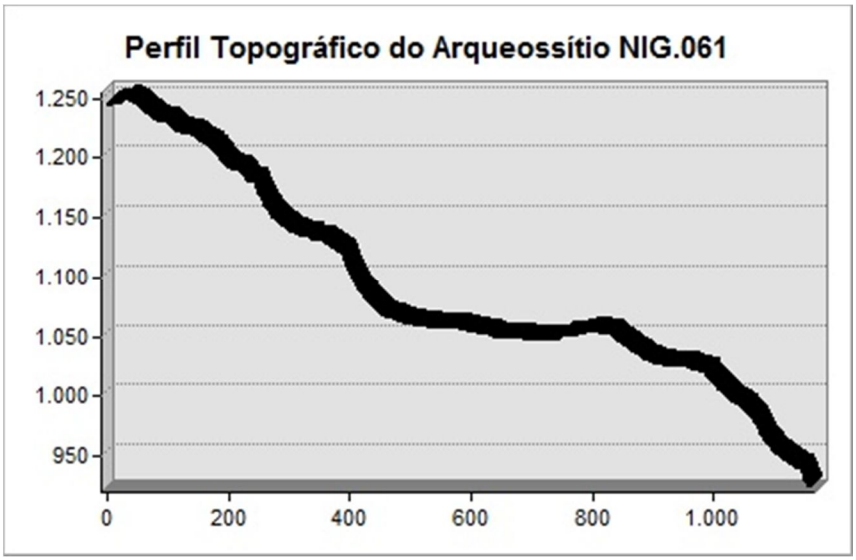
E, F e G - Ver descrições em NIG.051. Não se verificam aqui os elementos relativos às referências documentais.

H - Inédito. Estampas LXIa, LXIb e LXIc.

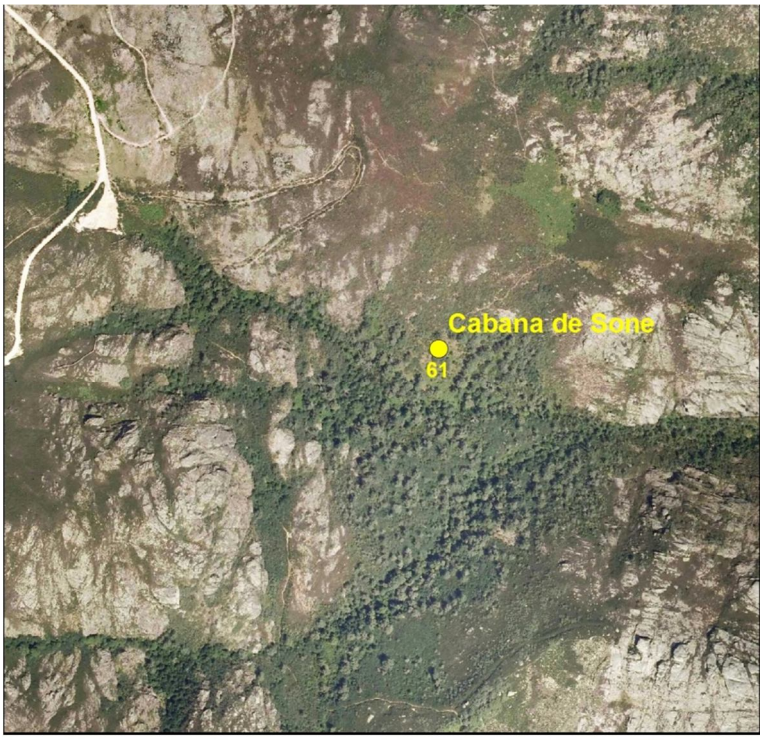
Estampa LXIa



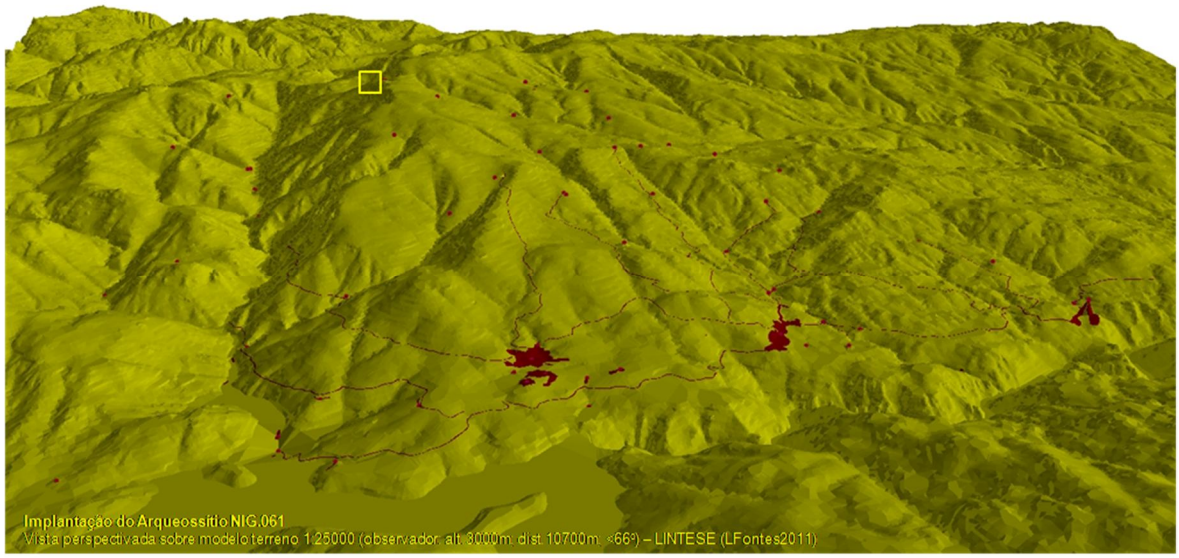
Localização de Arqueossítio NIG.061 extracto da fl.30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIb



Localização de Arqueossítio NIG.061 extracto da Orto_30_2_A-B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIc



fotoNIG061a - Panorâmica sobre a Cabana de Sone, vista da Louriça

A - **Cabana de Ti João Hilheno (NIG.062)** - Porto Chão

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193649,28 / Y=542430,33 / Z=660; Parada

D - Este sítio situa-se na bordadura setentrional de uma bacia de sedimentação formada pela suave ruptura côncava da pendente da encosta oeste do Chamadouro, correspondente ao amplo anfiteatro natural de Porto Chão. A visibilidade estende-se à totalidade da "concha" do anfiteatro, abrindo para poente sobre a inflexão do curso do rio da Feicha na mesma direcção até à sua confluência com o rio do Couto.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é diminuta, não se evidenciando condições erosivas, podendo até considerar-se a existência de sedimentação potenciada pela armação do terreno em largos terraços que acompanham regularmente as curvas de nível.
A área apresenta uma cobertura vegetal rasteira, dominada por herbáceas e arbustivas de pequeno porte (urzes e tojo). O sítio está globalmente exposto a Sul e poente, sendo por este lado sobranceiro ao rio da Feicha, que corre aqui de Sul para Norte, em funda ravina limitando abruptamente a chã.
O acesso pode fazer-se pelos vários carreiros de pé posto que servem a chã a partir da casa do guarda (junto ao caminho Lindoso/Louriça), ou ainda pelo caminho lajeado que vem da aldeia de Parada, hoje pouco usado (ver NIG.083). O sítio não está sinalizado.

E - Neste local conserva-se uma construção correspondente à parte inferior da descrita no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051), mas de dimensões ligeiramente inferiores (diâmetro e altura interiores de 1,5 e 1,6 m, respectivamente) e com um anexo lateral, tipo pequeno alpendre, de planta sub-rectangular, com comprimento, largura e altura inferiores a 1 m. Está associado a um curral de médias dimensões, com cerca de 5000 m^2), de planta sub-rectangular, delimitada por muro de mamposteria. Não se recolheu qualquer tipo de espólio.

F - Trata-se de um abrigo de pastor mais elaborado que todos os outros identificados em Lindoso, mas que não deixa por isso de se inscrever no mesmo modelo característico das serras minhotas. Para além de proteger de tempestades serve também para pernoitar, conhecendo uma ocupação recorrente, como ainda hoje acontece.

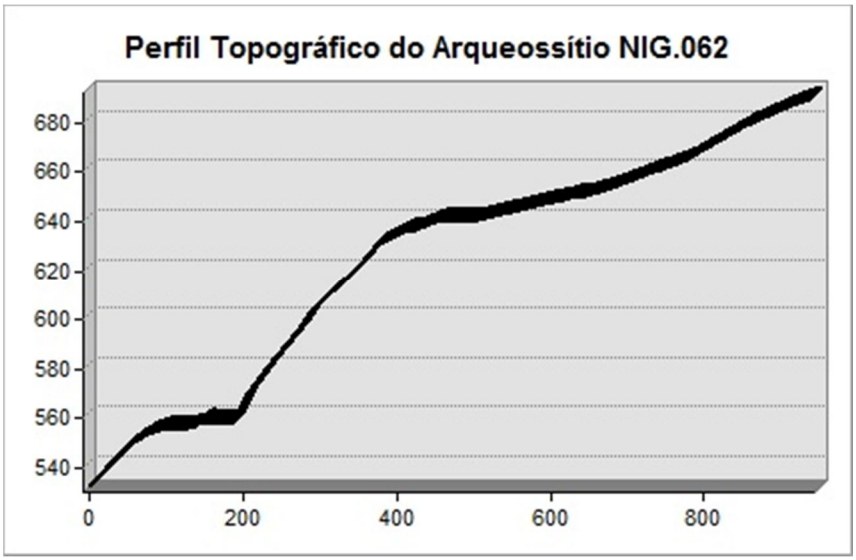
G - Relativamente a este descritor, ver ainda a Cabana do Gavião (NIG.051), embora não se verifiquem aqui os elementos relativos às referências documentais. A sua conservação parece estar assegurada pois é abrangido pela área de protecção que acompanha a proposta de classificação de Monumento Nacional do "Complexo arqueológico de Porto Chão", constante do Plano de Ordenamento do PNPG (PO-PNPG, 1995:74).

H - InvArqPNP-G (ficha nº 074). Estampas LXIIa, LXIIb e LXXIc.

Estampa LXIIa



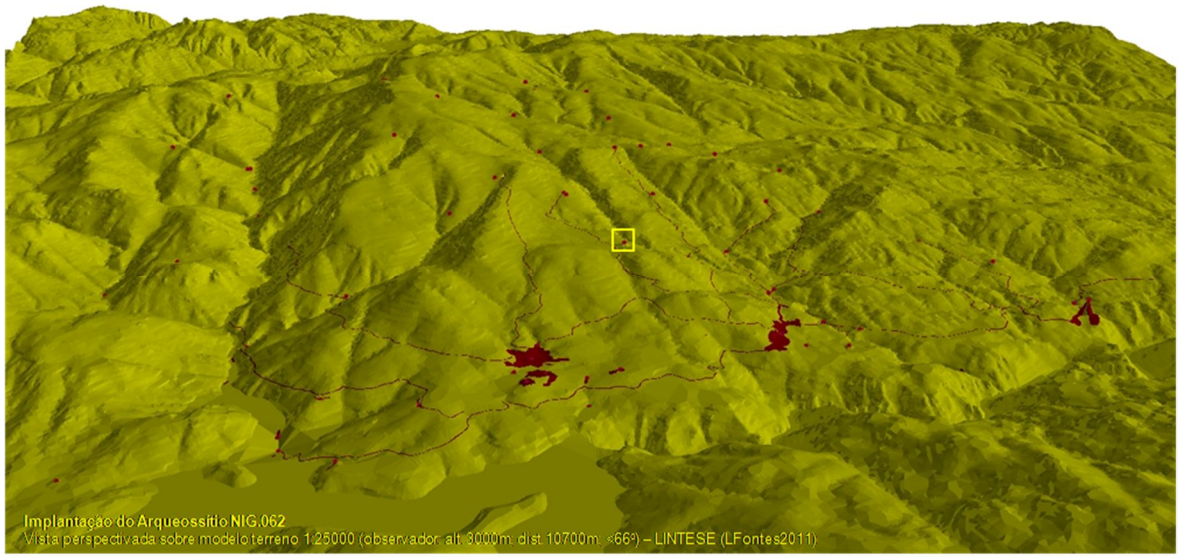
Localização de Arqueossítio NIG.062 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIIb



Localização de Arqueossítio NIG.062 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIIc



fotoNIG062a - Cabana de Ti João Hilheno

A - **Abrigo de Aradoiro (NIG.063)** - Poça de Aradoiro

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193933,86 / Y=541596,19 / Z=795; Parada

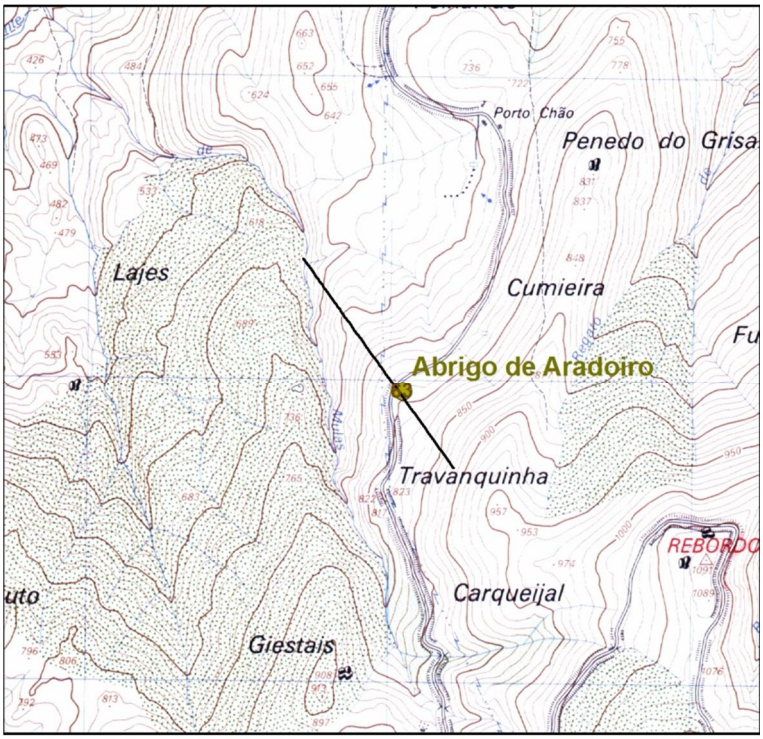
D - Este arqueossítio situa-se em pequena ruptura convexa de vertente, a meio da encosta do Aradoiro (vertente noroeste do cume de Dexasco), ficando sobranceiro à bordadura meridional do anfiteatro natural de Porto Chão, pouco acima do início de uma linha de água que corre de SE para NO em direcção ao rio da Feicha. A visibilidade abrange a totalidade da "concha" do anfiteatro de Porto Chão, estendendo-se para o quadrante norte até ao vale do rio Lima e contrafortes da serra da Peneda.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em pequenas extensões. A pedregosidade é mediana, assinalando-se alguns pequenos alinhamentos irregulares de blocos graníticos. Monte inculto, apresenta vastas zonas cobertas por herbáceas e por arbustivas (tojo e urze) e pequenas bolsas arbóreas de pinheiros, sobreviventes dos antigos planos de florestação. Nas zonas arborizadas regista-se alguma sedimentação, ao contrário da restante área onde se verificam perdas de solo.
O acesso, não sinalizado, pode fazer-se directamente a partir do estradão Lindoso/Louriça.

E - Neste local conserva-se, acoplada a massas graníticas que afloram em grandes blocos boleados, uma construção semelhante às de Colado da Porta e de Ti João Hilheno (NIG.060 e 062), mas de feitura muito mais tosca, com poucas lajes graníticas sobrepostas deixando juntas abertas. De planta sub-quadrada, com cerca de 2 x 2,5 m, aproveita como parede um dos maiores penedos. A entrada abre-se a nascente. Não se recolheu qualquer tipo de espólio.

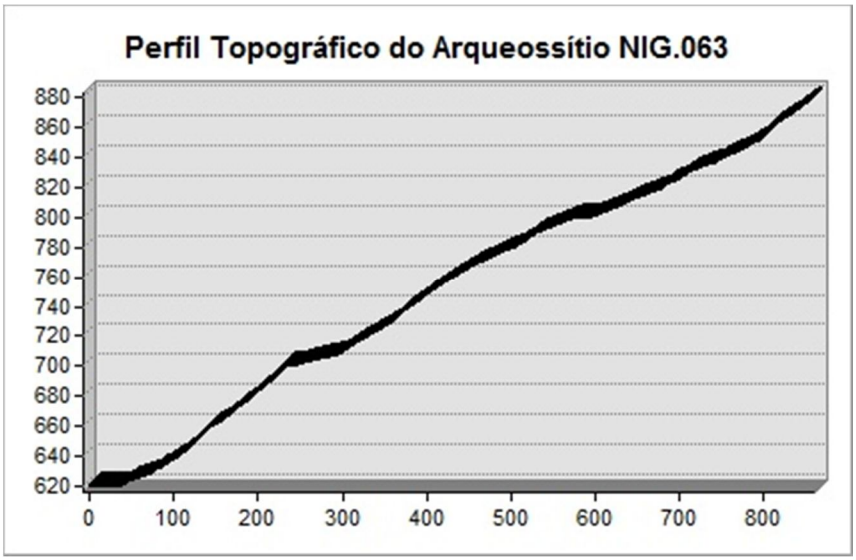
F e G - Ver descrições em NIG.060. Deve notar-se que não é usado, apresentando-se bastante mal conservado.

H - Inédito. Estampas LXXIIIa, LXIIIb e LXXIIc.

Estampa LXIIIa



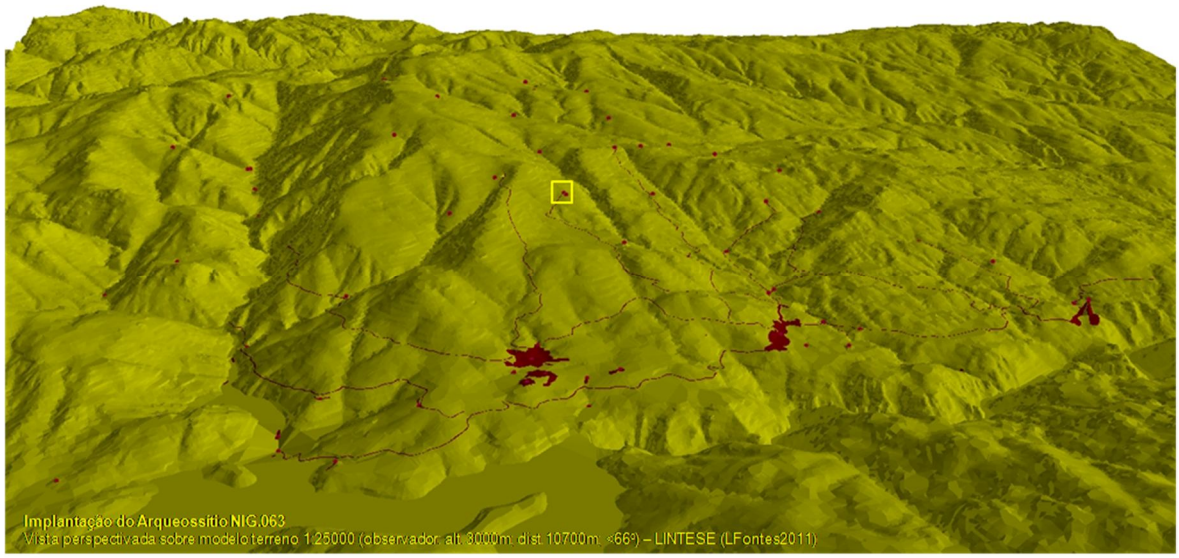
Localização de Arqueossítio NIG.063 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.063 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIIIc



fotoNIG063a - Cabana de Aradoiro

A - **Cabana de Bogalhedo (NIG.064)** - Cabana de Bogalhedo

B – Abrigo de pastor

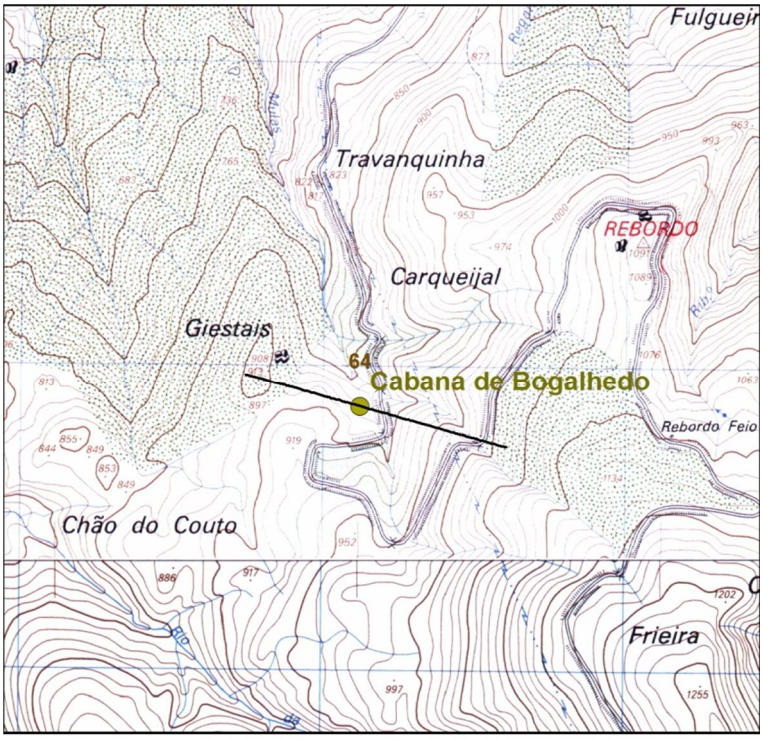
C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194,002,56 / Y=540499,05; Z=873; Parada

D - Este sítio localiza-se em pequena ruptura convexa de vertente, a meia encosta, no fundo do anfiteatro natural correspondente à cabeceira das nascentes do rio de Mulas (da Feicha mais a montante), delimitado pela lomba do Torrão dos Souteiros a poente, pela linha de festo aplanado das Chãs, a Sul, pela vertente da Encosta da Cabana a nascente e pelo cume de Dexasco, a Nordeste. Sobranceiro à confluência da Corga do Eirinho das Antas com o rio de Mulas, o sítio expõe-se a NE, desfrutando de uma visibilidade limitada ao apertado talvegue que acompanha o rio de Mulas / Feicha até à sua inflexão para nascente nas proximidades de Porto Chão.
O substrato geológico é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade mediana. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Monte com ocupação mista, apresenta na zona inculta, dominante, uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze, giesta e tojo). Na zona florestada, o coberto arbóreo distribui-se por talhões com densos povoamentos de bétulas e de pinheiros. Nas mais fundas e inacessíveis zonas junto às linhas de água desenvolvem-se pequenos bosquetes de vegetação climácica.
O acesso faz-se hoje pelo estradão florestal que liga a povoação de Lindoso às antenas da Louriça, fazendo-se antigamente por caminho de pé posto desde Porto Chão. Não está sinalizado.

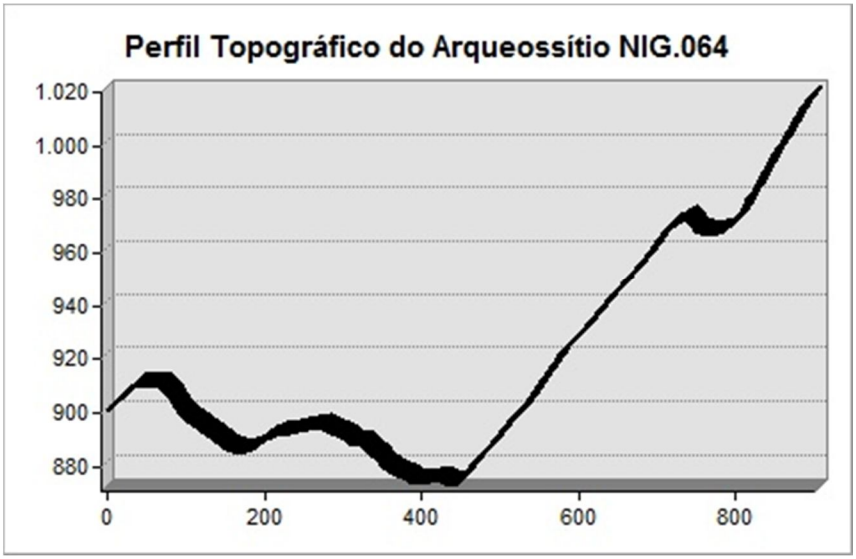
E, F e G - Ver descrições em NIG.051. Possui um curral de planta sub-circular, com cerca de 9000 m^2, delimitado por muro de mamposteria parcialmente derrubado. No Inverno de 1996, devido a chuvas mais intensas que o habitual, o lado SO da cabana ruiu, deixando o miolo interior à vista. Foi restaurada pela população de Lindoso.

H - Oliveira, Galhano e Pereira 1994: 180 + Fig.189. Estampas LXIVa, LXIVb e LXIVc.

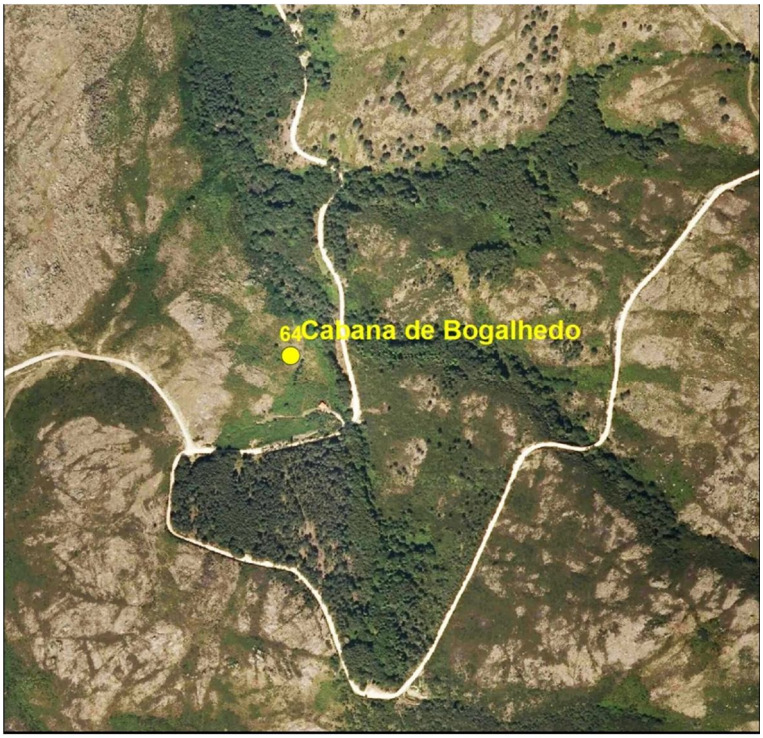
Estampa LXIVa



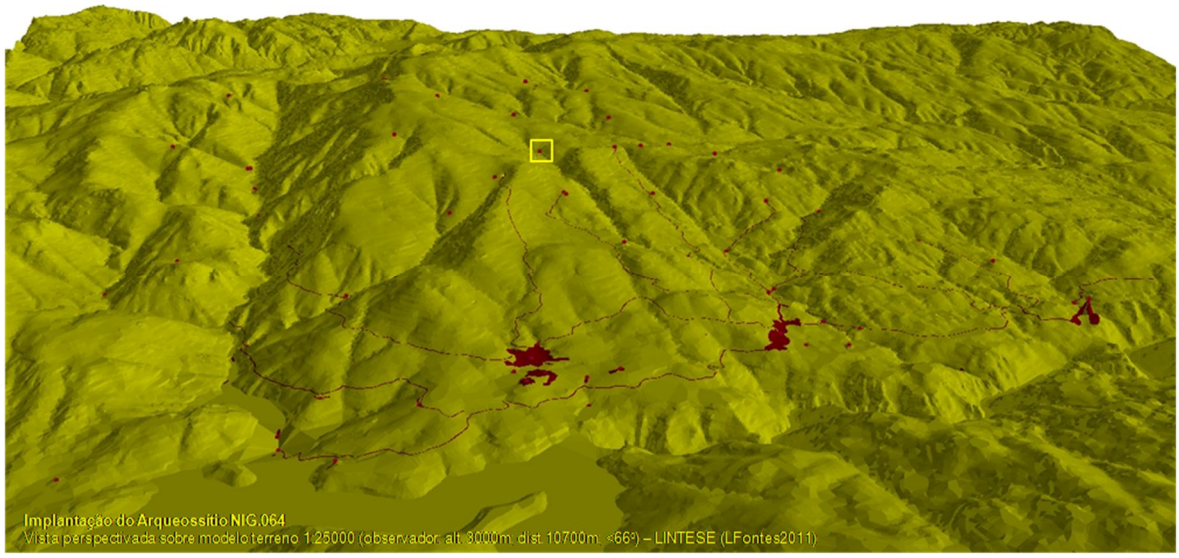
Localização de Arqueossítio NIG.064 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIVb



Localização de Arqueossítio NIG.064 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIVc



fotoNIG064a - Cabana de Bogalhedo



fotoNIG064a - Cabana de Bogalhedo, parcialmente aluída no Inverno de 1996

A - **Cabana de Frieira (NIG.065)** - Cabana de Frieira

B – Abrigo de pastor

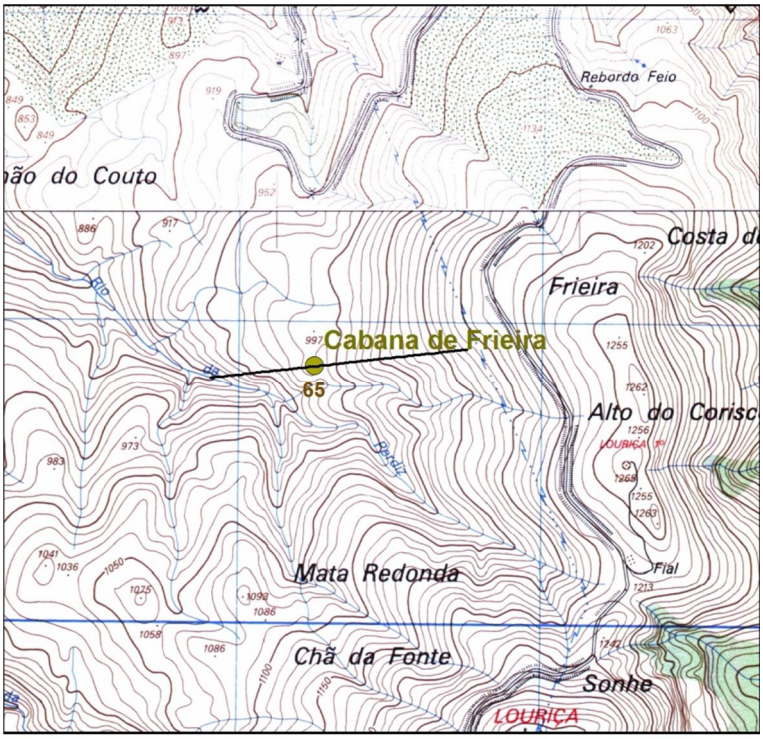
C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=194116,39 / Y=539482,38 / Z=990; Parada

D - Este sítio situa-se a meia vertente, numa ruptura côncava que antecede um amplo aplanamento de erosão, na encosta oeste do cume igualmente aplanado do Alto do Corisco. Fica sobranceiro à confluência da Corga da Louriça/Braçal com o rio da Porta, designação do troço inicial do rio Froufe. Exposto a Sul, desfruta de uma ampla visibilidade que se estende para nascente à cabeceira que enforma a linha de água até ao cume da Louriça, alargando-se para poente à vertente da serra Amarela e para NO à abertura do talvegue e ao vale do rio Lima. O substrato geológico local é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade mediana. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueja).
O acesso ao sítio, não sinalizado, faz-se a "corta-mato" a partir do estradão florestal que liga a povoação de Lindoso às antenas da Louriça, ou pelo antigo caminho de pé posto que liga à cabana de Bogalhedo.

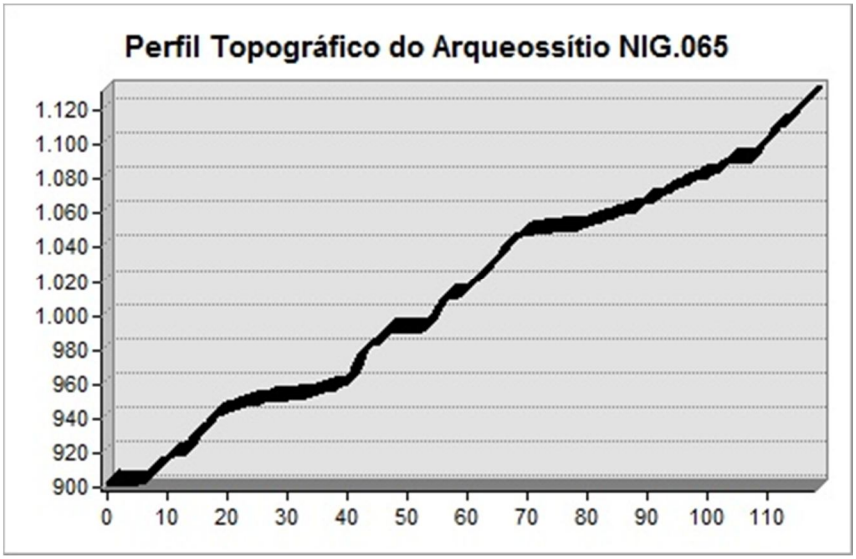
E, F e G - Ver descrições no arqueossítio Cabana da Travanquinha (NIG.057).

H - Inédito. Estampas LXVa, LXVb e LXVc.

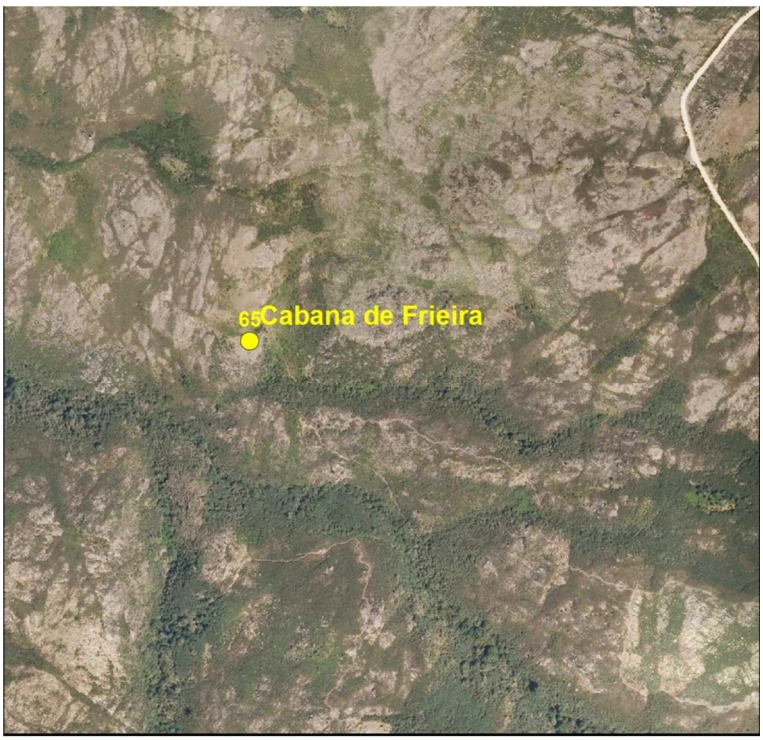
Estampa LXVa



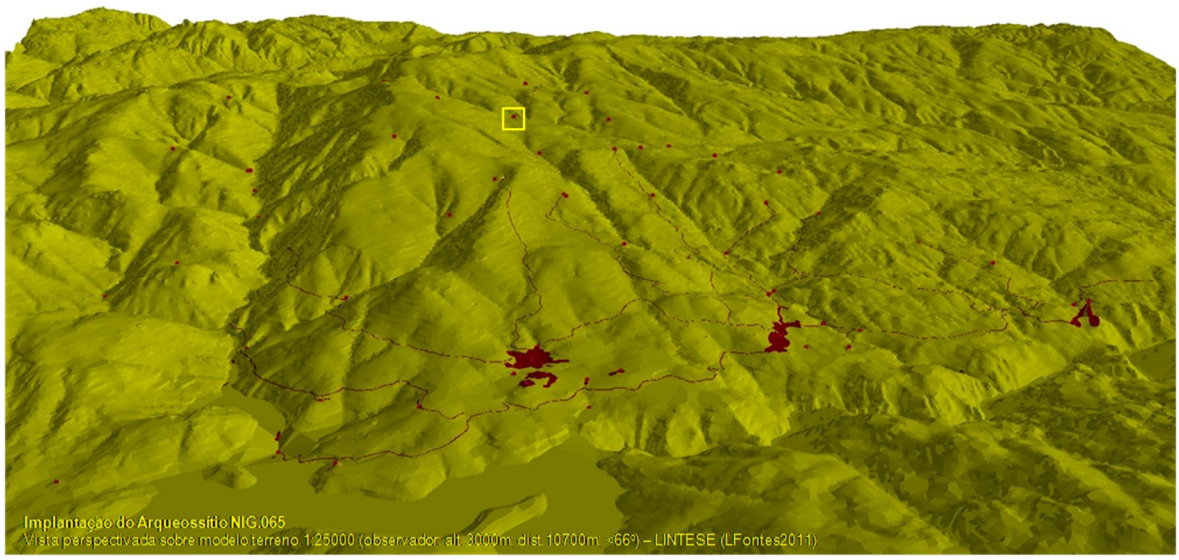
Localização de Arqueossítio NIG.065 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXVb



Localização de Arqueossítio NIG.065 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXVc



fotoNIG065a - Cabana de Frieira



fotoNIG065a - Pormenor interior do fecho da cobertura, em abóbada de falsa cúpula

A - **Cabana de Sobreiro Quente (NIG.066)** - Curral do Sobreiro Quente

B – Abrigo de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193205,71 / Y=541284,12 / Z=680; Parada

D - Este sítio situa-se num pequeno outeiro que faz a ruptura convexa da vertente, na base da encosta noroeste do Torrão dos Souteiros. Fica sobranceiro à confluência do rio da Pena com a Corga do Rulo, tomando então o nome de Rio Azebrinheiro, a mais importante linha de água que a montante aflui ao rio da Feicha ou de Mulas. Exposto a poente, desfruta de uma razoável visibilidade que se estende para nascente aos estreitos e escavados vales das linhas de água, alargando-se para Norte ao longo do talvegue até Cabanas Velhas e mais longe até aos cumes da serra do Soajo.
O substrato geológico é granítico, aflorando em caos de blocos e em superfícies mais ou menos planas, registando-se uma pedregosidade mediana. Nas vertentes ravinosas evidenciam-se condições de erosão, identificando-se fenómenos de solifluxão a pequena escala. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueja). Subsistem raros pinheiros. Nas mais fundas e inacessíveis zonas junto às linhas de água, desenvolvem-se pequenos bosquetes de vegetação climácica.
O acesso pode fazer-se pelo bonito, bem conservado e ainda hoje usado caminho lajeado que serve a serra, ligando a povoação de Parada a Bem Espero, passando por Traz do Colado e Curral de Sobreiro Quente (ver NIG.084). Não existe sinalização.

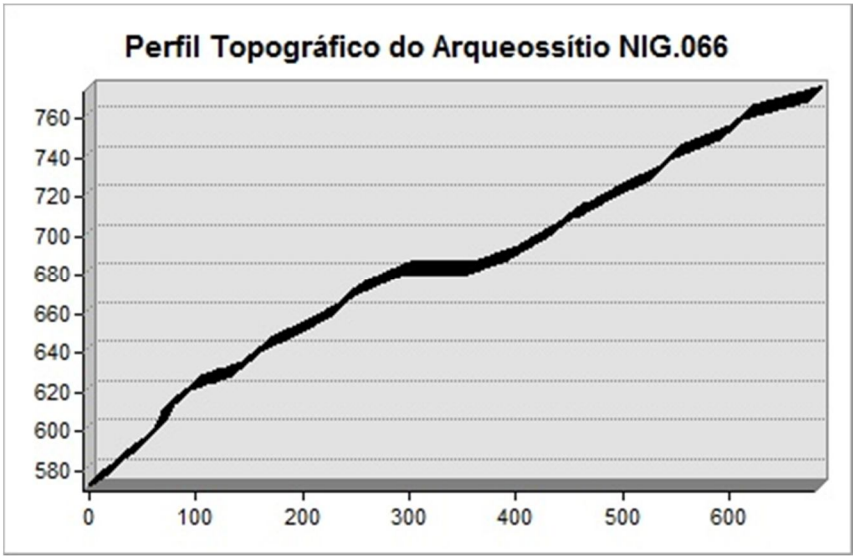
E, F e G - Ver descrições no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051).

H - Inédito. Estampas LXVIa e LXVIb.

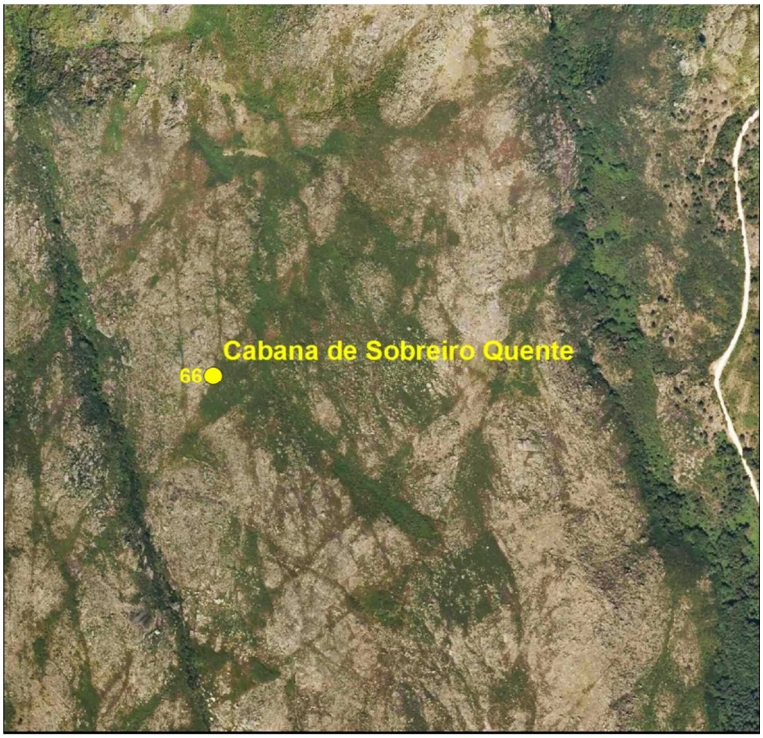
Estampa LXVIa



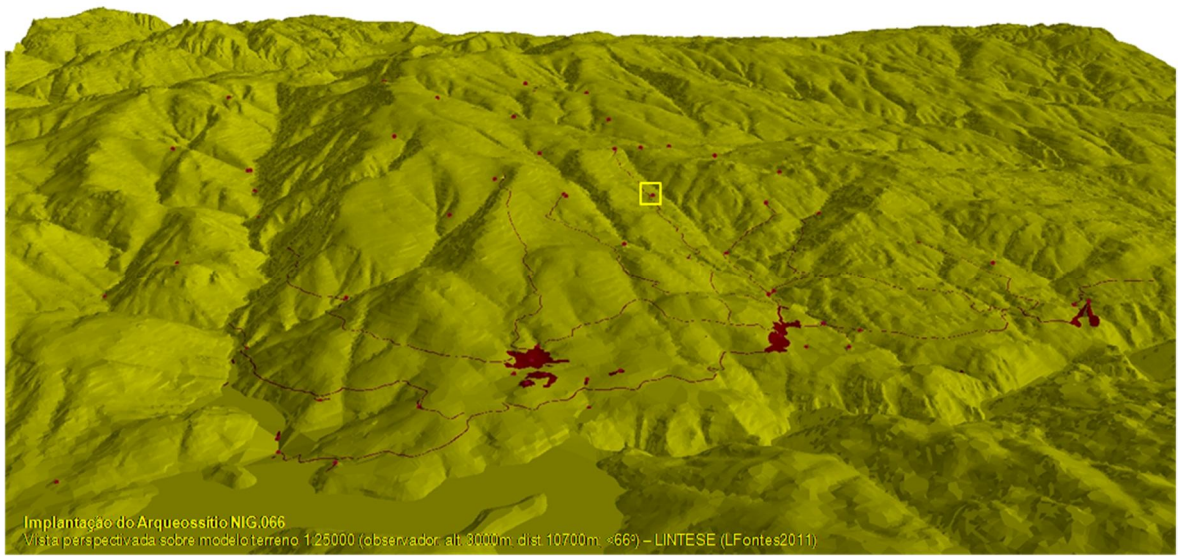
Localização de Arqueossítio NIG.066 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXVIb



Localização de Arqueossítio NIG.066 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Outeiro dos Fornos (NIG.067)** - Outeiro dos Fornos

A – Abrigo de pastor (?)

C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=190991,80 / Y=542652,11 / Z=426; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se num outeiro correspondente a uma ruptura convexa de vertente, no terço inferior da encosta noroeste da elevação dos Corvos. Duas pequenas linhas de água limitam o outeiro a Sudeste e a nascente, acentuando a separação do morro em relação à vertente. A visibilidade próxima estende-se a toda a cabeceira do rio da Retorta, enformada pelas declivosas encostas das elevações da Penha, Torrões e Corvos. Para Norte e Noroeste, a visibilidade estende-se para além da aldeia de Cidadelhe à confluência da linha de água com o rio Lima, sobressaindo em plano mais recuado e progressivamente mais difuso as massas montanhosas das serras da Peneda e do Soajo.
O substrato geológico é granítico, aflorando em caos de blocos. A pedregosidade é elevada, evidenciando-se condições de erosão acentuada nas vertentes. Em pequenos espaços entre fragas, com alguma sedimentação, regista-se uma incipiente ocupação arbórea. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal dominada por arbustivas desenvolvidas (urze, giesta e tojo). Em zonas menos acessíveis, designadamente junto às linhas de água, subsistem bosquetes climácicos de pequeno porte. Os terrenos próximos no lado nascente estão armados em socalcos, conhecendo uma exploração agrícola tipo campo-prado.
O acesso, não sinalizado, pode fazer-se pelo caminho de pé posto, com troços lajeados, que liga a povoação de Cidadelhe à Chã do Couto pela Cabana de Gordemela. No troço inicial, até Chão Velho, é carreteiro e ainda muito usado (ver NIG.087).

E - Neste local conserva-se, entre as massas graníticas que afloram em grandes blocos boleados no topo do outeiro, uma espécie de caixa pétrea de planta quadrangular, com paredes formadas por quatro grandes lajes graníticas fincadas no solo. A laje de SO está tombada para o interior, alinhando-se deste lado alguns calhaus formando uma parede tosca Sem qualquer cobertura, mede interiormente 1,20 m de lado e cerca de 0,80 m de altura. Envolvendo esta espécie de câmara

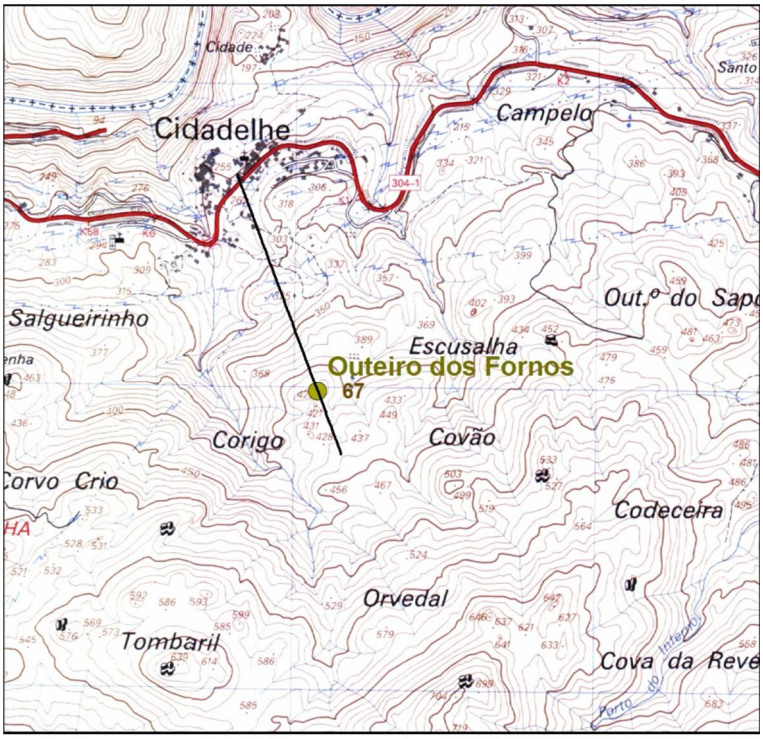
megalítica, amontoam-se calhaus e blocos graníticos, que poderão corresponder ao derrube da cobertura. Não é perceptível qualquer entrada. Não se recolheu qualquer tipo de espólio.

F - Trata-se de um simples abrigo, característico das serras do interior minhoto, sendo frequente, não apenas na Serra Amarela, mas também nas Serras do Gerês e da Peneda-Soajo, onde é frequente a sua designação por "fornos" (Oliveira, Galhano e Pereira, 1994: 21-26 + ils.; Dias 1948: 37-38). Destina-se a proteger de tempestades e não para pernoitar, servindo uma ocupação episódica.

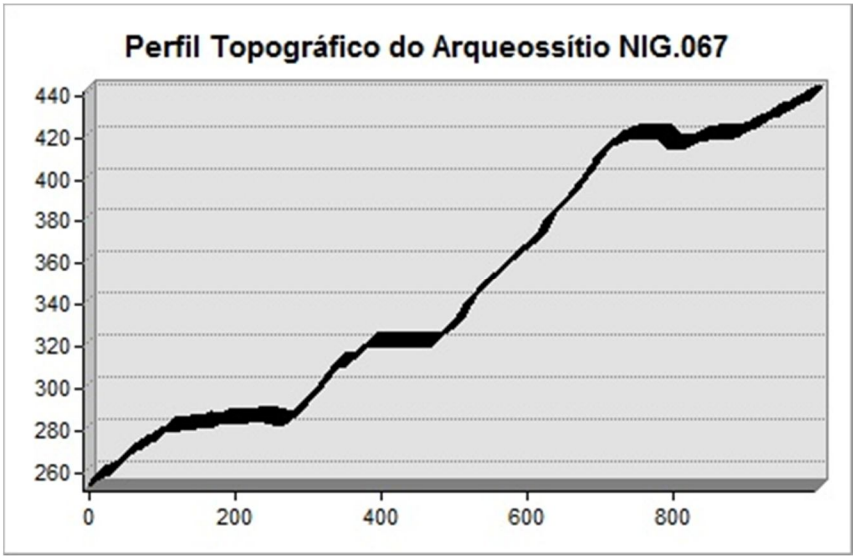
G - Encontra-se completamente arruinado, não se justificando qualquer acção de recuperação. Tem pouco valor arqueográfico e nenhum valor monumental. O seu registo foi feito, ficando assim documentada a materialidade que justificou o topónimo do sítio.

H - Inédito. Estampas LXVIIa, LXVIIb e LXVIIc.

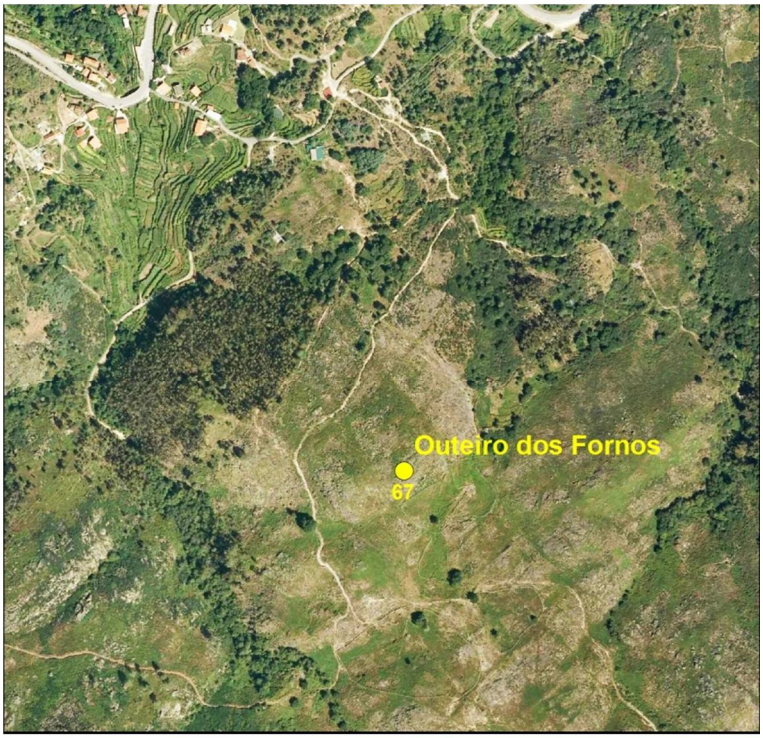
Estampa LXVIIa



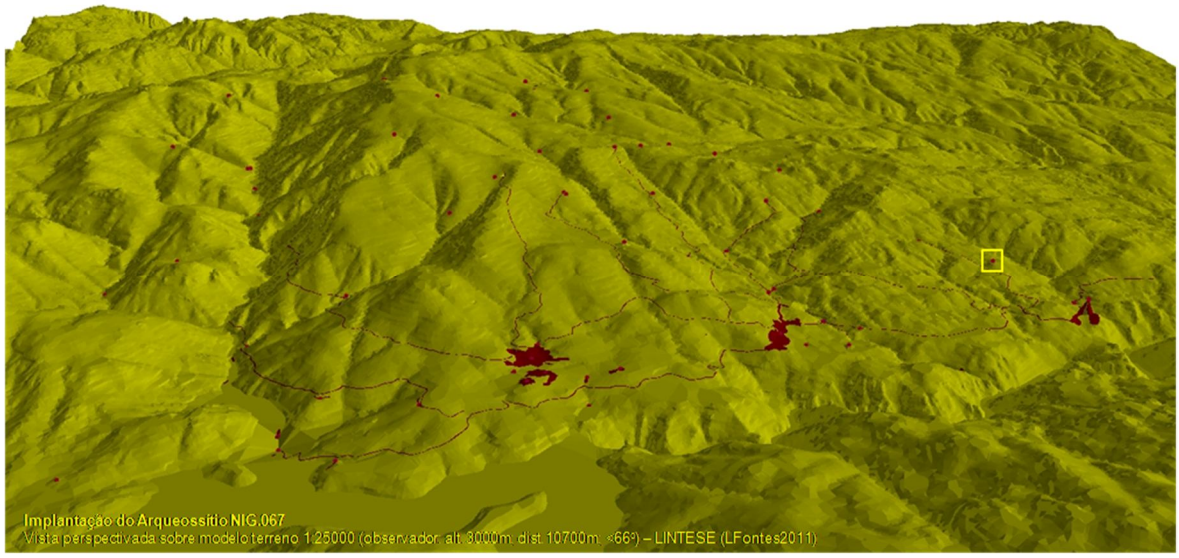
Localização de Arqueossítio NIG.067 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.067 extracto da Orto_17_3_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXVIIc



fotoNIG067a - Cabana de Outeiro dos Fornos, arruinada

A - **Cabana da Gordemela (NIG.068)** - Cabana de Gordemela

B – Abrigo de pastor

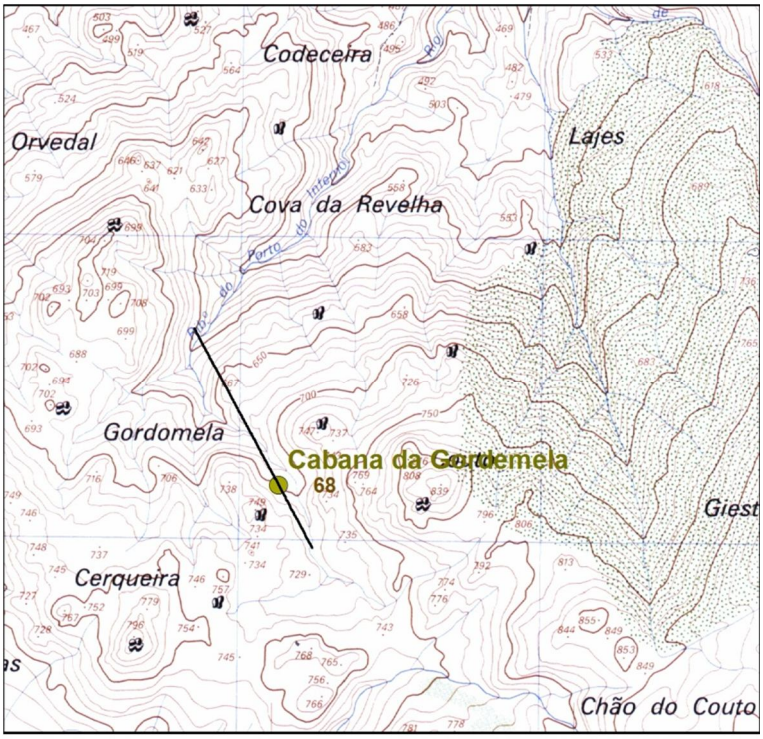
C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192020,25 / Y=540834,66; Z=702; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se em fim de vertente, encaixado no fundo da encosta este do cume da Gordemela, maciço granítico que pontua a bordadura setentrional da ampla bacia de sedimentação da Chã do Couto. Sobranceiro ao troço inicial do rio do Couto, expõe-se na sua margem esquerda a nascente, desfrutando de uma visibilidade limitada ao apertado talvegue, dominando a Este as escalavradas encostas do Couto.
O substrato geológico, que aflora em caos de blocos, é granítico. A pedregosidade é elevada, evidenciando-se condições de erosão acentuada nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão (as “quebradas”). As condições de sedimentação limitam-se aos pequenos espaços com ocupação arbórea entre fragas. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivas desenvolvidas (urze, giesta, carqueja e tojo). Entre as fragas e a meia encosta subsistem bolsas de mata climácica.
O acesso pode fazer-se pelo antigo caminho de pastoreio, de pé posto, com troços lajeados, que liga a povoação de Cidadelhe à Cabana de Gordemela. Pode ainda fazer-se a partir das cabanas do Couto (NIG.069), por caminho de pé posto que margina a linha de água na direcção NO. Não está sinalizado.

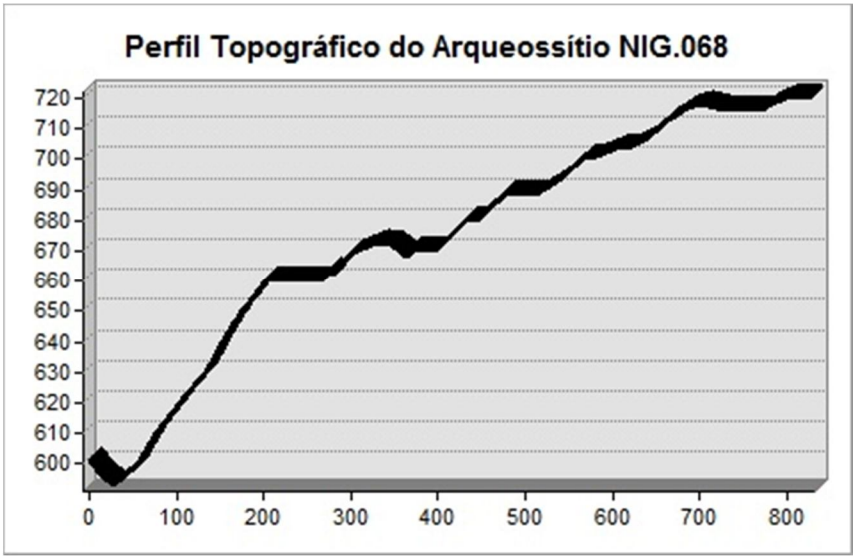
E, F e G - Relativamente a estes descritores ver o arqueossítio Cabana da Várzea (NIG.053). Existe junto um curral de pequenas dimensões, com cerca de 850 m^2, de planta sub-circular delimitada por muro de mamposteria.

H - Inédito. Estampas LXVIIIa e LXVIIIb.

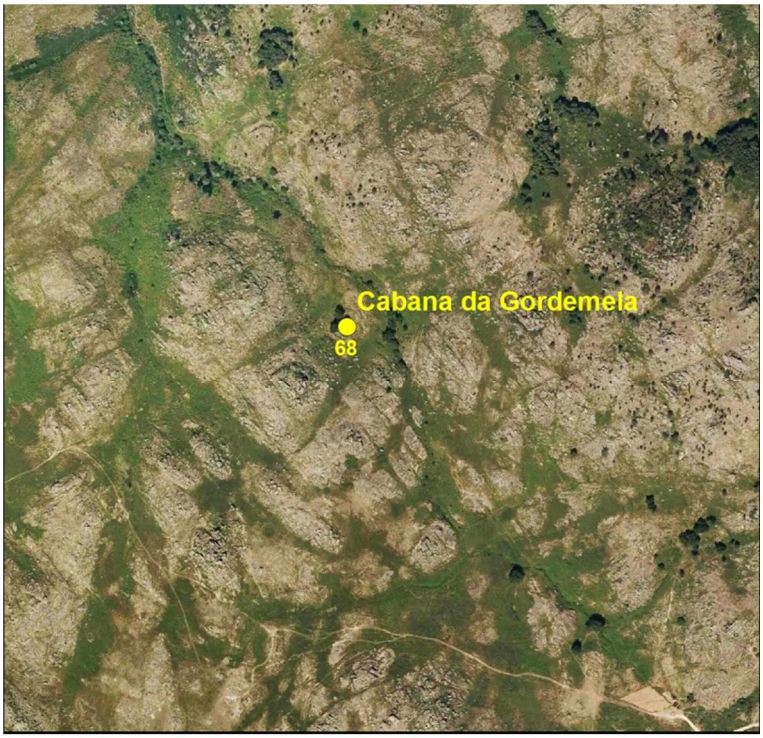
Estampa LXVIIIa



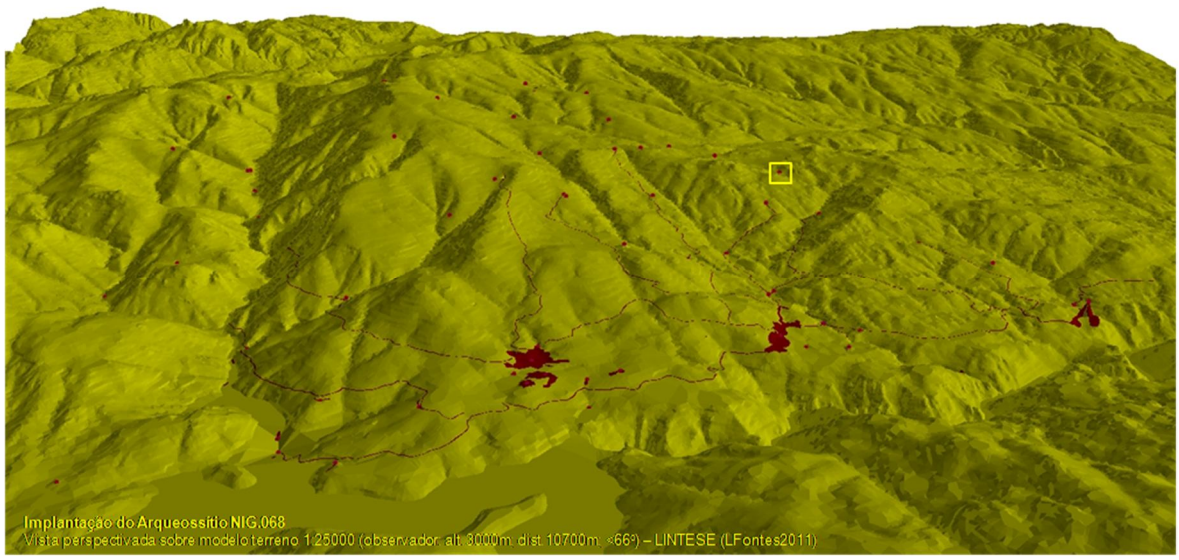
Localização de Arqueossítio NIG.068 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.068 extracto da Orto_17_3_B-17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Cabanas do Couto (NIG.069)** - Chã do Couto

A – Abrigos de pastor

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192463,86 / Y=540381,42 / Z=750; Cidadelhe – Parada (as coordenadas têm por referência a cabana central)

D - Este sítio fica na ampla bacia de sedimentação correspondente à Chã do Couto, na base da encosta noroeste do cume da Louriça e delimitada a Sudeste e poente pelos picos de Borrageiros e de Gordemela, a Norte pelo cume do Couto e a nascente pela lomba da Pena. Atravessado ao meio, no sentido E-O, pelo rio da Porta, a chã é fundamentalmente drenada por linhas de água que descem para Norte formando o rio do Couto, no extremo sudeste da bordadura da bacia de sedimentação da Chã do Couto. Na margem direita do rio da Porta, o sítio beneficia de uma visibilidade que abarca toda a ampla bacia sedimentar, alargando-se para a banda meridional e poente à Louriça e a toda a vertente da serra Amarela, até aos contrafortes da Ermida.
O substrato geológico é dominado por arena granítica, aflorando alguns núcleos dispersos de caos de blocos. A pedregosidade é diminuta, mantendo-se as condições geomorfológicas de sedimentação que possibilitaram a formação de um espesso solo, muito humoso, revestindo em alguns pontos características de turfeira. Monte inculto, apresenta em toda a chã uma cobertura vegetal dominada por herbáceas e amplas manchas de fetos, substituídos nas encostas por urze e carqueja. Entre as fragas das encostas e junto às linhas de água, desenvolvem-se bolsas de mata climácica. Subsistem alguns pinheiros dispersos e a Sudeste, um talhão de vidoeiros, lembrando planos de florestação antigos.
O acesso, não sinalizado, pode fazer-se pelo antigo, conservado e ainda hoje usado caminho carreteiro com troços lajeados que liga a povoação da Ermida a esta parte da serra, pelo caminho de pé posto que vem de Cidadelhe pela Cabana de Gordemela ou ainda pelo moderno estradão rasgado pelos Serviços Florestais a partir do estradão Lindoso/Louriça, que liga à Senhora da Pena (Mosteirô).

E, F e G - Neste local encontram-se construções e partes de contruções correspondentes a três cabanas semelhantes às descritas no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051), cada uma associada a um curral também semelhante aos já descritos noutros arqueossítios de pastoreio. Isolada a poente fica uma cabana e curral, com cerca de 2400 m^2, da freguesia de Britelo, feita pela aldeia de Mosteirô, ainda em uso. Na bordadura nordeste ficam as outras duas cabanas e respectivos currais que, abrangendo uma área total cercada próxima dos 5000 m^2, partilham a parede divisória central, onde se identificam as ruínas de um compartimento rectangular que poderá ter sido um abrigo.

Da cabana setentrional, arruinada e abandonada, conserva-se apenas a parte inferior, envolta pelo derrube da parte superior que forma uma espécie de *tumulus* de "mamoa". Pertence aos moradores de Parada. A cabana meridional, ligeiramente maior, mede interiormente 2,5 m de diâmetro e cerca de 2 m de altura ao centro, conserva-se em excelente estado e está "feita" pelos moradores de Cidadelhe, a quem pertence. No exterior, sobre a entrada, foi incorporado um pequeno nicho com a imagem de Santo António, apresentando inscrita no cimento a data de Junho de 1994. Na laje granítica que aflora na zona frontal da cabana, à sombra de dois frondosos e talvez já seculares carvalhos, foram gravadas 6 fundas covinhas desenhando uma cruz. Não se recolheu qualquer tipo de espólio. Para aspectos complementares ver o arqueossítio Cabana da Várzea (NIG.053).

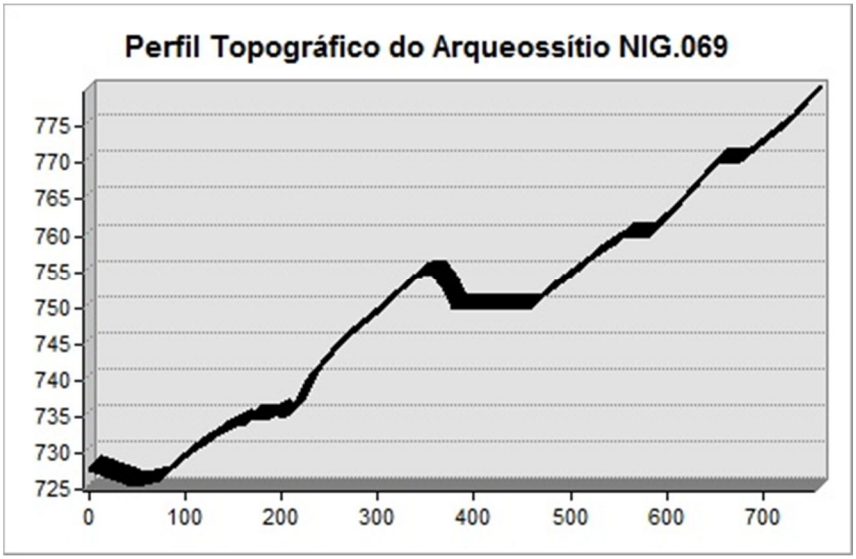
Desfrutando de um belíssimo enquadramento paisagístico, este sítio é imprescindível à manutenção do trilho pedestre que liga pelo interior serrano as povoações de Ermida e Lindoso. Continuando a ser usados pela população, justifica bem uma classificação específica e uma atenção particular tendo em vista a sua preservação e aproveitamento.

H - Inédito. Estampas LXIXa, LXIXb, LXIXc e LXIXd.

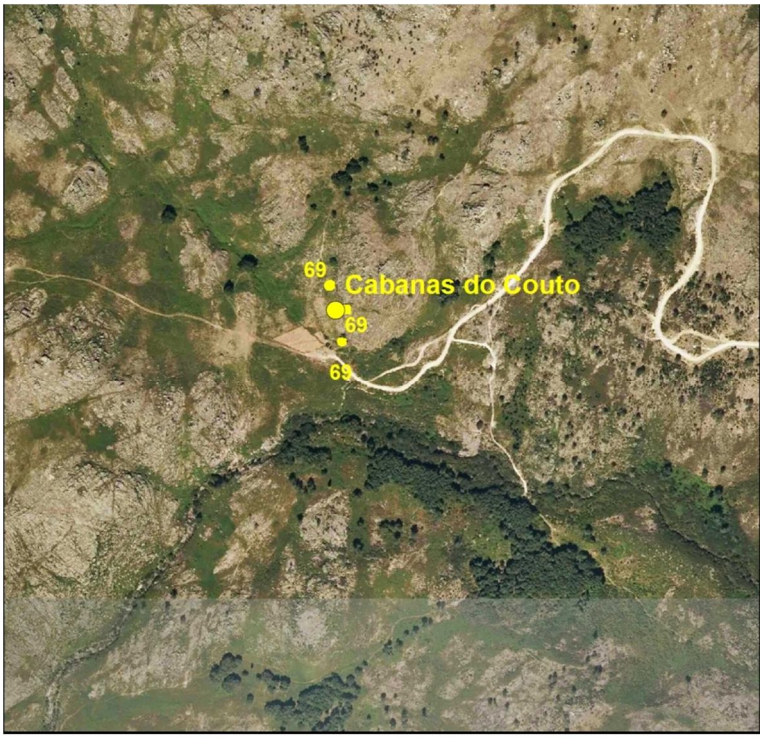
Estampa LXIXa



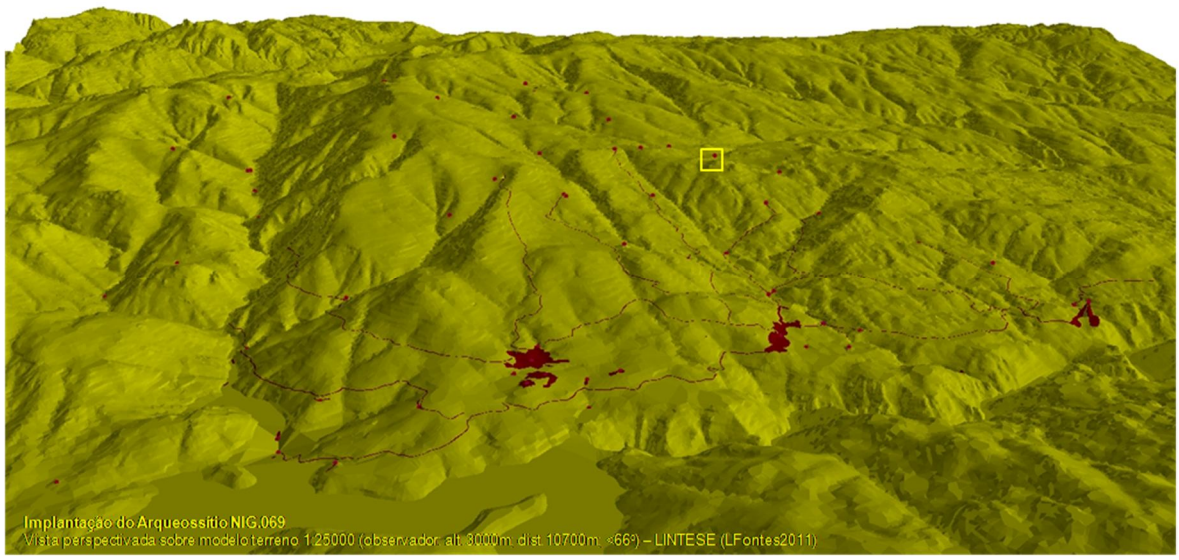
Localização de Arqueossítio NIG.069 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIXb



Localização de Arqueossítio NIG.069 extracto da Orto_17_4_A-30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXIXc



fotoNIG069a - Panorâmica da Chã do Couto, vista de Noroeste



fotoNIG069b - Cabana de Chã do Couto, com nicho de Santo António

Estampa LXIXd



fotoNIG069c - Cabana de Chã do Couto

A - **Cabana da Escaravilheira (NIG.070)** - Cabana da Escaravilheira

B – Abrigo de pastor

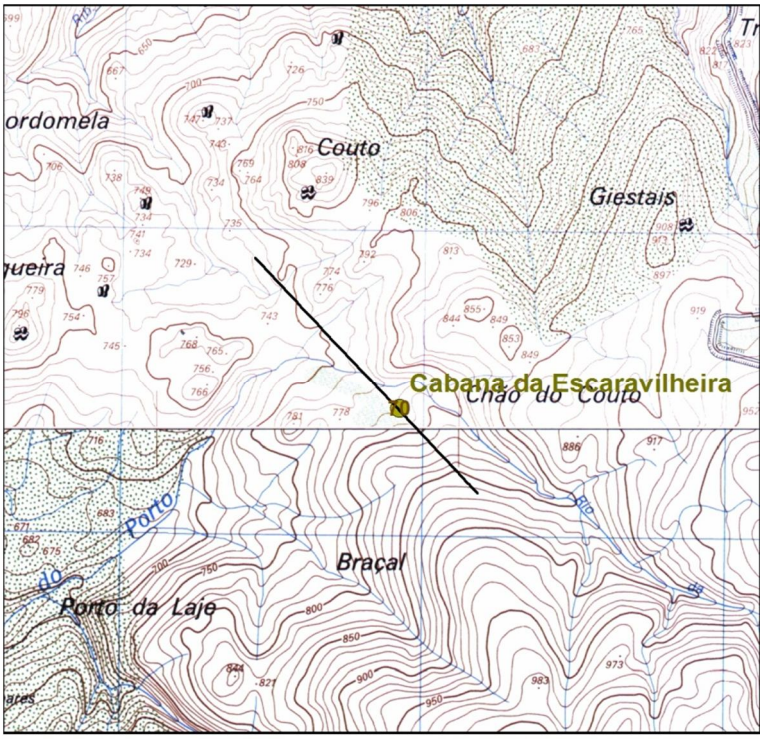
C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192799,43 / Y=540059,41 / Z=785; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se em fundo de vertente, no extremo sudeste da bordadura da bacia de sedimentação da Chã do Couto. Abrigado numa suave ruptura côncava da encosta de Bessadoiro, na margem esquerda do rio da Porta, o sítio é limitado, a Sudoeste por uma pequena linha de água sua tributária, expondo-se a poente. A visibilidade limita-se à ampla bacia da Chã do Couto.
O substrato geológico, granítico, aflora em caos de blocos e massas aplanadas, registando-se uma pedregosidade mediana, acompanhada por condições de erosão acentuada nas vertentes. Nas margens do rio identificam-se bandas pouco extensas de solos aluvionares. Terreno inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa dominada por herbáceas e arbustivas (urze, giesta, carqueja e tojo). Entre as fragas das encostas e junto às linhas de água desenvolvem-se bolsas de mata climácica. Para além do talhão de vidoeiros contíguo a S e a poente, subsistem alguns pinheiros dispersos.
O acesso, não sinalizado, faz-se por caminho de pé posto a partir das cabanas de Chã do Couto (NIG.069).

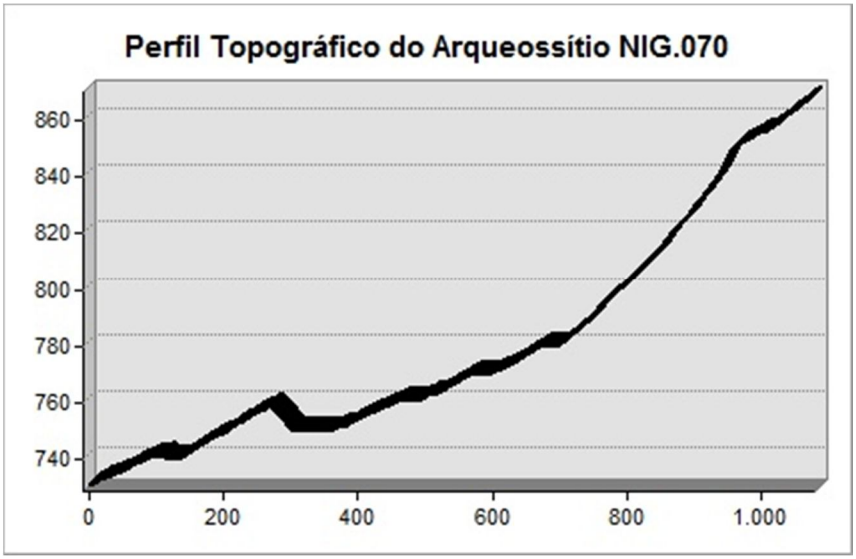
E, F e G - Ver descrições em NIG.053. Existe junto um curral de dimensões medianas, com cerca de 2500 m^2, de planta circular delimitada por muro de mamposteria.

H - Inédito. Estampas LXXa, LXXb e LXXc.

Estampa LXXa



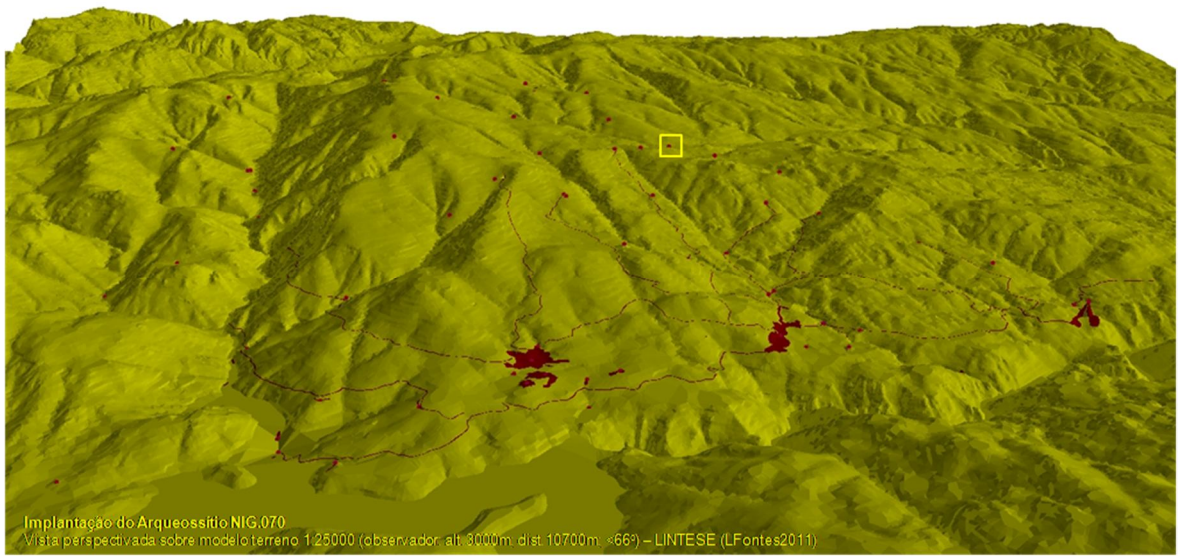
Localização de Arqueossítio NIG.070 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXb



Localização de Arqueossítio NIG.070 extracto da Orto_17_4_A-30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXc



fotoNIG070a - Cabana da Escaravilheira

A - **Cabana da Mata da Lomba (NIG.071)** - Lomba

B – Abrigo de pastor

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=193237,11 / Y=539460,79 / Z=925; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se a meia vertente, na encosta setentrional do cume de Ínsua, que prolonga para NO a base da Louriça. Fica na margem esquerda da Corga da Lomba, a meio do pequeno talvegue e sobranceiro à confluência da linha de água com o rio da Porta. Exposto a Nordeste, desfruta de uma visibilidade limitada à confluência das linhas de água referidas, alargando-se para a parte meridional às amplas e declivosas vertentes do Alto do Corisco, Louriça e Muro.

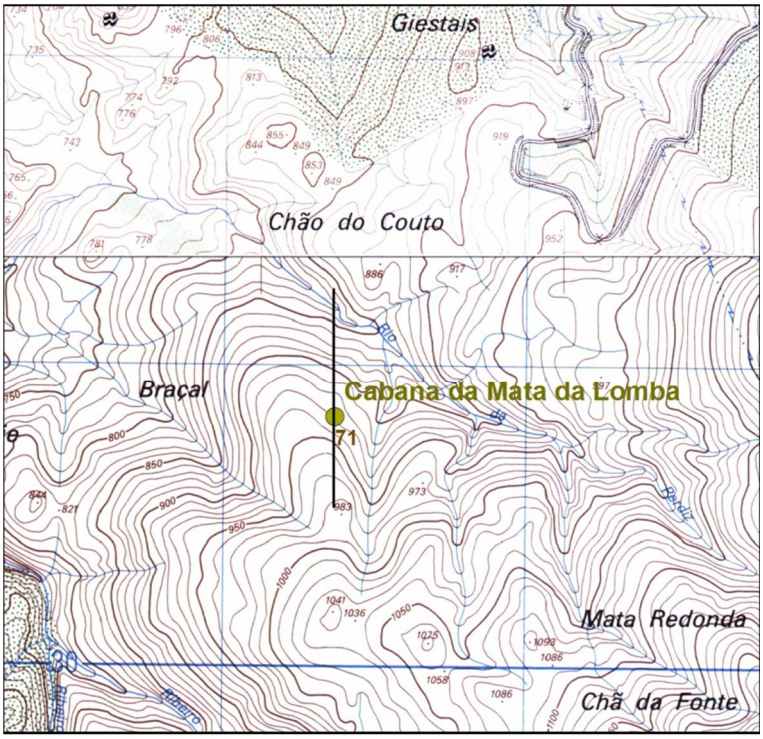
O substrato geológico local é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos determinando uma pedregosidade elevada. Evidenciam-se condições de erosão nas vertentes, onde se identificam fenómenos de solifluxão de pequena escala. Monte inculto, apresenta uma cobertura vegetal escassa, dominada por herbáceas e arbustivas pouco desenvolvidas (urze e carqueja). Ao longo das linhas de água desenvolvem-se manchas arbóreas climácicas, que se adensam nos escarpados troços de confluência.

O acesso faz-se por caminho de pé posto a partir das cabanas de Chã do Couto (NIG.069), seguindo pelo Bessadoiro ao longo da linha de festo. O sítio arqueológico não está sinalizado.

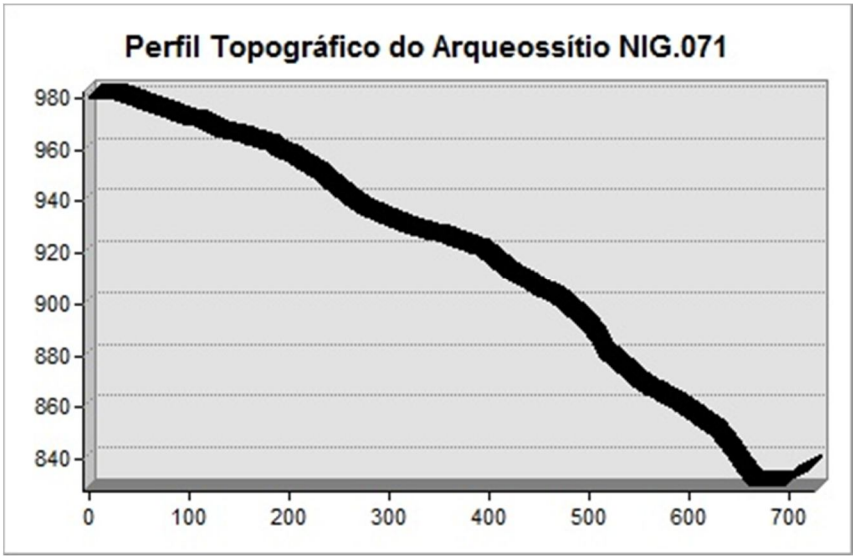
E, F e G - Ver descrições em NIG.053. Na cumeada aplanada da Lomba/Braçal, foi tentada a exploração de volfrâmio, sem continuidade, na primeira metade do século XX século XX.

H - Inédito. Estampas LXXIa, LXXIb e LXXIc.

Estampa LXXIa



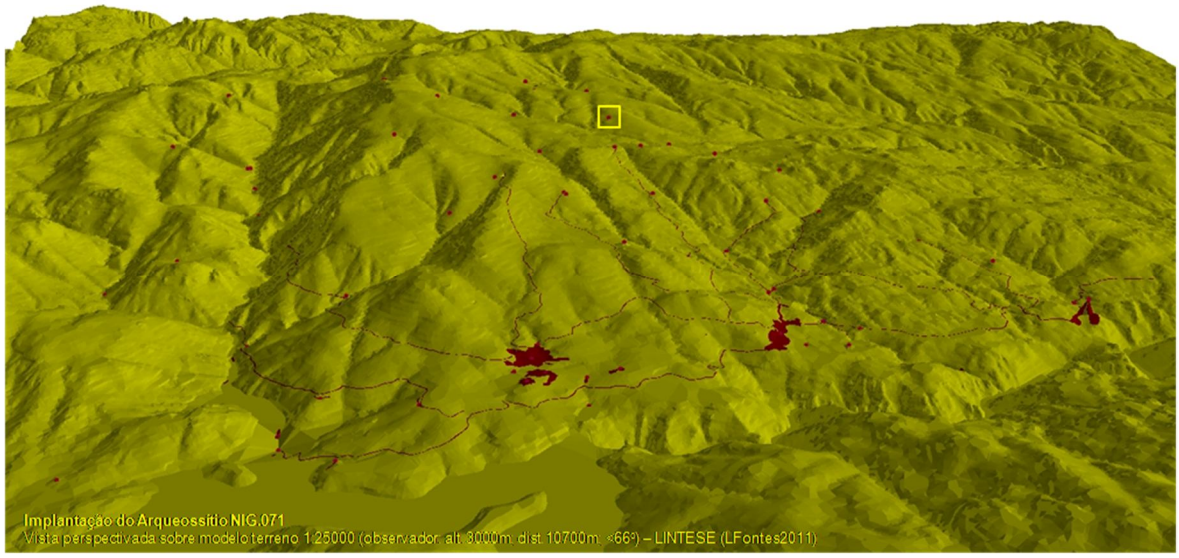
Localização de Arqueossítio NIG.071 extracto das fls.17-30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIb



Localização de Arqueossítio NIG.071 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.071
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador: alt. 3000m, dist. 10700m, ×66º) – LINTESE (LFontes2011)

Estampa LXXIc



fotoNIG071a - Cabana da Mata da Lomba



fotoNIG071b - Testemunhos de mineração de volfrâmio na Lomba/Braçal

A - **Cabana do Vidoeiro (NIG.072)** - Vidoeiro de Ínsua

B – Abrigo de pastor

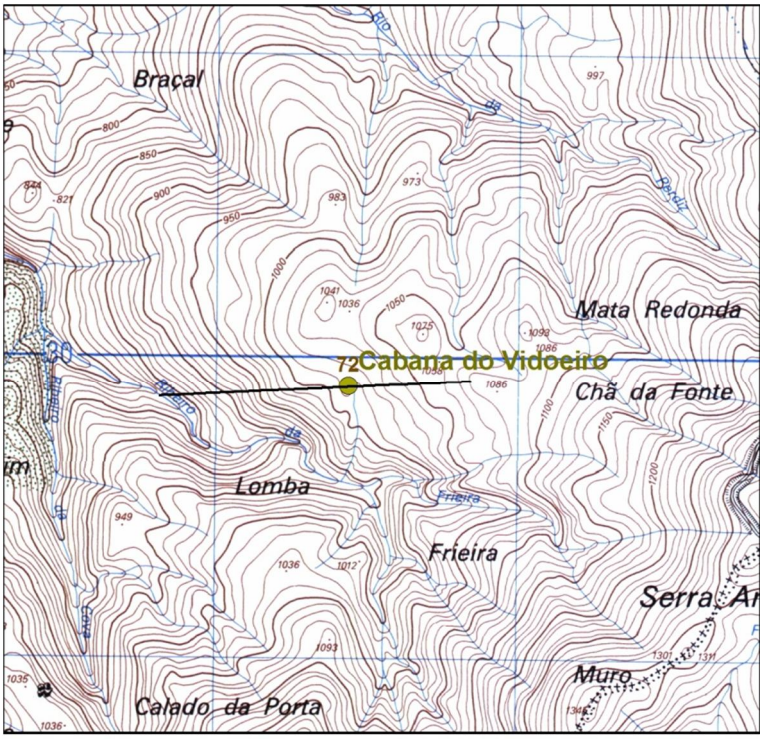
C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=193299,92 / Y=538542,25 / Z=1012; Cidadelhe

D - Este arqueossítio situa-se na bordadura de uma ampla chã correspondente ao aplanamento de erosão dos 1000 m da vertente noroeste da serra Amarela, sobranceiro à vertente direita do troço inicial do rio do Coval do Veado, linha de água que, com outras, dá origem ao rio Froufe. Abrigado de Norte pela elevação do Outeiro de Vidoeiro de Ínsua, o sítio expõe-se a SO, desfrutando de uma ampla visibilidade, que se estende para nascente à cabeceira que enforma a linha de água até aos cumes da Louriça e do Muro e se alarga para poente à vertente da serra Amarela e para NO à abertura do talvegue ao vale do rio Lima.
O substrato geológico é granítico, que aflora em caos de pequenos blocos determinando uma baixa pedregosidade. O pendor suave da chã oferece razoáveis condições de sedimentação, materializadas em solos humosos mais ou menos espessos que suportam uma cobertura vegetal rasteira, dominada por herbáceas e fetos, coberto característico do monte inculto onde o gado pasta livremente.
O acesso, não sinalizado, é difícil, fazendo-se a "corta-mato" a partir da cabana da Mata da Lomba (NIG.071).

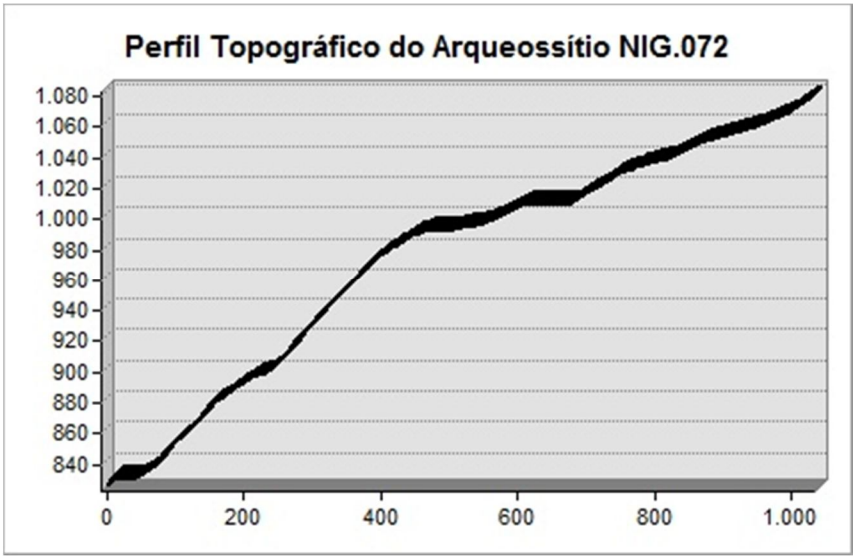
E, F e G - Neste local encontra-se uma cabana arruinada e abandonada, da qual se conserva apenas a parte inferior, envolta pelo derrube da parte superior, formando uma espécie de *tumulus* de "mamoa". Está associada a uma grande curral formado por um muro de mamposteria, cuja planta circular abrange uma área superior a 9000 m^2.
Apesar de abandonado e semi-arruinado, aplicam-se a este arqueossítio, para os restantes descritores, as mesmas considerações que se fizeram relativamente ao arqueossítio Cabana da Várzea (NIG.053).

H - Inédito. Estampas LXXIIa, LXXIIb e LXXIIc.

Estampa LXXIIa



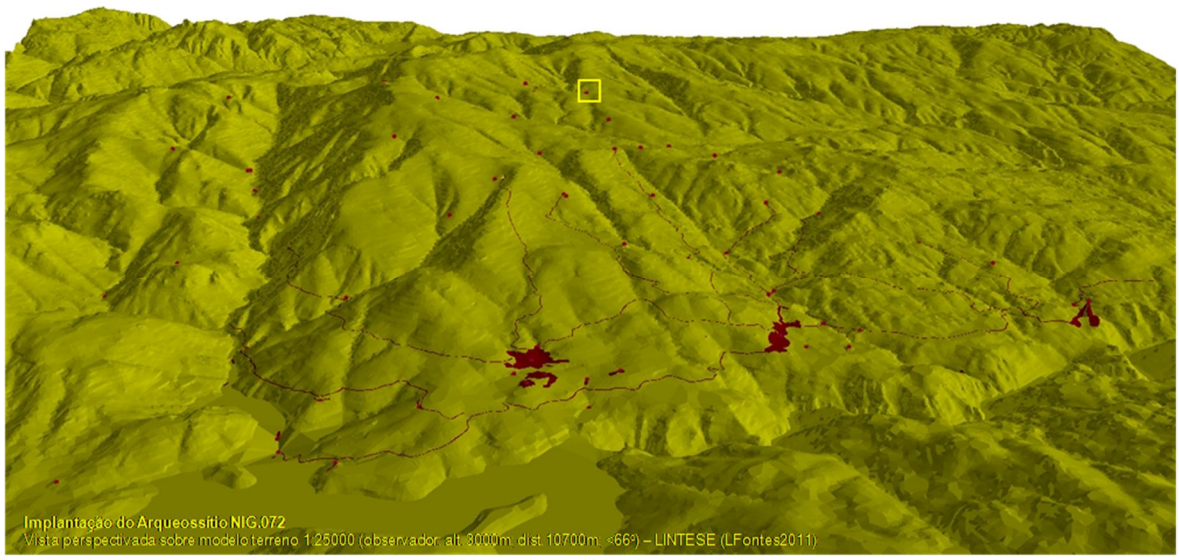
Localização de Arqueossítio NIG.072 extracto da fl.30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIIb



Localização de Arqueossítio NIG.072 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIIc



fotoNIG072a - Cabana de Vidoeiro, arruinada

A - **Cabanas do Braçal da Ribeira (NIG.073)** - Cabanas do Braçal da Ribeira

B – Abrigos de pastor

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=193879,65 / Y=538278,60 / Z=1085; Cidadelhe (as coordenadas têm por referência a cabana central)

D - Este arqueossítio situa-se na ruptura côncava de vertente da encosta oeste da elevação da Louriça, onde se inicia a ampla chã correspondente ao aplanamento de erosão dos 1000 m da vertente noroeste da serra Amarela, alcandorando-se na bordadura setentrional da cabeceira do rio do Coval do Veado.
O sítio expõe-se a SO, desfrutando de uma ampla visibilidade, que se estende para nascente à cabeceira que enforma a linha de água até aos cumes da Louriça e do Muro e se alarga para poente à vertente da serra Amarela e para NO à abertura do talvegue ao vale do rio Lima.
O substrato geológico é granítico, aflorando a rocha em massas pouco salientes e em caos de blocos mais ou menos boleados, dispersos por todo o terreno mas não muito abundantes. A pedregosidade é baixa, registando-se alguma sedimentação. Monte inculto, onde o gado pasta livremente, apresenta uma cobertura vegetal rasteira, dominada por herbáceas e fetos.
Não existe qualquer caminho que leve ao local, sendo a acessibilidade muito difícil. Pode lá chegar-se a "corta-mato" a partir da cabana da Mata da Lomba (NIG.071), pela linha de cumeada de Vidoeiro da Ínsua.

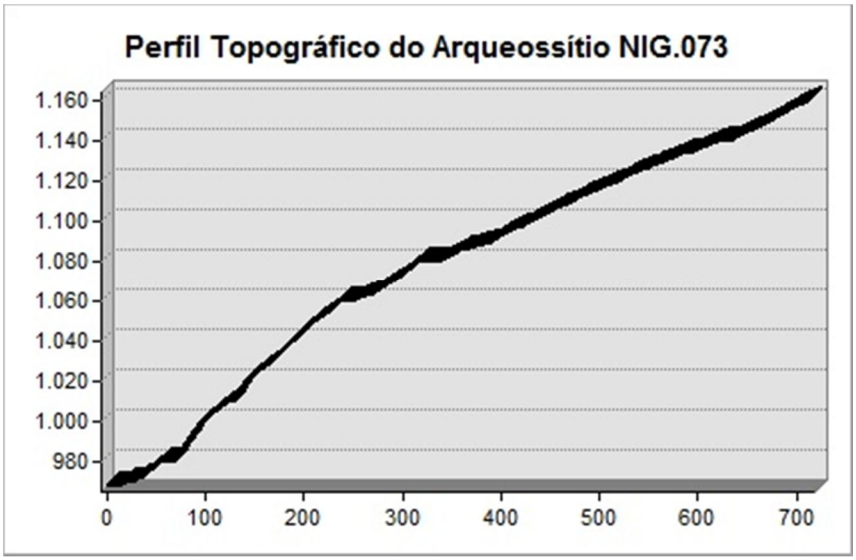
E, F e G - Neste local encontram-se construções e partes de construções correspondentes a quatro cabanas, semelhantes às descritas no arqueossítio Cabana do Gavião (NIG.051). Isolada a poente fica uma cabana com um pequeno curral, com cerca de 1200 m^2, bem conservada e ainda em uso. Para nascente ficam as outras três cabanas, arruinadas e abandonadas, conservando-se apenas as partes inferiores, tipo "iglo", envoltas nos derrubes das partes superiores, que formam uma espécie de *tumuli* semelhante ao das "mamoas" megalíticas. Em associação com a cabana mais central ainda é perceptível o perímetro circular de um curral, com área inferior a 1000 m^2. Não se recolheu qualquer tipo de espólio.
Para elementos descritivos complementares ver NIG.053.

H - Inédito. Estampas LXXIIIa, LXXIIIb e LXXIIIc.

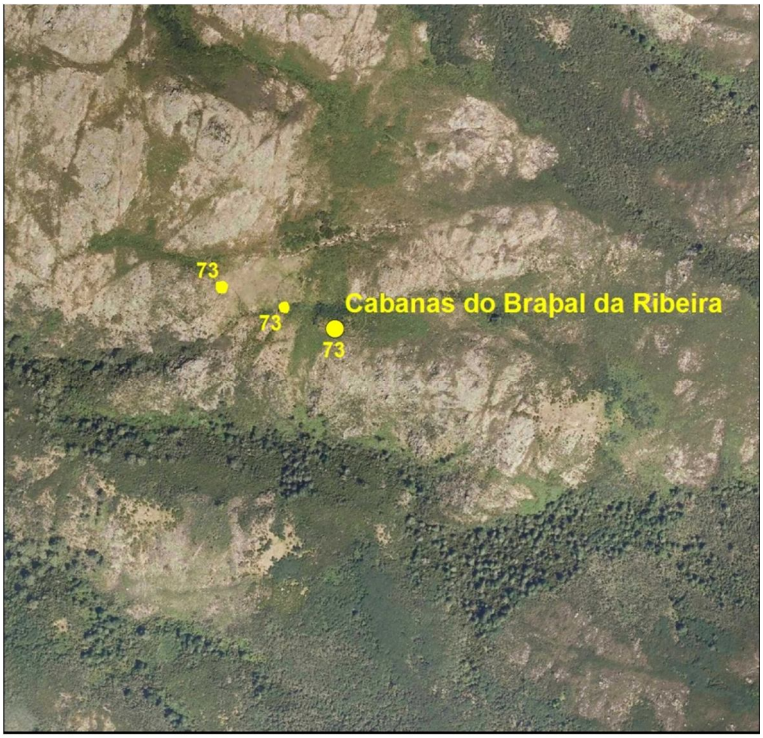
Estampa LXXIIIa



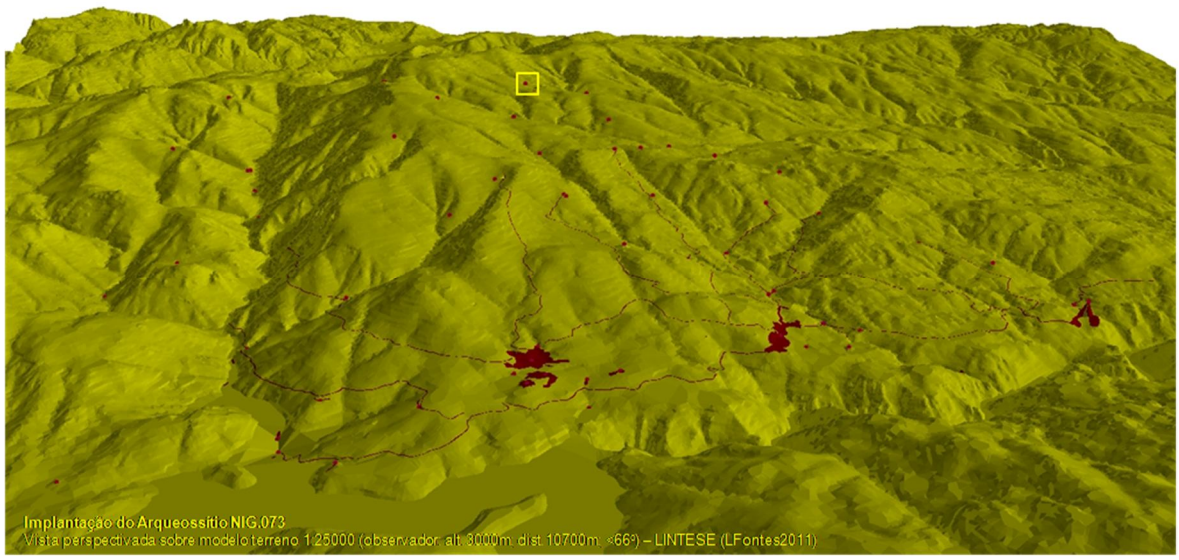
Localização de Arqueossítio NIG.073 extracto da fl.30 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.073 extracto da Orto_30_2_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIIIc



fotoNIG073a - Cabana e curral de Braçal da Ribeira



fotoNIG073b - Cabana e curral de Braçal da Ribeira

A - **Moinhos do Cabril (NIG.074)** - Moinhos do Cabril

B - Moinhos

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=195816,08 / Y=544272,30 / Z=300; Lindoso (as coordenadas têm por referência o conjunto dos cinco "moinhos do Cabril")

D - Ver descrição em NIG.044.

E - Na margem esquerda, próximo da ponte velha e junto à linha de água, conservam-se os restos de um conjunto de cinco moinhos, conhecidos por "moinhos do Cabril", servidos pelo antigo caminho que passava à ponte velha (ver NIG.044 e 088). Outros dois implantam-se na margem oposta a menos de 250 m para jusante. Cerca de 700 m para montante, implantados também junto à linha de água mas na margem direita, ficam as ruínas de mais dois moinhos, conhecidos por "moinhos do Capeador". Mais 300 m a montante, com implantação semelhante, ficam outros dois moinhos arruinados, designados por "moinhos do Troio". A estes dois últimos conjuntos acedia-se por caminhos de pé posto derivados do caminho carreteiro que liga a aldeia de Lindoso a Porto Maceira (ver NIG.080).
Com um único compartimento de planta rectangular, revelam dois tipos de construção: uma mais elaborada, de excelente fábrica, com paredes de silharia de granito regularmente aparelhadas e cobertura de lajes graníticas bem afeiçoadas; outra qualitativamente mais fraca, de alvenaria *insossa* e cobertura de chapas de zinco ou telha, a substituir a cobertura colmada original. Eram servidos por cubos elevados, onde despejava a água conduzida por caleiras pétreas, que mais para montante davam lugar a simples rêgos ou levadas.

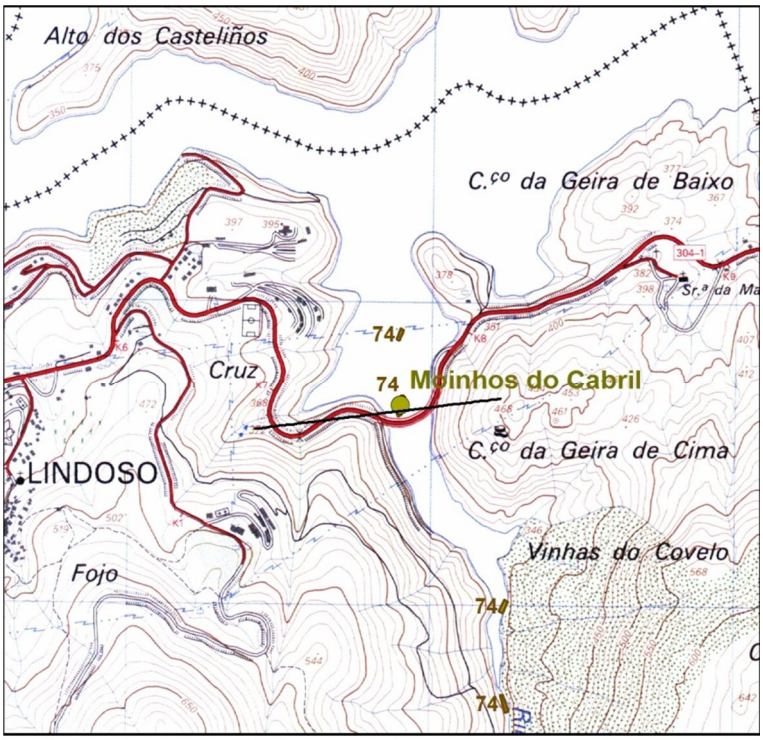
F - Trata-se de moinhos de água de roda horizontal, do tipo "rodízio, cubo e caleira", característicos das regiões serranas nortenhas. Na obra *Sistemas de Moagem*, publicada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, encontram-se descrições pormenorizadas deste tipo de moinhos (Oliveira, Galhano e Pereira, 1983:112-168, ils.).

No primeiro quartel do século XIX, documentam-se neste troço do rio Cabril "(...) cinco moinhos alguns dos quaes estão edificados ha tampo imemorial (...)"(ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 11). Quais seriam esses moinhos, não é hoje possível saber. Admitimos que, deste conjunto de 9 engenhos de moagem, os primeiros possam ter sido edificados na segunda metade do século XVIII (a este propósito ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 10 e comentários interpretativos no arqueossítio Moinhos da Veiga-NIG.075).

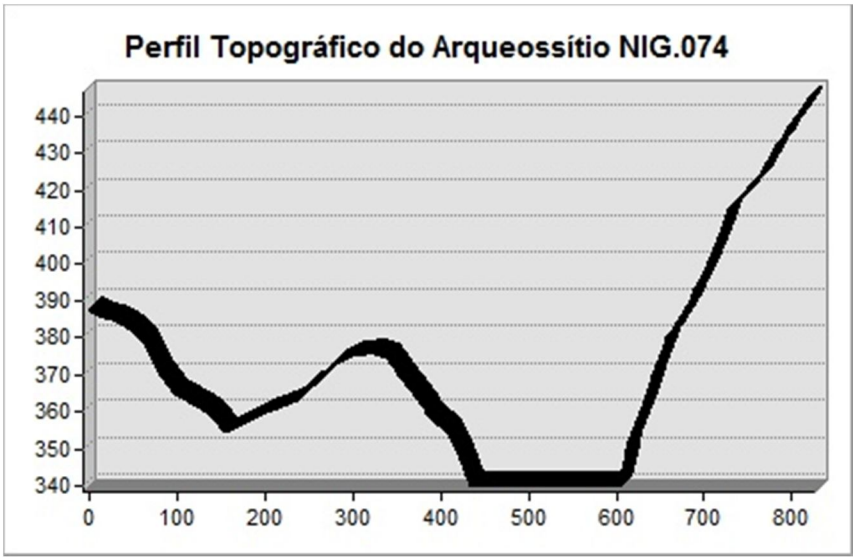
G - Com alguns ainda em uso na década passada, foram todos desactivados e parcialmente desmantelados na sequência da construção da barragem de Lindoso, estando agora as suas ruínas submersas pelas águas da albufeira. Não deixam, no entanto, de constituir uma referência importante para a compreensão da moderna paisagem cultural regional, particularmente no que respeita à difusão das tecnologias de moagem e ao impacto da adopção do cultivo de milho grosso ou maíz.

H - Inédito. Estampas LXXIVa, LXXIVb e LXXIVc.

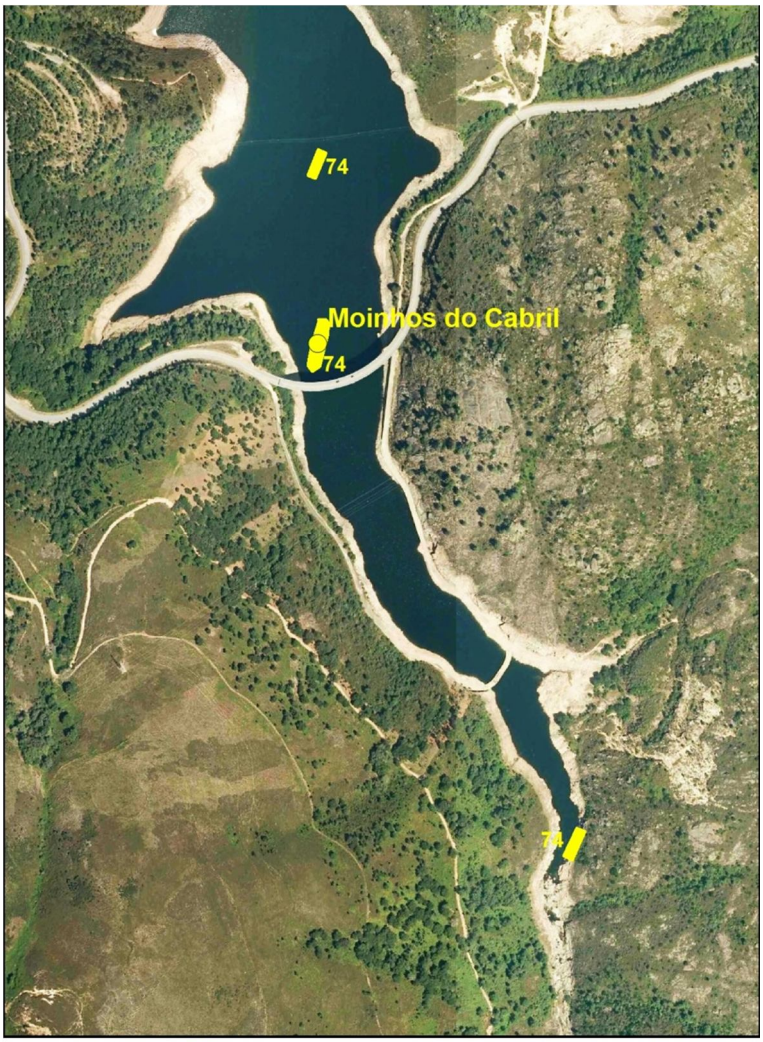
Estampa LXXIVa



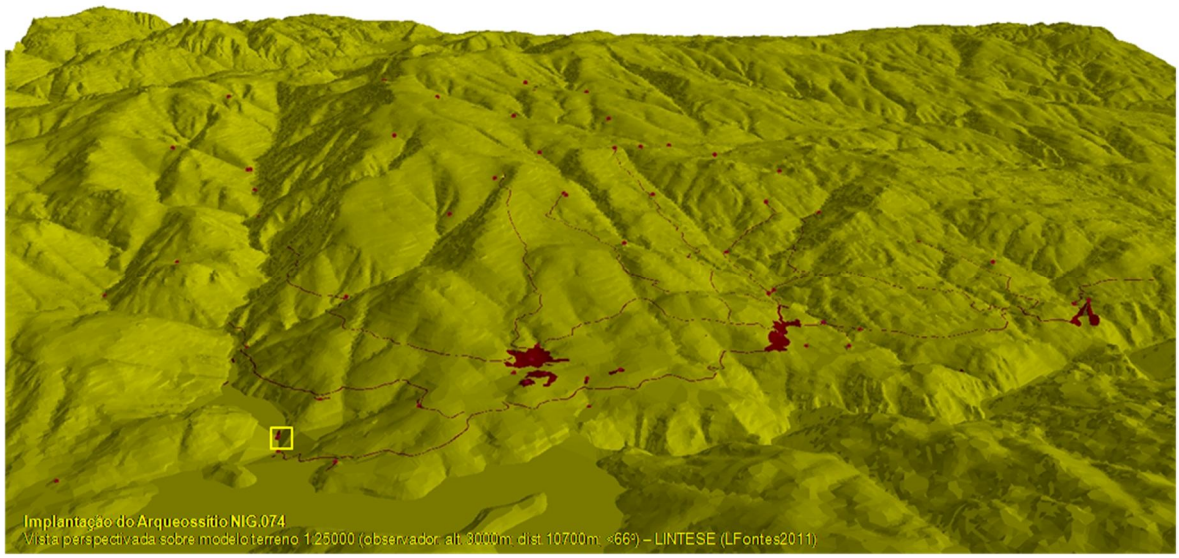
Localização de Arqueossítio NIG.074 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIVb



Localização de Arqueossítio NIG.074 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIVc



fotoNIG074a - Moinhos do Cabril, parcialmente submersos

A - **Moinhos da Veiga (NIG.075)** - Veiga; Veiga dos Moinhos; Fonte Fria

B - Moinhos

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194172,33 / Y=544098,12 / Z=415; Lindoso (as coordenadas têm por referência o núcleo de moinhos da Fonte Fria)

D - Ver descrição nos sítios Lugar de Lindoso (NIG.024) e Lugar de Real (NIG.025).

E - Ao longo da linha de água que atravessa a veiga agricultada de Lindoso, numa e noutra margem, implantam-se um total de oito moinhos, agrupados em dois núcleos: na Fonte Fria concentram-se quatro, junto à antiga via medieval; e ao longo da aldeia distribuem-se outros quatro, servidos pelos arruamentos e caminhos vicinais da aldeia.
Com um único compartimento de planta rectangular, os moinhos revelam dois tipos de construção. Uma mais elaborada, de excelente fábrica, com paredes de silharia de granito regularmente aparelhada e cobertura de lajes graníticas bem afeiçoadas. Outra mais fraca, em alvenaria *insossa* e cobertura de chapas de zinco ou telha, que substitui a cobertura colmada original. São todos servidos por cubos elevados, abastecidos por caleiras pétreas que recolhem a água desviada do ribeiro um pouco a montante, através de levadas e rêgos, despejando depois na mesma linha de água.
Os moinhos do núcleo da aldeia estão todos desactivados e parcialmente arruinados. No núcleo da Fonte Fria a situação é diferente, distinguindo-se, de Sul para Norte, um moinho intacto, muito bem conservado, desactivado, um moinho ampliado, bem conservado mas arquitectonicamente adulterado, ainda em uso, um moinho muito arruinado, irrecuperável e um outro moinho intacto, razoavelmente conservado mas com cobertura adulterada, em uso.

F - Tal como no arqueossítio anterior, estamos perante moinhos de água de roda horizontal, do tipo "rodízio, cubo e caleira". Pelo número e localização (8 moinhos na veiga), julgamos que se trata dos moinhos referidos nas "Memórias Paroquiais" de 1758, onde se diz que "(...) *Tem mais o rio Lima, no sitio deste*

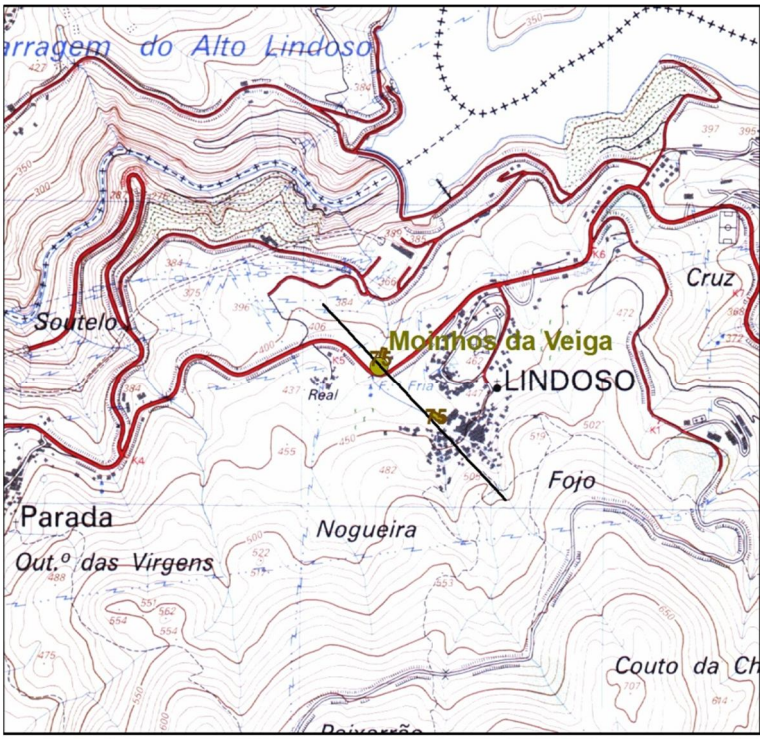
concelho, oito moinhos aonde os moradores moem no tempo do estio, (...)" (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 10). A implantação de moinhos nessa zona documenta-se já na segunda metade do século XVI, pois no "Tombo" de 1574 faz-se referência a uma *veyga dos moynhos* (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 6)[30].

G - Este conjunto de moinhos constitui um importante testemunho da actividade de moagem e da arquitectura e tecnologia tradicionais, aspectos que conferem valor patrimonial e significado histórico ao arqueossítio, interessando, por isso, à compreensão da moderna paisagem cultural regional, particularmente no que respeita à difusão das tecnologias de moagem e ao impacto da adopção do cultivo de milho grosso ou maíz. Estas evidências arqueológicas constituem um recurso de razoável valor, devendo, por isso, ser objecto de projectos de conservação e aproveitamento, adentro do espírito que justificou a classificação da aldeia de Lindoso como “aglomerado qualificado” (RCM, 1995:6901).

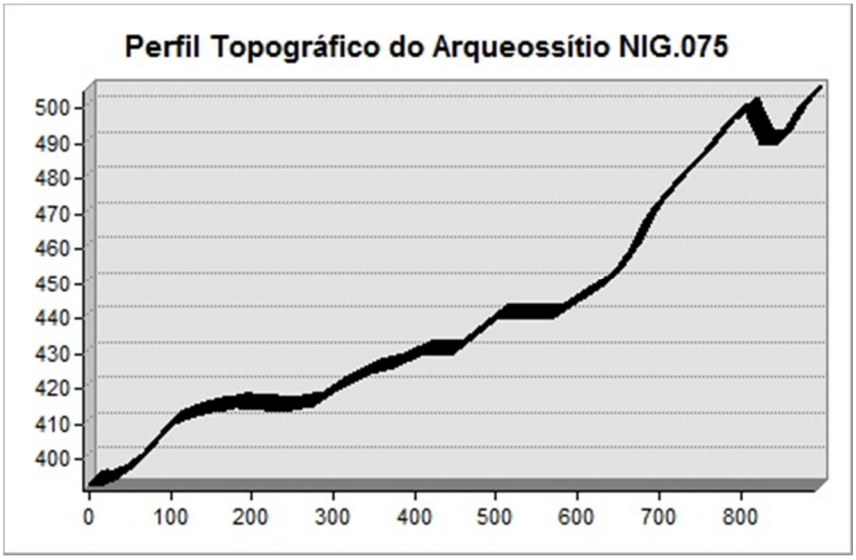
H - Inédito. Estampas LXXVa, LXXVb, LXXVc e LXXVd.

30 E também se referenciam moinhos nas *Memórias Paroquiais* de 1758 (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 10), ao contrário do afirmado por M. C. Silva (1992:105).

Estampa LXXVa



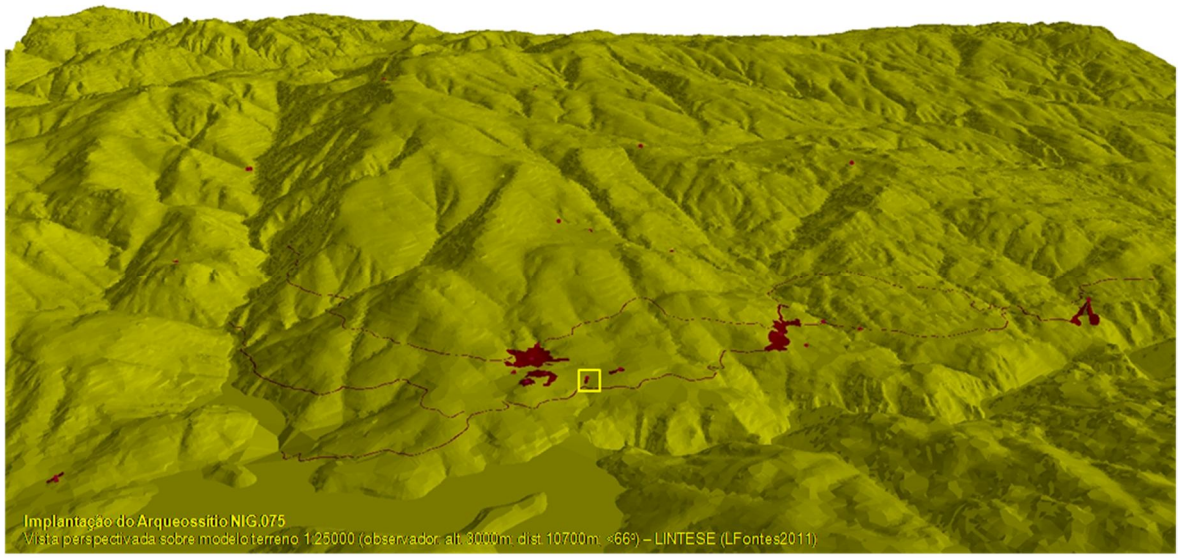
Localização de Arqueossítio NIG.075 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXVb



Localização de Arqueossítio NIG.075 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXVc



fotoNIG075a - Moinho da Veiga dos Moinhos



fotoNIG075b - Moinho da Veiga dos Moinhos. Perspectiva sobre caleira e cubo oblíquo

Estampa LXXVd



fotoNIG075c - Moinho da Veiga dos Moinhos

A - **Moinhos de Altipaço (NIG.076)** - Costa do Fojo

B - Moinhos

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194204,22 / Y=544358,17 / Z=365; Lindoso

D - Este sítio situa-se num pequeno talvegue, que rasga a ruptura convexa que inicia a vertente escarpada da margem esquerda do rio Lima, na zona conhecida por Costa do Fojo. O sítio está sobranceiro ao muro da barragem do Alto Lindoso. Com exposição a Norte, a visibilidade em relação à envolvente é reduzida, por ser sítio fundo e existir uma densa cobertura florestal.
Escavado no substrato granítico, o leito do rio apresenta-se cheio de cascalho, calhaus e grandes blocos boleados, correspondentes a depósitos de torrente. Nas margens, parcialmente armadas em socalcos agrícolas, muitos com latadas de vinha (tudo abandonado), dominam densas manchas de arbustivas (giestas e tojos) e, junto às linhas de água, pequenos bosquetes de carvalhos e castanheiros.
O acesso faz-se por caminhos vicinais a partir da nova estrada alcatroada que serve a subestação de Alto Lindoso (EDP).

E - Ao longo do ribeiro que corre no fundo do talvegue, o mesmo que atravessa a veiga de Lindoso, numa e noutra margem, num troço aproximado de 150 m, implantam-se seis moinhos. Com um único compartimento de planta rectangular, revelam uma construção cuidada, com paredes de silharia de granito regularmente aparelhada e cobertura de lajes graníticas bem afeiçoadas. São todos servidos por cubos elevados, abastecidos por caleiras pétreas, que recolhem a água desviada do ribeiro um pouco a montante, através de levadas e rêgos, vazando na mesma linha de água.
Obedecem ao mesmo modelo arquitectónico dos descritos nos sítios anteriores, mas apresentam algumas particularidades, que passamos a enunciar, de Sul para Norte: moinho intacto, bem conservado, mas desactivado; moinho parcialmente reconstruído, com cubo de manilhas de betão armado, sem engenho nem mós, desactivado, sendo uma montagem mal sucedida de um moinho que estava mais a montante, deslocado para fazer passar a estrada de acesso à sub-estação;

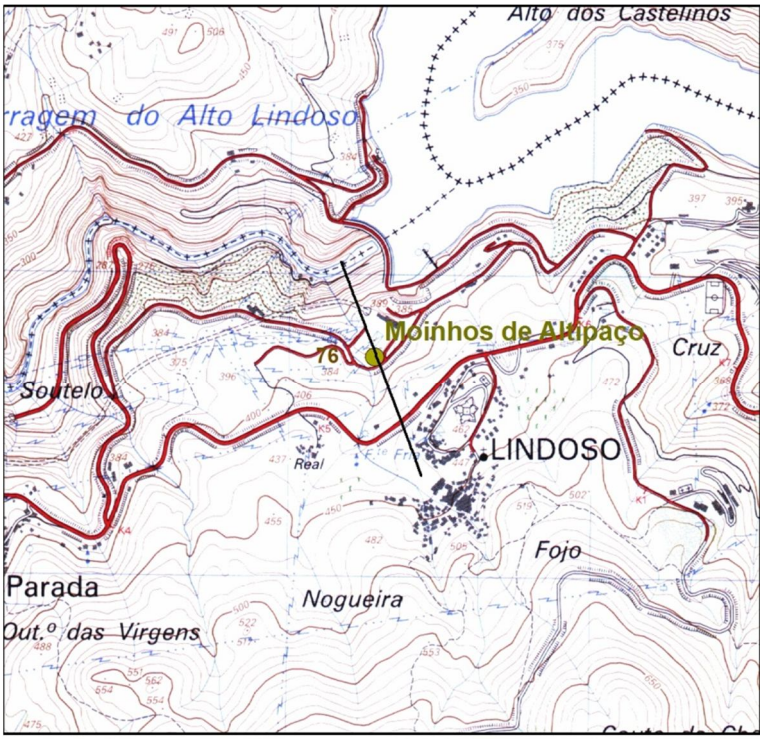
moinho intacto, bem conservado, mas desactivado, com data 1846 gravada na padieira da entrada; moinho intacto, bem conservado, mas desactivado; moinho intacto, bem conservado e ainda activo; moinho intacto, bem conservado, mas desactivado, com data 1866 gravada na padieira da entrada.

F - Ver comentários em NIG.075. As datas inscritas em dois deles reforçam, do ponto de vista cronológico, a homogeneidade do conjunto, que globalmente se pode datar dos meados do século XIX.

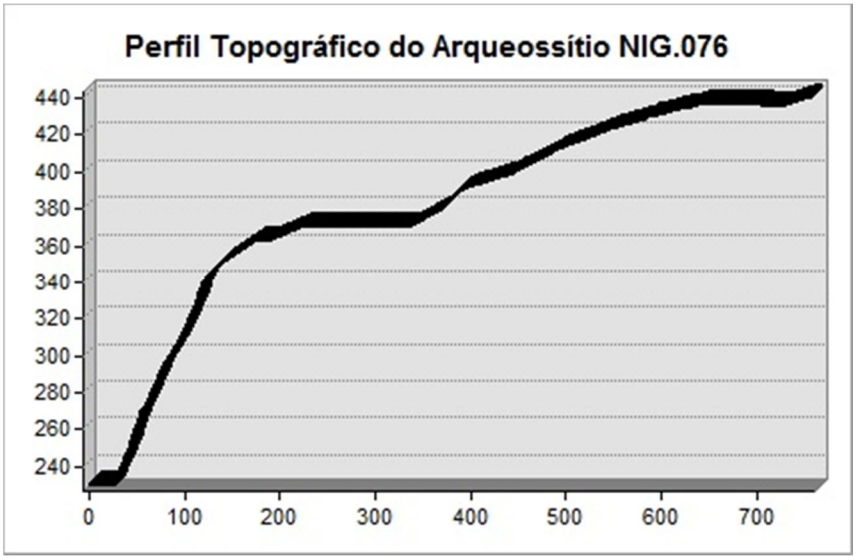
G - Este conjunto de moinhos, relativamente bem datado, constitui um importante testemunho da actividade de moagem e da arquitectura e tecnologia tradicionais, que ajudam a compreender os vários aspectos da paisagem arqueológica regional.
Tal como no sítio anterior, entendemos que este conjunto de moinhos deve ser objecto de projectos de conservação e aproveitamento.

H - Inédito. Estampas LXXVIa, LXXVIb e LXXVIc.

Estampa LXXVIa



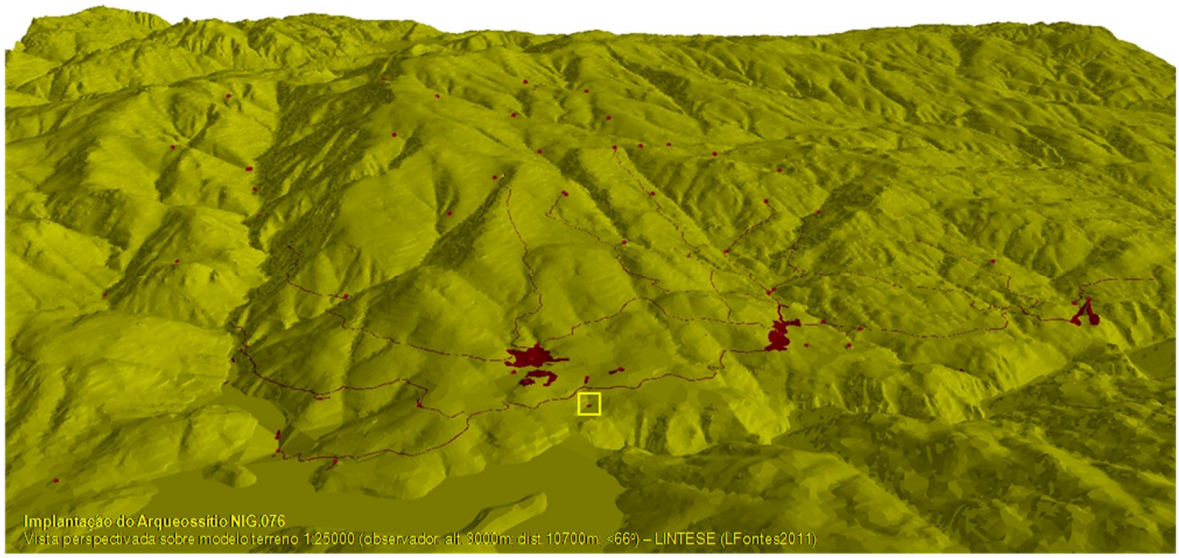
Localização de Arqueossítio NIG.076 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXVIb



Localização de Arqueossítio NIG.076 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXVIc



fotoNIG076a - Moinho de Altipaço



fotoNIG076b - Moinho de Altipaço

A - **Moinhos de Parada (NIG.077)** - Moinhos da Ponte; Moinhos do Poço da Gola

B - Moinhos

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192528,58 / Y=543357,20 / X=325; Parada (as coordenadas têm por referência o núcleo de moinhos da Ponte Velha)

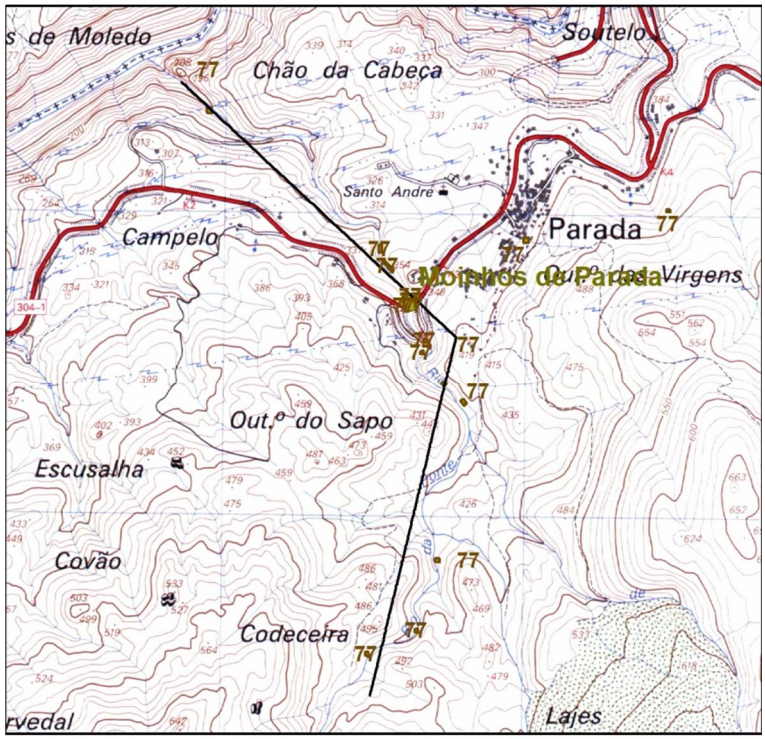
D - Ver descrição nos arqueossítios (NIG.027) e (NIG.031).

E e F - Associados à aldeia de Parada identificamos um total de 19 moinhos, do tipo dos anteriormente referidos (ver NIG.074), com a seguinte distribuição espacial: ao longo da principal linha de água, o rio de Parada ou da Ponte Velha, designação que toma o troço final do rio da Feicha ou de Mulas, numa e noutra margem, implantam-se um total de doze moinhos, entre o Poço da Gola (cerca de 400 m a montante da ponte medieval) e a zona do Chabouco (até 250 m para jusante da mesma ponte); ao longo do rio do Couto, tributário do rio da Feicha, na zona de Cabanas Velhas, encontram-se três moinhos, conhecidos por Moinhos do Porto do Inferno; dois integram o tecido urbano da aldeia (ver NIG.027); outros dois implantam-se isoladamente, um na margem esquerda do rio de Parada, no fundo do talvegue, o Moinho do Diabrete, estando o outro a meio da encosta da Cachadinha. São todos servidos por caminhos vicinais a partir da aldeia.

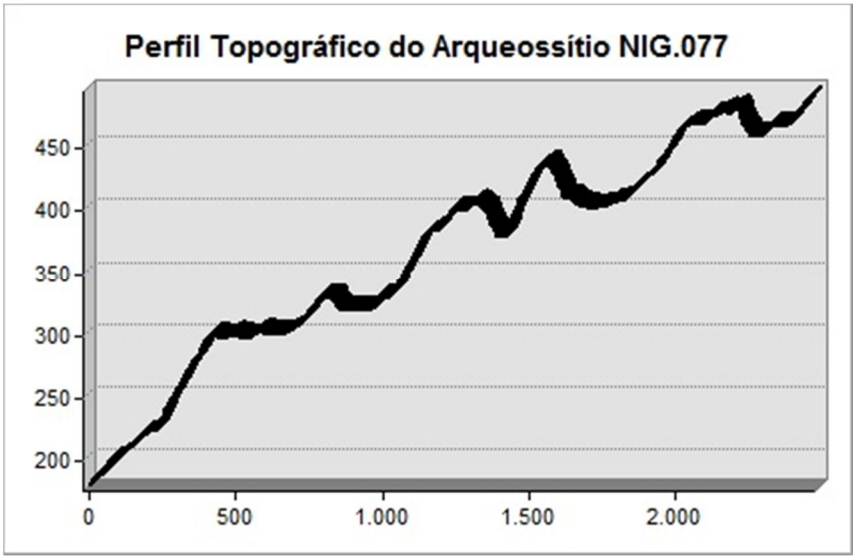
G - Dos 12 moinhos do rio de Parada, apenas se conservavam, à data dos trabalhos de campo, 6 intactos, bem conservados mas desactivados, estando todos os outros arruinados, sendo completamente irrecuperáveis; os dois da aldeia estão degradados e inactivos mas não arruinados; os do Porto do Inferno, embora desactivados, estão completos e bem conservados; o moinho do Diabrete está arruinado, sendo irrecuperável; o moinho da Cachadinha está bem conservado e completo, mas desactivado.
Ver considerações complementares nos descritores “G” dos sítios anteriores. Notar a excepcionalidade do moinho da Portela da Leija, já relevado na caracterização da aldeia (NIG.027), o único que julgamos dever ser objecto de restauro e aproveitamento, adentro do espírito que justificou a classificação da aldeia de Parada como “aglomerado qualificado” (RCM, 1995:6901).

H - Inédito. Estampas LXXVIIa e LXXVIIb (ver também Estampas XXVIIj e XXVIIk de NIG.027).

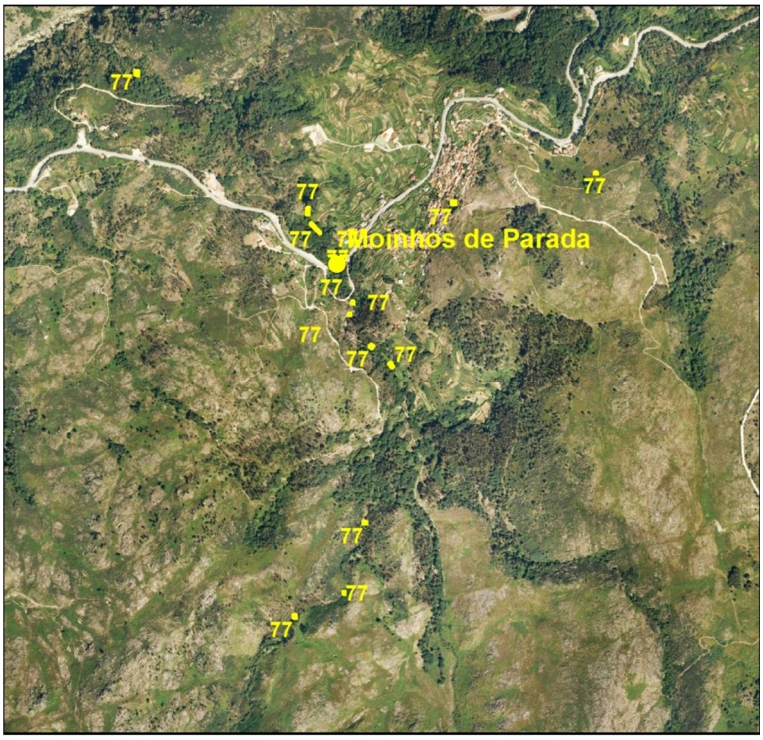
Estampa LXXVIIa



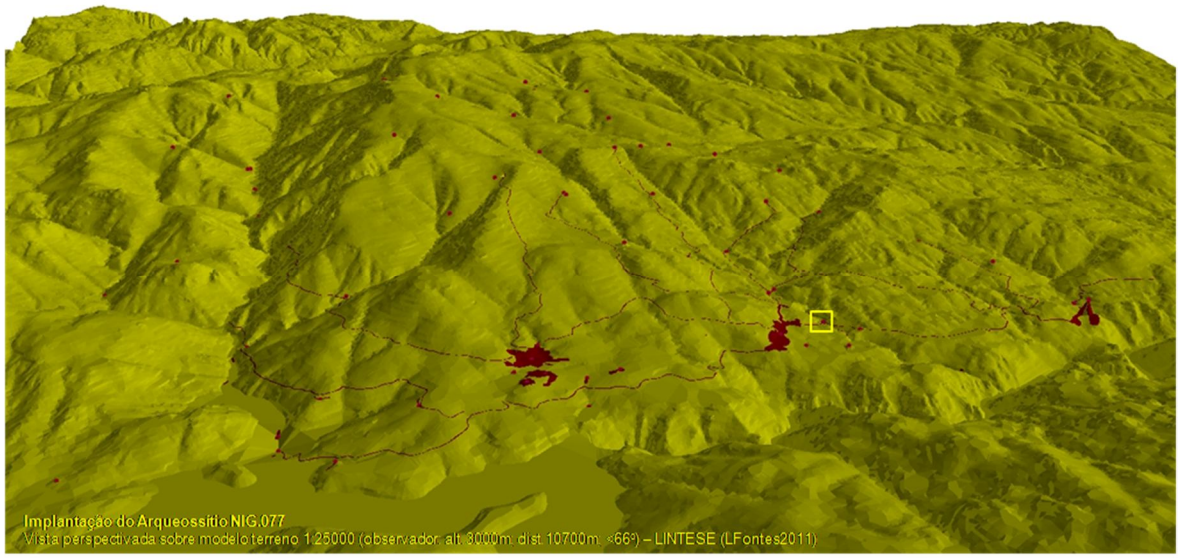
Localização de Arqueossítio NIG.077 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.077 extracto da Orto_17_3_B- 17_4_A do PNPG 1:25000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.077
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador: alt. 3000m, dist. 10700m, ×66º) – LINTESE (LFontes2011)

A - **Moinhos de Cidadelhe (NIG.078)** - Moinhos de Cidadelhe

B - Moinhos

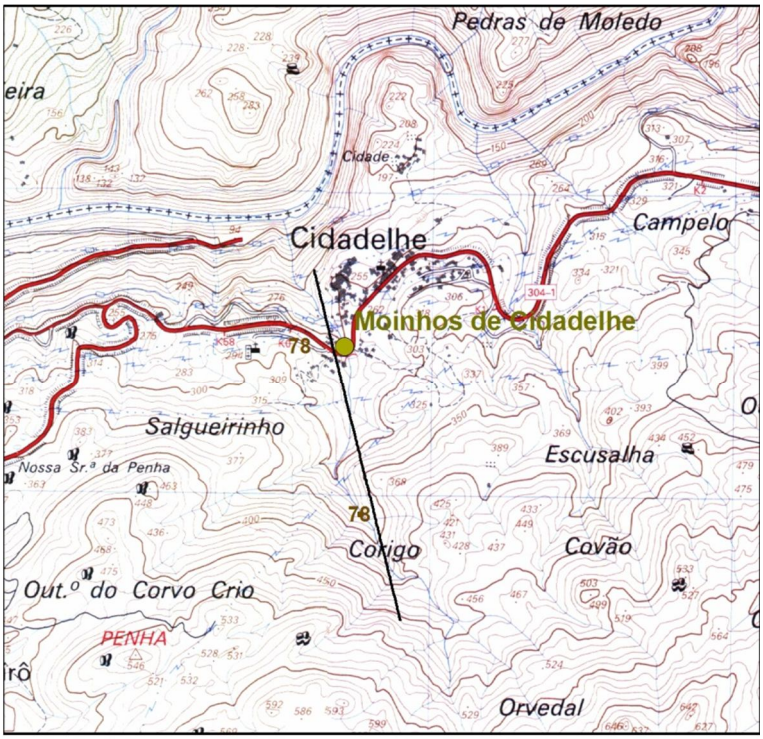
C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=190629,69 / Y=542163,39 / Z=255; Cidadelhe (as coordenadas têm por referência os moinhos da aldeia)

D - Ver descrição no sítio Lugar de Cidadelhe (NIG.028).

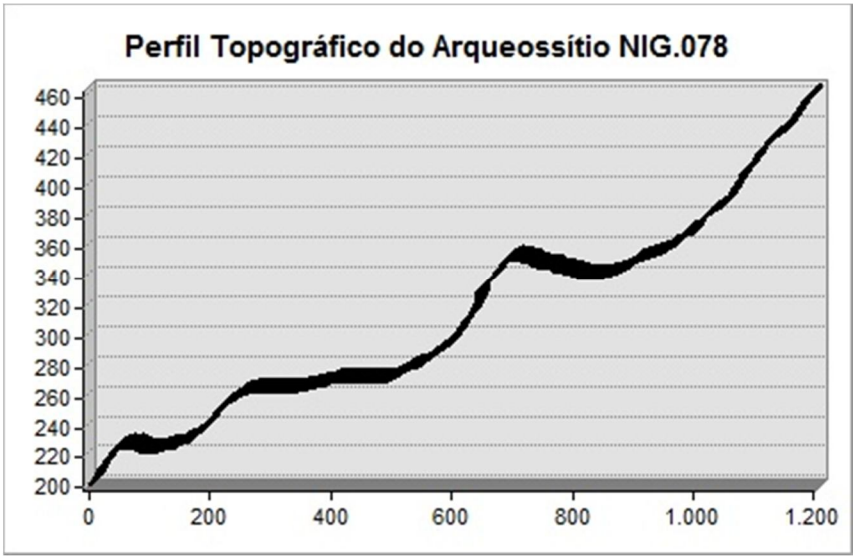
E, F e G - Associados à aldeia de Cidadelhe identificámos 3 moinhos, localizando-se dois próximo da aldeia, na margem direita do ribeiro que a margina, junto do lado setentrional da ponte e um implantado isoladamente a jusante da Tapada dos Origos, próximo da confluência com a linha de água que desce da Penha. São todos servidos por caminhos vicinais a partir da aldeia.
Embora desactivados e mal conservados, estão completos, apresentando as mesmas características construtivas dos moinhos descritos anteriormente (ver NIG.074).
Constituem mais uma referência para a compreensão dos aspectos relacionados com a difusão das tecnologias de moagem e com o impacto da adopção do cultivo de milho grosso ou maíz. Por estarem bastante arruinadas, estas evidências arqueológicas não justificam qualquer projecto de recuperação e aproveitamento. Devem, porém, conservar-se, adentro do espírito que justificou a classificação da aldeia de Cidadelhe como “aglomerado qualificado” (RCM, 1995:6901).

H - Inédito. Estampas LXXVIIIa, LXXVIIIb.

Estampa LXXVIIIa



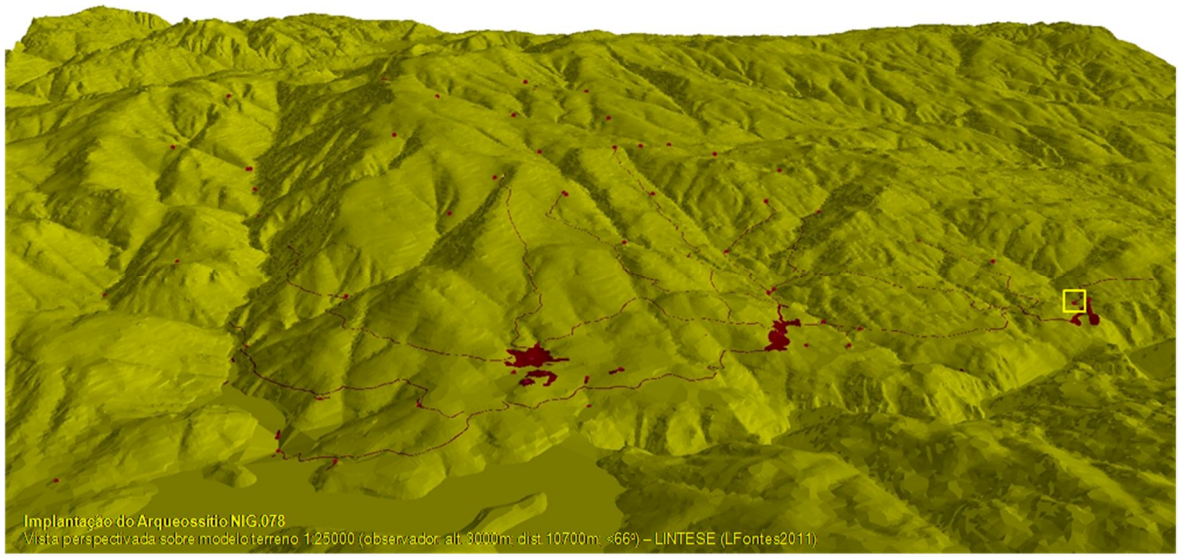
Localização de Arqueossítio NIG.078 — extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.078 extracto da Orto_17_3_B do PNPG 1:10000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Cabana do Lousinho (NIG.079)** - Chã do Lousinho; Eiras

B – Abrigo de pastor

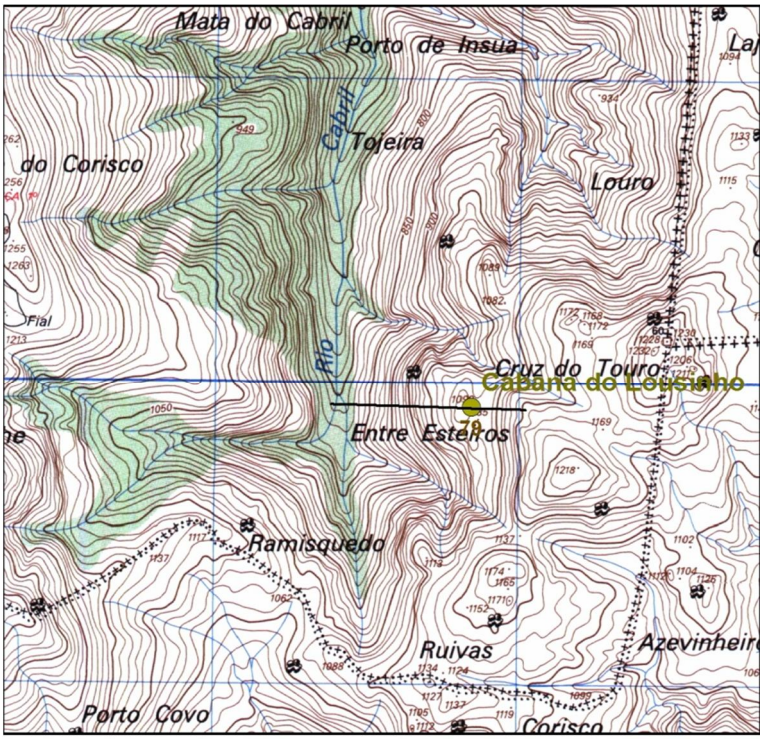
C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=196704,89 / Y=538521,73 / Z=1080; Lindoso

D - Este arqueossítio situa-se num esporão alcantilado que pontua a margem direita da cabeceira do rio Cabril, no prolongamento para poente do cume de Eiras. É uma zona de cumeada, sobranceira a um troço de vale fechado, em garganta, com margens escarpadas.
Na pequena chã a pedregosidade é mediana, conservando-se um solo não muito espesso que sustenta um prado natural. Nas encostas, muito declivosas, onde aflora o substrato rochoso granítico e se conservam poucos solos esqueléticos, crescem pequenas manchas de vegetação climácica, predominando sub-bosque de arbustivas (urze e carqueja). As espécies arbóreas não abundam, assinalando-se alguns exemplares de carvalho e de azevinho. Com exposição a nascente e Sul, do local desfruta-se uma ampla visibilidade de todo o vale do rio Cabril, do Ramisquedo até à confluência com o rio Lima.
O acesso, não sinalizado, é difícil, fazendo-se por caminho de pé posto a partir do Colado da Porta, pela crista do Ramisquedo e Ruivas. Acesso condicionado, pois trata-se de Área de Ambiente Natural/Zona de Protecção Total da "Mata de Cabril".

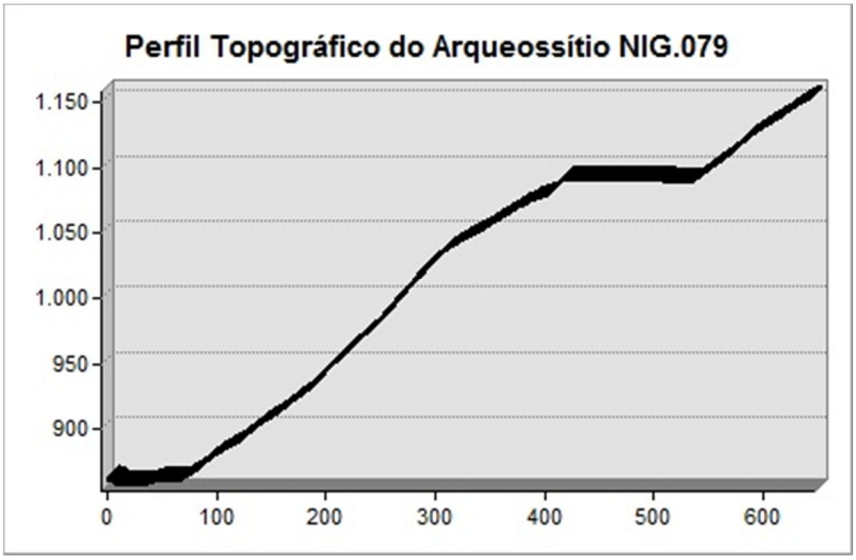
E, F e G - Ver descrições em NIG.051. A cabana já não tem cobertura.

H - Inédito. Estampas LXXIXa, LXXIXb e LXXIXc.

Estampa LXXIXa



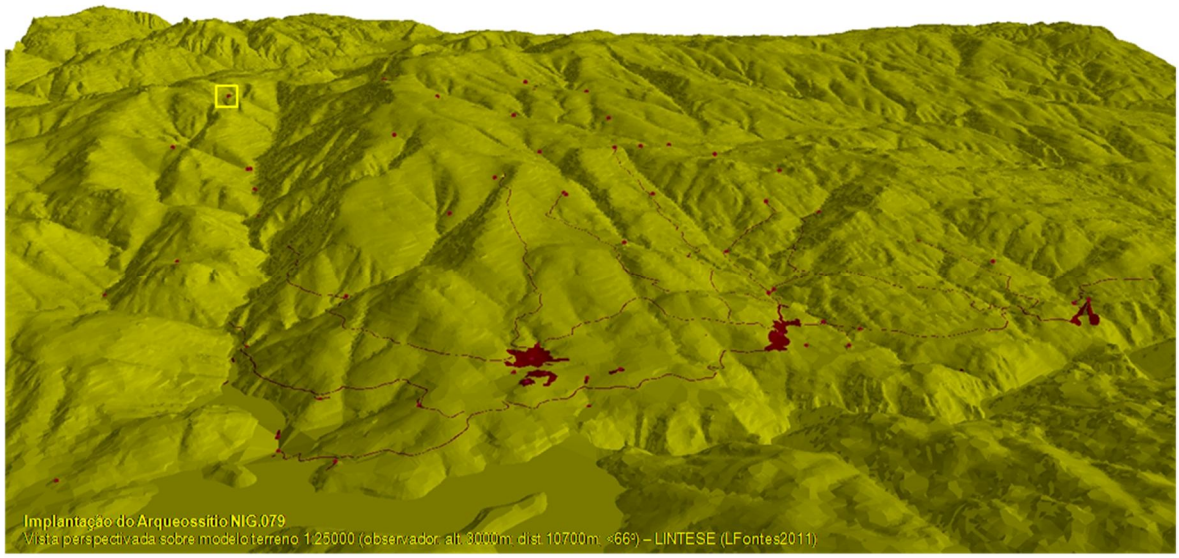
Localização de Arqueossítio NIG.079 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIXb



Localização de Arqueossítio NIG.079 extracto da Orto_30_2_B do PNPG 1.10000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXIXc



fotoNIG079a - Perspectiva sobre a cabana de Lousinho, arruinada

A - **Caminho Lindoso-Porto Maceira (NIG.080)**

B – Caminho

C – SCE.17 / DGOGF.17D; X=196243,40 / Y=542773,28 / Z=400; Lindoso (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

D – O caminho tem uma extensão aproximada de 3 quilómetros, desenvolvendo-se, entre os 450 e os 400 m de altitude, pela encosta nordeste do relevo do Forcão, num traçado suave que, depois de vencer a lomba do Fundal, onde cruza o estradão florestal Lindoso/Louriça, vai descendo progressivamente por Couto Covelo, passa a Corga de Vilarinho na Ponte Mona (NIG.046) e termina em Porto Maceira, onde cruza o rio Cabri.
Atravessa uma zona de vale mais aberto, correspondente ao troço final da confluência do rio Cabril com o rio Lima, onde os substratos graníticos e xistentos se misturam, aflorando em diversas formas. A cobertura vegetal da envolvente é variável ao longo do traçado, com campos/prado nas proximidades da povoação, pequenos bosques de povoamento florestal ou climácicos junto das linhas de água e extensas áreas incultas, com giestais, tojais e herbáceas, onde o gado pasta livremente. Com exposição geral a nascente, proporciona uma boa visibilidade sobre o troço próximo do rio e do vale, que se amplia para Nordeste na confluência do rio Cabril com o rio Lima.
O acesso faz-se desde a aldeia de Lindoso, mas não está sinalizado.

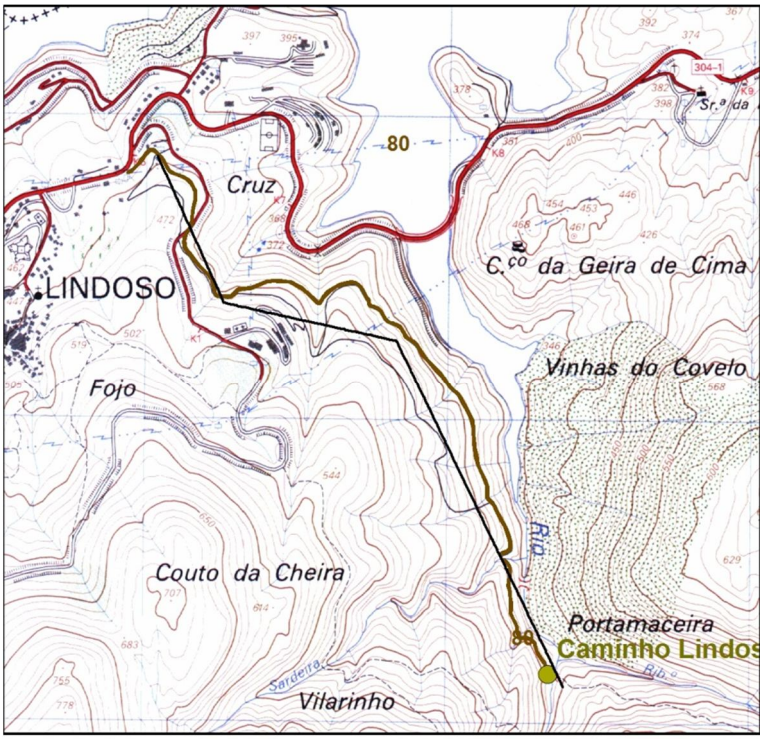
E e F – Caminho carreteiro com cerca de 2 m de largura média, apresentando alguns troços em piso térreo e troços mais ou menos extensos pavimentados com lajes graníticas, nas quais se identificam bem os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros de bois. O seu traçado é regular, sem desníveis abruptos, ora rasgando parcialmente a encosta, ora suportado por pequenos taludes de terra e pedras, por vezes estruturados em muros de contenção. As linhas de água são passadas a vau, excepto na Corga de Vilarinho, onde o caminho é servido por um pontilhão (Ponte Mona – NIG.046).
Relacionado com a exploração dos recursos silvopastoris do espaço de monte, designadamente com a recolha de matos e lenhas e o trânsito de gado, este

caminho deverá datar dos tempos da estruturação do povoamento medieval, servindo a população da aldeia de Lindoso. Considerando a existência de vestígios de ocupação de época romana na Torre Grande (NIG.012), pode admitir-se que parte do seu traçado remonte a esse período.

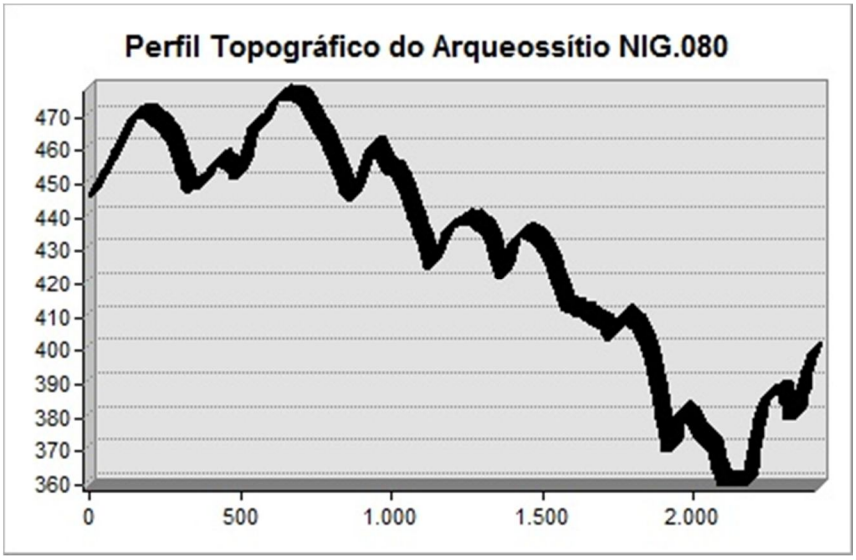
G - Trata-se de um bem conservado e significativo testemunho da rede de acessibilidades locais. Deve ser objecto de levantamento topográfico pormenorizado e assegurada a sua conservação, promovendo designadamente a limpeza periódica do caminho.

H – Inédito. Estampas LXXXa e LXXXb.

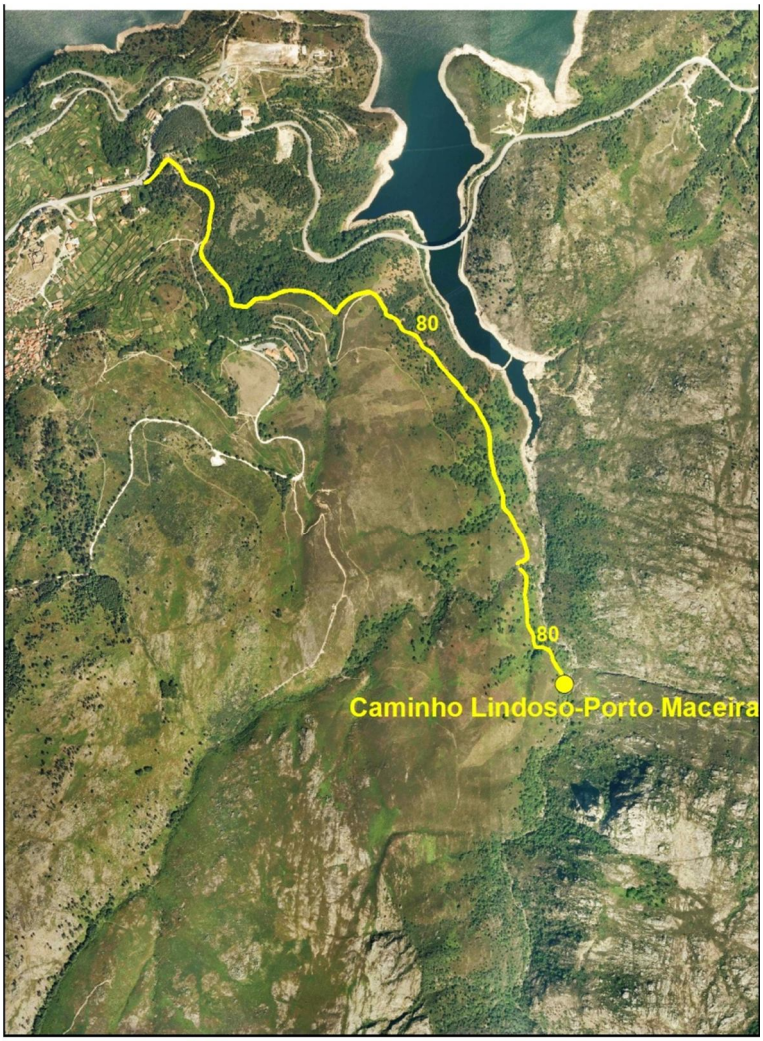
Estampa LXXXa



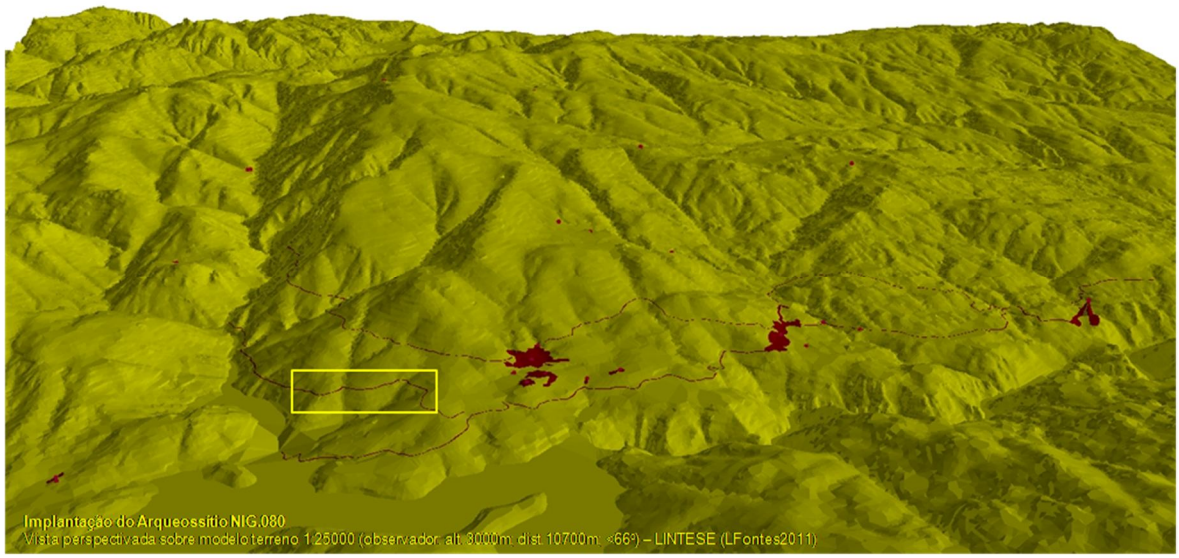
Localização de Arqueossítio NIG.080 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXb



Localização de Arqueossítio NIG.080 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.080
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador alt. 3000m dist 10700m ×66°) – LINTESE (LFontes2011)

A - **Caminho Lindoso-Vilarinho (NIG.081)**

B – Caminho

C – SCE.17 / DGOGF.17D; X=195898,84 / Y=541787,54 / Z=590; Lindoso (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

D – O caminho desenvolve-se entre os 450 e os 590 m de altitude, numa extensão aproximada de 3,3 quilómetros, pela encosta este do relevo do Forcão, num traçado irregular que, depois de subir a Candorcas e Eido Velho, desce para passar a Corga da Vanjanea, continua a descer até passar a Corga da Cerdeira no pontão de Vilarinho (NIG.045) e prossegue depois subindo paulatinamente pela Costa dos Conqueiros, pela vertente esquerda do vale do rio Cabril.
Zona correspondente ao troço final da confluência do rio Cabril com o rio Lima, onde os substratos graníticos e xistentos se misturam, aflorando em diversas formas, beneficia de uma exposição geral a nascente, proporcionando uma ampla visibilidade sobre a confluência dos dois rios, marcada pela rudeza dos relevos da margem direita do Cabril, onde sobressai o maciço da Torre Grande. A cobertura vegetal da envolvente é variável ao longo do traçado, com campos/prado nas proximidades da povoação, pequenos bosques de povoamento florestal ou climácicos junto das linhas de água e extensas áreas incultas, com giestais, tojais e herbáceas, onde o gado pasta livremente.
O acesso faz-se desde a aldeia de Lindoso, mas não está sinalizado.

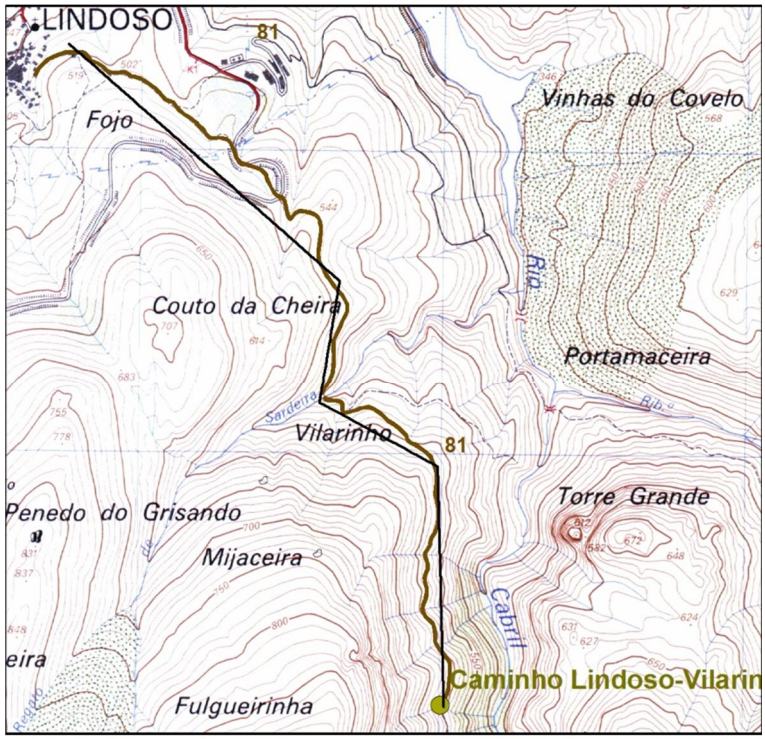
E e F – Trata-se de um caminho carreteiro com cerca de 2 m de largura média, apresentando raros troços em piso térreo e, depois da Corga da Vanjanea, praticamente todo pavimentado com lajes graníticas, nas quais se identificam bem os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros de bois. Apesar de variar a altitude a que se desenvolve, o seu traçado não apresenta desníveis abruptos, sendo solidamente sustentado por muro ciclópico de suporte, no troço que desce para o Pontão de Vilarinho. As linhas de água são passadas a vau, excepto na Corga de Vilarinho, onde o caminho é servido por um pontilhão (NIG.045).

Tal como o caminho de Lindoso/Porto Maceira, este caminho carreteiro está relacionado com a exploração dos recursos silvopastoris da serra, designadamente com a recolha de matos e lenhas e o trânsito de gado, devendo datar dos tempos da estruturação do povoamento medieval, servindo a população da aldeia de Lindoso. Considerando igualmente a existência de vestígios de ocupação de época romana em Vilarinho.1 (NIG.013), pode admitir-se que parte significativa do seu traçado remonte a esse período.

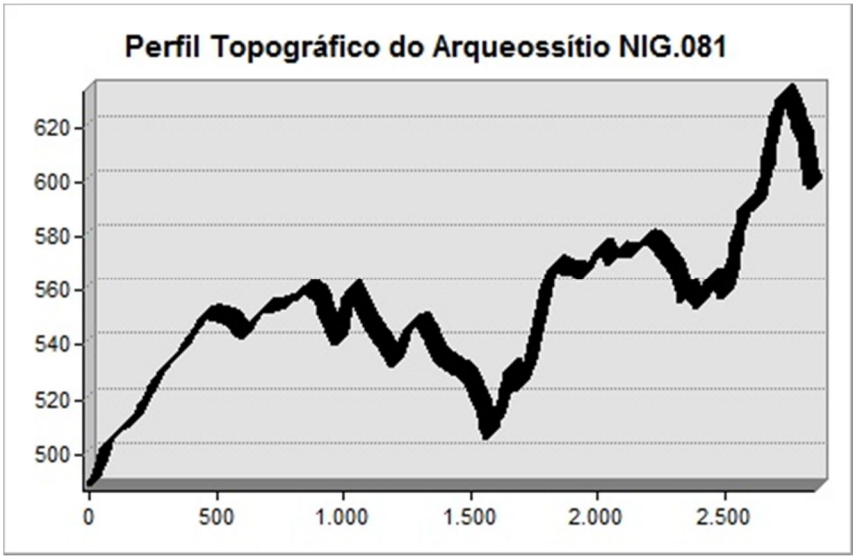
G – Ver descrição em NIG.080.

H – Inédito. Estampas LXXXIa, LXXXIb e LXXXIc.

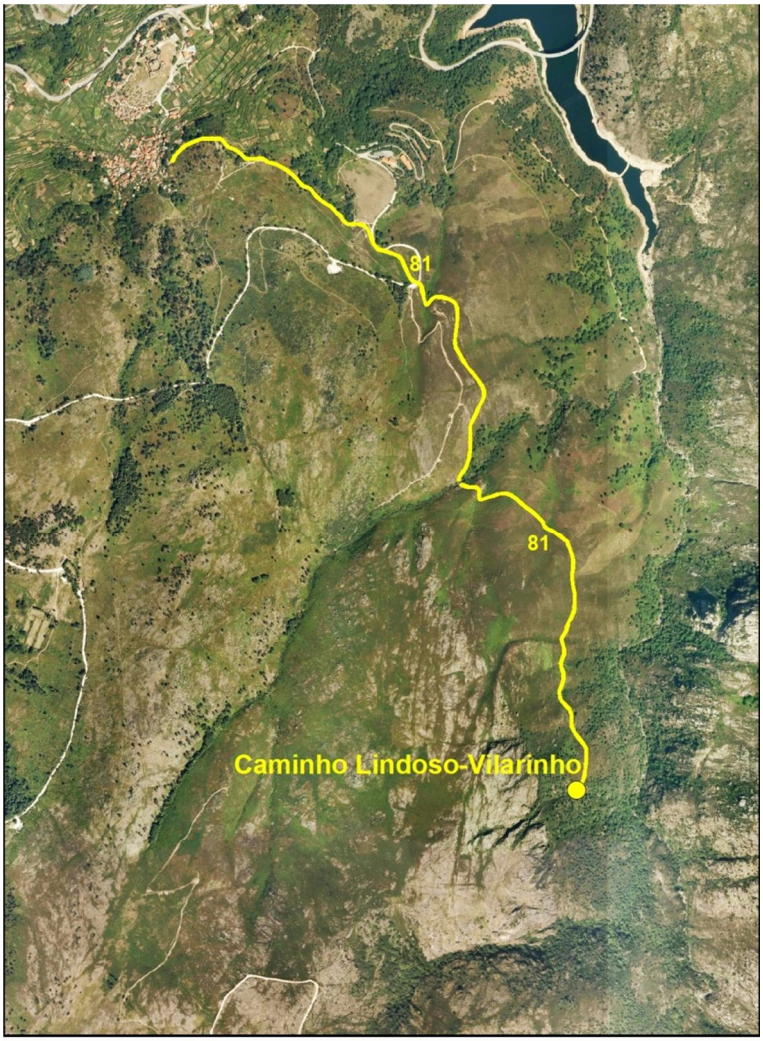
Estampa LXXXIa



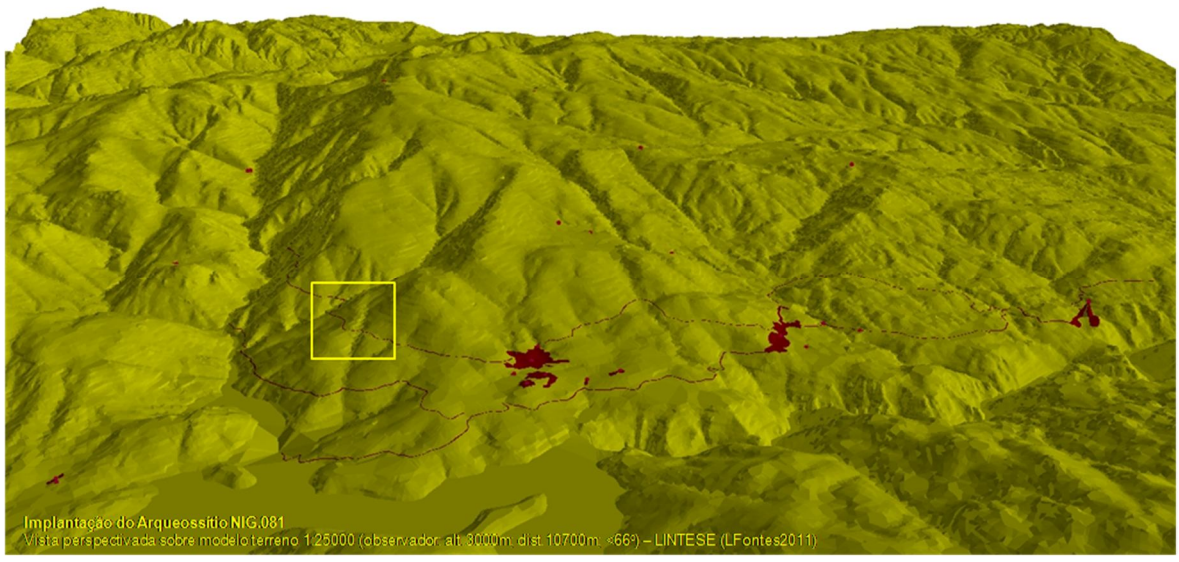
Localização de Arqueossítio NIG.081 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIb



Localização de Arqueossítio NIG.081 extracto da Orto_17_4_A-B do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIc



fotoNIG081a - Perspectiva do caminho Lindoso-Vilarinho



fotoNIG081b - Perspectiva do caminho Lindoso-Vilarinho

A - **Caminho Lindoso-Messe do Testo-Travanquinha (NIG.082)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194373,82 / Y=541384,49 / Z=805; Lindoso (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

D – O caminho desenvolve-se numa extensão aproximada de 2,8 quilómetros, entre os 450 e os 900 m de altitude, num traçado irregular e íngreme, que começa por subir até à portela da Saramagosa, de onde sai uma derivação para a cabana da Messe do Testo (NIG.056), continua a subir pela encosta da Escuralha para passar à portela de Peixerrão e prossegue na longa subida da vertente poente do relevo do Chamadouro, até chegar à cabana da Travanquinha (NIG.057).
Zona dominada pelos relevos vigorosos da vertente setentrional da serra Amarela, onde aflora o substrato granítico em extensas massas aplanadas ou em caos de blocos, beneficia de uma exposição geral a poente, proporcionando uma ampla visibilidade sobre a vertente da serra e sobre o vale do rio Lima. A cobertura vegetal da envolvente é variável ao longo do traçado, atravessando os campos/prado que armam a encosta em socalcos nas proximidades da povoação, pequenos bosques de povoamento florestal ou climácicos junto das linhas de água e extensas áreas incultas, com giestais, tojais e herbáceas, onde o gado pasta livremente.
O acesso faz-se desde a aldeia de Lindoso, mas não está sinalizado.

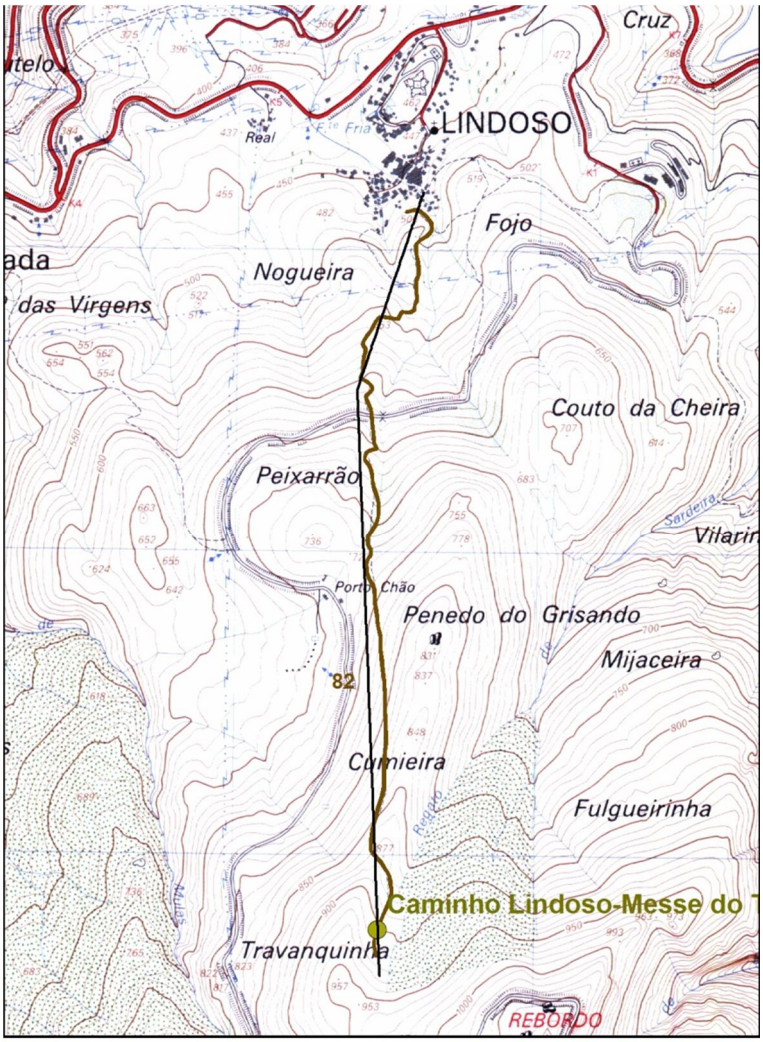
E e F – Trata-se de um caminho carreteiro, que se apresenta praticamente todo pavimentado com lajes graníticas ao longo dos seus quase 3 quilómetros de extensão, com cerca de 1,8 m de largura média, apresentando raros troços em piso térreo. Nos troços lajeados observam-se os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros de bois. Como evidenciam os 450 m de diferença de altitude entre a aldeia de Lindoso e a cabana da Travanquinha, o seu traçado é íngreme, o que terá justificado a sua sólida pavimentação. As linhas de água são passadas a vau.
Tal como o anterior, este caminho carreteiro está relacionado com a exploração dos recursos silvopastoris da serra, designadamente com a recolha de matos e

lenhas e o trânsito de gado, neste último aspecto claramente vinculado com a utilização do curral da Travanquinha.
Deve datar dos tempos da estruturação do povoamento medieval, servindo a população da aldeia de Lindoso.

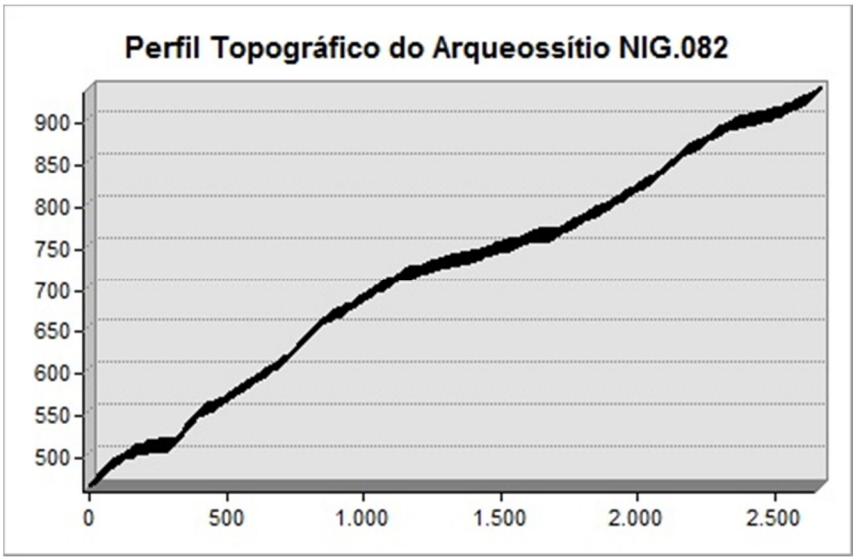
G – Ver descrição em NIG.080.

H – Inédito. Estampas LXXXIIa, LXXXIIb e LXXXIIc.

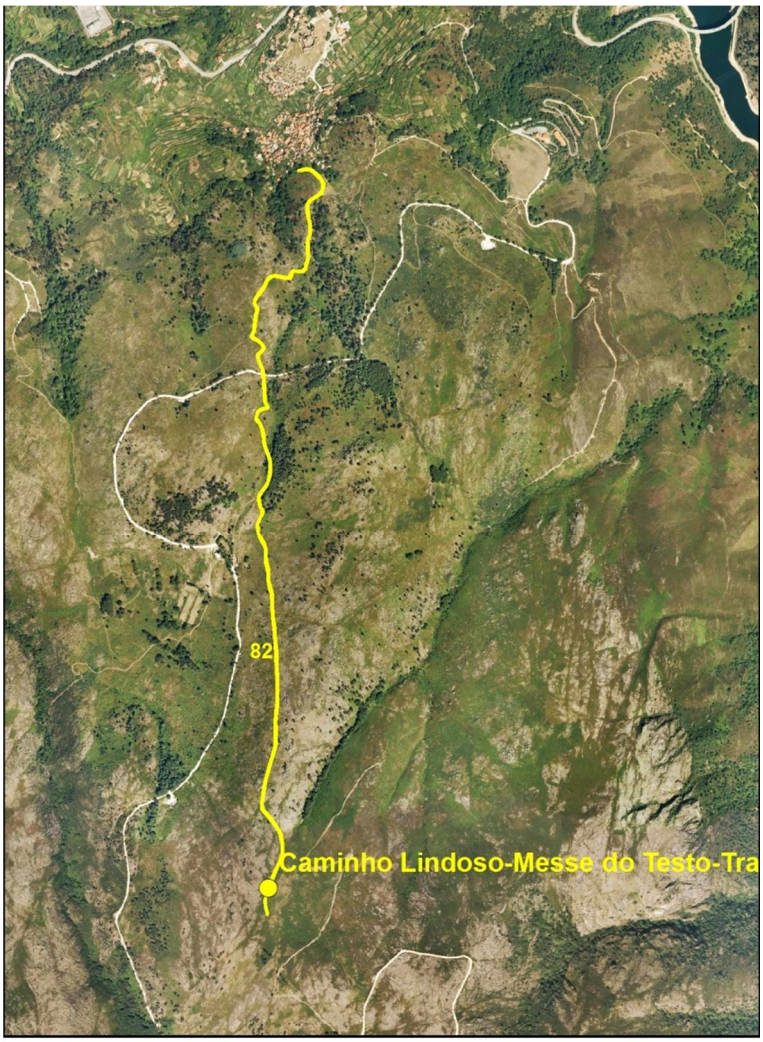
Estampa LXXXIIa



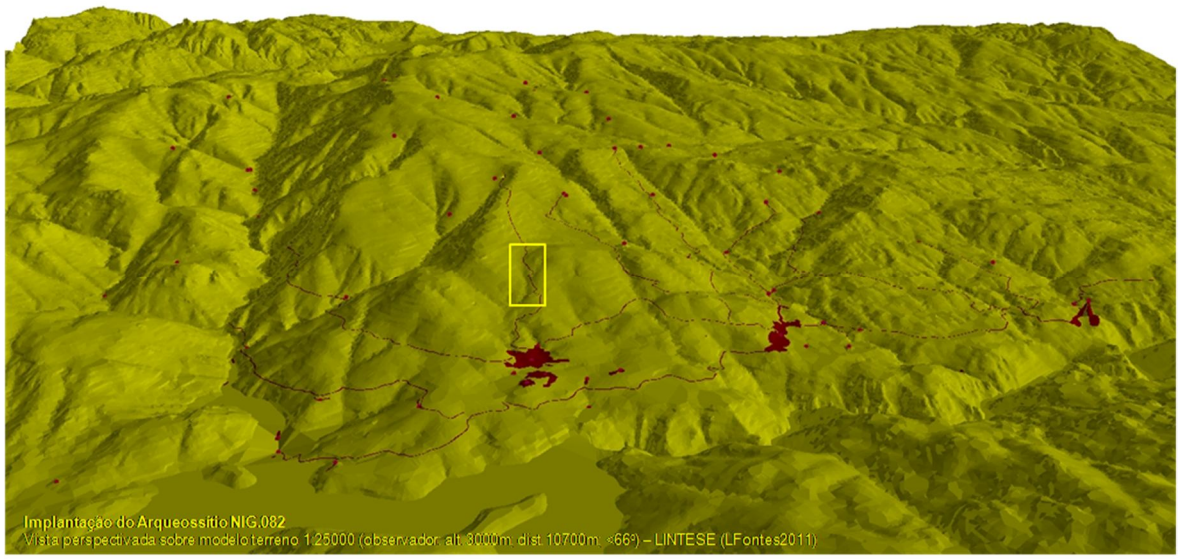
Localização de Arqueossítio NIG.082 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIIb



Localização de Arqueossítio NIG.082 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.082
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador: alt. 3000m, dist. 10700m, ×66º) – LINTESE (LFontes2011)

Estampa LXXXIIc



fotoNIG082a - Perspectiva do caminho Lindoso-Travanquinha

A - **Caminho Parada-Porto Chão-Aradoiro (NIG.083)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=193945,86 / Y=541564,11 / Z=800; Parada (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

D – Com uma extensão aproximada de 3 quilómetros, o caminho desenvolve-se entre os 400 e os 800 m de altitude, num traçado irregular, que começa por subir para o Cabeço das Virgens e encosta do Lajão, para passar à portela do Bebedouro e entrar na bacia aplanada de Porto Chão, que atravessa, subindo novamente na parte final para o Aradoiro. Dava ligação, para Sul, à Cabana de Bogalhedo, por caminho de pé-posto.
Zona dominada pelas lombas e colinas que rematam o sopé da vertente setentrional da serra Amarela, onde aflora o substrato granítico em extensas massas aplanadas ou em caos de blocos, beneficia de uma exposição geral a poente, proporcionando uma ampla visibilidade sobre a vertente da serra e sobre o vale do rio Lima. A cobertura vegetal da envolvente é variável ao longo do traçado, atravessando os campos/prado que armam a encosta em socalcos nas proximidades da povoação e extensas áreas incultas, com giestais, tojais e herbáceas, onde o gado pasta livremente.
O acesso faz-se desde a aldeia de Parada, mas não está sinalizado.

E e F – Trata-se de um caminho carreteiro, com cerca de 1,8 m de largura média, apresentando-se em parte pavimentado com lajes graníticas, especialmente nas zonas mais declivosas, e em parte com piso térreo. Nos troços lajeados observam-se os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros de bois. As linhas de água são passadas a vau.
Este caminho carreteiro servia a população de Parada e está relacionado com a exploração dos recursos silvopastoris da serra, designadamente com a recolha de matos e lenhas e o trânsito de gado, neste último aspecto claramente vinculado com a utilização do abrigo do Aradoiro (NIG.063). Admitimos ainda que este caminho possa corresponder à antiga ligação medieval entre Parada e as brandas agro-pastoris de Pardieiros e Afonsinhos, respectivamente Porto Chão.8

(NIG.020) e Porto Chão.9 (NIG.021), datando, portanto, dos tempos da estruturação do povoamento medieval.

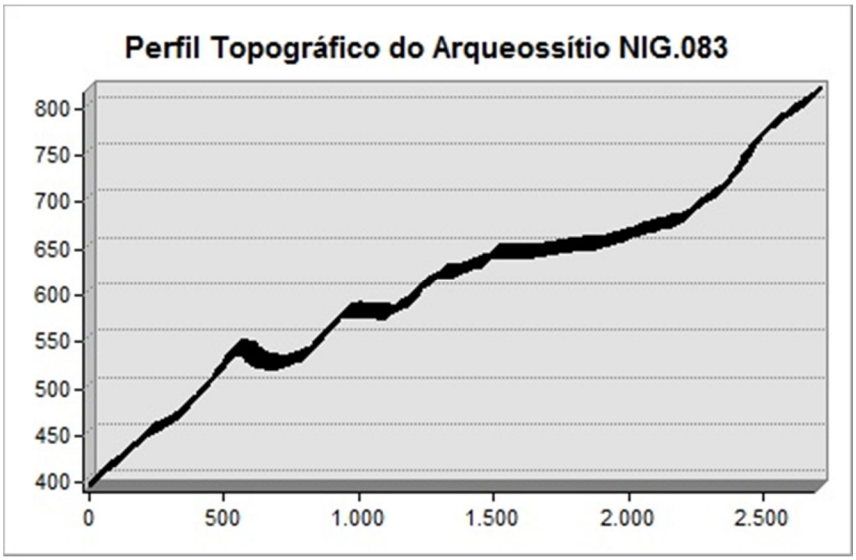
G – Ver descrição em NIG.080.

H – Inédito. Estampas LXXXIIIa, LXXXIIIb e LXXXIIIc.

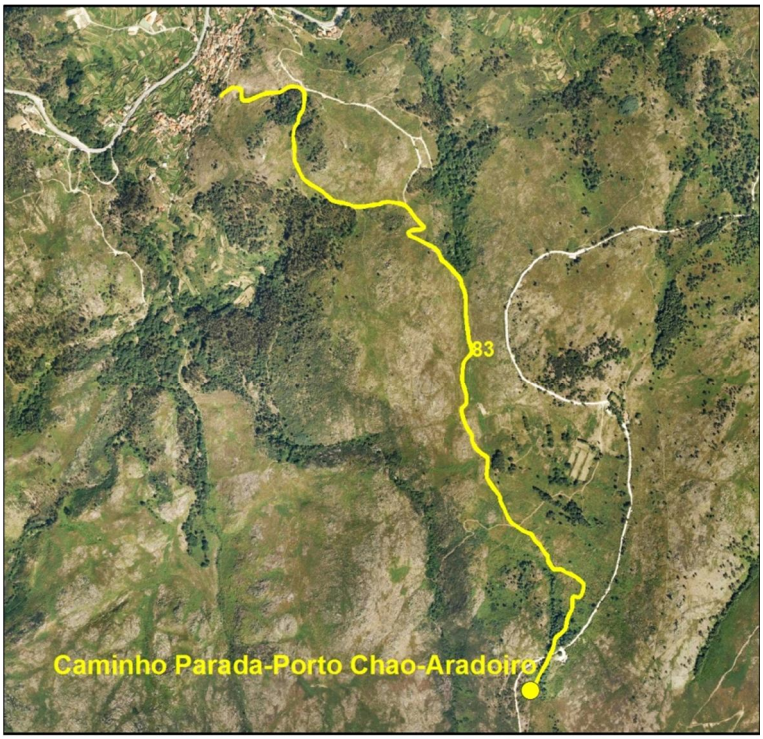
Estampa LXXXIIIa



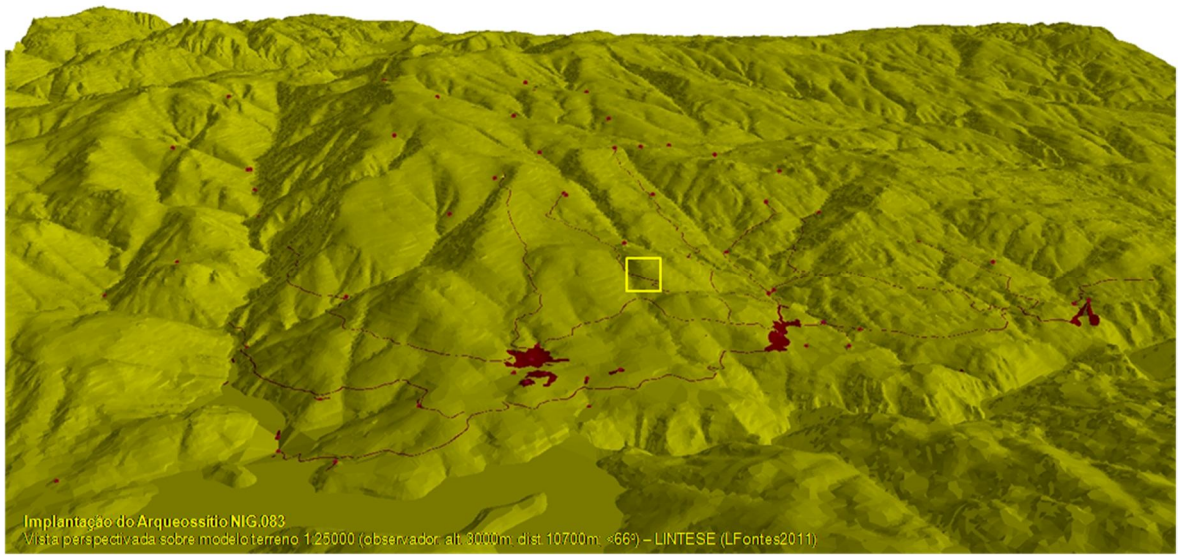
Localização de Arqueossítio NIG.083 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.083 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Caminho Parada-Sobreiro Quente (NIG.084)**

B – Caminho

C - SCE.30 / DGOGF.30B; X=193346,34 / Y=540372,33 / Z=855; Parada (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

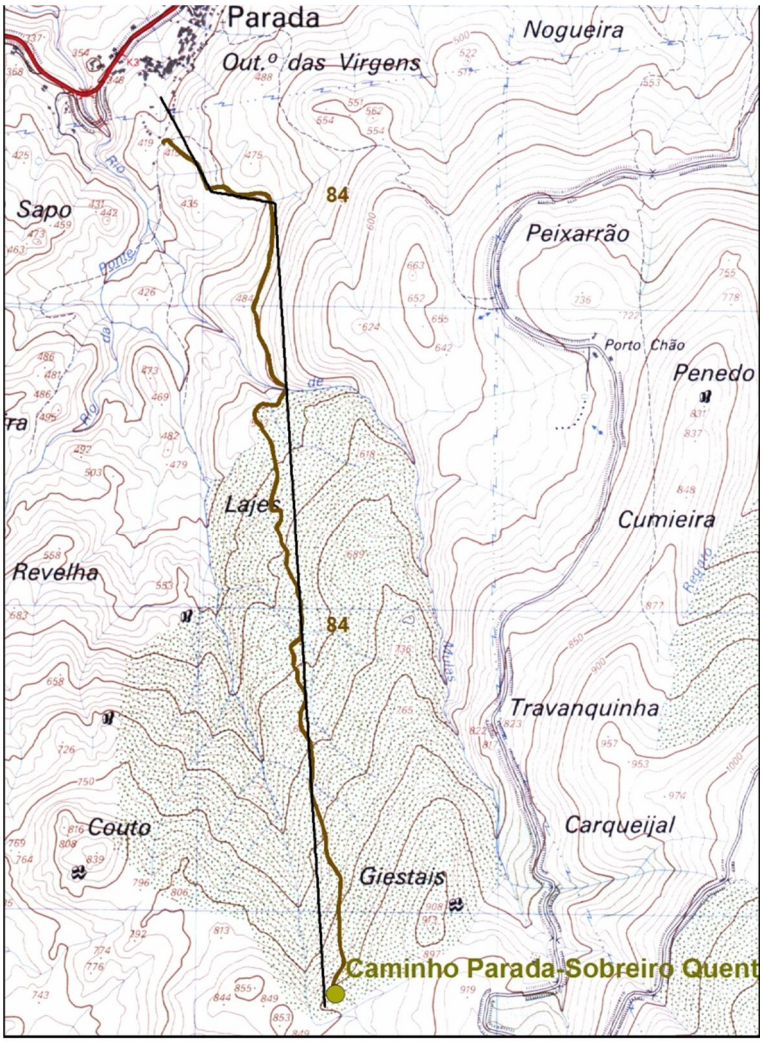
D – Caminho que se desenvolve entre os 400 e os 675 m de altitude, ao longo de mais de 3 quilómetros, num traçado regular, que passa por Taz do Colado, cruza o Rio da Feicha no pontão de Serenada (NIG.047) e prossegue para Sul subindo pelas encostas do Alto do Carqueijado e de Sobradelo, até ao curral de Sobreiro Quente. Dá ligação à Cabana de Bem-Espero, por caminho de pé-posto.
Atravessa uma zona dominada pelas lombas e colinas que rematam o sopé da recortada vertente setentrional da serra Amarela, onde aflora o substrato granítico em extensas massas aplanadas ou em caos de blocos. Por seguir pelo interior dos talvegues, a visibilidade é limitada à sua envolvente. A cobertura vegetal é variável ao longo do traçado, atravessando os campos/prado que armam a encosta em socalcos nas proximidades da povoação e extensas áreas incultas, pequenos bosques de floresta de produção e de climácicas junto das linhas de água e extensos incultos com giestais, tojais e herbáceas, onde o gado pasta.
O acesso faz-se desde a aldeia de Parada, mas não está sinalizado.

E e F – Trata-se de um caminho carreteiro, com cerca de 1,8 m de largura média, apresentando-se em parte pavimentado com lajes graníticas, especialmente nas zonas mais declivosas, e em parte com piso térreo. Nos troços lajeados observam-se os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros de bois. As linhas de água são passadas a vau.
Também este caminho carreteiro servia a população de Parada, relacionando-se com a exploração dos recursos silvopastoris da serra, designadamente com a utilização da cabana de Sobreiro Quente (NIG.066).

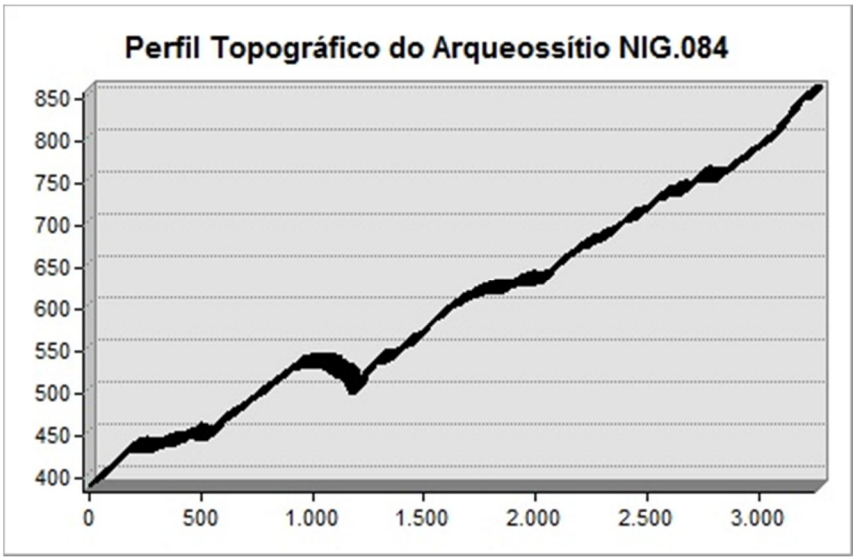
G – Ver descrição em NIG.080.

H – Inédito. Estampas LXXXIVa, LXXXIVb e LXXXIVc.

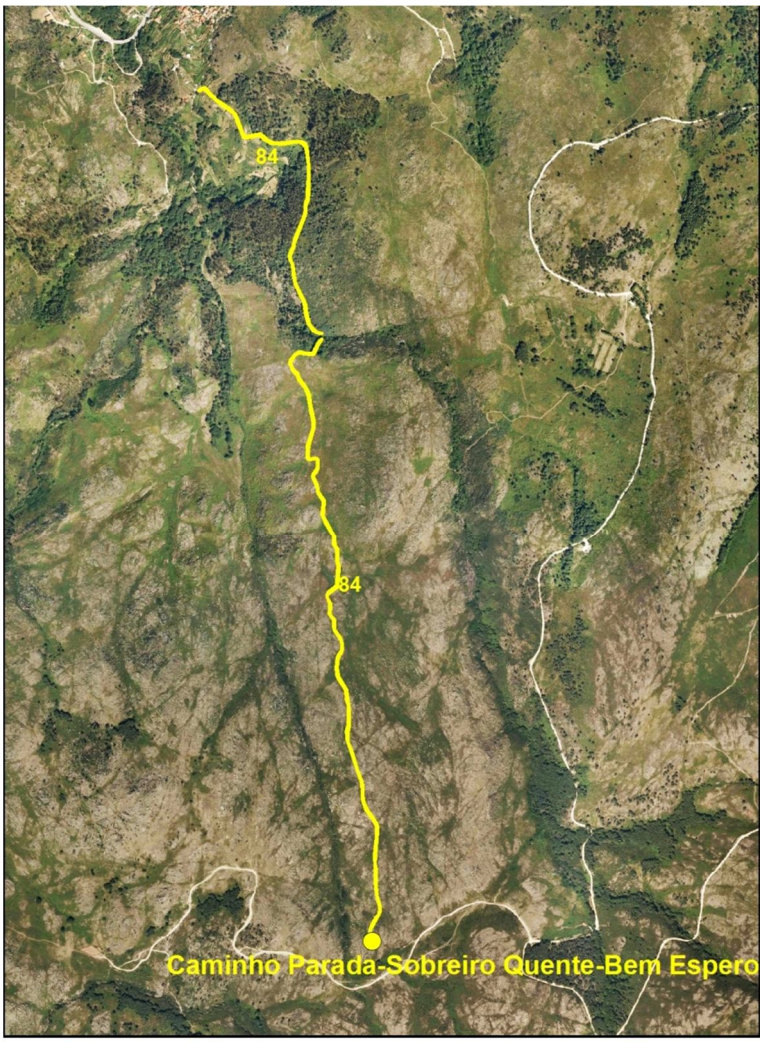
Estampa LXXXIVa



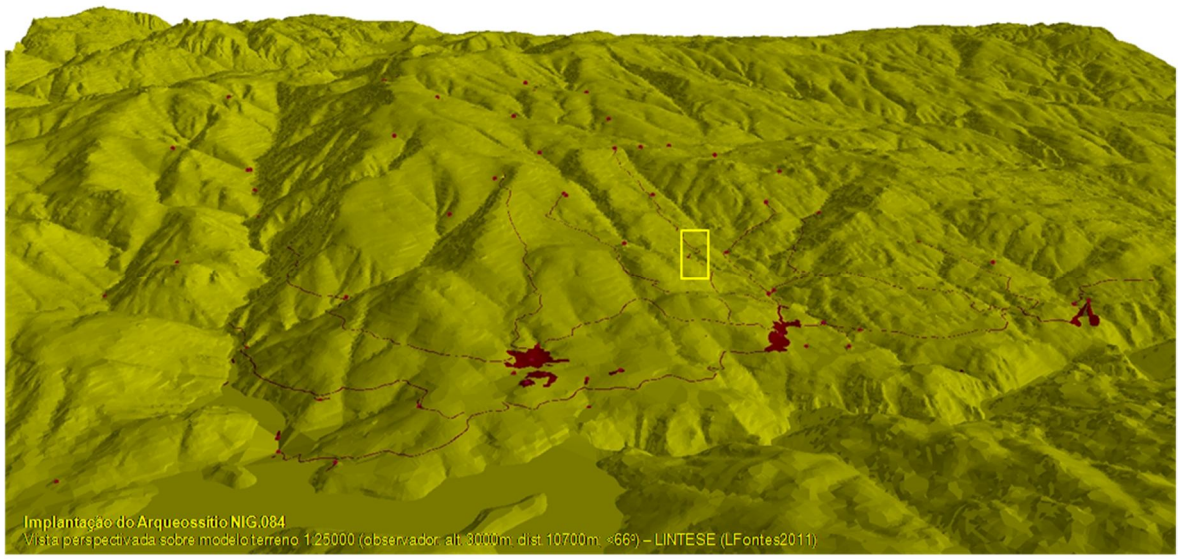
Localização de Arqueossítio NIG.084 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIVb



Localização de Arqueossítio NIG.084 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIVc



fotoNIG084a - Perspectiva do caminho Parada-Sobreiro Quente

A - **Caminho Parada-Curro Novo (NIG.085)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=192333,51 / Y=541471,80 / Z=625; Parada (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

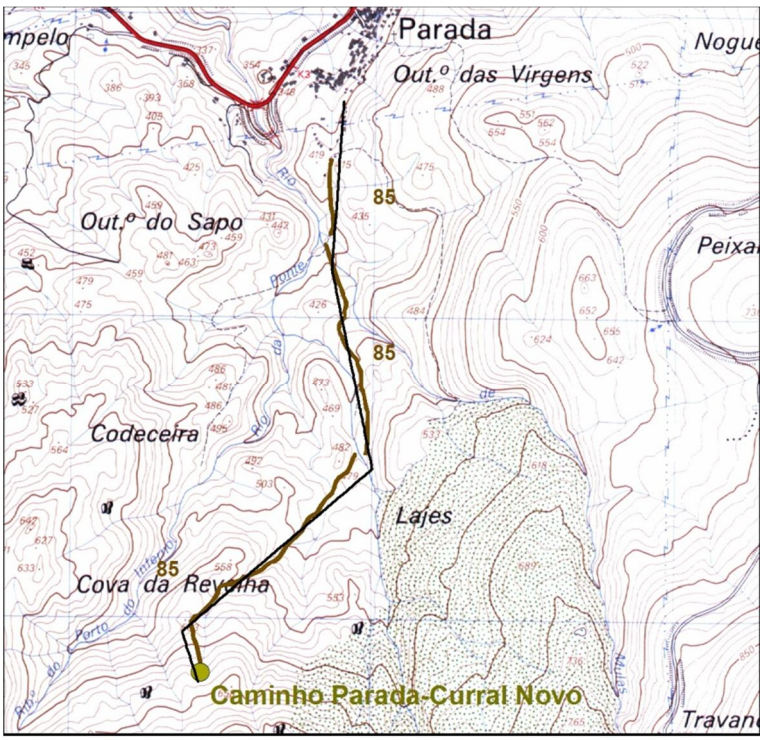
D – Caminho que se desenvolve entre os 400 e os 725 m de altitude, ao longo de 2 quilómetros, num traçado irregular, que vai passar o Rio da Feicha no pontão de Porto Novo do Ribeiral (NIG.048), sobe pelo lado nascente da portela de Cabanas Velhas, desce um pouco para passar o Ribeiro do Azebrinheiro, no Pontão de Ramira (NIG.050) e prossegue para Sul subindo pela encosta da Lage Preta, até Curro Novo. Dá depois ligação à Chã do Couto, por caminho de pé posto.
Para os restantes aspectos, ver descrição em NIG.084.

E e F – Ver descrição em NIG.084.

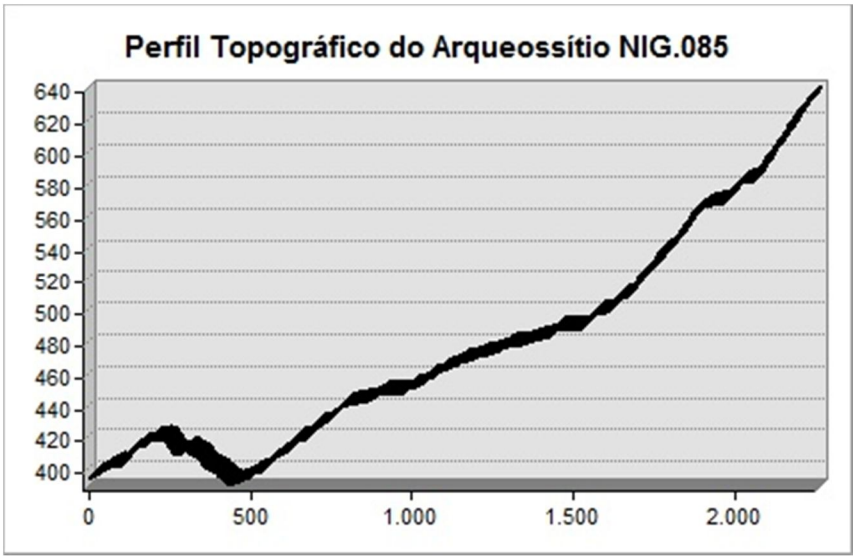
G – Ver descrição em NIG.080, sendo que, aqui, servia a exploração dos pastos de Curro Novo.

H – Inédito. Estampas LXXXVa, LXXXVb e LXXXVc.

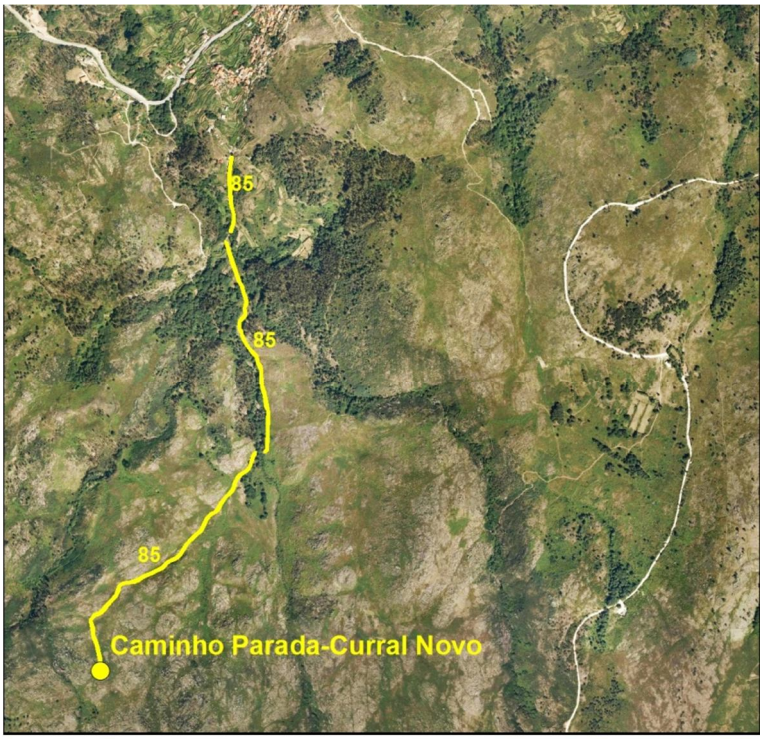
Estampa LXXXVa



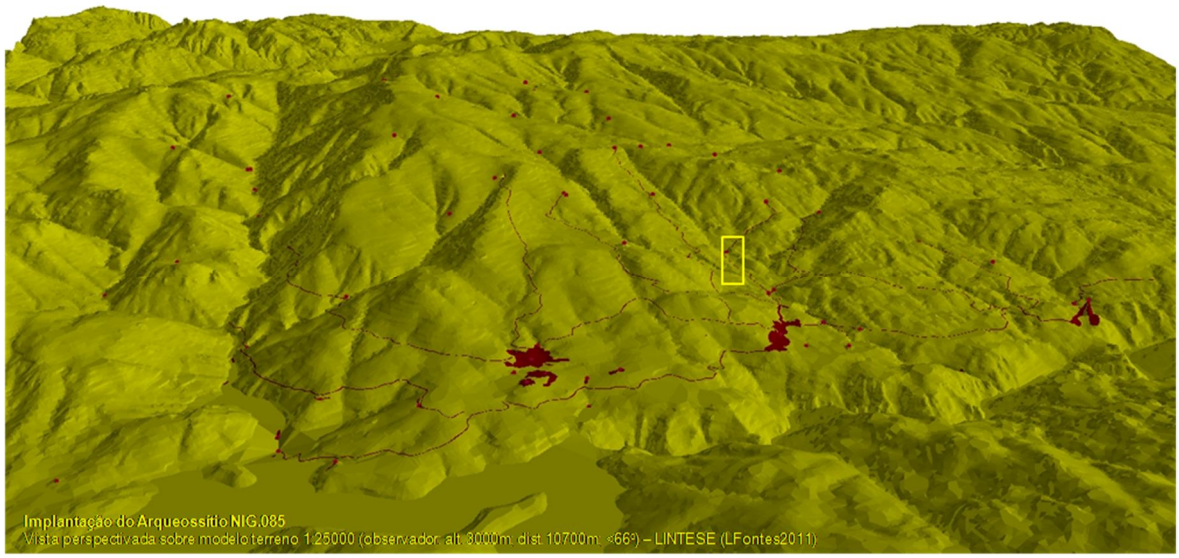
Localização de Arqueossítio NIG.085 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXVb



Localização de Arqueossítio NIG.085 extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXVc



fotoNIG085a - Perspectiva do caminho Parada-Curro Novo

A - **Caminho Parada-Lameiro do Charco (NIG.086)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=191928,75 / Y=541584,29 / Z=545; Parada (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

D – Caminho que se desenvolve entre os 400 e os 500 m de altitude, com pouco mais de 2 quilómetros, num traçado regular, que passa o Rio da Feicha no pontão de Porto Novo do Ribeiral (NIG.048) e o Rio do Couto no pontão de Segundo Porto (NIG.049). Sobe depois pela encosta nascente do Outeiro da Fonte Formosa, até Lameiro do Charco. Antes da subida para o Outeiro da Fonte Formosa, cerca de 200 m a Sudoeste do pontilhão de Porto Aziveiro[31], o caminho deriva para a aldeia de Cidadelhe, passando a Norte da Chã das Desordens.
Para os restantes aspectos, ver descrição em NIG.084.

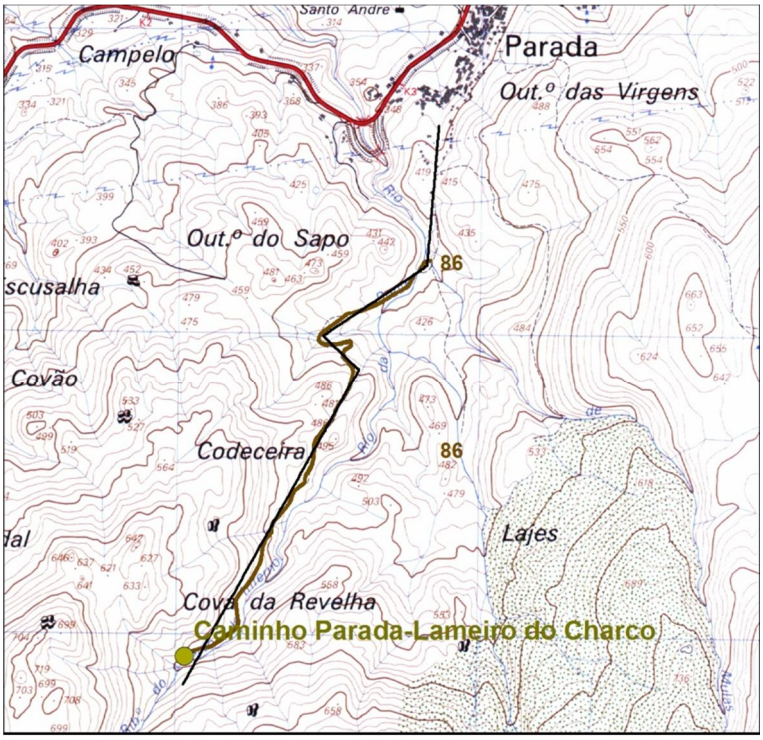
E e F – Ver descrição em NIG.084.

G – Ver descrição em NIG.080. Aqui servia a exploração dos pastos de Lameiro do Charco.

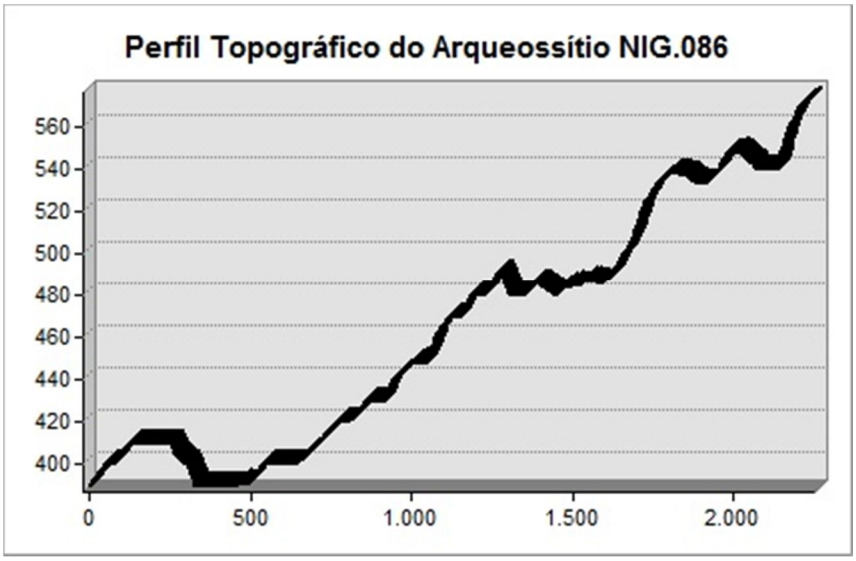
H – Inédito. Estampas LXXXVIa e LXXXVIb.

31 Este pontilhão cruza o rio do Couto cerca de 100 m para montante do arqueossítio de Segundo Porto, dando acesso aos moinhos da margem direita do ribeiro, mais a montante na vertente poente de Cabanas Velhas. Porque apresenta uma feitura mais elaborada, com lajes facetadas e cortadas com estreitos "guilhos" de ferro de secção circular e tabuleiro sem sulcos de uso, atribuímos a este pontilhão em padieira com três tramos, uma cronologia já deste século, não o considerando por isso para o nosso estudo.

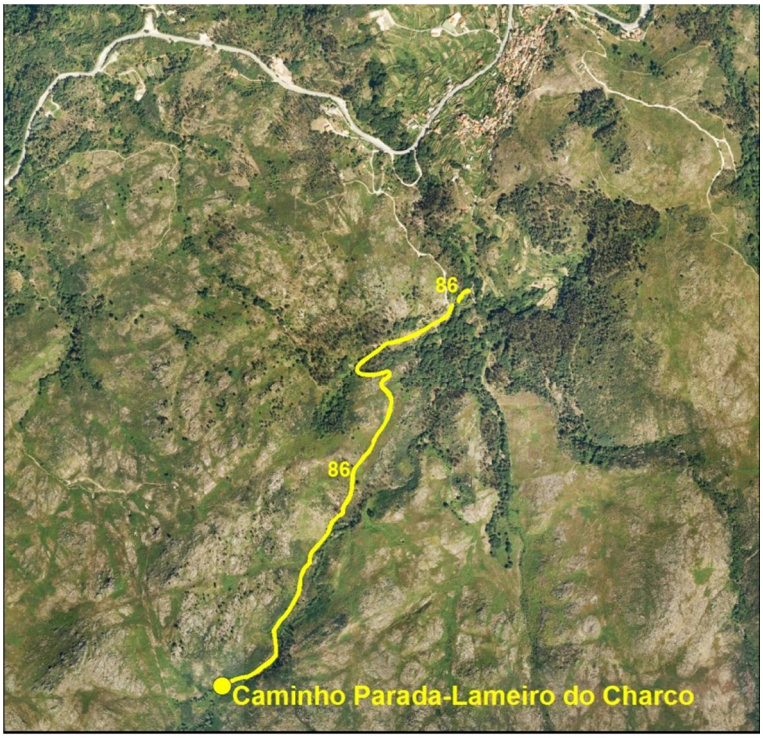
Estampa LXXXVIa



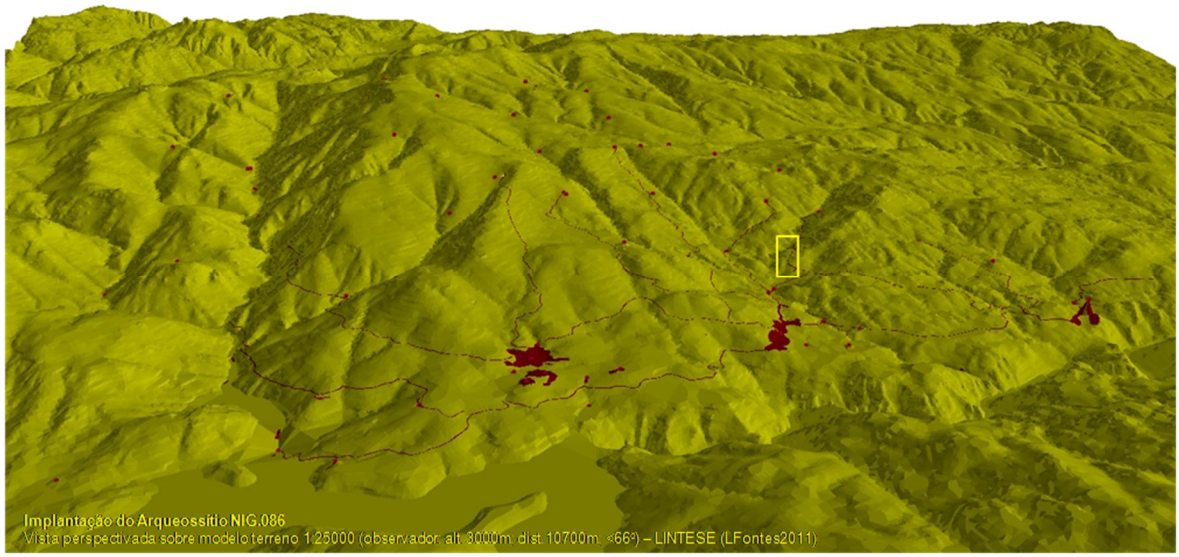
Localização de Arqueossítio NIG.086 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXVIb



Localização de Arqueossítio NIG.086 extracto da Orto_17_3_B-17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Caminho Cidadelhe-Covão-Cabanas do Couto (NIG.087)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17C; X=191391,62 / Y=542265,99 / Z=475; Cidadelhe (as coordenadas reportam-se ao fim do caminho carreteiro)

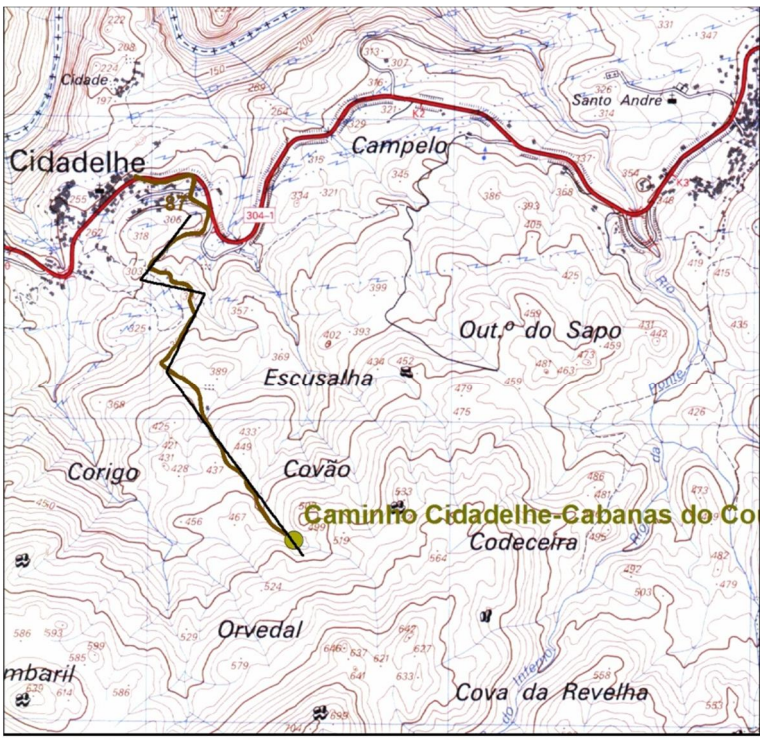
D – Com cerca de 1,8 quilómetros de extensão, este caminho desenvolve-se entre os 250 e os 500 m de altitude, apresentando um traçado irregular, subindo sempre pela portela do Outeiro dos Fornos, Alto de Rebordo Chão, Chão Velho e Covão. Prossegue, primeiro para Este e depois para Sul, em caminho de pé-posto, até às cabanas de Gordemela e do Couto.
Para os restantes aspectos, ver descrição em NIG.084.

E e F – Ver descrição em NIG.084.

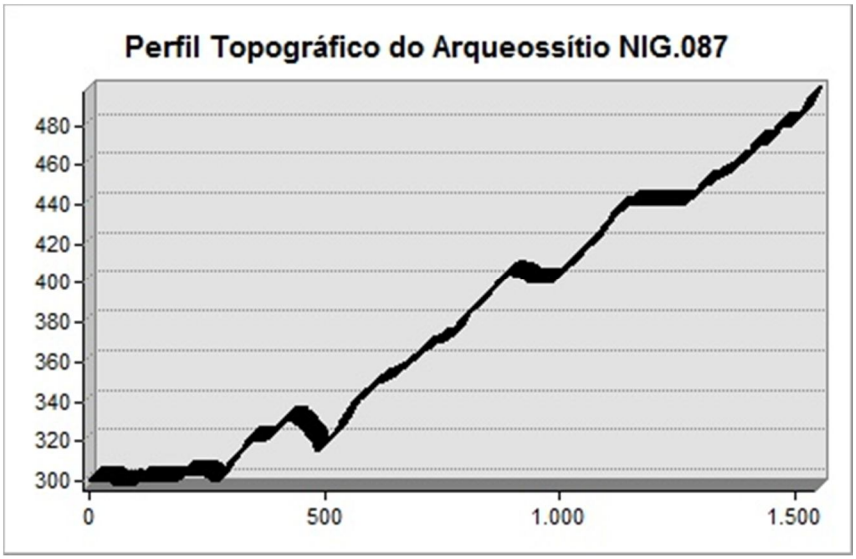
G – Ver descrição em NIG.080. Aqui servia, essencialmente, a exploração de matos e madeiras na zona do *saltus* envolvente de Cidadelhe.

H – Inédito. Estampas LXXXVIIa, LXXXVIIb e LXXXVIIc.

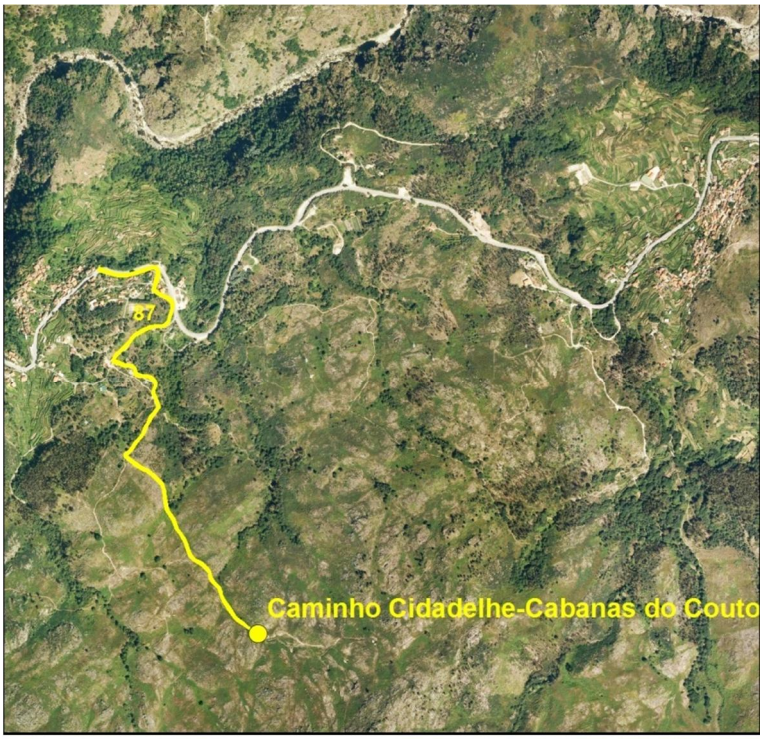
Estampa LXXXVIIa



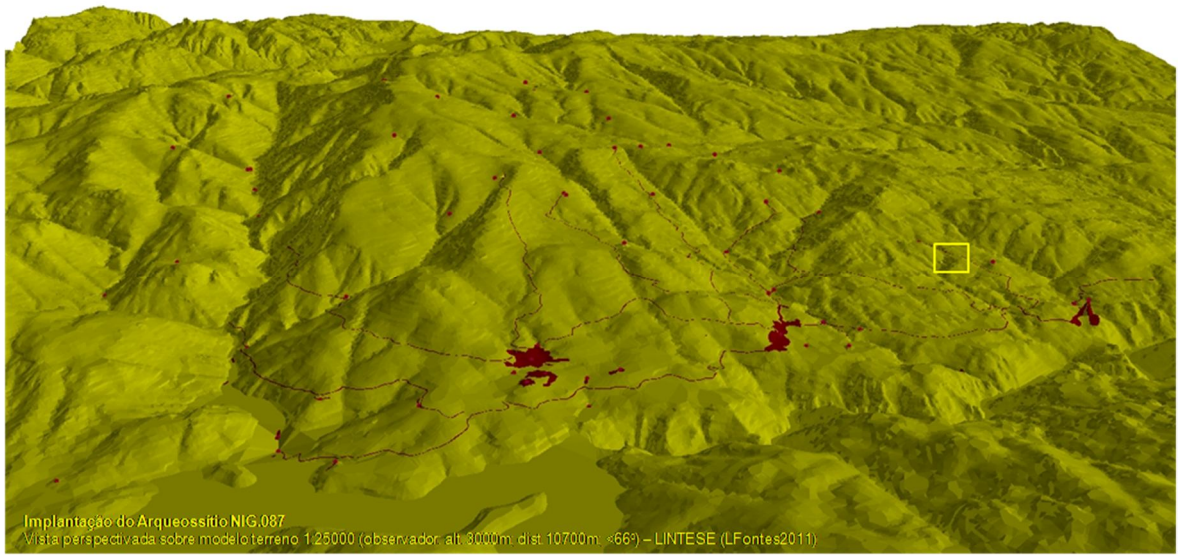
Localização de Arqueossítio NIG.087 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXVIIb



Localização de Arqueossítio NIG.087 extracto da Orto_17_3_B-17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Implantação do Arqueossítio NIG.087
Vista perspectivada sobre modelo terreno 1:25000 (observador: alt. 3000m, dist. 10700m, ×66º) – LINTESE (LFontes2011)

Estampa LXXXVIIc



fotoNIG087a - Perspectiva do caminho Cidadelhe-Cabanas do Couto

A – **Antiga estrada Ponte da Barca-Lindoso (NIG.088)** – Estrada real

B – Estrada

C - SCE.17 / DGOGF.17C-17D; X=192339,67 / Y=543515,34 / Z=335; Cidadelhe, Parada e Lindoso (as coordenadas reportam-se ao topo poente do troço da Ponte de Parada)

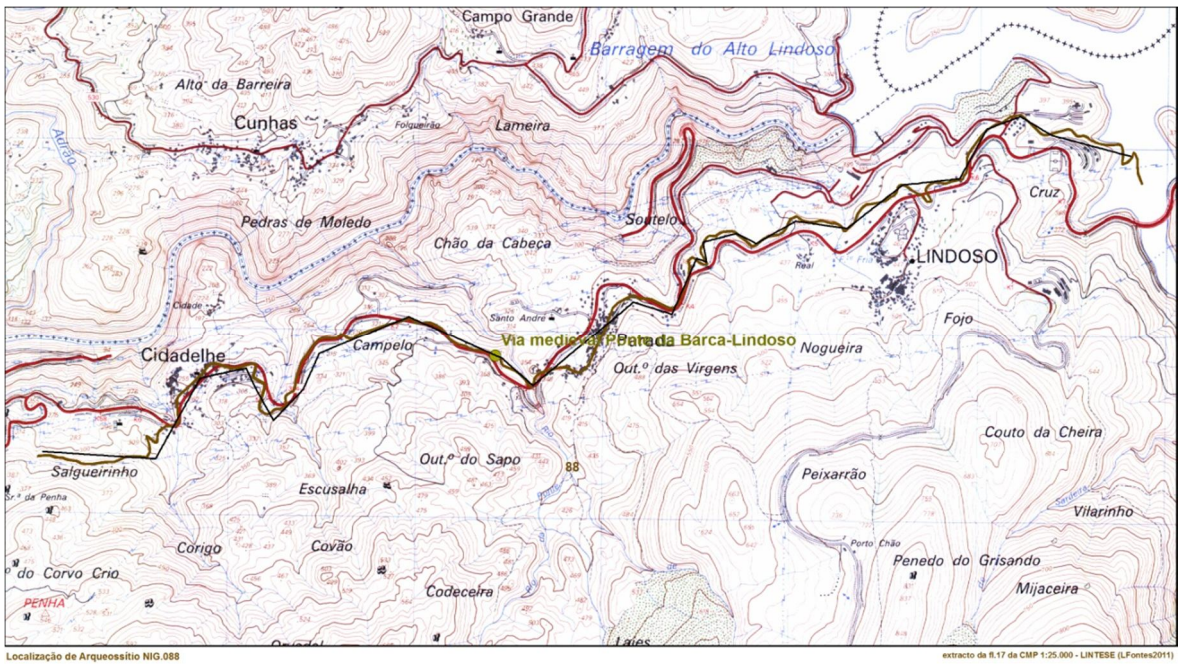
D – Na sua passagem pela freguesia de Lindoso, esta antiga via regional tem uma extensão aproximada de 9 quilómetros, desenvolvendo-se quase sempre entre os 300 e os 400 m de altitude, num traçado regular mas sinuoso, que acompanha os recortes do relevo. Desce apenas na passagem do rio Cabril, que cruzava numa ponte hoje submersa (ver NIG.044). Vinda de Mosteirô, ligava directamente as aldeias de Cidadelhe e de Parada, aqui servida por uma ponte de cantaria na passagem do Rio da Ponte Velha ou da Feicha (NIG.031), e indirectamente a aldeia de Lindoso, onde passava a cerca de 300 m para Norte. Passado o rio Cabril, seguia pela Madalena e entrava na Galiza pela aldeia de Compostela.
Correndo quase paralela ao curso do rio Lima, na sua margem esquerda, atravessa uma zona dominada pelas lombas e colinas que rematam o sopé da vertente setentrional da serra Amarela, onde aflora o substrato granítico em extensas massas aplanadas ou em caos de blocos.
Tem uma exposição geral a Norte, proporcionando uma ampla visibilidade sobre a profunda fractura onde o rio Lima corre encaixado e sobre toda a sua margem direita, formada pela vertente meridional da serra do Soajo, alargando-se ainda, na confluência dos rios Laboreiro e Cabril, ao vale superior do Lima e à serra da Peneda.
A cobertura vegetal da envolvente é variável ao longo do traçado, atravessando os campos/prado que armam as encostas em socalcos nas proximidades das povoações, zonas de bosques de floresta de produção e de climácicas junto das linhas de água e áreas incultas, com giestais, tojais e herbáceas.
O acesso faz-se desde vários pontos da estrada nacional, mas não está sinalizado.

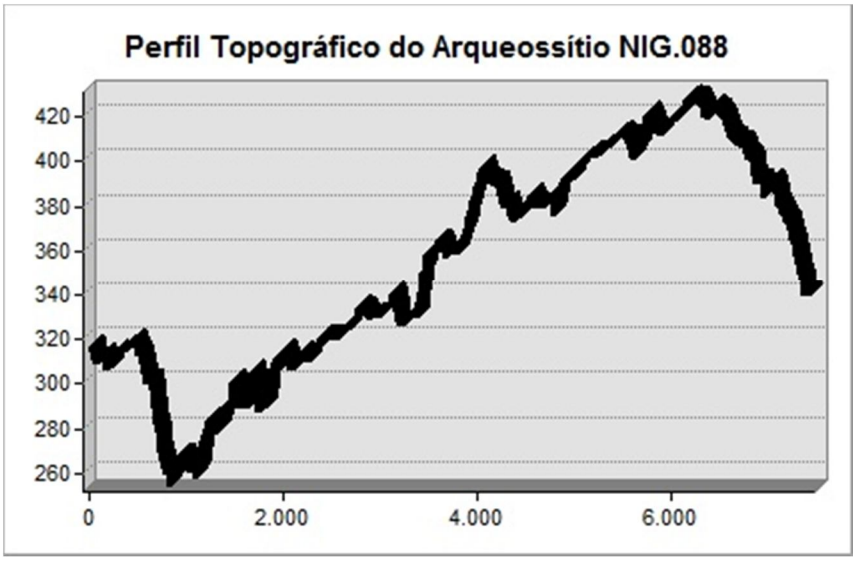
E e F – Via com cerca de 3 m de largura média, apresentando troços mais ou menos extensos em piso térreo e pavimentados com lajes graníticas, nas quais se identificam bem os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros. O seu traçado é regular, sem desníveis abruptos, ora rasgando parcialmente a encosta, ora suportado por pequenos taludes de terra e pedras, por vezes estruturados em muros de contenção. As linhas de água são passadas a vau, excepto nos rios da Ponte Velha ou da Feicha (NIG.031) e do Cabril (NIG.044).
Trata-se de uma via regional que servia os principais núcleos de povoamento da margem esquerda do vale do rio Lima, ligando o interior galego ao litoral. Como bem documenta o foral de Lindoso, de 1514, ao regular o comércio transfronteiriço (ver Anexo 1 – Documentos Escritos: Documento 3), esta via desempenhava um importante papel nas trocas de bens entre as populações minhotas e galegas desta região, sendo a ligação mais rápida entre Bande e Ponte da Barca.
Embora a sua estruturação plena deva ter acontecido com a organização do território na Idade Média, a origem do seu traçado, com uma ou outra variante, deverá ser já de época romana, como exige o povoado fortificado romanizado de A Cidade (NIG.010) e o povoado romano, tipo *vicus*, do Cabeço do Leijó (NIG.016). Integraria então a ligação entre o importante *vicus* de *Limia* (ponte de Lima) e o acampamento militar romano de *Aquis Quarquernis* (Bande, Galiza).

G - Trata-se de um significativo testemunho da rede viária regional de época romana e medieval, em razoável estado de conservação, que permite a sua restituição integral. Deve ser objecto de levantamento topográfico pormenorizado e assegurada a sua conservação, promovendo designadamente a limpeza periódica do caminho, justificando-se a sua classificação como bem patrimonial.

H – Inédito. Estampas LXXXVIIIa, LXXXVIIIb e LXXXVIIIc.

Estampa LXXXVIIIa

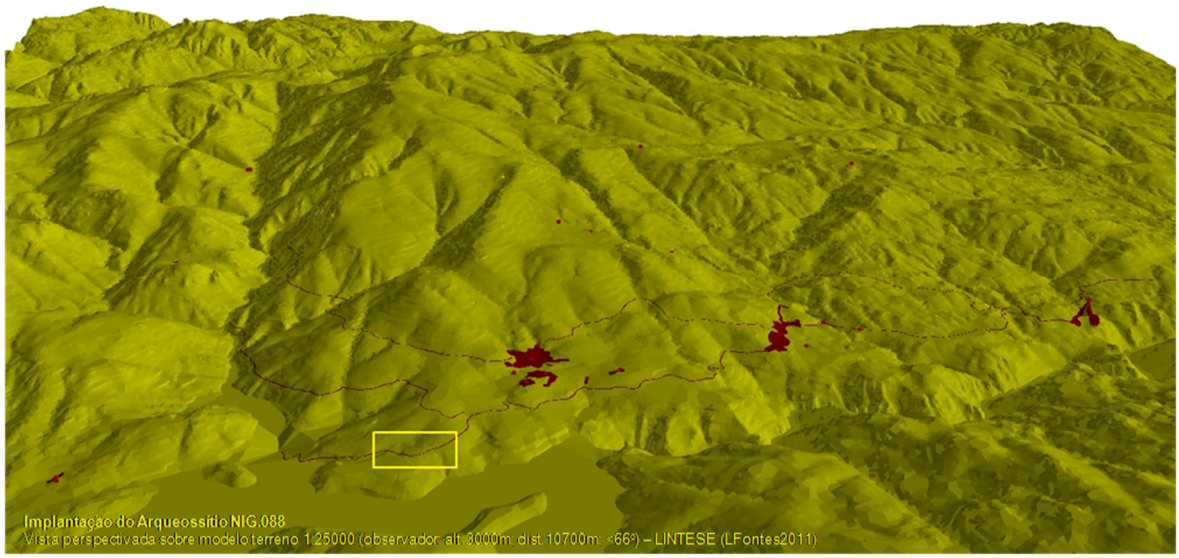




Estampa LXXXVIIIb



Localização de Arqueossítio NIG.088 extracto da Orto_17_3_B-17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXVIIIc



fotoNIG088a - Perspectiva do caminho Ponte da Barca – Lindoso, nas proximidades de Cidadelhe



fotoNIG088b - Perspectiva do caminho Ponte da Barca – Lindoso, entre Cidadelhe e a capela da Pena

A - **Caminho Lindoso-Parada (NIG.089)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17D; X=194398,23 / Y=543708,78 / Z=470; Lindoso e Parada (as coordenadas reportam-se ao início do caminho no Lugar de Lindoso)

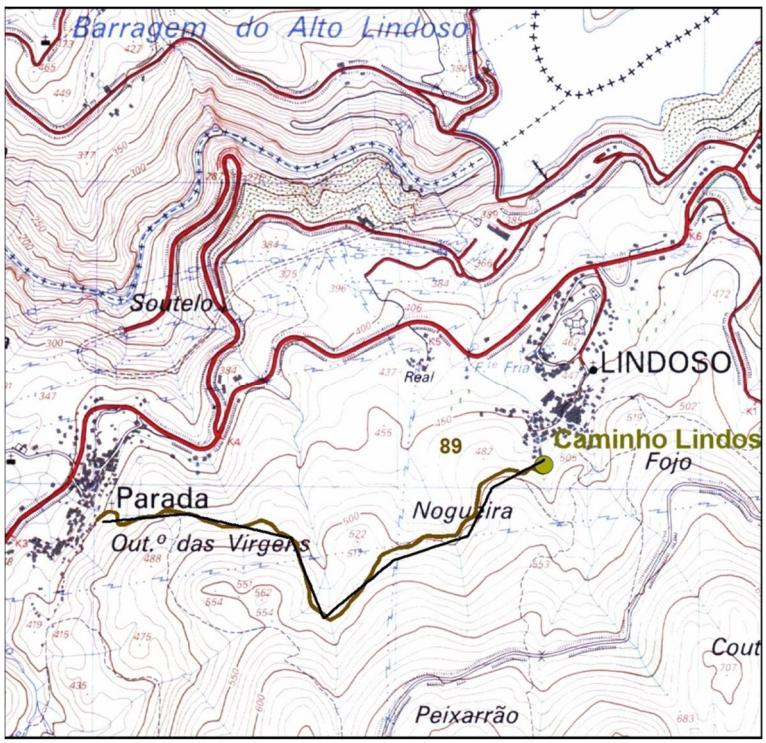
D – Caminho com cerca de 2 quilómetros de extensão, que liga as aldeias de Lindoso e de Parada, com um traçado regular pela meia encosta, acima das manchas agrícolas, entre os 450 e os 400 m de altitude. Acompanhando os recortes do relevo, sobe ligeiramente até à portela do Leijó, descendo desde aí até Parada, pela encosta setentrional do Cabeço das Virgens. Ao longo do seu percurso beneficia-se de uma ampla visibilidade sobre a zona de confluência dos rios Laboreiro e Lima, e aldeias e várzeas de Lindoso e de Parada.
O substrato granítico aflora em caos de blocos e/ou em manchas mais extensas. A cobertura vegetal envolvente é variável ao longo do traçado, atravessando os campos/prado que armam as encostas em socalcos nas proximidades das povoações, raros bosques de floresta de produção e de climácicas junto das linhas de água e áreas incultas, com vegetação arbustiva e herbácea.
O acesso faz-se desde as aldeias de Lindoso e de Parada.

E e F – Trata-se de um caminho carreteiro, com cerca de 2 m de largura média, apresentando alguns troços pavimentados com lajes graníticas e outros com piso térreo. Nos troços lajeados observam-se os sulcos originados pela passagem dos rodados dos carros de bois. As linhas de água são passadas a vau.
Este caminho carreteiro servia as populações de Parada e de Lindoso, assegurando, para além da ligação vicinal, o acesso a zonas agrícolas e à exploração dos recursos silvícolas da envolvente, designadamente a recolha de matos e lenhas. Seguramente estruturado ao tempo da organização medieval do território, este caminho poderá ter uma origem mais recuada, de época romana, considerando que passa junto do grande povoado tipo *vicus* do Cabeço de Leijó (NIG.016), podendo ter constituído uma via secundária de ligação do povoado à via principal.

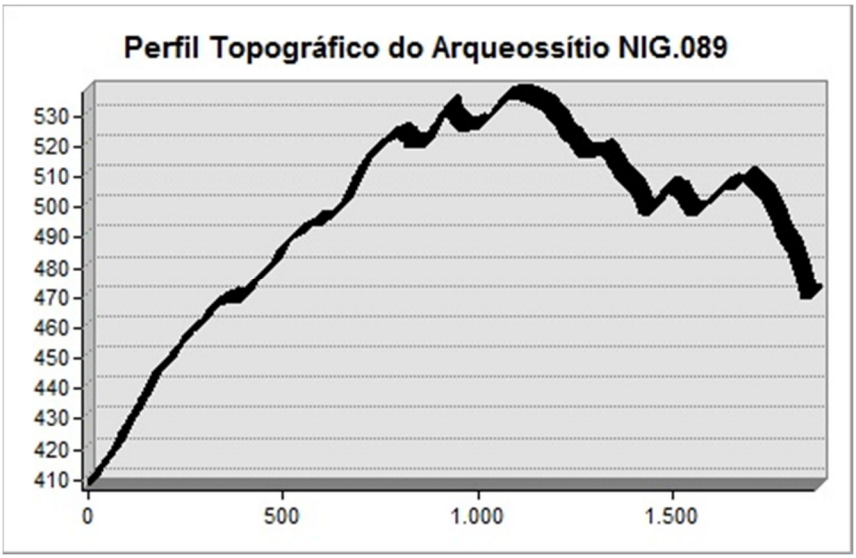
G – Ver descrição em NIG.080.

H – Inédito. Estampas LXXXIXa LXXXIXb.

Estampa LXXXIXa



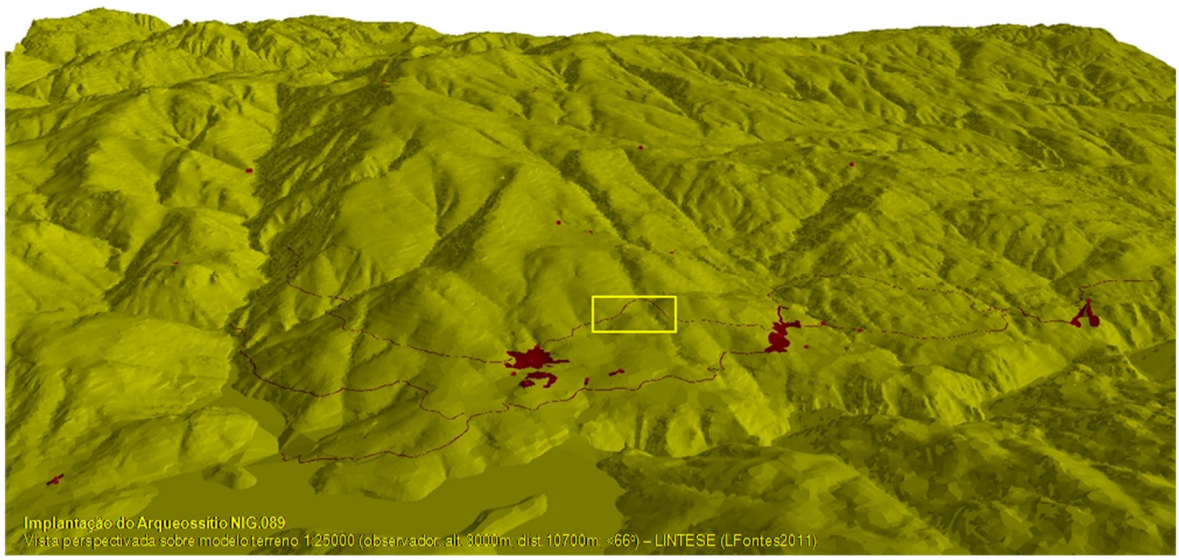
Localização de Arqueossítio NIG.089 extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa LXXXIXb



Localização de Arqueossítio NIG.089 — extracto da Orto_17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



A - **Caminho Parada-Cidadelhe (NIG.090)**

B – Caminho

C - SCE.17 / DGOGF.17C-17D; X=192763,54 / Y=543708,78 / Z=335; Parada e Cidadelhe (as coordenadas reportam-se ao início do caminho no Lugar de Parada)

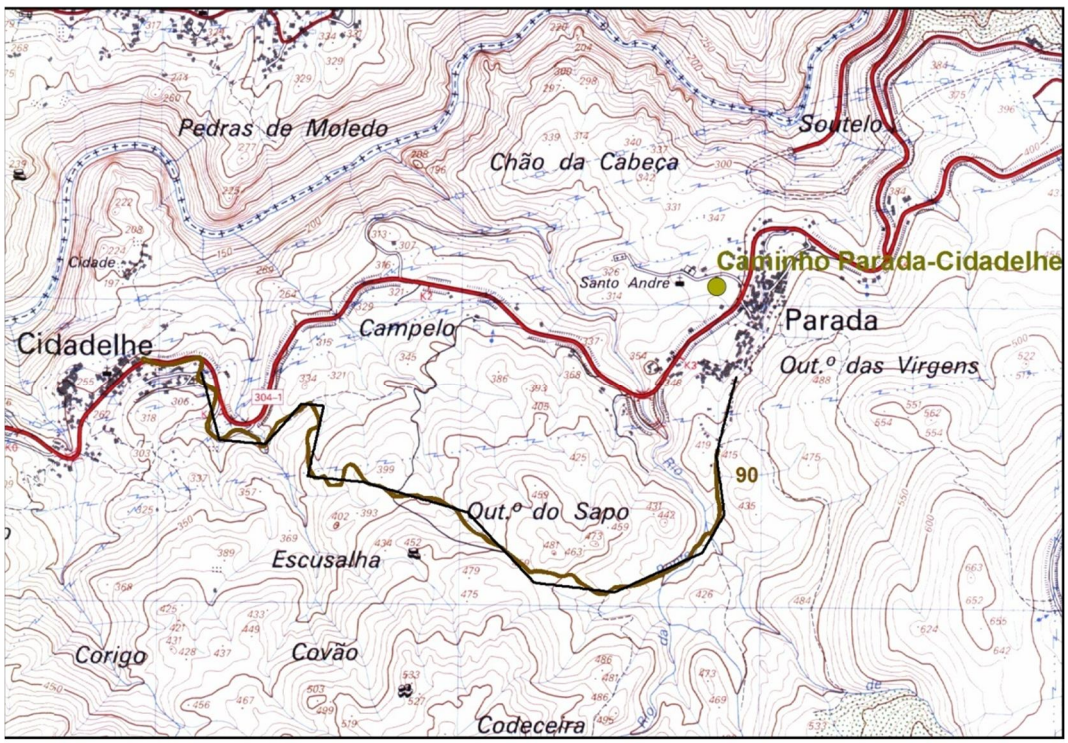
D – Caminho com cerca de 2,5 quilómetros de extensão, que liga as aldeias de Parada e de Cidadelhe, com um traçado regular pela meia encosta, acima das manchas agrícolas, entre os 400 e os 275 m de altitude. Acompanhando os recortes do relevo, vai passar os rios da Feicha e do Couto, nos pontões de Porto Novo do Ribeiral (NIG.048) e de Segundo Porto (NIG.049), respectivamente, subindo depois para a portela do Outeiro da Fonte Formosa, onde começa a descer até Cidadelhe, pela vertente setentrional da Chã das Desordens. Ao longo do seu percurso beneficia-se de uma boa visibilidade sobre as aldeias e várzeas de Parada e de Cidadelhe, até às escarpas do rio Lima.

E e F – Ver descrição em NIG.089, devendo notar-se que aqui ligava Parada e Cidadelhe e que o sítio com ocupação romana é o povoado fortificado de A Cidade (NIG.010).

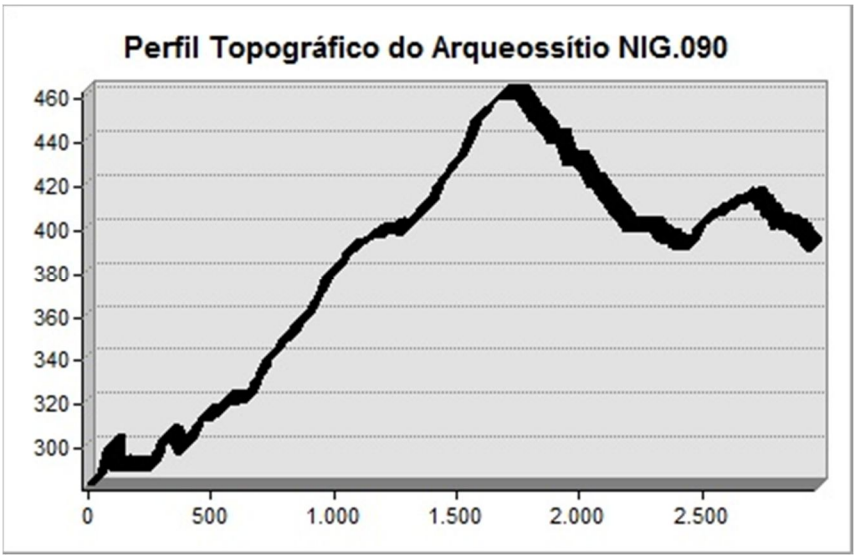
G – Ver descrição em NIG.080.

H – Inédito. Estampas XCa e XCb.

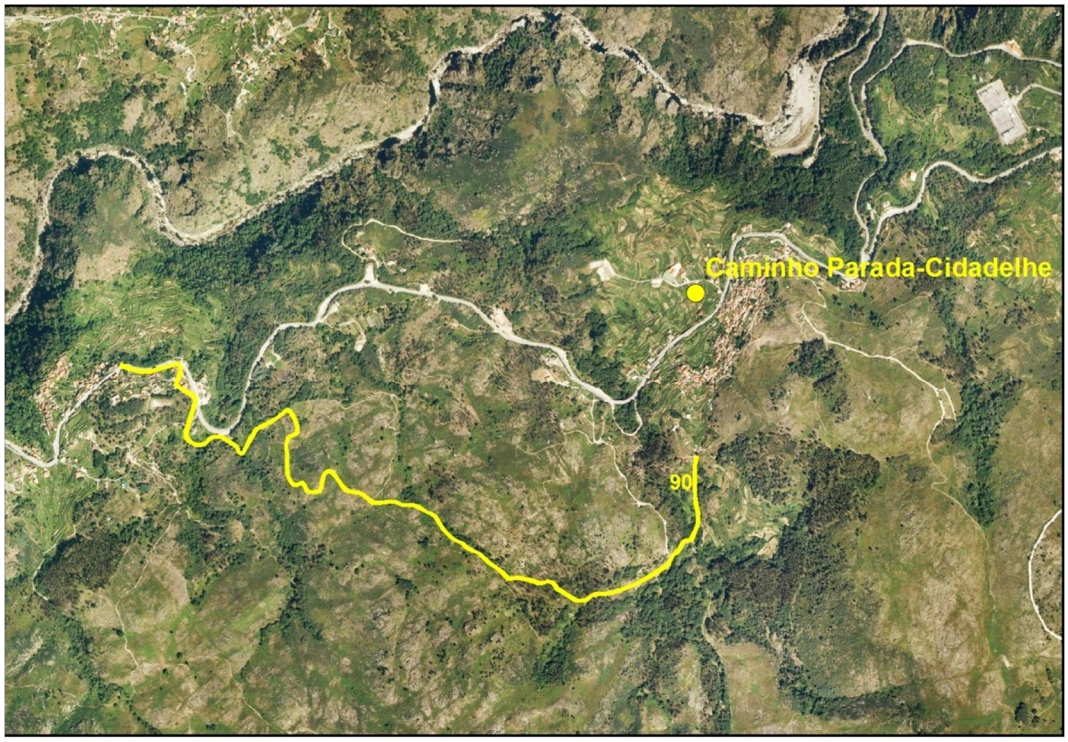
Estampa XCa



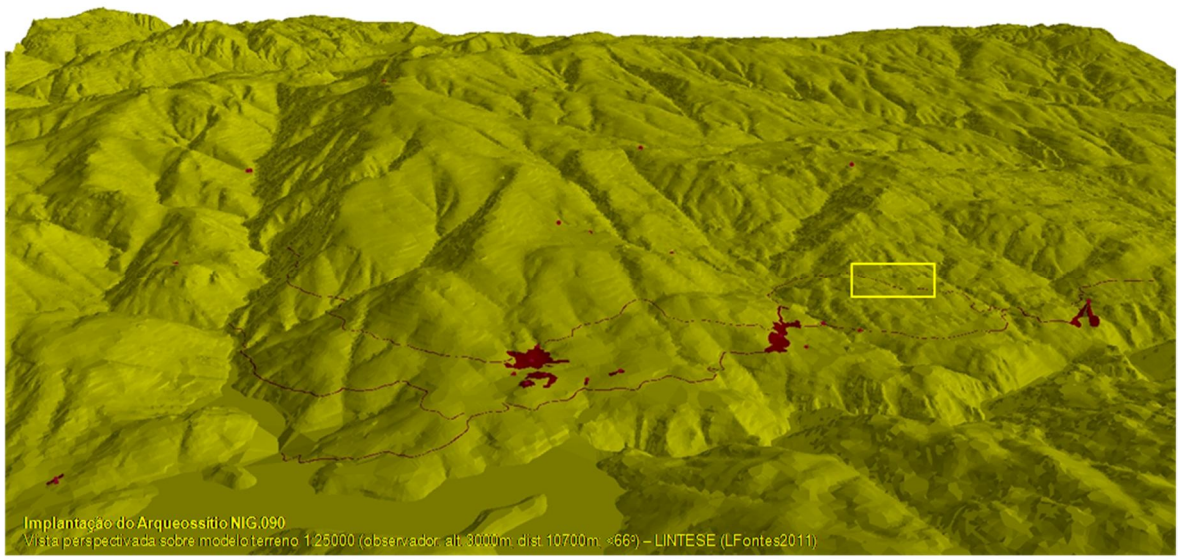
Localização de Arqueossítio NIG.090 — extracto da fl.17 da CMP 1:25.000 - LINTESE (LFontes2011)



Estampa XCb



Localização de Arqueossítio NIG.090 extracto da Orto_17_3_B - 17_4_A do PNPG 1.25000 - LINTESE (LFontes2011)



UNIVERSIDADE DO MINHO
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
APÊNDICE 2 – CARTOGRAFIA

Setembro 2011

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
APÊNDICE 2 – CARTOGRAFIA

Tese de Doutoramento em Arqueologia
Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

Trabalho efectuado sob orientação de:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Setembro 2011

DECLARAÇÃO

Nome: LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

Endereço electrónico: lfontes@uaum.uminho.pt

Telefone: +351 963273392

N.º Cartão de Cidadão: 5355818

Título da dissertação:
ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Orientadores:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Ano de conclusão: 2011

Ramo de conhecimento do Doutoramento:
Arqueologia, Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO.

Universidade do Minho, …… / ..... / 2011.

Assinatura: ……

1. CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

CA.I – Arqueossítios e Sítios na Carta Militar de Portugal, escala 1:25000.
(extractos das folhas *17-LINDOSO (Ponte da Barca)* e *30-GERMIL (Ponte da Barca)*, dos Serviços Cartográficos do Exército, 1949-1950, [mapa impresso]).

CA.II – Arqueossítios e Sítios no ortofotomapa do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:10000.
(extracto da cobertura aérea de 2007 em ortofotografia cor).

CA.III – Arqueossítios e Sítios no mapa do Parque Nacional da Peneda Gerês [Perímetro Florestal], escala 1:10000.
(extractos das folhas *17B, 17C, 17D e 30B*, da Direcção Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, s/d. (anterior a 1980), [mapa impresso]).

CA.IV – Arqueossítios e Sítios no mapa de classes hipsométricas do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:25000.
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB).

CA.V – Arqueossítios e Sítios no mapa de classes de declives do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:25000.
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB).

CA.VI – Arqueossítios e Sítios no mapa de quadrantes de exposição do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:25000.
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB).

CA.VII – Arqueossítios e Sítios no mapa de litologia do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:25000.
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB).

CA.VIII – Arqueossítios e Sítios no mapa de tipo de solos do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:25000.
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB).

CA.IX – Arqueossítios e Sítios no mapa de ocupação actual do solo do Parque Nacional da Peneda Gerês, escala 1:25000.
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB).

2. CARTOGRAFIA HISTÓRICA

CH.I - Planta do castelo de Lindoso, 1.ª metade do século XVIII.
(BNL D. 230 P. – Carvalho, 1977:123/foto H. Regalo).

CH.II – Mapa da fronteira de Lindoso, 1758.
(BPMP 1909-15 – Meireles, 1994/foto H. Regalo).

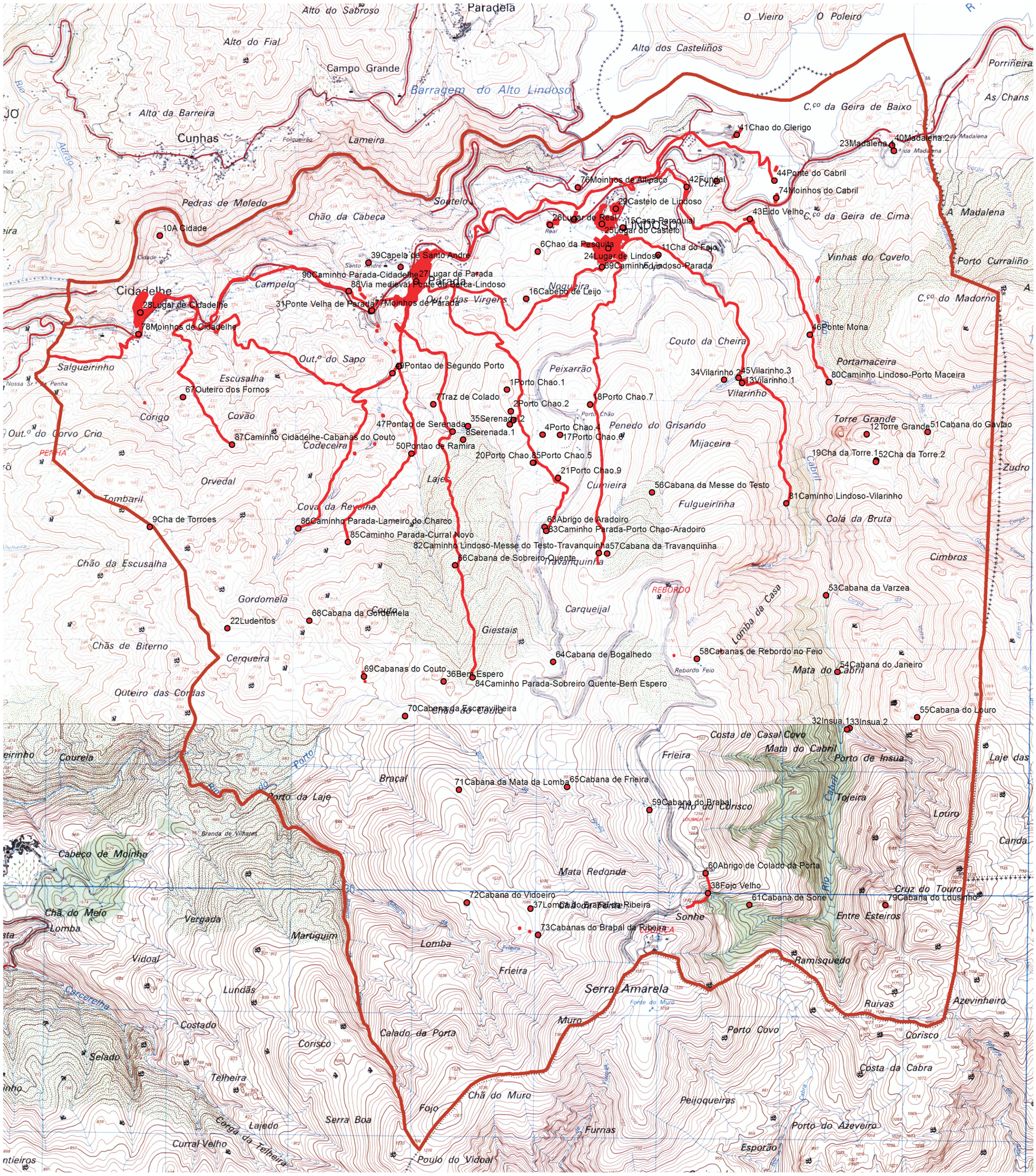
CH.III - Planta do castelo de Lindoso, 1758.
(BPMP 1909-16 – Meireles, 1994/foto H. Regalo).

CH.IV - Planta do castelo e aldeia de Lindoso, 1760.
(AHM s/r / foto H. Regalo).

CH.V - Mapa da fronteira de Lindoso, 1803.
(mapa reproduzido em Barreiros, 1961:117 e sgs.).

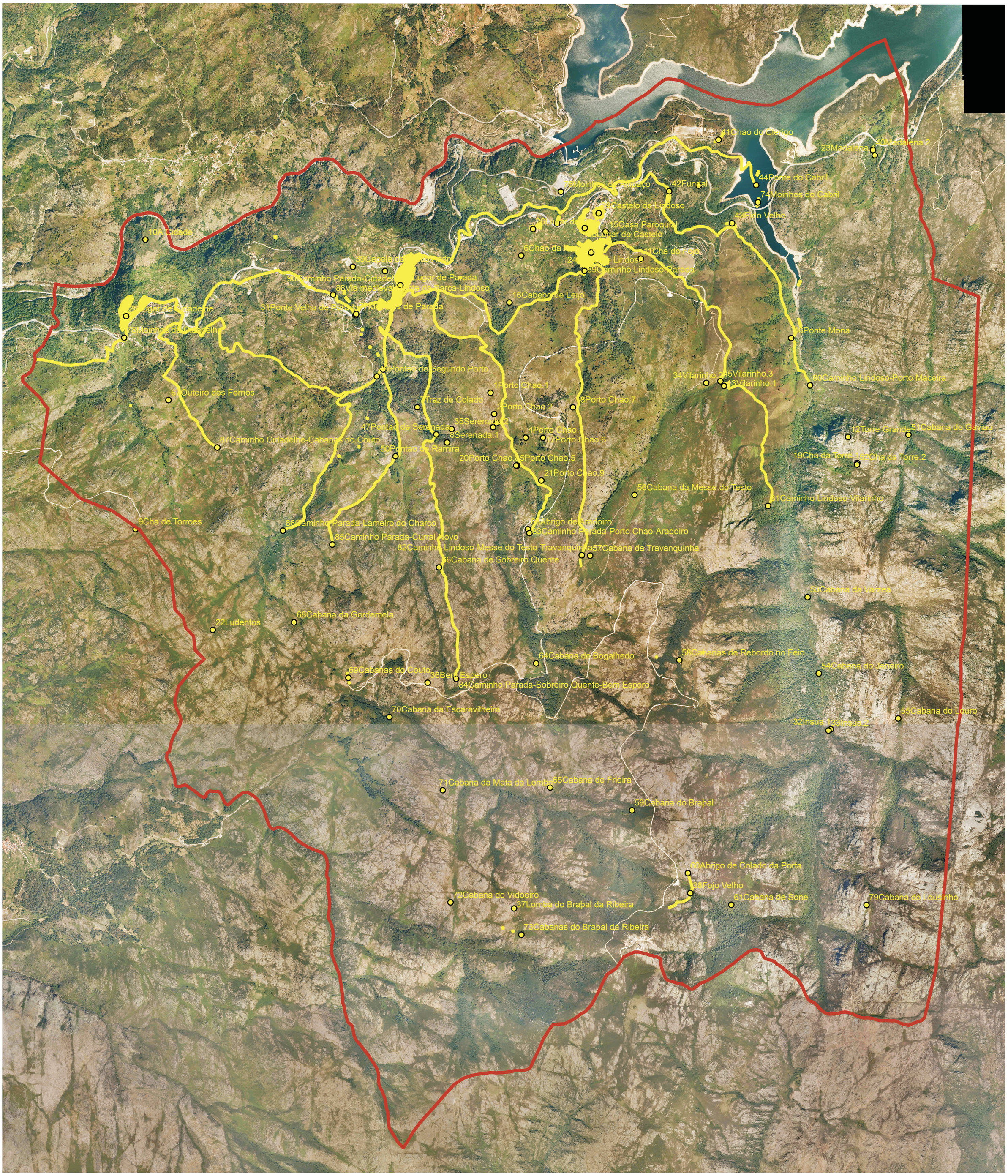
CH.VI - Mappa do Distrito entre os Rios Douro e Minho, 1813.
(AHMOP, C-36-B – Matos, 1980:Mapa IV).

CH.VII - Mapa da fronteira de Lindoso, 1851 [1803].
(AHM A4P7N.º14/foto H. Regalo).



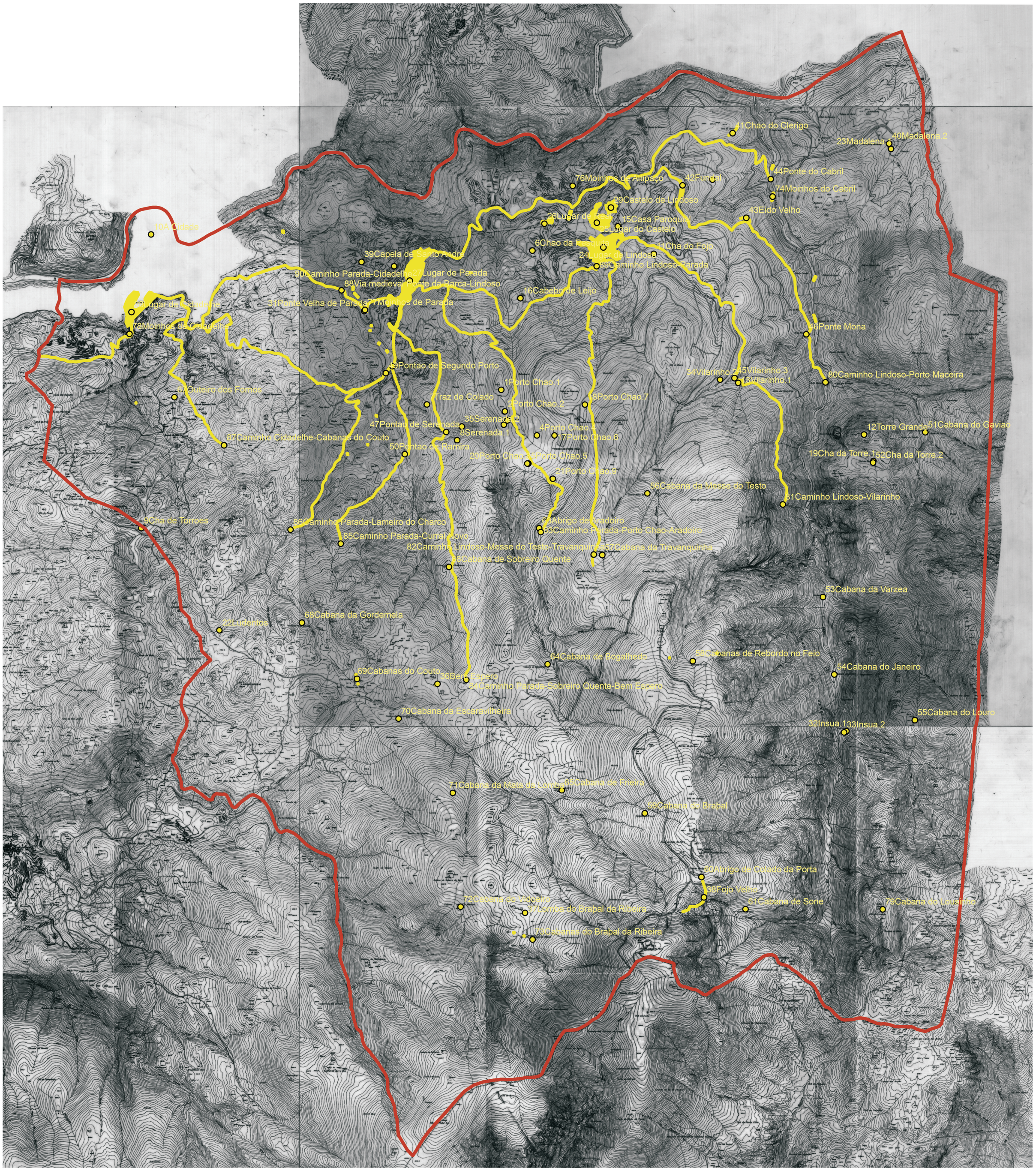
Universidade do Minho Unidade de Arqueologia	**Lindoso** Arqueossítios e Sítios Carta Militar de Portugal (extractos das folhas 17-LINDOSO (Ponte da Barca) e 30-GERMIL (Ponte da Barca), dos Serviços Cartográficos do Exército, 1949-1950, [mapa impresso]). Esc. 1:25000	CA.I LinTESE 2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho Unidade de Arqueologia	Lindoso Arqueossítios e Sítios Parque Nacional da Peneda Gerês (extracto da cobertura aérea de 2007 em ortofotografia cor). Esc. 1:10000	CA.II LinTESE 2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Lindoso

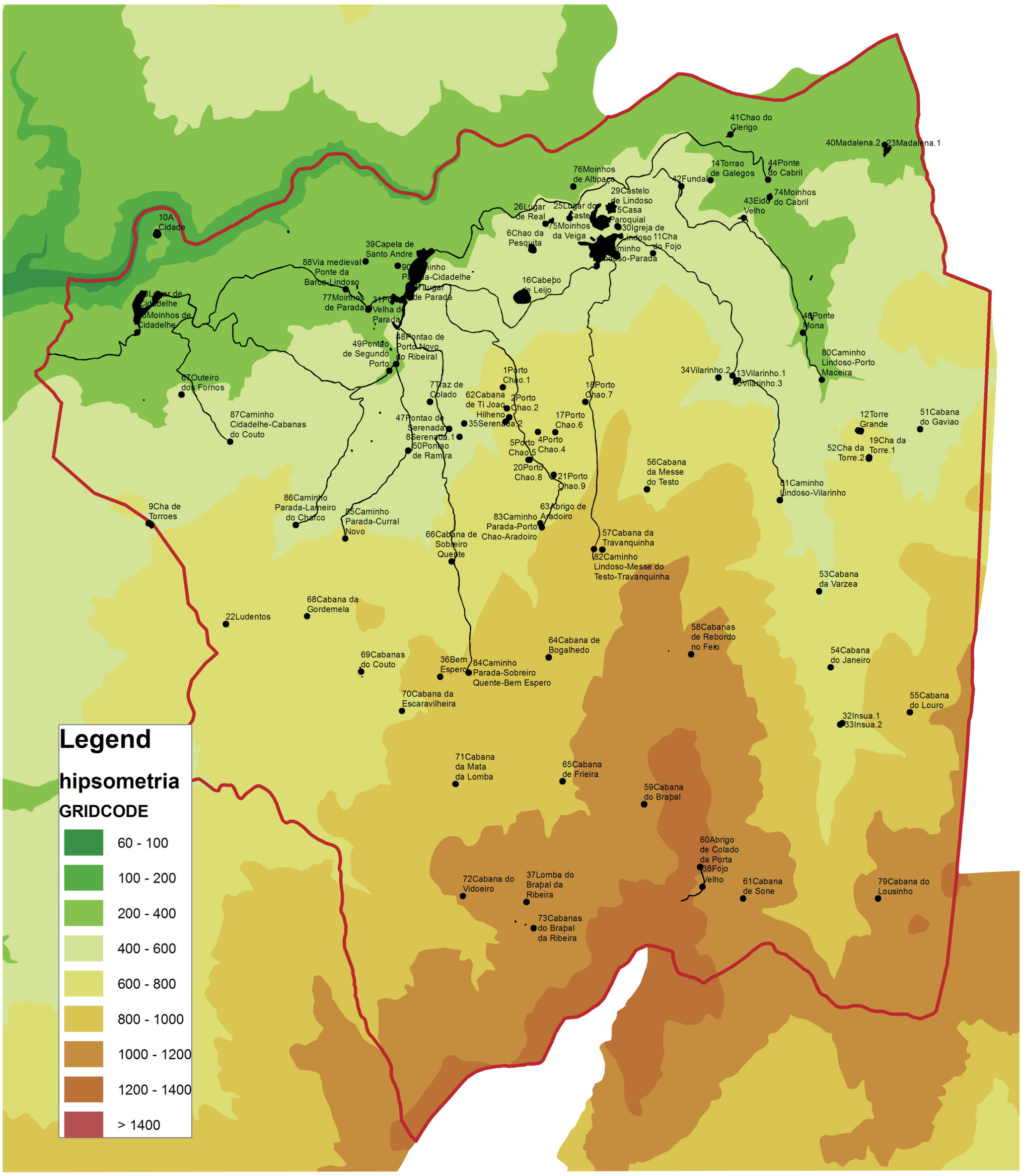
Arqueossítios e Sítios

Parque Nacional da Peneda Gerês [Perímetro Florestal].
(extractos das folhas 17B, 17C, 17D e 30B, da Direcção Geral do Ordenamento e Gestão Florestal, s/d. (anterior a 1980). [mapa impresso]). Esc. 1:10000

CA.III

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Lindoso

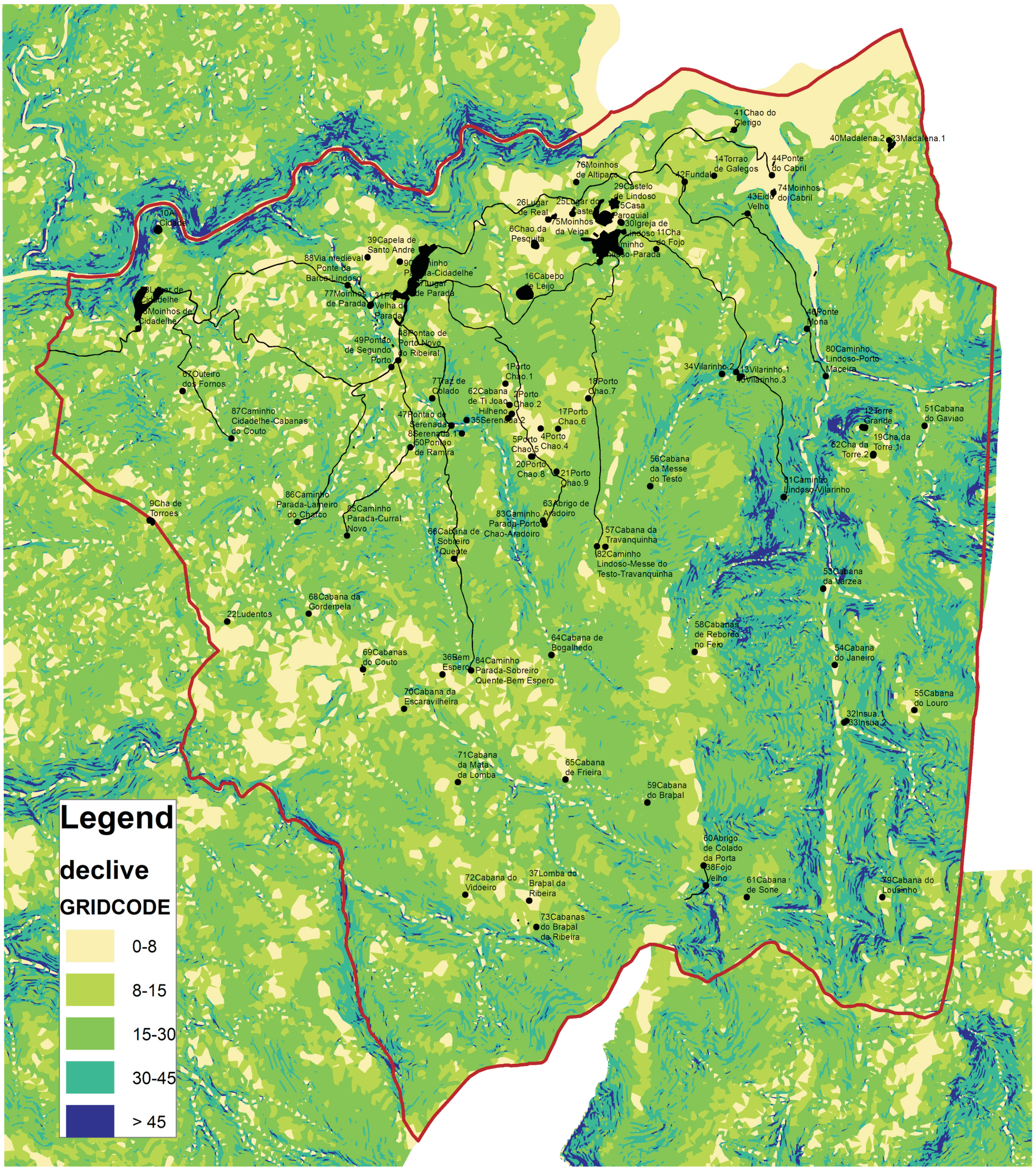
Arqueossítios e Sítios

Mapa de classes hipsométricas do Parque Nacional da Peneda Gerês
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB). Esc. 1:25000

CA.IV

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Lindoso

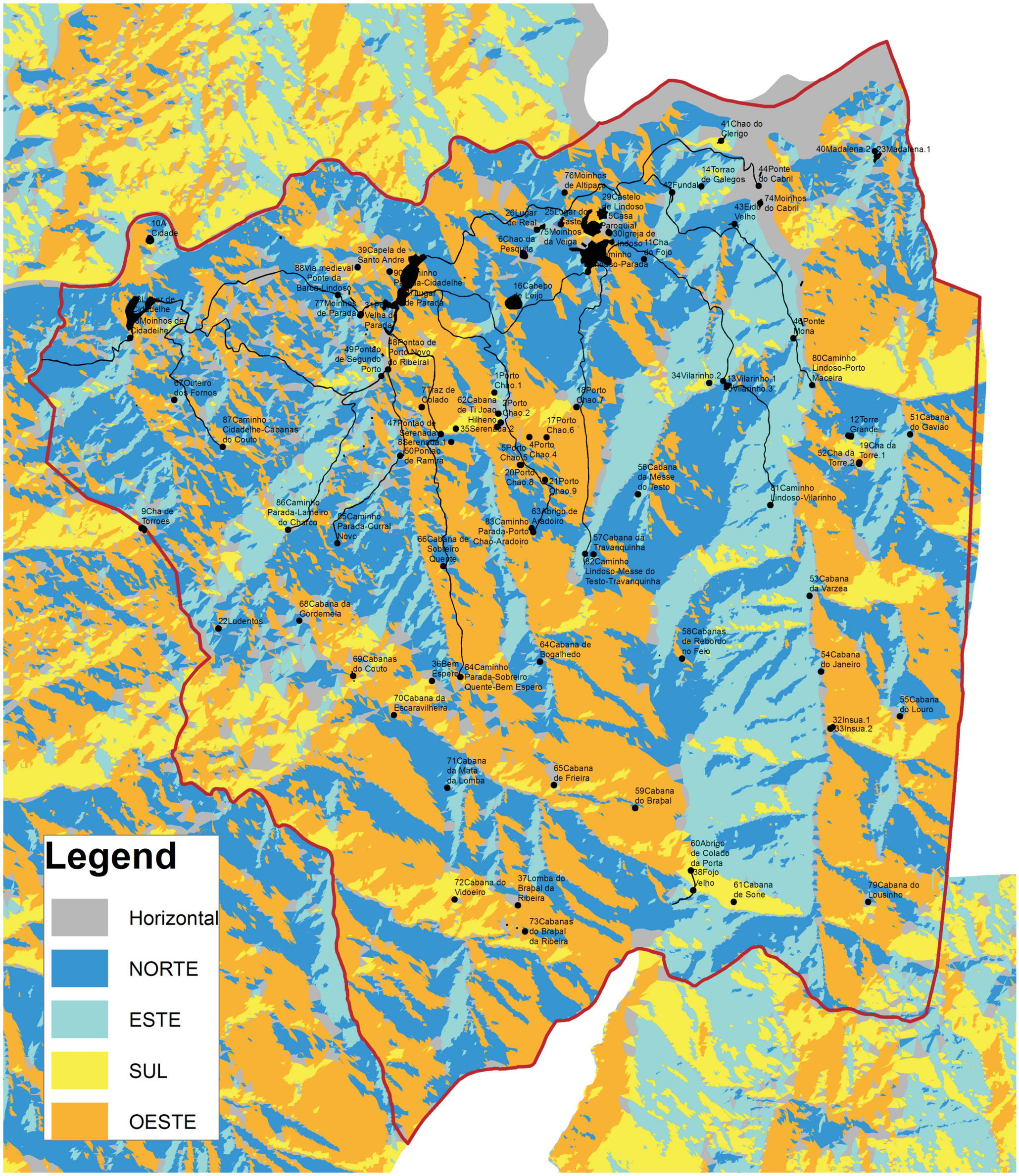
Arqueossítios e Sítios

Mapa de classes de declives do Parque Nacional da Peneda Gerês
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB). Esc. 1:25000

CA.V

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Lindoso

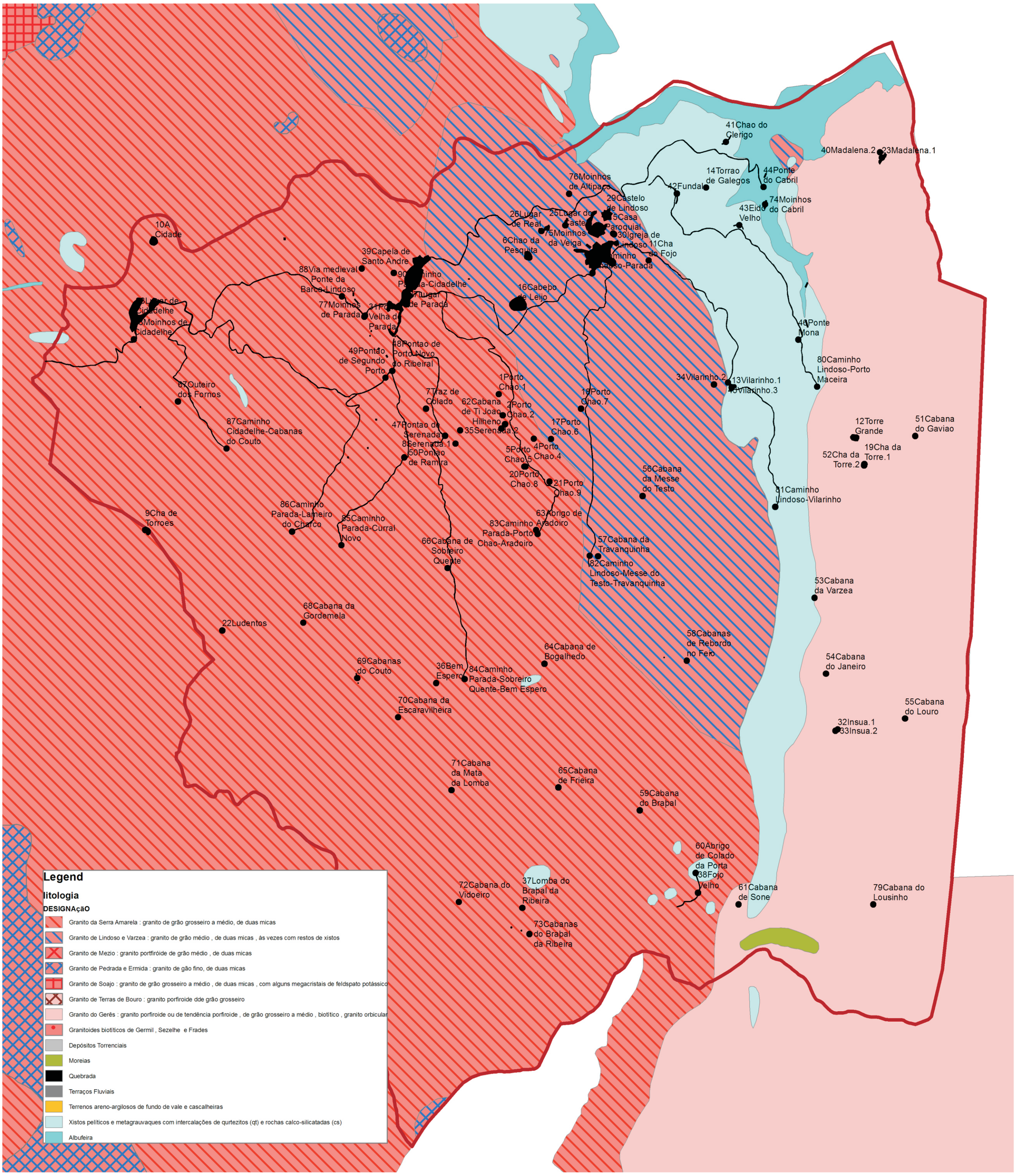
Arqueossítios e Sítios

Mapa de quadrantes de exposição do Parque Nacional da Peneda Gerês
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB). Esc. 1:25000

CA.VI

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Lindoso

Arqueossítios e Sítios

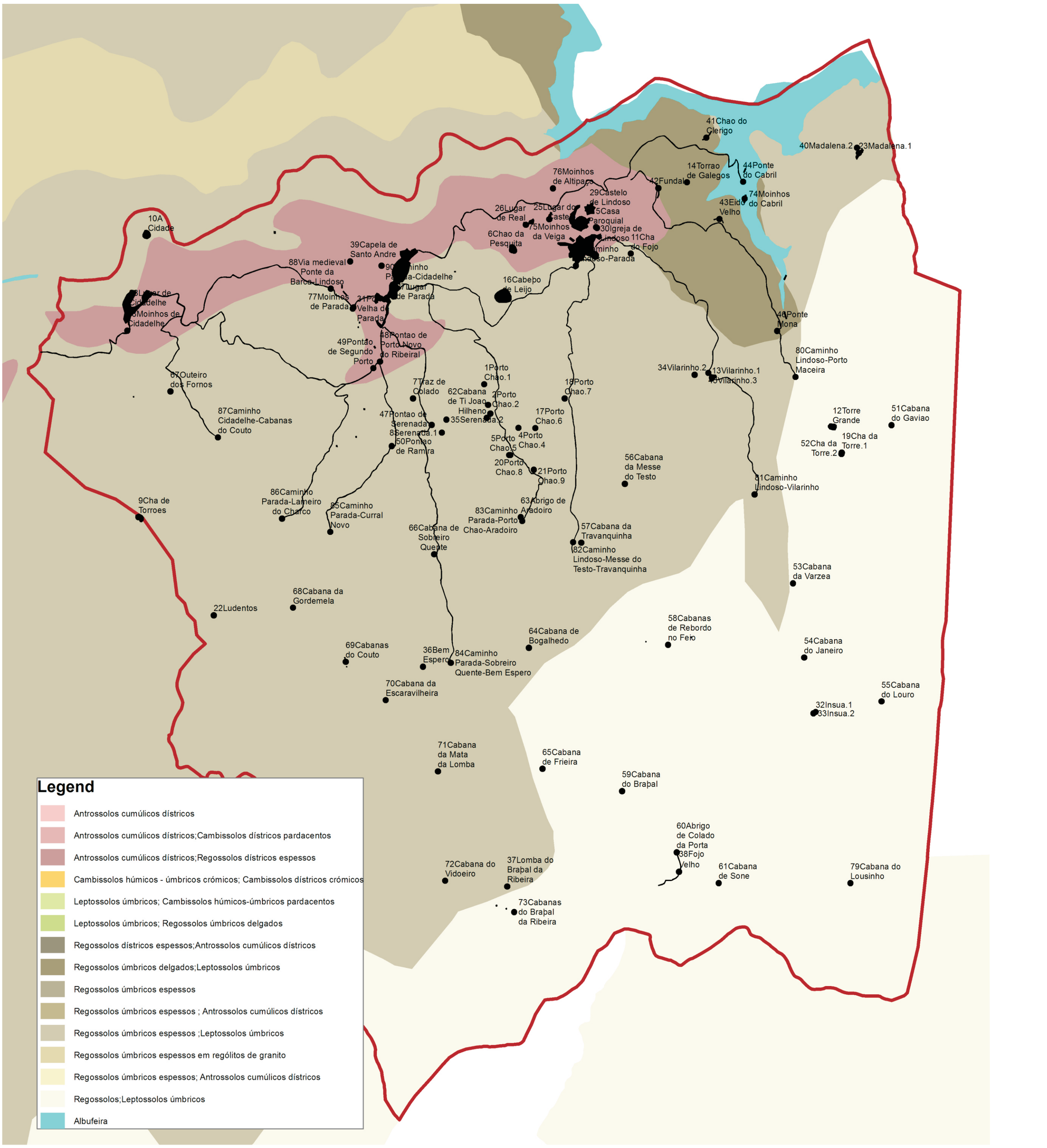
Mapa de litologia do Parque Nacional da Peneda Gerês
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB). Esc. 1:25000

CA.VII

LinTESE
2011

Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Lindoso

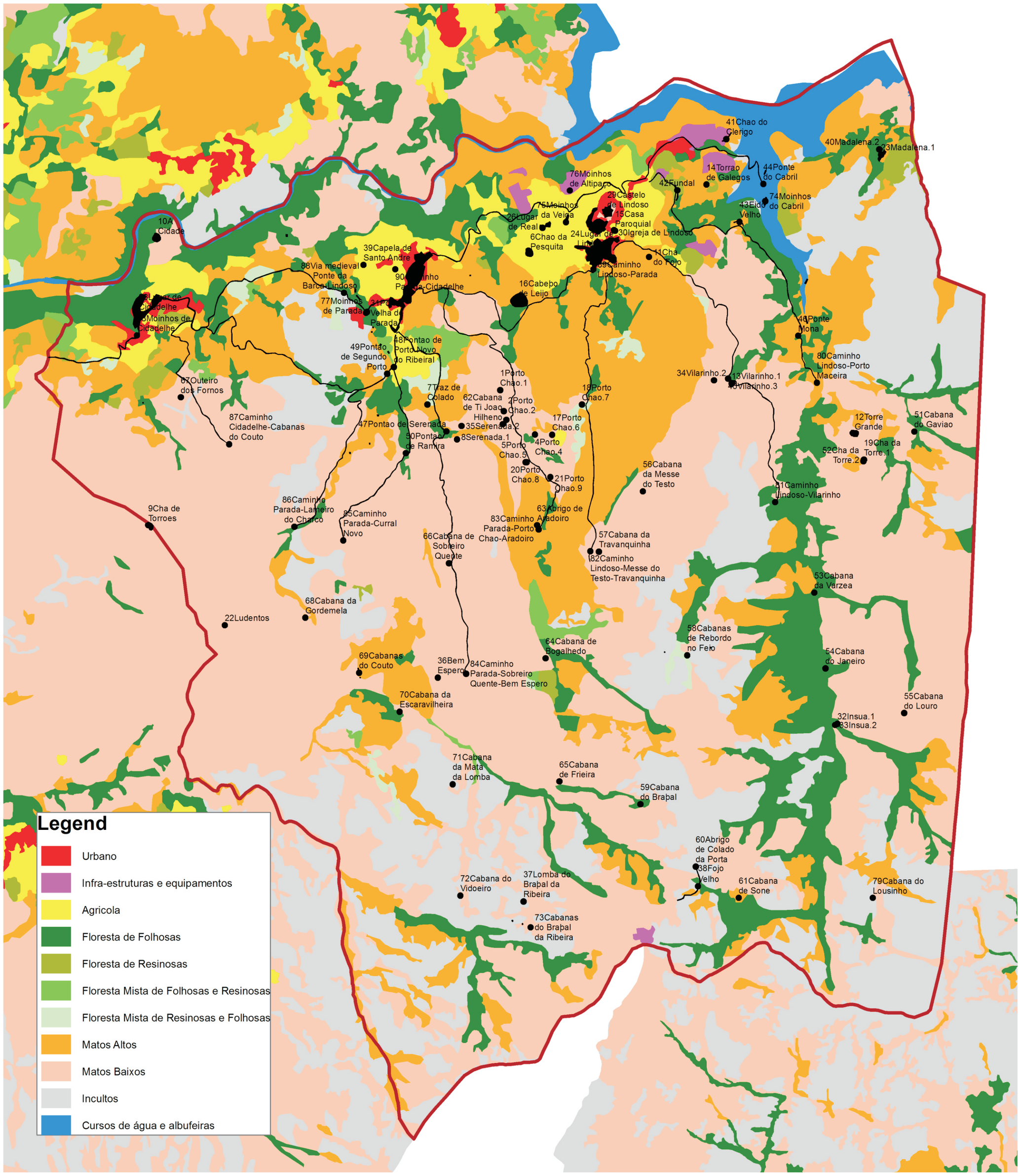
Arqueossítios e Sítios

Mapa de tipo de solos do Parque Nacional da Peneda Gerês
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB). Esc. 1:25000

CA.VIII

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Lindoso

Arqueossítios e Sítios

Mapa de ocupação actual do solo do Parque Nacional da Peneda Gerês
(freguesia de Lindoso – SIG PNPG/ICNB). Esc. 1:25000

CA.IX

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto

Planta do Castello de Lindozo.

O q se mostra de cor verde, he a Fortificação antigua.

O de cor vermelha he a Fortificação q se fezerão os Castelhanos.



A. O Castello.
B. Torre de menagem.
C. Almazens.
D. Capella.
E. Quartos p.a infantes.
F. Cisterna.
G. Barbacan em roda [illegible] anno de 1668.
H. Emmenta [illegible]
I. [illegible]
L. [illegible]
M. [illegible]

Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

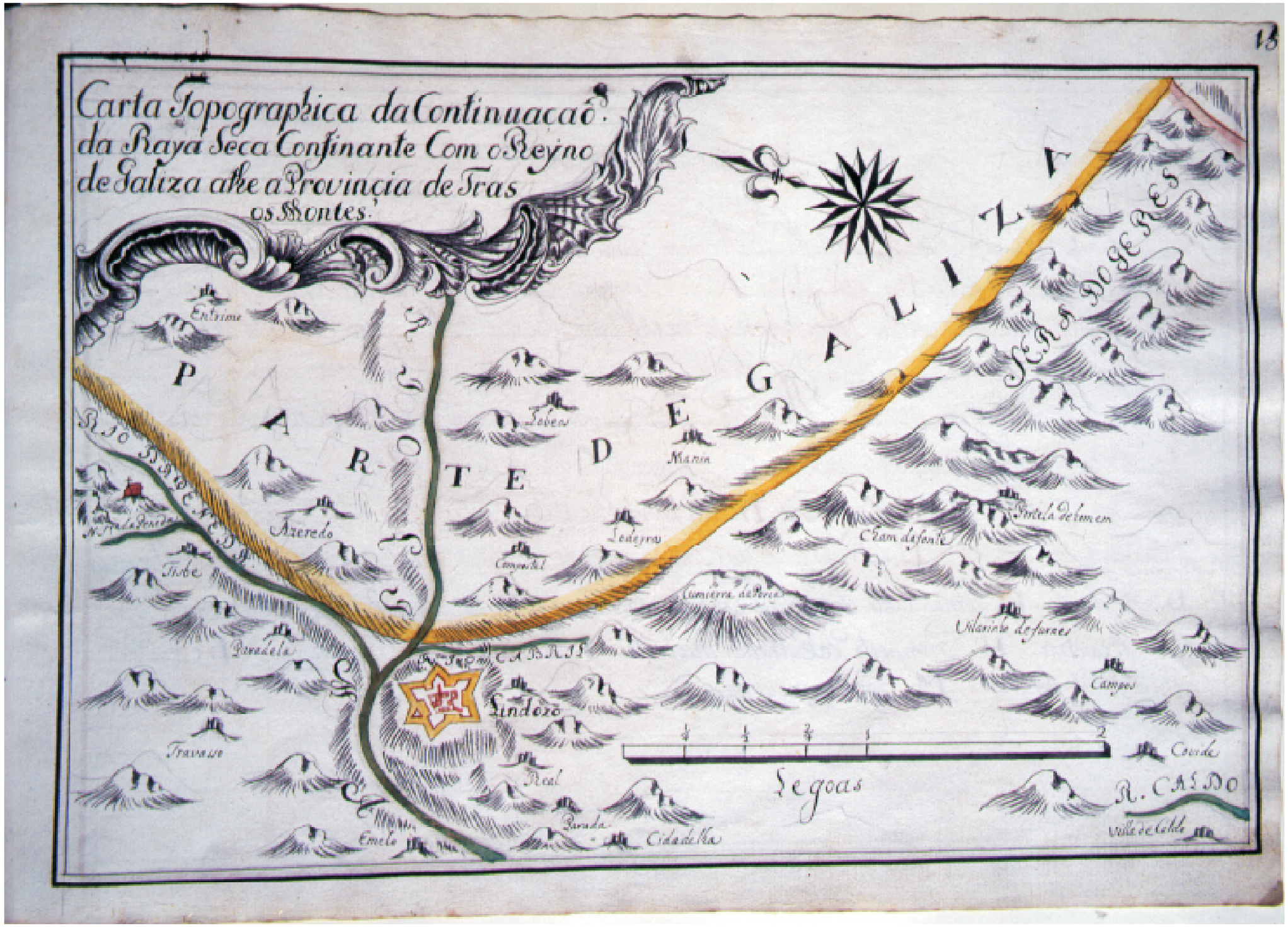
Planta do castelo de Lindoso, 1.ª metade do século XVIII.

(BNL D. 230 P. – Carvalho, 1977:123/foto H. Regalo).

CH.I

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho Unidade de Arqueologia	Mapa da fronteira de Lindoso, 1758. (BPMP 1909-15 – Meireles, 1994/foto H. Regalo).	CH.II LinTESE 2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho Unidade de Arqueologia	Planta do castelo de Lindoso, 1758. (BPMP 1909-16 – Meireles, 1994/foto H. Regalo).	CH.III LinTESE 2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto

Viana 21 de Novembro de 1760.

A Planta do Castello de Lindoso.

B Prospecto do dito do Castello.

C Pro fil. tomado na planta pella Linha L

D Petipé da planta.

E Petipé do Pro fil.

F Igreja Matriz junto a villa de Lindoso.

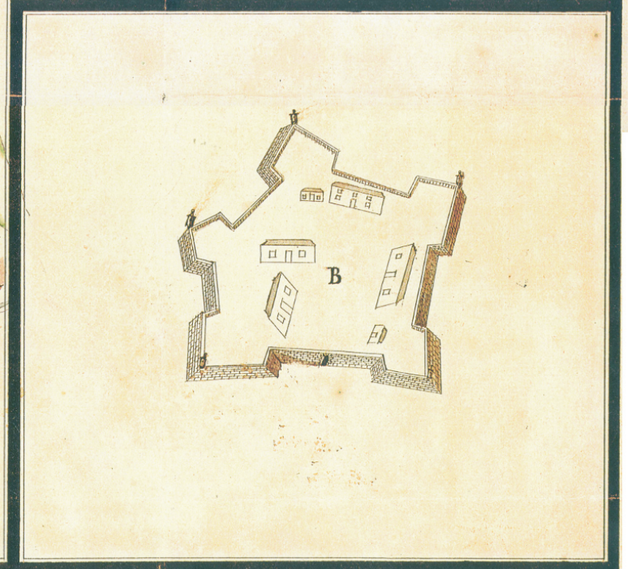
G Rio Lima.

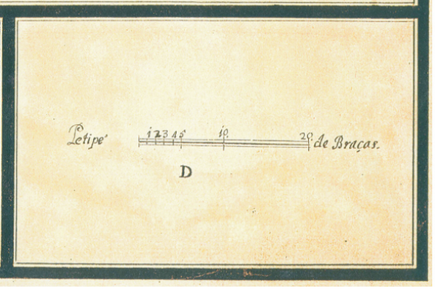
H Estrada q. vem da v.ª da Barca p.r o P.te Castello

I Estrada q. vai do P.te Castello p.r o Reino de Galiza.

Feita pelo Aj.ud.te de Infanteria, e Engenheiro da Prov.ª
Do Minho. Joze Miz. da Cruz.







Planta do castelo e aldeia de Lindoso, 1760.

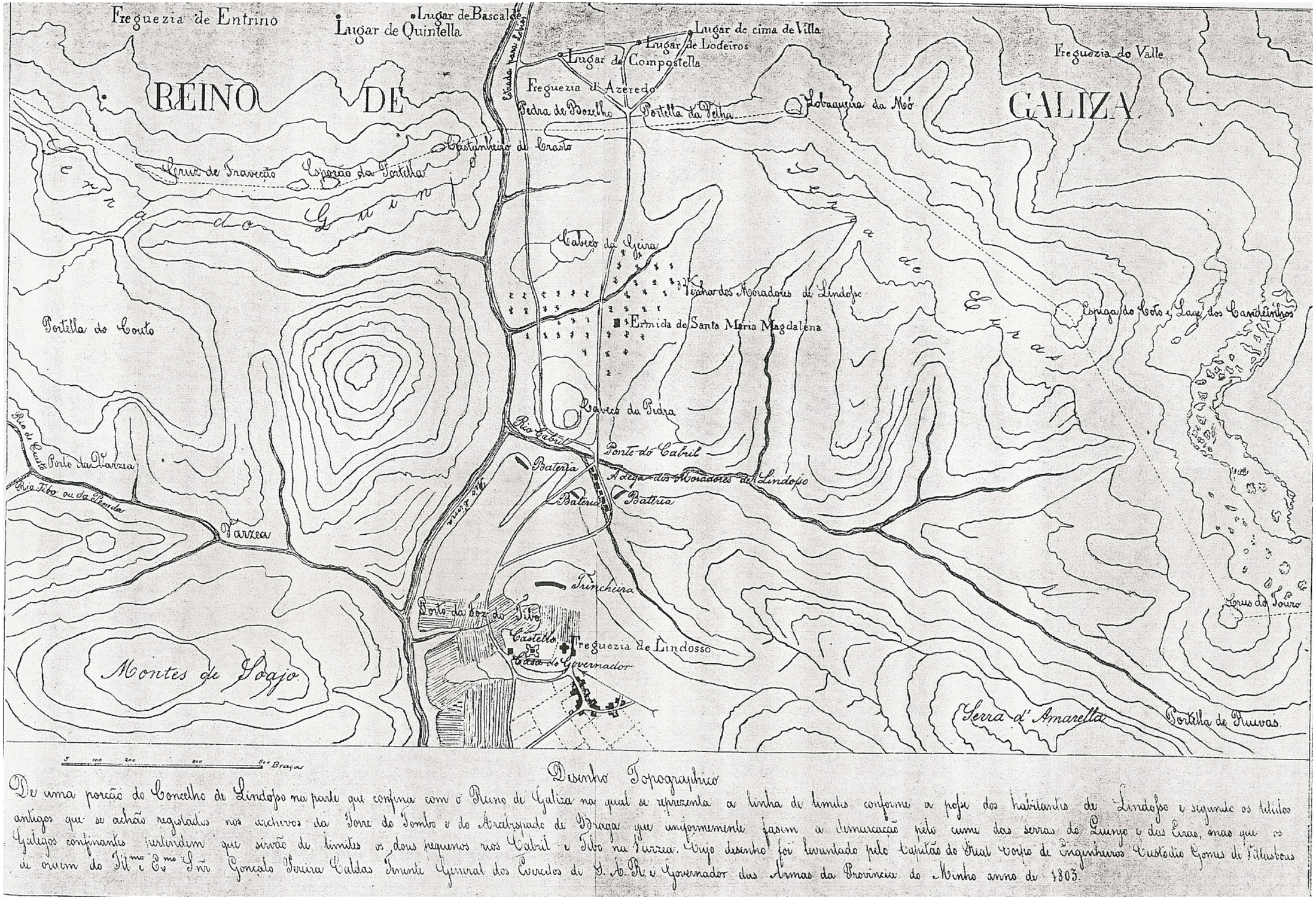
CH.IV

(AHM s/r / foto H. Regalo).

LinTESE
2011

Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Desenho Topographico

De uma porção do Concelho de Lindoso na parte que confina com o Reino de Galiza na qual se representa a linha de limites conforme a posse dos habitantes de Lindoso e segundo os titulos antigos que se achão registados nos archivos da Torre do Tombo e do Arcebispado de Braga que uniformemente fazem a demarcação pelo cume das serras do Leonjo e das Eiras, mas que os Galegos confinantes pertendem que sirvão de limites os dous pequenos rios Gabril e Tibo na Parrea. Cujo desenho foi levantado pelo Capitão do Real Corpo de Engenheiros Custodio Gomes de Villas Boas em ordem do Ill.mo e Ex.mo Snr Gonçalo Pereira Caldas Tenente General dos Exercitos de S. M. F. e Governador das Armas da Provincia do Minho anno de 1803.

Universidade do Minho Unidade de Arqueologia	Mapa da fronteira de Lindoso, 1803. (mapa reproduzido em Barreiros, 1961:117 e sgs.).	CH.V LinTESE 2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Mappa do Distrito entre os Rios Douro e Minho, 1813.

(AHMOP, C-36-B – Matos, 1980:Mapa IV).

CH.VI

LinTESE
2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto



Universidade do Minho Unidade de Arqueologia	Mapa da fronteira de Lindoso, 1851 [1803]. (AHM A4P7N.º14/foto H. Regalo).	CH.VII LinTESE 2011

Direitos reservados: Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de Julho; Decreto-Lei n.º 332/97 e n.º 334/97, de 27 de Novembro; Lei 50/2004, de 24 de Agosto

UNIVERSIDADE DO MINHO
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
APÊNDICE 3 – BASE DE DADOS

Setembro 2011

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
APÊNDICE 3 – BASE DE DADOS

Tese de Doutoramento em Arqueologia
Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

Trabalho efectuado sob orientação de:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Setembro 2011

DECLARAÇÃO

Nome: LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

Endereço electrónico: lfontes@uaum.uminho.pt

Telefone: +351 963273392

N.º Cartão de Cidadão: 5355818

Título da dissertação:
ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Orientadores:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Ano de conclusão: 2011

Ramo de conhecimento do Doutoramento:
Arqueologia, Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO.

Universidade do Minho, …… / ..... / 2011.

Assinatura: ……

APÊNDICE 3 - BASE DE DADOS

1. ESTRUTURA

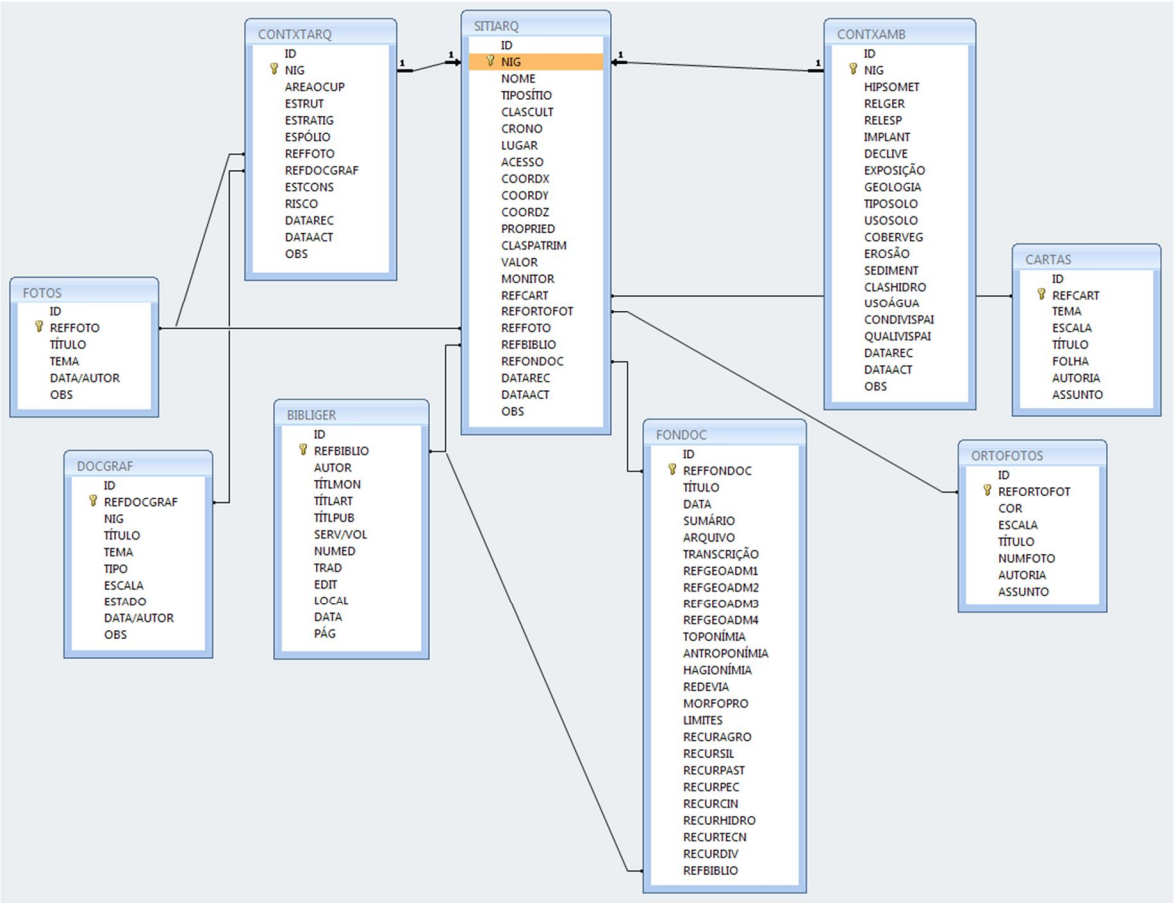


Fig.1 - Diagrama da base de dados LINTESE com principais relações.

2. PROTOCOLOS DESCRITIVOS

Tabela SITIARQ. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são[1]:

[1] Neste ficheiro, como em todos os outros, admite-se que um qualquer campo possa apresentar-se vazio, significando isso que não foram recolhidos dados suficientes para o seu preenchimento. Do mesmo modo, cada campo pode conter várias respostas, separadas por ponto e vírgula (;).

1 - NIG: número de inventário geral, atribuído sequencialmente de acordo com o preenchimento das fichas[2].

2 - NOME: topónimo pelo qual o sítio é conhecido.

3 – TOPÓNIMOS: outros nomes que designam o local.

4 - TIPOSÍTIO: indicação do tipo de arqueossítio de acordo com uma tipologia de base funcional (segundo *tesaurus* adoptado pelo IGESPAR,I.P.-Endovélico).

5 - CLASCULT: classificação cultural do arqueossítio de acordo com uma ordenação em que se cruzam categorias tecnológicas, culturais e temporais (segundo *tesaurus* adoptado pelo IGESPAR,I.P.-Endovélico).

6 – CRONO: indicação da cronologia proposta para a ocupação do arqueossítio.

7 - LUGAR: designação do lugar habitado a que o sítio pertence (relação socioeconómica e administrativa actual).

8 - ACESSO: indicação do percurso de acesso ao arqueossítio.

9 - COORDX: valor da coordenada métrica do meridiano (projecção Hayford-Gauss/Datum Lisboa)

10 - COORDY: valor da coordenada métrica do paralelo (projecção Hayford-Gauss/Datum Lisboa).

11 - COORDZ: valor da altitude, em metros.

12 - PROPRIED: indicação do regime de propriedade, pública e/ou privada, com identificação da respectiva tutela (distinguindo administração central e local) e/ou proprietário. Regista-se também o contacto e endereço.

13 - CLASPATRIM: indicação da classificação jurídica patrimonial existente ou a propor, de acordo com o estabelecido no actual quadro legislativo[3] – *Monumento, Conjunto ou Sítio,* de *interesse nacional*, de *interesse público* ou de *interesse municipal*, com ou sem *zona especial de protecção*.

14 - VALOR: indicação da categoria de valoração do arqueossítio - *Excepcional*; *Grande*; *Mediana*; *Fraca*.

[2] O NIG é comum a todos os ficheiros, isto é, a cada ficha do SITIARQ corresponde uma ficha do CONTXARQ e uma do CONTXAMB. Cada arqueossítio possui, portanto, três fichas.

[3] Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro (Lei de Bases do Património Cultural - DR n.º 209/01, SÉRIE I-A, p.5808-5829), Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro (Regulamentação dos procedimentos administrativos de classificação de bens de interesse cultural - DR n.º 206/09, 1.ª SÉRIE, p.7975-7987) e a RCM 11-A/2011 (Regulamento do Plano de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês - DR n.º 25/11, Suplemento, Série I / Resolução do Conselho de Ministros n.º 11-A/2011, de 04 de Fevereiro de 2011).

O estabelecimento de uma categoria ou de classe de valor teve por base critérios de interesse científico, de significado cultural, patrimonial e de enquadramento paisagístico, considerando-se os seguintes atributos: *Singularidade*, *Raridade*, *Representatividade*, *Diversidade*, *Irreversibilidade*, *Complexidade*. Para a sua aplicação seguimos, para além dos critérios genéricos de apreciação estabelecidos na Lei 107/2001, que estabelece as bases da política de protecção e valorização do património cultural, métodos mistos de valoração, que cruzam métodos indirectos (de subjectividade aceite) com métodos directos (análise de componentes) (Aramburu Maqua e Escribano Bombín 2006: 752 e sgs. Cf. Darvill 1995).

15 - MONITOR: indicação da intensidade recomendada da monitorização das condições de conservação dos arqueossítios - *Frequente*; *Periódica*; *Episódica*. O preenchimento deste campo deverá resultar do cruzamento concordante da informação proporcionada pelos campos 13 e 14 deste ficheiro e campos 6 e 7 do ficheiro CONTXARQ.

16 - REFCART: cota do ficheiro imagem correspondente ao extracto da Carta Militar de Portugal, do IGOE (Instituto Geográfico do Exército), à escala 1:25000, sob a forma de acrónimo que agrega a abreviatura do tema cartográfico e o assunto (CMP25000NIG001), remetendo para o ficheiro CARTAS.

17 – REFORTOFOT: cota do ficheiro imagem correspondente ao extracto da cobertura ortofotográfica do PNPG, à escala 1:10000, sob a forma de acrónimo que associa a abreviatura do título, o número da grelha de referência e o assunto (PNPGOrto_17_2_ANIG001), remetendo para o ficheiro ORTOFOTOS.

18 – REFFOTO: cota dos ficheiros imagens correspondentes aos fotogramas seleccionados para ilustrar o assunto, remetendo para o ficheiro FOTOS (fotoNIG001a,b,c).

19 - REFBIBLIO: indicação das referências bibliográficas respeitantes ao arqueossítio, no modo autor/data/página (Alarcão1980.5), remetendo para o ficheiro BIBLIGER.

20 - REFONDOC: indicação dos números dos documentos transcritos respeitantes ao arqueossítio, remetendo para o ficheiro FONTDOC.

21 - DATAREC: data de recolha dos dados e nome do responsável.

22 - DATAACT: datas de actualização de dados e nome do responsável.

23 - OBS: informação complementar susceptível de interessar à exploração e/ou manipulação da ficha.

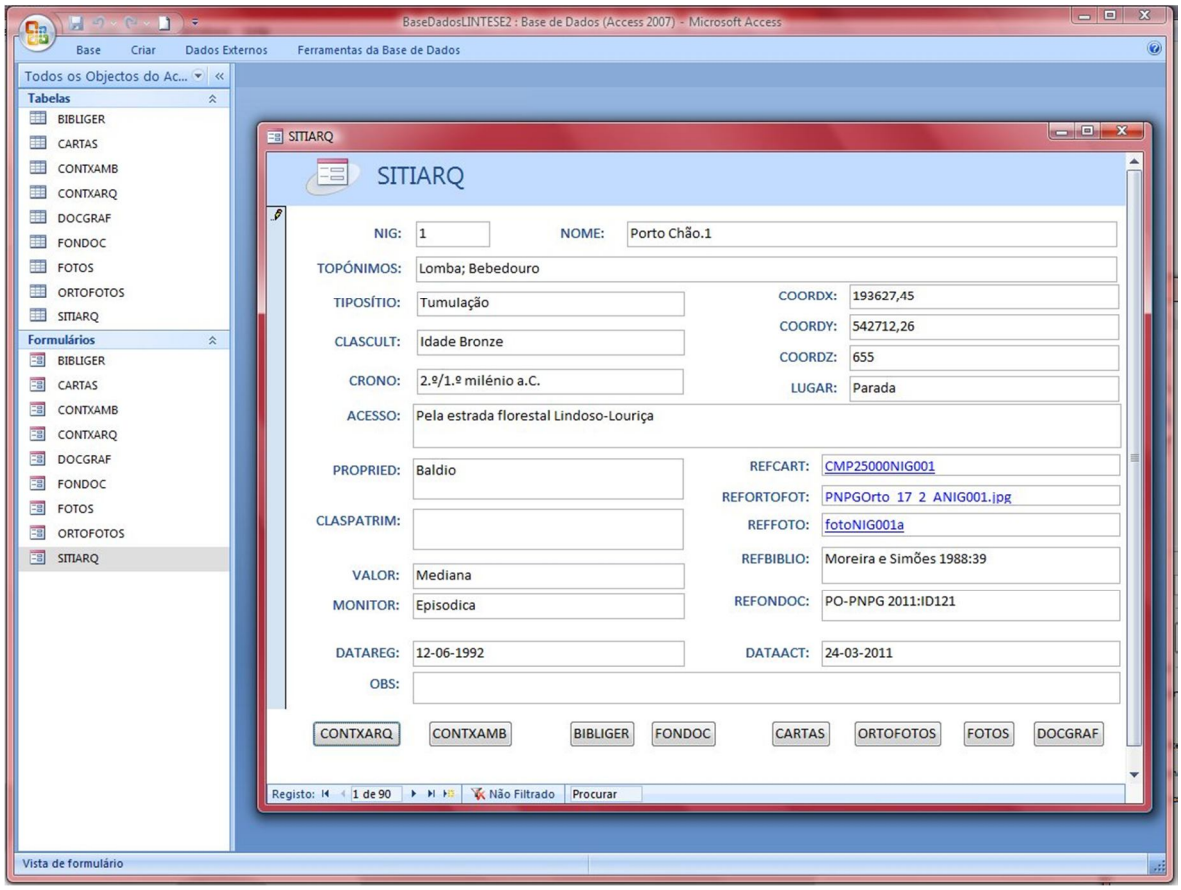


Fig.2 – Formulário de entrada da tabela SITIARQ.

Tabela CONTXARQ. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 - NIG: ver campo 1-NIG da tabela SITIARQ.

2 - AREAOCUP: estimativa da área ocupada pelos vestígios arqueológicos, expressa em metros quadrados (m^2).

3 - ESTRUT: descrição do tipo de estruturas identificadas e indicação sumária das que se presume existir.

4 - ESTRATIG: descrição das principais unidades de estratigrafia antrópica, com síntese da sequência ocupacional identificada.

5 - ESPÓLIO: descrição sumária dos diferentes tipos de espólio recolhidos no arqueossítio (cerâmica, numismas, epígrafes, elementos arquitectónicos, etc.).

6 – REFFOTO: identificação dos ficheiros imagens correspondentes aos fotogramas seleccionados para ilustrar o assunto, remetendo para o ficheiro FOTOS.

7 – REFDOCGRAF: identificação dos ficheiros imagens correspondentes aos desenhos seleccionados para ilustrar o assunto, remetendo para o ficheiro DOCGRAF.

8 - ESTCONS: indicação do estado de conservação, avaliado em percentagem (%) de degradação/destruição - *Excelente* (0-10 %); *Muito Bom* (10-20 %); *Bom* (20-40 %); *Razoável* (40-60 %); *Fraco* (60-75 %); *Mau* (> de 75 %).

9 - RISCO: indicação do grau de risco de degradação/destruição a que o arqueossítio está sujeito - *Elevado*; *Normal*; *Baixo*, referindo-se sempre a origem do risco.

10 - DATAREC: data de recolha dos dados e nome do responsável.

11 - DATAACT: datas de actualização de dados e nome do responsável.

12 - OBS: informação complementar susceptível de interessar à exploração e/ou manipulação da ficha.

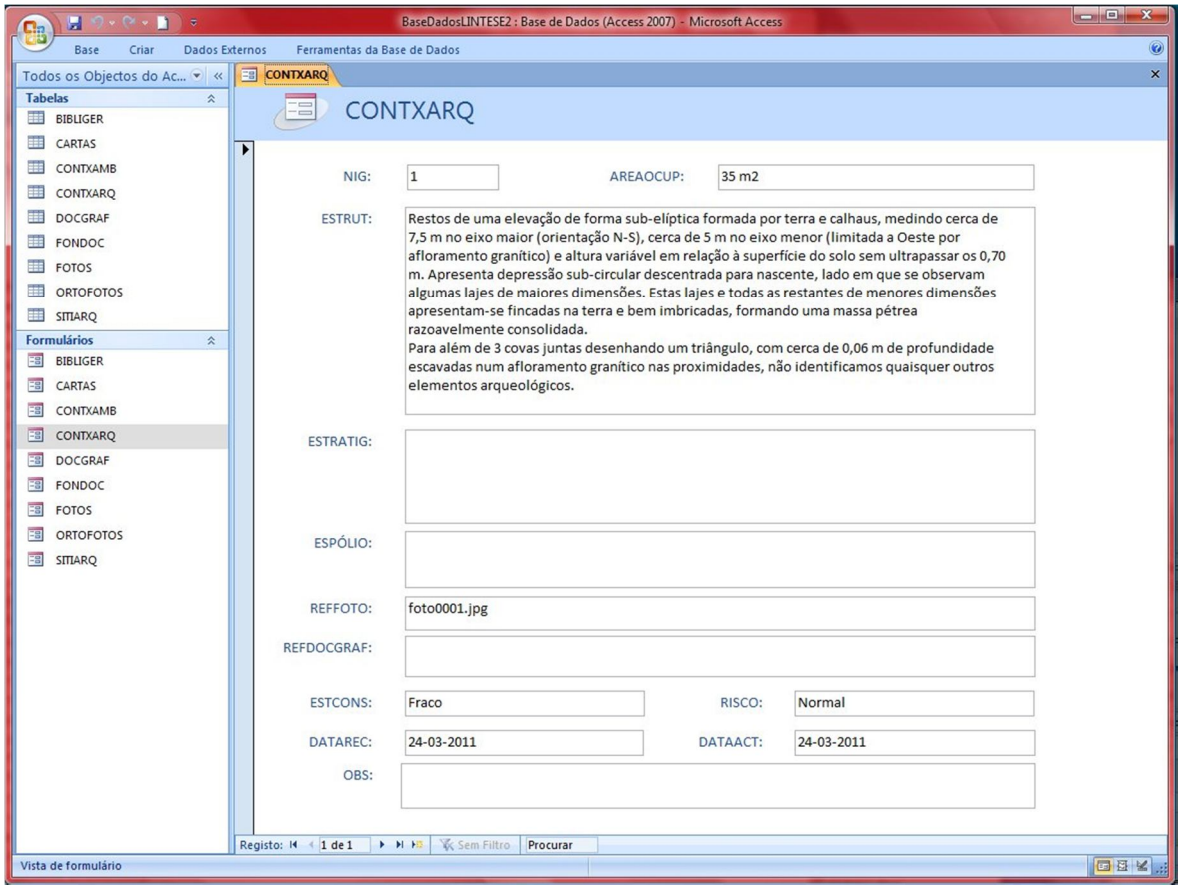


Fig.3 – Formulário de entrada da tabela CONTXARQ.

Tabela CONTXAMB. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são[4]:

1 - NIG: ver campo 1-NIG da tabela SITIARQ.
2 - HIPSOMET: indicação da classe hipsométrica na qual o sítio se integra (de acordo com a Carta de Hipsometria do SIG PNPG/ICNB).
3 - RELGER: indicação genérica da forma de relevo de acordo com as seguintes unidades referenciadas ao maciço da Serra Amarela - *vertente NO*; *interior de vale*; *cumes*.
5 - RELESP: indicação da forma de relevo específica correspondente à área referenciada, de acordo com a seguinte tipologia - *Chão/Plano*; *Alvéolo*; *Encosta*; *Colina*; *Esporão*; *Lomba*; *Ravina*; *Colado/Portela*.
6 - IMPLANT: indicação da implantação topográfica do arqueossítio, por referência ao relevo geral, de acordo com a seguinte tipologia - *linha de festo*; *vertente superior*; *meia vertente*; *vertente inferior*; *ruptura de pendente* (côncava e convexa); *sopé*.
7 - DECLIVE: indicação da classe da pendente na qual o sítio se integra (de acordo com a Carta de Declives do SIG PNPG/ICNB).
8 - EXPOSIÇÃO: indicação do quadrante geográfico dominante a que o sítio está exposto.
9 - GEOLOGIA: indicação do substrato geológico dominante, segundo a Carta Geológica de Portugal, escala 1:50000, dos Serviços Geológicos de Portugal.
10 - TIPOSOLO: indicação do tipo de solo dominante, de acordo com a seguinte tipologia (unidades pedológicas da carta de solos da Europa / FAO) - *Litosolo*; *Ranker*; *Cambissolo*; *Antrosolo*.
11 - USOSOLO: indicação da modalidade dominante de uso do solo, de acordo com as seguintes categorias - *social*; *agrícola*; *silvo/pastoril*; *florestal*; *reserva-eco*; *inculto*.
12 - COBERVEG: indicação do tipo de cobertura vegetal dominante, distinguindo os cultivos e as espécies arbóreas.

[4] Os campos descritivos que escolhemos correspondem às variáveis que consideramos necessárias e suficientes para a caracterização fisiográfica. Na selecção dos tópicos descritores seguimos Pardal 1988, Criado Boado *et al.* 1991 e Aramburu Maqua e Escribano Bombín 2006.

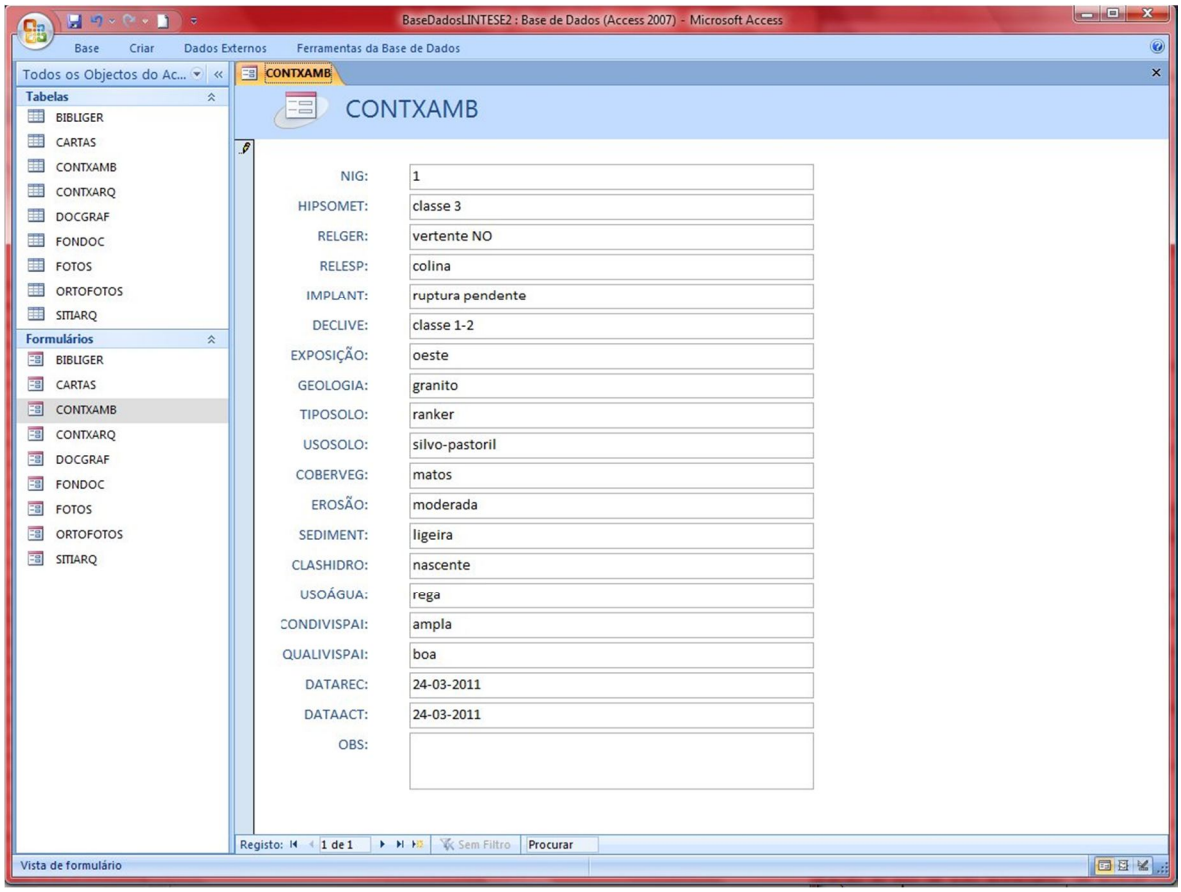


Fig.4 – Formulário de entrada da tabela CONTXAMB.

13 - EROSÃO: indicação das condições de erosão, caracterizadas de forma muito genérica com as seguintes categorias - *Ligeira*; *Moderada*; *Acentuada*; *Grave*.

14 - SEDIMENT: indicação das condições de sedimentação, caracterizadas de forma muito genérica com as seguintes categorias de intensidade/origem: *Nula*; *Ligeira*; *Moderada*; *Intensa / Aluvial*; *Coluvial*; *Lacustre-orgânica* (turfeira); *Antrópica*.

15 - CLASHIDRO: indicação do tipo de água disponível mais próxima - *nascente*; *ribeiro*; *rio*; *nascente estruturada* ("mina"); *"poça"/tanque*; *levada/rêgo* (canal); *fonte*.

16 - USOÁGUA: indicação do uso dominante da água, de acordo com a seguinte tipologia - *alimentação humana*; *rega*; *recreio*; *energia*.

17 - CONDIVISPAI: indicação das condições de visibilidade da paisagem, definidas de forma sumária através das seguintes categorias - *Ampla*; *Média*; *Restrita*.

18 - QUALIVISPAI: avaliação das qualidades visuais da paisagem, classificável nas seguintes categorias - *Excelente*; *Boa*; *Regular*; *Má*.

19 - DATAREC: data de recolha dos dados e nome do responsável.

20 - DATAACT: datas de actualização de dados e nome do responsável.

21 - OBS: informação complementar susceptível de interessar à exploração e/ou manipulação da ficha.

Tabela BIBLIGER. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 - REFBIBLIO: referência bibliográfica no modo autor/data/página.

2 - AUTOR: identificação do(s) autor(es).

3 - TÍTLMON: título do livro.

4 - TÍTLART: título do artigo.

5 - TÍTLPUB: título da publicação onde se insere o artigo.

6 – SER/VOL: indicação do nº da série e/ou do volume.

7 - NUMED: indicação do nº da edição.

8 - TRAD: indicação do tradutor.

9 - EDIT: indicação do editor.

10 - LOCAL: indicação do local de publicação.

11 - DATA: indicação da data de publicação.

12 - PÁG: indicação do nº de página(s).

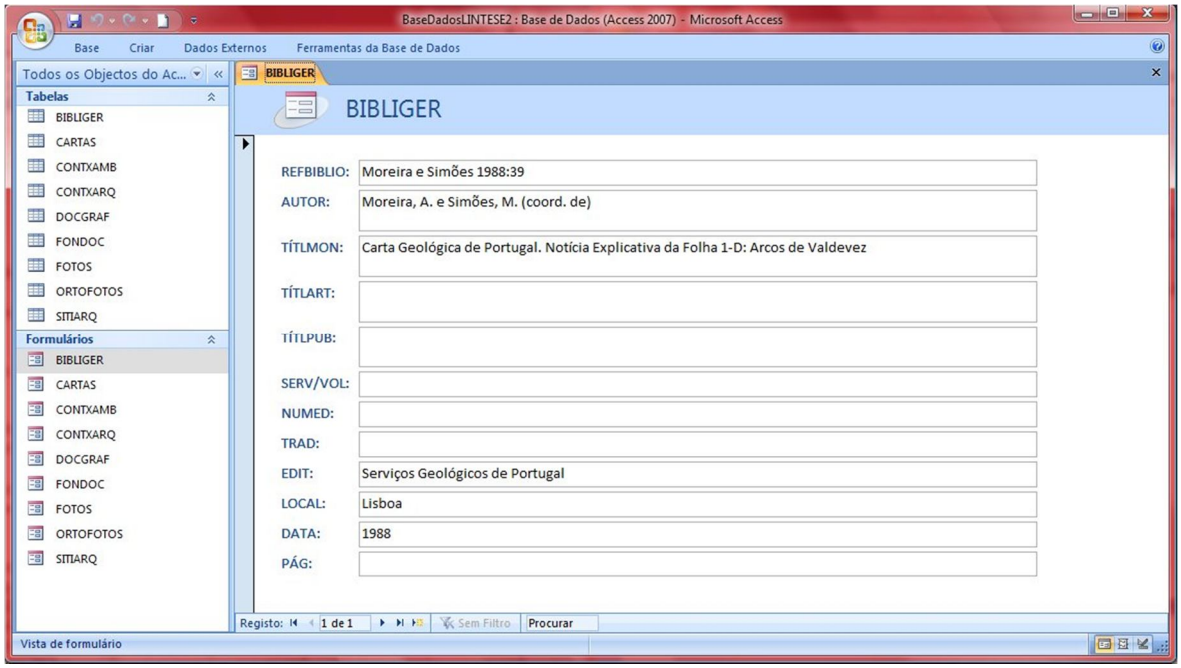


Fig.5 – Formulário de entrada da tabela BIBLIGER.

Tabela FONDOC. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 - REFFONDOC: número de inventário dos documentos transcritos.
2 - TÍTULO: título ou nome do documento.
3 - DATA: indicação da data do documento.
4 - SUMÁRIO: sumário do documento.
4 - ARQUIVO: indicação do arquivo onde o documento está depositado e respectiva cota.
5 - TRANSCRIÇÃO: transcrição do documento, de acordo com as normas aplicáveis.
6 - REFGEOADM1: designação da categoria geográfico-administrativa de base.
7 - REFGEOADM2: designação da categoria geográfico-administrativa intermédia
8 - REFGEOADM3: designação da categoria geográfico-administrativa superior.
9 - REFGEOADM4: outra designação geográfico-administrativa.
10 - TOPONÍMIA: identificação dos nomes de localidades.
11 - ANTROPONÍMIA: identificação dos nomes de pessoas.
12 - HAGIONÍMIA: identificação dos nomes de santos.
13 - REDEVIA: identificação de referências a vias de comunicação.
14 - MORFOPRO: identificação de referências à morfologia das propriedades.
15 - LIMITES: identificação de referências a delimitações.
16 - RECURAGRO: identificação de referências a recursos agrícolas.
17 - RECURSIL: identificação de referências a recursos florestais.
18 - RECURPAST: identificação de referências a recursos pastoris.
19 - RECURPEC: identificação de referências a recursos pecuários.
20 - RECURCIN: identificação de referências a recursos cinegéticos.
21 - RECURHIDRO: identificação de referências a recursos hídricos.
22 - RECURTECN: identificação de referências a recursos tecnológicos.
23 - RECURDIV: identificação de referências a outros recursos.
24 - REFBIBLIO: identificação de referências bibliográficas respeitantes ao documento.

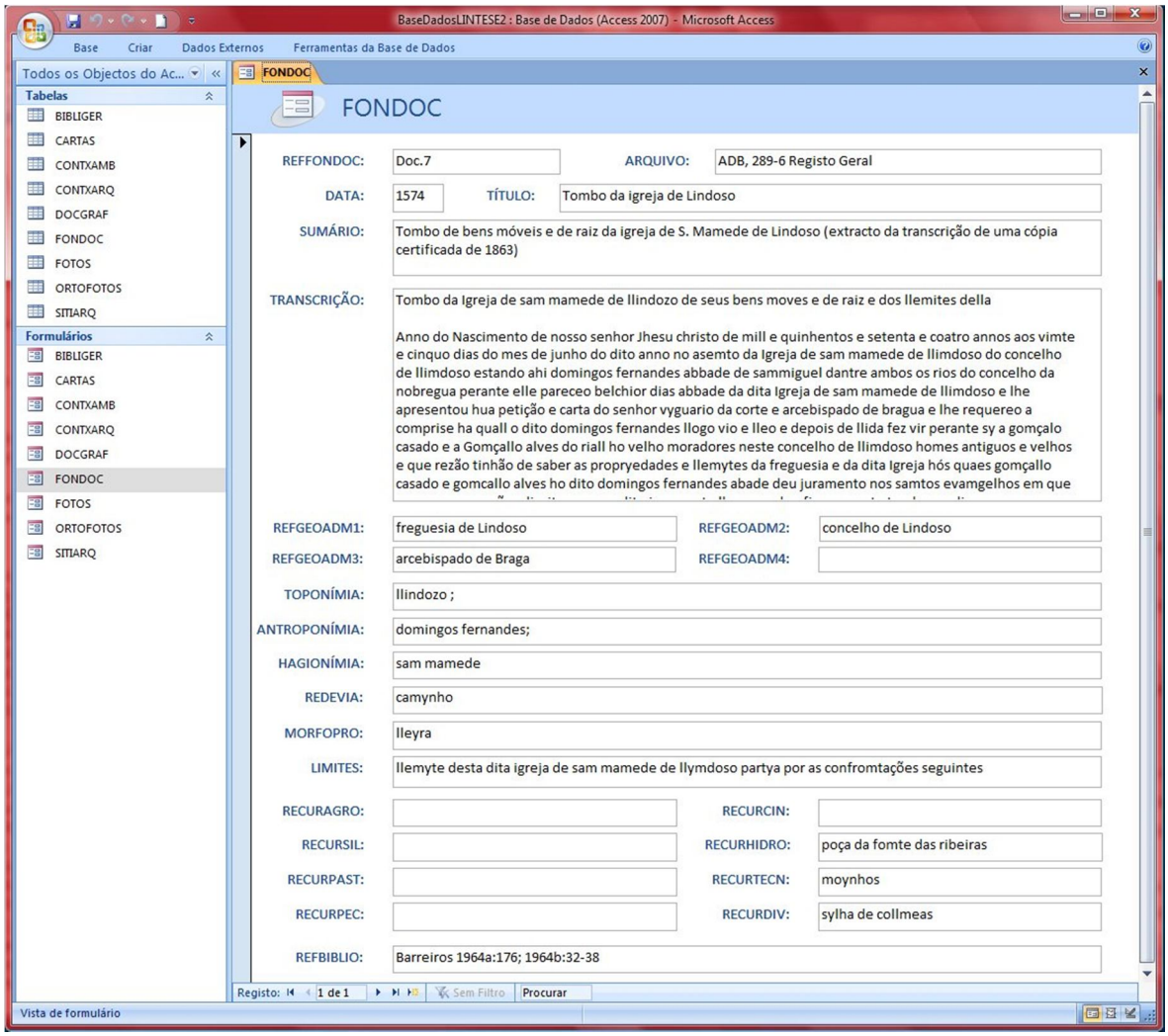


Fig.6 – Formulário de entrada da tabela FONDOC.

Tabela CARTAS. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 - REFCART: cota do ficheiro imagem correspondente à cartografia referenciada, sob a forma de acrónimo que agrega a abreviatura do tema cartográfico, o número da folha e o assunto (CMPfl17rNIG001 = localização do arqueossítio 001 na folha 17 da Carta Militar de Portugal).

2 - TEMA: identificação do tema cartográfico – *Corografia, Altimetria, Hidrografia, Geologia, Limites Administrativos, Tipo Solos, Uso Solos, Cobertura Vegetal, Declives, Exposição* e outros.

3 - ESCALA: indicação da escala a que foi elaborada a cartografia.

4 - TÍTULO: nome que identifica a cartografia – *Carta Militar de Portugal, Atlas do Ambiente de Portugal, Carta Geológica de Portugal*, etc.

5 - FOLHA: indicação do número de folha da carta.

6 - AUTORIA: identificação da entidade que produziu a cartografia.

7 - ASSUNTO: especificação do assunto tratado – geral ou localização de arqueossítio (neste caso indica-se o respectivo número).

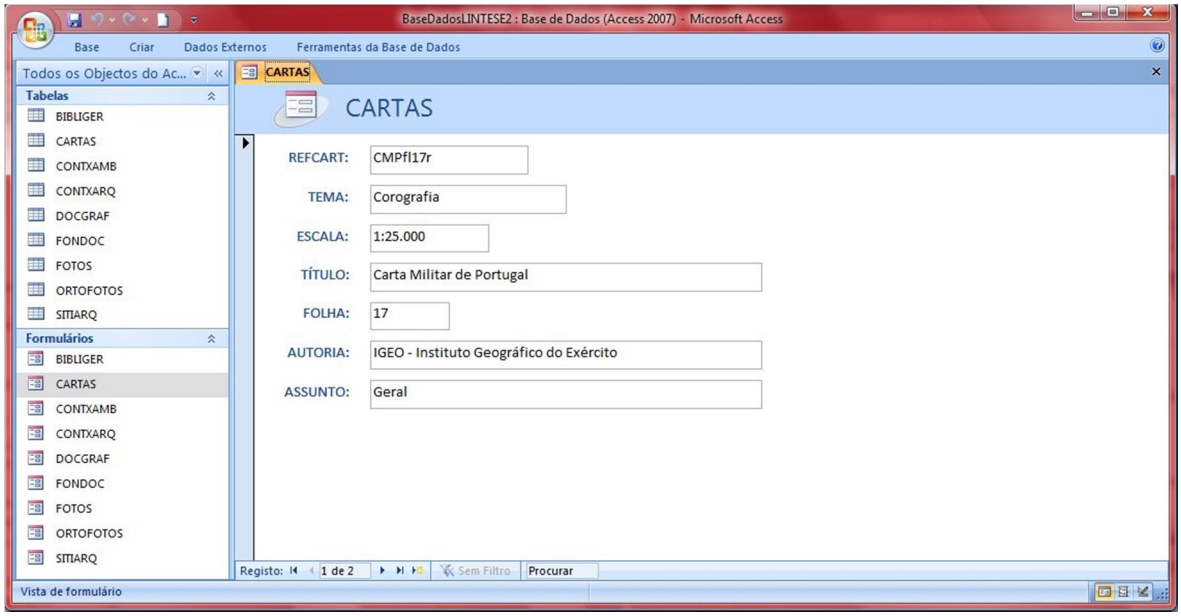


Fig.7 – Formulário de entrada da tabela CARTAS.

Tabela ORTOFOTOS. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 - REFORTOFOT: cota do ficheiro imagem correspondente à ortofotografia referenciada, sob a forma de acrónimo que associa a abreviatura do título, o número do fotograma e o assunto (PNPGOrto_17_2_ANIG001 = localização do arqueossítio 001 na Orto_17_2_A da cobertura do Parque Nacional da Peneda Gerês).

2 - COR: referência à modalidade de registo fotográfico – *cor real, falsa cor, p/b*, etc.

3 - ESCALA: indicação da escala a que foi elaborada a cobertura ortofotográfica.

4 - TÍTULO: nome que identifica a cobertura ortofotográfica – *Portugal, Parque Nacional da Peneda Gerês*, etc.

5 - NUMFOTO: indicação do número do fotograma.

6 - AUTORIA: identificação da entidade que produziu o levantamento ortofotográfico.

7 – ASSUNTO: especificação do assunto tratado – geral ou localização de arqueossítio (neste caso indica-se o respectivo número).

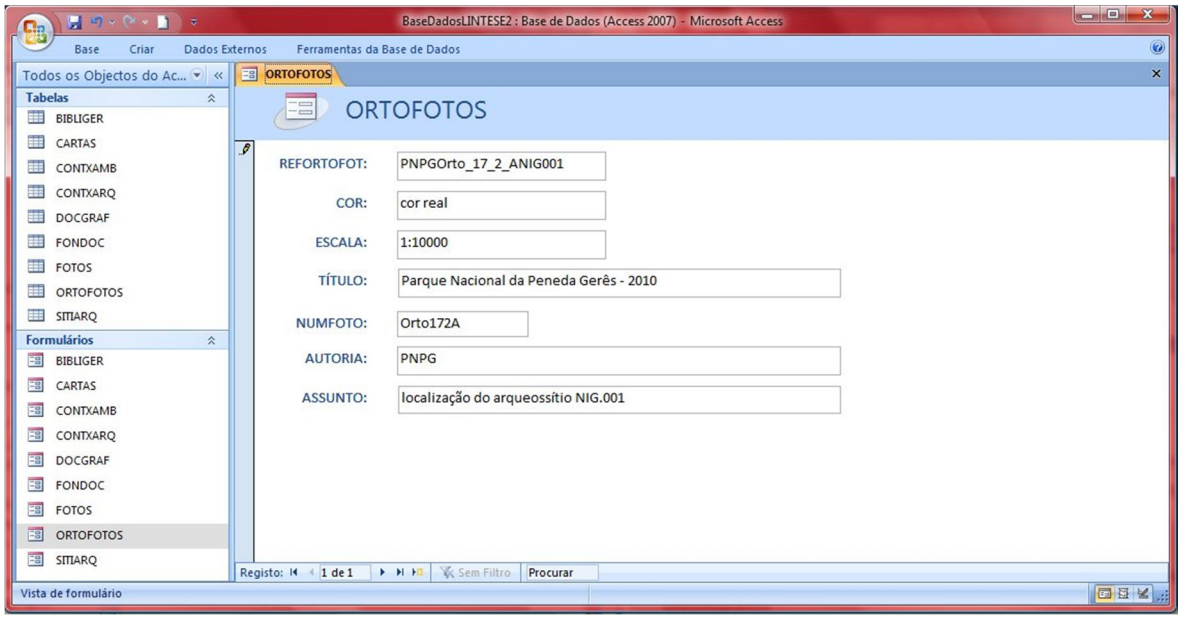


Fig.8 – Formulário de entrada da tabela ORTOFOTOS.

Tabela FOTOS. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 – REFFOTO: cota do ficheiro imagem correspondente à fotografia referenciada, sob a forma de número de inventário fotográfico geral, atribuído sequencialmente de acordo com o carregamento dos respectivos ficheiros de imagem e indicação do formato da imagem (por exemplo: fotoNIG001a.jpg, fotoNIG001b.tiff).

2 - TÍTULO: descrição sumária do assunto tratado.

3 - TEMA: indicação do tema fotográfico tratado – *Arquitectura, Espólio, Estratigrafia, Estrutura, Etnografia, Paisagem, Pessoas, Outros*.

4 - DATA/AUTOR: data de execução da fotografia e identificação do autor(a).

5 - OBS: informação complementar susceptível de interessar à exploração e/ou manipulação da ficha.

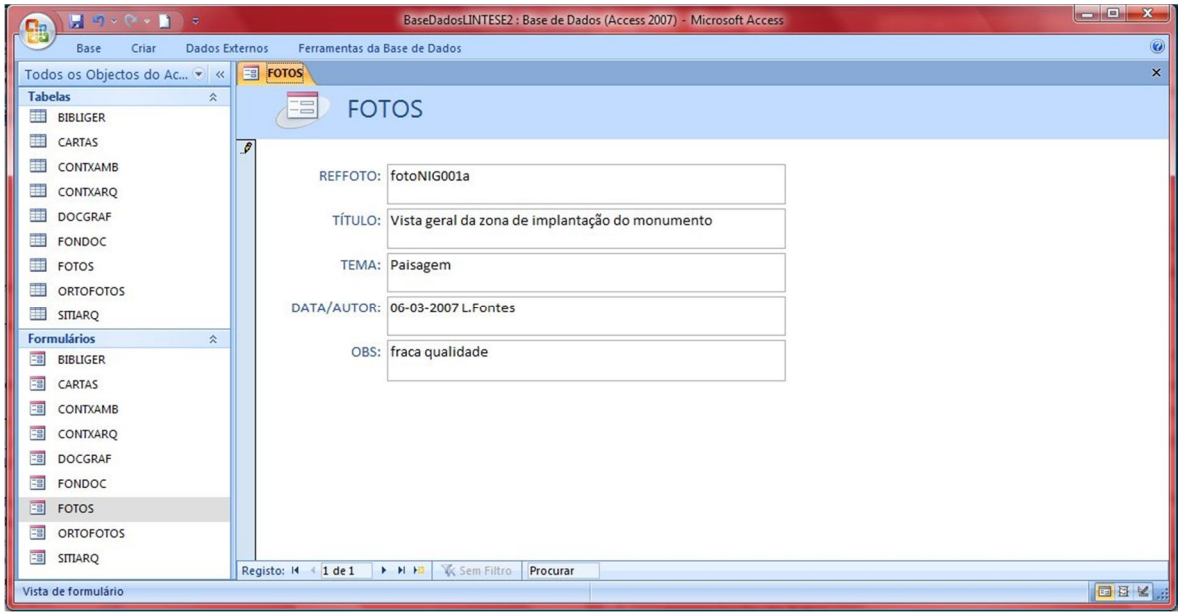


Fig.9 – Formulário de entrada da tabela FOTOS.

Tabela DOCGRAF. O conteúdo de cada campo e respectivas chaves de resposta são:

1 - REFDOCGRAF: cota do ficheiro imagem correspondente ao desenho referenciado, sob a forma de número de inventário geral, atribuído sequencialmente de acordo com o carregamento dos respectivos ficheiros de imagem e indicação do formato da imagem (por exemplo: desenho0001.jpg, desenho0002.dwg).

2 - NIG: ver campo 1-NIG da tabela SITIARQ.

3 - TÍTULO: descrição sumária do assunto tratado.

4 - TEMA: indicação do tema desenhado - *Espólio, Estratigrafia, Estrutura, Gravura, Topografia, Outros*.

5 - TIPO: indicação do tipo de desenho – *Alçado, Corte, Plano, Planta, Secção, Modelo*.

6 - ESCALA: indicação da escala a que foi elaborado o desenho.

7 - ESTADO: indicação do estado de processamento do desenho – *Original, Interpretado*.

8 - DATA/AUTOR: data de execução do desenho e identificação do autor(a).

9 - OBS: informação complementar susceptível de interessar à exploração e/ou manipulação da ficha.

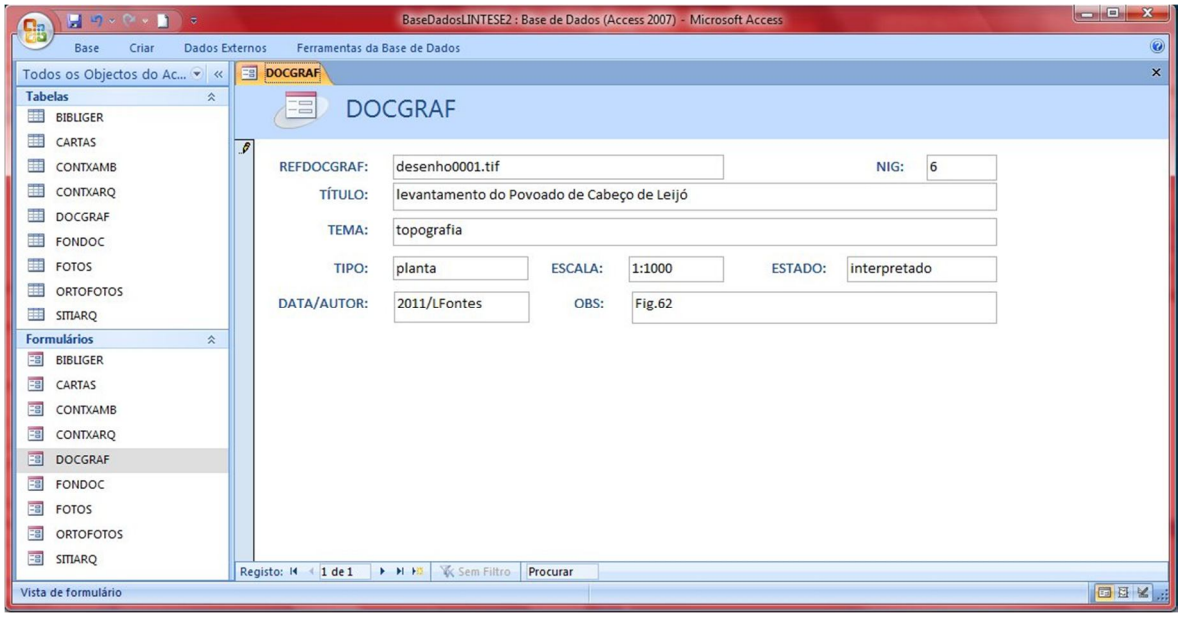


Fig.10 – Formulário de entrada da tabela DOCGRAF.

3. LISTAGEM DE DADOS

SITIARQ
Relatório Access 2007 (exportação ficheiro RTF do Word)

NIG 1
NOME Porto Chão.1
TOPÓNIMOS Lomba; Bebedouro
TIPOSÍTIO Tumulação
CLASCULT Idade Bronze
CRONO 2.º/1.º milénio a.C.
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193627,45
COORDY 542712,26
COORDZ 655
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Moreira e Simões, 1988:39; PO-PNPG, 2011:ID121
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 2
NOME Porto Chao.2
TOPÓNIMOS Lomba
TIPOSÍTIO Indeterminado
CLASCULT Idade Bronze ?
CRONO 2.º/1.º milénio a.C. ?
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193658,44
COORDY 542538,16
COORDZ 645
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 3
NOME Porto Chao.3
TOPÓNIMOS Lomba
TIPOSÍTIO Arte rupestre
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO 2.º/1.º milénio a.C. ?
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193678,50
COORDY 542466,15
COORDZ 640
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO InvArqPNPG (ficha nº 073)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 4
NOME Porto Chao.4
TOPÓNIMOS Fundo dos Viveiros
TIPOSÍTIO Arte rupestre
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO 2.º/1.º milénio a.C. ?
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193915,50
COORDY 542345,82
COORDZ 655
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO InvArqPNPG (ficha nº 081)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 5
NOME Porto Chao.5
TOPÓNIMOS Pardieiros; Casas dos Mouros
TIPOSÍTIO Arte rupestre
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO 2.º/1.º milénio a.C. ?
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193845,31
COORDY 542117,94
COORDZ 675
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO InvArqPNPG (ficha nº 072)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 6
NOME Chao da Pesquita
TOPÓNIMOS Chao da Pesquita
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Caminhos carreteiros desde Real e Lindoso
COORDX 193879,04
COORDY 543836,18
COORDZ 455
PROPRIED ?
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1994:34; InvArqPNPG (ficha nº 082)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 7
NOME Traz de Colado
TOPÓNIMOS Penedo do Encanto; Penedo das Sete Cabeças
TIPOSÍTIO Arte Rupestre
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Sobreiro Quente. Está sinalizado
COORDX 193027,66
COORDY 542593,76
COORDZ 480
PROPRIED Privada
CLASPATRIM Imovel Interesse Publico (propor)
VALOR Excepcional
MONITOR Frequente
REFBIBLIO Baptista, 1981, 1984 e1990a; InvArqPNPG (ficha nº 066)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 8
NOME Serenada.1
TOPÓNIMOS Serenada
TIPOSÍTIO Tumulação
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Sobreiro Quente
COORDX 193271,95
COORDY 542305,72
COORDZ 550
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Moreira e Simões, 1988:39; InvArqPNPG (ficha nº 070)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 9
NOME Cha de Torroes
TOPÓNIMOS Cha de Torroes
TIPOSÍTIO Necrópole
CLASCULT Neolítico/Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO
LUGAR Cidadelhe; Mosteirô (Britelo)
ACESSO Por caminhos de pe-posto desde as aldeias de Mosteirô e Cidadelhe
COORDX 190722,91
COORDY 541596,19
COORDZ 586
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM em vias de classificação
VALOR Grande
MONITOR Frequente
REFBIBLIO InvArqPNPG (fichas nº 071, 072, 073, 074 e 075)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 10
NOME A Cidade
TOPÓNIMOS Leira do Santo
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Idade do Ferro/Romano
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminho carreteiro e de pe-posto desde a aldeia de Cidadelhe
COORDX 190803,38
COORDY 543965,14
COORDZ 210
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Costa, 1706:213; Dionísio, 1965:919; Silva, 1986:76 ; Santos, 2001:25; Fontes,
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 11
NOME Cha do Fojo
TOPÓNIMOS Candorcas
TIPOSÍTIO Arte rupestre
CLASCULT Calcolítico / Idade Bronze ?
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194858,29
COORDY 543810,09
COORDZ 525
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 12
NOME Torre Grande
TOPÓNIMOS Torre
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Romano/Suevo-Visigótico
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto desde Lindoso, por Porto Maceira e
Cabana do Gavião
COORDX 196554,05
COORDY 542351,82
COORDZ 670
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Baptista, 1990:12; Barreiros, 1961:figuras; Lima, 1996
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 13
NOME Vilarinho.1
TOPÓNIMOS Vilarinho
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Romano/Suevo-Visigótico
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho carreteiro Lindoso-Insua
COORDX 195539,34
COORDY 542767,91
COORDZ 525
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 14
NOME Torrao de Galegos
TOPÓNIMOS Torrao de Galegos
TIPOSÍTIO Mausoléu
CLASCULT Romano/Suevo-Visigótico
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada nacional, até campo de futebol
COORDX 195331,29
COORDY 544408,71
COORDZ 408
PROPRIED Privada
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1994:35; 1997: 16-17
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 15
NOME Casa Paroquial
TOPÓNIMOS Casa paroquial
TIPOSÍTIO Indeterminado
CLASCULT Romano/Suevo-Visigótico
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelas estradas nacional e municipal que servem a aldeia de Lindoso
COORDX 194575,66
COORDY 544025,99
COORDZ 455
PROPRIED Publica (Igreja)
CLASPATRIM Bens Móveis inventariados
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Almeida, 1982; Santos, 2001; Fontes, 2003
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 16
NOME Cabeço de Leijo
TOPÓNIMOS Cabeço de Leijo
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Romano
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho carreteiro Lindoso-Parada
COORDX 193782,74
COORDY 543450,92
COORDZ 518
PROPRIED Privada
CLASPATRIM Imovel Interesse Publico (propor)
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1994:35; 1997:14-17; InvArqPNPG (ficha nº 083)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 17
NOME Porto Chao.6
TOPÓNIMOS Viveiros
TIPOSÍTIO Tumulação
CLASCULT Romano
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194057,51
COORDY 542343,97
COORDZ 680
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Bens Móveis inventariados
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 18
NOME Porto Chao.7
TOPÓNIMOS Portela de Peixerrao
TIPOSÍTIO Tumulação
CLASCULT Romano/Suevo-Visigótico
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194302,85
COORDY 542593,23
COORDZ 724
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Bens Móveis inventariados
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 19
NOME Cha da Torre.1
TOPÓNIMOS Cha da Torre
TIPOSÍTIO Branda
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto desde Lindoso, por Porto Maceira e
Cabana do Gavião
COORDX 196630,59
COORDY 542137,89
COORDZ 610
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Baptista, 1990
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 20
NOME Porto Chao.8
TOPÓNIMOS Pardieiros; Casas dos Mouros
TIPOSÍTIO Branda
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193837,69
COORDY 542118,26
COORDZ 660
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Imovel Interesse Publico (propor)
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO InvArqPNPG (ficha nº 071)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 21
NOME Porto Chao.9
TOPÓNIMOS Afonsinhos
TIPOSÍTIO Branda
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194043,77
COORDY 541994,61
COORDZ 710
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Imovel Interesse Publico (propor)
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 22
NOME Ludentos
TOPÓNIMOS Ludendos
TIPOSÍTIO Branda
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto desde Mosteirô e Cidadelhe ou desde as Cabanas do Couto
COORDX 191354,90
COORDY 540771,86
COORDZ 725
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO InvArqPNPG (ficha nº 076)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 23
NOME Madalena.1
TOPÓNIMOS Madalena
TIPOSÍTIO Inverneira
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho asfaltado que liga estrada nacional a capela de Santa Maria Madalena
COORDX 196773,36
COORDY 544655,04
COORDZ 379
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 24
NOME Lugar de Lindoso
TOPÓNIMOS Lugar de Lindoso
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelas estradas nacional e municipal que servem a aldeia de Lindoso
COORDX 194452,01
COORDY 543861,12
COORDZ 450
PROPRIED Publica; Privada
CLASPATRIM
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO AAP, 1988:72-78
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 25
NOME Lugar do Castelo
TOPÓNIMOS Lugar do Castelo; Lindoso
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelas estradas nacional e municipal que servem a aldeia de Lindoso
COORDX 194399,02
COORDY 544061,32
COORDZ 440
PROPRIED Publica; Privada
CLASPATRIM
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO AAP, 1988:72-78
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 26
NOME Lugar de Real
TOPÓNIMOS Lugar de Real; Lindoso
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Lindoso
COORDX 193977,04
COORDY 544051,50
COORDZ 430
PROPRIED Publica; Privada
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 27
NOME Lugar de Parada
TOPÓNIMOS Lugar de Parada
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Parada
COORDX 192889,72
COORDY 543594,20
COORDZ 375
PROPRIED Publica; Privada
CLASPATRIM
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO AAP, 1988:72-73; InvArqPNP-G (fichas nº 076 a 080)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 28
NOME Lugar de Cidadelhe
TOPÓNIMOS Lugar de Cidadelhe
TIPOSÍTIO Povoado
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Cidadelhe
COORDX 190644,33
COORDY 543339,57
COORDZ 350
PROPRIED Publica; Privada
CLASPATRIM
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO AAP, 1988:72 e 79
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 29
NOME Castelo de Lindoso
TOPÓNIMOS Castelo
TIPOSÍTIO Fortificação
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Lindoso
COORDX 194512,86
COORDY 544183,00
COORDZ 460
PROPRIED Publica (PNPG)
CLASPATRIM Monumento Nacional (Decreto 20985, de 7-3-1932)
VALOR Excepcional
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1992:18-23; 1994:36-37; 1997:21-27
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 30
NOME Igreja de Lindoso
TOPÓNIMOS Igreja
TIPOSÍTIO Templo
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Lindoso
COORDX 194567,81
COORDY 544031,88
COORDZ 455
PROPRIED Publica (Igreja)
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito; Barroca, 1987:236 e 242; 2000:133-134; Santos, 2001:25-26
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 31
NOME Ponte Velha de Parada
TOPÓNIMOS Ponte de Santiago
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Parada
COORDX 192522,70
COORDY 543348,86
COORDZ 335
PROPRIED Publica
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO InvArqPNP-G (ficha nº 044)
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 32
NOME Insua.1
TOPÓNIMOS Insua
TIPOSÍTIO Silha/Colmeal/Apiário
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho de pe-posto que serve o vale do rio Cabril
COORDX 196412,73
COORDY 539959,31
COORDZ 710
PROPRIED Publica (PNPG)
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 33
NOME Insua.2
TOPÓNIMOS Insua
TIPOSÍTIO Armadilha de caça
CLASCULT Medieval/Moderno
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho de pe-posto que serve o vale do rio Cabril
COORDX 196393,11
COORDY 539949,49
COORDZ 710
PROPRIED Publica (PNPG)
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Grande
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 34
NOME Vilarinho.2
TOPÓNIMOS Vilarinho
TIPOSÍTIO Silha/Colmeal/Apiário
CLASCULT Medieval/Moderno
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho carreteiro Lindoso-Insua
COORDX 195394,10
COORDY 542793,42
COORDZ 550
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 35
NOME Serenada.2
TOPÓNIMOS Serenada
TIPOSÍTIO Silha/Colmeal/Apiário
CLASCULT Medieval/Moderno
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Sobreiro Quente
COORDX 193309,73
COORDY 542416,59
COORDZ 565
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 36
NOME Bem Espero
TOPÓNIMOS Alto da Pena
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Medieval
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro e de pe-posto que liga Parada a Sobreiro Quente
COORDX 193113,46
COORDY 540340,07
COORDZ 850
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 37
NOME Lomba do Braçal da Ribeira
TOPÓNIMOS Lomba do Braçal da Ribeira
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Medieval/Moderno
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos de pe-posto e corta-mato desde as Cabanas do Couto
COORDX 193820,03
COORDY 538493,18
COORDZ 1050
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 38
NOME Fojo Velho
TOPÓNIMOS Fojo do Colado da Porta; de Sone; do Fial
TIPOSÍTIO Armadilha de caça
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 195262,60
COORDY 538618,80
COORDZ 1200
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 39
NOME Capela de Santo Andre
TOPÓNIMOS Santo André
TIPOSÍTIO Templo
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada nacional que serve a aldeia de Parada
COORDX 192501,11
COORDY 543745,32
COORDZ 330
PROPRIED Publica (Igreja)
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Capela, 2005
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 40
NOME Madalena.2
TOPÓNIMOS Madalena
TIPOSÍTIO Templo
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho asfaltado que liga estrada nacional a capela de Santa Maria Madalena
COORDX 196758,16
COORDY 544699,19
COORDZ 382
PROPRIED Publica (Igreja)
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO AAP, 1988:100-10
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 41
NOME Chao do Clérigo
TOPÓNIMOS Chao do Clerigo
TIPOSÍTIO Trincheira
CLASCULT Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho asfaltado desde a estrada nacional
COORDX 195494,20
COORDY 544783,58
COORDZ 397
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO AAP, 1988:100-101
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 42
NOME Fundal
TOPÓNIMOS Casa Florestal Lindoso
TIPOSÍTIO Trincheira
CLASCULT Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 195089,88
COORDY 544361,61
COORDZ 455
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1994:38-39; 1997:37
DATAREC 12-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 43
NOME Eido Velho
TOPÓNIMOS Eido Velho
TIPOSÍTIO Trincheira
CLASCULT Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 195604,11
COORDY 544100,57
COORDZ 415
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM Valor Concelhio (propor)
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1994:38-39; 1997:37
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 44
NOME Ponte do Cabril
TOPÓNIMOS Ponte do Cabril
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho carreteiro desde a estrada nacional
COORDX 195802,34
COORDY 544412,64
COORDZ 290
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Fontes e Regalo, 1994:38-39; 1997:37
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 45
NOME Vilarinho.3
TOPÓNIMOS Pontao de Vilarinho
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho carreteiro Lindoso-Insua
COORDX 195509,90
COORDY 542807,16
COORDZ 525
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 46
NOME Ponte Mona
TOPÓNIMOS Ponte Mona
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho carreteiro Lindoso-Porto Maceira
COORDX 196088,89
COORDY 543160,44
COORDZ 365
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 47
NOME Pontao de Serenada
TOPÓNIMOS Pontilhao de Serenada
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Sobreiro Quente
COORDX 193184,12
COORDY 542371,45
COORDZ 500
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO InvArqPNP-G (ficha nº 068)
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 48
NOME Pontao de Porto Novo do Ribeiral
TOPÓNIMOS Porto Novo do Ribeiral
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Curro Novo
COORDX 192750,37
COORDY 542903,33
COORDZ 390
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 49
NOME Pontao de Segundo Porto
TOPÓNIMOS Segundo Porto; Ribeiral
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Lameiro do Charco
COORDX 192696,05
COORDY 542847,10
COORDZ 390
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 50
NOME Pontao de Ramira
TOPÓNIMOS Ramira
TIPOSÍTIO Ponte
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Curro Novo
COORDX 192850,46
COORDY 542192,84
COORDZ 465
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 51
NOME Cabana do Gaviao
TOPÓNIMOS Lomba do Gaviao
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto desde Lindoso, por Porto Maceira e
Cabana do Gavião
COORDX 197048,64
COORDY 542369,48
COORDZ 480
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 52
NOME Cha da Torre.2
TOPÓNIMOS Cha da Torre
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto desde Lindoso, por Porto Maceira e
Cabana do Gavião
COORDX 196627,53
COORDY 542125,66
COORDZ 610
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Baptista, 1990:12
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 53
NOME Cabana da Varzea
TOPÓNIMOS Varzea
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho de pe-posto que serve o vale do rio Cabril
COORDX 196222,35
COORDY 541040,75
COORDZ 593
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 54
NOME Cabana do Janeiro
TOPÓNIMOS Cabana do Janeiro
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho de pe-posto que serve o vale do rio Cabril
COORDX 196314,60
COORDY 540416,61
COORDZ 647
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 55
NOME Cabana do Louro
TOPÓNIMOS Colado do Louro
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pelo caminho de pe-posto que serve o vale do rio Cabril
COORDX 196964,25
COORDY 540047,63
COORDZ 941
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 56
NOME Cabana da Messe do Testo
TOPÓNIMOS Curral Messe do Testo; Apertadinho
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho de pe-posto Lindoso-Portela da Saramagosa-Cha do fojo
COORDX 194807,26
COORDY 541876,85
COORDZ 775
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 57
NOME Cabana da Travanquinha
TOPÓNIMOS Travanquinha
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho carreteiro Lindoso-Peixerrão-Escuralha
COORDX 194442,20
COORDY 541380,29
COORDZ 895
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 58
NOME Cabanas de Rebordo no Feio
TOPÓNIMOS Rebordo no Feio
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 195172,32
COORDY 540524,56
COORDZ 1072
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Oliveira, Galhano e Pereira, 1994:179 + Figs.191-192
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 59
NOME Cabana do Braçal
TOPÓNIMOS Cabana do Braçal
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194785,67
COORDY 539295,92
COORDZ 1150
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 60
NOME Abrigo de Colado da Porta
TOPÓNIMOS Colado da Porta
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 195242,97
COORDY 538781,70
COORDZ 1220
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 61
NOME Cabana de Sone
TOPÓNIMOS Cabana de Sone
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 195598,22
COORDY 538522,62
COORDZ 1050
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 62
NOME Cabana de Ti Joao Hilheno
TOPÓNIMOS Cabana de Ti Jo?o Hilheno; Porto Chao
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193649,28
COORDY 542430,33
COORDZ 660
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO InvArqPNP-G (ficha nº 074)
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 63
NOME Abrigo de Aradoiro
TOPÓNIMOS Poça de Aradoiro
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 193933,86
COORDY 541596,19
COORDZ 795
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 64
NOME Cabana de Bogalhedo
TOPÓNIMOS Cabana de Bogalhedo
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194002,56
COORDY 540499,05
COORDZ 873
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Oliveira, Galhano e Pereira 1994: 180 + Fig.189
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 65
NOME Cabana de Frieira
TOPÓNIMOS Cabana de Frieira
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pela estrada florestal Lindoso-Louriça
COORDX 194116,39
COORDY 539482,38
COORDZ 990
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 66
NOME Cabana de Sobreiro Quente
TOPÓNIMOS Curral do Sobreiro Quente
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Pelo caminho carreteiro Parada-Sobreiro Quente
COORDX 193205,71
COORDY 541284,12
COORDZ 680
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 67
NOME Outeiro dos Fornos
TOPÓNIMOS Outeiro dos Fornos
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto Cidadelhe-Gordemela
COORDX 190991,80
COORDY 542652,11
COORDZ 426
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 68
NOME Cabana da Gordemela
TOPÓNIMOS Cabana da Gordemela
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto Cidadelhe-Gordemela
COORDX 192020,25
COORDY 540834,66
COORDZ 702
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 69
NOME Cabanas do Couto
TOPÓNIMOS Cha do Couto
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos carreteiros e de pe-posto Cidadelhe-Gordemela-Cha do Couto
COORDX 192463,86
COORDY 540381,42
COORDZ 762
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Grande
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 70
NOME Cabana da Escaravilheira
TOPÓNIMOS Cabana da Escaravilheira
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos de pe-posto desde a Cha do Couto
COORDX 192799,43
COORDY 540059,41
COORDZ 785
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 71
NOME Cabana da Mata da Lomba
TOPÓNIMOS Lomba
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos de pe-posto desde a Cha do Couto, por Bessadoiro
COORDX 193237,11
COORDY 539460,79
COORDZ 925
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 72
NOME Cabana do Vidoeiro
TOPÓNIMOS Vidoeiro de Insua
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO A corta-mato, desde a cabana da Mata da Lomba
COORDX 193299,92
COORDY 538542,25
COORDZ 1012
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 73
NOME Cabanas do Braçal da Ribeira
TOPÓNIMOS Cabanas do Braçal da Ribeira
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO A corta-mato, desde a cabana da Mata da Lomba
COORDX 193879,65
COORDY 538278,60
COORDZ 1085
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 74
NOME Moinhos do Cabril
TOPÓNIMOS Moinhos do Cabril
TIPOSÍTIO Moinho
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Pela estrada nacional Lindoso-Madalena
COORDX 195816,08
COORDY 544272,30
COORDZ 300
PROPRIED
CLASPATRIM
VALOR
MONITOR
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 75
NOME Moinhos da Veiga
TOPÓNIMOS Veiga; Veiga dos Moinhos; Fonte Fria
TIPOSÍTIO Moinho
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminhos carreteiros desde a aldeia de Lindoso
COORDX 194172,33
COORDY 544098,12
COORDZ 415
PROPRIED Privada
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 76
NOME Moinhos de Altipaço
TOPÓNIMOS Costa do Fojo
TIPOSÍTIO Moinho
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminhos carreteiros desde a aldeia de Lindoso
COORDX 194204,22
COORDY 544358,17
COORDZ 365
PROPRIED Privada
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 77
NOME Moinhos de Parada
TOPÓNIMOS Moinhos da Ponte; Moinhos do Poço da Gola
TIPOSÍTIO Moinho
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Por caminhos carreteiros desde a aldeia de Parada
COORDX 192528,58
COORDY 543357,20
COORDZ 325
PROPRIED Privada
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 78
NOME Moinhos de Cidadelhe
TOPÓNIMOS Moinhos de Cidadelhe
TIPOSÍTIO Moinho
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Por caminhos carreteiros desde a aldeia de Cidadelhe
COORDX 190629,69
COORDY 543163,39
COORDZ 255
PROPRIED Privada
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 79
NOME Cabana do Lousinho
TOPÓNIMOS Cha do Lousinho
TIPOSÍTIO Cabana de pastor
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Por caminho de pe-posto desde o Colado da Porta
COORDX 196704,89
COORDY 538521,73
COORDZ 1080
PROPRIED Baldio
CLASPATRIM
VALOR Fraca
MONITOR Episodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 80
NOME Caminho Lindoso-Porto Maceira
TOPÓNIMOS Caminho da Torre
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Desde o Lugar de Lindoso
COORDX 196243,40
COORDY 542773,28
COORDZ 400
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 81
NOME Caminho Lindoso-Vilarinho
TOPÓNIMOS Caminho do Cabril
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Desde o Lugar de Lindoso
COORDX 195898,84
COORDY 541787,54
COORDZ 590
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 82
NOME Caminho Lindoso-Travanquinha
TOPÓNIMOS Caminho da Travanquinha
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso
ACESSO Desde o Lugar de Lindoso
COORDX 194373,82
COORDY 541384,49
COORDZ 805
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 83
NOME Caminho Parada-Porto Chao-Aradoiro
TOPÓNIMOS Caminho de Porto Chao; Caminho de Bogalhedo
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Desde o Lugar de Parada
COORDX 193945,86
COORDY 541564,11
COORDZ 800
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 84
NOME Caminho Parada-Sobreiro Quente-Bem Esper
TOPÓNIMOS Caminho de Sobreiro Quente; Caminho de Bem Esper
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Desde o Lugar de Parada
COORDX 193346,34
COORDY 540372,33
COORDZ 855
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 85
NOME Caminho Parada-Curral Novo
TOPÓNIMOS Caminho de Curral Novo
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Desde o Lugar de Parada
COORDX 192333,51
COORDY 541471,80
COORDZ 625
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 86
NOME Caminho Parada-Lameiro do Charco
TOPÓNIMOS Caminho do Lameiro do Charco
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada
ACESSO Desde o Lugar de Parada
COORDX 191928,75
COORDY 541584,29
COORDZ 545
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 87
NOME Caminho Cidadelhe-Cabanas do Couto
TOPÓNIMOS Caminho de Chao Velho
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe
ACESSO Desde o Lugar de Cidadelhe
COORDX 191391,62
COORDY 542265,99
COORDZ 475
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 88
NOME Via medieval Ponte da Barca-Lindoso
TOPÓNIMOS Estrada Velha
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Cidadelhe-Parada-Lindoso
ACESSO Desde a estrada nacional
COORDX 192339,67
COORDY 543515,34
COORDZ 335
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 89
NOME Caminho Lindoso-Parada
TOPÓNIMOS Caminho Velho
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Lindoso-Parada
ACESSO Desde os lugares de Lindoso e Parada
COORDX 194398,23
COORDY 543708,78
COORDZ 470
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

NIG 90
NOME Caminho Parada-Cidadelhe
TOPÓNIMOS Caminho Velho
TIPOSÍTIO Via
CLASCULT Medieval/Moderno/Contemporâneo
CRONO
LUGAR Parada-Cidadelhe
ACESSO Desde os lugares de Parada e Cidadelhe
COORDX 192763,54
COORDY 543708,78
COORDZ 335
PROPRIED Publica
CLASPATRIM
VALOR Mediana
MONITOR Periodica
REFBIBLIO Inédito
DATAREC 15-06-1992
DATAACT 24-03-2011

UNIVERSIDADE DO MINHO
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
ANEXO 1 – DOCUMENTOS

Setembro 2011

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

LUIS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Volume 2
ANEXO 1 – DOCUMENTOS

Tese de Doutoramento em Arqueologia
Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

Trabalho efectuado sob orientação de:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Setembro 2011

DECLARAÇÃO

Nome: LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES

Endereço electrónico: lfontes@uaum.uminho.pt

Telefone: +351 963273392

N.º Cartão de Cidadão: 5355818

Título da dissertação:
ARQUEOLOGIA, POVOAMENTO E CONSTRUÇÃO DE PAISAGENS SERRANAS. O TERMO DE LINDOSO, NA SERRA AMARELA

Orientadores:
Doutor Lino Augusto Tavares Dias
Professora Doutora Maria da Conceição Falcão Ferreira

Ano de conclusão: 2011

Ramo de conhecimento do Doutoramento:
Arqueologia, Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO.

Universidade do Minho, …… / ..... / 2011.

Assinatura: ……

Lista de Documentos

DOCUMENTO 1 - Século IX - Delimitação da diocese de Braga.
(ADB, *Liber Fidei*; Costa, 1978:300-301 [LF.552]).

DOCUMENTO 2 - 1258 - Inquirição de Afonso III, freguesia de Lindoso.
(IAN/TT/1072/R Inquirições Afonso III, livro 9, fl. 108v; PMH.Inq.1258:413-414).

DOCUMENTO 3 - 1514 - Foral de Lindoso.
(IAN/TT Livro de Foraes Novos d'entre Douro e Minho, fl. 108v; Barreiros, 1964b: 38-40).

DOCUMENTO 4 - 1527 – Numeramento, freguesia de Lindoso.
(Freire, 1905:245).

DOCUMENTO 5 - 1538 - Demarcação fronteiriça de Lindoso.
(Barreiros, 1964a: 155-159).

DOCUMENTO 6 - 1574 - Tombo da igreja de S. Mamede de Lindoso.
(ADB, 289-6 Registo Geral; Barreiros, 1964a:176; 1964b:32-38).

DOCUMENTO 7 - 1657 - Relato de um ataque galego ao castelo de Lindoso.
(Silva, 1994: 231-243).

DOCUMENTO 8 - 1679 - Vinculação de bens ao Morgado de Britelo.
(Barreiros, 1964b:41-42).

DOCUMENTO 9 - 1706 - Corografia Portugueza e Descriçam (...), Lindoso.
(Costa, 1868: 213).

DOCUMENTO 10 - 1758 – Memória Paroquial de Lindoso.
(IAN/TT/0343 Dicionário Geográfico (Memórias Paroquiais), vol. 20, p.665-672;Capela, 2005:304-306).

DOCUMENTO 11 - 1821 – Resposta/protesto do vereador de Lindoso.
(Barreiros, 1964a:169-172).

DOCUMENTO 12 - S/d. (1863?) - "Representação" do pároco, do presidente da Junta de Freguesia e do Regedor de Lindoso ao rei.
(Barreiros, 1964a:173-174).

DOCUMENTO 13 - 1863 - Exposição colectiva dos moradores de Lindoso ao rei.
(Barreiros, 1964a:174-175).

DOCUMENTO 1

Século IX[1] - Delimitação da diocese de Braga, em que se refere o rio Lima e Lindoso como um dos termos (parte que na transcrição destacamos a negro). (ADB, *Liber Fidei*; Costa, 1978:300-301 [LF.552])

LIMITATIO BRACARENSIS DIOCESIS CUM TERMINUS ET DIVISIONIBUS SUIS

Postquam divina inspiratione subnixi omnes Bracarensis provincie pontifices in Lucensi concilio unicuique eiusdem provintie diocesi omnem calumniam in posterum dirimere cupientes fulti a|u|ctoritate regia suos terminos subscripsimus cum cristianissimi regis Suevorum Theodemiri intercessione tum Lucensis episcopi Nitigii religione eidem episcopo Nitigio Martinus ego totius Gallecie provincie archiepiscopus supra quinque episcopos Tudensem videlicet et Auriensem |et| Iriensem quoque et Brittoniensem cum Astoricensi curam commisi quatenus si quod per questione dignum inter eos oriretur iudicio venerabilis episcopi Nitigii terminaretur, Bracarensis metropolis auctoritate salva et dignitate inconcussa et reverentia *inviolata*. Istis itaque atque aliis ad utilitatem ecclesiastice discipline subtiliter indagatis licet Bracarensem et Lucensem quemadmodum ex ceteras dioceses iusta suum habitum per antiqua loca determinaremus exterius tamen undique circumeuntes in presentia supra dicti regis et episcoporum subscriptione Braccare metropoli et Luco quasi vicarie sedi tam per cacumine montium quam per rivorum et veterum ruinarum designationem suos terminos fideliter asscripsimus. Ista quod diligentissime p|er| scripturarum seriem vetustarum studiosissime exquirendo reperimus ne videlicet Lucum et Bracara que multo plures adque ampliores habeant terminos et definitiones aliqua temporum successionem dignitatis sue detrimentum paterentur. Habet igitur Braccara

[1] Embora o documento apareça datado do concílio de Lugo, ano de 569, os historiadores Pierre David e Avelino Costa consideram que a delimitação que relata e que terá determinado a elaboração do documento deve ter ocorrido na segunda metade do século IX, ao tempo da organização do território impulsionada por Afonso III das Astúrias. No entanto, deve relevar-se que, tanto neste documento como noutros semelhantes, se faz remontar explicitamente a antiguidade dos limites ao tempo do domínio suevo (reis Teodomiro e Miro). Outras delimitações da diocese de Braga, semelhantes mas menos completas, podem ver-se noutros documentos do *Liber Fidei* (Costa 1965:32-33; 1978:303-304).

metropolis **terminationem suam a fauce fluminis Limie per ipsum flumen usque Lindosum**, inde ad Portelam de Homine per illam Portellam de Larauco et inde per Carragium et inde per Petram Fitam et inde ad Montem Miserum et inde ad Colinariam ad radicem alpis Sispiacii et inde per cacumina montium usque ad Boviam que dicitur de Vaccis et inde ad portum de Mirieus per illam aquam de Estolam usque in Durium et usque in faucem de Corrago et inde ad montem Maraon et inde ad castrum quod dicitur Villa Plana et inde ad illum pontem de Tamice et inde per illam aquam usque ad illum fluvium de Utribus et inde ad Lumbam et inde ad portum Purgaani per illam aquam de Avia in castrum.

DOCUMENTO 2

1258 - Transcrição da Inquirição de Afonso III, na parte relativa à freguesia de Lindoso (IAN/TT/1072/R Inquirições Afonso III, livro 9, fl. 108v; PMH.Inq.1258:413-414).

Item, in collatione Sancti Mametis de Lindoso. Laurentius Pelaiz prelatus, Gunsalvo Gomez judex, Johannes Gunsalvi, Martinus Alfonsi, Domnus Salvator, Martinus Pelaiz, Martinus Laurentii, Martinus Michaelis, Petrus Petri, Nuno Nuniz, Gunsalvo Nuniz, Johannes Salvatoris, Petrus Silvestris, Silvester Petri, jurati dixerunt:

que el Rey non é padrom. Item, dixerunt que in esta collatione sunt x. casaes et non mais, et dam in cada ano al Rey x. modios et iij. quarteiros de pam, scilicet, tercia de centeo et tercia de milo et tercia de painzo, et pro fossadeira xx. soldos de leoneses, et dant viij. gallinas et lxxx. ovos; et o Casal grande et o Casal da Fonte non dant gallinas nem ovos porque sum servizarias. Et todos sunt monteiros del Rey, et quando correm monte sen el Rey, se matam porco dam spadoa, et de osso as maos al Rey; et iij. domaas ante Entroido et iij. depois Entroido, se matam veado non li fazem del foro. Et quando lis vem mandado de guardarem o porto de Cabril et de Lindoso amno de guardar terterdia; et se filam bestia selada, filam a sela pora si ou li dam por ela j. maravedi; et de jugo de boys et de mauro que fuge senos maravedis. Et vam a entorviscada a Canto cum azcunas et lanzas cum no Senor da Terra una vez in mense Augusti, et levam li pora comer de seu pam et de seu queigio et lacte et ovos. Item, dant a comer ao

Alcayde do Castello quando vay a preito teer ou a monte correr ou a seu pam coler. Et pectam as iij. vozes, et dam loitosa al Rey, et filam li por ela o melor sinal que ouver, excepto bestia que li non filam. Et isto am duso. Et non am outro senor ergo el Rey.

DOCUMENTO 3

1514 - Transcrição do Foral dado pelo rei D. Manuel I ao lugar de Lindoso (IAN/TT Livro de Foraes Novos d'entre Douro e Minho, fl. 108v; Barreiros, 1964b: 38-40).

Dom Manoel per graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor de Guiné e da Conquista Navegação e Comercio da Ethiopia Arabia Persia e da India. A quantos esta nossa Carta de Foral dado ao logar de Lindoso virem fazemos saber que per bem das diligencias e isames que em nossos Reinos e Senhorios mandamos geralmente fazer pera justificaçãm e descraraçãm dos Foraes delles: E per algumas Sentenças e Determinações que com os do nosso Conselho e Leterados fezemos: Acordamos que as rendas e direitos se devem hy darecadar na forma seguinte.

Foral do Logar de Lindoso - (PAM) Posto que no dito lugar nam aja foral nem scriptura per que se mandassem hy pagar os direitos Reaaes, Estam porem os moradores da dita terra em posse de tempo Immemorial de pagarem hy os foros e direitos seguintes - a saber - pagasse por todo o concelho em cada huum ano a nos por direito Real cem alqueires de pam terçado - a saber - cento de mylho e paymço os quaaes sam antigamente Repartidos por todollos herdeiros e pessoeiros da dita terra sem mais se acrecentar nem demenuyr ora sejam muytos ora poucos os quaaes cem alqueires de pam o dito comcelho paga por todolos tributos e direitos e foros que antigamente a dita terra pagava sem mais agora nem em nynhû tempo os pagar soomente o dito pam. - *(Pena do Sangue)* E pagam mais em cada hum anno ao alcayde seis centos cinquoenta rreaes pollo direito que podiamos aver em qual quer maneira polla pena do sangue e dos ousos que se hy nam paga nem pagara em nynhûm tempo nem se pagara ysso mesmo o direito das armas que per nossas ordenações sam devidos aos alcaydes moores por quanto polla dita composiçam dos seis centos e cinqoenta

Reaes som livres e Isentos de todallas ditas cousas pera sempre. - *(Lutosas)* E pagaram mais todallos moradores da dita terra e vezinhos por lutosa quando morrerem a milhor Joya ou peça que tiverem movel tirando ssomente cavallo e mouro ou açor E por que as ditas lutosas se levaram atee ora contra nossa ordenaçam e direito Decraramos que se ham soomente as ditas lutosas de levar aas pessoas que esteverem per si emcabeçados nos casaaes em que morarem semdo homees barõoes por que das molheres posto que por sy vivam e mantenham casal nem se ha de levar as ditas lutosas daquy a diante nem menos se levaram das pessoas que morarem fora do comcelho nem de nynhûs outros posto que herdeiros sejam na diat terra E bees tenham nella salvo sendo possuidores e emcabeçados e homees barõoes nos casaaes como dito he posto que atee ora doutra maneira se costumasse O que nom avemos por bem e mandamos que se mais nam faça. - *(Gado do Vento)* E o gado do vento he do alcayde moor quando se perder segundo nossa ordenaçam com decraraçam que a pessoa a cuja mão for teer o dito gado o venha escrever atee dez dias so pena de lhe seer demandado de furto. - Non ha na dita terra de lindoso montados nem manynhos nossos por que tudo he Isentamente do dito comcelho. - *(Portagem)* A portagem de compra e venda se nam levara nunqua na dita terra nem passagem que dantes hy se levava E levar see a soomente quando vierem ou forem pera castella assy aos estrangeiros como aos naturaaes sem nenhûa deferença segundo adiante hera decrarado nam semdo privyligiados a saber - pagar sse a per quaaes quer pessoas que privyligiadas nom forem assy naturaaes como estrangeiras que passarem pera castella e galliza ou de laa emtrarem polla dita terra por carga mayor de cada hûa destas cousas hûn Real e do asno meo Real a saber - trigo, centeo, cevada, mylho, paymço, ou farinha de cada hum delles e de cal e de sal e de vynho ou vinagre e linhaça e de qualquer fruyta verde emtrando melloões e ortaliça e assy por pescado ou marysquo e por carga mayor de todallas outras cousas se pagaram dous Reaes e do asno hûn Real de qualquer calidade que sejam. - *(Entrada)* E os que houverem dentrar de castella e com cada hûa das ditas cousas nam pasaram a ponte de lindoso
emtrando em portugal sem arrecadarem com o alcayde ou portageiro E os que forem pera castella ou galiza nam passaram do dito castelo sem assy Recadarem soo pena de descamynharem hûs e os outros. - (Privillegiados) As pessoas eclesiasticas de todallas igrejas e moesteiros assy domees como de molheres E

as provencias e moesteiros em que ha frades e freiras Irmitães que fazem voto de profissam E os clerigos dordees sacras E os beneficiados em ordees menores que posto que nam sejam dordees sacaras vivem como clerigos e por taaes sam avidos todos os sobreditos sam Isentos e privilligiados de todo direito de portagem nem usagem nem costumagem por qualquer nome que a possam chamar assy das cousas que venderem de seus bees e beneficios como das que comprarem trouxerem ou levarem pera seus usos ou de seus beneficios e casas e famillliares. - E assy sam liberdados da dita portagem per privillegio que tem as cidades villas e lugares de nosssos Regnos que se seguem - a saber - Guimaraães, a cidade de Lixboa e a Gaya do porto povoa de Varzym Braga Barcelos Prado Pomte de Lima Viana de Lima Caminha Villa Nova de Cerveira Vallença Monçam Crasto Leboreiro Myranda Bragança Freixio o Azinhoso Mogadoyro Amciaães Chaves Monforte de Ryo Livre Montallegre Crasto Vicente a cidade da Guarda Jarmello Pinhel Castel Rodrigo Almeida Castel Mendo Villar Mayor Alfayates Sabugal Sortelha Covilhaã Monsanto Monforte Marvam Portallegre Arromches Campo Mayor Fromteira Villa Viçosa Elvas Olivença a cidade devora Monte moor ho novo Lavar pera os vendeiros soomente Monsaraz Beja Moura Noudal Almodouvar Odemira Os moradores do castello de Cezimbra E assy seram liberdados da dita portagem quaes quer pessoas ou lugares que nossos privillegios teverem e mostrarem ou ho trellado em publica forma allem dos acima comtheudos. - (Pena do Foral) E qualquer pessoa que for contra este nosso foral levando mais direitos dos aquy nomeados ou levando destes mayores comthias das aquy decraradas ho havemos por degradado por hû anno fora, da dita Cidade, digo do dito logar e termo e mais pague de cadea trinta Reaaes por hûn de todo o que assy mais levar pera a parte a que os levou E sse a parte a nom quiser levar seja ametade pera quem ho acusar E a outra metade pera os cativos E damos poder a qualquer Justiça homde acomtecer assy Juizes como vinhateiros ou quadrilheiros que sem mais processo nem hordem de Juizo sumariamente sabida a verdade condenem os culpados no dito caso de degredo E assy do dinheiro atee comthia de dous mil Reaaes sem apellaçam nem agravo, e sem disso poder conhecer Almoxerife nem contador nem outro official nosso nem de nossa fazenda em caso que o hy haja E sse o senhorio dos ditos direitos o dito foral quebrantar per ssy ou per outrem seja logo sospemsso delles e da Jurdiçam do dito logar se a tiver em quanto nossa mercee for E mais as pessoas que em seu nome ou por elle ho fizerem

emcorreram nas ditas penas E os almoxeriffes escripvaães e officiaães dos ditos direitos que o assy nam cumprirem perderam logo os ditos officios e nam haveram mais outros E por tanto mandamos que todallas cousas comtheudas neste foral que nos poemos por ley se cumpram pera sempre do theor do qual mandamos fazer tres hum deles pera a camara do dito logar E outro pera o senhoria dos ditos direitos E este pera a nossa torre do Tombo pera em todo o tempo se poder tirar qualquer duvida que sobre isso possa sobrevir. - Dada em a nossa muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa a cinco dias doytubro Anno de nosso senhor jeshu christo de mil e quinhemtos e quatorze E vay scripto ho original em seis folhas e quatro Regras soo escripto e asinado pollo dito Fernam de Pina. Está conforme. Bastos

Livro de Foraes Novos d'entre Douro e Minho, a fls. 108 v.

DOCUMENTO 4

1527 - Transcrição do Numeramento mandado fazer pelo rei João III, na parte relativa à freguesia de Lindoso (Freire, 1905:245).

|*Lindoso* | *Del Rey nosso Senhor*

Item O conçelho de Lymdosso que jaz peguado com este amtre elle e Gallyza e he pequeno e nom tem vylla nê lloguar jumto e tem somente huû castello ermo e he allcaide delle Joham Rodriguez dAraujo e parte com Soajo pello rio do Lyma e per cima com Gualiza huûa leguoa e per baixo com Reguallados e com a Nobregua, o quoall tem huûa legoa de termo e nelle nom a povoaçam jumta soomente per casaes e tem somente a freguesia de Sam Mamede de Lymdosso em que moram e per todo o conçelho quoremta e huû moradores, 41 moradores.

Item A mais neste conçeelho de homens mançebos sollteiros que vyvem com seus pays e amos de dezoyto ate trymta annos, 30 mancebos.

(A' margem: aquê do Lima)

DOCUMENTO 5

1538 - Demarcação fronteiriça de Lindoso, mandada fazer pelo rei João III (transcrição de certidão de 1856) (Barreiros, 1964a: 155-159).

DONA MARIA por graça de Deus, Rainha de Portugal; e de Algarves d'aquem e d'alem Mar em Africa, senhora de Guiné, da Conquista, Navegação, Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, e da India etc. Faço saber, que por parte dos moradores do Concello de Lindoso foi feita a petição seguinte. Dizem os moradores do Concelho de Lindoso, Provincia do Minho, que a maior parte do Distrito do dito Concelho confina com o Reino de Galiza por raia seca, e porque sucedia muitas vezes haver dúvida por onde corria a demarcação: Mandou o Senhor Rei Dom João 4º [Aliás, D. João III. (Nota do A.)] Fazer Tombo para a todo o tempoconstar dos limites, confins destes Reino com o de Galiza, cujo Tombo existe no Arquivo da Torre do mesmo Tombo; e como novamente se excitão novas dúvidas entre os moradores do dito Concelho, e os Galegos Comarcãos, e para evitá-las, e desfaze-las necessitam Certidão da dita demarcação. Pede a Vossa Magestade lhe faça mercê mandar-lha passar, e receberá mercê. Sendo vista a dita petição, se lhe deferiu com a Provisão seguinte - Dom José por Graça de Deus Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em África Senhor de Guiné, etc. Mando a voz Guarda Mór da Torre do Tombo, que deis aos moradores do Concelho de Lindoso o traslado dos papeis, de que na petição retro escrita faz menção, a qual lhe dareis na forma das provisões passadas para se darem semelhantes traslados, de que pagarão de novos direitos trezentos reis, que se carregarão ao Thesouro deles a folhas duzentas quarenta e cinco verso do livro primeiro de sua receita e se registou o conhecimento em forma no livro vinte e sete do registo geral a folhas trezentas e catorze verso. El Rei Nosso Senhor mandou pelo Ministro abaixo assinado do seu Conselho e seus Desembargadores do Paço. André António de Almeida e fez em Lisboa a dez de Maio de mil setecentos setenta e quatro - desta duzentos reis e de assinar oitocentos reis. Francisco José da Costa Souto Maior a fez escrever António José de Afonseca Lemos, Pedro Viegas de Novais. E sendo passada pela Chancelaria foi apresentada ao Guarda Mór da Torre do Tombo e em seu cumprimento se buscarão os livros dela, e no do número quarenta e três do

Tombo da Comarca de Trás-os-Montes, e Minho, que está no armário dezassete do interior da coroa a folhas cento trinta e oito se acha a demarcação de Vila de Lindoso, e é de teor, e, forma seguinte - Lindoso - *Demarcação da Vila de Lindoso. que tem uma fortaleza bem forte dynificada* - Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos trinta e oito anos aos vinte e dois de Julho em o lugar de Lindoso, que é com sua Fortaleza à porta de Rodrigo de Lamela Juiz ordinário deste lugar, e assim estando y Bastião Alves e Gonçalo Ramos vereadores do dito Concelho, e outras pessoas, aí amostrei aos ditos oficiais a provisão que trazia de El Rei Nosso Senhor para me darem conta da demarcação do seu termo com Galiza, e sendo-lhes provicada a diat Provisão, e vista por eles lhes fiz pergunta se no lugar onde seu termo partia com a Galiza está divisado por marcos, sinais porque conste sem dúvida o Termo estar bem demarcado, e divisado; e assim lhes fiz outras mais perguntas necessárias: responderam que o termo deste lugar de Lindoso parte com Galiza a saber com as Aldeias seguintes: A saber, com a Aldeia de Lobeiros, que é a primeira que vem da Aldeia de Buscalque, e que estas Aldeias são do Bispo da Cidade de Orense, que todas são do Termo de Orense; e que começa o seu termo a partir com Galiza na Serra das Eiras, a saber na Carriceira da dita Serra das Eiras, porque já atrás fica a Serra das Eiras, que no lugar onde começão partir com Galiza na cumeada da Serra das Eiras, chama-se aí a Cruz do Touro que é o lugar, onde chegou o limite de Vilarinho, e daí para diante vem o *Termo de Lindoso* partindo com Galiza e da Cruz do Touro vem a demarcação pela cumieira da Serra águas vertentes para Portugal e Galiza até a lagea do Cordainhos: E daí à Lobagueira da Mó, e dí à Portela da Velha, que é aí, e se chama Sede dos Reis porque antigamente se diz que em o lugar, se chamam Sede dos Reis se juntavam aí as Justiças deste lugar de Portugal, e as de Galiza, e faziam aí seus concertos da vizinhança, e cada um estava em seu regno, e que em a dita Portela da Velha estão feitos aí dois assentos em as pedras e em o mesmo está marco, que divide os Regnos, e por isso tem o dito nome, e do dito lugar descem pela Serra e Outeiro abaixo sempre águas vertentes até dar à Pedra de Bozelo, que é uma pedra tão alta como uma árvore - E daí passa a demarcação o rio, que vem de Galiza que se chama Lima, e corta direito além da dita Ribeira, e vai ao Castanheiro do Crasto, que é um lugar divisado, que tem o dito nome, porém aí não está nenhum castanheiro - Até aqui estão pacíficos, e que daqui para diante

antigamente o seu Termo ia ter ao castanheiro do Crasto ó Esporão de Portela Serra acima. - E daí à Cruz da Travação, que é um lugar que tem o dito nome, e vão para junto dela dois caminhos - e daí vai ter à Portela do Couto, e daí vai ter aos portos da varzea descendo pela Serra abaixo da Portela do Couto, correndo por a Serra abaixo até dar na Ribeira dos Braços do Rio Tibo, que vem de Portugal já juntos, e parte daí para diante pelo dito rio sobredito acima, e concelho de Soajo, que é jurisdição sobre si com Galiza; e que este concelho de cinquenta anos e esta parte pouco mais ou menos se lhe tem metido os de Galiza; a saber, os da Aldeia de Buscate que parte aí com a dita Serra, e outra Aldeia de Quintella também de Galiza mais diante lhe tem tomado toda uma Serra de cima até baixo, qual começa ao Castanheiro do Crasto até chegar à Portela do Couto, e daí até que descem até à Ribeira, e se lhe tem metido em posse de toda a dita Serra, e lhe lançam a demarcação deste Concelho, a saber, ao Castanheiro do Crasto demandam o dito Rio de Tibo, que torna a voltar para esta Vila pela fralda da dita Serra, e vem-se meter na Ribeira da Lima no lugar onde se chama o Por da Foz do Tibo, e tudo isto que assim tomão desta Serra de cima até baixo até à dita Ribeira; sera em comprido dois terços de légua, e em largo será meia légua, e tudo é Serra, e terra, a saber, fragoza, que não serve senão para pasto, a qual terra eu vi, e me foram mostrar, e que antigamente a dita Serra sobredita que té óra os Galegos pastão com seus gados, e não consentem que os gados deste lugar vão lá pastar à sessenta anos, e daí para trás sempre este Concelho, e os que nele foram moradores de cento, e duzentos, e trezentos, anos e mais sempre possuiram por termo desta Vila a dita Serra, que lhe os Galegos tem tomado, que verdadeiramente é Termo desta Vila, e do Regno de Portugal, e que ainda agora há aqui alguns antigos, que se acordam e sabem o Termo desta Vila partir com Galiza, a saber do Castanheiro do Crasto indo pela Serra acima ao Esporão da Portela, e daí à Cruz de Trabação e daí à Portela do Couto, e daí descendo águas vertentes pela Ribeira do Tibo, de que os Alcaides Mores que foram desta vila, a saber, Paio Rodrigues de Araújo Avô de João Rodrigues de Araújo, que óra é Alcaide Mór desta Vila, em a dita Serra trazia sua vacaria pacificamente até que viveu, até que morreu e depois por sua morte a trouxe seu filho, que ficou por Alcaide Mór por nome Lopo Rodrigues de Araújo, que haverá cinquenta anos pouco mais ou menos, que ainda aí trazia por ser Termo desta Vila, e que por aquele tempo os moradores deste Concelho terem qua terra Outeira onde traziam

seus gados e não se serviam da dita Serra os Galegos das Aldeias Comarcãos: com a dita Serra se meteram em posse dela molle, e molle até que de todo estão já de todo metidos em posse dela da dita maneira e que nunca este Concelho teve demanda com Galiza sobre os terrenos, e que desta Vila à Raia de Galiza à Portela Velha há uma meia légua, e daí as Aldeias, que partem com este Concelho, a saber - a Padrenda há meia légua, e a Lobeiros um quarto de légua, e a Compostela um oitavo de légua, e a Buscate dois tiros de besta; e são Aldeias pequenas sem cêrcas. - E com os oficiais, catei o Cartório da Câmara e lhe não achei papeis que falem em a demarcação deste terreno; e logo me apresentaram por testemunhas, que sabia por onde antigamente partia o termo deste lugar com Galiza há sessenta anos, e mais a saber a João Vasques homem de oitenta anos, e mais a Alvaro Vasques que é de outros oitenta anos, e Gonçalo do Noval de outros oitenta anos, e mais que são moradores em este Concelho de Lindoso, aos quais velhos dei juramento dos Evangelhos, em que pozeram as mãos direitas, e por o dito juramento lhes mandei, que verdadeiramente dissessem por onde partia o termo desta Vila e lugar em Galiza, e prometerão de dizer a verdade, e do costume disseram, que são deste termo, e contudo dirão a verdade; e respondendo à demarcação que o Concelho deu em suas respostas; disseram que eles são homens antigos, de oitenta anos para cima, e que sendo eles moços se acordão de sessenta anos, e mais a esta parte, o que desde que se acordão de sessenta anos, e mais a esta parte, o que desde que se qcordão sabem sempre e sabiam o Termo deste lugar de Lindoso partir com Galiza, a saber, começa a demarcação na Cruz do Touro, e daí à Lagea dos Candainhos e daí a Lobagarra da Móo, e daí à Portela da Velha, a que chamam Sede dos Reis, e daí à Pedra de Bozelo, e daí ao Castanheiro do Crasto d'além que está além já do Rio Lima; que para irem para o dito lugar, vindo da Pedra do Bozelo se passa à Ribeira de Lima, que vem de Galiza, e daí do Castanheiro do Crasto se ia antigamente o Termo desta Vila ir ter direito para cima subindo Serra acima ao Esporão da Portela, que é em cima no mais alto Outeiro primeiro da dita Serra. - e daí vai à Cruz da Travação, e daí vai ter à Portela do Couto, que é outro cabeço no cabo da dita Serra onde vai descendo a demarcação para baixo águas vertentes até ao Colado do Madoiro, e daí ao Rio do Tibo, que vem de Galiza, que se chama e onde desce e chega ao Rio o Porto da Barzea, e que então da parte do dito Rio da banda de além do Rio do Tibo é termo do Concelho do Soajo, e

para cima Rio acima desta parte contra este Concelho é Termo de Galiza da Aldeia de Olelas, que vai daí para cima partindo para o rio acima o Termo por o Moinho de água com o Concelho de Soajo, e que por aqui por os ditos lugares sabião este Concelho à sessenta anos para cima por aí seu Termo pacificamente, e seus pais lhes diziam, que por aqui era o Termo deste lugar, e por a dita Serra desde o Castanheiro do Crasto por a Serra toda acima por aí seu Termo pacificamente, e seus pais lhes diziam, que por aqui era o Termo deste lugar, e por a dita Serra desde o Castanheiro do Crasto por a Serra toda acima, e de um cabo da dita Serra até ao outro a quém que descem para o Rio do Tibo, como tem declarado por onde era o Termo se chama a dita Serra, Monte de Trabação, e obieiro toda esta Serra águas vertentes para Portugal, e sabem ser Termo desta Vila, e sabem haverá cinquenta anos andarem nela os gados do Alcaide Mór desta vila, que Paio Rodrigues de Araújo trouxe enquanto viveu em a dita Serra sua vacaria toda por ser termo desta Vila até que morreu, e depois por sua morte seu filho Lopo Rodrigues de Araújo seu filho que sucedeu na Alcaidaria Mór desta Vila, também trouxe em a dita Serra sua vacaria até que a vendeu e a gastou, e porque por em ela andar o gado dos Alcaides Mores desta Vila, e não consentir, que os vizinhos deste lugar lá levassem os seus gados, porque queria só comer a dita terra, e Serra, o Concelho trazia por cá seus gados por o mais do Termo, e desde que Lopo Rodrigues deixou de trazer gado em a dita Serra por o haver os moradores desta Vila não curarão de mandar lá seus gados, por terem cá mais perto terra outra boa onde os traziam, e nisto os Galegos das Aldeias comarcãos com a dita Serra como o virão despojada da vacaria do Alcaide Mór se começarão d'apartar com seus gados, e este Concelho não atentou nisso de maneira que já agora tem tomado posse da dita Serra desde cima até em todo o baixo a descer à Ribeira do Tibo que lhe lanção agora a demarcação desde o Castanheiro do Crasto logo direito ao Ribeiro de Tibo, que se vem per pé da dita Serra a meter na Ribeira de Lima em volta, e toda a dita Serra de Travação, e o Monte de Bieiro des que se passa Lima, que toda a dita Serra a este Concelho que é seu Termo, e nele virão pacificamnte andar, sendo eles moços gados desta terra, a dos Alcaides Mores, como tem dito, e declarado, e que de cinquenta anos a esta parte é o tempo que o gado que Lopo Rodrigues de Araújo, que foi Alcaide Mór desta Vila deixou de andar em a dita terra, e logo de aí para diante os Galegos se meteram molle emolle em posse dela depastar e hora trazem aí seus

gados e não consentem aí andar os gados deste Concelho, e porque nisso que afirmam tudo assim passar na verdade. E declararam mais que entre o marco, e divisa do Esporão da Portela até à Cruz da Travação está outra divisa no meio entre estas duas balizas da Raia, que se chama a Carvalha curva, e daí vai ter à Cruz da Travação, e descendo para baixo para Ribeira vai ter à Colada dos Monteiros, e daí vai dar à demarcação a Ribeira de Tibo conjunto da Varzea onde se acaba o termo desta Vila, e assinaram aqui Mem d'Afonseca de Rezende o escrevi, sendo aí por testemunhas João Gonçalves cura da dita Vila de Lindoso, que assinou aqui: Pedro Annes - ProcuradorRodrigo de Lamella Juiz - João Alves vereador - João Vaz testemunha - Alvaro Vaz - Gonçalo Ramos - Gonçalo de Noval testemunha - João Gonçalves - E não dizia mais no dito Tombo, que aqui foi trasladado a pedido dos sobreditos, que lhe mandei dar nesta com o selo de minhas armas, a que se dará tanta fé, e crédito como ao próprio Livro, de que foi extraído, e com ele concertado. Dada em Lisboa a doze de Setembro. A Rainha Nossa Senhora o Mandou pelo Doutor João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho do seu Conselho, e Desembargador do Paço, Deputado Ordinário da Real Mesa Censória, Procurador da Coroa, e Guarda Mór da Torre do Tombo. Luis de Matos de Aragão a fez Ano de mil setecentos setenta e nove. E vai escrita em onze meias folhas de papel com esta Alexandre António da Silva e Caminha a fiz escrever João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho - Lugar do Selo - Pagou de feitio mil e cem reis - e de busca cento e oitenta, e de assinar trezentos e setenta - nada mais se continha em o dito traslado que aqui fiz copiar fielmente, e ao próprio me reporto em poder do apresentante, que de como o recebeu o recebeu assinou. Eu Francisco Alexandre de Araújo Aranha Escrivão da Administração do Concelho, que no impedimento do da Camara o subscrevi - Francisco Alexandre de Araújo Aranha - António Dias Ribeiro - Está conforme, e ao Livro de registo me reporto arquivado na Secretaria da Câmara - Ponte da Barca 8 de Agosto de 1856 - O Escrivão da Câmara - Rodrigo António da Rocha Peixoto - Com a rubrica de Lacerda. - Está conforme a cópia. - Verin de Galiza 22 de Agosto de 1856. - Guilherme António da Silva Couvreur Major Engenheiro Secretário da Secção Portuguesa na Comissão Mixta.

DOCUMENTO 6

1574 - Tombo de bens móveis e de raiz da igreja de S. Mamede de Lindoso (extracto da transcrição de uma cópia certificada de 1863), (ADB, 289-6 Registo Geral; Barreiros, 1964a:176; 1964b:32-38).

Tombo da Igreja de sam mamede de llindozo de seus bens moves e de raiz e dos llemites della

Anno do Nascimento de nosso senhor Jhesu christo de mill e quinhentos e setenta e coatro annos aos vimte e cinquo dias do mes de junho do dito anno no asemto da Igreja de sam mamede de llimdoso do concelho de llimdoso estando ahi domingos fernandes abbade de sammiguel dantre ambos os rios do concelho da nobregua perante elle pareceo belchior dias abbade da dita Igreja de sam mamede de llimdoso e lhe apresentou hua petição e carta do senhor vyguario da corte e arcebispado de bragua e lhe requereo a comprise ha quall o dito domingos fernandes llogo vio e lleo e depois de llida fez vir perante sy a gomçalo casado e a Gomçallo alves do riall ho velho moradores neste concelho de llimdoso homes antiguos e velhos e que rezão tinhão de saber as propryedades e llemytes da freguesia e da dita Igreja hós quaes gomçallo casado e gomcallo alves ho dito domingos fernandes abade deu juramento nos samtos evamgelhos em que puseram suas mãos direitas e por o dito juramento lhes mandou fizesem este tombo medisem demarquasem os beys da dita Igreja eos llemytes della tudo conforme ha dita carta e elles aceitaram ho juramemto e por elle diseram e juraram a sy o fazer e delle fiz este termo que elle abade e homes bõos asynarão e a dita petição e carta do senhor vyguayro se segue primeyramente gaspar çerqueira tabellião neste concelho de llimdoso que isto escrevy
Domingos fernades Afonso goncalves Goncallo alves (uma cruz) goncallo casado (un signal)

(...)

titulo das peças moveis que estão na igreja e são suas

Item - hua vestimenta de damasquo vermelha

Item - outra vestimenta de citym de quor azull
Item - outra de zaragouja vermelha
Item - outra de chamallote preta
Item - um fromtall de tafeta azull digo de cetym azull e vermelho
Item - duas quayxas de castanho com suas fechaduras em que estão hos ornamentos
Item - dous calles de vazos e patenas de prata e os pes de cobre
Item - hûns pychos e hum bacyo de ollyos

titulo dos beis de raayz

Item - hua casa jumto da igreja da parte de vendavall com outras ao llomgo dela e se servem todas para demtro poh hûas portas fronhas a quall casa he sobradada collmada de comprydo dezoito covados e de llarguo dez e lloguo no outão della no mesmo amdar e llargura outra casa que serve de cozynha tereyra e collmaça de gramdura llargezae comprymento da outra sobradada

Item - defronte destas casas estão outras casas tereyras que serve hua dellas dadega e estrevarya e corte tereyras e collmaças e tem de comprydo vymte covadose de llarguo oyto covedos e amtre huas e outras esta hum resyo e para o dito resyo e casas emtrão por hûas portas fronhas como dito he

Item - ao llomgo das ditas casas sobradadas da parte do vemdavall esta hum chão que he dellargo de nascemte a poemte oyto varas de medyr de cada cimco pallmos e de norte parte com ho adro e camynho e do sull parte com ho mesmo assemto o quall chão parte do vemdavall com chãos dizimo a deos de pero vaaz irmão do abade e o assemto da dita igreja parte deste dito chão direyto acima ao portello do symo e dally pello rego para o nascente por parede apoz da poça de gamdaras por bayxo della e dally por comoro a llomgra da carreyra e da llongara da carreyra ao trolho da igreja por muro e dally vay partimdo por marquos com tera dizimo a deos de joana rodrigues do cabo viuva e dally torna vyr por comoro e riba allta de nascemte a poemte ate dar no rego que dece da fomte do pedrall até dar no camto de cima da lleyra da parede do mesmo assemto e esta propryedade erdades casas estam todo cerrado por muro sobre sy e partem com

monte e teras dizimo a deos por muro tudo ao redor e he tudo assemto da dita igreja

Item - esta lleyra da parede vay ao llongo da curtina da igreja e emtesta no monte do castello da parte do norte e tem de llargo seys varas e mea e tam llargua he em hua parte como em outra e de comprydo tem novemta e coatro varas ho que se llavra porque para a parte do castello esta hua casqalheyra que se não medio e parte do nascente com fernando da llamella e com goncallo pires da bugalheira e das mais partes com assemto da mesma igreja

Item - na curtinha da igreja esta cercada sobre sy por muro eparte das mais partes com camynho e vay entestar na dita igreja a porta prymcipall de maneira que senão mete em todo este llemyte outra propryedade algua senão ho adro e o mais tudo assemto da dita igreja

Item - hûa lleyra por nome de oryeyra tem de comprydo de nascemte a poemte corenta e sy varas e damco vynte e duas partes com erdade de afonso do cabo e do poemte com erdade dizimo a deos de marquos llopes de parada e do vemdavall parte por riba com ho mesmo assemto e do norte parte com herdade do mesmo assemto

Item no destro a lleyra por nome a lleyra da chave que tem de comprydo de nascemte a poemte coremta e oyto varas e damcho por hûa cabeça e outra vymte varas e desta lleyra vay hua mangua direita para o norte que he de comprydo des qui saye da dita lleyra da chave coremta varas e damcho por as cabeças doze varas digo seys vara e hû covedo e esta lleyra da chave e a mamga della partem do poemte com erdade dizimo a deos de marcos llopes de parada e de rodrigo da igreja caseyro do dito assemto e pello norte parte a ditta manga com o monte e da nascente com erdade dizimo a deos de afonso do cabo e asy parte a mesma lleyra do norte com a mesma erdade de afonso do cabo e de bramqua da llage e joão do castinheyro e catharina goncalves e de fernamdo goncalves por todos terem cada sua leyrinha que emtesta da dita lleyra da chave e do nascemte parte a dyta lleyra com o rego do pereyro e parede do destro

Estas teras atras nomeadas sam todas do assemto da dita igreja ho quall assento e suas propryedades diseram elles goncallo casado e goncallo alves que tinhão dagoa das poças de gamdaras e da poça dos fryos em cada semana des da sesta feira ao soll posto ate o domindo ao soll posto que são duas noytes e dous dias de cada semana

Item - na erdade de payo hua lleyra que tem de comprydo vymte e seis varas e mea e dez de llarguo por a cabeça do poemte e por a cabeça do nascemte tem de llarguo treze varas parte do nascemte com erdade de bramqua da llage viuva por marquos e do poente por marquos com erdade de goncallo pires da bugalheyra e do sull por comoro com erdade do mesmo goncallo pires e do norte com erdade damesma branqua da llage

e esta lleyra se rega com ha hagua da poça da fomte das ribeiras

Item - o trolho do sermyllo tem de comprydo pella parte do norte coremta e hua varas e de llargo pella cabeça do vemdavall seys varas e pella cabeça do norte vymte e cimquo varas e pella ilharga do sull tem trymta e tres varas e parte do naçemte pella erdade de goncallo casado e do sull parte com erdade do mosteiro de villa nova de muya e do vemdavall parte com erdade de rodrigo do cabo e do norte e poemte com erdade de fernando goncalves de vall das qualles dambas as ilharguas tem esta erdade comoros alltos e se rega com ha agoa da poça do sermyllo asi como se regão as erdades do mosteiro de vyla nova de muya que estão a cima deste trolho

Item - ha lleyra da erdade dos toucêdos que esta nos moynhos digo na veyga dos moynhos tem pella cabeça da parte do norte nove varas e pela ilharga do naçemte tem anda de roda e he allgum tamto mais compryda que da outra ilharga e parte do poemte e vemdavall por comoro allto com erdade de goncallo alves do ryall o velho e do norte com ruy gomcallves dalleyxo e com isabell pires viuva que ficou de gomcallo ramos e do macemte parte por comoro allto com erdade de João alves do ryall o velho e da testa do sull emtesta em erdade de francisco gomcallves da llamella e esta leyra se rega com ha agoa da poça da fomte frya seguimdo se diz ao domynguo tem sua amdada dagoa

Item - hua horta que esta a porta prymcipal da igreja tem de comprydo do sull ao norte trymta e seys varas e de llargo pella cabeça do norte tem oyto varas e pella outra cabeça tem doze varas diguo doze varas parte do naçemte e sull com camynho e do norte com eyra de joana rodrigues do cabo e do poemte com erdade de rodrigo da igreja e dos erdeyros de pero llopes e se regua com a agoa do vall das qualles como se regão as mais hortas jumtas della

Item - ha bareyra do rybeyro da emfesta que he hua sylha de collmeas que tras o mesmo gomcallo casado ha pegador deste tombo

E depois disto aos vynte e seys dias do dito mes de junho do dito anno de myl e quynhentos e setemta e coatro annos nalldea de çydadelhe comçelho de llimdoso estamdo ahy domimgos fernandes abade e afonso gomcallves cllerygo de mysa fizeram vyr a gomcallo casado homem bõo tomado e por gomcallo alves homem bõo tomado adoeçer e não puder fazer este tombo começara e fizera ate quy elle abade domymgos fernandes e afonso alves digo afonso gomcallves tomarão por homem bõo para se acabar este tombo joão pires de parado homem velho e antigo e naturall deste comcelho e que rezão tinha de saber os bens e ilemytes desta dita igreja de llimdoso o quall estava presemte e asy o dito goncallo casado aos quaes derão llogo juramento nos samtos evamgelhos em que elles gomcallo casado e joão pires poseram suas mãos direitas e por o dito juramento lhe mandarão fizesem este tombo bem e verdadeiramente e elles aceytarão o juramemto e por elle diserão e jurarão asy o fazer e por elle joão pires não estar presemte ao fazer deste tombo até quy elles domymgos fernandes e afonso gomcallves lho llerão e por elle joão pires foy dito e disse quelle conhecya todos os dytos bens atras nomeados e eram da dita igreja e partyam e demarquavão com as teras edemarquações atras declaradas e os domymgos fernandes abade e afonso gomcallves mamdarão fazer este auto e o asynarão com elles homens bõos gaspar cerqueira taballião o escrevi

Afonso gomcallves
Domingos fernandes
joão pires (um signal)

gomcalo casado (um signal)

E lloguo elles goncallo casado e joão pires diseram que ho llemyte desta dita igreja de sam mamede de llymdoso partya por as confromtações seguintes segumdo elles se acordavão que pasava de cada cimquemta para sesemta anos e deste tempo para qua sempre ouvyrão aos amtepasados e presemtes que ha dita igreja seu llemyte era o seguinte gaspar çerqueirataballião ho escrevi

Llymyte.

começa a comfromtação da dita igreja hao ryo da varzea dos pomtois dollellas hao esperão de portella e dahy ao castinheyro do gato e pasa ho ryo da pedra a portella dabelha has pedras que ahy estam dos assemtos e dahy ha llobagueira da moo e da lobbagueira da moo ao chão da portella a dahy a espiguado allto digo a espiguado coto e da espygado coto aguas vertemtes ao chão dos candyrynhos e dahy a llage das bestas e da llage das bestas a cruz dos touros sempre aguas vertemtes asy como estão os llymytes dos reynos de purtugall com galliza e da cruz dos touros vai partimdo com ho concelho de sequeyroos agoas vertemtes ao boqueiro do nazynho e do boqueiro do nazynho ao boqueiro do furto e dahy ha portella das ruyvas e da portella das ruyvas a portella do ramysquedo e dahy a portella do chão da fomte e dally ao coto do muro e do coto do muro agoas vertemtes e ally começa a partyr com ho couto davoym e do coto do muro apenas agoas vertemtes digo e do coto do muro a penas agudas e dahy a pedra pymta de penas agudas e dahy ao curral de costa bõa e dally ao marco de jovyde e do marco de jovyde a cumyeyra do olhadouro e dahy a portella da fraga da cabeça de moreas dabelheyra e dahy a portella do chão da fraga e da portella dochão da fraga pella veyga do mosteyroo ao sobreyro darmada ho quoall sobreyro jaa hy não estaa e tynha hûa pedra ao pee que dahy esta oje em dia que chamaão a amteyra da quoall pedra da amteyra vay daar hao coução de pedra furada que esta ha beira da estrada da parte debayxo e da dita pedra do coução de pedra furada vay pollo llombo abayxo dar a eyra de sequeyroo ha omde dizem que esta hua pedra pymta e da dita eyra de sequeyroo vay dar ao ryo da llymya agoas vertemtes para byrtello e llymdoso para hua parte e a outra e para o ryo por ser

costa abayxo e do dito ryo da llymya vay por o meyo delle acyma ate omde emtra o ryo que vem da varzea e pello dito rio da varzea açima ate os pomtois dollellas

Este llemyte diseram elles homes bõos tomados por elles comysayros que era o lemmyte da dita freguezia e igreja e comcelho de llymdoso e destes llimmytes a demtro se pagou sempre os dizimos e direitos a dita igreja sem se no dito llemyte meter outra nenhûa demarcuação de igreja nem mosteiro gaspar çerqueira taballião escrevi

E feito e acabado o dito llemyte hos ditos domymgos fernamdes abade e afonso gonsallves cllerigo para sua informação tomarão çertas testemunhas por o comteudo no llemyte se era como os ditos llouvados goncallo casado e joão pires diserão ou não hos quais presemte mim taballião deram juramento nos samtos evangelhos em que pozerão suas mãos direytas e por o dito juramemto que haceytarão diseram o seguinte e seus ditos nomes e testemunhas se seguem gaspar çerqueira taballião o escrevi

Item - gomcallo fernandes da irmyda morador na freguesia de sam syllvestre da irmyda do comcelho da nobrega testemunha ha que hos ditos domymgos fernamdes abade e afonso goncallves derão juramento aos santos evamgelhos em que pos sua mão direita e pergumtado por os costumes dise que não era parente do abade desta igreja de sam mamede de llymdoso nem dos abades que suas freguezias e llemytes de suas igrejas comfromtasem nesta de llymdoso e dos costumes all não dise

Item - e perguntando elle testemunha por o llemytte da dita igreja se era como atras esta escrito e os ditos homes bõos gomcallo casado e joão pires diserão o dito llemyte ser dise elle testemunha que não conhece o llemyte por onde a dita igreja de llymdoso parte somente des da cruz dos touros ate ao coto ate o coto do muro agoas vertemtes para o comcelho de sequeyros e este de llymdoso e dahy a penas hagudas direyto a pedra de costa boa e dahy ao marquo de jovyde e do marquo de jovyde ao marquo do couto chamtado e dahy a cumyeira dolhadouro como atras os llouvados dito tem e dally não sabe os llemytes por omde vão e all não dise asynou gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - padre anñes de cidadelhe da freguezia se sam mamede de llymdoso deste concelho de llymdoso testemunha quem os ditos domymgos fernamdes abade e afonso gomcalves derão juramento nos samtos evangelhos em que por sua mão direyta e perguntado por os custumes e cousas delles dise que não tinha nenhum parentesquo nem hamyzade inemyzade com ho abade desta igreja nem com nenhum outro abade a que sua igreja comfromtase com seu llymyte nesta e dos costumes dise nychlles

Item - pergumtado elle testemunha por elles domymgos fernandes e afonso gomcallves se era o llemyte desta dita igreja de llymdoso pelo llemyte atras descrito dise elle testemunha que se acordava de mais de sesemta annos para cima e des do dito tempo sempre teve para sy e ouvyo dizer que hos llemytes desta igreja de llymdoso eram por hos atras nomeados e asy hos e asy ho ouvyo sempre dizer a seu pay que era homem muito velho e amtiguo e que hya de pedra damteyra que estava ao sobreyro
e dally a pedra furada do coução e dally pello llombo abayxo agoas vertemtes para llymdoso e byrtello a eyra de sequeyroo e ao ryo de llyma e isto houvyo sempre dizer e mais não disse e asynou gaspar çerqueira taballião o escrevi
(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - gomcallo annes mordomo morador nalldea de parada deste dito comçelho de lymdoso testemunha ha quem hos ditos comysayros domymgos fernamdes abade e afonso gomcallves derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão direita e pergumtado por os costumes dise que nhum paremtesquio nem imiyzade tinha com os abades deste concelho e dos comjumtos a elle que partem com elle delles allnão dise

Item - E pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros se partya e comfromtava o llemyte d'esta igreja por os lemytes atras nomeados dise elle testemunha que elle se acordava de idade de sessemta annos e sempre a igreja de sam mede deste comcelho se llymytou e seu llymyte he pellos marcos e

devysois hatras nomeadas e nyso não avya duvida allgua e os llemytes não erão por omde se hora diz que ho abade de byrtello hos querya poher e por omde fez tombo e não era senão como atras fiqua posto e llymytado por os llouvados homens boõs e isto ouvyo sempre dizer somente o sobreiro da veyga do mosteiro não conheceo nem conhece qual he a pedra que se chama de amteyra e os mais llemytes conheçe para bayxo e para çima e era verdade o que os homes boõs dito e escrito tem e all não dise gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - gomcallo vaaz de çidadelhe deste comcelho de llymdoso testemunha ha quem hos ditos comysayros deram juramento nos samtos evamgelhos em que por sua mão direyta e pergumtado por os costumes e cousas delles dise nychlle.

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros e erão os llymytes desta igreja de sam mede de llymdoso asy como os llouvados atras dito e escrito tinhão que ha elle testemunha llydos foram de verbo ad verbo dise elle testemunha que ha dita igreja seu llymyte por omde os homes boõs dito e escrito tinhã e elle testemunha conhecya todos os ditos llymytes nomeados pellos homes boõs e por ally era ho llymyte e o acordava de cimquoenta annos para cima e asy o ouvyra sempre dizer a seu pay joão vaaz e a joão da llamella que erão homes muito velhos que se acordavão de mais de cada novemta annos e isto era verdade e asynou com elles comysayros gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - ruy gomcallves d abelheyra morador nalldea de parada deste comçelho de llymdoso testemunha a quem hos ditos domymgos fernamdes e afonso gomcallves comysayros deram juramento nos samtos evamgelhos em que poseram suas mãos direytas e pergumtado por ho costume dise nichlle

Item - pergumtado por elles comysayros se partya ha dita igreja de llymdoso por os llymytes atras dos homens, boõs dise ele testemunha que elle conhecya todos os llymytes atras nomea e asy ho ouvyo sempre dizer pubrica e comûmente a

todos novos e velhos e all não dise e o asynou gaspar çerqueira taballião o escrevi

rui gomcallves (assinatura)

Item - llyonides annes de parada morador deste comcelho de llymdoso testemunha a quem hos ditos comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão direyta e pergumtado por os costumes dise nichlle

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros se era a dita partilha llemytes e demarquações desta igreja de sam mamede de llymdoso por omde os homes boõs joão pires e gomcallo casado atraz dito tem e escrito esta dise elle testemunha que elle naçera neste comcelho e delle era naturall e se acordava de coremta annos para çima e conheçia os llymytes e demarquações desta dita igreja digo desta dita freguezia e comcelho e era por os llemytes atras por os llouvados postos e asemtados neste tombo e elle testemunha sempre por tais llemytes os conheceo sempre e asy o ouvyo dizer aos amtigos e mais não dise e asynou gaspar çerqueira taballião o escrevi
(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - gomcallo annes do novall morador nalldea de parada deste comcelho de llymdoso testemunha ha quem hos ditos domymgos fernamdes abade e afonso gomcallves comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão e pergumtado por os custumes dise nichlle

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros por omde era ho llemyte desta igreja de sam mamede de llymdoso se era por omde os homes boõs tinha escrito serem os llymytes da dita igreja dise elle testemunha que elle conhecya todos os ditos llemytes ate a pedra do coução que esta jumto da estrada e do dito coução para bayxo para ho ryo não sabya por omde era a partilha e dos mais lemytes conhecia e sempre ouvyra serem por os ditos llemytes que hos ditos homes boõs dito tinhão e all não dise e o asynou com hos ditos comysayros gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)
Item - marquos llopes de parada morador neste dito comcelho de llymdoso testemunha a quem os ditos comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão direyta e pergumtado por hos custumes he cousas delles dise nychlle

Item - pergumtado elle testemunha por elles comysayros por omde era o llemyte desta igreja de sam mamede de llymdoso se era por omde os homes bõos joão pires e gomcallo casado dito tinham que por elles comysayros lhes foy llydo dise elle testemunha que era verdade o que hos ditos homes bõos tinhã asemtado neste tombo e por os llemytes e marquos que dito escrito tinhão hya a demarquação da dita igreja e llemyte deste dito comçelho e isto sabya elle testemunha por se acordar de çimquemta annos e sempre ho ouvyr a seus amtepasados antiguos e mais não dise e o asynou com elles comysayros gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - Joham do cabo morador nalldea e comçelho de llimdoso testemunha ha quem os ditos comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão direyta e pergumtado por hos costumes dise nychlle

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros por omde era o llemyte desta igreja comcelho de llymdoso dise elle testemunha que hya e demarquava por os llemytes e devysoes por omde hos hõmes bõos dezyão e escrito estava e elle testemunha ho sabya por se acordar de çimquoemta e çimquo annos a esta parte e asy o ouvyo dizer a seu pay e a outras pesoas amtiguas e os ditos marquos e devysões atras nomeados erão amtiguos e sempre nomeados por llemytes desta igreja e deste causo mais não dise e o asynou com helles comysayros gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - João solhão do novall morador nalldea de parada deste comcelho de llymdoso testemunha ha quem hos ditos comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão direita e pergumtado por os custumes dise nychlle

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros por omde era ho llemyte desta igreja de sam mamede de llymdoso dise elle testemunha que era da maneyra que hatras dito tem os llouvados e asy o dise elle testemunha vymdo dizemdo de marquo em marquo asy como esta escrito e por ally fora sempre o dito llemyte e elle testemunha o acordava de coremta annos a esta parte e dos ditos marquos e llemytes ademtro sempre se pagarão os dizimos e mais direitos a esta igreja e asy o ouvyra sempre dizer e diseram sempre hos amtiguos e mais não dise e o asynou hos ditos comysayros gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - gomcallo annes do moyo morador nalldea de cidadelhe deste dito comcelho de llymdoso testemunha ha que os ditos comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que elle pos sua mão direita e pergumtado por os custumes dise nychlle

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros por omde era a demarquação e llemyte da dita igreja de sam mamede de llymdoso dise elle testemunha que ha demarquação e llemyte da dita igreja era por os marquos e llemytes que os llouvados dito tem e asy e da maneyra que os llouvados nomearão os ditos llemytes asy os nomeou elle testemunha e decllarou que a erdade da eyra de sequeyroo omde esta a divysão e demarquação elle testemunha ouvyo dizer a joão afonso do mosteiro que era home antiguo e cuja a dita erdade era que della pagara sempre o dizimo aos rendeiros e abbades da igreja de llymdoso e mais não dise e o asynou gaspar çerqueira taballião o escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

Item - Joham martins ho novo de çidadelhe morador neste dito comcelho de llymdoso testemunha ha que os ditos comysayros derão juramento nos samtos evamgelhos em que pos sua mão direita e pergumtado por os custumes dise nychlle

Item - pergumtado elle testemunha por os ditos comysayros por omde era ho llemyte desta igreja de llymdoso dise elle testemunha que era por os marquos llemytes que dito tem os llouvados e isto sabe elle testemunha muito bem por ser natural deste dito comcelho e asy o ouvyr aos antiguos e dos ditos llemytes a demtro sempre se pagarão os dizimos e mais direitos a dita igreja e a este comçelho de llymdoso e isto pasava asy na verdade e asynou aquy com os ditos comysayros gaspar çerqueira taballião escrevi

(uma cruz por assinatura da testemunha)

E pergumtadas estas testemunhas atras por hos ditos comysayros domymgos fernamdes abbade e afonso gomcallves por elles foy dito que era notoreo e muy cllaro a demarquação da dita igreja ser por os llemytes e marquos atras nomeados por hos hõmes bõos e por todas as testemunhas pergumtadas e asy as teras atras apeguadas serem da dita igreja e os caseyros dellas as deyxarão apegar e medyr e estiverão presemtes a iso por para ello serem citados por mym taballião e allguas das ditas teras trazya o dito belchior dias abade e das mais tinha semtença da rellação de bragua que por tamto não querya tomar mais prova nem emformação e fizeram pergumta ao dito belchior dias abade se tinha a dita igreja mais allguas propryedades das comteudas neste tombo e por elle abade e asy por os ditos llouvados foy dito que se dyzya que allgûas erdades amdavão sonegadas no destro e o trolho da igreja que vymdo se estos e outras a descobryr se asemtaryam neste emvemtayro

E asy mais se dyzya que a agoa do vall das qualles era foreyra vyr de goaryda ao rego da qualle para a dita igreja a alldea de llymdoso de que dizyam ahy aver semtemças da dita agoa que achamdo se as ditas semtemças se jumtasem e posesem em cartoreo da dita igreja e asy elles comysayros jullgavão e detremynavão todo o atras por suas semtemças com elles homes bõos e

decllaravão que a lleyra da parede hya posta neste tombo em duas partes e nûa vay risquado e elles mandarão fazer este termo e o asynarão e asy todas as folhas deste tombo tirado a carta do senhor provysor e asy yra asynado do pubricuo synal do taballião que este fez gaspar çerqueira taballião o escrevi

Gomcallo casado (um signal)

O quoall tombo eu gaspar çerqueira taballião do pubriquo e judiçiall no dito comçello de llymdoso por ell rey noso senhor escrevi em quatorze folhas de papell com esta todas asynadas por os ditos domymgos fernandes e afomso gomcallves comysayros allem de em partes hyr asynado pellos comysayros e homes bõos e testemunhas ao pergumtar das quais testemunhas esteve presemte fruytoso francisco abade de byrtello e não lleva amtrelllinha boradura nem cousa que duvida faça somente risquey em huma parte ha apegação da lleyra da parede por hyr duas vezes e amtrellinhey as amtrellinhas que dizem / na / meya / e nas mais partes homde vay respamçado ou risquado llogo vay decclarado e este emtregey a belchior dias abade da dita igreja de llymdoso e isto escrevy e asyney do meu pubrico synall que tall he

(sinal público do tabelião)

Deitesse este tombo no cartoreo e se dee ao abbade o treslado em modo que faca fe

aos quinze de Junho de mil quinhentos setenta e cinco / Bartholomeu

(...)

DOCUMENTO 7

1657 - Relato feito por um criado de Diogo Brandão de um ataque galego ao castelo de Lindoso. (Silva, 1994: 231-243).

"Descrição curiosissima do ataque das forças galegas ao Castelo de Lindoso"

(Fl.276 v) no dia que tive esta relasão chigou hum criado meu com sua molher /
de Lindoso que me recolhião a renda diserão que os galegos trezião oito-/
sentos homes de pe e mais de sento a cavalo vinhão tres mangas hûa /
da parte do norte do castelo outra do sul que hera o maior poder outra /
menos trazia que hera menor trazia oitosentas cabesas de gado de Vilei-/
rinho e Tornos da Ermida e de Lindoso comesarão a queimar ho lugar /
de Lindoso que forão simquenta e duas casas fora hos curais e sileiros /
a esta guerra acudirão de Soajo dosentos homens de hum lugar de /
Paraiuso que andando os nosos brigando com hos galegos da parte do /
norte matarão muitos e fizerão fugir acudirão os nosos e hos soldados /
e de outro lugar que se ajumtou do Soajo e derão na manga do sul de /
maneira que os fizerão fugir e na ritirada matarão mais de dozentos /
e se os não forão despindo não ouvera de ficar nemhum galego que elles /
não matasem e de hum monte alto botavão penedos que fasião mau /
pezar da cavalaria as molheres tão bem brigarão em hum lugar que esta /
junto a Lindoso de Rial ho defenderão com pedradas que ho não quei-/
maram os soldados que herão sincoenta com mais oito da Ponte da Barca /
e com os moradores do Lindoso e os que acudirão de Soajo fizerão /
marivilhas e depois acudirão ho gado que ho tomarão todo e ho Capitão /
Manoel de Ouliveira dizem que não queria deixar sair os soldados do /
castelo ate que os soldados se querião botar pelo muro abrio lhes a /
(Fl.277) porta e ficou so elle guardando o castelo com hum Escrivão durou a /
peleja da manha até 2 oras ate as 2 oras depois do meo dia /
Diogo Grandão/

Relasao dos homes que perdeo ho inimigo em Lindoso /
em vinte e tres de Julho de 1657 /

mortos /

dom Pedro de Cardenes Governador de Selanova /
dom Jasinto Cardenes /
ho Corejador Alhasi /
ho Biscomde de Ourense Gorvenador das Milisias da sicidade /
e termo /
dom Manoel de Suniga /
dom João de Anoiosa /
ho Capitão de Cavalos Carusco /
hum Temnente de outra tropa /
hum sobrinho do Bispo de Ourencia /
ho Governnador das Milisias de Limea /
don Antonio Salgado /

perzioneiros /

dom João de Aragão /
hum Alferes da Emfantaria /
outro Alferes da Ordenança /
dous Sargentos e trinta e simco soldados /

os mortos que se tem emtarados até agoa pasão já dozentos dos semto /
e vinte cavalos que ho inimigo trouse se acha em Galiza trinta e dous /
e os mais cavalos se tomarão e morenrão no rio a gente com que pileigei /
não chigava a sem homes emtre soldados e da terra na ritirada do imni- /
migo me chegarão de secoro doszentos que forão de grande utilidade /

por lhe tomar ao imnimigo a presa que pasava de outosemtas cabesas /
de gado dos cais não livou nenhum antes deixão a maior parte das armas /
deve se este bom soseo ao Capitão da terra e ho meu Sargento e Cadro /
de Espadara ho poder do enimigo erão semto e vinte cavalos e dous / mil e quatrosentos homes e outro que vinhão para saquiar disem os/ prisiuneiros que ho emtento hera marchar por aqui para hir saquiar / as vilas da Barca e Arcos e recolher se por Carto Loboreiro vinha / por guia hum Alferes da Pedrinha que andava em Galiza e foi morto / e era Cabo de tudo ho Sargento Mor dom Diogo Dinis que fugio / asinha cavalo da nosa parte morerão dous homes de Lindoso e / firirão tres cavas molheres

DOCUMENTO 8

1679 - Vinculação de bens ao Morgado de Britelo instituído por Manuel de Souza Menezes (extracto da transcrição de uma cópia certificada de 1863) (Barreiros, 1964b:41-42).

Freguesia de Sam Mamede de Britello, termo da Villa da Barca, Comarca de Vianna. O Senhor Manoel de Souza Menezes Fidalgo da Casa de Sua Magestade Alcaide mór e Governador que foi do Castello de Lindozo, no testamento com que falesceu no anno de mil seiscentos e setenta e nove Vinculou o seu terço juntamente com o terço de sua mulher a Senhora Dona Luiza de Magalhães Machado, e instituía e fazia Morgado a sua Quinta do Paço de Britello, com todas as suas pertenças, cujas propriedades de que se compõe este Morgado do Paço são as seguintes.

(..)

- No Districto do Castello e Concelho de Lindoso pessue a tapada e bouça do arial que se compõe de carvalhos e alguns castanheiros de castinceiras e muitos mattos, parte do Poente com o rio Lima e das mais partes com o monte maninho.-

- Pela parte de sima da dita tapada se acha outra tapada que tem dentro de si hûa casa indo em pé desmedeirada com seu lagar de pedra já arruinado parte do Nascente para o Poente com o caminho que vem de Galiza do Norte com a carga, e das mais partes com o monte maninho, e tem várias touças de castanheiros e mattos.

(...)

DOCUMENTO 9

1706 - Transcrição da *Corografia Portugueza e Descriçam (*...), do P. António Carvalho da Costa, na parte relativa a Lindoso. (Costa, 1868: 213).

Do Concelho de Lindoso

Tres legoas acima da Ponte da Barca pela mesma ribeira do Lima da parte do Sul, entre as asperas serras da Amarella, & Cabril contiguas com as de Gerès na raya deste Reyno, & do de Galliza, tem seu assento o Concelho, & Castello de Líndoso, nome que lhe poz ElRey Dom Diniz, quando o vio tam galante, depois de o mandar fazer: e parece teve tanto gosto ElRey de se obrar este Castello, que se dilatou dias em Soajó da outra parte do Lima só por este respeito; & de certo posto vinha ver como crescia a fabrica: & logo entregou a Alcaydaria mór delle a Payo Rodrigues de Araujo o Cavalleiro, senhor de Araujo, Lobeos, Gendive, Ogos, Torno, Alcayde mór dos Castellos de Santa Cruz, Sande, & Milmanda, & muitas apresentaçoens de officios, & beneficios em Galliza, & em Portugal senhor dos Coutos de Val de Poldros, Soutello, & Rio Caldo, & o primeiros Alcayde mór de Castro Leboreiro, & de Lindoso.

A este Concelho deu foral ElRey Dom Manoel em Lisboa a 5. de Outubro de 1514. & lhe concedeo grandes privilegios: tem tresentos visinhos com huma Igreja Parochial da invocação de S. Mamede, Abbadia do Padroado Real, & ha pleito sobre se he simplez, ou de residencia; porque tem Vigario, que apresenta o Ordinario: rende ao Abbade trezentos mil reis, & ao Vigario cem mil reis. Tem huma Aldea chamada Cidadelhe, que dizem foy antigamente Cidade, que por boas conjecturas seria Bretolvaõ, pouco acima de Britello, de que tomaria o nome,

& se vem ainda hoje vestigios de fortificaçaõ. Este Concelho he delRey, tem Juiz ordinario, que o he tambem dos Orfaõs, & dous Vereadores, com Procurador por eleiçaõ triennal do povo, & pelouro; confirma-os o Corregedor de Viana, hum Escrivaõ, que serve em tudo, data delRey, Alcayde, que apresenta o Alcayde mór. Produz muito paõ, milho, & centeyo, feijaõ, castanha, algum linho, bom vinho, muitos gados, mel, cera, caça, muitos lobos, raposas, martas, ginetas, touroens, javalís, corços, cabras bravas, & pesca de bogas, & trutas do rio Lima, & Cabril, que nelle se mete, muita lenha, & madeiras daquellas matas bravas, em que tambem se achaõ frutas montesinhas, pouco conhecidas de mais gente, muitos, & grandes nabos, bons caens rafeiros, a que chamaõ sabujos, muy animosos contra os lobos, & bichos; carvão de urze, de que soccorrem aos Ferreiros destes povos.

DOCUMENTO 10

1758 - Transcrição da resposta enviada pelo pároco de Lindoso ao questionário mandado realizar pelo rei D. José I[2] (IAN/TT/0343 Dicionário Geográfico (Memórias Paroquiais), vol. 20, p.665-672;Capela, 2005:304-306).

Lindozo

O PADRE *Antonio Ribeiro Fernandes*, vigario da parochial igreja de Sam Mamede de Lindozo, satisfazendo a ordem ambulatoria do Muito Reverendo Doutor Dezembargador Francisco Fernandes Coelho, Provisor deste Arcebispado Primas, que me foi entregue aos onze dias do mes de Março deste prezente anno de mil setecentos e sincoenta e oito annos, junta com os papeis para o que se pertende saber desta terra, freguezia e concelho de Sam Mamede de Lindozo, que foram remettidos por Sua Magestade Fidelissima, ao Excelentissimo Reverendissimo Dom Frei Aleixo de Miranda Henriques, Bispo eleito do Bispado de Miranda, Vigario Capitular governador deste Arcebispado Primaz. Informando com os homens antigos ecclesiasticos desta freguezia e concelho, pelo contheudo e inserto nos ditos papeis, e seus interrogatorios achei o seguinte:

[2] Com estes questionários pretendia a Coroa organizar um dicionário corográfico, que nunca chegou a ser publicado. São estes documentos que habitualmente se designam por "Memórias Paroquiais".

+ O que se procura saber desta terra e concelho de Sam Mamede de Lindozo.

1. Fica esta e Concelho de Lindozo na Província de entre Douro e Minho, pertença do Arcebispado de Braga Primas, Commarqua pello Eclesiástico de Braga e pello secular de Viana do Minho, he termo e concelho sobre si, não pertence a outra freguezia nem termo.

2. Hé terra del Rei, e não de Donatário. Tem Alcaide mór, que he Senhor do Castello e direitos Reaes deste Concelho, e lhe pagam os moradores deste Concelho cem alqueires de pam, seiscentos e sincoenta em dinheiro, por montes, fontes e penas de sangue, conforme o foral, o qual he de prezente Joachim Leite de Araujo Azevedo, filho de Gaspar Leite da villa de Guimarães. Tem este concelho foral.

3. Tem esta freguezia, e terra de Lindozo, cento e sincoenta vezinhos, pessoas de Sacramento quatro centos e dezassete, e mais menores de sete enté doze annos secenta e dous, de sete annos para baixo outros secenta, pouco mais ou menos.

4. Está esta terra cituada nas abas da Serra da Marella, entre valles, montes, e penedos, não se descobre dos lugares senão a freguezia de Soajo, uma legoa por direito desta freguezia; do alto da serra se descobrem Viana, Ponte de Lima, a Villa da Barca, a Cidade de Braga, e varias povoações piquenas; dista de Viana oito legoas, de Ponte de Lima sinco, da Barca tres, de Braga sete.

5. Tem termo seu hé concelho sobre si. Só tem coatro quatro lugares ou Aldeas, chamados Lindozo, o Rial, Parada, Cidadelha. Tem o lugar de Lindozo secenta vezinhos, o de Real cinco, o de Parada sincoenta e sinco, o de Cidadelha trinta.

6. A Parochia está fora do Lugar e freguezia, está no fim do lugar de Lindozo defronte do castello, metida debaixo da artelheria, não tem mais, que os lugares asima declarados

7. O seu orago he Sam Mamede, tem coatro altares, o altar maior e dous coletraes, e hum na costam, no altar maior está o Santissimo Sacramento, Sam Mamede orago, a Senhora dos Remedios, Sam Pedro, Sam João, o Menino Jezus; nos coleteraes, no da parte direita está Santo Antonio, e no da esquerda Nossa Senhora do Rozario, no da costam está a imagem do Senhor Crucificado: não tem esta igreja naves, nem irmandades.

8. O Parocho he vigario collado, é aprezentasam do Excellentissimo Reverendissimo Collegio Patriarchal, tem de renda oitenta mil reis.

9. Não tem beneficiados.

10. Não tem conventos.
11. Não tem hospital.
12. Não tem caza de miziricordia
13. Tem a freguezia, terra e concelho de Lindozo, quatro ermidas, Santa Maria Magdalena, a Senhora do Emparo, Santo André, Sam Sebastião. Santa Maria Magdalena está no monte da Magdalena, junto ao extremo de Galiza, pertence a freguezia; a Senhora do Emparo está no meio do lugar de Parada, pertence ao padre Francisco Gonçalves; Santo André está no meio da veiga de Parada, pertence a freguezia; Sam Sebastião está no meio do lugar de Cidadelha, tambem pertence a freguezia.
14. Não acode a estas ermidas romage, só se custumam festejar no dia de seus oragos com assistencia dos moradores desta freguezia.
15. Os frutos que os lavradores desta terra colhem com mais abundancia são milho grosso e senteio e vinho para remedio da terra.
16. Tem esta terra e concelho de Lindozo Juiz ordinario, crime, civel e orphos, por Sua Magestade camara, dous Veriadores, procurador e meirinho, feitos por pelouro, pellos homens e nobreza da terra. Servem com carta de ouvir do Doutor Corregedor da comarca de Vianna, não estam sojeitos a outra justissa, nem governo.
17. He Couto e Concelho sobre si, não he honra ou behetria.
18. Não ha memoria de que florecessem desta terra homens insignes em Virtudes, Letras, ou Armas, he gente rustica e montanheza.
19. Não tem feira.
20. Não tem correio, servesse do correio da villa da Barca, distante desta terra tres legoas.
21. Dista esta terra, freguezia, e concelho de Lindozo, da cidade de Braga capital deste Arcebispado, e da cidade de Lisboa, capital do Reino, secenta e sete.
22. Tem esta terra privilegio de não dar soldados, porque sam os moradores obrigados a defender a Raia Seca, que conquista com Galiza, com polvura e balla a sua custa, gornocer sete goritas, que conquista com Galiza. Não pagam palha, nem para pontes do Reino, por ser obrigados as do dito concelho, tudo isto por provizao de Sua Magestade.
23. Não tem esta terra fonte ou lagoa que se lhe conhessa especial de virtude.
24. Não he porto de mar.

25. Não hé terra murada, ha nella o castello chamado de Lindozo, que hé praça de armas, gornecida com infantaria por destacamento de dous em dous mezes da praça de Valença, tem sinco pessas de artelharia, tres artilheiros, almazem de polvora e balla, e mais fardamentos e petrechos de guerra. Tem almoxarife; está dentro do castello hua torre, de que he senhor o alcaide mor.

26. Não padeceo esta terra ruina alguma no Terremoto de sincoenta e sinco.

27. Não há mais nada digno de memoria.

. Do que se procura saber da serra desta terra de Sam Mamede de Lindozo.

1. Chamasse a Serra da Marella.

2. Tem legoa e meia de comprido nos limites deste concelho e hua de largo; principia no coto de Lodeiros, Reino de Galiza, e acaba no fojo da Marella.

3. Os nomes dos principais braços desta Serra da Marella, são os seguintes: o braço chamado dos Salgueiros, Boqueiro dos Fentos, Collado da porta, o coto do Muro. O braço dos Salgueiros vai para a Portella de homem e dahi para a serra do Jurés; o do Boqueiro dos Fentos para Villarinho da Furna para o Sul; o do Collado da porta vem emthe o Caramello; o do Coto do Muro vai para o concelho de Villa Gracia.

4. Nacem nesta Serra o rio do Cabril, que principia na portella das Ruibas, e fenesse no rio Lima. Corre para a parte do Norte. Tambem nasse nesta serra o rio de Parada, que principia nos montes de Frieira e fenesse no rio Lima; não tem propriedades notaveis, ambos correm para o Norte e fenessem no rio Lima.

5. Não tem esta Serra villas, nem lugares, nem he capaz disso. Ao longo della estão os lugares desta freguezia asima nomeados para a parte do Norte.

6. No seu destrito não ha fontes de propriedades raras, só hua de propriedade tão fria, que senão atura na boca, nem se lhe sofre a mão dentro.

7. Não ha nesta serra da Marella minas de metaes ou canteiras de pedra, he pedra muito aspera e dura, muito má de obrar. Não tem outros metaes de estimasom.

8. As plantas da serra são Carvalhos Cerquinhos, Sobreiros, Azevinheiros, Azereiros, Anzinos, Padreiros, Aveleiras, Amieiros, Serejeiras, Sangarinhos, Salgueiros, Urze e Carqueija. Todas estas arvores sam silvestres, sem serem plantadas nem cultivadas, sam commuas para todos os moradores para suas culturas e madeiras.

9. Não ha nesta Serra mosteiros nem romagens.

10. He esta Serra de temperamento muito frio, principalmente dos ares, que frigidissimos.
11. Nesta Serra se crião os gados dos lavradores, grosso e meudo e o gado grosso nela dorme no tempo quente. Criasse nesta Serra Lovos, Jabalizes, Corssas, Beados, Servais, Rapozas, Mortaganhos, Ginetas, Pombos Bravos, Pombos Trocazes, Aguias, Bufanos, Perdizes, e Coelhos. He a cassa que tem.
12. Não ha nesta serra lagoa alguma, há nesta serra o grande fojo da Marella, mas já esta no Concelho de Villa Gracia ou Ermida e nelle se mata muitos lobos e alguns jabalizes. Para elle monteião este Concelho, Britello, Sam Miguel de Entre Ambos os Rios, a Ermida, Villa Gracia, Villarinho da Furna.
13. Não há mais nada digno de memoria.
+ Do que se procura saber do rio desta terra de Sam Mamede de Lindozo.
1. Chama-se o rio Lima e nasce nas lagoas da Limia, Reino de Galiza, distante deste concelho oito legoas e por isso se cha[ma] Lima, porque nasce na Limia.
2. Logo nasce caudallozo e corre todo o anno.
3. Nesta freguezia entra neste rio Lima, o rio do Cabril no sitio onde chamam Foz Cabril, e tambem nelle entra o rio de Parada no sitio donde chamam o Cuchibarro, também neste rio Lima entra o rio que tem da Peneda pella parte do Soajo, no citio do Posso do Barco.
4. Não é o rio Lima neste citio de Lindozo capaz de embarcassois algumas, por ser muito fragozo e despenhado.
5. He de curso muito arrebetado em todo este lemite.
6. Corre do Nacente para Poente.
7. Cria bastantes peixes de varias especias, como são, trutas, escalos, enguias e os que traz com maior abundancia são vogas. Estas são muitas e muito grandes e gostozas e também entram nelle salmois e algumas trutas mariscas com as cheias.
8. Há neste rio Lima poucas pescarias que he o rio muito mão de andar, muito medonho e fragozo. Não he capaz de se barrer e o mais que se pesca he com chumbeira ou tarrafa no tempo do Bram e no Estio se pesca com tralhas e malheiras lançando-as de noite no rio.
9. As pescarias são livres em todo este rio Lima nos lemites deste concelho.
10. Não se cultivam as suas margens, nem he sitio capaz disso, tem ao redor arboredo silvestre e sem fructo, todo he cercado de penedos bravos e muito altos.

11. As agoas deste rio tem virtude para banhos frios.
12. Sempre conserva o mesmo nome, não há memoria tivesse outro.
13. Morre no mar na barra de Vianna, donde chamam a Foz do Lima.
14. Tem varias cachoeiras por ser rio fragozo e estreito, não tem repreza nem açudes que lhe embarasem o ser navegável senão o citio ser bravo e fragozo com grandes penedos e rochas.
15. Não tem pontes o rio Lima neste citio de Lindozo. Tem o rio de Parada hua ponte de cantaria de hum arco só na estrada que vem para esta prassa de Lindozo, que os moradores fizeram a sua custa; E o rio do Cabril tem huma ponte de pao na estrada Real que vai deste concelho para a Galiza, tambem feita e fabricada pelos moradores deste concelho.
16. Tem o rio Lima no citio deste concelho oito moinhos donde os moradores moem o pam no tempo do Estio, não tem lagares de azeite, pisois, noras, nem açudes ou outro algum engenho.
17. Não consta que em algum tempo, nem no prezente se tirasse ouro de suas areas.
18. Não uzam os povos deste concelho de suas agoas para a cultura dos campos por modo algum que não he citio capaz disso.
19. Tem este rio Lima, da Limia enthé este concelho, oito legoas, deste concelho enthé a barra de Vianna donde fenesse, outras oito. Principia a entrar neste Reino de Portugal nesta freguezia e concelho, passa por Britello, Villa Nova de Muhia, Barca, Lavradas, Sam Martinho de Gandra, Ponte de Lima e fenesse na barra de Vianna distante desta freguezia e concelho, oito legoas.
20. Não ha mais nada digno de memoria que eu saiba.

De que na verdade passei a presente na forma que se me determina, a qual asignei com os reverendos parochos mais vezinhos que são os de Sam Martinho de Britello e Sam Silvestre da Ermida. Sam Mamede de Lindozo, Maio sinco de mil setecentos e sincoenta e oito annos.

O vigario Antonio Ribeiro Fernandes.

O vigario da Ermida

o padre Bento Rodrigues da Costa.

O abbade Pedro Tavares de Carvalho.

DOCUMENTO 11

1821 - Transcrição de cópia de ofício enviado pelo vereador de Lindoso Manuel Gonçalves Arieiro, ao corregedor da comarca de Viana, em resposta-protesto ao aviso da Intendência Geral da Polícia da Corte e Reino, a propósito da ordem da Regência de mandar demolir uma casa edificada por um português no monte da Madalena (Barreiros, 1964a:169-172).

Il.mo Snr: - Recebi o oficio de V. S.a datado de 20 de Junho deste anno com as forças do Aviso da Regencia na data de 5 do mesmo mez, que a V. S.a foi dirigido pela Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, em que a mesma Regencia ordena que os moradores deste Concelho não dêm mais motivos de contestaçoens com os de Lóbios da Galiza, e q. se retire imediatamente um portuguez q. edificou hua casa no Monte da Magdalena, o q. logo fiz constar lendo o dito oficio aos homens deste dito Con.o q. estavão juntos e mandando afixar o Edital cuja copia remeto a V. S.a N.o1 na forma que determina.

Parece-me de meo dever levar ao conhecimento de V. S.a para o fazer chegar aonde convier que os Galegos, Rayanos confinantes com este Concelho, faltárão inteiramente á verdade em dizerem que os deste Conc.o lhe arrazavão suas cercas metendo-lhe seus gados; porquanto das certidões da Torre do Tombo, n.o 2 e Archivo da Sé de Braga, n.o 3 verá V. S.a que uniformemente dizem principiar a demarcação deste sobredito Conc.o com Galiza na Cruz do Touro (ponto este que os galegos reconhecem) na serra das Eiras, d'ahi vem a demarcação pela comieira da serra agoas vertentes para Portugal e Galiza até á lagea dos Candeiinhos, e d'ahi à Labogueira da Mó, e dahi á Portela da Velha aonde antigamente se chamava Sede dos Reys (1.a cert.am fl.2) e dahi desce pela Serra e Outeiro abaixo sempre aguas vertentes até dar á Pedra do Vozelho, q. é como uma árvore, á qual o Alcaide da jurisdição de Lobios q. é do lugar de Compostela da freguesia de Manim a mais imediata à Raia, no dia 21 de Janeiro do corrente anno convocou os homens daquella freguezia para a deitarem ao rio Lima q. está muito proximo, o que não podérão conseguir pela sua grandesa, desfazendo-lhe as cruzes que os moradores deste Conc.o lhe tinhão feito, por

hirem até ali a Camara e povo deste Conc.º duas vezes cada anno fazer a estrada real que vai para Galiza sem contradição algua dos Galegos, e isto sem interrupção alguma desde tempo imemorial, o que obrou aquelle alcaide por um mero dispotismo, e tudo é publico notorio e constante. Remeto tambem a V. S.ª pela copia, N.º 4, a Representação que fez o T.e Coronel Engenheiro encarregado desta demarcação, para V. S.ª ficar no conhecimento de q. ella está bem feita e se se não ultimou foi porque elle não quiz ceder nemhum palmo de terreno, e porq. se seguio a desastrosa guerra passada.

Tambem, é publico notorio e constante que os galegos raianos dos pontos da demarcação aguas vertentes para Portugal nunca tiverão, nem tem cercas, nem predio algum, e não os tendo, como é certo, fica evidente q. lhos não arrazárão nem lhes metêrão os gados, nem tão pouco me consta q. os moradores deste Conc.º lho tenhão feito nas cercas q. os Galegos tem aguas vertentes para Galiza, nem os Galegos até agora se tem queixado de semelhante facto.

O Monte da Madalena q. está todo para cá dos pontos da demarcação foi sempre tido, havido, e possuido pelos moradores deste conc.º cuja posse já era imemorial em 1538 como consta da já citada certidão da Torre do Tombo, e nesta posse se tem conservado sempre sem a menor interrupção, cultivando as vinhas q. herdárão de seos antepassados, a muitas das quaes tem os moradores galegos dos lugares de Compostela, Lodeiros, e Vau, muitas vezes arrazado, cortado, e queimado, e ali ainda há adegas com lagares arruinados que bem manifestão esta antiguissima posse , e nunca os galegos tiverão ali os seos colmeaes como os tem os deste Con.º, um dos quaes é o P.e Manuel Antonio L.çº que excedendo 73 annos ali os tem na sua vinha que é a maior parte do seo património, e na qual tem uma boa corte para nella meter os seos bois nas noites de inverno, o q. já herdou de seo Pay, assim como as tem outros mais, e estando feitas ha bastantes annos, sem que os galegos tenhão reclamado contra ellas. No meio deste monte está a capela de Sta. Maria Magdalena de quem o monte toma a denominação, q ha seculos foi edificada pelos moradores deste Con.º, obra que não sendo feita em dois dias tinhão os galegos confinantes tempo de impedir, a qual tem sempre sido e é administrada pelos moradores deste Con.º, e todos os annos solenemente festejada, concorrendo aquella festividade o juiz e Camera

deste sobredito Concelho incorporados p.a as competentes posturas dos taberneiros, e desde a sua antiquissima edificação se vai a ella nas 6.as feiras da Quaresma fazer clamores na forma que determinão os estatutos da Igreja desta freguesia, e isto a rosto e face dos mesmos galegos que vão aquella romaria sem que contra estes factos inegaveis tenha havido a menor reclamação da parte daquelles Galegos ou abades do seu districto, que não deixarião de fazel-a se a ela tivessem direito, assim como nunca o fizerão contra os dizimos das vinhas e colmeaes, que em outro tempo não erão tão poucos, antes tem elles sido sempre pagos a Portugal, o q. tambem é certo publico e notorio.

É tambem inegavel q. tanto na guerra de 1801 como na proxima passada estiverão as guardas avançadas portuguezas no monte d Magdalena por ser territorio portuguez, e as guardas galegas estiverão mt.o para lá da Portela da Velha e pedra de Vozelho onde é a divisoria.

Tambem é certo que os moradores do lugar proximo ao Castelo tem apacentado sempre seos gados e rezes principalmente no termo de inverno no Monte da Magdalena sem o qual não podem subsistir para o sustento e conservação dos m.mos gados não só de dia, mas de noute quando lhe apraz ficam com elle ao pé da sobredita Capela, aonde tem uma cabana para se recolherem á noite os pastores, e o m.mo sempre tem feito e fazem no sitio de Bugalhedo, Curro de Sobreira, Sobreiral, Gavião, Torre, Cova do Louro e Eiras de Baixo, sitio este que está imediato a divisoria, e às Eiras de Cima, aonde os galegos guardão os seos bois, e isto desde tempo inmemorial sem que os galegos raianos se tenhão interessado a guardar seos gados do cume da serra aguas vertentes para Portugal que é o ponto da demarcação constante das mencionadas certidões, mas sim os guardão aguas vertentes para Galiza, e para aquela parte é que tem os seos curraes, e cabanas, o que é tão claro como a luz do sol ao meio dia, ao que os moradores da freguesia de Manim nunca se opuserão, mas toda a sua teima está no monte da Magdalena até á ponte do Cabril, q. nunca foi feita nem concertada por elles, mas sim pelos moradores deste Con.o que por isso mesmo estão por Provisão Regia desonerados de pagar para as mais pontes do Reino, e neste sitio da parte da Magdalena tem os moradores do lugar proximo ao Castello cinco moinhos alguns dos quaes estão

edificados ha tempo imemorial, o que os galegos não consentirião se não fosse territorio portuguez.

Estando pois os moradores de Limdozo por si e por seos antepassados possuindo o Monte da Magdalena sem interrupção alguma, fazendo nelle todos os actos possesorios, como são grangear as vinhas, plantal-as de novo quando querem, ou lhe é necessário, apascentar os gados e fazendas, cortar lenhas e paos, fazer carvão que é conduzido por bestas de almocreves portuguezes sem nunca tirarem guia da galiza, edificar moinhos e cortes e fazer todos os actos judiciaes, e parochiaes, postando ali tropa tanto no tempo de guerra, como na festividade da mencionada santa, e tudo isto fundado em titulo antigo de posse e boa fé, parece-me infundadas e sem razão as contestações dos galegos alegando falsidades e ocultando a verdade.

Á vista do que tenho ponderado a V. S.a e do m.to que omito por não ser tedioso, estou na persuação de q. o edificar uma casa no Monte da Madalena e sitio do Areal, Alexandre José Ribeiro domiciliario neste Con.o ha 3 para 4 annos não é ocupação intenpestiva, e m.to mais por ser o terreno aonde edificou do Morgado do Alcaide Mór deste Conc.o que já o herdou de seos Antepassados como V. S.a verá do oficio, N.o 5, e os muitos e grandes carvalhos que ali existião, e tendo sido em tempos mais remotos cultivado de que é indicio assas bastante uma adega velha com seo lagar que estava aonde a casa foi edificada, e outras mais que ainda estão por aquelle sitio, e tendo agora uma grande carvalheira que agora o inquilino cortou para novamente o reduzir a cultura acrescentando estar fronteiro ao monte do Vieiro metendo-se só de permeio o rio Lima, monte aonde a certidão do Tombo diz que os Alcaides mores trasião a sua vacaria e ao qual o juiz, Camera e povo deste Conc.o vão todos os annos a montaria dos lobos novos, o que ainda este anno fizerão ao que os galegos nunca se oposerão. Não obstante o fiz notificar na forma como sou mandado como mostra a certidão, N.o 6.

E como esta é a voz constante de todos, por ser uma pura e solida verdade o ponho na presença de V. S.a afim de o levar a presença de S. M. para fazer administrar a Justiça que assiste a este Conc.o.

D.s G.de a V. S.a m.os an.s. Lindozo 8 de Julho de 1821 - Il.mo Sr. Corregedor da Comarca de Viana .

(assinatura) O Juiz vereador M.el Glz Arieiro

Copiei de um borrão, ou antes uma copia, que existia na mão do vigario de Lindozo João José Lourenço, Lindozo 5 de Junho de 1869 - Ant.o Augusto de Macedo e Couto.

DOCUMENTO 12

S/d. (1863?) - Transcrição de "representação" do pároco, do presidente da Junta de Freguesia e do Regedor de Lindoso ao rei solicitando a manutenção dos antigos limites do território, os quais sempre incorporaram os terrenos da Madalena (Barreiros, 1964a:173-174).

Senhor: - A Junta de Parochia, e Regedor, da Villa de Lindozo no Concelho da Ponte da Barca, no Districto de Vianna do Castello, tendo noticia que se tracta de nova demarcação de limites entre este Reino, e o de Hespanha, e tendo suspeitas de que se pertendem alterar as antigas demarcações na parte em que a Villa, e freguesia de Lindozo confina com a Galiza; vem, como interpretes de seus comparochianos, supplicar mui respeitosamente, a Vossa Magestade a Graça de não consentir sejão alteradas as antigas demarcações, por ser nociva, semelhante medida, aos interesses de seus comparochianos, e destruidora da gloria adquirida por seus maiores na defeza deste Reino.

Senhor, O terreno que constitue a Villa, e freguesia de Lindozo, é um terreno montanhoso, e agreste, improprio para a agricultura, e apenas se presta aos pastos dos gados, de modo que os moradores de Lindozo são mais propriamente pastores, do que agricultores.

Mas ainda assim, Senhor, não é em todo o anno que os gados podem pastar nas serras, porque na estação invernosa, quando a neve cobre as montanhas, é necessário mudar os gados para terrenos mais ferteis, mais abrigados. Estes terrenos, Senhor, também os moradores de Lindozo os possuem, e os conservão como salvação dos seus gados - é o espaço de terreno entre o rio Cabril, e a raia de Portugal sempre cubiçado, sempre ambicionado pelos Galegos; aquelle que os moradores de Lindozo mais receião perder!

Senhor. O terreno entre o rio Cabril, e a raia, foi, desde tempos longinquos, preferido pelos moradores de Lindozo, foi sempre considerado terreno Portuguez. Aqui poder-se-hia designar a linha divisoria dos dois Reinos, e mostrar a Vossa Magestade que se fala a verdade que todo o subdito deve falar a seu Soberano, mas constando essa demarcação do Livro 43 do Tombo das Comarcas de Tras os montes, e Minho, que se achava no armario 17 do Real Archivo da Torre do Tombo, superfluo seria fazer essa designação.

Todavia, Senhor, não será superfluo dizer, que entre o rio Cabril, e a raia possuem os moradores de Lindozo muitas maquinhas de farinha, possuem propriedades cultivadas, e uma capella da invocação da Magdalena, cuja architectura attesta a antiguidade da posse.

Mas, Senhor, não é só pelo lado do interesse que os moradores de Lindozo pedem a Vossa Magestade a conservação d'aquele terreno no dominio Portuguez; é pelo lado religioso, e glorioso.

Pelo religioso, Senhor, porque é àquella capella que os moradores de Lindozo vão em procissão, todas as sextas feiras de quaresma, cantando a Ladainha para que o Todo Poderoso lhes conserve seus fructos e gados; - e pelo glorioso, porque foi n'aqueles lugares, que seus maiores obraram feitos de valor em 1641, e em 1657, derrotando ao General Hespanhol D. Vicente Gonzaga, que com seiscentos infantes e alguns cavallos lhes havia apprehendido seus gados, como pode ver-se do Port. Restaurado, parte 1.ª Liv.4.º, e parte 2.ª Liv.2.º.

Senhor. Os moradores de Lindozo tem a firme convicção de que encontrarão em Vossa Magestade a mesma protecção que seus maiores encontraram nos Augustos Avós de Vossa Magestade, principalmente no Senhor Rei D. Diniz que mandou levantar a fortaleza, e lhes deu foral; no Senhor Rei D. Manuel que em 1514 lho mandou reformar; no Senhor Rei D. João 3.º que em 1538 mandou renovar o Tombo da divisão dos terrenos confinantes com Hespanha, e finalmente do Senhor Rei D. João 4.º que ratificou os seus privilegios attento o valor e fidelidade com que deffenderam o seu posto: e para o obterem.

P. a vossa Magestade a Graça de não consentir na cedencia do terreno entre o Cabril, e a raia. ERM.

O Pressidente da Junta - O vigario João José Lourenço - Antonio Dias (ilegivel) - Antonio Dias do Couto - O regidor Antonio Luiz Glz.

DOCUMENTO 13

1863 - Transcrição de exposição colectiva dos moradores de Lindoso ao rei a propósito da posse do Monte da Madalena (Barreiros, 1964a:174-175).

Senhor: - Corre nesta terra Christã, e portuguesa que o Governo de V. M. de acordo com o de A. M. C. está proximo a fazer um tratado de limites, com o qual terminará as dúvidas, e questões que ha entre os povos fronteirissos. Corre igualmente, que os fieis subditos de V. M. que tantas provas tem dado do seo patriotismo, e fidelidade ao seu Rei, vão ser esbulhados no todo ou em parte do terreno conhecido com o nome de Monte da Magdalena, que os galegos cubiçosos pretendem usurpar-lhes, ainda não contentes com o que já lhe levaram na margem direita do Lima.

Do lado dos suplicantes, Senhor, esta o direito definido no Tombo de 1538, a posse constante imemorial, e a urgente necessidade daquele terreno, unico refugio que tem para seos gados no tempo das neves, e tal, que no mais tempo do anno não metem lá o gado, afim de que o pasto esteja creado no inverno: necessidade esta que não aflige aos seos vezinhos galegos, por isso que habitão em terrenos mais baixos, e tem varios invernadouros.

Mas pondo de parte os gravissimos damnos que da cedencia daquelle terreno lhes poderia provir, não podem deixar de respeitosamente expor a V. M. quanto os magoaria ver que a Capela da Sagrada invocação de Santa Magdalena passase ao dominio alheio, depois da posse de tantos seculos.

Esperão por tanto os suplicantes que V. M. de nenhum modo comsentirá em q. se realise uma tal cedencia; Cedencia que se fosse levada a efeito poderia conduzir os subditos leaes de V. M. ao desespero, vendo-se privados de exercer o culto naquella Capela à milagrosa imagem constante protectora de suas vidas e de seos modestos haveres.

A vista do exposto esperão os suplicantes que Vossa Magestade nunca sancionará tão injusta cedencia.

Lindozo 5 de Junho de 1863. O Parocho, João José Lourenço - O membro da Junta, António Dias do Canto Novo - O, dito António Dias Ribeiro - O Regidor, Manuel Dias do Canto - Francisco António Alves - Francisco José Gonçalves - Manuel Gonçalves Emparadeiro - Manuel Gonçalves Emparadeiro Novo - Francisco António Lourenço - António Francisco - Manuel Luis Vaz - Domingos Dias Ribeiro - António Gonçalves Fernandes - António Ribeiro Novo - Manuel José Gonçalves - Manuel Ribeiro - Manuel José Francisco - Domingos Vas Monteiro - Manuel José Ribeiro - Francisco Gonçalves - Luis José Gonçalves - João Dias Ribeiro - José Afonso - Domingos Gonçalves - Joaquim Ribeiro Novo - João André Valente (?) - Manuel José Lopes Novo - António Luis (?) Gonçalves - António Luis Pereira - Manuel António Rodrigues - António Dias Ribeiro - Francisco Carneiro - Manuel Alves - Manuel Reis (?) - Manuel José Lopes - Manuel Maria Alves - Domingos Gonçalves Muxão - António Luis Rodrigues - Joaquim Parulo - Alexandre José Ribeiro - José Maria Pereira - João Manuel Fernandes - David Rodrigues - Manuel José de Lima - João Manuel Alves - Manuel Dias Ribeiro - António Luis Rodrigues - Manuel Gonçalves Emparadeiro Velho - António Lourenço - José Dias do Canto - Manuel Joaquim Lopes - António Caiado - João Dias do Canto - Manuel Gonçalves Mixão - Domingos Gonçalves Araújo - Manuel Luis Pires - Joaquim Vaz - João Dias do Canto - de Agostinho Francisco, uma cruz - João Luis da Costa - de Francisco Ribeiro, uma cruz - de João Corado, uma cruz - de José Ribeiro, uma cruz - de João Gonçalves Araújo, uma cruz - de Manuel Custódio Fernandes, uma cruz - de João Francisco, uma cruz - de Manuel Corado Souto Novo, uma cruz - de Francisco Pires, uma cruz - de António Luis Pereira Novo, uma cruz - de Manuel Dias Correia, uma cruz - de Francisco Correia, uma cruz - de João Gonçalves Jorge, uma cruz - de António Rodrigues, uma cruz - de Domingos Fernandes, uma cruz - de Domingos Dias Ferrão, uma cruz - de António Gonçalves Araújo, uma cruz - de Lourenço Ribeiro, uma cruz - de Manuel Dias da Costa, uma cruz - de Francisco Corado, uma cruz - de José Dias Duarte (?), uma cruz - de José Lopes, uma cruz - de João Martins, uma cruz - de José Rodrigues Novo, uma cruz - de José Rodrigues, uma cruz - de Francisco Rodrigues, uma cruz - de José Lopes Soutelo, uma cruz - de António Félix Antunes, uma cruz - de António Furtado, uma cruz - de José Gonçalves Jorge, uma cruz - de Manuel Dias Furtado, uma cruz - de António Gonçalves Corilho, uma cruz - de António Francisco, uma cruz - de António Rodrigues do

Rego, uma cruz - de José Maria Rodrigues, uma cruz - de António Pires, uma cruz - de Luis António Gonçalves, uma cruz - de José Miguel, uma cruz - de Manuel Gonçalves Avieiro (?), uma cruz - de José Vaz Novo, uma cruz - de Domingos Vicente, uma cruz - de Manuel Ribeiro, uma cruz - de António Rodrigues, uma cruz - de António Gonçalves Emparadeiro, uma cruz - de António Gonçalves Redondo, uma cruz - de José Dias Ribeiro, uma cruz - de José Moreira, uma cruz - de António Dias do Canto, uma cruz - de Manuel Domingos Cerqueira, uma cruz - de Manuel Gonçalves Araújo, uma cruz - de Domingos Gonçalves Araújo, uma cruz - de José de Barros, uma cruz - de Joaquim Lopes, uma cruz - de António Domingues, uma cruz - de Manuel Dias Ribeiro, uma cruz - de José Gonçalves, uma cruz - de Manuel Bento, uma cruz - de Manuel Lourenço, uma cruz - de José da Silva, uma cruz - de António Marques, uma cruz - de José Joaquim Gonçalves, uma cruz - de João Manuel Gonçalves, uma cruz - de Luis Domingos Alves, uma cruz - de António Macieira, uma cruz - de José Pires, uma cruz - de Custódio Rodrigues, uma cruz - de Domingos Gonçalves Costeira, uma cruz - de António Dias do Canto Novo, uma cruz - de António Rodrigues Novo, uma cruz - de Francisco Domingos, uma cruz - de Manuel Martins, uma cruz - de Joaquim Pires, uma cruz -de Manuel Gonçalves Costeira, uma cruz -de João Manuel Afonso, uma cruz.

Reconheço de verdadeiras não só as sessenta e uma assinaturas feitas por escrito, mas até os setenta e dois signais de Cruz, porque todos forão feitos em minha presença. Lindozo trinta de Junho de 1863. Em testemunho sinal do Tabelião de verdade.

O Tabelião, José António de Sá Barbosa.